POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/83
Aconteceu

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/83

Em memória de Marçal de Souza, índio Guarani-Ñandeva, assassinado no dia 25 de novembro de 1983, na aldeia Campestre (MS).

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação
## Índice

**Apresentação** .................................................. 5

**Demarcação: os direitos indígenas à terra** .................................. 7
João Paccheco de Oliveira Fº

**Ofensivas contra os direitos indígenas** .................................. 11
Manuela Ligeti Carmeiro da Cunha

**A presença de Juruna** ............................................. 15
Ligia T. L. Simonian

**Aconteceu na Imprensa**
Juruna: mais declarações polêmicas ........................................... 20
Projeto de reformulação da Funai ........................................... 21
UNI ........................................................................ 21
Restrições a líderes do exterior ............................................... 22
Os novos tutores dos índios .................................................. 23
Funai ........................................................................ 25
Mineração em áreas indígenas .................................................. 31

**Nordeste Amazônico**
Mapa ........................................................................ 34
Informações gerais: população e terra ...................................... 34
Missionários e índios do Alto Rio Negro ................................... 35
Gerais ....................................................................... 36
O caso da coca .............................................................. 37
Garimpeiros e empresas ....................................................... 38

**Roraima I**
Mapa ........................................................................ 40
Quadro ....................................................................... 41
Resistência no lavrado (Vicente Pira) ...................................... 43
Geral .......................................................................... 45
Makuxi ....................................................................... 45
Wapixana .................................................................... 46

**Roraima II**
Mapa ........................................................................ 48
Quadro ....................................................................... 49
Mineradores ameaçam os Yanomami (C. Andujar) ..................... 50
Yanomami ................................................................... 51
Notícias sobre os Waimiri-Atroari .......................................... 53
Waimiri-Atroari ............................................................. 54

**Amapá/Norte do Pará**
Quadro ....................................................................... 58
Mapa ........................................................................ 59
Territórios sem demarcação cobertos por mineradores (Dominique Gallois) ............................................................ 60
Assembleia de Kumanum ....................................................... 62

**Solimões**
Mapa ........................................................................ 64
Quadro ....................................................................... 65
Notícias do Maquiú (J. P. de Oliveira Fº, J. Gruber, S. Cavusens, V. Paoliello) ............................................................ 67
Movimento Indígena e Crédito Agrícola no Médio Solimões (Priscila F. Barbosa) ............................................................. 72
Ticuna ........................................................................ 74
Cocama ........................................................................ 76

**Javari**
Mapa ........................................................................ 78
Quadro ....................................................................... 79
Os índídos esquecidos e ameaçados (J. C. Meliatti) .................... 80

**Jutai/Juruá/Purus**
Mapa ........................................................................ 88
Quadro ....................................................................... 89
Arredios nos Varadouros da Petrobrás (Araci M. Labiak, Lino J. de O. Neves, Vilma M. Ribeiro) ......................................... 91
A Petrobrás e o gás do Juruá ................................................ 93
Nas malhas do aviação decadente (Egon D. Heck) ..................... 94
Kulina ........................................................................ 95
Apurinã ........................................................................ 95
Índios do Coxodó ............................................................ 96

**Tapajós/Madeira**
Mapa ........................................................................ 98
Quadro ....................................................................... 99
No Madeira, pouco muda desde os anos 30 (A. Lange e E. Herringer Fº) ................................................................. 101
A Iuta dos Sateré-Mané contra a Elf-Aquaitine (Sônia Lorenz) ................................................................................. 102
Munduruku .................................................................... 107
Sateré-Mawé ................................................................. 108

**Sudeste do Pará**
Mapa ........................................................................ 112
Quadro ....................................................................... 113
Os Kayapó e os Garimpos de Ouro (C. A. R.) ......................... 115
Garimpos ...................................................................... 120
Xikrin ........................................................................ 123
Mekranoti ..................................................................... 124
Araweté/Parakanã ............................................................ 124
Parakanã ...................................................................... 125
Araá/Kururá ................................................................. 125
Assurini do Tocaré ............................................................. 125
Gavião ........................................................................ 126
Suruí ........................................................................... 126

**Maranhão**
Mapa ........................................................................ 129
Quadro ....................................................................... 129
Carajás e as áreas indígenas no Maranhão (C. Ubialli) .......... 130
Gerais ........................................................................ 133
Guajajara ..................................................................... 133
Krikati ......................................................................... 134

**Nordeste**
Mapa ........................................................................ 136
Quadro ....................................................................... 137
Repressão acaba reduzindo auto-demarcação Potiguara (V. C.) .................................................................................... 139
Potiguara ....................................................................... 143
Gerais .......................................................................... 145
Kiriri ........................................................................... 147
Pankararu ...................................................................... 148
Xocó ............................................................................ 148
Kariri-Xocó .................................................................. 149
Tanguí-Botó ................................................................. 150
Wuassú ....................................................................... 150
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/CEDI

Acre
Mapa ........................................ 152
Quadro ....................................... 153
Balanço da situação atual das terras (Terri V. de Aquino) ........................................ 155
Gerais ......................................... 157
Kaxinaúba ..................................... 159
Kulina ......................................... 159
Katuquinha .................................... 160
Poianauá ....................................... 160
Apurinã ........................................ 160
Nukini ........................................... 162

Rondônia e Oeste do Mato Grosso
Mapa ............................................ 164
Quadro ......................................... 165
Avaliação do Programa Polonoroeste (Betty Mindlin) ........................................... 167
Cinta-Larga ................................... 170
Gavião e Arar .................................. 170
Uru-Eu-Wau-Wau ................................ 170
Karitiana ....................................... 171
Gerais/Rondônia ................................ 171
Mapa ............................................ 172
Quadro ......................................... 173
Nambiquara .................................... 175
Parecis ........................................ 175
Kayaby e Apatlák ................................ 176

Parque Indígena do Xingu
Mapa ............................................ 178
Quadro ......................................... 179
Turbulência xinguana (Bruna Franchetto) ........................................... 180
Aconteceu na Imprensa ........................................... 182

Goiás/Leste do Mato Grosso
Mapa ............................................ 184
Quadro ......................................... 185
Auto-gestão Krahô (Gilberto Azinha) ........................................... 187
Ajudância de Araguaima ........................................... 190
Krahô ........................................... 192
Apinaye ........................................ 193
Xerente ........................................ 195
Xavante ........................................ 196
Bakairi ......................................... 198
Bororo .......................................... 198

IBDF e FUNAI: raposas no galinheiro (André A. Toral) ........................................... 200
BR-262: ataques e defesas ........................................... 202
Javaê de Boto Velho ........................................... 204
Karajá ............................................ 205
Tapirapé/Karajá .................................. 205
Avá-Canociro ................................... 205
Leste
Mapa ............................................ 208
Quadro ......................................... 209
Resistência: até quando? (Aracy L. da Silva) ........................................... 210
Defendam os Pataxó ........................................... 211
Demarcações problemáticas (Fábio Villas) ........................................... 213
Gerais ........................................... 214
Krenak .......................................... 214
Maxakali ........................................ 214
Pataxó de Barra Velha ........................................... 215
Tupiniquim ...................................... 215
Guarani de Angra dos Reis ........................................... 216

Mato Grosso do Sul
Mapa ............................................ 218
Quadro ......................................... 219
Confinamento e violência (Rubem T. de Almeida) ........................................... 221
Kaduwe .......................................... 224
Guarani/Rancho Jakaré ........................................... 228
Guarani/Paraguassu ........................................... 228
P1 Dourados ..................................... 228
O assassinato de Marçal ........................................... 229

Sul
Mapa ............................................ 232
Quadro ......................................... 233
Guarita Kaingang: a violência dos arrendamentos ........................................... 236
Kaingang/Guarita ........................................... 239
Três casos de apoio jurídico no Sul (Júlio Gaiger) ........................................... 240
Kaingang/Manguerinha ........................................... 242
Enchente ........................................ 243
Kaingang/Nonoi .................................... 243
Xokleng .......................................... 243
Guarani/Ocoí .................................... 244
Guarani/Rio Branco-Itariri ........................................... 245
Guarani/Purebe .................................... 246
Guarani/Silveira .................................... 247
Interior de SP ....................................... 248

Diagrama

1. Noroeste da Amazônia
2.1. Roraima — lavrado
2.2. Roraima-mata
3. Amapá/Norte do Pará
4. Solimões
5. Javari
6. Juruá/Jutai
7. Tapajós/Madeira
8. Sudeste do Pará
9. Maranhão
10. Nordeste
11. Acre
12. Rondônia
13. Oeste do MT
14. Parque Indígena do Xingu
15. Goiás/Leste do MT
16. Leste
17. Mato Grosso do Sul
18. Sul
APRESENTAÇÃO

Essa publicação apresenta um pequeno resumo do que ocorreu nas áreas indígenas do país, no âmbito da política indígena, a nível local, regional e nacional e da política indigenista oficial, durante o ano de 1983.

Esse quadro foi montado pela equipe de edição de POVOS INDÍGENAS DO BRASIL/CEDI, com base no acompanhamento, durante o ano, das notícias veiculadas por 60 jornais de todo o Brasil e nas colaborações de dezenas de pessoas (missionários, antropólogos, indigenistas, fotógrafos, jornalistas, índios, etc.), que conhecem de perto a situação e compõem uma rede alternativa (à visão oficial) de informações.

Pretende ser um subsídio, com informações fidedignas, atualizadas e abrangentes, para todos aqueles que estão empenhados no apoio às lutas dos povos indígenas por direitos permanentes, no Brasil.

Na versão integral (parte geral + 18 capítulos por Área), conforme aparece no “Índice”, a publicação contém 26 comentários assinados, escritos especialmente para este número, 20 mapas, 18 quadros, 61 fotos e notícias de imprensa resumidas e classificadas cronologicamente em 98 títulos (povos ou temas), ocupando 249 páginas.

Há informações sobre 172 povos, além do registro de 20 evidências de grupos considerados “arredios”.

O primeiro bloco de comentários e notícias, impresso em papel de cor amarela (também pelas “Diretas-Já!”), inclui matérias de interesse geral para o público a que se destina a publicação. A questão crucial da demarcação das terras, conforme avverte e esclarece João Pacheco de Oliveira Filho, exige de nós um conhecimento mais rigoroso e aprofundado da situação real do uso e posse dos territórios indígenas, para elaborar e subsidiar estratégias de ação que não partam apenas de informações burocráticas ou se confundem com noções genéricas que acobertam interesses anti-indígenas. Nesse sentido, além do registro, nos quadros, da situação jurídica das terras indígenas, a publicação traz centenas de informações sobre o que de fato está ocorrendo no interior dos territórios indígenas, demarcados ou não. Mas o assunto merece
uma sistematização mais abrangente, com urgência.
Dentre os vários tipos de invasões, que cerceiam de fato o controle
dos índios sobre suas terras, há que se dar especial atenção
aos garimpos e empresas mineradoras, pela voracidade
da sua expansão em várias regiões da Amazônia
e pela incidência real ou potencial sobre as áreas indígenas.
A presença marcante do deputado Mário Juruna, no ano
da sua histórica estreia na Câmara Federal, mereceu a foto de capa
e um balanço do seu desempenho parlamentar. Assim como,
o vários projetos-de-lei, a maioria deles anti-indígenas, que estão
em pauta no Congresso Nacional.
Segue-se 18 capítulos por Área, numa divisão geográfica
que permitisse agrupar as informações sobre todos
os povos indígenas e, ao mesmo tempo, viabilizasse tecnicamente
a montagem de versões parciais da publicação. Especialmente
dedicadas aos “leitores locais” (índios e pessoas ligadas às agências
de contato direto), as versões parciais sempre incluem
as “páginas amarelas” e o caderno referente a uma das áreas,
com a intenção de facilitar a consulta e estimular a leitura,
a partir do interesse imediato por um determinado povo
ou por uma região específica, sem perder
os grandes temas nacionais. Frequentemente a grafia
dos nomes indígenas adequou-se aos hábitos de escrita e leitura
desses leitores.
Uma última palavra sobre os dados de população que aparecem
nos quadros. Procurou-se anotar sempre que possível,
para cada povo, a informação mais atualizada, desde que oriunda
de uma contagem direta, citando a fonte e a data. Muitas vezes
optou-se por um dado mais antigo, como o único disponível
que atendesse aos critérios acima. Não foram feitas
“correções estatísticas”, porque não se tinha
a preocupação de somar os totais.

S P Junho de 1984
DEMARCAÇÃO: OS DIREITOS INDÍGENAS À TERRA

João Pacheco de Oliveira Fº (*)

Muitas se tem falado nos últimos anos sobre a demarcação das terras indígenas. Afimizada em cartazes nos pontos mais diferentes do Brasil onde existem grupos de apoio ao índio, difundida em plásticos, revistas, tablóides, filmes, representações teatrais, exposições fotográficas, a expressão — demarcação das terras indígenas — ganhou força e legitimidade incontestáveis junto à opinião pública urbana.

Palavra-de-ordem repetida, que permite adesão superficial

Mas também no interior do país e nas aldeias indígenas essa ideia tornou-se familiar. Recentemente um avião que aterriou indevidamente no Parque do Xingu foi retido pelos índios Kayabi, que o devolveram todo pintado e com os seguintes dizeres: “Respeite as terras dos índios”. Os chefes de aldeias, as lideranças indígenas conhecidas nacionalmente, os antropólogos, missionários e indigenistas — todos concordam quanto a necessidade urgente e o caráter prioritário da demarcação, que se transformou em uma bandeira política que unifica a ação de todos esses grupos.

Mas a sua aceitação quase generalizada traz alguns riscos também, de ser tomada apenas como uma palavra-de-ordem, que pela repetição pode permitir uma adesão superficial e irrefletida, transformando-se em uma verdade esvaziada, uma ideia verdade. Se isso ocorrer, o próprio significado político dessa bandeira tende a ser neutralizado e ela pode ser retomada e manipulada pelo indígenismo oficial, por autoridades governamentais e até por empresários rurais, estabelecendo um consenso meramente formal, que só serve para iludir e anestesiar a opinião pública.

A finalidade desse texto é justamente retomar essa reflexão, buscando explicitar as razões (e o modo) pelos quais cabe lutar pela demarcação das terras indígenas. Paralelamente procuro mostrar as lacunas de nosso conhecimento sobre o assunto, discutindo alguns meios de superar limitações e de colaborar com o aceleramento do processo.

O que quer dizer demarcar terra indígena?

É preciso distinguir bem claramente dois fenômenos, de um lado o processo jurídico-administrativo de regularização da posse, e de outro o conjunto de atos sociais, reais, pelos quais se pretende garantir esse direito.

Visto em seu primeiro sentido, o resultado do processo de demarcação é fornecer aos índios e ao órgão tutor títulos locais (portarias, decretos e, no passado também, leis estaduais), isto é, documentos que fundamentem e constituam provas da existência de um direito. Nessa linha a demarcação não pode ser descrita como um evento (algo que ocorreu ou não), mas como um conjunto de fases diferenciadas e hierarquizadas, onde os direitos indígenas à terra vão sendo progressivamente reconhecidos, sendo obtidos paralelamente títulos de valor mais definitivo.

Dizer então que uma terra indígena está “demarcada”, citando tal e tal portaria ou decreto, não é necessariamente uma informação completa e precisa, porque cada uma dessas fases implica apenas em um reconhecimento parcial (e diferenciado) de direitos. O processo de demarcação pode ser compreendido como uma sucessão de quatro fases. E a partir da situação em que nenhuma providência oficial foi tomada para regularizar aquela terra que se desencadeia o processo.

A primeira fase é aquela em que ocorre uma primeira identificação por funcionário da FUNAI da extensão e dos limites dessa terra indígena. Isso pode resultar até mesmo de relatórios administrativos feitos periodicamente por chefes de P.Is. ou comissões burocráticas sem que o órgão tenha ou manifeste qualquer interesse em levar avante o processo. Seu valor legal é praticamente nulo, não significando mais que um testemunho prestado por alguém. No entanto, é um número e passa a ser usado nas estatísticas.

(*) antropólogo do Museu Nacional/RJ.
oficiais, integrando um conjunto maior — das terras indígenas identificadas — ajudando a criar uma falsa imagem da eficácia do órgão tutor, bem como da extensão das terras controladas pelos índios.

A segunda fase é aquela em que, cumprindo determinações fixadas por uma portaria interna da FUNAI, é constituída uma equipe, composta pelo menos por um antropólogo e um topógrafo, ambos funcionários do órgão tutor. Essa equipe realiza o que se chama um “reconhecimento prévio”, procedendo em campo a um levantamento da terra ocupada e efetivamente necessária para os índios, firmando um parecer sobre a antiguidade e legitimidade de sua posse, e encaminhando (caso julgue ser o caso) uma proposta específica de criação de área(s) indígena(s). Nessa fase não se configura mais do que uma proposta que, anexada a um determinado processo administrativo, circulará internamente pela FUNAI, recebendo pareceres de diferentes assessorias e departamentos. O andamento disso dependerá do acompanhamento e da existência de pressões por parte dos índios e de outros setores, caso contrário o processo pode estagnar por longos anos nas gavetas e nas pilhas de despachos.

A terceira fase é caracterizada por uma tomada de decisão da FUNAI quanto à proposta apresentada, considerados os pareceres emitidos e as reformulações sugeridas. Nesse momento o presidente da FUNAI assina uma portaria de delimitação daquela área indígena, vindo essa portaria acompanhada de uma planta e de um memorial descritivo, que fixam de modo tecnicamente claro os limites existentes. Cópias desse documento são enviadas à D.R. onde se encontra a área em questão e, algumas vezes, aos chefes de P.Is., e ao "capitão" da área. É importante para os índios e para a sua defesa ter sempre a mão tal documento, ainda que seu valor legal seja limitado.

A quarta fase do processo demarcatório é quando o Presidente da República, através de um decreto de homologação, reconhece a área indígena criada anteriormente por iniciativa do órgão tutor. A rigor, é apenas após completar esse percurso que se pode dizer que do ponto de vista formal uma terras indígenas está com sua situação plenamente regulamentada. Isso concluído, seria possível registrá-la nos cartórios municipais e no Serviço de Patrimônio da União.

Mas demarcação das terras indígenas pode ser entendida também de modo bastante diverso, naquele segundo sentido em que falei ao início. Trata-se então de praticar um ato real de demarcar, isto é, de colocar marcos, abrir pica-das, por placas e piquetes, indicando os limites extremos da área indígena. Isso visa prevenir contra possíveis invasores e também descartar a chamada "erroneamente" como legítimas as posses de outros ali existentes. Os procedimentos a serem seguidos para isso estão descritos em decretos presidenciais, cabendo tal iniciativa ao órgão tutor.

Como o processo formal de titulação de área indígena se relaciona com o ato físico de demarcação? Isso depende muito das pressões a que o órgão tutor é submetido, em alguns casos ocorrendo entre a segunda e a terceira fase, na maioria das vezes após a terceira. Algumas vezes a demora na demarcação pode decorrer da inexistência de verbas, uma vez que para isso a FUNAI contrata os serviços de uma empresa especializada. Outras vezes a resistência dos invasores ou vizinhos brancos impede a demarcação de áreas indígenas. Outros fatores (como discordâncias com índios ou regionais quanto aos limites, ou ainda dificuldade de acesso e operações) podem igualmente atrasar ou mesmo paralisar a demarcação.

Qual a situação real das terras indígenas no Brasil?

Baseando-me nos dois únicos levantamentos existentes até o ano de 1983, feitos pela FUNAI (1981) e pelo CIMI (1982), construí um quadro comparativo de terras e população indígena. Ficando por conta dessa última variável as maiores diferenças, sendo bem menores as variações concernentes ao volume da terra abrangida.

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Superfície (1.000 ha)</td>
<td>População (hab.)</td>
</tr>
<tr>
<td>Terra demarcada</td>
<td>13.121</td>
</tr>
<tr>
<td>Terra identificada</td>
<td>27.896,3</td>
</tr>
<tr>
<td>mas não demarcada</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Teras a identificar</td>
<td>sem previsão</td>
</tr>
<tr>
<td>Total</td>
<td>142.522</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As categorias utilizadas nesses levantamentos — herdadas da prática administrativa da FUNAI e tendo igualmente uma função de propaganda, supervalorizam a situação do órgão e confundem o processo formal com o ato físico de demarcação.

O que é aí chamado, eufemisticamente, de "terras a identificar" corresponde, de fato, a situação de completa omissão, nenhuma providência tendo sido tomada quanto ao caso. Nem mesmo de informações numéricas se dispõe para estimar tal volume, o que indica que os grupos indígenas que estão incluídos nessa situação nem sequer entraram na primeira fase do processo demarcatório.

A categoria de "terras indígenas identificadas, mas não demarcadas" cobre, de fato, uma pluralidade de situações jurídicas, podendo corresponder à primeira, à segunda ou à terceira fase do processo demarcatório. Simples propostas sem maior valor legal podem ser incluídas lado a lado com decisões tomadas pela Presidência da FUNAI.
O limite entre a segunda e a terceira categoria não é dado por diferenças formais no processo de demarcação, nem pelos títulos que daí derivam, mas pelo fato de ter havido (ou não) um ato físico de demarcação. Isso fica colocado, portanto, com o coroamento do processo, sendo inteiramente esquecido que tal desfecho exige ainda a consecução da quarta fase, com a homologação pela Presidência da República.

Sober os processos, descem os direitos

Remontando em outras categorias os dados existentes, eu elaborei o quadro abaixo. Se as informações disponíveis fossem mais precisas, seria possível distinguir melhor as situações, não conseguindo com o que existe delinear mais que quatro classes:

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Milhões de hectares</th>
<th>Percentual</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Terra indígena identificada</td>
<td>41,01</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Terra indígena identificada mas não demarcada</td>
<td>27,89</td>
<td>68%</td>
</tr>
<tr>
<td>Terra indígena dada como demarcada</td>
<td>13,21</td>
<td>32%</td>
</tr>
<tr>
<td>Terra indígena demarcada e homologada</td>
<td>6,14</td>
<td>14%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Uma conclusão, creio, deve ser extraída desse quadro: que quanto mais elevadas as esferas de poder onde as decisões são tomadas, menos os interesses indígenas são priorizados.

Enquanto o processo demarcatório está afeto aos técnicos e funcionários subalternos da FUNAI — o que corresponde às terras já identificadas, mas não demarcadas — a correlação entre terra/população permanece mais alta do que a das terras efetivamente demarcadas (vide “Terras Indígenas no Brasil”. Boletim do Museu Nacional n.º 44, pgs. 21-24. RJ/1983). Isso significa que no momento em que se passa da proposta à criação de uma área indígena, interferindo aí as instâncias máximas do órgão, existem mecanismos de redução das demandas indígenas e das propostas apresentadas pelos funcionários.

Por sua vez ao saír da esfera da FUNAI os interesses indígenas passam por mais um funil compressor, a Presidência da República, que executa uma função última de fiscalização e aprovação da política fundiária e das decisões tomadas pelo órgão tutor. Ao contrário do que muitos indigenistas pensam, os dados acima revelam que a Presidência da República trabalha com critérios muito mais restritivos (para os índios) do que a própria FUNAI.

O novo processo demarcatório: 10 homologações em 83 e paralisia

Qual a perspectiva que se delineia então quanto à demarcação das terras indígenas? Da ótica dos indigenistas, o quadro revela-se assustador, pois hoje — dez anos após o Estatuto do Índio e cinco da conclusão do prazo até previsto para a demarcação — uma parcela muito pequena das terras indígenas tem sua situação fundiária regularizada. A prosseguir o ritmo médio anual das demarcações, essa atividade se estenderia por mais duas décadas — o que significa literalmente entregar as terras dos índios à penetração acelerada das frentes de expansão econômica.

Mas do ponto de vista de uma política fundiária centralizadora e concentracionista, adotada pelo Estado brasileiro, o panorama é igualmente preocupante pois as terras indígenas limitam as áreas destinadas à colonização, conflitam com grandes projetos de mineração e agropecuários e colidem com iniciativas patrocinadas pelo próprio Estado (como hidrelétricas, barragens, estradas, etc.). O volume de terras pretendido (41 milhões de ha) parece muito grande para uma tecnocracia que pensa desafogar as tensões sociais e colonizar o meio rural e a Amazônia mantendo inalterada a estrutura agrária existente, sem mexer com os 288 milhões de ha abrangidos por latifúndios. Dentro desse quadro foi elaborado o decreto 88.118, de 23-02-83, passando da FUNAI para um Grupo de Trabalho integrado pelo MEAF e pelo MINTER as decisões básicas sobre a demarcação das terras indígenas. Nesse GT Cabo a FUNAI apenas encaminhar uma proposta, que está avaliada em termos de novos critérios (como “o interesse público, o interesse indígena, os problemas sociais e outros”) que não os que constam no Estatuto do Índio (“antigüidade da posse e situação atual”), podendo essa proposta ser no GT retificada e reformulada, resguardando-se ainda o poder último de decisão dos dois ministros acima citados.

Que consequências teve essa reformulaçao do processo demarcatório? O ano de 83 apresentou ainda 10 casos de homologação de áreas indígenas por decreto presidencial, totalizando um montante bastante baixo de 606.109 ha (o que corresponde a 1/10 do total de terras indígenas criadas pela FUNAI e que aguardam aprovação do Presidente da República). O primeiro fruto das novas normas de demarcação foram cinco decretos assinados em 28-12, que “declaram de ocupação das silvícolas” área de terras de determinados municípios. Os novos decretos — que em sua maioria não mencionam o grupo étnico envolvido — indicam somente os limites geográficos, mas não a superfície total abrangida (o que torna uma avaliação quantitativa de seus resultados bastante difícil).

Isso quanto à conclusão de processos demarcatórios já em andamento, pois no caso de grupos indígenas que ainda estão em fases mais atrasadas da regularização fundiária a situação é de completa paralisia. Durante o ano de 1983 a Presidência da FUNAI parece haver considerado escapar às suas atribuições tanto o reconhecimento preliminar da condição de área indígena através de portarias de delimitação, bem como não conduzindo um único processo físico de demarcação de área.
Demarcadas ou não, grande parte das terras indígenas está intrusada

É hora de esmiuçar melhor a significação política da bandeira de demarcação das terras indígenas. A reivindicação dos índios e dos setores sociais que os apoiaram não é sobre o aspecto formal (ou administrativo) de regularizar a situação fundiária desses povos, mas em garantir o acesso à terra necessária para a subsistência e para a preservação cultural dos grupos indígenas. E, de modo algum, a simples demarcação assegura o controle dos grupos indígenas sobre as áreas que habitam.

Baseando-me tão somente em notícias divulgadas pela chamada “grande imprensa” e recolhidas nas publicações do Acontece Semanal, editado pelo CEDI, realizei um levantamento dos conflitos envolvendo terras indígenas ocorridos no país durante o ano de 1983. Grande parte das terras indígenas (demarcadas ou não) está fortemente intrusada ou ameaçada por diferentes tipos de invasão (fazendeiros, posseiros, garimpeiros, empresas de mineração, projetos oficiais, etc.). Foram listados 50 conflitos, afetando 45 grupos étnicos, havendo muitos casos de prisão, intimidação e morte de índios e lideranças indígenas. A maioria desses conflitos ocorreu com fazendeiros (23), posseiros (11), seguido-se a atividade mineradora (9) e projetos oficiais, relativos a hidrelétrica (6) e estradas (5). Decerto uma consideração atenta dos relatos das diferentes áreas que podem ser encontradas nesse Acontece — Povos Indígenas no Brasil/83, permitiria aprofundar bastante tal panorama, mostrando de modo mais detalhado a amplitude do problema.

Por outro lado, percebe-se a impotência (ou mesmo a omissão) dos funcionários locais da FUNAI em enfrentar no dia-a-dia as invasões, bem como salta aos olhos o total alheamento do órgão face a esse problema. Durante a gestão do col. Leal — que havia estabelecido como uma meta prioritária a demarcação — foi elaborado um programa para o ano de 1983, orçado em 1,434 bilhões, que estabeleceria a demarcação ou aviventeção de 82 áreas, totalizando uma superfície de 6,3 milhões de ha. A iniciativa não foi concretizada por falta de apoio político do MINTER, e da SEPLAN, pois não lhe foram dados os recursos necessários. Mas em um tal programa — cuja preocupação era regularizar a situação fundiária para evitar conflito — nem uma palavra era dita a respeito da retirada de invasores de áreas já demarcadas.

Essa é uma questão política ainda mais delicada, que a FUNAI não tem tido condições de enfrentar nem no caso de programas especiais (como o Projeto Carajás ou o Polonoroeste) onde existem recursos externos (Banco Mundial) para o pagamento das indenizações e a remoção dos invasores.

De outro lado a própria FUNAI, através de contratos de arrendamentos, da venda de madeira, da implantação de projetos econômicos e, mais recentemente, da permissão para terceiros da pesquisa e exploração de minérios, limita de modo direto e ativo o uso e controle dos índios de seu próprio território.

Qual o controle e uso efetivo que os índios têm sobre as terras que habitam?

É de importância fundamental no momento de hoje se dispor de informações confiáveis não apenas sobre o processo formal de demarcação, mas sobre o controle e uso efetivo que os índios têm sobre as terras que habitam. Áreas indígenas referendadas por decreto presidencial estão inteiramente invadidas, assim como também ocorre com outras onde o ato físico de demarcação já foi realizado. Um levantamento assim mostraria o que as estatísticas oficiais tendem ocultar — a situação de controle real dos índios sobre as suas terras — deixando claro como são enganosos os argumentos de que “há muita terra para pouco índio” e de que “nesse rímo o índio (i.e., a FUNAI) vai virar o maior latifundista do país”.

Refletir com mais cuidado sobre a situação das terras indígenas pode ajudar a sair do impasse proveniente desse quadro institucional de esvasiamento e anulação do órgão tutelar, a FUNAI, que coexiste com o aceleramento da ocupação dos espaços interiores e explica o agravamento dos conflitos relativos à terra indígena.
OFENSIVAS CONTRA OS DIREITOS INDÍGENAS

A retomada da iniciativa do legislativo em favor dos interesses indígenas, detonada com a presença de Juruna na Câmara, suscitou uma contra-ofensiva do executivo.

Manuela Ligeti Carneiro da Cunha*


Em 1983, a presença — e o alcance nacional desta presença — do deputado xavante Mário Juruna (PDT-RJ) foi o detonador de uma retomada de iniciativa do legislativo. Juruna conseguiu fazer aprovar duas medidas essenciais em menos de um ano. A primeira é a criação da Comissão Parlamentar Permanente do Índio (Resolução 15/83) à qual, a partir de agora, deverão ser submetidos os projetos legislativos que possam afetar os indígenas. Anteriormente, existia apenas, criada em 1980 por impulso da CPI-SP, e liderada pelo deputado MODESTO DA SILVEIRA (PMDB-RJ), uma Subcomissão Parlamentar da Comissão do Interior, com o mesmo intuito. Mas percebe-se uma diferença considerável de escala e de repercussão entre esta Subcomissão e a recém-criada Comissão Permanente. Por outro lado, centros da importância da Comissão Parlamentar do Índio, deputados que defendem abertamente interesses contrários aos dos índios, tomaram boa parte do espaço criado. Basta observar que os dois projetos de lei, ora em tramitação, mais lesivos aos direitos indígenas são de autoria de dois membros da Comissão Parlamentar do Índio, ambos deputados por Roraima, J. B. Fagundes (PDS-RR), e M. Cavalcanti (PDS-RR).

O segundo projeto do Deputado Mário Juruna, já aprovado na Câmara dos Deputados (lei 661-AD-83), e que deve ser submetido ao Senado, modifica o Estatuto da FUNAI de forma a assegurar mais vigilância no desempenho das funções dessa Fundação. Cria assim um Conselho Diretor para a administração da FUNAI; composta por pessoas apontadas por comunidades indígenas, e cria conselhos indígenas eleitos pelas lideranças indígenas regionais para a fiscalização das Delegacias Regionais da FUNAI. Este projeto passou na Câmara sem uma emenda importante proposta pela Comissão do Interior, que pleiteava a ligação da FUNAI à Presidência da República, desvinculando-a do Ministério do Interior. Se aceita, essa emenda talvez lance as bases de uma política indigenista menos dependente de programas desenvolvimentistas.

Seja como for, o projeto aprovado por enquanto só na Câmara, é revolucionário. Sabe-se que a FUNAI não presta contas de seus atos e de suas omissões, já que a tutela dos índios é uma tutela sem curador. Passará agora a prestar contas aos índios. A preocupação de exigir contas da FUNAI está aliás no ar: recentemente um substitutivo (2634-A) proposto pelo deputado Gerônimo Santana, de Rondônia, e rejeitado no 1º semestre de 1983, precisa sanções penais para dirigentes e funcionários da FUNAI, omissos ou culpados de infrações ao Estatuto do Índio.

Ofensiva do Executivo: primeiro as terras

A retomada da iniciativa do legislativo e a crescente visibilidade das reivindicações indígenas suscitaram uma resposta rápida do executivo que tanto por decretos quanto por iniciativas apresentadas ao Congresso, lançou uma ofensiva legal contra os índios.

Houve primeiro o decreto presidencial 88.118 de 23 de fevereiro de 1983, regulamentado pela Portaria nº 002 de 17 de março de 1983, que a pretexto de disciplinar um processo de demarcação das terras indígenas, que já andava há alguns anos, estabelece a criação de um conselho indígena composto por representantes da FUNAI, MEAF, FUNAI, e outros órgãos federais ou estaduais julgados convenientes'; Isto é, a tentativa de legalizar a prática de prevalecerem sobre os direitos dos índios, assegurados na Constituição e no Estatuto do Índio, os mais diversos arranjos. O decreto manda levar em conta a presença de não índios na área proposta inicialmente, bem como a existência de benfeitorias, povoadas ou projetos oficiais.

(*) antropóloga, leciona na UNICAMP e é membro do departamento jurídico da CPI-SP.
Mineração mecanizada com papel passado

O segundo decreto presidencial (88.985 de 10 de novembro de 1983) vem regulamentar a mineração mecanizada em área indígena. Trata-se de abuso já antigo. Apesar do artigo 198 da Constituição reservar aos índios o usufruto exclusivo das riquezas naturais, e apesar de constitucionalistas serem tentativas de que essas riquezas naturais incluam o subsolo, o Estatuto do Índio (art. 44 e 45) abre a possibilidade dessa mineração, que é distinta do garimpão que compete unicamente aos índios. Mas o Estatuto no entanto exija, no seu artigo 20, que a intervenção para minerar em área indígena só poderá se dar sob duas condições preliminares:

a) desde que as riquezas do subsolo sejam de relevante interesse para a segurança e o desenvolvimento nacional.

b) desde que não haja solução alternativa.

Ora, no decreto, nenhum desses dois pressupostos é demonstrado. As terras indígenas, longe de serem a última alternativa, são consideradas visivelmente como aquela em que é mais fácil se intervirem.

Assinale-se também que, enquanto há três anos, uma portaria ministerial (006 de 15 de janeiro de 1981) restrinja as concessões de lavra a empresas estatais, a nível federal, o novo decreto presidencial abre a possibilidade de “excepcionalmente” estendê-las a empresas particulares. Sabe-se que, no dia do decreto já havia dezenas de pedidos de lavra prontos requeridos por grupos empresários.

Ainda na esfera do executivo, instaurou-se um procedimento injustificado de conseqüências ainda imprevisíveis: uma exposição de motivos que normalmente justifica um decreto ou um projeto de lei, foi assinado pelo Presidente da República (a 20/9/83) com o efeito prático de uma portaria administrativa mas com peso evidentemente maior. Trata-se da E.M. 055 de 1/8/1983 apresentada pelos ministros da Justiça, do Interior e do Min. de Assuntos Fundiários, que assina enquanto Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional.

Reservas abertas à PM

Na verdade, após uma introdução imprecisa e até equivocada sobre a história da legislação indigenista e sobre a extinção da tutela específica que o Estado exerce sobre os índios, o documento desemboca em “linhas de ação” que nem mesmo aparentem com o seu preâmbulo: autoriza a Polícia Militar a intervir em áreas indígenas em quaisquer situações de conflito ou de tensão, prevendo uma intervenção não só por solicitação da FUNAI mas também de “particulares interessados” e de iniciativa própria! É uma medida que contradiz o artigo 34 do Estatuto do Índio que dá competência à Polícia Federal e às Forças Armadas e Auxiliares para assegurar a proteção das terras indígenas. Para tentar justificar essa medida que abre as áreas indígenas à ação da PM, ligada, como todos sabem, ao poder local, e dependente das Secretarias de Segurança Pública estaduais, a E.M. 055 traça uma distinção ficticia entre crimes contra o patrimônio e vida dos índios, que reconhecem serem de competência da Polícia Federal, e conflitos “em áreas adjacentes às áreas indígenas” ou proveniente de “invasões de índios em propriedades públicas ou privadas”. Essa distinção não existe, em todos os casos trata-se de litígios em torno de terras indígenas. Nessa retórica está-se transformando aos poucos os índios em invasores de suas próprias terras! Os destinatários imediatos dessas inovações foi um grupo de Pataxó Há-há-há, no sul da Bahia, entrincheirados em uma parcela da reserva de 36.000 ha demarcada para eles em 1936 e ameaçados pelos cacauicultores da região que se dizem donos da área.

“Absolutamente incapazes”!!!

Uma das iniciativas que maior preocupação tem causado é o projeto do Código Civil enviado ao Congresso e que deve ser votado na Câmara dos Deputados em abril. Neste projeto, o artigo 3º prevê a inclusão dos índios entre os absolutamente incapazes, juntamente com os demais e as crianças. Isto significa que em vez de assistir os índios em certos atos da vida civil, para que não saírem lesados, o órgão tutor passaria a se substituir a eles. Seria a consagração na lei do que vinha sendo feito na prática pela FUNAI: mas que recentemente havia sido duramente contestada pelos índios. Um exemplo importante: recentemente se percebeu na lei a possibilidade das comunidades indígenas entrarem em juízo de iniciativa própria, para reivindicarem seus direitos, constituindo advogados. Essa alternativa às omissões da FUNAI seria vedada se fosse aprovado o artigo 3º do Código Civil. Este é claramente uma resposta à crescente mobilização indígena.

A reação a esse projeto de lei foi muito prejudicada por ter passado despercebida, até novembro, a inclusão dos índios entre os absolutamente incapazes. A essas alturas já estava encerrada o prazo regimental para apresentação das emendas. Não está excluída a hipótese de uma campanha do Ministério da Justiça, pois se passaram despercebidos o dispositivo é que o projeto inicial, de autoria do Prof. Miguel Reale, amplamente distribuído, não continha essa disposição. Nele, os índios continuavam como no Código Civil em vigência desde 1917, relativamente capazes. Outros projetos tramitam no Congresso, uns francamente lesivos aos direitos indígenas, outros favoráveis a eles, com possibilidades variadas de serem aprovados.
Alguns a favor

Dentre os favoráveis aos direitos dos índios, o mais importante é sem dúvida o projeto de deputado Dante de Oliveira (projeto lei 2.271 de 1983) que proíbe a execução de quaisquer obras públicas em áreas reputadas terras indígenas sem a aprovação do Congresso Nacional. Trata-se de uma alteração salutar do artigo 20 do Estatuto do Índio que, como vimos acima, é usado como uma brecha para intervenção em área indígena sem que se cumpra jamais a cláusula de não existir solução alternativa. Se aprovado, espera-se trazer para o debate nacional o que até hoje sempre foi decidido a portas fechadas, a invasão oficial das terras indígenas, cortadas por estradas, inúdadas por hidrelétricas, abertas à mineração.

Totalmente contra

Um projeto de deputado Mário Frotta (PL. 4.349-A de 1981) propõe que se declarem reservas indígenas as reservas florestais contíguas às áreas indígenas, e assegurando a participação do índio na fiscalização dessas reservas. Este projeto tem poucas probabilidades de ser aprovado e já recebeu parecer contrário da Comissão do Interior.

Tramita também o PL. 1774/83 do deputado Mário de Asthalde, que criara um Ministério da Amazônia, sendo porém pouco explícito sobre as relações desse ministério com a FUNAI. Dado ser teor agressivamente desenvolvimentista, não deverá pronunciar boa coisa para os índios.

Francamente anti-indígenas são os projetos de lei de dois deputados do PDS de Roraima. João Batista Fagundes, propõe (P.L. 2465/83) a emancipação de índios mesmo à revelia dos interessados, satisfeitos requisitos do Código Civil que são inaplicáveis aos índios. Pelo Estatuto do Índio (lei 6001 de 19/12/1973) a iniciativa de pedir emancipação sempre deverá partir dos índios e deverá ser decidida judiciamente. O projeto transferia essa decisão para a área puramente administrativa. O projeto do deputado Mozarildo Cavalcanti (PL. 1179/83) é complementar do precedente: propõe a abertura do garimpo na área Yanomami de Surucucus, mediante convênio com uma companhia mineradora roraimense, a CODESAIMA, opondo-se assim à Portaria Interministerial de 81 que me referi, e já caduca, que reservava a mineração a empresas federais. O nexo entre estas duas propostas são os recursos minerais de Roraima: o deputado J. B. Fagundes, autor do projeto de emancipação compulsória, declarou no Congresso que "se considerarmos que as reservas minerais já existiam muito antes das reservas indígenas, chegaremos à triste conclusão de que as reservas indígenas foram colocadas em cima das grandes jazidas minerais, não para proteger o direito do índio, mas para esconder o direito do Brasil tomar posse de sua riqueza mineral". (SIC) (Diário do Congresso Nacional, Seção I, 22/10/1983, p. 11.404). A idéia extravagantemente de que assentam os índios em áreas essenciais "para tolher a viabilidade econômica de Roraima"; a condenação da FUNAI que entraria em desenvolvimento foram reiteratedamente emendas na Câmara pelos dois deputados roraimenses e pelo deputado Paulo Guerra (PDS-Amapá) (ibidem).

Pelos posseiros, contra os índios?

O último projeto em tramitação que mencionarei é de autoria do deputado Sérgio Cruz de Maio Grosso do Sul (PL. 691/1983): condiciona a homologação da demarcação das terras indígenas ao reassentamento dos possedeiros, que foram desalojados das áreas. Embora seja justíssima a preocupação com o destino dos posseiros, escravizados de um lado para outro e muitas vezes lançados nas áreas indígenas pela pressão dos fazendeiros o que não é justo é que seja às custas dos direitos indígenas que se procure solucionar esse problema social. Não é nem justo, nem constitucional que se retarde por qualquer motivo a demarcação das terras indígenas. O problema indígena tem muito em comum com o problema dos possedeiros: é a luta dos que vão sendo despossuídos. Não se deve lançá-los uns contra os outros e sim exigir do Estado uma solução para ambos. Se aprovado o projeto, ficariam para as calendas gregas a demarcação das grandes maioria das terras indígenas.

Entre os rejeitados, um perigoso

Dentre os projetos submetidos à Câmara dos Deputados no ano de 1983, e que não obtiveram aprovação, um merece comentários especiais: após ter sido rejeitado pelo Senado em 80, foi rejeitado também pela Câmara em 1983 o capcioso projeto do Senador Amareal Furlan (146/79 do Senado, 2634/80 na Câmara) que, segundo o relator da Comissão do Interior, é "conheedamente vinculado aos grupos latifundários paulista atuando na Amazônia". O projeto propunha se discriminaram as áreas de posse iminência indígena daqueles em que se teriam estabelecido reservas, declarando estas de utilidade pública para desapropriação pela União. Como bem foi assinalado pelo relator da Comissão do Interior, "o objetivo do projeto é permitir aos fazendeiros que ocupam áreas indígenas por invasão ou por corrupção através dos organismos de terras estaduais, serem indenizados mediante acordos administrativos de suas fazendas quando os índios já espoliados reclamarem... é, até certo ponto, um preâmbulo e um incentivo às invasões de áreas indígenas". A intenção tanto mais patente que o mesmo senador Amareal Furlan havia apresentado em 79 outro projeto (325/79) felizmente arquivado que previa indenizações a particulares estabelecidos no Parque Indígena do Xingu. Na mesma época tramitava na Justiça uma ação de fazendeiros contra a FUNAI com o mesmo intuito, alegando que por terem os irmãos Villas Boas levado para o PAX comunidades indígenas estranhas à área, as áreas ocupadas por esses grupos do PAX não seriam aquelas de posse iminência, para os quais não cabe indenização, mas sim áreas reservadas, distintas das primeiras e sobretudo indenizáveis. Lamentavelmente, o Tribunal Federal de Recurso deu gozo de causa aos fazendeiros, mostrando um entendimento estrito que sejam áreas ocupadas pelos índios.
No Dia do Índio, Juruna apresenta Flávio Marcelino, presidente da Câmara Federal, com um cocar, em plenário.
A PRESENÇA DE JURUNA

O desempenho do deputado Juruna, no seu primeiro ano de mandato, espantou a Nação. Apresentou projetos, recebeu dezenas de delegações indígenas em seu gabinete, visitou áreas críticas, foi reclamar diretamente com as mais altas esferas do poder em Brasília e participou ativamente dos comícios Pró-Diretas Jô. Esperança para os índios no Brasil, valeu o voto dos seus eleitores cariocas.

Ligia T. L. Simonian*

Juruna, ex-xacique Xavante, eleito pelo voto popular, se torna uma presença impar no Parlamento brasileiro. Um tal evento deve ser apreendido como da maior importância na história das relações entre índios e brancos.

Juruna desenvolveu um trabalho incansável neste primeiro ano como parlamentar, o que certamente é uma surpresa para os que dividiram de sua capacidade de realização. Atentos apenas ao impacto dos discursos, seus críticos deixaram de ver e analisar a riqueza e a diversidade de suas preocupações cotidianas.

Logo de saída, dois projetos

Logo de início Juruna dá a conhecer qual será a sua performance como político. Ao ocupar a tribuna parlamentar em 19 de abril — Dia do Índio — Juruna deixa claro que além de assumir uma postura crítica em relação à política indigenista, e à situação mais global do país, como deputado apresentaria propostas concretas no sentido de sua transformação (JB, 02 e 25/03/83; FSP, 20/04/83).

Como representante dos índios e dos oprimidos em geral, o deputado Juruna exige que suas críticas e proposições sejam ao menos escutadas pelas autoridades competentes. Neste sentido busca estabelecer contatos diretos com o Presidente da República, com os Ministros de Estado e com o presidente da FUNAI (Correio Brasiliense, 04/03/83; Jornal de Brasília, 09/09/83).

De outro lado, cumprindo com os deveres inerentes à função de deputado, Juruna ouve e encaminha reivindicações de toda ordem. Ouve seus eleitores cariocas, as lideranças indígenas de diversos pontos do país (Potiguarana, Guaraní, Xavante, Javalé, Pataxó Hâ Hâ Hãe, etc...), os famintos do Nordeste, a todos os que o procuram nas ruas, em seu gabinete, por onde quer que passe (Jornal da Tarde, 05/08/83; O Globo, 18/11/83).

A nível parlamentar, referentemente à política indigenista, Juruna encaminha dois projetos da maior relevância. Um, que propõe a criação de uma Comissão Parlamentar do Índio, de caráter permanente, e outro, sobre a total reestruturação da FUNAI (JB, 02/03/83).

É em março e abril que Juruna mantém contatos significativos com os Ministros de Estado. Ao Ministro da Previdência, o deputado solicitou a redução da idade para aposentadoria dos índios, por velhice, via FUNRURAL. Como justificativa para a solicitação, argumenta-se que raramente os indígenas chegam aos 60 anos, e que estando em contato com os brancos, sua debilidade física é agravada. Na mesma oportunidade, Juruna solicitou que os documentos exigidos para tal aposentadoria sejam substituídos por uma simples declaração da FUNAI (JB, 25/03/83).

Ainda em abril Juruna encaminha um longo documento ao MINTER, onde analisa criticamente a administração da FUNAI, as distorções praticadas na aplicação das verbas destinadas aos índios, e a própria atuação do presidente do órgão. Pelo documento o Cel. Leal, então presidente, "na maioria das vezes se recusa a receber as lideranças que vem a Brasília; quando recebe, confessa que não tem capacidade para dar solução; não tem sensibilidade e nem conhecimento pela questão do índio. Continuamente ameaça mandar prender chefes das comunidades que insistem nas soluções e é omissa no cumprimento de lei contra corrupção de funcionários da FUNAI" (ESP, 13/04/83).

No mês seguinte, maio, o MEAF é contatado por Juruna. Basicamente o deputado lhe fez ver o caráter antiindígena do decreto 88.118, de 23 de março, que transfere a responsabilidade na definição de áreas indígenas a serem demarcadas. Este decreto transfere tais encargos da FUNAI para um grupo de trabalho interministerial, o que certamente acarretará uma maior burocratização no processo de eleição e demarcação de terras indígenas e também estará mais sujeito à pressões de fora (O Globo, 03/05/83).

(*) leciona Antropologia na FIDENE/RS e está vinculada ao CTI/SP.
Aprovada a Comissão do Índio

Em caráter de urgência ainda em maio é aprovada a Comissão do Índio. Todo seu encaminhamento ocorre com uma certa tranquilidade. A presença de um deputado indígena na Câmara dos Deputados por si só torna a proposta inquestionável. Mas neste sentido também contribui a existência de um certo consenso, em termos de opinião pública, em torno da incompetência e inoperância da FUNAI, no cumprimento de suas atribuições legais. A crescente mobilização dos índios no país, tem trazido a público, insistentes denúncias sobre a precariedade de suas condições de vida.

Pelo projeto aprovado compete à Comissão do Índio opinar sobre “assistência do índio, organismos relacionados com interesses indígenas, suas relações com a sociedade, assim como receber e investigar denúncias sobre assuntos de interesse do índio, investigar o cumprimento da legislação destinada à defesa dos silvícolas e propor medidas legislativas de defesa do índio e da ecologia das reservas indígenas” (FSP, 06/05/83).

No decorrer do processo de implantação da Comissão do Índio, emergem impasses e barreiras. Com uma previsão de 20 dias para instalação, ante as incompreensões existentes entre os partidos de oposição e de situação, a Comissão só seria instalada em meados de setembro. Juruna inclusive “queixa-se de estar encontrando toda sorte de incompreensões no que se refere ao assunto, apesar da boa vontade inicial” (FSP, 03/06/83). Grande parte dos problemas ligados à implantação da Comissão do Índio, se referiam à indicação do deputado do PT paulista, Eduardo Suplicy, para sua presidência. Ante manobras do PDS, que se mostrou irreductível, a eleição da presidência foi novamente adiada, do início para 14 de setembro (O Globo, 02/09/83).

Eleito seu primeiro presidente, ao ser empossado, Juruna enfatiza que “esta vai ser uma comissão revolucionária”. Diz ainda que também será uma comissão de trabalho. De imediato se decide convocar a todos os dirigentes de autarquias envolvidas na construção da estrada Transaraguaia, que cortará a aldeia Jaivaí, na Ilha do Bananal (Folha da Tarde, 15/09/83), atendendo solicitação do deputado do PMDB/MT, Dante de Oliveira. Outra solicitação acatada é a do deputado petista Eduardo Suplicy, que propõe uma investigação das transações realizadas entre a FUNAI e a CAPEMI, para exploração de madeiras no território Parakanã (FSP, 15/09/83).

Mas a Comissão do Índio continuaria a ter problemas, no âmbito parlamentar. Tendo decidido visitar os Pataxó Hã Hã Hãe no Sul da Bahia, os deputados que a compõem enfrentaram uma série de percalços e pressões. O próprio presidente da FUNAI considerou a visita “inconveniente”, o que foi repudiado pela Comissão como um todo, que considerou tal manifestação como “uma afrenta à atividade parlamentar” (FSP, 12/10/83). Planejada para setembro, a viagem da comitiva só seria realizada em novembro, num clima de muita tensão e violência. — Como antes da instalação da Comissão, Juruna nem sempre veio sua proposta valorizada. Em determinados momentos se sente só, como em 23 de novembro, quando espera por 90 minutos pela presença dos deputados que integraram a Comissão. Demonstrando ter muita presença de espírito, neste dia Juruna convoca os caciques Xavantes presentes, e com eles discute os graves problemas que estavam a enfrentar, como a ameaça de emancipação, o projeto do Código Civil em tramitação no Congresso, e que prevê um retrocesso quanto à capacidade civil do índio — de relativamente incapaz passaria à absolutamente incapaz, o que é humana e politicamente inadmissível (Jornal de Brasília, 26/11/83).
Indios no controle da FUNAI

Exprimindo a concepção de que o índio não só pode como deve assumir e gerenciar seu destino, Juruna também encaminha projeto de reestruturação da FUNAI, que recebe a identificação “Projeto de Lei N° 661-B, de 1983”. Por envolver uma proposta de total redefinição da política indigenista oficial, este projeto implica numa maior complexidade e deve passar pelas duas casas do Congresso (Câmara dos Deputados e do Senado Federal). Aprovado na Câmara, resta agora passar pelo Senado.

Há alguns anos que Juruna defende a participação dos índios na administração e controle da FUNAI. Ao se entrevistar com o Presidente da República, o deputado índio deixa claro que “É preciso ouvir as comunidades indígenas antes de nomear o presidente da FUNAI, mas o índio até agora não tem sido consultado” (Diário do Grande ABC, 09/09/83).

A proposta apresentada para consideração do Congresso Nacional prevê que a FUNAI seja dirigida por um Conselho Diretor, “composto por pessoas apontadas por comunidades indígenas e que sejam índios ou pessoas reconhecidamente indígenistas e conhecedores da situação do índio no Brasil”. “Para fiscalização dos atos do Conselho Diretor, é criado um Conselho Indígena composto por 5 (cinco) líderes índios”. “Para fiscalizar os atos dos representantes regionais da Fundação, é criado, em cada unidade, um Conselho Indígena composto de 5 (cinco) membros apontados pelas lideranças da região” (Cf. M. JURUNA; Projeto de Lei N° 661-B, 1983, Congresso Nacional). Ao passar pela Comissão do Interior, na Câmara dos Deputados, a proposta de Juruna recebeu uma emenda que vincula a FUNAI diretamente à Presidência da República (O Globo, 26/04/83; FSP, 09/06/83).

Visitas, denúncias e surpresas

Além destes dois projetos, a nível de política indigenista, Juruna fez uma série de outros encaminhamentos. Para tanto se utilizou da própria Comissão do Índio, do plenário da Câmara dos Deputados, de contatos com autoridades constituidas, imprensa, etc…

Neste sentido destacam-se o projeto de lei que impede a realização de quaisquer obras públicas em terras indígenas ou consideradas como tal, sem a devida autorização do Congresso Nacional (O Fluminense, 28/09/83) e a solicitação de demissão do Cel. Leal, presidente da FUNAI, juntamente com mais 12 coroneis que dirigem o órgão (JB, 27/06/83); denunciou também as falsas promessas tipo o projeto Pró-Taba, anunciado em plenário pelo deputado do PDS, Wilmor Polis, segundo o qual, por convênio estabelecido entre FUNAI e BNH os índios aculturados disporiam de 1 bilhão de cruzeiros para construção de casas (Folha da Tarde, 07/05/83). Faz uma solicitação aos deputados federais para que criem condições a nível regional, para que os indígenas possam encaminhar seus problemas à Brasília (Jornal de Brasília, 10/05/83). Com veemência Juruna ainda denuncia o Cel. Leal, então presidente da FUNAI e os demais coroneis integrantes de sua direção, de responsabilidade pelo assassinato do cacique Edilso, da nação Pataxó Há Há Hâe. Segundo o deputado Juruna, em 28 de maio, Edilso alertou o Cel. Leal sobre a possibilidade de emergência de assassinatos entre os próprios Pataxó, tal o nível de tensão existente na área (FSP, 10/06/83).
inclusive impondo a divisão da reserva em dois postos indígenas, e consequentemente, ao cacicado (Cf. Discurso proferido em 10/06/83), prática que, aliás, vem se repetindo em outras reservas e nações indígenas.

Atento à situação de ilegalidade da prisão de vários índios em diversos pontos do país, Juruna exige providências junto ao Ministro da Justiça. Nesta oportunidade também alerta o Ministro sobre os procedimentos da FUNAI, no sentido de promover a divisão interna das comunidades indígenas, o que contraria frontalmente o Estatuto do Índio, Lei 6.001/72 (ESP, 01/07/83).

No Rio de Janeiro, na ausência do Governador Brizola, o deputado Juruna assume o Palácio Guanabara. Na condição de Governador ouve reivindicações, convoca Secretárias de Estado e pratica outros atos que julga inadiáveis. Por fim, lamenta que os "pequenos" continuem enfrentando dificuldades para serem ouvidos, tal como ocorre com os índios na FUNAI (Jornal da Tarde, 05/08/83).

Demonstrando a existência de corrupção e de abuso de poder na FUNAI, Juruna interpela judicialmente o presidente do órgão junto ao Tribunal de Contas da União. Conforme a denúncia, um avião foi fretado para transportar índios com o objetivo de "fazer frente às manifestações de descontentamento contra a FUNAI que estavam ocorrendo em Brasília". Na mesma denúncia ainda constam "informações de que a FUNAI gratificou cada representante indígena que a apoiou com a importância de Cr$ 1 milhão". Uma nota relativa à frete destinado para transporte de índios enfermos da reserva Xavante para Brasília, foi obtida na ocasião, e sua cópia anexada ao processo (ESP, 18/08/83).

Em sua audiência com o Presidente da República, Juruna também pediu a criação de um Ministério do Índio, a anistia para certanistas e antropólogos demitidos em 1980, após terem denunciado a direção do órgão de prática de corrupção. Em documento entregue, o deputado Juruna pediu providências para os seguintes problemas: invasão de garimpeiros nas áreas Yanomami e Gorotire, presença da mineradora Paranapanema na área Waimiri-Atroari, violência e expropriação na reserva Pataxó Hã Hã Hãe, e para a ameaça existente contra o território da nação Javaé, na Ilha do Bananal, ante a construção da estrada Transaragua (FSP, 09/09/83). Denunciou ainda ao Presidente da República as distorções existentes na aplicação das verbas orçamentárias da FUNAI. Dos 7,5 bilhões de cruzeiros do orçamento, apenas 1 bilhão seria aplicado junto aos índios. O restante estava destinado a manter a estrutura administrativa do órgão (FSP, 11/09/83).

Na Paraíba, Juruna se faz presente e se solidariza com o sofrido povo Potiguara, ameaçado em suas próprias terras. Na Assembleia Legislativa do Estado, solicita o empenho dos deputados estaduais, na defesa dos direitos e interesses indígenas. Também aproveitou para denunciar a "presença de policiais armados na aldeia Potiguara... como uma forma de intimidar os índios". A seguir se comprometeu a informar os Ministros do Interior e de Assuntos Fundiários, dos quais exigiria rápidas soluções para os violentos acontecimentos enfrentados pelos índios da Baía da Traição (O Nordeste, 20/09/83).

Os Guarani de Bracuí, Rio de Janeiro, também recebem a visita e o apoio de Juruna que se propõe a levar suas justas reivindicações ao Governador do Estado. Estes indígenas pretendem o reconhecimento e a demarcação das terras que ocupam e utilizam (O Globo, 18/11/83).
Mobilização contra pacote

Preocupado com o pacote antiindígena, composto de decretos presidenciais e de projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional, Juruna tenta mobilizar vários setores vinculados à defesa dos interesses indígenas, e os próprios índios, convocando para tanto uma reunião que se realiza em novembro, em Brasília. Na oportunidade se discute a gravidade da situação, se repudia o esforço governamental no sentido de destruir as últimas garantias legais referentes aos direitos dos índios. Também se estabelece um plano de ação com o objetivo explícito de rechaçar o pacote, que mais precisamente atinge terras indígenas, transforma o índio num ser absolutamente incapaz, permite o roubo dos recursos naturais existentes nos territórios indígenas, etc... (JB, 23/11/83; O Liberal/PA, 12/11/83; Correio Brasiliense, 23/11/83).

Ante intensa mobilização de Juruna, da Comissão do Índio e de diversas entidades de apoio à luta indígena, se conseguiu um acordo entre as lideranças partidárias, o que permitiu a prorrogação do prazo para votação do anteprojeto do novo Código Civil e possibilitaria a apresentação de emenda substitutiva, relativa ao item capacidade civil do índio.

Etnólogo da República

Como atividade parlamentar, Juruna também tratou dos graves problemas nacionais. A corrupção, a dívida externa e a necessidade de transformação da legislação eleitoral, com vistas às eleições diretas para a presidência da República, são algumas das questões levantadas (Cf. M. JURUNA, Discurso proferido em 19/04/83 e FSP, 06/02/83).

Neste sentido, Juruna denunciou o envolvimento do Ministério com os interesses do capital transnacional, tendo inclusive pedido diretamente ao Presidente João Figueiredo, a demissão de todos os seus ministros, para poder então realizar um esforço e tirar o país da miséria (Jornal de Brasília, 09/09/83).

Sua atuação neste campo lhe valeu a ameaça de cassação do mandato parlamentar. Todos os Ministros do Governo solicitaram a cassação de Juruna, argumentando que se sentiram ofendidos. Em discurso proferido em plenário, Juruna disse que "todos os ministros são ladrões, os militares e o Presidente também" (FSP, 29/09/83). Uma tal afirmação gerou toda uma polêmica, não só a nível de Parlamento mas também a nível nacional (FSP, 05/10/83).

Num primeiro momento, o Governo não quis negociar (FSP, 30/09/83), mas finalmente se decide pela censura escrita como punição ao deputado, ante acordo entre a Mesa da Câmara dos Deputados e o Palácio do Planalto (FSP, 05/10/83).

Ao tomar conhecimento da ameaça ao seu mandato, Juruna disse: "Quando governo der terra para os trabalhadores, quando índio for respeitado, quando povo não estiver mais passando fome, ai Juruna pára de falar" (FSP, 29/09/83).

Jornais, revistas e a televisão multiplicaram uma verdadeira ciranda de comentários sobre o impasse criado com o discurso de Juruna, o que lhe valeu o título de "etnólogo da República", em artigo antológico da filósofa Marilena Chauí, publicado na FSP (10/10/83).

A presença polêmica de Juruna no cenário político nacional coloca valores e preconceitos arraigados em cheque, abrindo de maneira vigorosa o debate sobre a viabilidade da diversidade cultural e nacional no interior de um Estado contemporâneo.
Aconteceu na imprensa

**JURUNA: MAIS DECLARAÇÕES POLÊMICAS**

**Juruna responde a Ministro**

Mário Juruna respondeu ao Ministro da Aeronáutica, que o chamou de “aculturado exótico”. Em carta, Juruna afirma que: “Para chegar a deputado eu necessitei do apoio popular com mais de 80 mil votos. Eu lhe perguntei: com quantos votos o senhor foi eleito Ministro? Gostaria também de saber se há competência de seu Ministério decidir ou opinar sobre os direitos políticos ou civis dos índios?”

Finalmente, Juruna pede ao Ministro que tome providências contra os coroneis aviaores que se enframam na Funai, “como o Leal (presidente do órgão), o Zanoni (Cel. Ivan Zanoni) e o Barbeitas (Cel. Amaro Barbeitas!)”. E conclui... “Fui eleito para incomodar vocês.” (JB, 26/1/83)

**A resposta de Délio: “Juruna não é autêntico”**

“V. exa., a bem da verdade, não é, sem dúvida, a voz mais autêntica do verdadeiro índio brasileiro.” Este é um dos trechos da carta que o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, enviou ao deputado Mário Juruna (PDT-RJ) e que circulou ontem em gabinetes do Congresso. Nela, o ministro reforça declarações do parlamentar que considerou injustas as referências que fizem a ele numa ordem-do-dia, na qual chamou-o de “exótico aculturado”. “Quando v. exa. considera que os índios de seus 80 mil votos, perguntou-se com quantos eu fui eleito, não sei se devo sorrir ou ensinar, mas creio que no seu partido não lhe faltam mestres. Lembro, apenas, ao ilustre parlamentar, que muitas tragédias nacionais foram causadas por gente bem mais votada”, diz o ministro.

E acrescenta: “Quando v. exa. andava nu e atirava flechas nos aviões que sobrevivam as aldeias, conforme confessou no texto, a Força Aérea Brasileira já levava aos mais distantes pontos do território, inclusive aos seus irmãos, a assistência médica, o alojamento e o alimento desinteressada presença. Quanto aos brigadeiros inimigos dos índios, peço a v. exa. que não seja injusto, pois toda generalização é perigosa e v. exa., a bem da verdade, não é, sem dúvida, a voz mais autêntica do verdadeiro índio brasileiro”.” (ESP, 12/3/83)

**Indio não tem sala na FUNAI**

O presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, não aceitou a proposta feita pelo deputado Mário Juruna de assessorá-lo em seu trabalho, afirmando que não pretende sofrer pressão em sua administração. Irritado, depois de uma reunião com o presidente e seus principais assessores que durou mais de duas horas, Juruna chamou Ferreira Lima de “cabeça-dura”, afirmando que a Funai “Não quer saber se existe índio deputado no Brasil, preferindo continuar funcionando num regime de ditadura”. Juruna propôs ao novo presidente a liberação, para ele, de uma sala no prédio da Fundação, onde trabalharia todas as manhãs, assessorando a presidência. “É preciso que o índio passe a participar das decisões tomadas pela Funai, pois aqui só é possível encontrar índios servindo café”. (ESP, 29/7/83)

**“Paizinho Orlando já acabou”**

“O ‘paizinho’ Orlando Villas Boas já acabou, isso não existe mais. O índio hoje está se aproximando mais do branco e vai poder dirigir seus próprios problemas”. Esta foi a reação do deputado Mário Juruna à afirmação de Orlando, de que “Não existe a menor possibilidade de o índio participar de qualquer tipo de responsabilidade”.

Na opinião de Juruna, os irmãos Villas Boas (Orlando e Cláudio) acham que o índio “deve ser considerado como menor toda vida”. Irritado, Mário afirmou: “O índio faz debate, faz reunião. Sem responsável a tribo não vive. Onde Orlando aprendeu que índio não manda em filho, em mulher? Mulher é obrigada a gravar vida do marido para passar para o filho. Será que ele conhece outra tribo fora do Xingu?”

Juruna criticou também a colocação de Orlando de que a delimitação da terra indígena é importante, mas que ela deve ser limitada em função da redução dos índios. (O Globo, 9/8/83)

**Villas Boas responde a Juruna**

“Lamento que ele não tenha entendido o que está escrito no jornal” — disse ontem o sertanista Orlando Villas Boas, respondendo às críticas que lhe fez o Deputado Mário Juruna (PDT-RJ), para quem “não existe mais o paizinho Orlando”.

— Sempre defendi o índio como sociedade estável e equilibrada, que tem a felicidade de viver sem chefe e com liberdade absoluta. É claro que uma sociedade desse tipo é completamente diferente daquela que acaba de abrigar o Mário Juruna — disse o sertanista. Orlando Villas Boas disse que não tem nada contra os antropólogos do Conselho Indigenista Missionário.

— Firmamos apenas que para conhecer os índios é preciso viver com eles. Os índios brasileiros diferem muito daqueles que aparecem nos livros de antropologia. Cláudio e eu discutimos com o Mário Juruna quando este afirmou que os índios podem dirigir os seus próprios destinos. Isso implica passo de auto-determinação que seria, em outras palavras, um avanço para a emancipação. Nós somos contrários a essa emanação, porque o índio que procuramos defender é aquele tribalizado dentro da mata, sem nenhum conhecimento do mundo branco. (O Globo, 10/8/83).
O Projeto de lei nº 661-A, encaminhado pelo deputado Mário Juruna no ano passado, dá uma nova redação ao art. 4º da Lei nº 5.371, que institui a Funai, com o objetivo de introduzir a participação direta dos indígenas nos órgãos decisórios da Fundação: “O Congresso Nacional decreta: Art. 1º O art. 4º da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, que ‘autoriza a instituição da Fundação Nacional do Índio, e dá outras providências’, com a redação dada pelo Decreto-lei nº 423, de 21 de janeiro de 1969, passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 4º A Fundação tem sede e foro na Capital Federal e se regerá por Estatutos aprovados pelo Presidente da República.

§ 1º A Fundação é administrada por um Conselho Diretor composto por pessoas apontadas por comunidades indígenas e que sejam índios ou pessoas reconhecidamente indígenas e conhecedoras da situação do índio no Brasil.

§ 2º Para fiscalização dos atos do Conselho Diretor, é criado um Conselho Indígena composto por 5 (cinco) líderes índios.

§ 3º Para fiscalizar os atos dos representantes regionais da Fundação, é criado, em cada unidade, um Conselho Indígena composto por 5 (cinco) membros apontados pelas lideranças indígenas da região.”

“Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.”

“Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.”

O projeto passou por várias comissões da Câmara e recebeu aprovação, com algumas emendas. A Comissão de Constituição e Justiça modificou a redação original de Mário Juruna no § 1º, suprimindo o termo indio. Conforme esclarece a advogada Eunice Paiva (em artigo publicado no boletim Jurídico, ano I, nº 2, dez. 83, CPI-SP), “tal emenda se justificou pela impossibilidade de conselheiros índios não emancipados assumirem a responsabilidade civil, administrativa ou criminal, o que criaria problemas para a Funai.

Por outro lado, como a comunidade indígena teria dificuldade em admitir a distinção entre índios emancipados ou não, Juruna preferiu aceitar a emenda”.

Posteriormente a Comissão do Interior introduziu um novo parágrafo à redação do art. 4º: “Fica a Fundação vinculada direta e exclusivamente à Presidência da República”, o que eliminaria a atual vinculação ao Ministério do Interior.

Desta maneira o projeto recebeu aprovação da Câmara dos Deputados na sessão do dia 1º de dezembro e, em seguida, foi encaminhado ao Senado Federal com o nº 661/C/83. No momento, encontra-se na Comissão de Constituição e Justiça, onde deu entrada no dia 14 de março deste ano, aguardando parecer do relator, senador José Fragelli (PMB-MS).

Congresso indígena na Venezuela

Um congresso indígena da área amazônica será realizado no extremo-sul da Venezuela, de 8 a 11 de março, informou o emem Nemésio Montiel, presidente da Confederação Indígena desse país.

Indígenas do Brasil (UNI), Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Perú e Venezuela serão os participantes do encontro.

Os índios discutirão alternativas de desenvolvimento da área amazônica com a participação direta das etnias nativas que povoam a sub-região.

Serão analisadas também as políticas de proteção aos índios e a possibilidade de criar na Venezuela um organismo que defenda “o futuro do Cone Sul”. Patrocinam o Congresso o Instituto Indigenista Interamericano, da Organização dos Estados Americanos, e o governo da Venezuela. (O Dia, Terça, 01/03/83).

A função da UNI

“O que o índio busca é uma posição política; não vou fazer política dentro da minha tribo, que tem um cacique, que já tem conselheiros; onde já temos uma base”. Esse é um trecho do depoimento de Álvaro, do tribo tucano e um dos representantes da UNI — União das Nações Indígenas —, que ontem participou dos debates sobre “O Índio e a Cultura Brasileira”, realizado no auditório da Secretaria Estadual de Cultura. Os debates foram feitos a partir de depoimentos de índios tucano, guarani, bororo e xocó de Sergipe.

Alvaro explicou que a UNI vem tentando ser reconhecida pelas autoridades há cerca de dois anos que, entretanto, relatam em aceitar o termo “nações”. Segundo ele, a UNI tem a função de servir de elo de ligação entre as diversas tribos e os organismos oficiais que controlam os problemas dos índios no Brasil. “Em cada Estado, há os representantes: são escolhidas as lideranças locais, encarregadas de comunicar seus problemas à UNI, em Brasília”.

Esta, por sua vez, encarrega-se de entrar em contato com os órgãos governamentais, a fim de conseguir a solução dos mesmos.

“O grande problema da UNI é econômico: não somos assalariados; faze-nos encontros quando alguém nos patrocina; além disso, a Funai não colabore economicamente como as entidades que colaboram são pobres”, afirmou Álvaro. Esse é um dos motivos por que, segundo o índio tucano, a UNI nem sempre pode ir até as diversas tribos, como é o desejo da maioria, e fica obrigada a permanecer em Brasília, como um órgão centralizador.

“Mesmo os intelectuais que são solidários com o problema do índio querem nos ajudar moralmente, mas nesse caso a ajuda moral é insignificante”,” completou. (Folha da Tarde, 06/03/83).

Com quem estão as terras?

“Mais de 70% da população indígena do Brasil não têm terra alguma para viver e trabalhar. Por isso achamos certo o índio usar a força para expulsar o branco, porque a Funai não faz nada. Nós achamos também que o índio e o colonos têm o mesmo direito à terra. O problema é que a maioria da terra não está nem com um nem com o outro. Com quem está então?” A colocação é do índio Álvaro Tukano, que está no Sul com seu colega Ailton Krenak. Os dois são coordenadores da UNI e vivem em São Paulo. Os dois líderes estão em Porto Alegre para analisar a realidade do índio e ressaltaram a importância do trabalho que o deputado Mário Juruna vem fazendo em Brasília. (JB, 24/06/83).
Denúncias em Manaus

"Em dez anos a Funai matou mais índios que o SPI, que durou 70 anos". A denúncia foi feita no encontro promovido pela UNI, na sede do Cimi em Manaus. Participaram da reunião, cujo objetivo era discutir problemas internos da luta indígena, Álvaro Tukano, Tereceu Makuixi, Davi Yanomami e Ernesto Wapixana.


A UNI e a autodeterminação

A ideia de autodeterminação é algo meio impreciso. Cada índio entende de um modo. E cada aliado da luta imagina uma forma de autodeterminação para o índio. Há modelos mais aproximados das aspirações indígenas e outros que não têm nenhuma proximidade com essas aspirações. Há comunidades indígenas que nem sequer imaginam sua autodeterminação. O que expressamos não é a ideia de um todo da população indígena, mas apenas de uma parcela, que, através de um processo de luta e de resistência, foram compreendendo algumas formas de organização e foram assimilando formas de organização que não são dos índios. A própria palavra nos é estranha. Xangré perguntava: — O que é autodeterminação? O que sabemos é que nossas terras têm que ser demarcadas, queremos: — que não se continuem as invasões nas comunidades indígenas para nos destruir culturalmente. — que não continuem a guerra contra o índio ou, ao menos, que se reconheça para o índio o direito de guerra.

O Estado não pode continuar tratando o índio como inimigo, num processo de guerra de ocupação, em que a população remanescente, hoje, é apenas sobrevivente dessa guerra de ocupação que vem sendo mantida há 400 anos. — O Estado não pode continuar querendo matar de desespero, de falta de expectativa de vida, de envergonhamento por pertencer a outra cultura e incapazes de dirigir a própria vida. Nossa guerra sistemática nunca nem nos deram o status de inimigo. Mas nos deram o status de "filhos": são os tutores. Forma muito estranha de combater! Face a um Estado tão forte, como estabelecer alianças e trabalhar no sentido de o Estado ceder um pouquinho — porque nos temos ilusão de que vai ceder mais que um pouquinho porque é muito forte e se sente seguro de si para mover, a opressão contra populações indígenas e contra a população brasileira como um todo. Não existe solução do índio sem solução de todos. Não imagino que o problema do índio seja resolvido sem ser resolvido o problema da sociedade toda. Nossa expectativa diante do Brasil é um pouco desanimadora. Não no sentido de que vamos parar de lutar, mas no sentido de que todas as formas de luta têm sido ineficazes.

Restrições a líderes do exterior

Cacique americano não ganha vistopara vir ao Brasil


O chefe da assessoria parlamentar do Itamaratí, embaixador Leite Barbosa, procurou o deputado Mário Juruna para prestar essas explicações, uma vez que o cacique tinha telefonado para o embaixador Antônio Azeredo da Silveira protestando contra o veto ao seu colega, que conheceu na Holanda, em 1980, quando ambos participaram do Tribunal Bertrand Russell. Mais tarde, o porta-voz Fernando Peiróst prestou novos esclarecimentos, informando para a imprensa brasileira e os correspondentes estrangeiros, que o Brasil, embora tenha apreço pelas nações indígenas, nos Estados Unidos só mantém relações com o governo do presidente Reagan. (A Tribuna, 10/03/83).
Dirigente queixa-se de restrição da FUNAI

O presidente do Conselho Mundial dos Povos Indígenas, José Carlos Morales, da Costa Rica, criticou ontem a Funai por tê-lo impedido de visitar áreas indígenas de vários Estados, sob a alegação de que são áreas de segurança nacional com acesso proibido a estrangeiros. Morales veio ao Brasil a convite das lideranças dos Terena, de Mato Grosso, cujas comunidades visitou. Ele estive ainda entre os Kadiwéu e Guarani, mas todas as demais visitas que pretendia realizar acabaram proibidas pela direção da Funai. O presidente do Conselho — entidade reconhecida pela ONU — considera que os problemas fundamentais do índio brasileiro são a perda constante de seu território, a saúde e a educação, cujos métodos não são adaptados à realidade indígena. (ESP, 24/5/83).

OS NOVOS TUTORES DOS ÍNDIOS

Nesta semana* completa 10 anos a Lei n° 6.001, de 17/12/1973, conhecida como o Estatuto do Índio. É uma boa ocasião para se tentar proceder a uma avaliação de sua significação sociológica, de seu estado presente e das implicações que tem para o destino dos povos indígenas brasileiros.

Contexto histórico do Estatuto

O primeiro ponto deve ser o enquadramento do Estatuto do Índio como fato histórico. Trata-se de uma lei nascida em um período da história brasileira marcado pelo autoritarismo e pela exclusão de amplos setores da sociedade do processo de elaboração e execução de políticas oficiais. Esqueciam-se, existem duas interpretações, que se opõem entre si, pelas quais é costume explicar o surgimento de leis desse tipo, que regulam a existência de certos grupos ou processos sociais. Uma, enfatizaria os conflitos ideológicos internos ao grupo no poder, o que criaria espaço para uma ação aparentemente altruísta, sem necessidade social ou econômica direta. Outra, enfatizaria os aspectos políticos e econômicos dos conflitos entre grupos e classes sociais, apresentando a aceitação da lei pelo Estado como uma imposição ou conquista do grupo diretamente interessado.

No quadro histórico acima indicado, tais interpretações não teriam qualquer cabimento se aplicadas ao Estatuto do Índio. O Estado não admitia dissenso mesmo entre os grupos mais próximos ao poder, nem aceitava a intervenção de grupos subordinados na elaboração de suas políticas. O governo e a opinião pública não viam maior repercussão nos pequenos e esporádicos conflitos ocorridos entre índios e brancos. Os índios até aquele momento não haviam ainda constituído formas organizativas e um discurso étnico-político que permitisse uma pressão adequada sobre o Estado.

O fator decisivo para a elaboração, aprovação e divulgação da Lei n° 6.001 era a preocupação do governo com a sua imagem no exterior, então grandemente afetada por denúncias de violação de direitos humanos no tratamento dispensado aos opositores do regime, bem como fenômenos como a censura aos meios de comunicação e a manifestações artísticas. Em função da divulgação pela imprensa internacional de massacres de índios, o governo enfrentava desde 1967, no exterior, uma campanha sistemática de acusações de omissão ou mesmo comprometimento em práticas etnocidas. Em 1970/72 o país recebeu comissões de entidades internacionais de defesa das minorias étnicas e dos direitos humanos (entre elas a própria Cruz Vermelha), que visitaram diversas áreas indígenas na Amazônia e escreveram relatórios apontando o abandono e a miséria daquelas populações.

Em 1967 o governo já havia decidido extinguir o antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), seriamente acusado de corrupção e convivência até mesmo em relatórios oficiais (ainda hoje sigilosos e não publicados), sendo criada em seu lugar a Fundação Nacional do Índio (Funai). A lei n° 6.001 foi um outro passo dado nessa direção, para calar os protestos externos mostrando à opinião pública internacional a face limpa do Governo brasileiro, a sua preocupação com os direitos dos aborígenes e o seu acatamento das convenções internacionais. Com traduções em inglês e francês foram distribuídas cartazes, dentro e fora do país, edições de luxo desse texto que até hoje não foi traduzido em qualquer das mais de 200 línguas indígenas existentes no Brasil.

O segundo ponto é relativo à própria natureza do Estatuto, que mantém uma conexão com o contexto social em que foi elaborado, mas que de maneira alguma pode ser dele automaticamente deduzido. O Estatuto do Índio foi uma lei produzida em um regime de arbitrio e autoritarismo, mas isso não significa que a lei apresente uma coerência obvia e superficial com tal contexto histórico.

Ao contrário, a função social imediata que assumiu só seria possível invertendo essas características.

A elaboração do Estatuto do Índio por um círculo fechado de juristas só foi possível devido à existência de conceitos técnicos-legais já delineados em legislação anterior (de 1910, 1911, 1928 e 1942). Por outro lado a postura ideológica de todos esses elementos jurídicos era dada pela ideologia protecionista que predomina nos momentos mais importantes e nas figuras mais eminentes do anti-SPI. Assim opõe-se categoricamente aos meios compulsórios e traumáticos de aculturação, argumentando que o processo de integração se faça respeitando as tradições e a coesão das comunidades indígenas, assegurando-lhes paralelamente a terra que habitam e os seus meios de subsistência, fornecendo-lhes assistência (médica, educacional, jurídica, técnica e econômica) adequada as suas necessidades.

Funai fracassa na proteção das terras

Especialmente na parte referente às terras indígenas (22 dos 62 artigos do Estatuto estão diretamente associados a esse item), as medidas protecionistas que o Estado, através da Funai, deveria pôr em prática são cuidadosamente descritas. A demarcação das terras indígenas é um ponto privilegiado e relativamente documentado para se refratar sobre a aplicação do Estatuto. Segundo dados oficiais da própria Funai, até julho de 1981 o órgão tutor conseguiu identificar 41 milhões de hectares de terras indígenas, das quais apenas 13 milhões (isto é, 32%) haviam sido efetivamente demarcadas. Desses,

23
apenas uma pequena parte (6,1 milhões de hectares, ou seja, 14,8% das terras identificadas) possui homologação através de decreto do Presidente da República, condição indispensável para completar formalmente a regularização da situação da terra, com o registro nos cartórios municipais. Há, no entanto, muitas terras indígenas ainda não identificadas, junto a grupos hostis ou em processo de atração (existem 17 desses) ou em áreas onde a Funai não atua. Em bases bastante aproximativas, estimou-se que esses grupos totalizam mais de 11.000 índios, sobre cujas necessidades territoriais a Funai não dispõe de dados até o presente.

Levando-se em conta que essa situação ocorre quase cinco anos após o término do prazo estabelecido no Estatuto para as demarcações e atentando para o rápido processo de expansão das fronteiras econômicas na Amazônia nos últimos anos, o balanço geral não permite qualquer otimismo. Considerando o ritmo médio das demarcações no último 10 anos, esse processo se estenderia ainda por mais duas décadas, virando o século.

Mas a demarcação é apenas um dos aspectos da tarefa atribuída à Funai de proteção das terras indígenas. Quase todas as reservas indígenas estão invadidas por fazendeiros, garimpeiros ou possedeiros, sem que o órgão oficial disponha sequer de um levantamento dessa intrusão e de algum plano para a sua retirada. Por outro lado, os contratos de arrendamento, habituadamente um negócio muito lucrativo para os brancos que o obtêm, permanecem, apoiando-se em exceções permitidas pelo próprio Estatuto caso a sua extinção acarrete graves problemas sociais (o que seria quase sempre o caso...).

Fragmentação da tutela

Mas qual é a realidade e a eficácia presente do Estatuto do Índio? Durante o ano de 1983, um conjunto bastante heterogêneo de atos jurídicos e administrativos, sem as necessidades de revogar a Lei 6.001, parece haver invertido o significado de alguns de seus pontos cruciais. Tais normas, a pretexto de apenas regularem aspectos da aplicação da lei, de fato modificam a sua natureza, subordinando-a a diretrizes e preocupações conjunturais das políticas oficiais.

Cabe enumerá-las: 1) o decreto 88.118, de 23/03, entregando as decisões fundamentais sobre a demarcação das terras indígenas ao MINTER e ao MEF, cabendo à Funai apenas o encaminhamento de propostas; 2) o decreto 88.985, de 10/11, autorizando as empresas estatais e particulares nacionais (estas em casos excepcionais) a pesquisar e explorar minérios estratégicos em áreas indígenas; 3) a Exposição de Motivos Interministerial nº 055, de 01/08, aprovada pela Presidência em 20/09, estabelecendo a competência das Polícias Militares dos estados para intervir em conflitos de terra, em casos em que os índios ataquem ou intimidem os não-índios.

Por tais exemplos, abrangendo áreas distintas de atuação, fica evidente que o Estatuto do Índio e a própria Funai não mais podem ser ditos de modo algum como os únicos (ou mesmo os principais) responsáveis pelo destino dos índios. Isso terá certamente repercussões profundas para a luta dos índios e dos brancos que os apoiam. Até esse momento indigenistas e antropólogos sempre conduziram as suas restrições prioritariamente à não aplicação do Estatuto do Índio, centralizando as suas crises na atuação (ou ineficiência) da Funai. Apontava-se como politicamente inoportuno discutir sobre o Estatuto do Índio, ponderando que qualquer modificação seria em detrimento dos interesses indígenas. De algum modo alimentou-se a crença de que a salvação dos índios dependia de uma ação paternalista e altruísta do Estado, sempre possível de ser motivada quando houvesse responsabilidade de uma instituição e de pessoas bem especificadas.

As tendências atuais no sentido de fragmentação da tutela em diferentes aspectos cobertos por órgãos distintos, torna inócuo qualquer tentativa de reformulação das receitas políticas dos tempos heróicos do indigenismo. É claro que o cumprimento da lei deve ainda ser cobrado do Estado, mas não tem sentido continuar a ter como estratégia exclusiva a preservação e a aplicação do Estatuto do Índio. Este pode ser um instrumento circunstancial para a defesa dos interesses indígenas, mas não pode cerrar fileiras em torno de sua legitimidade (para os índios) ou esquecer os pressupostos etnocêntricos e arbitrários que contêm.

Em primeiro lugar, a condição de índio é vista como transitória, um estágio na caminhada civilizatória da situação de "isolados" à de "integrados" (quando então cessariam os efeitos da tutela, ainda que persistissem alguns costumes e valores da tradição tribal). O índio só é protegido e reconhecido enquanto em marcha para o "não-índio", a perspectiva protecionista significando apenas evitar mudanças bruscas e traumáticas, resguardando a "aculturação espontânea do índio", indicada no ato de criação da Funai como uma das finalidades maiores do órgão.

Um segundo ponto é que o Estatuto apenas reconhece aos grupos tribais a posse e o usufruto permanente da terra, mas nunca a plena propriedade. As terras indígenas são de domínio da União e mesmo aquelas adquiridas pelos canais comuns (compra, doação, permuta) continuam sob controle do Patrimônio Indígena, gerenciado pela Funai. A plena propriedade da terra só pode ser obtida pelo índio em caráter individual e quando já seja considerado integrado.

Basta focalizar esses dois pontos e lembrar a instituição da tutela, para desvendar a natureza colonial e etnocêntrica das soluções jurídicas que o indigenismo brasileiro adotou para o enquadramento das populações nativas. O momento atual é radicalmente diverso daquele de surgimento do Estatuto. As lideranças indígenas estão em processo crescente de mobilização; os seus interesses já se acham representados no Congresso Federal e em Câmaras municipais por índios, há uma grande preocupação de certas esferas do Executivo com os conflitos resultantes dessa luta. E em termos policiais amplos, há uma renovação do judiciário e do parlamento, nesse último tramitando igualmente projeto inovadores (reestruturação da Funai com participação dos índios) e outros de repercussões bastante nocivas (como o de nº 2.465, que propõe a Emancição dos Índios, ou o novo projeto de Código Civil, que arrola o índio — tal como o louco — entre os absolutamente incapazes).
Por uma nova consciência

A hora é de não atrelar as estratégias de ação e as ideologias étnico-políticas dos índios exclusivamente às soluções do passado, procurando ao contrário aprofundar a busca de uma nova consciência da problemática indígena. A defesa dos direitos dos índios não terá muita eficácia se for conduzida em uma perspectiva isolacionista ou como um apelo à consciência culpada da nação. Passa, sim, por uma crítica as bases coloniais e autoritárias do Estado brasileiro, supondo aliança com outros grupos sociais, dentro de um projeto mais amplo de nação, no qual o indígena seja respeitado como índio e não visto como "em evolução" para o não-índio.

* Artigo de João Pacheco de Oliveira F., publicado no JB de 18/12/83.

FUNAI espera recursos

A não aprovação até agora do programa de excepcionalidade encaminhado pelo ministro do Interior, ao Palácio do Planalto, que prevê a contratação de 279 funcionários pela Funai para a região do Polonoroeste, atingindo o MT e RO para a área do Grande Carajás, está dificultando a ação do órgão nessas regiões. A aprovação de recursos para os dois projetos já está garantida o Banco Mundial, que financia o programa Polonoroeste, deverá liberar até 1986 um total de US$ 1.651.000 para o atendimento de 4.694 índios e a CVRD deverá repassar à Funai US$ 13.600.000 também do Banco Mundial até 86, beneficiando 4.535 índios do MA, Pará, e GO. A Funai está pleiteando, também, a aprovação de um terceiro programa, em caráter de excepcionalidade, ainda sem recursos assegurados, para atender os índios Yanomami, no AM e RR. Este programa enverrou a aplicação de Cr$ 632.504.000 e a contratação de 168 novos funcionários para a montagem de projetos de saúde, educação e de desenvolvimento agrícola. (ESP, 6/2/83).

6 áreas para o Exército delimitar

O Ministério do Exército, através da Diretoria do Serviço Geográfico, atendendo a convênio firmado com a Funai, realiza levantamentos de seis áreas indígenas, localizadas nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Rondônia e na Reserva do Rio Branco, das quais quatro se encontram em fase de execução e duas já com seus trabalhos finalizados. A informação é do General Aristides Barreto, diretor do Serv. Geográfico do Exército. Segundo o General, ao contrário das informações divulgadas pela imprensa, os levantamentos de áreas indígenas confiados ao Exército não foram feitos por razões de segurança. Os convênios entre a Funai e a Diretoria do Serviço Geográfico para levantamento dessas áreas só são firmados pelas partes interessadas, depois de sanadas quaisquer divergências entre fazendeiros e sítios. (O Dia, 6/3/83).

FUNAI proíbe comemorações

As DRs da Funai em todos os Estados estão proibidas de promover qualquer comemoração pelo Dia do Índio, segundo circular assinada pelo presidente do órgão. Para funcionários da Funai, a proibição tem por objetivo "evitar manifestações políticas dos índios ou encontro entre seus líderes", para que não se repitam os movimentos realizados anteriormente. Entidades de defesa do índio, desvinculadas da Funai, já estão estudando programas para comemorar a data. (FSP, 7/3/83).

FUNAI sem verba para demarcar

A crise econômica que atingiu os órgãos do Governo Federal gerou também dificuldades financeiras para a Funai: ela não terá verba suficiente para demarcar as 82 reservas definidas, ano passado, como prioritárias para os trabalhos de demarcação que seriam realizados este ano. Inicialmente, para a demarcação destas 82 áreas, o Coronel Leal solicitara Cr$ 1,5 bilhão. O primeiro corte reduziu a verba para Cr$ 426 milhões e, há cerca de um mês, a Funai foi informada de que só receberia Cr$ 35 milhões. A grande maioria das 82 reservas selecionadas ano passado foi apontada como prioritária, por apresentarem problemas de tensão social. Havia sido escolhidas 27 do Amazonas, 15 de Roraima, 10 do Mato Grosso do Sul, 9 de Mato Grosso, 8 do Rio Grande do Sul, 6 do Acre, 2 do Pará, 2 do Maranhão, 1 em Goiás, 1 no Paraná e 1 em Rondônia. Estas reservas

áreas indígenas consideradas prioritárias. Para esse trabalho, segundo ele, serão necessários Cr$ 1,5 bilhão. (ESP, 25/2/83).

Novas regras na demarcação

Portaria assinada ontem pelos ministros do Interior, Mário Andreazza, e de Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, alterou o processo de demarcação das terras indígenas, do qual participarão, além da Funai, outros órgãos subordinados aos dois Ministérios. A portaria cria também um grupo de trabalho integrado por membros dos dois Ministérios e da Funai, para examinar as propostas de definição de áreas indígenas.

Para o ministro Venturini, o novo processo dará maior garantia de posse e uso efetivo das terras demarcadas. A portaria regulamenta decreto recente do presidente Figueiredo, alterando o processo administrativo de demarcação das terras, que, depois de aprovado pelos Ministérios do Interior e de Assuntos Fundiários, será objeto de decreto do presidente da República. (ESP, 19/3/83).

Demarcação a nível interministerial

O presidente da Funai disse ontem que o decreto presidencial estabelecendo nova sistemática para a demarcação de áreas indígenas "é um elemento valioso para garantir as terras dos índios", pois agora todas elas serão definidas a nível interministerial — Ministério do Interior e Ministério Extraordinário da Terra — saindo do âmbito de decisão da Fundação. O Presidente da Funai disse que já tem preparados projetos que permitirão a demarcação inicial de 70
totalizam 6,3 milhões de hectares. No momento, as áreas de maior tensão são as do Potiguara (PB), Wassú (AL), Tikuna (AM), Capináuá (PE), Kiriri e os Pataxó Hã-Hã Hãé (BA). Embora as áreas de maior tensão social e riscos de conflito se situem no Nordeste, a Funai deverá conceder prioridade à demarcação das reservas indígenas Nambiquara, para cumprir o acordo feito entre o Governo brasileiro e o Banco Mundial por ocasião da assinatura do empréstimo de financiamento do Polo Noroeste. No Brasil, há 256 áreas indígenas a serem demarcadas, totalizando aproximadamente 40 milhões de hectares. Com o adiamento das demarcações previstas para este ano, a Funai informou não ter previsões de possíveis datas para a conclusão destes trabalhos em todo o País". (Globos, 4/4/83).

**Casa do Ceará culpa a FUNAI**

A propósito da reportagem publicada na edição de **Última Hora**, de 4/5/83, sob o título “Indio denuncia maus-tratos”, a Casa do Ceará vem esclarecer o seguinte: I — Consta do convênio firmado entre a Funai e a Entidade o compromisso desta de alojar 45 índios. Todavia, com essa frequência, o número é excedido sem que a Funai possa controlar o afluente, faltando, assim, portanto, evidentemente, acomodações suficientes. A instituição conta com espaço físico para ampliação das instalações da Funai; II — O asseio do local é da responsabilidade da Funai, obri-gando-se a Casa apenas de fornecer o material de higiene; III — O contato com os índios é mantido exclusivamente por servidores da Funai. Quanto aos maus-tratos, se por acaso existem, é sem o envolvimento dos funcionários da Casa; IV — A responsabilidade da Casa é tão-somente de fornecer alojamento e refeições de boa qualidade, as quais são servidas até as 19 horas, com equipamento completo e água filtrada. P/Casa do Ceará (Assinatura ilegível). **(Última Hora/DF, 6/5/83).**

**Bispo pede que Leal se demita**

O vice-presidente do CIMI, dom Tomás Balduino, sugeriu ontem o afastamento do presidente da Funai, como “única saída viável para o clima de violência e vingança que se abate sobre os índios”. A entrevista de dom Tomás foi motivada pelo encontro entre o coronel Leal e os líderes Pataxó Nailton e Samado. Durante a audição, o coronel disse a Nailton que “agora vou vingar-me de Higinho”, o índio que assassinou o cacique Edísio. Higinho está preso e o Cimi está enfrentando dificuldades de impedir habeas-corpus em seu favor, porque o inquérito ainda não foi instaurado. Hoje, o Cimi, a Associação Nacional de Apoio ao Índio e a Comissão Pró-Índio vão dar entrada numa representação contra a Funai junto ao ministério público, interpelando o órgão tutor sobre a responsabilidade da prisão dos Pataxo Nailton e Samado (pre-sos no dia do assassinato do cacique). A interpelação será feita contra o coronel Leal. (FSP, 21/6/83).

**FUNAI reúne índios “solidários com o Presidente”**

Por determinação da presidência da Funai, foram convocados a Brasília 160 índios de diferentes regiões para defender o órgão contra os Xavante. Encontram-se em Brasília representantes dos tribos Terena, Karajá, Bakairi e índios do Xingu, denunciou ontem o deputado Mário Juruna (PTD-RJ), que teme um confronto entre índios. Informando que os índios foram transportados para Brasília em avião fretado pela Funai, Juruna acrescentou: “Nós não estamos querendo briga contra índios, estamos querendo afastar as pessoas ruins da Funai.” O coronel Ivá Tancredo, chefe de gabinete da Funai, disse que as lideranças “indias”, ao tomarem conhecimento da notícia pela televisão (sic) manifestaram o desejo de hipotecar solidariedade ao presidente da Funai. (FSP, 26/6/83).
Civil poderá ser o presidente


Cel. Leal deixa FUNAI

O coronel Paulo Moreira Leal demitiu-se ontem da presidência da Funai, alegando estar cansado das pressões dos xavantes, que exigem a exoneração dos assessores militares. Não quis apontar os nomes dos responsáveis por sua decisão e garantiu não ter recebido nenhuma pressão do Ministério do Interior para deixar o cargo em benefício da candidatura de Mário Andradeza à Presidência da República. Ele será substituído pelo economista Otávio Ferreira Lima. (ESP, 5/7/83).

Otávio Lima toma posse

Usando um anel preto de coco de Inajá foi empossado ontem o novo presidente da Funai, o economista Otávio Ferreira Lima.

Após assumir o cargo, Otávio anunciou alguns dos novos diretores que substituirão os coronéis. Para o DGO, até agora ocupado pelo cel. Roberto Guarany, foi designado Carlos Grossi, delegado da Funai em Governador Valadares (MG). Para a Superintendência, Lamartine Ribeiro de Oliveira, que até agora trabalhava na Assessoria de Planejamento; para o DGPI que estava sem titular foi nomeado Ubirajara Calbillo; para o DGA, até agora ocupado pelo cel. José Carlos Correa, o administrador Francisco Moreira Cruz Filho. Os líderes indígenas querem também a substituição dos coronéis Ivan Zanoni Hauser, diretor da AGESP e Anael Lemos Gonçalves, assessor da presidência. (ESP, 6/7/83).

CPI/SP diz que mudança é cortina de fumaça

Em nota distribuída ontem, a CPI-SP afirma que a mudança na direção da Funai foi apenas uma "cortina de fumaça". "Não foi só a demissão pedida pelos índios, foi também a de funcionários da Funai, conhecidos por suas posições anti-indígenas. Foi nomeado presidente da Funai, como sempre, sem consulta alguma aos principais interessados, o ex-supervisor da desastrosa administração Nobre da Veiga. As primeiras declarações do novo presidente vão no sentido da omissão do Estado e da entrega dos direitos às delegacias regionais, sem condições políticas de fazer. Esta descentralização só consuma o abandono, pela União, das responsabilidades que lhe cabem enquanto tutora". (ESP, 6/7/83).

FUNAI afasta dois coronéis

Mais dois coronéis foram afastados da Funai: Anael Lemos Gonçalves, assessor especial da presidência, e Ivan Zanoni Hauser, da AGESP. Para o lugar do cel. Anael ainda não houve indicações e, para a AGESP, o presidente da Funai indicou a antropóloga Sônia Marcato, este último nome bem recebido pelo CIMIT. (ESP, 8/7/83).

FUNAI despeja índios no DF

Sem qualquer aviso aos índios, o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, determinou ontem o cancelamento do convênio mantido com a Casa do Ceará, onde se hospedavam os índios em trânsito por Brasília. A ordem surpreendeu cerca de 100 índios que lá estavam hospedados, alguns em tratamento de saúde. O deputado Mário Juruna esteve no local e saiu revoltado: “Isso é um crime, coitadinhos, onde vão ficar?” Alguns índios foram alojados no seu apartamento. Acredita Juruna que a decisão do presidente da Funai é uma tentativa de “evitar que os índios venham para Brasília reclamar de seus direitos”. A partir do cancelamento do convênio, os índios doceiros serão tratados nas cidades próximas às aldeias e os que tiverem problemas de terra deverão procurar as delegacias. Em Goiânia, o fechamento da Casa do Índio ocorreu na semana passada. A decisão do presidente é um antigo plano dos dirigentes da Funai. A Casa do Ceará, segundo o ex-diretor do Departamento Geral de Operações (DGO), coronel Roberto Guarany, era um lugar de “muita fermentação política, muito insuflamento”. Lá se reuniam líderes de diferentes comunidades que trocavam informações e experiências. (ESP, 30/7/83).

Do orçamento/83, pouco para os índios

O orçamento da Funai para o exercício de 83 é de Cr$7 bilhões e 497 milhões. A divisão do bolo não é lá muito favorável ao índio, pois daquele total nada menos que Cr$6 bilhões destinam-se a pagamentos de pessoal. Para a assistência ao índio sobram apenas Cr$1 bilhão e para a demarcação das terras indígenas, Cr$497 milhões. Tal situação, denunciada na Câmara Federal pelo deputado Haroldo Lima (PMDB-BA), “demonstra que a Funai se transformou numa fundação que a pretexto de assistir ao índio, assiste aos apainiguados e afilhados dos seus vinte e tantos coronéis”, de acordo com as palavras de Lima. (Jornal da Bahia, 6/8/83).
Exposição de motivos encaminha o decreto

A E. M. Interministerial n° 88, de 21/10/83, assinada pelos Ministros Mário Andreazza, do Interior, e Cesar Cais, das Minas e Energia, encaminha ao presidente da República o decreto nº 88.985.

Inicialmente o documento relembrar o Estatuto do Índio (lei nº 6.001, de 19/12/73), "cabe aos indígenas a exclusividade para a garimagem, a faiscagem e a cava, enquanto que, aos recursos do sub-solo aplica-se a legislação vigente, com o Ministério do Interior representando a União como proprietário do solo, devendo o resultado da exploração revertendo benefício dos índios".

Argumentam os ministros que tal definição não cobre aspectos polêmicos das exploração mineral em terras indígenas e deixa as ações governamentais sem respaldo.

"De um lado, a entrada indiscriminada e incontrolada de pessoas e equipamentos da sociedade envolvente, para a pesquisa e a lavra nas terras indígenas, pode facilmente gerar conflitos com a população autóctone, ameaçando também seus padrões culturais, seus sentimentos religiosos, e mesmo ambiente em que vive e sua capacidade de sobrevivência.

"Por outro lado, não há razões suficientes que possam justificar a não-exploração de recursos minerais, fundamentais à segurança nacional ou ao processo de desenvolvimento do País, apenas por estarem suas jazidas localizadas em terras indígenas." Os ministros se propõem então conciliar tal exploração com os interesses indígenas. Nessa direção, segundo os ministros, o governo havia dado um passo com a Portaria interministerial de 15/01/81, "limitando a concessão de autorizações de pesquisa e lavra em terras indígenas a empresas estatais federais".

"Essa medida, necessária, não é suficiente para garantir o que se deseja. Nem sempre as empresas estatais federais de mineração têm à sua disposição os recursos necessários à exploração, e o setor privado nacional inclui empresas de capacidade técnica e financeira adequada a esse tipo de atividade".

Nessa altura do documento, os ministros enfatizam o sentido básico do novo decreto, qual seja, de regularizar as atividades de empresas privadas de mineração, ressalvando que foi ouvida a Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional e adotadas as sugestões (?) apresentadas através do Aviso nº 011/3º SC/096/83, de 17/10/1983.

Decreto nº 88.985, novembro de 1983

Regulamenta os artigos 44 e 45 da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, e dá outras providências.

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 81, itens III e V, da Constituição, e tendo em vista o disposto pelos artigos 44 e 45, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973,

Decreta:

Art. 1º. A exploração de riquezas minerais, em terras indígenas, observará as normas estatuidas pela Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, a legislação sobre atividades minerais e as disposições deste Decreto.

Parágrafo único. Entende-se por terras indígenas, para os efeitos deste Decreto, as áreas descritas pelo artigo 17 e seguintes da Lei número 6.001, de 19 de dezembro de 1973.

Art. 2º. As riquezas e as utilidades existentes no solo das terras indígenas somente serão exploradas pelos silvícolas, cabendo-lhes, com exclusividade, o exercício das atividades de garimpagem, faiscagem e cava.

Art. 3º. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) adotará as providências necessárias para garantir aos indígenas o exercício das atividades referidas pelo artigo anterior, cabendo-lhe orientar a comercialização do resultado da exploração.

Art. 4º. As autorizações de pesquisa e de concessão de lavra em terras indígenas, ou presumivelmente habitadas por silvícolas, serão outorgadas a empresas estatais integrantes da administração federal e somente serão concedidas quando se tratar de minerais estratégicos necessários à segurança e ao desenvolvimento nacional.

§ 1º. Em casos excepcionais, conside-rada, cada caso, pela Fundação Nacional do Índio e pelo Departamento Nacional de Produção Mineral—DNPM, poderão ser concedidas autorizações de pesquisa e concessões de lavra a empresas privadas nacionais, habilitadas a funcionar como empresas de mineração.
Parágrafo único. Na hipótese prevista neste artigo, aplicam-se aos sítios culturais todos os direitos e garantias das leis trabalhistas e de previdência social, vedada a discriminação entre os indígenas e demais trabalhadores.

Art. 9º. A FUNAI, no âmbito de sua competência, ouvindo o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) do Ministério das Minas e Energia, expedirá as normas internas necessárias ao cumprimento deste Decreto.

Art. 10º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 10 de novembro de 1983; 162º da Independência e 95º da República.

JOÃO FIGUEIREDO
César Cala Filho
Mário David Andreatza

(Diário Oficial da União, 11/11/83).

CPI/SP crítica medida

A Comissão Pró-Índio de São Paulo criticou, ontem, em nota divulgada em Brasília, o decreto assinado pelo presidente Figueiredo autorizando a presença de empresas de mineração nas áreas indígenas. “O presidente Figueiredo argumenta que as companhias de minério vão conter o garimpo selvagem que, expulso de outras áreas, fatalmente irá invadir áreas indígenas, diz a nota. Este, no entanto, é um remédio tão perigoso quanto a doença.”

A Comissão defende que, tanto a mineração como garimpo, como um todo, executado por pessoas estranhas às comunidades indígenas, devem ser combatidos. “Como sempre, observa a Pró-Índio, pensou-se em solucionar problemas sociais à custa dos direitos indígenas, ainda que esta solução implique na destruição física dos índios”. (ESP, 12/11/83).

Em área indígena não deve haver mineração

O CDTI, o CMI, e a CPT, reagiram contrariamente à notícia do Decreto assinado pelo presidente da República, que permite à Funai abrir as áreas indígenas para empresas particulares e estatais explorarem minérios. (Diário Popular, 21/11/83).

No mínimo 26 áreas com excelente potencial

Cerca de 25 mil índios brasileiros vivem hoje em terras ricas em minérios, que atingem quase 20 milhões de hectares espalhados pela Amazônia legal (Amazônas, Roraima, Pará, Rondônia, Amapá e Mato Grosso). A Funai afirma não ter, até hoje, um levantamento desses territórios, mas, através de um confronto com o mapa mineral do Ramad, identificam-se, no mínimo, 26 áreas indígenas com excelente potencial mineral.

A maior dessas áreas (oitoo mil hectares) corresponde às terras habita-mentadas pelos Yanomami — nove mil índios com baixo grau de aculturação que vivem em Roraima, concentrados perto da fronteira com a Venezuela. Acre- dita-se que em suas terras exista ouro, cassiterita, estanho, cobre, alumínio e diamante. (O Globo, 11/12/83).

Entidades criticam decisão

Entidades ligadas à causa indígena e representantes de suas comunidades protestam contra o decreto, afirmando que a medida visa a atender interesses do Governo e de empresas privadas. O Deputado xavante Mário Juruna (PDT- RI) denunciou esta semana que a Funai guardava em suas gavetas mais de 50 processos de empresas pedindo autorização para lavra, aguardando apenas a divulgação do decreto. A Comissão Pró-Índio, com sede em São Paulo, divulgou nota em que afirma suspeitar de “interesses eleitores” de políticos de Roraima para abertura dos garimpos. Mário Juruna teme a multiplicação dos conflitos entre índios e garimpeiros, afirmando que “a responsabilidade será do quem editou o decreto”, considerado por ele “o fim do mundo e mais uma iniciativa para acabar com o índio no Brasil”. Ele examina a possibilidade de recorrer ao Supremo Tribunal Federal, questionando a constitucionalidade do decreto.

Para os antropólogos, o contato entre índio e garimpeiro será sempre nocivo. O Secretário adjunto do Conselho Indigenista Missionário da CNBB, Benedito Prezidio, acha que a Funai não terá condições de exercer um controle efetivo das empresas e teme que se repita o que aconteceu quando foram abertos seringais em áreas indígenas: a entrada de pessoas estranhas nas reservas levou o alcoolismo e a prostituição ao meio indígena, além da exploração do trabalho do índio em regime de semi-escravização.

A Comissão Pró-Índio rebate o argumento da Funai de que o decreto conterá o garimpo selvagem:

— É um remédio pior do que a doença — afirma a nota da entidade — pois a mineração e o garimpo como um todo, feitos por qualquer pessoa estranha à comunidade, é que devem ser combatidos.

As entidades apontam ainda relação entre o Decreto e um projeto de emancipação do índio, de autoria do Depu-tado João Batista Fagundes (PDS-RR), atualmente em tramitação na Câmara dos Deputados. De acordo com nota do Cimi, por trás das medidas estão os “interesses de grandes empresas estrangeiras de exploração agrícola e mineral, além da pressão para se liberar as terras indígenas para exploração”. (O Globo, 11/12/83).
Liberada 
Intervenção da polícia

Quaisquer pessoa que se sentir ameaçada por possíveis situações de conflito em área indígena poderá solicitar a intervenção das forças policiais para atuar nas áreas ocupadas pelos índios. A exposição de motivos apresentada pelos ministros da Justiça, dos Assuntos Fundiários e do Interior foi aprovada pelo presidente Figueiredo no dia 20 de setembro e deverá transformar-se em decreto. A medida altera o Artigo 34 do Estatuto do Índio que facultava apenas à Funai o direito de “solicitar a colaboração das Forças Armadas e Auxiliares e da Polícia Federal, para assegurar a proteção das terras ocupadas pelos índios e pelas comunidades indígenas” (ESP, 16/11/83).

FUNAI pede verba ao FINSOCIAL

O presidente da Funai anunciou que o órgão pediu a liberação de uma verba de Cr$ 1,5 bilhão para dividir entre os programas de demarcação e assistência às comunidades indígenas. A Funai que para este ano contou com um orçamento de Cr$ 14 bilhões, não pode cumprir o programa anteriormente fixado para a demarcação de áreas indígenas em todo o país para 83. Para cobrir o déficit que estava impedindo o desenvolvimento dos seus principais programas o novo presidente da Funai, que assumiu em julho último, disse que a fundação, numa primeira fase, conseguirá captar recursos extraordinários num total de Cr$ 1,055 bilhão através de verbas provenientes da arrecadação do ISS; do FAES e de convênios que foram firmados com o Banco do Nordeste, Suframa e outros setores. Agora a Funai aguarda a liberação do recursos do Finsocial para realizar os programas de demarcação de terras. (Diário do Grande ABC, 17/11/83).

PM guarda sede da FUNAI contra Xavante

Um pelotão de choque da Polícia Militar, com soldados e cães, e carros policiais cercaram oente a Funai, durante cinco horas. A polícia foi chamada pelo próprio presidente do órgão, temendo o grupo de Xavantes que se encontra em Brasília. "A informação que nós tivemos" — disse o presidente da Funai — "foi a de que Xavantes invadiriam o prédio. Não vamos permitir isso. Nossa preocupação é melhorar a imagem da Funai junto à opinião pública." Os 23 Xavantes que riam protestar contra o decreto que abre as áreas indígenas às empresas mineradoras particulares e também contra o projeto de emancipação apresentado por um deputado de Roraima. (Cidade dos Santos/SP, 18/11/83).

BIRD dá verba para áreas indígenas

Por exigência do Banco Mundial, financiador da Ferrovia Carajás, a Companhia Vale do Rio Doce, executora da obra, comprometeu-se a repassar à Funai US$ 13 milhões, para serem aplicados no período de cinco anos em terras indígenas do Norte de Goiás, Pará e Maranhão, área de influência do Projeto Carajás. Esses recursos são destinados, principalmente, à demarcação das áreas indígenas, a fim de evitar conflitos e atraso das obras. Por força de convênio entre os dois órgãos, a Vale do Rio Doce, destinou à Funai este ano, uma parcela de US$ 2 milhões, que não foi totalmente utilizada e, portanto, devolvida à origem. O convênio para o próximo ano está sendo reestudado, a fim de adequar a capacidade de aplicação desses recursos, pela Funai. A exigência do Banco Mundial de que sejam atendidas as áreas indígenas é decorrência de sua experiência com o Polonoroeste, quando os Nambiquara interromperam, em 1981, a construção da BR-364, Cuiabá-Porto Velho, uma vez que cortava o cemitério da tribo, área considerada "sagrada" pelos índios. A partir desse episódio, o BIRD passou a incluir nas cláusulas de seus contratos com o Brasil itens que prevêem apoio às populações indígenas nas regiões abrangidas pelo projeto. Assessores da Funai disseram que, com os recursos já recebidos da Vale do Rio Doce, foi possível construir escolas, enfermarias, poços e pastagens. Além de dar apoio à Agricultura e à Pecuária de várias tribos do Norte de Goiás, entre as quais as dos índios Krahô, Xerente, Apinayê e Karuajá. (JB, 8/12/83).

Política divisionista da FUNAI provoca assassinato

Porto Alegre — Mais da metade dos 25 assassinatos de índios, neste ano, foi provocada pela própria Funai, por sua omissão e linha política, denunciou o secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário — órgão da CNBB — Antônio Brand. Ele explicou que a Funai adota uma política que divide os índios, gerando tensões nas aldeias e trazendo a morte. Brand também acusou o órgão oficial de "omissão" na resolução dos conflitos por terra. "Ao invés de tentar solucionar os problemas, a Funai tem a clara intenção de dividir os índios. Ela privilegia alguns grupos e despreza outros, tornando o choque entre eles inevitável. Brand justificou esta tese, citando a aldeia de Amambai, no Dourados (Mato Grosso do Sul), onde determinados grupos indígenas praticam agricultura mecanizada, financiada pela Funai, ao lado de outros que plantam culturas de subsistência, de modo ainda rudimentar. “Esta política acentuou os conflitos internos”, diagnosticou. Além de tentar reduzir o espaço vital dos índios — "como aconteceu no sul da Bahia e que ocorreu a morte do cacique Idídio, dos pataxós" — continua e atuando de acordo com a linha política nacional, não fazer como o Estatuto do Índio, aprovado há 10 anos. "Um artigo do estatuto prevê que o governo deveria permanecer de acordo com a linha política do momento. No entanto, até agora nada disso foi feito". (A Tribuna, 31/12/83).

Novo convênio entre FUNAI e SIL

O convênio nº 028/83, celebrado entre a Funai e o SIL, tem como objetivo: manutenção de atividades assistenciais de linguística, educação, saúde e desenvolvimento comunitário, junto aos grupos indígenas discriminados sob a jurisdição das DREs da Funai. O presente convênio vigorará por 2 anos a contar de 21/12/83, podendo ser prorrogado conforme interesse das partes. Assinam o convênio: Otávio Ferreira Lima — Presidente da Funai e Steven Neil Sheldon, Diretor Presidente do SIL. (of. n° 1/84). (Diário Oficial, 9/2/84).
MINERAÇÃO EM ÁREAS INDÍGENAS

Parecer confirma Estatuto do Indio

Em terras indígenas nenhum cidadão ou empresa privada tem direito de pesquisa ou lavra de minério. Somente empresas estatais poderão fazê-lo, assim mesmo se for caracterizada a situação de minerais estratégicos fundamentais à segurança e ao desenvolvimento do país. Essas são as conclusões a que se chegou na Comissão de Minas e Energia que, em fevereiro passado, revisar a aprovação do Ministério do Cesar Caldas. O problema foi decidido em recurso apresentado por uma empresa particular. (O Globo, 4/4/83).

Lavra em reserva será exclusividade de índios

A exploração de minérios nas áreas indígenas passará a ser executada pelos próprios índios, com o apoio da Funai, que iniciou, junto com técnicos do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais - DNPB - um levantamento das áreas onde há minério e das tribos em grau de aculturação mais adiantado capazes de desenvolver este programa. Segundo o assessor da presidência da Funai, coronel Armando Taboada, as duas únicas áreas que não são exploradas diretamente pela Funai, na região habitada pelos índios caipós, no Sul do Pará, em breve também serão supervisionadas pelo órgão. Uma delas é o garimpo de Cumaru, explorado atualmente sob o controle da Caixa Econômica Federal, e uma outra na mesma região, explorada pela empresa Stanum. O assessor disse que, no caso da Stanum, os índios, liderados pelo cacique Pombo, reivindicam a saída da empresa, pois concluíram que terão mais lucro se passarem a explorar o ouro existente. O primeiro projeto desenvolvido pela Funai, com apoio do DNPB, localiza-se na região do rio Içana, na Amazônia, envolvendo as tribos tacano, baníua e curipaco. Nessas áreas, a Funai está implantando um projeto de exploração rudimentar do ouro, com a utilização de batéis, e também montou uma cantina, para evitar que os índios sejam explorados por brancos.

O assessor explicou que a atual administração do órgão quer evitar a entrada das empresas de mineração, apesar das pressões. “Se abrirmos para uma empresa — disse ele —, haverá uma verdadeira corrida para as áreas indígenas, colocando em risco a própria sobrevivência dessas comunidades”. (ESP, 10/05/83).

Divergências entre FUNAI e DNPM

O Governo está estudando uma fórmula para possibilitar a produção de ouro em áreas auriferas das reservas indígenas, mas a Funai e o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) não chegaram ainda a um acordo. Enquanto o primeiro quer que o ouro seja produzido pelos próprios índios, com assistência técnica de geólogos e químicos do Governo, o DNPM quer que as áreas sejam liberadas para algumas empresas de mineração, contratadas, que pagarão royalties aos índios.

Para a Funai, a idéia do DNPM é inaceitável, uma vez que a presença de mineradoras, com empregados e técnicos em áreas de índios, certamente acarretará problemas inúmeros, todos de difícil solução. Além do mais, acredita que isso venha a servir para acelerar processos de decadência de algumas nações indígenas mais primitivas, hoje vulneráveis culturalmente. Os sociólogos da Funai foram todos contra a proposta do DNPM formulada dias atrás. Já o DNPM não acredita que os índios tenham condições de eles mesmos garimpar o ouro, em escala, como conseguem os garimpeiros, tendo em vista exatamente a estrutura cultural e psicológica do índio. O DNPM, segundo informa o chefe da Divisão de Fomento, Manoel Redenção, também é contrário que garimpeiros entrem em áreas indígenas, só admitindo como possível que empresas organizadas façam a garimpagem, mecanizada. Isso é considerado viável.

Segundo a Funai, índios já produzem ouro, na região do rio Içana, no Amazonas, onde vivem as nações Tacano, Baniua e Curipaco. Com base na experiência, bem-sucedida, no entender da Funai, outros índios poderão também produzir ouro. Para o DNPM só há uma solução para aproveitar o ouro dos territórios indígenas: revogar a Portaria Interministerial 006, dos ministérios do Interior e das Minas e Energia, para possibilitar a entrada de empresas minadoras nas áreas indígenas, para produzi-rem ouro.

Enquanto o DNPM e a Funai não entram em acordo, a empresa mineradora Stanum, que estava produzindo ouro na área dos índios Goraí, no Xingu, entre os rios Fresco e Branco, foi chamada a retirar-se, o que está providenciado. Ocorre que com a retirada da empresa os garimpeiros começaram a chegar, sendo imprevisível o que poderá acontecer, uma vez que os índios estão insatisfeitos. Segundo o DNPM, provisória, agora, cabe à Funai, uma vez que a área é da sua jurisdição. (Correio Brasiliense, 20/05/83).

Produção de ouro nas reservas do Pará

O Departamento Nacional de Produção Mineral registrou uma produção de 223 quilos e 841 gramas de ouro em abril nos garimpos das reservas indígenas do Pará e Amapá, assim distribuídos: 110.732 quilos nos garimpos de Cumaru — Tarzan e Maria Bonita, onde trabalharam 4 mil garimpeiros; 101.130 quilos nos de Santarém e 11.979 quilos nos de Macapá. Não há referências ao ouro extraído de Rio Branco. Também o pessoal da Funai que esteve na área não sabe dizer quanto ouro é extraído de lá, mas garante que há diferença entre o que é realmente extraído e o que é declarado.

Garimpeiros no Solimões e Rio Negro

O delegado da Funai em Manaus diz que recebido informações de que garimpeiros estariam invadindo áreas indígenas no Alto Rio Negro e no Alto Solimões. Segundo ele são áreas muito ricas e cobertas por garimpeiros de várias regiões do Brasil. (Jornal do Comércio, 06/09/83).
DNPM promete “royalties” à FUNAI

Técnicos do DNPM, órgão responsável pela política de mineração no País, informaram que a Funai recebeu prazo de seis meses para montar sua estrutura de fiscalização e acompanhamento do trabalho das empresas. Confirmam ainda a intenção de se pagar “royalties” à Fundação, embora o esquema ainda não esteja definido: uma das ideias seria repetir o mesmo procedimento utilizado para as estatais, ou seja, o pagamento de 10 por cento sobre o IUM (Imposto Único sobre Minerais, que varia de mineral para mineral). Fontes do DNPM admitem que as terras indígenas são ricas em minerais e acham que estas riquezas não podem ser desprezadas. (O Globo, 11/12/83).

Empresas mineradoras apresentam pedidos à FUNAI

O presidente da Funai negou que esteja havendo uma corrida de empresas mineradoras ao órgão, em busca de licenças para pesquisa e lavra de minerais em função do decreto presidencial que regulamenta a exploração dessas riquezas em terras indígenas. Segundo ele, desde a assinatura do decreto no último dia 10 de novembro, apenas duas empresas — Stan Shellita e um sindicato de empresas mineradoras — ingressaram com pedido na Funai. No entanto, nenhuma concessão será dada até que a comissão instituída para tratar do assunto elabore a regulamentação do decreto, especialmente o artigo nono. De acordo com este artigo, “A Funai, no âmbito de sua competência, ouvido o DNPM do Ministério das Minas e Energia, expedirá normas internas necessárias ao cumprimento deste decreto”. (Diário Popular, 12/12/83).
INFORMAÇÕES GERAIS: POPULAÇÃO E TERRA


Devido às regras de casamento entre os Tukanos, bem como a diversidade de dialetos Tukanos, e uma política histórica dos missionários de concentrar vários grupos distintos numa aldeia, hoje cada aldeia se compõe de 3 ou 4 grupos distintos, o que torna difícil um quadro geral dos povos por aldeia.


Estima-se que a população atual da região é de 10 a 15 mil índios, distribuídos em pelo menos 150 aldeias, no município de São Gabriel da Cachoeira. Um número desconhecido de indígenas vivem nas cidades e povoados ao longo do Rio Negro, entre São Gabriel da Cachoeira e Manaus. Um levantamento recente, embora parcial, feito pelo antropó-
logo Leonardo Figoli (1981), encontrou 209 índios “Tukanos” e “Baniwas” vivendo em Manaus. Em 1982, foi proposta a criação de um município novo de Iauareté, desmembrado do Município de São Gabriel da Cachoeira. A sede seria em Iauareté Cachoeira (Rio Uaupés). Se for implantado, o novo município vai acabar com todas as tentativas de se criar uma área propriedade indígena, e os índios hoje estão querendo saber mais sobre as repercussões desta proposta com relação às suas terras. Atualmente existem 4 áreas indígenas delimitadas no Alto Rio Negro, porém todas em fase de reestruturado pela Funai: Içana Atari, com 896.000 ha (n.º 1 no mapa); Iauareté, com 990.000 ha (n.º 2); Pari-Cachoeira, com 1.020.000 ha (n.º 3), todas dentro do novo município de Iauareté; e a área Içana/Xíé, com 480.000 ha (n.º 4), no município de S. Gabriel da Cachoeira. Desde 1978, várias propostas foram feitas por índios e antropólogos visando a demarcação de uma área indígena contínua na região. O mapa assinala a proposta encaminhada pela antropóloga Domínique Buchillet — em conformidade com lideranças indígenas locais — à Funai, em dezembro de 1981, com uma área total de 7.650.000 ha. Ainda ficam de fora desta proposta grupos Maku e “Tukano” que vivem no divisor de águas entre as bacias do Alto Rio Negro e do Japurá (área pontilhada no mapa).

Em outubro de 1982, uma comissão do exercício que esteve na área disse aos índios que não adiantava reivindicar demarcação na faixa de 60 km da fronteira, pois se trata de área de segurança nacional. Além da ameaça à demarcação das suas terras feita pela proposta do novo município, existem vários projetos de mineração nas áreas do Rio Tiquié e Içana, incluindo a mobilização de mão-de-obra indígena para exploração de minérios na área.

Aconteceu na imprensa

**MISSIONÁRIOS E ÍNDIROS DO ALTO RIO NEGRO**

A região do Alto Rio Negro está localizada na noroeste do Estado do Amazonas, na fronteira do Brasil com a Colômbia. É uma área banhada pelo rio Uaupés e seus afluentes Papuri e Tiquié. Ali habitam aproximadamente 10.000 índios de distintos grupos, de distintas etnias. Esses grupos têm sido classificados em duas grandes categorias — os Índios do Rio e os Makú — baseados no domínio e exploração que cada grupo faz de uma faixa no meio ambiente comum, isto é, beira rio e floresta. Além disso, elas diferem ainda quanto à língua falada, quanto à qualidade da relação que mantêm entre si e com representantes da sociedade nacional. Os Índios do Rio, a que nos limitaremos, encontram-se representados pelos seguintes grupos: Arapáso, Barasãna, Karapanañ, Kubê, Desâna, Miríi-Tapuía, Pira-Tapuía, Tariána, Tukáno, Tuyúka, Wanânó, Baniwa etc. Comunicam-se entre si em Tukáno, uma espécie de língua franca.

Antes da chegada dos missionários Salesianos à região, esses índios viviam em casas comunais — as malocas — sendo cada maloca a morada de um grupo de descendência patrilinear (isto é, um grupo cuja referência de parentesco é dada pela linha paterna). Mais do que um simples abrigo, as malocas constituíam o próprio centro da vida cerimonial e núcleo alimentador das crenças cosmológicas do grupo. Decorrencia do lento processo de contato que vêm sofrendo desde o século XVIII, os índios foram forçados a abandonar as malocas (queimadas pelos missionários) e vivem hoje em casas padronizadas, à moda do caboclo amazonense.

A diferença de outras situações conhecidas, onde o motor do contato entre os grupos indígenas e a sociedade nacional foram frentes pastoris, agrícolas ou extrativa, temos no Alto Rio Negro a configuração de uma “frente de expansão” especial, na qual o determinante econômico, embora presente, é escamoteado. Podemos dizer que a atuação missionária na área foi semelhante àquela realizada pelos primeiros padres jesuítas no período do Brasil colônia, isto é, o aldeamento ou redução, a catequese e educação. De modo semelhante, a história se reproduziu em pleno século XX comandada por um novo arranjo de forças econômicas e políticas. A chegada dos Salesianos à região ocorre no Estado Novo e por ordem de Getúlio Vargas. Sendo os Salesianos educadores por excelência, desenvolveram uma política educacional, instalando grandes internatos e escolas nos povoados indígenas. Paralelamente à educação e catequese, os missionários criaram armazéns que constituíam os únicos pontos de troca acessíveis aos índios da margem brasileira do rio Uaupés até 1974, época que se deu a reabertura do Posto da FUNAI na área.

Através da educação formal, introduziram a língua, a história e os valores da sociedade nacional no mundo indígena, promovendo, consequentemente, uma mudança de caráter conflitivo não só em relação às condições reais de reprodução da vida dos grupos da área, como também ao nível da representação que fazem de si os agentes da sociedade indígena, posto que três gerações já passaram pelos internatos da Missão. Como fruto da educação formal e da catequese surgiram os catequistas indígenas que, junto às outras categorias engendradas pela ação missionária, compõem um novo quadro político no povoado. Essas categorias criadas re-
presentam de fato a cristalização da relação de dominação na forma específica em que se deu o contato no Alto Rio Negro e que se caracterizou pelo esvaziamento do poder de decisão das lideranças tradicionais, legitimadas pela organização política dos grupos indígenas.

O processo de ocupação do Alto Rio Negro, mais notadamente a ocupação e fixação da Missão Salesiana, impriu um caráter religioso ao contato, possibilitando a emergência de uma forma societária fortemente penetrada de uma ideologia católica. O modelo de atuação dos Salesianos pretendeu homogeneizar as várias etnias da área através do processo de “Tukanização” e pela imposição de uma nova ordem social e espacial regida por essa mesma ideologia católica.

O processo de “Tukanização” constitui a própria essência do contato interético na medida em que gerou a padronização de grupos diferenciados entre si, anulando essas diferenças sob a categoria genérica de Índios do Rio. Dentre as várias transformações ocorridas na região, uma delas foi o rearanjo dos grupos domésticos. Desta forma, em substituição aos grupos domésticos que tradicionalmente ocupavam uma maloca, temos agora uma composição por família elementar habitando uma casa. A cada grupo doméstico foi designado um sobrenome, de modo que a referência para a identificação dos indivíduos passa a ser a desse grupo nominado. Não obstante, dentro dessa nova ordem decorrente da transformação das relações sociais, podemos encontrar ainda uma forma de articulação entre os diversos segmentos sociais que contribui para a manutenção da identidade dos agentes sociais e, por conseguinte, do grupo.

Ao destruir as malocas, a ação missionária pretendeu também destruir as crenças indígenas e substituí-las por uma moral católica. É importante notar que a redução dos grupos de descendência patrilinear a grupos nominados segundo padrões da sociedade brasileira, habitando casas individualizadas, distribuídas e organizadas de acordo com um modelo idealizado pela missão, provocou certas transformações na vida cotidiana da população indígena da área, transformação essa que se reflete não só a nível do comportamento como na maneira de conceberem a si mesmos e ao mundo. Nesse contexto, a figura do catequista adquire relevância, uma vez que, correspondendo à extensão da Missão nos povoados através do seu papel de socializador religioso, realiza a mediação entre o mundo “tribal” e o mundo “civilizado”, afirmando assim a natureza da relação existente entre esses dois mundos.

Para finalizar gostaríamos de ressaltar que embora o contato tenha sido desastreiro para as populações indígenas da área, formas de resistência se desenvolveram. Uma dessas formas pode ser verificada no padrão de organização social dos grupos. Esse padrão tem assegurado a reprodução social através da manutenção de critérios dados não só pelo reconhecimento de sua ancestralidade como também pelos vínculos patrilineares que entre si estabelecem os membros de uma linhagem. (Artigo de Ana Guita de Oliveira, publicado no Jornal do Brasil em 24/09/83).

### GERAIS

**Indios são contra o território**

Os índios do alto Rio Negro, estão contrários à transformação da região em Território Federal, por entender que a medida provocará o exterminio de suas culturas, “com um autêntico genocídio”. A informação foi dada ontem em Manaus pelo tuxaua das nove tribos, Benedito Machado, para quem a medida não visa o desenvolvimento e ocupação da região mas sim a exploração desordenada de suas riquezas naturais, como as jazidas de ouro, diamante e a própria floresta.

Segundo Benedito Machado, os indígenas do rio Negro são contra a criação do Território Federal em suas terras “por não terem sido consultados pelo Governo, que insiste em ditar programmas e ações na região contra os interesses dos índios, os donos da terra”. Machado entende que, a exemplo do que ocorreu com os indígenas de Roaima, Acre e Rondônia, o seu povo não está em condições de ter um contato mais estreito e dinâmico com novas frentes de penetração que se dirigirão para o rio Negro tão logo seja criado o novo Território Federal. A criação do Território do Rio Negro, disse o tuxaua, só trará problemas para os índios, “que serão explorados, porque não haverá lucros para eles com a extração das riquezas naturais. Não haverá lucro nem para nós nem para os brasileiros. Para nós, será um massacre, não o desenvolvimento que o governo apregoara para a região”.

O índio Benedito Machado está em Manaus para conversar com o Governo do Estado, políticos, Funai e autoridades do Comando Militar da Amazônia (CMA) a quem está afeta a segurança da área de fronteira na região, habitada pelas nove tribos — Tukanu, Maku, Dessana, Tuikua, Baracana, Pirirapuaya, Mitirapuaya, Karapanan e Epamakan. Ele denunciou também a falta de apoio do Governo às comunidades indígenas da região. Eles querem transporte para escoar a sua produção agrícola. “O que nós pedimos o Governo nos nega, e o que não queremos ele faz contra a nossa vontade”, disse, citando como exemplo a criação do município de Iauareté, onde habita a maior parte dos 4.800 índios da região. (O Liberal, 05/01/83).

### Representantes preparam visita ao governador

Américo Mananhão e Gabriel dos Santos Gentil, representantes Tukanu, deram entrada de um ofício na Base Aérea de Manaus, através da FUNAI; para conseguir um avião da FAB, a fim de transportar os índios que virão de Paricachoeira para a audiência que marcam com o governador Mestrinho. (A Critica, 10/02/83).

### Reivindicações ao governador

No encontro que terão com o governador, lideranças indígenas do Alto Rio Negro farão 6 reivindicações básicas, tiradas de uma reunião entre capitães da região. Acompanhados do 3º suplente de deputado estadual Osmar Vital, do PMDB, os líderes Miguel Penteado (Tucano), Severiano Martinho (Descana), Pedro Garcia (Tariano), João Batista Cruz (Pirirapuia), Pedro Ferraz (Uanano) e Virgilio Lima Ferreira (Tukana) estiveram ontem na redação do Jornal do Comércio, para anunciar o encontro. Dentre outras reivindicações, os índios querem a implantação do prefeito no recém-criado município de Iauareté, a reativação das escolas rurais locais que estão paralisadas por falta de professores, a doação de material escolar aos estudantes, justa distribuição da merenda escolar, valorização dos produtos de artesanato e extrativismo e um sistema de atendimento de saúde (médico hospitalar, dentária e fornecimento de remédios). Osmar Vital, organizador do encontro e o deputado mais votado no Alto Rio Negro, afirmou que o encontro
das lideranças indígenas com o governador Mestrinho representa o perfeito relacionamento entre o Estado e as comunidades indígenas da região. (Jornal do Comércio, 13/04/83).

**Indio falou aos antropólogos**

O índio Américo Maranhão, da tribo Tukano, do Rio Negro, Estado do Amazonas, realizou pequena palestra para os antropólogos do Museu Emílio Goeldi, quando foram abordados diversos temas, tais como a mitologia Tukano do Rio Negro, a situação de contato de sua tribo com a sociedade nacional e o papel nefasto da Missão Salesiana localizada na área, bem como também o problema de demarcação das terras de sua tribo.

O índio Américo, que regresa do Amapá, onde participou de uma reunião do Conselho Indigenista Missionário, vai entrar em contato com a Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas, com a Universidade do Amazonas, a Funai e CNPq – Museu Goeldi para apresentar o Projeto de Preservação da Cultura Tukano, e pretende pedir apoio dessas instituições para viabilidade desse Projeto. (O Liberal, 21/05/83).

**Cultura apoiada pela SEDUC**

A secretária Freida Bittencourt, da Educação e Cultura, doou um gravador K-7 e dez fitas ao tukano Gabriel dos Santos Gentil, como contribuição à realização do projeto de preservação da cultura tukano: recuperação de lendas, ritmos e cerimônias dos antepassados. Ao realizar a entrega a secretária afirmou ser empenho da Seduc cultivar e preservar a presença do índio do Amazonas, sem a qual não se pode identificar as raízes e, consequentemente formar uma base cultural do Estado. (A Crítica, 22/06/83).

**Mais líderes procuram o governador**

Américo Maranhão, Ovidio Marinho, Eduardo Gentil e Luis Gomes Lana, representando as tribos Tukano, Tuiuca e Dessana, dentre outras localizadas no rio Tiquié, alto rio Negro, estão em Manaus para visitar o governador Mestrinho e expor seus inúmeros problemas.

Eles querem apoio na área de saúde e escola, principalmente, uma vez que a FUNAI sempre os "relegou à própria sorte". (A Crítica, 12/07/83).

**E a demarcação?**

"Não é mais possível esperar tanto. O Governo sempre alega falta de dinheiro e o que é nosso nunca é definido", disse ontem o líder Tukano Gabriel Gentil, de São Gabriel da Cachoeira, quando denunciava a falta de interesse por parte das autoridades em não demarcar as terras dos Índios Tukano. Gabriel Gentil disse que quando o presidente da Funai, o Coronel Paulo Leal confirmara aos Tukano que tinha entregue um projeto sobre demarcação das terras ao Governo, mas este continuou a falta de dinheiro para concretizar tal serviço. (A Crítica, 05/10/83).

**O CASO DA COCA**

**Segundo a PF, Alto Rio Negro é centro de coca**

Com a ajuda de traficantes internacionais, grupos indígenas brasileiros estão transformando a região do Alto Rio Negro num dos principais centros de produção de coca. Tal afirmação consta de um relatório da Polícia Federal, o qual também afirma que os índios já teriam assimilado não só o comércio da coca, como também a preparação da pasta base de cocaína. A PF conseguiu traçar um mapa da região contendo as principais localizações de coca, mas reconhece que somente 10% da produção foi detectada, uma vez que a restante continua em local praticamente impenetrável. (ESP, 13/11/83).

**Indios Tukano contestam o relatório**

Os índios Carlos e Pedro Machado contestaram o relatório da Polícia Federal, em que os índios do Alto Rio Negro são acusados de cultivar, com fins lucrativos, a erva ipadu, matéria-prima para a fabricação da pasta de cocaína.

Carlos e Pedro, que viajaram para Brasil com o plano de rebater oficialmente a acusação, dizem que essa denúncia é "fantasiosa". Pedro diz que "o ipadu é uma erva milenar, só usada em certas ocasiões, como fazem os índios Tukano em alguns rituais." Os dois alegam que notícias como essa prejudicam o conceito da civilização indígena. (ESP, 20/11/83).

**Guerra oficial à coca no Rio Negro**

Alguns governos latino-americanos estão violando acordos internacionais e explorando a cocaína através de empresas estatais para abastecer, sob um disfarce "legal", os mercados norte-americanos, europeus e asiáticos. Esta denúncia deverá chegar às Nações Unidas em fevereiro, segundo informou ontem o presidente do Conselho Federal de Entorpecentes (CONHEN), Arthur Castilho, em, no entanto, fazer referências aos países comprometidos com o "tráfico estatal", mas fontes da PF asseguraram tratar-se da Colômbia, Bolívia e Peru, onde já existem oficialmente a Empresa Nacional de Coca, sob a sigla de NACO.

O assunto predominou na abertura do Encontro Nacional sobre Entorpecentes, que se realizará até amanhã, no Ministério da Justiça onde a delegação brasileira que participou, no mês passado, da V Conferência dos Estados Partes do Acordo Sul-Americano sobre Entorpecentes, apresentou um prêmio relatório ao CONFEN, denunciando o tráfico praticado pelos governos. A preocupação do Brasil, de acordo com Castilho, justifica-se devido ao crescente plantio de coca em regiões de fronteira com esses países e com as dificuldades da Polícia Federal nos trabalhos de repressão. Com a instituição da "produção autorizada", disse ele, toda a política de repressão à droga no Hemisfério Sul fica seriamente comprometida. O Brasil também não aceita a alegação dos "exportadores" de cocaína, segundo a qual atendem as indústrias oftalmológicas e de aromatizantes.

Por outro lado, o Conselho de Segurança Nacional deverá se encarregar de estudar e definir critérios para a repressão aos traficantes no alto Rio Negro (Amazonas), região onde a produção atinge níveis extraordinários, já superando a totalidade do plantio dos três maiores produtores de coca no continente. No Amazonas, segundo declarou o diretor da Divisão de Entorpecentes da PF,
delegado Hugo Póvoa, a questão é delicada por envolver indígenas que não podem ser classificados de traficantes e vendedem a droga — principalmente a colombianos — por falta de mercado de trabalho na região. A própria FUNAI, sabe do problema, mas nada pode fazer, enquanto a selva amazônica — conforme um mapa feito pela PF — é pontilhada de plantações. Numa recente operação, quase 80 mil pés de coca foram erradicados — renderiam, no mercado, cerca de CR$ 500 milhões, — e, segundo estimativas, até o próximo ano o número deverá dobrar, principalmente a partir da utilização do satélite brasileiro que fará um mapa completo das principais plantações. (A Critica, 06/12/83).

**EPADU É TRADICAO CULTURAL**

Tudo não passa de uma mentira, desabafou Gabriel Gentil, do Conselho Tri- bal dos índios Tukano, rebateando as acusações do delegado Hugo Póvoa, da Polícia Federal. "De fato, nós indígenas plantamos a coca, mas não para viciar e ser doídos e traficantes como os brancos. A planta da coca significa a nossa vida. Dela nós recebemos a nossa inteligência e memórias decoradas em nossas tradições culturais". (A Critica, 9/12/83).

**"AMAZONAS ABASTECE O MUNDO"**


**DPF DESTRUI PLANTACOES**

Tefé, AM — Antes do começo, Yepá Bieloe, Avó do Universo, teve de pegar o epado e machucar, para pensar como faria o mundo e as pessoas".


Em 9 dias de operação já foram queimadas, no município de Tefé, 163 mil pés de epado. Armados com metralhadoras H.K. 9 mm, escopetas, revólveres e terçados (facões), Cardoso, seus 12 agentes e o americano Larry Lyons, agente da Divisão de Repressão a Entorpecentes (DEA), do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, iniciaram a operação às 9h do domingo, 18 de dezembro. A bordo de uma lancha Tubarão, doada pelos norte-americanos, motor de 150 HP, 8 metros de comprimento, equipada com metralhadora Browning ponto 30, montada na proa, a equipe navegou 40 minutos, através do lago Tefé, até chegar ao Igarapé-Açu, ponto de partida da Manaus-Tubarão. (Reportagem de Roberto Fernandes, IB, 29/12/83).

**FUNAI TENTA PLANO EDUCATIVO**

A Funai iniciou um amplo plano educativo para motivar os makus e tucanos a trocarem a exploração comercial de coca por outras culturas que também possam ser vendidas no mercado local. Segundo o presidente Otávio F. Lima, a Funai está acompanhando a ação da PF que está tendo dificuldades para agir numa região de difícil acesso. Os índios makus fornecem o epado em forma de pasta para os tucanos que a vendem para os traficantes. (ESP, 11/03/84).

**GARIMPEIROS E EMPRESAS**

**DNPM INICIA EXPLORAÇÃO EN PARI-CACHEIOEIRA**

Em atendimento ao decreto presidencial sobre exploração por empresas particulares da área de Pari-Cacheoeira, no Município de São Gabriel da Cachoeira (AM), geólogos do DNPM-8ª Região, iniciaram no próximo mês de dezembro um levantamento do potencial mineral daquela área indígena. (Diário Comércio & Indústria/SP, 29/11/83).

**DEPUTADO QUER PÔLO MINERAL**

O deputado estadual Cleuter Mendonça (PDS-AM) declarou que está havendo uma grande corrida de garimpeiros para os municípios de Sta. Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira e revindica que o governo federal crie um pôlo mineral na região para ordenar o processo de exploração. (O Comércio, 27/12/83).

**SÓ EMPRESAS**

Segundo o sr. José Belfort, diretor do 8º distrito do DNPM em Manaus, o ouro abundante de S. Gabriel da Cachoeira só poderá ser explorado por empresas de mineração, depois de acordos firmados com a FUNAI. (A Critica, 28/12/83).
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n°/mapa</th>
<th>nº aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/fonte) (*)</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas (**)</th>
<th>área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>INGARIKÓ</td>
<td>1</td>
<td>13</td>
<td>459 (T)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TAUREPANG (1)</td>
<td>2</td>
<td>2</td>
<td>220 (T)</td>
<td>Colônia Agrícola Indígena São Marcos demarcada Dec. nº 73.233 de 30.11.73 (4)</td>
<td>645.110</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>isolados</td>
<td>110</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>em aldeias mistas</td>
<td>30</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>80</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MARUXI (2)</td>
<td>3</td>
<td>AI Ananas</td>
<td>90</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.920 de 16.02.82</td>
<td>1.769</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>AI Aningal</td>
<td>115</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.933 de 17.02.82</td>
<td>7.627</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5</td>
<td>AI Cajueiro</td>
<td>108</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.932 de 17.02.82</td>
<td>4.304</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6</td>
<td>AI Ouro</td>
<td>65</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.931 de 17.02.82</td>
<td>13.572</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>7</td>
<td>AI Sta.Inês</td>
<td>100</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.922 de 16.02.82</td>
<td>29.698</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>AI Sucuba</td>
<td>130</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.921 de 16.02.82</td>
<td>5.983</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>AI Manoã-Pium</td>
<td>230</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.924 de 16.02.82</td>
<td>43.337</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>8l</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>em aldeias mistas</td>
<td>9.636</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>cidades e fazendas</td>
<td>1.433</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>2.000</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>WAPICANA</td>
<td>10</td>
<td>AI Traru</td>
<td>122</td>
<td>delimitada Port. nº 1.224/E de 21.05.82</td>
<td>6.640</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11</td>
<td>AI Anta</td>
<td>102</td>
<td>delimitada Port. nº 1.225/E de 21.05.82</td>
<td>2.550</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>12</td>
<td>AI Serra da Moça</td>
<td>380</td>
<td>delimitada (declarada de ocupação indígena) Dec. nº 89.593 de 30.04.84</td>
<td>12.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>AI Taba Lasca da</td>
<td>170</td>
<td>delimitada Port. nº 1.223/E de 21.05.82</td>
<td>7.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Moça</td>
<td></td>
<td>delimitada Port. nº 1.227/E de 21.05.82</td>
<td>16.150</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>14</td>
<td>AI Malaccheta</td>
<td>280</td>
<td>delimitada Port. nº 1.226/E de 21.05.82</td>
<td>6.324</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15</td>
<td>AI Canoanim</td>
<td>230</td>
<td>delimitada Port. nº 1.222/E de 19.05.82</td>
<td>18.830</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>16</td>
<td>AI Barata/ Livramento</td>
<td>367</td>
<td>delimitada Port. nº 1.275/E de 21.06.82</td>
<td>3.810</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>17</td>
<td>AI Pium/ Uraricoera</td>
<td>158</td>
<td>delimitada proposta Final/8l</td>
<td>107.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>18</td>
<td>AI Jacamin</td>
<td>205</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>n°/mapa</td>
<td>n° aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte) (*).</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas (**)</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>-----------</td>
<td>---------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>-----------------------------</td>
<td>-----------------------------------------------------</td>
<td>-----------</td>
</tr>
<tr>
<td>AI Moscou (Rec.Saudade)</td>
<td>19</td>
<td>130</td>
<td>delimitada Proposta Funai/81</td>
<td></td>
<td>13.750</td>
</tr>
<tr>
<td>AI Jaboti</td>
<td>20</td>
<td>76</td>
<td>delimitada Proposta Funai/81</td>
<td></td>
<td>8.000</td>
</tr>
<tr>
<td>8 (3)</td>
<td></td>
<td>665</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>em aldeias mistas</td>
<td></td>
<td>695</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>cidades e fazendas</td>
<td></td>
<td>700</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAKUXI/WAPI XANA (aldeias mistas)</td>
<td>21</td>
<td>AI Boqueirão M 282 W 131</td>
<td>delimitada Port. nº 1228/E da 21.05.82</td>
<td></td>
<td>13.950</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Mangueira M 350 W 83</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td></td>
<td>4.063</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Ponta da Serra M 92 W 73</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td></td>
<td>15.600</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Araçã/Amaiari M 112 W 110</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td></td>
<td>50.018</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Bom Jesus 31 (M e W)</td>
<td>delimitada Dec. 89.594 de 30.04.84</td>
<td></td>
<td>1.200</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>3</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>M 544 W 245</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAKUXI/ WAPIXANA/ TAUREPANG (aldeia mista)</td>
<td>1</td>
<td>75 (M e W) T 80</td>
<td>?</td>
<td></td>
<td>?</td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) levantamento realizado em 1983 por Armodio (coordenador), Pira, Miranda, Winters, Cardoso, Secchi, Dal Ben, membros da Equipe de Pastoral Indigenista da Diocese de Roraima.

(**) o movimento de tuxaus da região reivindica uma demarcação extensa e contínua que englobe todas as malocas atuais.

(1) 8.000 na Venezuela (Vilda:78) e 100 na Guiana (Butt:65)
(2) 6.000 na Guiana (Pe. Connors:82)
(3) algumas dessas aldeias estão localizadas nos municípios de Bonfin e Alto Alegre. Todas as demais aldeias do quadro estão localizadas no Município de Boa Vista.
(4) A área da Colônia Indígena Agrícola de S.Marcos, totalmente invadida por fazendas, abarca a quase totalidade das malocas Wapixana, Makuxi e Taurepang, que aparecem no quadro como "sem providência".
RESISTÊNCIA NO LAVRADO

Os tuxua Makuxi e Wapixana se organizam e lutam pela demarcação de suas terras ameaçadas por fazendeiros e empresas de mineração, no surto de desenvolvimentismo regional que alimenta os interesses de políticos locais para transformar Roraima em Estado.

Vicente Pira*


O tuxua Jaci, da maloca makuxi de Maturucu, defende vigorosamente este posicionamento perante as dúvidas de alguns tuxua:

"Nós estamos desuniados, não podemos aceitar terra por uma maloca só. Terra é problema de todos. Lá na minha região tem mais de 40 malocas e todas têm mais de 30, 100, 300 e mais moradores. Onde vão morar? Os nossos filhos onde irão?

Não acho que estamos pedindo área grande, somos muitos e muitos estão chegando. Tem só em Boa Vista mais de 8,000 índios que estão passando fome e querem voltar para o interior. Por isso é bom ficar todos unidos, pedir todos a mesma coisa, falar unidos, uma voz só.

Não não vamos mudar a nossa proposta. O delegado da FUNAI puxa para diminuir a terra mas eu não vou atrás do papo dele. Posso morrer mas não vou abrir mão. Em Maturucu já estamos apertados, todos cercados. Se não segurarmos a nossa área amanhã vamos brigar entre nós por causa de terra. Hoje estamos brugando com fazendeiro, amanhã vai ser índio contra índio.

É bom fazer força e demarcar o que nós queremos. A demarcação está demorando porque estamos desunitos. Uns pedem só para 10 malocas, outros só para 3... Assim não dá certo. — É terra demais para você? disse o delegado. Mas ele não vê que tem fazendeiro que tem 15 fazendas e nós que somos muitos não temos direito?" (Assembleia geral dos tuxua em Surumu, jan. 1984).

Esse posicionamento foi aceito por todos os tuxua que decidiram também organizar os trabalhos, construir reitros para a criação de animais, plantar roças comunitárias e aumentar os projetos de criação de gado. Todos comprometeram-se em não deixar entrar novos invasores e ocupar as terras que tradicionalmente são das malocas.

Decisões dos tuxua em Surumu

O posicionamento dos índios em relação à terra é categórico:

"Queremos uma área única, sem fazendas nem garimpeiros no meio.

(*) agente de pastoral leigo da Diocese de Roraima, conviviu com as comunidades indígenas do lavrado entre 1977 e 1983.
A FUNAI local em cima do muro

O delegado da FUNAI quer que os tuxuãs peçam áreas pequenas, alegando que será impossível a demarcação de uma área única como pedem os tuxuãs. O mesmo delegado da 10ª Delegacia Regional, Ubiratã Tupinambá da Costa, afirmou o seguinte numa entrevista a um jornal local:

"De um lado temos a versão do fazendeiro que diz ter instalado sua fazenda e os índios se ajustado na volta e de outro, os índios que dizem já estarem ali há mais tempo e que o branco foi chegando devagar, conquistando e tomando conta" (Folha de Boa Vista, 6-01-84).

O delegado não sabe qual das duas versões é verdadeira e prefere ficar numa neutralidade omissa, esperando que a solução venha do alto.

Políticos locais querem a emancipação

Os políticos locais lutam para a transformação de Roraima em estado e vêem no índio, e até na FUNAI, empecilhos para a realização deste projeto. Três deputados (Alcides Lima, Mozarildo Cavalcanti e João Fagundes) fazem parte da Comissão Parlamentar do Índio, em Brasília.

João Fagundes apresentou um novo projeto de Estatuto do Índio que visa "promover a emancipação do índio que, atualmente, é um eterno tutelado". Para ele, "Índio de calça Lee, rádio de pilha, camiseta do Flamengo e relógio japonês no pulso não é mais índio, é um brasileiro como outros à procura de um mercado de trabalho. Com o projeto do João, muita malandragem de índio vai acabar, acabando também a boa vida daqueles que usam o índio como escudo para esconder os seus verdadeiros propósitos" (O Roraima, 27.11.1983).

Isto não o impede de criticar aqueles que fizeram uma escolha:

"Em determinados locais os padres vão abrindo os horizontes do índio; ele começa a enxergar as coisas a sua volta. Isso é bom, entretanto, passa a não se satisfazer mais com a maloca, desejando toda a região. O que preocupa é que os atritos que se sucedem fazem com que o índio que nunca pensou antes em violência, passe a encará-la como forma de resolver seus problemas" (idem).

Parece que o delegado está saudoso dos tempos quando os brancos abusavam impunemente dos índios e estes não reagiam. Não está preocupado com as violências que continuamente os fazendeiros fazem, mas com as possíveis reações dos índios que estão encarando "a violência como forma de resolver os seus problemas".

Para o delegado Ubiratã, "o índio não deve ser eternamente submisso à situação, contudo não pode chegar ao extremo. Se tivéssemos xavantes aqui, a reação seria muito diferente, porém os Wapixanas e Macuxis são mais calmos". (idem).

Fazendeiros, polícia militar, vereadores e políticos locais acusam os agentes de pastoral da Diocese de estar provocando uma revolta entre os índios. É significativo o artigo publicado no jornal "O Roraima" no qual o vereador do PMDB, Amazonas Brasil, acusa "alguns inescrupulosos" de estar promovendo a guerra, incentivando os índios contra os fazendeiros, acabando assim com uma secular "convivência pacífica e harmoniosa... compram seu ouro, dissemam a discórdia e semeiam o ódio racista". Depois de pedir a emancipação dos índios, o vereador acusa a FUNAI de pretender imensas áreas através das quais "promove o segregacionamento, isola o índio e escorça o fazendeiro. Chega de tutela" (O Roraima, 24.08.1983).

Igreja apóia reivindicações dos índios

Do outro lado, a Igreja católica apóia os pedidos dos índios e afirma que existe "o propósito de atemorizar o índio, de tratá-lo como criminoso, rebaixá-lo quando ele outra coisa não pede que a demarcação das terras, uma vida organizada conforme sua cultura, sem paternalismos
corruptores e interesses. Os índios querem ser escutados em suas pretensões e aspirações e querem participar nas decisões que lhes dizem respeito". Nesse documento, o bispo D. Aldo Mogiano concluiu: "A atuação da Diocese não é para promover revolta como irresponsavelmente afirmam algumas pessoas interessadas em criar tensões, nem visa inúteis vinganças, mas só a promoção da dignidade humana que os índios vão adquirindo pelo conhecimento de seus direitos" (30.09.1983).

**Conselhos comunitários**

E os mesmos índios estão se organizando para resolver os seus problemas. Os Conselhos das Comunidades são órgãos ativos que conseguiram neste ano de 83 unir mais todas as malocas e resolver juntos os problemas. Os tuxuaus encarregados visitam permanentemente as várias comunidades incentivando e favorecendo a organização do trabalho e da vida social das malocas. Todos os problemas ou os atritos que surgirem com os brancos são resolvidos por estes Conselhos que se encarregam de denunciar os abusos à FUNAI e, quando necessário, reunir todas as comunidades para fazer força contra os invasores.

**Projetos econômicos, comércios comunitários, criação de gado, organização dos trabalhos comunitários, atuação dos Conselhos, estão favorecendo a ruptura de uma dependência secular e fortalecendo a organização política destes povos.**

---

**Aconteceu na imprensa**

**GERAL**

**Makuxi e Wapixana consolidam unidade**

Os índios Makuxi e Wapixana, que habitam entre os rios Cotingo, Matu, Quinó, Tacatu, Surumu, Parimé e Uaráricoera, no Território de Roraima estão se organizando. Os tuxuaus realizam reuniões periódicas em todas as malocas. Conselhos comunitários foram criados nas comunidades para que os problemas possam ser resolvidos em conjunto.

Todas as terras dos Makuxi são ocupadas pelo gado dos fazendeiros, que destrói suas roças, cria confusões e atritos. A Funai sempre promete demarcar as terras, mas nunca faz o que promete e, enquanto isso, os fazendeiros vêm ocupando áreas cada vez mais extensas, fazendo casas, currais, cercados e aumentando o gado.

Na região da maloca de Maturuca — próxima ao rio Mauí — também havia problema de invasão de gado, mas os índios não a aceitaram passivamente: destruíram um cercado que o fazendeiro Barroso, da fazenda Tipiti, havia mandado construir na área indígena. As reações dos fazendeiros não tardaram. O fazendeiro Batista, por exemplo, queimou casas de alguns Makuxi que moram na região do Xiriqui.

Na maloca do Mudumbim, o vaqueiro conhecido por Coivara, que trabalha na fazenda Fortaleza, queimou uma casa dos índios, tentando assim expulsá-los da região.

Denúncias de violências já fazem parte da rotina em toda a área. Há o caso de um índio, chamado Robi, que trabalhou para o fazendeiro Reinaldo e não recebeu nada. Como Robi foi comprar um comércio na conta do fazendeiro, para essa forma receber a dívida, Reinaldo torturou o menino, prendendo-o um cavalo que corria, e ainda atirou quando ele tentou fugir. O caso foi levado à Funai, mas, conforme denúncia do tuxuau Francisco Sabino de Souza, "tudo acabou em nada". (Porantim, maio/83)

**MAKUXI**

**FUNAI acusada de traição**

Os índios macuxi, estão denunciando que foram barraram traidos pela 10ª Delegacia Regional da Funai, com sede em Boa Vista, quando usando arbitrariedades forçou os índios Eduardo Francisco e Francisco de Souza a assinarem um documento onde o fazendeiro João Alves dos Reis tem praticamente assegurada a sua posse sobre uma vasta área de terra. Eles dizem que, com esse documento em vigor, os índios estão proibidos de construir casas ou cultivar roças.

Os denunciantes dizem que a preparação de um documento surgiu para dar solução a uma questão de terras com o fazendeiro João Alves dos Reis, que nem uma vez, segundo os índios, reivindicava direitos sobre uma área habitada pelos índios, mas que a partir de um certo tempo vinha criando gado no seu interior.

O direito de posse surgiu quando uma casa da aldeia Mudumbim, foi incendiada e os índios acusaram o fazendeiro João Alves de ter sido o mandante do ato, usando um de seus vaqueiros. Os índios macuxi dizem que apesar de não ter assumido, claramente, a responsabilidade pelo ocorrido, João Alves se comprometeu, a pagar a quantia de 120 mil cruzeiros como indenização pelos danos do incêndio. Mas quando o acerto foi tratado na Delegacia da Funai, o referido fazendeiro disse que só pagaria a morador da casa incendiada saísse do local onde morava. Este gesto do fazendeiro, estranhamente acatado pela Funai, fez com que o advogado da Fundação, Dr. Raimundo Nonato de Souza Braid Filho, aconselhasse os índios para aceitarem o pagamento de acordo com as condições impostas pelo fazendeiro. Os índios Eduardo Francisco e Francisco de Souza, contaram que durante o acordo, o tuxuaú da aldeia maturuca, Jaci, que se encontrava presente, alertou seus companheiros para ato arbitrário que estava ocorrendo, e terminaram por não aceitar a proposta, para não ter que deixar suas terras. No entanto, o advogado Raimundo Nonato de Souza Braid Filho, insistindo e coagindo os índios, os convenceu a assinar um documento onde eles se comprometem a não construir casas e nem cultivar roças na área que o fazendeiro reclama como sua, dando direito de construção e lavra apenas ao índio Eduardo Francisco, e que tal situação deverá permanecer até que a Funai se defina com relação a existência de área indígena dentro da apossada fazenda de nome Fortaleza. Além disto, alegam os índios, Eduardo Francisco compromete-se não prejudicar o gado do fazendeiro e a cercar sua própria roça para evitar que o gado tenha acesso a ela e, caso haja invasão de
gado, o índio fica obrigado a apenas notificar o fato ao fazendeiro. (A Crítica, 7/4/83)

"Nossa paciência já está acabando"

Tuxuaus e capatazes das aldeias Makuxi situadas na região do Alto Cotingo e Maú, norte de Roraima, escreveram uma carta ao coronel Moreira Leal, denunciando 32 fazendeiros invasores de áreas indígenas, que contam com a cobertura da delegacia da Funai no Território. 

Eis, na íntegra, a carta, que é datada de 22 de abril:

"Ilmo. Sr. Presidente da Funai.

"Nós tuxuaus da região do Alto Cotingo e Maú abaixo-assinado, estamos reunidos na aldeia de Maturuca para tratar os problemas das nossas comunidades.

"E agora vamos dizer o que foi falado para o senhor tomar logo a providência, as nossas comunidades estão sofrendo muito, porque o branco, o fazendeiro quer só para ele, diz que a terra é dele, empata caça e pesca. Ele também nos chama de presunçosos e ladros, mas quando nós queremos fazer criação de porcos, carreiros e gado, o fazendeiro queima o retiro, isto é, a casa do vaqueiro, e derruba o curral como a policia e os fazendeiros Zélio Mota e Wilson Bezerra fizeram na Maloca de Camaráram. Na Maloca do Mudumbim os índios fizeram uma case e o fazendeiro Barroso quis fazer o cercado mas não deixamos, na Maloca do Willimon o gado entraram na roça comem quem que tinha lá dentro, feijão, milho e maniava tiveram muito prejuízo e estão passando fome por causa do gado. Por isso mesmo que comecemos matar o gado, os porcos e tudo que entra nas nossas roças porque está demais, a nossa paciência já está acabando, fomos na Funai não resolvermos nada, nos faz perder tempo indo daqui e voltando.

"Nós só a Funai mais outros órgãos competentes como Governo, exército, polícia federal e polícia militar já vinham aqui dizendo a mesma coisa onde é que vamos botar esses fazendeiros, estão apoiando cada vez mais os fazendeiros, que o fazendeiro mandou isso está tendo mais força por isso, mas o fazendeiro já tem que sobreviver. E nós ainda não temos porque eles que nos tomam tudo, então, pedimos que saia logo a demarcação porque já começamos matar e comer o gado que estão dando prejuízo nas nossas roças, como nossos terrenos."

"Nós não temos nada por causa desses gados. Estamos sofrendo muito, os brancos estão queimando as nossas casas e derrubando o curral com isso os brancos estão nos ensinando entrando com a violência está acabando a nossa paciência. Se não chegar logo a demarcação se os fazendeiros entrar com a violência nós também vamos entrar com o nosso e o advogado está falando para nós não fazer casa; retiro, está apoiando os fazendeiros enquanto chega a turma da Funai ele fala só para os índios, mas não diz nada para o fazendeiro respeitar o direito do índio."

"O delegado que está aqui, está muito fraco na hora do problema queremos um delegado que nos ajude. Foi embora o Delegado Dinarte e tudo fraqueou e o fazendeiro cada vez mais está nos maltratando. Agora acontece em vez de nós dar parte dos fazendeiros na delegacia eles faz a sujeira depois vão dá parte e nós são chamados pelo delegado."

"Estamos achando que o órgão da Funai está apoiando os fazendeiros dizendo onde é que vai ficar o gado dos fazendeiros, mas também o delegado não está reconhecendo que tem fazendeiro com 10 fazendas como Jair Ndandainzinho Barroso e muitos outros e a comunidade indígena onde tem 30, 40 e 50 países de família. Não deixam fazer criação, até rouba o nosso gado, ferrando os nossos bezerrinhos e garrotes.

"Pedimos para todas as comunidades que representamos mais de 3.500 pessoas e para as outras comunidades das serras e do lavrado, uma área só, já nos enganaram muitas vezes dizendo primeiro que ia ser feito a demarcação em 1978 e depois prometeram, prometeram sem fazer nada, agora a nossa paciência já está acabando."

"Aqui está a relação dos fazendeiros que estão nos maltratando: Barroso, Jair, Ndandainzinho, Quizir, Wilson, Síci, Afonso, Artur, Francisco, Pedro José, Taitaira, Rogério, Ugo, Sebastião, José Calango, Tarçózio, Jesus Lago, Levir, Raído, Vitalina, Vitor Mota, Humberto, Rodrigues, Dr. Benedito, Manuel Rufino, Espedito, João Cural, Chico Barros, Castro, Camacho, José Maria, João Sampaio.

"Aguardamos atos de atenção e uma solução para nossos problemas dentro do mais curto prazo possível!"

"Aqui terminamos, gratos pela atenção da causa indígena de Roraima."

(Seguem as assinaturas do tuxaua Jaci José de Souza, de Maturuca, e outros 21 tuxuaus e capatazes).

Exigida demarcação

Um grupo de índios macuxi, da aldeia Cumanã, da região Surumum, em Roraima, está em Manaus para reivindicar demarcação de terras. Terêncio Luís Silva, coordenador do Conselho Indígena de Roraima, disse que o abandono e que estão relegadas, pelas autoridades da área indígena, "chega a causar revolta a meus irmãos". (A Notícia, 9/7/83)

PM invade área indígena

Em Brasília o CIOMI denunciou que 30 soldados da PM invadiram a área indígena de Maloca Macuxi de Lilas e prenderam 15 índios, sob a acusação de estarem preparando um levante. Segundo o CIOMI, as prisões "fazem parte de um plano que fazendeiros e autoridades locais estão desenvolvendo para impedir que os índios consigam quebrar a dependência humilhante na qual se encontram desde a chegada dos brancos".

A Funai, por sua vez, desmentiu que os índios tenham sido presos, mas admitiu que o fazendeiro Jair Alves dos Reis, realmente, pediu o apoio da PM, argumentando que os índios estavam cercando um olho d'água e uma várzea, para plantar mandioca, prejudicando a sua criação de gado. Segundo a FUNAI, o fazendeiro não tem razão nesse caso, pois os índios não estavam invadindo a fazenda de sua propriedade. 

Segundo o CIOMI, até agora nenhuma providência foi tomada para apurar a violência contra os macuxis. (ESP, 31/8/83)

WAPIXANA

Denunciadas prisões ilegais

O Tuchaua Alcides Teixeira (Wapichana), enviou carta à reunião da União Nacional do Índio, denunciando o motivo por que não se fez presente na reunião. Ele foi preso, juntamente com seus familiares no dia 25 de junho e só foi libertado dia 5 de julho. Segundo a carta, no dia 18 de junho, os índios Wapichanas, de maloca da Barata, foram vítimas de um atentado por dois homens não identificados. "Os dois homens chegaram na casa do índio Rosarilda e mandaram que a mesma desocupasse, porque a maloca ia ser derrubada pelo Sr. Epitácio Andrade de Lucena", conta Alcides, acrescentando que esse foi o motivo da revolta indígena que provocou as prisões. (A Crítica, 11/7/83)
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n° ald.</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>WAIWAI(1)</td>
<td>1</td>
<td>172 (MEVA:83)</td>
<td>Boa Vista (RR)</td>
<td>AI Waiwai, delimitada Port. n° 1.441/E de 05.10.82</td>
<td>330.000</td>
</tr>
<tr>
<td>WAIMIRI-</td>
<td>7</td>
<td>350 (aprox.)</td>
<td>N. Airão, Itapiranga, Pres. Figueira</td>
<td>interditada temporariamente Dec. n° 86.630 de 23.11.81</td>
<td>1.850.000</td>
</tr>
<tr>
<td>ATROARI</td>
<td>74</td>
<td>8.000 (T) (*)</td>
<td>S. Gabriel da Cachoeira, Sta. Isabel do R. Negro, Barcelos (AM), Caracaraí, Alto Alg Core, Boa Vista (RR)</td>
<td>Área Yanomami, interditada pela Port. n° QM/025 de 09.03.82</td>
<td>7.700.000</td>
</tr>
<tr>
<td>YANOMAMI(2)</td>
<td>4</td>
<td>47 (RR)</td>
<td>Boa Vista (RR)</td>
<td>AI Ajuricaba delimitada Port. n° 512/N de 07.07.78</td>
<td>34.400</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>44 (RR)</td>
<td>Caracaraí (RR)</td>
<td>AI Pacu delimitada Port. n° 505/N de 29.05.78</td>
<td>46.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>142 (RR)</td>
<td>Caracaraí (RR)</td>
<td>AI Catrimani delimitada Port. n° 505/N de 29.05.78</td>
<td>61.050</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>40 (AM)</td>
<td>Barcelos (AM)</td>
<td>AI Ajuricaba delimitada Port. n° 505/N de 29.05.78</td>
<td>17.700</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>120 (AM)</td>
<td>Barcelos (AM)</td>
<td>AI Gurupira delimitada Port. n° 505/N de 29.05.78</td>
<td>14.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>? (AM)</td>
<td>Barcelos (AM)</td>
<td>AI Matapi delimitada Port. n° 505/N de 29.05.78</td>
<td>32.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>57 (AM)</td>
<td>Sta. Isabel do R. Negro (AM)</td>
<td>AI Açu, delimitada Proposta Funai/82</td>
<td>223.400</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>40 (PM)</td>
<td>S. Gabriel da Cachoeira (PM)</td>
<td>AI Iã, incluída no Parque Nacional Pico da Neblina, Delimitada Proposta Funai/</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>35 (RR)</td>
<td>Caracaraí (RR)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>20 (RR)</td>
<td>Boa Vista (RR)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) Este total aproximado inclui os Yanomami arredios (aproximadamente 2.000) e só foi possível pela compilação de recensamentos feitos por várias entidades (MEVA, MNTB, Missão Salesiana, Diocese de Roraima e CCPY) entre 1981 e 1983.

(1) 80 na Guiana (MEVA:83); ver também na Área Amapá/Norte do Pará.
(2) 8.500, aproximadamente, na Venezuela (CCPY:82).
MINERADORAS AMEAÇAM OS YANOMAMI

Projeto de lei do deputado Mozarlido Cavalcanti quer abrir o coração do território Yanomami à garimpagem de cassiterita.

Cláudia Andujar*

O território Yanomami, rico em minérios como ouro, cassiterita, estanho, titânio, encontra-se ameaçado pelo Dec. 88.983 de 10.11.83 que normatiza a pesquisa mineral em terras indígenas: as terras Yanomami encontram-se no iminente perigo de serem abertas a grupos econômicos para mineração. O decreto aumenta o peso administrativo sobre a FUNAI, que não tem a mínima capacidade de controlar as consequências da mineração numa área como a dos Yanomami.

Enquanto isso, se intensificam as invasões de garimpeiros. Em 1981, foi aberto o primeiro garimpo de ouro, no Furo de Santa Rosa, ao nordeste do território Yanomami. Em 1983 as invasões aumentaram nessa e em outras partes do território indígena, apesar da interdição de uma área contínua de 7.700.000 ha, em 1982.

No Congresso Nacional, tramita o projeto de lei n° 1.179, de autoria do deputado Mozarlido Cavalcanti (PDS-RR) e apoiado pelo governador do Território; requerendo a abertura da área de Surucucus para garimagem de cassiterita. Surucucus localiza-se dentro da área interditada em 1982 e é o local de maior concentração Yanomami, com muitas aldeias ainda totalmente isoladas. Nessa mesma área, concomitantemente ao projeto do deputado Cavalcanti, a CODESAIMA entrou com um requerimento à FUNAI, para a liberação de uma área para execução de pesquisa e lavra mecanizada de cassiterita. Ainda na área de Surucucus—rio Parima, a Mineração Araguaia Ltda., subsidiária da CVRD, fez outro requerimento, para pesquisa de titânio, minério considerado estratégico e de interesse ao desenvolvimento nacional.

Na área nordeste do Território Yanomami, ao longo da bacia do rio Uraricoera (RR), o IBDF pretende transformar uma grande parte da antiga Reserva Florestal do Parima, incluída na área interditada em 82, em Floresta Nacional de Recursos. A área solicitada pelo IBDF é de 2.506.000 ha, ou seja, mais de um quarto da área indígena interditada. A solicitação, apresentada em novembro, ainda aguarda pronunciamento da FUNAI. Na Venezuela, a Companhia de Mineração Producciones Mava S.A. também solicitou ao Ministério de Minas e Energia daquele país a concessão de 5.000 ha de terras Yanomami para exploração de cassiterita a fim de “contribuir à integração dos Yanomami na sociedade nacional venezuelana”.

Somando os fatos, tendo em vista os projetos de desenvolvimento e os interesses políticos existentes em Roraima, o cerco vem se fechando sobre os Yanomami. A criação do “Parque Indígena Yanomami” continua sendo a solução para garantir as terras e assegurar a sobrevivência deste povo.

Projeto de saúde

Em abril—julho de 83, a CCPY e a entidade francesa Medecins du Monde (MDM) executaram na área um projeto piloto médico-preventivo, realizando levantamentos e atendimento em 12 áreas Yanomami. O projeto contou com a participação de 6 médicos, 1 dentista e 2 assessores da CCPY. Por ocasião deste projeto, foi executado um programa de vacinações, com apoio da FAB, nas áreas Aracá, Boa Nova, Couto de Magalhães, Erika e Surucucus; foram administradas vacinas BCG, VAS, DPT e Sabin, num total de 1.683 doses.

Tanto as consultas como a vacinação executadas nesse projeto atingiram menos de 10% da população Yanomami do Brasil. Em fevereiro de 1984, CCPY/MDM/AIM (Aesculapious International Medicine) assinaram um convênio de dois anos com a FUNAI para dar continuidade a este trabalho.

(*) fotógrafa e coordenadora da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY).
A coordenadora da CCPY, Cláudia Andujar, denunciou ontem ao presidente da Funai que quatro mil garimpeiros ocupam ilegalmente essa área indígena, em Roraima. Ela pediu a delimitação administrativa da área que já foi interditada por decreto. O Presidente da Funai, por sua vez, informou que a Funai rejeitou o pedido de exploração do garimpo Santa Rosa, situado no local invadido, junto ao rio Ururicaí. Segundo ele, a desativação desse garimpo foi determinada pelo Ministério das Minas e Energia, que retirou da área os técnicos do DNPM e excluiu o Santa Rosa do projeto de estudo de garimpos brasileiros. Claudia condenou também a atitude do presidente da Companhia de Desenvolvimento de Roraima, do deputado João Batista Fagundes, do PDS, que estão reivindicando junto à Funai, a liberação do garimpo na serra Surucucu, onde se localizam várias aldeias Yanomami. (ESP; 29/3/83)

Garimpeiros voltam a área indígena

Novamente a área indígena Yanomami, no Alto Rio Negro (AM), foi invadida por garimpeiros e a PF foi convocada para retirar os invasores. Para tanto, esteve ontem na Superintendência daquele órgão o delegado regional da Funai. Os garimpeiros estão invadindo a área indígena através do Município de São Gabriel da Cachoeira, não atendendo às orientações da Funai, que na semana passada retirou 17 invasores. Os garimpeiros estariam sendo incitados por um político e, presumivelmente, pelo atual prefeito de São Gabriel da Cachoeira. Essa denúncia deverá ser devidamente apurada pelos agentes da PF. (Folha da Tarde/SP, 27/4/83)

Caminhada em defesa dos Yanomami

Em defesa dos índios yanomamis, o alemão Ruediger Nehberg fez uma marcha de vinte dias, a pé, através dos Alpes, da cidade alemã de Garmisch-Partenkirchen até Roma. E, hoje, será recebido pelo papa João Paulo II, a quem entregará um documento, assinado por políticos, professores e escritores alemães, pedindo ao Vaticano que interceda junto ao governo brasileiro, em benefício dos Yanomami.

Exonerado Governador de RR

A exoneração do governador de Roraima, brigadeiro Otmar de Souza Pinto, foi solicitada ontem ao presidente da República pelo ministro do Interior, Mário Andradezza. Seu substituto poderá ser o brigadeiro Vicente de Morais, comandante do VI Comar. Oficialmente, Otmar sai pelo fato de comple-
Logo que voltou para a Alemanha, Ruediger entrou em contato com a “Associação para defesa dos povos ameaçados”, com a qual redigiu a petição que hoje entrega ao papa. Ela foi assinada, entre outros, por Willy Brandt e pelos escritores Gunter Grass e Carl Amery. A petição refere-se à presença dos brancos:
— Os ianomamis são um dos últimos povos indígenas que conseguiram viver até há poucos anos em independência na floresta tropical brasileira. A descoberta de jazidas minerais e a construção de uma estrada, porém, fizeram penetrar nesse território, a partir de 1973, centenas de garimpeiros, colonos e geólogos de grandes empresas de mineração. Isso significa para os ianomamis, sobretudo, doença, morte e perda da identidade cultural.
O texto fala também da portaria de março de 1982, que prevê a criação de uma reserva. Mas que “ainda não foi posta em prática”. (JT, 26/04/83)

Papa apóia criação do Parque

O pasteleiro alemão Rudiger Nehberg entregou ontem ao papa um pedido em favor dos índios Yanomami ameaçados de extinção pela exploração econômica das terras que habitam. O papa prometeu ajudar a obter a criação de uma reserva para abrigar os indígenas. (FSP, 28/05/83).

CNBB volta a defender criação do Parque

Ao ser informado sobre a promessa do papa de interceder pelos índios Yanomami, o secretário-geral da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, afirmou que “sem o respeito aos limites de suas terras, os Yanomami ficam gravemente ameaçados de extinção devido à ganância econômica dos que buscam penetrar nas suas terras”. D. Luciano lembrou, ainda, que por ocasião da campanha em favor da criação do Parque Yanomami, “a CNBB teve oportunidade de insistir na necessidade da demarcação de suas terras e do respeito aos limites da reserva”. D. Luciano integrou a comissão que em junho de 1979 encaminhou ao Ministro Mário Andreazza, do Inte, a proposta de criação de um parque indígena para os Yanomami, com território contínuo. (Folha da Tarde, 6/5/83).

Deputado quer abrir garimpo na área indígena

O deputado Mozarildo Cavalcanti (PDS-RR) apresentou projeto à Câmara dos Deputados autorizando o Poder Executivo a providenciar a abertura do garimpo de cassiterita na área indígena de Surucucu, interditada pelo presidente da República e destinada aos índios Yanomami. Na argumentação de seu projeto de lei, o deputado defende o monopólio da CODESAMA na exploração do garimpo, afirmando ainda que os 20% de lucro obtido na exploração do garimpo serão destinados à FUNAI. De acordo com a Lei 6.001, 10% das rendas de exploração de minérios em área indígena se destinam à comunidade. (FSP, 28/05/83).

Governo não atende ao apelo da ONU

Na reunião sobre “As Sociedades Indígenas e o Direito” realizada em final de setembro, em Florianópolis foram apresentadas algumas moções, dentre elas, uma específica sobre a situação dos Yanomami. Os participantes da reunião ratificaram todos os termos da solicitação de criação do Parque Yanomami, enviada ao Governo brasileiro, no dia 16 de fevereiro de 1983, pela ONU. A moção sobre os Yanomami, aprovada em Florianópolis, esclarece por que é necessário delimitar, demarcar e criar um parque protegido de área contínua para garantir que esses 8.000 índios tenham sua existência assegurada. Pede, ainda, que seja estabelecido um plano de saúde permanente, incluindo a imunização do grupo, e que continuem sendo reconhecidas as áreas indígenas yanomami que estão fora do perímetro interditado em 1982 e que haviam sido delimitadas em 1977 e 1978. A moção reivindica também que a CCPY seja consultada quando a Funai ou outros órgãos oficiais forem tomar qualquer decisão que envolva o destino dos Yanomami, e que seja fechado imediatamente o garimpo Santa Rosa, que está funcionando dentro da área interditada.

No dia em que a moção sobre os Yanomami foi lida e aprovada na reunião de Florianópolis, a CCPY denunciou que, até aquele momento, o Governo brasileiro não havia dado nenhuma resposta ao documento da ONU. (Pernambuco, novembro/83).

Luta com garimpeiros mata índios

— Cinco índios moxiatetes, subgrupo da nação Iamomami, foram mortos há um mês em Roraima, durante um conflito com garimpeiros. Cerca de 15 dias depois, por vingança, vários índios da mesma tribo assassinararam o garimpeiro Duca, irmão de Raimundo Nonato da Silva, um dos proprietários de uma mina de cassiterita na região. A informação foi prestada ontem pelo Cimi ao denunciar o convênio a ser assinado entre a Funai e a Codesaíma (Companhia de Desenvolvimento de Roraima), para extração de cassiterita em terras indígenas, na Serra de Surucucu, onde vivem cerca de 4 mil índios sem contato com a sociedade. Segundo o Cimi, a primeira mina requerida encontra-se no Igarapé Águas Claras, habitado por 400 índios tebexinaiopteris.

Para o Conselho Indigenista, a corrida ao ouro e a outros minérios pode ser desastrosa para a população Iamomami, especialmente na serra de Surucucu, onde já houve surto de coqueluche e sarrau entre os índios, em consequência dos contatos desordenados com o branco. (JB, 13/12/83)
NOTÍCIA SOBRE OS WAIMIRI-ATROARI

350 índios são estreitamente vigilados por 59 funcionários da Funai.

Segundo informações enviadas pelo antropólogo Stephen Baines(*) ao Acervo, em carta de 14 de março de 84, a população Waimiri-Atroari atual conta cerca de 350 indivíduos e estava assim distribuída em julho de 83 quando ele observou a contagem: 108 indígenas na área de influência do PI Camanaú (incluindo as Frentes Avançadas de Maré, no rio Camanaú e a de Carinuá, no curso baixo do rio de mesmo nome); aproximadamente 66, numa aldeia localizada na beira do rio Alalau, um pouco acima da confluência com o rio Javaperi, a 600 metros da sede do PI Alalau Primeiro; aproximadamente 32 indivíduos na Frente Avançada Tapupuna e 61 na Frente Avançada Taquari, ambas na área de influência do PI Abonari; e, finalmente, cerca de 33 nas proximidades do PI Terraplanagem Yawaré, na beira da BR-174, e 38 na Frente Avançada Xeri, a 5 kms do PI Jundiá.


Nos aldeamentos atuais, os índios juntam-se aos braços da Funai no trabalho em granjas roças. Todo o trabalho é organizado e dirigido pelos funcionários da Funai (eram 59 em julho de 83), mobilizando os índios através dos “capitães” escolhidos por eles entre os jovens. O próprio “capitão geral” da área, chamado “Viana”, também foi nomeado pela Funai por ter sido um morador pioneiro do Posto em 1978.

Durante o ano de 83 a Funai local incentivou rapazes solteiros, entre 13 e 18 anos, a residir e trabalhar junto aos funcionários da BASE, na ponte sobre o Alalau.

Outras publicações especializadas informam sobre o avanço de grandes empresas na exploração mineral da região: a CMP e a Paranapanema têm programas de lavra experimental de ouro em fase de montagem no Amapá (Brasil Mineral I/2, dez.-jan. 84). O projeto RADAM e a CPRM realizaram pesquisas sob a jurisdição administrativa do GEBAM, nos rios Maracá e na serra do Iratapuru, no limite sul da área Waiãpi (JB, 22.08.83).

O 6º BEC tem um destacamento perto dos limites da área indígena, em Abonari, trabalhando na manutenção da BR-174, que corta a área, e no atendimento médico aos índios.

A Mineração Taboca (Paranapanema) construiu uma escola em Terraplanagem, está financiando outras obras dentro da reserva e dando atendimento médico e dentário, dentro de um convênio estabelecido com a Funai.

Além da BR-174 e da futura inundação com as águas da hidroelétrica de Balbina (que vai alagar pelo menos a áreas de Taquari e o velho posto de Abonari), o território Waimiri-Atroari está no interesse de várias companhias mineradoras.

Em 23 de novembro de 81, um decreto presidencial (nº 86.630) desfez a Reserva Indígena, revogando os decretos anteriores, e classificou uma área já reduzida como “interditada temporariamente para fins de atração e pacificação” após o que a Funai promoverá uma nova demarcação administrativa. A área retirada por este decreto é justamente aquela que está sendo explorada pela Mineração Taboca. Além disso, grandes extensões dentro da área atualmente “interditada” são de interesse de mineradoras de cassiterita.

(*) Antropólogo, há dois anos e três meses pesquisando na área Waimiri-Atroari, está preparando tese de doutoramento na UNB.
WAIMIRI-ATROARI

CDA promove seminário

No período de 7 a 11 de fevereiro será realizado em Manaus um seminário com o objetivo de discutir a situação dos índios Waimiri-Atroari e as alternativas energéticas para a Região Amazônica. O seminário terá a participação de representantes de diversos órgãos, como INPA, FUNAI, Eletronorte, IBDF, 6ª BEC e, inclusive, da empresa de mineração Paranapanema; que atua na região do rio Negro.

Esta é, pelo menos, a ideia central que norteia o seminário, cujos promotores, as entidades preservacionistas que atuam no Amazonas — um total de 24 delas — vão convidar aqueles órgãos a credenciarem representantes para responderem as questões sem respostas na política indigenista e energética da Amazônia.

Ontem de manhã, reunidos, os líderes das entidades concluíram que talvez nem todos os órgãos a serem convidados participem efetivamente no seminário, "mas pelo menos, poderemos chamá-los de omissos em questões de tal relevância, sem que se ofendam", ironizaram os preservacionistas.

Um dos representantes das entidades, comentou que o INPA hoje é apenas um grande funcionário da Eletronorte, para quem vem desenvolvendo trabalhos que se limitam à catalogação do que existe na região, sem se preocupar com a consequência dos trabalhos feitos.

Foi discutida também, em rápidas pin-celadas, a questão das Anavilhanas e a possível vinda do secretário nacional do Meio-Ambiente, Paulo Nogueira Neto para o seminário e para a reativação do Projeto Jaraqui, cujo retorno às atividades foi também discutido ontem. A reunião de ontem teve também por objetivo o lançamento oficial do Comitê de Defesa da Amazônia, composto por todas as entidades preocupadas com a ecologia. (A Crítica, 08/01/83)

Denunciada mineradora na área indígena

O assessor do Cimi, padre Egydio Schwade, e o sertanista Porfírio Carvalho denunciaram que a Funai autorizou a empresa Acaraú Indústria e Mineração a explorar cassiterita na área...
interditada para os índios Waimiri-Aatroi, em Roraima. Mas o presidente da Funai desmentiu a informação, afirmando que o órgão “não autorizou nem autorizará qualquer tipo de exploração mineral na área dos Waimiri-Aatroi”, grupo que ainda permanece em contato esporádico com a civilização. Os dois indigenistas informaram que a área indígena interditada já foi cortada por uma estrada de 38 quilômetros, que passa pelas principais reservas de cassiterita da região, ligando o acampamento da mineradora à rodovia Manaus-Caraça. Porfírio, que apresentou relatório à Funai sobre a situação na área, disse que os índios estão perdendo suas terras com a extinção da reserva Waimiri-Aatroi, em 1981, por decreto presidencial, com a invasão da área por empresas de mineração e também pela construção da barragem de Balbina, que inundará parte do território indígena. Segundo o sertanista, a Funai autorizou a exploração de minério sob a alegação de que esta atividade é estratégica ao desenvolvimento econômico do País. (ESP, 15/3/83)

FUNAI impede que mineradora invada reserva

O presidente da Funai apresentou ontem à imprensa, o documento que encaminhou ao DNPM negando autorização à mineradora Acarái, subsidiária da Vale do Rio Doce, para a pesquisa de minério na área dos índios Waimiri-Aatroi, em Roraima. A presença da mineradora na área indígena foi denunciada, esta semana, pelo assessor do Cimi, padre Egydio Schwade, e pelo sertanista Porfírio Carvalho. No ofício encaminhado ao DNPM em 28 de setembro de 1982, o presidente da Funai afirma que os índios se encontram num estágio cultural que não recommanda a presença de uma mineradora na região. Confirrou, no entanto, no caso da reserva Waimiri-Aatroi, ter autorizado a construção de uma estrada ligando a rodovia BR-174 à mina de cassiterita explorada pela Paranapanema próxima à reserva. (ESP, 17/3/83)

Egydio Schwade confirma invasão

O assessor do Cimi, Egydio Schwade, afirmou que o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, foi “desleal” quando desmentiu a presença de companhias de mineração na área dos índios Waimiri-Aatroi, em Roraima. O missio-

nário disse que visitou a área nos últimos dias e verificou que uma subsidiária do grupo de mineração Paranapanema está construindo uma estrada que penetra mais de 30 quilômetros a reserva indígena. (ESP, 7/4/83)

Prelazia lança campanha

A prelazia de Itacoatiara (AM) está lançando esta semana uma campanha internacional em defesa dos Waimiri-Aatroi. Com distribuição de folhetos e cartazes, a campanha denuncia as “presões e violências cometidas contra esses povos cujas terras estão agora sendo exploradas pela empresa de mineração Paranapanema”. Essa campanha destina-se principalmente combater os “três principais inimigos dos povos Waimiri-Aatroi: hidrelétrica de Balbina, colonização e mineração”, além de denunciar a construção da BR-174 (Manaus-Carararii-RR). Sobre a estrada, o documento da campanha afirma que no trabalho de construção foram utilizados “tratores, avões, rifles, metralhadoras, granadas e dinamite, além de várias tácticas e embustes montados pela Funai para tentar destruir esses povos e integrar os sobreviventes na sociedade nacional". (ESP, 24/4/83)

Faltam verbas para Balbina

As obras da hidrelétrica de Balbina, que têm por finalidade substituir a queima diária de mais de cinco mil barris de petróleo na geração de energia elétrica, para abastecimento de Manaus, estão suspensas, segundo os técnicos do setor energético, por falta de recursos. Ousiveiro, um dos técnicos do setor energético, disse que a falta de recursos, disseram, é política e visa atingir diretamente o governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho. Os mesmos técnicos informaram que a Seplan está querendo cortar os investimentos previstos para Balbina este ano, apesar dos esforços da Eletronorte e do próprio ministro das Minas e Energia, César Calás, para que as obras sejam tocadas mesmo em ritmo mais lento.

Os custos globais da hidrelétrica, estão previstos US$ 750 milhões, dos quais, segundo os técnicos, já foram investidos 30% e as obras ainda estão em fase de fundação. A capacidade geradora da usina é de 250 megawatts, devendo custar cada megawatt US$ 3 milhões.

A hidrelétrica mais cara em termos de custo de megawatt, por causa de sua localização e da existência de queda d’água na região. Mesmo assim, todos os técnicos do setor energético consideram que Balbina deve ser uma obra prioritária, tendo em vista que em 1985 já representaria uma economia de divisas para o país, em compra de petróleo, da ordem de US$ 728 milhões.

A entrada em operação de Balbina, contudo, está prevista apenas para 1986 e, assim mesmo, considerando que as suas obras serão tocadas normalmente este ano. Embora a Eletronorte e a Eletrobrás não confirmem oficialmente, técnicos do setor energético já falam na entrada em funcionamento de Balbina em 1989. A Eletronorte chegou a anunciar, no início do ano, que Balbina seria uma de suas obras prioritárias, não tendo, porém, revelado o valor dos investimentos nas obras deste ano. (ESP, 05/06/83)

Regional do CIMI/Norte I, realizada em Borba, em janeiro deste ano. Para articular o movimento foi escolhida por Dom Jorge Marckskelk, Bispo de Itacoatiara, com o aval da Assembleia, uma equipe composta das seguintes pessoas: Ezequias Heringer, Ana Lange, Ema-

nuelle Amôdio, Doroti A. Muller e Egydio Schwade. (A Crítica, 13/06/83)
Sertanista indiciado

O sertanista Porfírio Carvalho, assessor do deputado Mário Juruna (PDT-RJ), está sendo indiciado em Inquérito Policial Militar por ter divulgado um documento sigiloso do Exército. O documento traz a assinatura do general Gentil Nogueira Paes, ex-comandante do 2º Grupo de Engenharia e Construção, sediado em Manaus. A abertura do Inquérito, segundo o sertanista, parti Biography do próprio ministro do Exército, para apurar as responsabilidades sobre a divulgação do documento endereçado ao 4º Batalhão de Engenharia e Construção, responsável pela construção da estrada BR-174, que liga Manaus a Caracarai (RR). Porfírio em seu depoimento afirmou desconhecer o caráter sigiloso do documento que lhe foi entregue pelo sertanista Gilber. Pinto, morto durante um ataque dos Waimiri-Atrorai, em dezembro de 74. O sertanista lembrou ainda que o ofício foi divulgado no 4º Tribunal Bertrand Russel, em 1980. O documento traz instruções de comportamento para os soldados responsáveis pela construção da estrada que cortou a reserva indígena dos Waimiri-Atrorai: "esse comando, caso haja visitas dos índios, realize pequenas demonstrações de força, mostrando aos mesmos o efeito de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite". (FSP, 13/8/83)

Iniciada campanha de vacinação

Encerrou no último dia 2, a primeira etapa da campanha de vacinação contra a poliomielite (paralisia infantil), difteria, tétano e coqueluche na reserva dos índios Waimiri-Atrorai, sob a jurisdição da delegacia regional da Funai, com sede em Manaus. A informação foi prestada ontem pelo coordenador da campanha, médico Carlos Alberto Ferreira, da 15ª Divisão de Serviços de Equipe Volante de Saúde, responsável pela vacinação das crianças indígenas. O médico declarou que foram vacinadas quase 200 crianças, sendo que o Exército através de seu serviço de saúde vacinou uma outra parte da população em idade de ser imunizada contra a poliomielite. A imunização da difteria, tétano e coqueluche foi feita através da vacina tríplice. O médico Carlos Ferreira fez questão de frisar que a campanha foi coroada de êxito, embora sua equipe tenha estibrado em algumas dificuldades apresentadas pela própria condição peculiar daquela região. (O Comércio, 06/09/83)
AMAPÁ/NORTE DO PARÁ
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n° mapa</th>
<th>n° aldeias</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PALIKIR (1)</td>
<td>1</td>
<td>6</td>
<td>561 (C. Cecó:82)</td>
<td>Ciapóque</td>
<td>Reserva do Uaçá, demarcada em 1979</td>
<td>434.659</td>
</tr>
<tr>
<td>GALIBI DO UACÁ</td>
<td>2</td>
<td>2</td>
<td>860 (F. dos Santos:82)</td>
<td>Ciapóque</td>
<td>idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KARIPUNA</td>
<td>3</td>
<td>5</td>
<td>672 (Funai:82)</td>
<td>Ciapóque</td>
<td>idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KARIPUNA E GALIBI DO JUNINÁ</td>
<td>4</td>
<td>2</td>
<td>61 (Gallois:82)</td>
<td>Ciapóque</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>GALIBI DO CIAPÓQUE (2)</td>
<td>5</td>
<td>1</td>
<td>37 (Funai:82)</td>
<td>Ciapóque</td>
<td>demarcação homologada dec. n° 87.845 de 22.11.82</td>
<td>6.689</td>
</tr>
<tr>
<td>WAIPI (3)</td>
<td>6</td>
<td>6</td>
<td>291 (T)</td>
<td>Macapá/</td>
<td>3 áreas interditadas dec. n° 74.172 de 10.06.74 (AI Amapari, proposta área contínua por Gallois:83)</td>
<td>161.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>250 (Gallois:83)</td>
<td>Macapá/</td>
<td>(AI Amapari, proposta área contínua por Gallois:83)</td>
<td>(334.000)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>11 (Gallois:83)</td>
<td>Marajó</td>
<td>verificar Wayana-Aparai, PIT, abaixo</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>40 (Oliveira:83)</td>
<td>Almeirim</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>WAYANA-APARAI(4)</td>
<td>7</td>
<td>18</td>
<td>233 (Schoepf:83)</td>
<td>Almeirim</td>
<td>Parque Indígena do Tumucumaque (PIT) delimitado pelos decs. n°s 62.998 de 16.07.68 e 63.369 de 08.10.68</td>
<td>3.000.870</td>
</tr>
<tr>
<td>APARAI DO JARI</td>
<td>8</td>
<td>1</td>
<td>10 (van Velchem:81)</td>
<td>Almeirim</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TIRIYÓ(5)</td>
<td>9</td>
<td>7</td>
<td>329 (Gallois:81)</td>
<td>Óbidos</td>
<td>PIT, idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>WAIWAI (*) (6)</td>
<td>10</td>
<td>1</td>
<td>750 (MICER:82)</td>
<td>Orixinimá</td>
<td>Área Nhamundá-Mapuera, delimitada proposta Raçam/Funai:81</td>
<td>1.000.000</td>
</tr>
<tr>
<td>HIXKARYANA</td>
<td>11</td>
<td>1</td>
<td>308 (Almeida:81)</td>
<td>Faro</td>
<td>idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KAKUYANA</td>
<td>12</td>
<td>2</td>
<td>134 (T)</td>
<td>Óbidos</td>
<td>PIT, idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>110 (Gallois:81)</td>
<td>Óbidos</td>
<td>AI Nhamundá-Mapuera, idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>1</td>
<td>24 (Almeida:81)</td>
<td>Faro</td>
<td>AI Nhamundá-Mapuera, idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ARREDIOS (+)</td>
<td>14</td>
<td>?</td>
<td>3 malocas (Baines:82)</td>
<td>Urucurá/</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Caracará</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ARREDIOS (+++)</td>
<td>15</td>
<td>?</td>
<td>?</td>
<td>Óbidos/ Orixinimá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
(*) Nessa área vivem também Índios Mawayana, Xereu, Katuena e Karawawana.

(**) Nessa área vivem também Índios Xereu, Tiriê e Waíwai.

(+) Trata-se provavelmente de Índios Karawawana, procurados por uma expedição da Funai e por Índios Waíwai da aldeia Mapuera entre 1980 e 1982.

(++ Segundo informações dos Índios Karawawana do PIT, que participaram de uma expedição de reconhecimento no médio Cumimá em 1969, trata-se de remanescentes do povo Ingarume e Ewaróyana. Em 1976 a Funai projetou um PIA denominado Cumimapanema, que nunca foi atingido.

1. 470 Palikur na Guiana Francesa (Grenand: 80)
2. 2.000 Gallibi na Guiana Francesa (Grenand: 82)
3. 412 Waiapí na Guiana Francesa (Grenand: 82)
4. 510 Wayana na Guiana Francesa (Grenand: 80) e 150 no Suriname (Kloos: 72)
5. 376 Tiriê no Suriname (Rivière: 64)
6. 80 Waíwai na Guiana (MEVA: 83). Ver tb na Área RR-1
TERRITÓRIOS SEM DEMARCAÇÃO COBIÇADOS POR MINERADORAS

O Governo federal antecipa-se e tenta controlar a ocupação da “fronteira norte”, mas não demarca as áreas indígenas na mira das mineradoras.

Dominique Gallois*

A situação dos povos indígenas no Amapá e norte do Pará não recebeu cobertura na imprensa nacional em 83. Entretanto, notícias de 1983 indicam as intenções do Governo Federal nesta Área. Os setores militares preocupam-se com a defesa da fronteira norte (FSP, 03.02.1983 e 18.04.1983) ao mesmo tempo em que o GEBAM, criado para controlar a ocupação da região com relação a problemas agrários, passou a controlar também as atividades ligadas à pesquisa mineral, nessa Área de enormes potencialidades (ESP, 18.03.1983).

Avanço missionário

Outro destaque, de caráter geral, que foi possível deduzir das informações dispersas sobre a situação dos povos indígenas na Área em 1983, é a íntima com a qual a FUNAI continua atuando na Área, e sua omissão total em muitas aldeias. Em algumas áreas, onde a FUNAI não está presente, a assistência desde muitos anos está a cargo de missões religiosas. Confirma-se esta tendência em 1983. Atestando falta de verbas, a FUNAI transferiu mais responsabilidades a missionários do SIL e MNTB, cujas organizações aumentaram ou abriram novas bases entre os povos indígenas da Área.

Mobilização indígena no Oiapoque

Na área do Oiapoque, os GALIBI, KARIPUNA e PÂL-KUR vem se mobilizando há vários anos para defender seus territórios e fazer respeitar os acordos passados com o Governo do Território e com a FUNAI. Esses povos tiveram algumas de suas reivindicações atendidas no decorrer de 1983. Em janeiro, a Fazenda Suraimon, propriedade da Colônia Militar de Clevelândia foi oficialmente desativada e entregue à jurisdição da FUNAI. Nessa fazenda, situada dentro da reserva do Uacá, na área de ocupação dos Galibi, os índios serão beneficiados com projetos pecuários (Diário Popular, 06.01.1983).


(*) antropóloga, realiza pesquisas entre os Waiãpi desde 1977 e está preparando tese de doutoramento na USP. Estuda na área recentemente, em outubro de 83. Atualmente faz parte da equipe de levantamento de CEDI e foi coordenadora do vol. 3, Amapá/Norte do Pará.
Por outro lado, os índios foram atendidos no seu pedido de reforço para os postos de vigilância ao longo da BR-156, onde só existia o posto km 70. O posto km 105 recebeu este ano infra-estrutura mínima e será em breve ocupado por um grupo de Galibi liderados pelo Capitão Macional. Há tempo os índios aguardavam este apoio na estrada, através do qual podem fiscalizar as invasões na Reserva. Em 1983 houve um aumento da entrada de garimpeiros procedentes do rio Cassiporé, onde a atividade de mineração cresceu muito e se expande para o lado do território indígena. Durante uma assembleia indígena regional, no início de 1984, os índios Galibi, Palikur e Karipuna discutiram a questão do Igarapé Juminú, onde vivem Galibi e Karipuna em conflito com uma fazenda de gado. Na presença do superintendente da FUNAI, Lamartine Ribeiro de Oliveira, propuseram a criação de uma reserva do Juminú. Nessa ocasião, o superintendente prometeu o envio de uma equipe da FUNAI para estudar a delimitação da área, até junho próximo.

Na área de educação, as reivindicações dos índios foram parcialmente atendidas, com a liberação de 14 professores para a área, 7 pela FUNAI e 7 voluntários do CIMI, cobrindo assim todas as aldeias, inclusive Juminú, Tawari e Flecha onde não havia escolas com funcionamento regular. Na aldeia Kumarumã foi aberto o curso de 5ª série. Também foram contratados vários atendentes, a maior parte índios que atuavam há vários anos na área de saúde. (Nello Ruffaldi — Cimi Norte II, ip).

O território Waiápi ainda sem demarcação

Na área WAIAPI, as invasões denunciadas nos anos anteriores prosseguiram ao longo de 1983. Em novembro, os índios constataram, mais uma vez, que garimpeiros haviam destruído plantações de pupunha e eliminado muita caça na região do alto igarapé Agua Preta, um dos limites da área. Aos garimpeiros foi dado um prazo de um mês para se retirar. Os mesmos estragos haviam sido constatados no alto rio Aroã (Karawowo) onde há em média 80 garimpeiros trabalhando, intermitentemente. Ao norte da área Waiápi, a Mineração Monte Negro L.I. continua suas atividades. O processo de reintegração de posse movido pela FUNAI contra a empresa continua arquivado na Justiça, por “falta de definição da área indígena”. A bacia do rio Inipuku, no entanto, é parte integrante da área pleiteada pelos Waiápi, conforme a proposta da demarcação da reserva (registrada no vol. 3 da série POLOS INDÍGENAS NO BRASIL, Cedi, como proposta Galbio/1983), entregue à FUNAI, onde está atualmente “em estudo”.

Conforme previsão da 2ª DR no início de 1984, uma equipe será deslocada em breve para completar os levantamentos necessários à delimitação da reserva.

Além das constantes invasões de suas terras, os Waiápi tiveram, em 1983, outros motivos de insatisfação, ligado a constante troca da chefia do PIA nos primeiros meses do ano, a falta de remédios, de meios de comunicação dentro e

Para suprir os escassos recursos e meios de assistência, a FUNAI autorizou a volta de missionários do SIL e a instalação de uma nova base da MNTB entre os Waiápi. O SIL atende assim as aldeias de Capoeira e Taitetta e a MNTB a aldeia Ytu-Açu. Na aldeia Mariry, que continua totalmente isolada, morreram duas crianças por falta de atendimento (Gallois, ip).

Falta de assistência e isolamento

A falta de assistência nas aldeias afastadas da sede do PI continua afetando também os índios WAYANA-APARAI do Parque Indígena do Tumucumaque. Ali também morreram 3 pessoas por falta de tratamento.

Não se tem sinal da demarcação do PIT nem da interdição da área realmente ocupada pelos Wayana-Aparai, que se estende além dos limites atuais do Parque.

Aconteceu na imprensa

### ASSEMBLÉIA DE KUMARUMÁ

Assembleia Indígena de Kumanumá: e reivindicações denúncias

Representantes dos povos Galibi, Karipuna, Palikur (AP), Krahô (GO), Bakairi, Carajá, Paresi, Erikbaktsa (MT), Tembé, Parakanã, Munduruku (PA), Tukano, Ticuna e Miranha (AM) estiveram reunidos na Assembleia Indígena de Kumanumá durante os dias 30 de abril a 2 de maio. Ao final das discussões redigiram uma carta endereçada ao Presidente da FUNAI, Paulo Leal. Na carta, uma série de reivindicações dizem respeito à área de Oiapoque onde vivem os Galibi, Karipuna e Palikur. Abaixo, a íntegra destas denúncias:

"Esta Assembleia denuncia os seguintes fatos:

- As atitudes perpetradas pelo responsável do encruzo dos Rios Curípi e Uaçá, pois o mesmo vem vendendo para fora produtos de caça e pesca que são importantes bases alimentares aos indígenas que moram nesta área;
- Após os estudos dos diversos problemas, fazemos as seguintes exigências: Que se defina e se leva ao conhecimento das comunidades indígenas o resultado da questão da fazenda de búfalos que pertencia à FAB, pois temos a informação de que foi anexada à área indígena;
- Que os funcionários da Funai trabalhem em conjunto com os índios, desenvolvendo um trabalho de acordo com as necessidades das comunidades;
- Que na falta de atendentes e professores de fora a Funai contrate indígenas que estão em condições de assumir tais cargos;
- Que seja construída uma Casa do Índio na cidade de Oiapoque, para atendimento dos que vão lá em tratamento de saúde ou a serviço das comunidades;
- Que sejam fornecidos, às atendências de saúde, medicamentos em quantidades suficientes para atender às necessidades, pois existem locais em que faltam materiais para curativos e outros de uso constante;
- Que se dê condições suficientes ao Chefe do Posto Indígena Manga, para que ele possa dar a devida assistência às comunidades sob sua jurisdição;"

No mesmo documento, os índios denunciam a situação de várias áreas indígenas, exigindo sua demarcação. Na mesma ocasião, repudiam o decreto-lei nº 88.118 de 23.02.1983 que "prejudica frontalmente os nossos interesses pois nos impede de participar de decisões que dizem respeito às nossas terras"

O documento, datado de 02.05.83, foi assinado pelos representantes que participaram da Assembleia. (Porantim, Junho/Julho 83).
<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>n° aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/fontes)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portarias/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TICUNA (1)</td>
<td>10</td>
<td>16.915 (T)</td>
<td>Tabatinga/S.P de Olivença</td>
<td>AI Ticuna, margem esquerda do R. Solimões delimitada, processo Funai: BSB/0993/82</td>
<td>592.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>1.400</td>
<td>Santo Antônio do Içã</td>
<td>AI Betânia, margem esquerda do R. Içã delimitada, processo Funai: BSB/0993/82</td>
<td>137.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>50</td>
<td>Tonantins</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>280</td>
<td>Ponte Boa</td>
<td>AI Auti-Paranã delimitada, processo Funai: BSB/0554/81</td>
<td>102.187</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>120</td>
<td>B. Constante</td>
<td>AI Bon Intento delimitada, processo Funai: BSB/0993/82</td>
<td>3.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>1.380</td>
<td>B. Constante</td>
<td>AI Lauro Sodré delimitada, processo Funai: BSB/0993/82</td>
<td>49.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>280</td>
<td>B. Constante</td>
<td>AI São Leopoldo delimitada, processo Funai BSB/0993/82</td>
<td>93.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>1.560</td>
<td>S. Paulo de Olivença</td>
<td>na margem direita do R. Solimões delimitada (memorial descritivo s/nº e s/d)</td>
<td>250.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5</td>
<td>1.310</td>
<td>S. Paulo de Olivença</td>
<td>AI Vui-uata-in delimitada (memorial descritivo s/nº e s/d)</td>
<td>112.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6</td>
<td>80</td>
<td>Jutaí</td>
<td>AI Estrela da Paz delimitada, processo Funai: BSB/554/81</td>
<td>22.887</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>7</td>
<td>400</td>
<td>Jutaí</td>
<td>AI Macarrão delimitada, processo Funai: BSB/554/81</td>
<td>25.312</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>250</td>
<td>Jutaí</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>370</td>
<td>Beruri</td>
<td>O capitão da aldeia Sumu tem documento de Funai garantindo a propriedade da área; na aldeia Comaleo, alguns índios têm títulos individuais</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>185</td>
<td>Marãá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>165</td>
<td>Maraã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MIIRINHA (2)</td>
<td>13</td>
<td>457 (T)</td>
<td>Uarini</td>
<td>AI Lago Uarini delimitada pela Funai em 30.09.82</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>280 (Barbosa:82)</td>
<td>Uarini</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11</td>
<td>77 (Barbosa:82)</td>
<td>Alvarães</td>
<td>demarcada pelo SPI em 1929</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1</td>
<td>100 (aprox.)</td>
<td>Marãá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>(Cindio Mayoruna: 79)</td>
<td></td>
<td>Marãá</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>CAMBELA</td>
<td>14</td>
<td>59 (Barbosa:82)</td>
<td>Alvarães</td>
<td>AI Lago Jaquiri delimitada pela Funai em 30.09.82</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAJORUNIA</td>
<td>12</td>
<td>199 (Barbosa:82)</td>
<td>Alvarães</td>
<td>AI Boca do Jaquiri delimitada pela Funai em 30.09.82</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>OIARIVI (3)</td>
<td>3</td>
<td>65 (Prel.Tefé:83)</td>
<td>Maraã/Japarã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>nº aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>--------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>-----------------------------------------------</td>
<td>----------</td>
</tr>
<tr>
<td>COCAU</td>
<td>5</td>
<td>176 (Prel. Tefê:83)</td>
<td>Jutaí</td>
<td>AI Nova Esperança(?) delimitada pela FUNAI em 1982</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAÇU (4)</td>
<td>3</td>
<td>70 (Ir.J.Antonio:81)</td>
<td>Japurá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ARREIOS</td>
<td>7</td>
<td>7</td>
<td>Japurá/ Jendiutuba</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>


(1) 5.000 no Peru e 2.000 na Colômbia (Baldinger:81).
(2) 200 na Colômbia (81).
(3) ver também nas Áreas Javari e Jutaí/Juruá/Purus.
(4) ver também na Área Noroeste Amazônico.
NOTÍCIAS DO MAGÚTA

No Alto Solimões, os Ticuna se movimentam e enviavam representantes a Manaus e Brasília para cobrar da FUNAI as demarcações prometidas.

João Pacheco de Oliveira F.*
Jussara Gruber
Silvio Cavuscens
Vera Paoliello

Durante o ano de 1983 a situação das terras Ticuna continuou sem qualquer definição mais exata. Em função disso foi realizada em janeiro, na aldeia de Betânia, uma reunião de capitanias Ticuna, elevando um capitão-geral, Pedro Inácio Pinheiro, para tratar dos assuntos referentes à terra junto à FUNAI, e um segundo-capitão, João Lourenço Cruz, para auxiliar no cumprimento dessas atividades. Foram escolhidos mais sete capitanias — Aureliano (Urquía), Adelino (Feijóal), Olavo (Lago Grande), Oswaldo (representando o capitão Cezário, de Boa Esperança), Flávio (Bom Caminho), Ernesto (Bom Intento), Leonlito (São Leopoldo) — que nessa ocasião acompanharam o capitão-geral, o segundo e o líder Paulo Mendes.

O objetivo era obrar da FUNAI a assinatura das portarias de criação de sete áreas indígenas (vide mapa e quadro) propostas por uma equipe do órgão que visitou a região em janeiro/fevereiro de 1982, bem como solicitar que, devido à atuação do INCRA local, fosse acelerado o início dos trabalhos de demarcação. O delegado da 1ª D.R., tentou dificultar a viagem da comissão, fornecendo passagens apenas para 4 líderes e tentando convencer os demais a retornarem ao alto Solimões. Já em Brasília foi bastante difícil marcar entrevista com o então presidente da FUNAI, sendo para isso decisivo o apoio do deputado Mário Juruna, que conseguiu obter uma audiência com o Cel. Leal e, em outra ocasião, acompanhou os líderes Ticuna até a FUNAI. Nesse encontro, o Cel. Leal afirmou que a FUNAI não dispunha de recursos para realizar a demarcação das 7 áreas selecionadas (cujo custo foi estimado em 261 milhões) e que não poderia assinar as portarias de delimitação, pois agora o assunto já escapava à sua alçada (em consequência do decreto nº 88.118 — ver parte “Demarcação das Terras”). Diante do protesto do capitão-geral e de outros índios, o cel. Leal prometeu constituir uma equipe de trabalho da FUNAI que colocaria placas indicativas para evitar a entrada de brancos nas áreas determinadas como indígenas. Envio ainda ao ITERAM, ao INCRA local e aos prefeitos dos municípios da região uma carta acompanhada de mapa (planta de delimitação), informando sobre os planos da FUNAI de criação daquelas 7 áreas indígenas.

Na mesma ocasião funcionários da FUNAI e os líderes indígenas estiveram na sede do INCRA (em Brasília) e obtiveram do chefe do Departamento de Recursos Fundiários, Dr. Odair Zanatta, a promessa de que o INCRA não emitiria títulos para agricultores brancos naquelas áreas sem prévia autorização da FUNAI.

O resultado de todas essas ações foi praticamente nulo. A colocação de 16 placas indicativas foi realizada durante o mês de maio por uma equipe da FUNAI, havendo já naquela ocasião algum conflito com moradores brancos da localidade de Porto Espiritual (Niterói). Como a FUNAI não tomou qualquer iniciativa, posteriormente os brancos reagiram e várias placas foram retiradas ou derrubadas (ilha de São Jorge, Paraná Ribeiro, Pulmares). As cartas remetidas às autoridades locais parecem não ter tido qualquer efeito, assim como ocorreu com o protocolo de intenções (acima referido) estabelecido entre FUNAI e INCRA.

No final de maio houve uma nova reunião de capitanias na aldeia de Nova Itália. Em junho o capitão-geral, Pedro Inácio Pinheiro fez uma viagem pelo rio Jacararé, procedendo a um levantamento da população e dos problemas das cinco comunidades ali existentes (vide jornal Magúta, n.º 7).

No final de outubro o capitão-geral, acompanhado do professor Reinaldo Otaviano do Carmo, conseguiu entrevistar-se com o atual Presidente da FUNAI, Otávio Ferreira Lima, quando esse esteve em Manaus para a assinatura do Convênio FUNAI/SUFRAMA. A informação obtida foi a de que o processo de demarcação das áreas permaneceria paralisado, aguardando os resultados de uma nova comissão da FUNAI que, no início de 1984, voltaria a percorrer a região e redefinir as áreas propostas anteriormente.

(*) Oliveira, Paoliello e Gruber fazem parte de uma equipe de pesquisa do Museu Nacional, RJ. Cavuscens é agente de pastoral da Prelazia do Alto Solimões.
O fato é que muitos funcionários da FUNAI não aceitaram a proposta atual das 7 áreas, afirmando que isso criaria muitas dificuldades para a FUNAI devido à enorme quantidade de títulos de propriedade ali existentes. Isso de modo algum corresponde a verdade pois, segundo levantamento em mão da própria FUNAI, somente 10% das áreas pretendidas pelos índios possuem alguma espécie de título em nome de brancos.

A invasão dos lagos

Nos últimos meses, os lagos Ticuna foram sempre mais cobiçados pelos barcos pesqueiros e pescadores da SUDEPE. Houve de fato uma maior procura de peixes para comercialização nas cidades da região e para exportação rumo ao Peru e Colômbia. As invasões dos lagos Ticuna criou, em muitas ocasiões, tensões e conflitos entre os índios e a população envolvente, como foi o caso dos lagos Grande e Torcato.

Em algumas situações os Ticuna reagiram, quebrando, por exemplo, várias caoaas de pescadores civilizados. Alguns destes pescadores foram também incitados por proprietários de frigoríficos para arrumar lagos (Barbado e Tupi) sendo que neste segundo lugar morreram milhares de peixes tornando-o hoje em dia totalmente improdutivo em termos de pesca. Isso aconteceu devido ao rompimento de seu canal natural que liga ao rio, prejudicando seriamente toda a população do região na sua subsistência.

As invasões mais importantes ocorreram nas seguintes locais:
— no rio Jacurupá, onde muitos peixes (especialmente o pirarucu) foram mortos e onde a pesca é realizada continuamente para abastecer o frigorífico do Sr. Müller, em Tabatinga;
— nos lagos do Camatiti, invasões de barcos frigoríficos provenientes de Manaus;
— no igarapé Ticana e seus afluentes, onde os civilizados pescam com tômbo (veneno extraído de raiz de 3 cipós);
— nos lagos Grande e Torcato pelos associados da SUDEPE.

Diante desta situação conflituosa, houve em 1983, 4 contros na sede da SUDEPE, na cidade de Tabatinga, entre associados do órgão e pescadores e líderes Ticuna. A finalidade principal desse encontro foi tentar convencer os Ticuna a se tornarem associados do órgão, com o pretexto de que isso diminuiria os atritos entre eles e associados do órgão. Esta ação possibilitaria aos pescadores da SUDEPE a utilização de todos os lagos, já que somente eles estariam autorizados a pescar para fins de comércio.

A falta de definição das terras e a invasão constante de seus lagos por civilizados provocaram também certas tensões entre algumas pessoas de comunidades Ticuna. Isso aconteceu quando alguns índios foram pescar nos lagos pertencentes a outros. Com isso houve proibições com relação à entrada de qualquer pessoa, pois eles se sentiram ameaçados em função da depreciação de seus lagos pela pesca comercial. Desta preocupação resultou uma maior consciência da importância de controlar melhor os lagos e de ocupar mais os locais de pesca.

Houve também pequenos encontros entre os Ticuna de comunidades diferentes, para tentar dialogar e superar os atritos existentes (um primeiro encontro entre os Ticuna de Porto Cordeirinho, Porto Espiritual e Feijóal, e um segundo entre as comunidades de Água Limpa e Belém do Solimões).

O lago Torcato foi fechado pela SUDEPE por um período de 2 anos, devido à constante perseguição exercida pelos pescadores do órgão.

Os lotes individuais e provisórios do INCRA

O INCRA se instalou na região do Alto Solimões em 1982 e já realizou o levantamento da situação das terras referentes às duas margens do rio Solimões até Santo Antônio do Içá, abrangendo parcialmente os rios Içá e Jacurapá.

Como não houve um contato mais oficializado entre o INCRA e a FUNAI, a nível regional, para fins de determinar as áreas de atuação de cada órgão, o INCRA começou a registrar diversos lotes e a fornecer títulos provisórios de terras em algumas comunidades Ticuna (Uruge, Sapotá, Palmares, Bananal, Paraná do Amazoas, Santa Clara e outras).

A justificativa para tal tipo de ação apresentada aos Ticuna por funcionários do órgão, é que a FUNAI nunca irá demarcar as áreas indígenas do Solimões e tão pouco fornecer documento algum de posse de terra. Neste sentido, eles tentam convencer os índios em aceitar os títulos provisórios (individuais) de terra, com a promessa de que no prazo de 4 anos irão receber os títulos definitivos. Esta atitude é totalmente contrária às necessidades e direitos dos Ticuna que estão empenhados na demarcação contínua de suas terras (direito reconhecido pela lei 6.001 da Constituição Federal).

Além disso, registram-se em vários locais invasões do território Ticuna. Em alguns casos se trata de conflitos antigos entre os índios e fazendeiros, seringalistas ou madeireiros. Estes conflitos aumentaram sensivelmente com a chegada do INCRA na área e com a colocação de placas de proibição pela FUNAI (como em Lauro Sodré, São João de Veneza e Guanabara).

Houve também algumas tentativas por parte de patrões de aumentar ou confirmar as suas terras dentro do território indígena, antes do levantamento do INCRA (Palmares, Porto Espiritual, e outras). Ou ainda de invasões mais recentes por pequenos agricultores, possseiros, madeireiros, etc. (Feijóal, Porto Cordeirinho, Santo Antônio, etc.).

As deficiências da FUNAI

Durante a chefia da Ajudância da FUNAI/BSFOL pelo sr. Omar Landi (2º semestre de 82 e 83), os grupos indígenas pertencentes a esta jurisdição não receberam uma assistência adequada por parte do órgão. Muitas vezes os postos do Solimões se encontraram com uma infra-estrutura claramente insuficiente para desenvolver uma atuação à altura das necessidades dos Ticuna. A tal ponto que, entre
agosto e setembro de 83, a maioria dos chefes de postos permaneceram parados na base da Ajudância, em Atalaia do Norte, por falta de condições mínimas de trabalho.

Ao longo de 83, a Ajudância do Alto Solimões teve 4 administradores diferentes, o que prejudicou todas as suas atividades. Em novembro de 83, o sr. João Silvério Dias, antigo chefe de posto na aldeia Ticuna de Belém do Solimões, assumiu a chefia da Ajudância/BFSOL. No dia 10 do mesmo mês, a FUNAI assinou um convênio com a SUFRAMA para a liberação de uma verba de 115 milhões de cruzeiros para o atendimento aos diversos grupos indígenas da 1ª DR/FUNAI. Utilizando esta verba, a FUNAI aprovou a construção de barcos para as aldeias Ticuna maiores. No entanto, durante o encontro na aldeia Vendaval, em novembro de 83, os capitães Ticuna decidiram que tais recursos deveriam ser aproveitados unicamente para a demarcação das terras, prioridade maior.

Ainda por falta de assistência adequada por parte da FUNAI, ocorreram sérios problemas de saúde: o sarampo em Vendaval (+ de 15 mortos) e Umarivaça (25 mortos), a malária em Cauêça atingiu 49 pessoas (com 5 mortes) e a disenteria em Belém.

A luta dos professores

No ano de 83, a situação educacional assumiu para os Ticuna uma importância que aparece descrita no n° 6 do jornal Magúta. Ali está dito que a luta pela terra só acaba quando também acabarem os Ticuna e “a luta dos professores vai acompanhar igual a luta da terra”.

Enquanto em outros anos era visível a falta de atuação da FUNAI na área de educação, no ano passado o que apareceu com mais força foi a grande preocupação dos professores de se organizarem pela conquista de seus
Reunião de professores Ticuna realizada em setembro de 83. Grupo de professores do município de Tabatinga.

Professores do município de São Paulo de Olivença.

Professores do município de Benjamin Constant.
direitos junto à FUNAI e também junto às prefeituras locais. A situação do ensino e das escolas também foi motivo para discussões e encaminhamentos conjuntos pelos professores de toda a área Ticuna.

No mês de maio três professores das escolas Ticuna do município de Benjamin Constant viajaram a Manaus para reclamar do procedimento da FUNAI que passou um ano sem pagar os onze professores daquele município. Na época, já existia um convênio entre a FUNAI e a prefeitura, cabendo à FUNAI o pagamento dos professores e à prefeitura o suprimento com material didático. Como resposta, a FUNAI entregou aos três representantes algum material didático, dizendo que o dinheiro dos salários já estava depositado no Banco em Benjamin Constant. Como na realidade nada havia nos Bancos, os índios voltaram a Manaus em junho com a intenção de lá permanecerem até a volta do dinheiro. Nesta ocasião, receberam um documento do BASA relativo ao pagamento de seis meses, mas assim mesmo, no final, acabaram recebendo apenas 4 meses de trabalho.

O fato mais significativo, no entanto, ficou por conta da reunião de professores, no final de setembro. Foram três dias de discussão, demonstrando um grande nível de organização e consciência dos problemas na área de educação. A reunião foi planejada com a finalidade de discutir primordialmente o problema da contratação dos professores pelas prefeituras dos municípios sob cuja jurisdição estão as aldeias Ticuna. Estavam presentes 52 professores, sem contar com os representantes dos municípios de Santo Antônio do Içá, Amaturá e Tonatins, que não compareceram.

Todos os professores se apresentaram e tiveram oportunidade de falar sobre a situação das suas escolas. Quatro pontos foram tomados como problemas centrais a serem discutidos: 1º) escolha de um secretário para cada município, 2º) discussão sobre a escolha ou não de um secretário-geral para todos os municípios, 3º) construção de escolas e contratação dos professores e 4º) proposta de uma reunião em cada município com os monitores, prefeito, delegado da FUNAI e um representante da Prelazia.

Com referência ao primeiro ponto foram eleitos os 1º e 2º secretários para cada município representado. Também através do voto ficou decidido que não haveria um secretário geral. Como secretários foram eleitos: Nino Fernandes da aldeia de Santo Antônio e Francisco Julião de Ferreira da aldeia de Bom Caminho para o município de Benjamin Constant; Quintino Emílio Marques de Campo Alegre e Raimundo Carneiro de Feijoa para o município de São Paulo de Olivença e Oswaldo Mendes e Alípio Mendes de Morais para o município de Tabatinga.

Quanto ao terceiro ponto, apontaram a necessidade da construção de escolas em algumas localidades e apenas a reforma em outras.

Na discussão da questão das contratações, ponto central da reunião, foi salientada a importância do porte de carteiras assinadas, por parte dos monitores, como também a reivindicação do pagamento dos meses atrasados para os já contratados e a determinação de que todos os pagamentos deveriam ser feitos em datas marcadas. Finalizando, ficou determinado no 4º ponto da reunião, que todas essas conclusões e reivindicações seriam levadas à discussão com os prefeitos de cada município.

Participaram também da reunião os capitanes das aldeias de Vendaval, Pedro Inácio Pinheiro, de Campo Alegre, Adércio Custódio Manuel e do Paranapara, Berezinho Anastácio.

Uma ideia que surgiu no decorrer do encontro e ficou como um dos resultados mais importantes, foi a realização de um curso para monitores. Participaram como professores, para dar uma maior base, Abel Julião do Tacana, Alípio Mendes de Morais de Urique, Nino Fernandes de Sto. Antônio e Francisco Julião de Bom Caminho. O curso recebeu o nome de Curso de Capacitação Magüía e aconteceu na aldeia de Água Limpa, no igarapé do Tacana, no mês de dezembro, com dez alunos. A realização teve um grande apoio da comunidade local e de seu capitão Manuel. No final, ficou decidido que um segundo curso vai ser planejado para julho de 84.
MOVIMENTO INDÍGENA E CRÉDITO AGRÍCOLA NO MÉDIO SOLIMÕES

Priscila F. Barbosa*

As comunidades indígenas do médio Solimões (dos Cambeba, Mirança e Majoruna) foram atingidas pelas mudanças da política oficial com relação à agricultura em 83.

Membros dessas comunidades vinham recebendo financiamento do Banco do Brasil, desde 1975, para custeio da produção de farinha, juta, milho e outros produtos regionais. Os juros cobrados pelo BB em 82 eram de 35%, mas no ano passado elevaram-se para 69%, além de 70% da correção monetária. Com isso, apenas 50 dos 750 dos agricultores do município de Tefé (entre eles vários índios) saldaram suas dívidas com o BB, conforme informou a antropóloga Deborah Lima, que está estudando o sistema de aviação na região. Isto quer dizer que mais de 90% dos agricultores que obtiveram crédito agrícola do BB foram considerados “inadimplentes”.

Cadeia de intermediários

Este fato só pode ser entendido dentro de uma série de transformações, principalmente a partir da década de 70, introduzidas por agências da política agrária nacional (regularização fundiária e incentivos à agricultura) numa situação secular de dominação política e econômica de um grupo de comerciantes de Tefé, que engrandeceram na base da exploração do trabalho caboclo.

Criado com o objetivo de incentivar a pequena produção agrícola, o crédito direto do BB parece, no princípio, ter obedecido a esta diretriz. Com o passar do tempo, contudo, foi utilizado pelos comerciantes em função dos seus próprios interesses. Valendo-se de uma outra linha operacional de crédito do BB, comerciantes de Tefé utilizam os recursos obtidos por 90 dias na compra de bens industrializados, no comércio, na agricultura e em empréstimos a pequenos agricultores, criando uma cadeia de intermediários.

Conforme afirma Lino Pereira Cordeiro, índio Mirança: “o grande comerciante tem um financiamento estúpido no banco. Ele pega o dinheiro e repassa. Aí ele põe o dinheiro na mão de todo mundo. Ele dá o dinheiro na mão do pequeno comerciante, aí o pequeno comerciante põe na mão do agricultor, aí a pessoa vai se preocupar em produzir mais”.

Como em geral o financiamento do BB aos agricultores é liberado com atraso, aqueles que querem trabalhar com o banco e saldar a dívida no tempo determinado são levados a obter antecipadamente recursos das mãos dos comerciantes, aliás oriundos do próprio BB. Quando recebem a primeira parcela do crédito direto, pagam o débito com os comerciantes e com o resultado da produção, saldam por fim a dívida com o BB.

A enchente de 82 puxou a corda

Nos últimos anos tem sido difícil aos pequenos agricultores (índios e não índios) saldarem suas dívidas. Contam, por exemplo, os Majoruna que suas dívidas já cresceram desmesuradamente desde 81, por causa do atraso na liberação das sementes, que se somara ao atraso na liberação da primeira parcela do financiamento do BB. Aconselhados pelos técnicos, os índios solicitaram a prorrogação da dívida por mais um ano e multiplicaram o financiamento, comprometendo a ampliar a plantação. Com as enchentes de 82, acabaram com a corda no pescoço, sem poder saldar seus compromissos e taxados pelo banco de “inadimplentes”.

Como eles mesmos afirmam, “tanto a cooperativa, quanto o Banco, quanto a EMATER, todos colocam a culpa no agricultor. O agricultor aí, tem que pagar juros em cima de juros”.

As enchentes de 82 produziram estragos generalizados, destruindo as roças e moradias dos agricultores da várzea e terras baixas de Tefé e evidenciando a situação de endividamento. Nas comunidades de Marajá, Puruá, Boca do Uarini e Coadi eles foram notificados pela EMATER.

(*) antropóloga, autora da tese “Índios e civilizados. Etnias e alianças em Tefé”, UNB, dezembro de 1983.
através da Rádio de Educação Rural de Tefé, que não poderiam mais obter financiamento do BB, pois não haviam saldado seus compromissos financeiros por dois anos consecutivos.

Em reunião promovida pela Cooperativa Mista de Tefé, cerca de 300 agricultores, entre índios e não índios, pertencentes a diversas comunidades da região, assinaram um documento solicitando, além da assistência material devida, que fosse acionado o seguro agrícola (PROAGRO), tal como ocorreu em outras localidades do baixo Solimões e Amazonas.

As autoridades locais, como o prefeito, o gerente do BB e funcionários da EMATER, não reconheceram o abalo assinado, dizendo que a enchente havia sido “inventada” e que a cooperativa estava “induzindo o agricultor a não colher”. Muitos de que subscreveram o documento chegaram a sofrer represálias. De acordo, porém com o regulamento do seguro agrícola, todos os prejudicados com a enchente deveriam ser enquadrados pelo PROAGRO. Mas na maior parte dos casos o banco prorrogou a dívida dos agricultores, com novos juros, e induziu-os a contrair novos empréstimos. Isso acarretou a multiplicação das suas dívidas, superpostas com aquelas contraídas com os comerciantes.

Consequentemente, com o acréscimo das taxas de juro e correção monetária para 83, explica-se por que a maioria dos agricultores de Tefé, entre eles os índios, não puderam saldar suas dívidas com o BB. Isso sem contar que, na região, os preços dos produtos agrícolas sobem menos do que a inflação, ao passo que os produtos industrializados de que os agricultores necessitam tornam-se proporcionalmente cada vez mais altos.

**Sinais de ruptura**

Mesmo com as recentes mudanças na política agrária oficial de apoio à pequena produção agrícola, os comerciantes locais, que vinham sendo seus principais beneficiários, têm meios de continuar manipulando a situação em proveito próprio. Quando o apoio financeiro do BB se volta contra os interesses do pequeno agricultor, ele se vê forçado a trabalhar como o fazia sob o “sistema do troco”, antes da presença impessoal das cédulas de crédito agrícola, “comprando e vendendo para o patrão”.

Parecem retornar, assim, os tempos anteriores ao advento do BB em Tefé, quando as relações de dominação eram encobertas por laços de parentesco e compadrio, estabelecidos entre os membros do camponês e os comerciantes que os submetem. Todavia os olhos do pequeno produtor foram abertos pelo rolo compressor dos acontecimentos, ajudados pela ação missionária católica educativa e de denúncia da situação, impulsionando a crescente mobilização dos segmentos camponeses em Tefé, entre eles o que se define como indígena.
Aconteceu na imprensa

TICUNA

Kasuto demarcando

O delegado da Funai, Kasuto Kawamoto, revelou num programa de TV levado ao ar sábado à noite, que a Fundação Nacional do Índio já está procedendo a fase inicial de demarcação das terras dos índios Tikuna, do alto Solimões, cujos caciques, reunidos em Manaus, anunciaram a disposição de abrir guerra aos funcionários do órgão, se a demarcação não for feita num prazo de 30 dias.

Segundo o delegado Kawamoto, os índios estão confusos por causa da demora da demarcação, mas ressaltou que essa não pode ser feita com maior velocidade pela causa de entraves típicos desse tipo de tarefa. Disse ainda que os índios devem ter paciência e aguardar mais um pouco, que tudo será feito para atender as reivindicações dos caciques. Segundo ele, as reclamações, de certa forma, procedem mas a FUNAI não pode agir discriminadamente, uma vez que tem 43 áreas indígenas em sua jurisdição e deve cuidar por inteiro delas, preservando as terras pertencentes às tribos e oferecendo segurança a estas.

Todavia, os sete caciques Tikuna que se encontram em Manaus não estão demonstrando a paciência solicitada pelo delegado da FUNAI. O porta-voz do grupo, o líder tribal Paulo Mendes, acha que “os brancos da FUNAI estão enganando os índios, com promessas e mais promessas”. Ele disse na redação de A CRÍTICA, semana passada, que vieram a Manaus pedir passagens ao delegado da FUNAI para ir a Brasília, tratar o assunto da demarcação diretamente com o presidente do órgão, Cel. Paulo Leal. Mas Kawamoto recusou as passagens afirmando, segundo o indígena, que não quer índio amazonense em Brasília.

Na sexta-feira passada os caciques estiveram novamente no jornal e já estavam com uma decisão tomada: se dentro de 30 dias a FUNAI não lhes der a portaria que demarca a área que lhes pertence, eles abrirão guerra, e ameaçaram incendiar os postos da FUNAI no Alto Solimões e matar os funcionários desse órgão que insistirem em permanecer na área, inclusive o próprio Kawamoto. (A CRÍTICA, 21/03/83)

Caciques levam denúncias a Brasília

O Conselho Indigenista Missionário — CIMI — e a UNI — União das Nações Indígenas, mesmo contra a vontade do delegado da Funai Kasuto Kawamoto, já enviou a Brasília seis do sete caciques Tikuna, do alto Solimões, que há algumas semanas tentaram junto à Funai passagens aéreas e não conseguiram. Além dos caciques, Osvaldo Honorato Mendes, líder Tukano, e Adelino Manuel, que já se encontram em Brasília, hoje pela madrugada viajaram Olavo Tertuliano, Ernesto Pedro Coelho, Floriano Pinto e Leonilso Gabino, ficando apenas o chefe Cristóvão Maurício. Eles foram a Brasília para relatar ao presidente da FUNAI, coronel Paulo Leal a real situação em que os Tikunas se encontram.

A viagem dos caciques não agradou ao delegado da Funai em Manaus, Kasuto Kawamoto, que há muito vinha evitando a ida dos índios à capital federal, alegando sempre que o coronel Paulo Leal está sabendo de todos os problemas dos índios e não os receberia. Foi o que levou aos caciques tomarem outros caminhos para conseguir as passagens, já que estavam sendo negadas por Kasuto.

Segundo informações da União das Nações Indígenas, os caciques Tikuna irão relatar todas as arbitrariedades e enganações que estão sofrendo. Talvez sendo esta a grande causa porque o delegado Kasuto Kawamoto tenha lutado para evitar o deslocamento dos caciques para Brasília.

O líder Tukano Osvaldo Mendes, juntamente com o cacique Adelino Manuel, foram os primeiros a conseguirem passagens e já se encontram na capital do país. Hoje, estarão chegando mais quatro caciques, todos possuidores de grande peso de liderança entre os Tikuna do alto Solimões, que são: Olavo Tertuliano, Ernesto Pedro Coelho, Floriano Pinto e Leonilso Gabino. Todos eles, além de reivindicarem melhores condições de vida para o seu povo, estarão pedindo, para muito breve, a demarcação total de suas terras, que há muito vem sendo prometida. (A CRÍTICA, 24/03/83).

Natan pede fim das instigações da FUNAI

Destacando a disposição do governo em atender a população ribeirinha, notoriamente quanto à produção agrícola, o que considerou um fato animador, o deputado Natanael Rodrigues, PDS, garantiu, ontem, que ninguém pode produzir sendo molestado e pediu providências contra a FUNAI.

Na sua opinião, esse órgão, no Alto Solimões, está colocando os índios aculturados contra os agricultores, numa luta que visa desalojar esses últimos das áreas em que vivem e trabalham há muitos anos, naturalmente com o objetivo de se apossar dessas terras.

Além de ressaltar que esses índios, da nação Ticuna, estão integrados à vida da população ribeirinha, o parlamentar considerou a situação como da maior gravidade, citando que vários produtores estão ameaçados de despejo, e são vítimas constantes de ameaças que os índios são incitados a fazer.

Natanael asseverou que esse problema está causando, sem contar outras consequências graves, o óxido dos agricultores do Alto Solimões, os quais no seu entender, temem ameaças mais sérias e, na falta de qualquer apoio das autoridades, não têm outra opção. (A CRÍTICA, 19/04/83).

74
Malária dizima índios SUCAM não os atende

Os líderes indígenas da tribo dos Tikuna, Alto Solimões, mais precisamente município de Tonantins, estão denunciando que há muito tempo a Sucam não se faz presente naquela região, que continua sendo assediada pela malária. Eles dizem que somente nos últimos dois meses já morreram cinco silvícolas na localidade de Boca do Cuperça, onde vivem cerca de sessenta e cinco índios.

Para os líderes indígenas, a Sucam não fez questão de assiastir os índios, pois rara é a vez que o órgão presta serviços nas comunidades indígenas do Amazonas. Eles dizem que somente nas últimas semanas cerca de 40 pessoas foram acometidas da malária, e ao saber do surto, a Sucam passou pelo local mas sem levar, sequer, uma gota de remédio. Os funcionários, que estiveram em Fonte Boa, disseram que voltariam brevemente e até hoje não deram sinal de vida, em total prejuízo a saúde já bastante ressentida dos índios da área. Os líderes Tikuna afirmam também que continuam sendo enganados pelo responsável pela Sucam em Manaus, que continua afirmando, conforme exposição feita numa emissora de rádio, que não existe malária na região. Mas os líderes afirmam e provam que o Alto Solimões — São Paulo de Oliveira, Santo Antônio do Içá, Amaturá e Tonantins — estão assolados pela malária.

“Já se passaram três anos dizem os líderes indígenas, — desde que a Sucam passou e pela última vez deixou remédios. Nunca mais compareceu, nem quando solicitada, e quando atende algum apelo, ao chegar, já morreram várias famílias de índios. “Para a Funai, mencionou um dos líderes, não adianta apelar, pois esta também é mais inoperante do que a própria Sucam”. (A Crítica, 28/04/83)

Leal proteia e não cria reserva Ticuna

O decreto nº 88.118 (de que trata a matéria acima) não é uma ameaça hipotética aos povos indígenas. Ele já está produzindo seus efeitos, no retardamento intencional de processos demarcatórios. Essa denúncia foi feita o mês passado pelos antropólogos João Pacheco de Oliveira Filho e Vera Paoliello, a propósito da situação da demarcação das terras dos Tikuna, no Alto Solimões, Estado do Amazonas, divisa com Peru e Colômbia. Os antropólogos lembraram que, em outubro do ano passado, o coronel Paulo Leal, presidente da Funai, entregou solenemente aos Tikuna, em Manaus, as minutas das portarias que, quando assinadas, iriam garantir 1.300.000 hectares para os 18 mil Tikuna das 40 aldeias do Alto Solimões. Leal prometeu que todo esse território estaria demarcado até fevereiro de 1983.

Para cobrar essa promessa, dez líderes Tikuna, inclusive o capitão geral desse povo, Pedro Inácio Pinheiro, estiveram em Brasília em março último. Durante quase duas semanas (de 18 a 31), andaram de gabinete em gabinete, sem conseguir o que desejavam. Em lugar do decreto de demarcação, o coronel Leal entregou-lhes apenas algumas cartas endereçadas ao Inca, ao Iterm e às prefeituras municipais da região. Nas cartas, Leal quase se desculpa diante dos órgãos que estão diretamente envolvidos na invasão das terras dos Tikuna. O presidente da Funai chega a preocupar-se em tranquilizar os prefeitos, dizendo-lhes que os informará sobre “qualquer alteração, cumpridas as exigências constantes no decreto nº 88.118/83, que dispõe sobre o processo administrativo de demarcação de terras indígenas”.

A subserviência do responsável pela tutela dos povos indígenas provou grande revolta nos líderes Tikuna. Afinal, depois de terem sofrido, durante muitas décadas, a opressão dos patrões seringalistas, e estarem sofrendo, hoje, o assédio das grandes madeireiras e das companhias pesqueiras que invadem os lagos, nos igarapés afluentes do Solimões além das entradas de colonos e possiços, os Tikuna sabem que só poderão ter sossego com a sua terra demarcada. (Porantim, maio/83).

Professores Ticuna estão sem receber

Professores indígenas do Parque de Vendavaí, realizaram uma reunião no último dia 25 de maio, para fazerem um levantamento da situação em que se encontram pois estão sem receber há mais de seis meses. Após os debates, onde vieram à tona todos os problemas das escolas indígenas, os professores resolveram enviar uma carta ao delegado regional da FUNAI, Kasuto Kawamoto.

Segundo eles, todas as escolas indígenas do Alto Solimões “são muito pobres e os Tikuna não têm apoio nenhum. Não temos direito à contratação de professores; ao salário mínimo dos professores; à construção de escolas e ao material escolar necessário”, denunciaram os professores Tikunas. Depois da reunião, uma equipe de professores, acompanhada do líder Oswaldo Honorato Mentes, seguiu para Manaus para reivindicar seus direitos.

O líder dos índios Tikuna, Oswaldo Honorato afirmou que a comunidade nunca recebeu apoio nenhum da Funai em relação à educação. “Eu, líder, acho que não temos apoio nenhum. Assim mesmo desde o presidente da Funai até o delegado e funcionários acham que nós índios temos que colaborar com eles. Porque eles nos ajuda. Mas acho que nós Tikuna já confiemos, esperamos e temos muita esperança demais e até agora nada foi feito”, desabafou Oswaldo.

“Eu como líder, professor e secretário Oswaldo Tikuna, acho que só paciência e mais paciência não resolve nada e nem ajuda. O delegado chefe do Parque Indígena diz que o prefeito é que tem direito de ajudar ou contratar os professores. Eu não faço questão disso, porque o prefeito tem que ajudar o povo dele, que são os brancos e civilizados, nós, índios, é com a Funai”, argumenta o líder dos professores.

Oswaldo Honorato diz também que, apesar da revolta, os índios não querem mais violência. “Na reunião que nós tivemos todo povo quer que a Funai nos dê ajuda com carinho, desde agora não queremos mais brigar. Por isso resolvemos vir até a capital lutar pelo que achamos certo. Eu, líder Tikuna, quero ajudar meus irmãos que não sabem ler e escrever”.

Os índios também querem cobrar do delegado regional da FUNAI, Kasuto Kawamoto, o pagamento dos professores Tikuna que lecionam no município de Benjamin Constant que até agora não receberam seus pagamentos durante 6 meses. “Porque um cidadão quando é funcionário de algum órgão, ele tem direito de ganhar o seu salário. Assim o índio quando trabalha, também tem direito de receber seu salário”. (A Crítica, 06/07/83).
“A FUNAI aqui não manda nada”, afirma prefeito de Tabatinga

A 1ª DR da Funai irá apurar as denúncias feitas pelos índios Tikuna contra o prefeito Fantino Castro e o vereador João Araújo, de Tabatinga (AM). Segundo carta de Pedro Ramos Gabriel, eles não reconhecem a existência dos índios na região. Para o prefeito, “todo mundo lá em Tabatinga é civilizado e ele não deve satisfações à Funai”. Diz, ainda, o indígena, que Castro está deixando os índios Kokama “alvo de desrespeito”. Na comunidade de Sapotal, o prefeito discursa para os silvícios afirmando que não se iludem com a Funai: “A Funai, aqui, não manda nada. Sou eu, prefeito deste município, quem manda e mais ninguém”. (Folha da Tarde/SP, 26/7/83).

Monitores Ticuna estão preocupados

Preocupados com os problemas que vêm enfrentando, principalmente com relação ao atraso de pagamentos dos seus salários e a inexistência de condições mínimas para prosseguimento dos seus trabalhos de educação, os monitores Tikuna dos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant e S. Paulo de Olivença reuniram-se nos dias 28 e 29 de setembro na aldeia de Santa Inês (S. Paulo de Olivença) para debaterem e procurarem soluções para esses problemas. Infelizmente, os representantes de Amaturá e Santo Antônio do Içá não puderam estar presentes. As maiores preocupações estiveram voltadas para a questão dos salários pois existem casos em que os monitores não recebem há meses, como por exemplo os de Tabatinga. Também foi bastante incidente as discussões sobre as dificuldades de contratações de professores e a situação em que se encontram as escolas Tikuna, funcionando precariamente, além de que, em algumas aldeias não existem essas escolas. Em face a essas dificuldades que vêm enfrentando e da falta de apoio para a solução imediata, os monitores tomaram as seguintes resoluções a fim de tentar melhorar a realidade educacional Tikuna: formaram comissões encarregadas de entrar em contato com as diversas prefeituras locais, junto com o chefe da adjudicação da FUNAI do Alto Solimões a fim de saber como está o encaminhamento dos salários dos monitores. (A Crítica, 13/10/83).

Invasão de reserva

Três líderes das nações Ticuna, Cocama e Canamari, no Alto Solimões, no Amazonas, denunciaram ontem a invasão de posseiros em 220 hectares de suas reservas, ainda não demarcadas. Eles já denunciaram o caso três vezes ao delegado da Funai, Kasuto Kawamoto, mas até agora o problema não foi resolvido. (ESP, 22/12/83).
JAVARI
<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>Número de aldeias</th>
<th>População (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>População em zonas/áreas limitrofes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Marubo</td>
<td>14</td>
<td>462 (J.C.Melatti:78)</td>
<td>Estirão do Equador/Atalaia do Norte</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Mayoquina (Matses)</td>
<td>8</td>
<td>410 (S.Cavuscens:83)</td>
<td>Estirão do Equador</td>
<td>696 no Peru (Cavuscens:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>Matis</td>
<td>1</td>
<td>87 (S.Cavuscens:83)</td>
<td>Atalaia do Norte</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Índios da Confluência do Titú C/Ttaccoai (Korúbo)</td>
<td>4 (?)</td>
<td>de 200 a 2.000 (D.Melatti:80)</td>
<td>Atalaia do Norte</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Índios do Quiquito</td>
<td>3 (?)</td>
<td>de 120 a 150 (D.Melatti)</td>
<td>Estirão do Equador/Atalaia do Norte</td>
<td>Ver tb nas Áreas Acre e Jutai/Juruá/Parus</td>
</tr>
<tr>
<td>Kulina</td>
<td>dispersos</td>
<td>29 (J.C.Melatti)</td>
<td>Estirão do Equador</td>
<td>Ver tb na Área Jutai/Juruá/Parus.</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>5</td>
<td>Estirão do Equador/Constant</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>arredios</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Canavari</td>
<td>27</td>
<td>500 (Cavuscens:83)</td>
<td>B. Constant/S.Paulo de Oliveira</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>arredios</td>
<td>?</td>
<td>Jutai</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Situação Atual das Terras


A proposta 2, elaborada pela 19 DR/Fenal e baseada em dados do sertanista Sebastião Amâncio da Costa, acrescenta várias bacias fluviais e usa como limites os divisores de água (ver tb no vol.JAVARI).

Posteriormente, a equipe de colaboradores da Área JAVARI apresentou sugestões para a modificação destas propostas, que constam no atualização ao volume feita por Julio C.Melatti e publicada a seguir (ver o artigo "Os Índios esquecidos..."). Ver também o mapa a lado.

As invasões na área proposta para o Parque estão aumentando (ver o mapa). Enquanto isso as propostas para sua criação estão paralisadas na Funai. Nesse contexto surgiu uma primeira proposta de delimitação parcial, referente aos Mayorunas (Matses), elaborada por S.Cavuscens em conformidade com os índios e encaminhada à Funai pela Pastoral Indígena da Prelazia do Alto Solimões, em janeiro de 1984. Trata-se de uma área com extensão de 125.531 ha, denominada AI Santa Sofia, dos Mayorunas/Matses do rio Jaquirana, cuja regularização é urgente, por estar invadida por um projeto de extração de borracha e por seringueiros.
OS ÍNDIOS ESQUECIDOS
E AMEAÇADOS

A indefinição dos territórios indígenas
pela Funai favorece invasões intermitentes e até
a instalação de seringais com “papel passado”
em áreas de índios arredios.

Júlio Cesar Melatti*

Desde a publicação do volume Javari (vol. 5 da coleção
Povos Indígenas do Brasil, São Paulo, CEDI, 1981),
o trabalho de definição e delimitação das terras indígenas
da região permaneceu praticamente parado. O
processo está há longo tempo guardado no DGPI/FUNAI
tendo sido enviado uma vez a Manaus, onde parece estar
novamente. O ex-presidente da FUNAI, Cel. Paulo Moreira
Leal, mostrava-se contrário à criação de um Parque, dando
preferência à demarcação de uma reserva para cada povo,
aqueles que seus limites vissem a se tocar. Na segunda
metade de janeiro de 1983, um avião da FUNAI, realizou
sobrevoos na área para fins de delimitação. Parece, entretanto,
que a época não era das mais propícias para essa
preferência devido à pouca visibilidade. Não se sabe o que dela
resultou de concreto.

Estimávamos que a FUNAI se demorasse em dar uma solução
ao problema, seja optando pelo Parque, seja pelas reservas,
pois a corrida pela legalização das terras já se iniciou na
região e certamente a indefinição em que ficam os
territórios indígenas pelo órgão tutor somente favorece à
requisição e ocupação dos mesmos pelos não-índios. Ao
visitar a agência do INCRA em Benjamín Constant, sob
cujas jurisdição está incluída toda a região, em março de
1983, soube que a mesma tinha sido substituída por outra,
que se encontrava no mesmo local e que já estava
concluída a delimitação das terras. A última visita à
região revelou que o INCRA estava ocupado com outras
matérias e que não tinha condições de atender à
solicitação. Os índios, por sua vez, estavam desesperados
e pediam a intervenção do poder público.

Mas, enfim, a maior parte do território do Parque estava
livre da presença de lote com títulos definitivos. É bem
verdade que o alto Javari, o alto Caruá, o Pardo, o
Jandiatuba e o Juai ainda não haviam sido levantados,
o que só deveria ocorrer a partir do segundo semestre de
1983. Não dispomos, porém, de informações a respeito.
Mas isso não é tudo. Pessoas jurídicas ou físicas podem
requerer terras ao INCRA: em área de fronteira, as primeiras
corresponderiam a 10.000 ha e as segundas, 3.000.
Tanto umas como as outras têm de apresentar projetos para
explorar a terra, sendo que, no caso das primeiras,
incorporam o INCRA não aceita como projeto a extração de madeira
ou borracha. Quanto a pessoas físicas, qualquer ocupante que
resida com família numa área, pode requerê-la até os
limites de 100 ha, pagando Cr$ 50.00 por ha. Se não reside
com ela na área em que trabalha, pode adquirir-a mediante
licitação pública, com preferência sobre os demais preten-
dentes. Essa preferência se traduz no processo segundo o
qual, se seu lance for inferior ao de outro, as benefícios
que fez são avaliados e acrescentados a ele. Se mesmo assim
o lance continuar inferior, o pretende, um prazo
parece que de trinta dias, para cobrir a diferença.

(*) antropólogo, autor de várias obras sobre índios, leciona na Universi-
dade de Brasília e desde 1975 está pesquisando na região do rio Javari. Foi
A distribuição de terras na região está inteiramente sob a jurisdição do INCRA, que atua nas áreas de segurança nacional, as quais abrangem as faixas de 150 km ao longo da fronteira internacional e de 100 km de cada lado de qualquer estrada federal construída ou projetada. Sem dúvida o destino do Parque ou das reservas indígenas depende de um bom entrosamento entre a FUNAI e o INCRA, de modo que a primeira informe o segundo a respeito das terras ocupadas por índios. Porém o contato entre os dois órgãos não se faz a nível regional, apenas entre suas presidências, em Brasília. No entanto, observei que há funcionários regionais do INCRA sensíveis aos direitos dos povos indígenas, enquanto ouvi de outro comitários mais conformes aos argumentos dos comerciantes, dizendo que a FUNAI pretende fazer um Parque que não vai deixar lugar para os civilizados, que o índio não quer Parque, mas apenas paz e terra suficiente para trabalhar, e que os índios preferem as regaçções à FUNAI.

S. Cavuscens constatou que, em diversas oportunidades, funcionários do INCRA tentaram convencer os índios de aceitarem títulos provisórios individuais de terra, alegando que a FUNAI jamais iria fornecer qualquer documento para eles e que as terras não seriam demarcadas. Prometeram também que eles iriam receber títulos definitivos no prazo de 4 anos.

A afirmação, de um funcionário do INCRA, de que a área do Javari é das menos procuradas por não dispor de estradas, não pode ser tomada ao pé da letra. Vale, talvez, para estranhos, mas não para os ocupantes de colocações de madeira ou estradas de serra, que pretendem a terra, bem como as empresas comerciais regionais, que querem legalizar os lotes que até aqui vêm explorando ou arrendando como se fossem verdadeiros proprietários. Parece até mesmo que há pretendentes que lançam mão do recurso de distribuir o lote entre os filhos e outros parentes, quando ele ultrapassa a superfície máxima permitida, no momento de requerê-lo ao INCRA.

Invasões acometem os Mayornua

Mas o território indígena é ainda muito mais ameaçado pela ocupação pura e simples, sem maior amparo legal. Uma dessas invasões é a promovida por Petrónio Magalhães, empresário de Cruzeiro do Sul. Em 27.2.83, Mário Pereira, civilizado casado com mulher Marinha, que acabava de retornar daquela cidade para o alto Ituí, me contou que naquele dia deveriam estar saindo de lá com famílias de seringueiros, que desciam o Juruá, subiam o Solimões e o Javari, a fim de trabalhar no alto curso deste rio para Petrónio Magalhães, que ai arrendara terras.

A informação era verdadeira, tanto que o Porantim, n° 54, de agosto de 1983, na p. 13, publicou a notícia “Invasida a área Mayornua”, onde informa que a leva de empreendimentos chegou ao Batã em maio e que o projeto de Petrónio Magalhães visava a instalar 800 famílias de seringueiros, sendo duzentas até o final de 1983. A área de exploração pretendida pelo seringalista acreano se inicia no limite superior da área indígena Mayornua do Lobo, no local onde se encontra a alça do FUNAI do PIE Lobo, e se estende até as cabeceiras do rio Jaqueirana, e de seus afluentes Batã e Hospital (Cavuscens: 1983, ip). Embora tal área não se encontre registrada no Cartório de Registro de Imóveis de Benjamin Constant, nem no ITERAM de Manaus, sua ocupação efetiva foi se dando ao longo do ano. As famílias de seringueiros atingem a área de barco ou no avião do próprio seringalista, utilizando a pista de pouso Bom Jesus, situada nas coordenadas geográficas aproximadas 06° 08' 18’’ S—73° 15’ 27” W. Esta pista, acima da antiga guarnição militar de Lontananza, foi aberta pela Petrobrás como base para suas pesquisas na região (Cavuscens: 1983, ip).

As atividade seringalistas estão afetando seriamente os Mayornua, sobretudo os da aldeia Santa Sofia, mas também os arredios que andam pelo Batã e Hospital e ainda os que vivem nos igarapés Lobo e Ituí. Conforme Cavuscens, a subsistência dos Mayornua (Maites) esteve prejudicada por que os seringueiros se serviram das suas principais fontes de alimentos: com a pesca nos pequenos lagos na região do alto rio Jaqueirana; a exploração intensiva de quelônio (Tartaruga, tracajá, copeça, etc... e seus ovos), inclusive para comercialização em Cruzeiro do Sul e nas guarnições militares de Angamos e Palmeiras; a caça de animais silvestres e coleta de papuinha (Cavuscens, S.: “Mates de Santa Sofia — Situação Atual”, mimeo., jan. 84, 5 pp.).

Além disso, a constante movimentação dos seringueiros na área e os contatos esporádicos com os índios trouxeram doenças. No final do ano, muitos estavam acometidos de tosse, febre e dores no corpo. O próprio líder da comunidade de Santa Sofia, Nauí, estava com pneumonia, de acordo com o diagnóstico do Dr. Melvino de Benjamin Constant (idem, ibidem).

Diante dessa situação, a Coordenação de Pastoral Indigenista da Prelazia do Alto Solimões encaminhou, já em maio, uma carta ao presidente da FUNAI, na qual o Bispo D. Adalberto Marzi relatava o que estava acontecendo e solicitava a retirada dos invasores e a demarcação da área indígena. O Porantim, n° 57, de novembro de 1983, na p. 6, voltou a insistir com a matéria “Mayornua, área ameaçada”, onde informava que em 6 de junho o secretário-general da CNBB, Dom Luciano Mendonça de Almeida, encaminhou ao presidente da FUNAI, em Brasília, um longo relatório do bispo da Prelazia do Alto Solimões, sobre a invasão, a que ele respondeu que estava acionando os mecanismos competentes e alertando a Delegacia Regional para providências. Também alertou pela equipe da Pastoral Indigenista da Prelazia, a dita Delegacia, bem como a AJUSOL, não tomaram nenhuma providência.

Diante disso, a mencionada Coordenação de Pastoral reuniu 49 “Documentos referentes ao Grupo Indígena Maites e a Invasão de seu Território”, entre escritos bibliográficos, relatórios, fotos, mapas, recortes de periódicos e documentação fundiária. Consta desse dossier, por exemplo, um memorial descritivo da “Área Indígena de Santa Sofia”, elaborado por S. Cavuscens em conformidade com os índios, delimitando uma área de 125.351 ha, acompanhado de mapa. Com base nesse material, no início de 84, pensava-se em dar entrada na justiça numa ação de reintegração de posse.
Seringueiros e madeireiros nas áreas Marubo e Matís

O mesmo Mário Peruano também me contou que um civilizado chamado Félix estava abrindo seringal no alto Curuçá e que havia índios Marubo trabalhando com ele. Aliás, poucos dias antes (23.2.83), o Maruíb Mário Brasil tinha me contado que a Petrobrás tinha feito uma casa, havia um ano, no igarapé Açaí, afuente do alto Curuçá. A Petrobrás não ocupava então a casa, mas voltaria no futuro. Nas imediações dessa casa mateiros abriam estradas de seringa e seringueiros as limpavam, trabalhando que faziam na estação seca. O “patrão” (fromedador-comprador) desses seringueiros era Petronílio Magalhães.

Segundo o mesmo Maruíb, havia trinta pessoas extrayendo látex no alto Paraguacu, levando seu produto para o Juruá. Eram seringueiros com casas, família e roçados. Pelo que entendi, em 1981 tinham entrado sete na área e os demais em 1982. O comerciante que lhes compra a borracha é Quelô, que tem os seringais chamados Ipiçuna (não confundir com o núcleo urbano de mesmo nome) e Testa Branca, no rio Juruá; Quelô mora em Cruzeiro do Sul. O rio Paraguacu, nas suas cabeceiras, é formado por dois confluentes; os trinta seringueiros ocupam o da direita.

Entre esse formador e o afuente Agua Preta, mais abaixo, vive há muito tempo o civilizado Crispim (Francisco Veríssimo), que lidera um grupo de cinco famílias ligadas por laços de parentesco, num total de 29 não-indígenas. Segundo uma informação, do local em que vive Crispim há um varadouro até a beira do Juruá, cujo percurso demora sete horas. O Maruíb Mário Brasil contou que Crispim tinha mercadorias fornecidas pelos comerciantes Quelô, Lauro e Aliomar, de Cruzeiro do Sul, mas, dadas as dificuldades em lhes pagar suas divisas, estava perdendo seus “fregueses” (por falta de abastecimento) para o informante, que é um “patrão” indígena.

A atitude dos Maruíb, pelo menos de Lauro Brasil, diante das invasões do território indígena é ambígua. Embora Lauro se mostre preocupado com as invasões mais recentes, no que tangem a Crispim é mais tolerante. Na verdade mantém boas relações com Crispim e seus liderados, que, por sinal, mantêm relações comerciais com Lauro. Nos primeiros dias da minha chegada à maloca de Lauro (a partir de 2.2.83), assisti a uma festa a que compareceram como convidados Crispim e seus vizinhos. A recepção e o encerramento foram realizados segundo à moda Maruíb, mas durante todo o tempo houve baile ao som de discos. Os próprios missionários da MNTB toleraram a presença de Crispim (fazem mesmo comércio com ele), conquanto não avance mais para dentro do território indígena.

Um relatório sem data, referente à Comunicação de Serviço no 6/AJUSOL/81, apresentado pelo funcionários Divoino Gonçalves Amador, Samuel Vieira Cruz e Oswaldo Franco Barros, diz que os signatários constataram na visita ao rio Branco, afuente do Itacoi, em 1981, a presença de várias turmas de madeireiros sob a responsabilidade de Manoel Vicente, Austides Félix, José Batora, Raimundo Félix e José Uchoa, o último sem autorização do IBDF, tendo os dois primeiros financiamentos do Banco do Brasil. Tinha derrubado, estimaram, 2.500 toras, inclusive 1.000 de madeira de lei. A invasão do rio Branco começou havia dois anos, portanto desde 1979. Outro relatório, de Samuel Vieira Cruz, Chefe do PIA Itú, e de Pedro Oliveira Coelho, Chefe do PIA Maruíb, datado de Atalaia do Norte, 9.2.82, afirma que foi constatada a invasão do igarapé Merda Viva (sic), afuente das cabeceiras do rio Branco, por turmas de madeireiros António Traçaü, Chico Félix e Jonas Félix, em área dos Matís, que chegavam a se alimentar das roças indígenas e a se utilizar ocasionalmente de indivíduos desse povo para trabalhos de caça, exploração de madeira e limpeza de varadouros. Os signatários supõem que esse contato com madeireiros teria sido responsável pela epidemia de gripe que matou dez Matís, havendo denúncia de que havia sido administrado óleo de motor, por via oral, a dois enfermos, o que lhes apressou a morte. Já o relatório do mesmo chefe do PIA Itú, datado de Atalaia do Norte, 18.5.82, assegura que pelo rio Branco a área indígena estava invadida de alto a baixo em ambas as margens; no rio Itacoi, desde a confluência com o Itú até a altura do igarapé Tigre. Quanto ao Itú, afirma que sua margem direita estava sendo explorada por madeireiros desde a confluência com o Itacoi até a altura do igarapé Caxeiro, havendo algumas famílias na cabeceira do Paraguacu que escoavam sua produção para o Juruá (a que já se fez referência). Em minha viagem de subida pelo rio Itú, em janeiro de 83, realmente observei que em suas margens se localizavam casas habitadas, a grande distância umas das outras, desde sua faz até pouco antes da antiga localização do PIA Itú. Porém, dada a presença dos Koríbua, sua margem direita estava desabitada, em longo trecho, desde aproximadamente o paralelo de 4° 55'Sul até a foz do rio Negro. Se isso acontecia na margem direita do Ituí, deveriam estar também desertas, pelo mesmo motivo, a margem esquerda do Itacoi abaixo da foz do Branco, e a margem esquerda deste, no seu curso inferior. Na subida do Ituí, encontrei com Chen (Raimundo Soares de Almeida), que me declarou que madeireiros seus estavam trabalhando no rio Negro. O mesmo Chen também me contou que tinha acabado de ir entregar 800 toras de madeira branca (eram 1.500, mas perdeu uma parte) em Benjamín Constant, extralas do rio Pará, afuente do Curuçá.

Um relatório de Oswaldo Franco de Barros, chefe do PIA São Luís, datado de Atalaia do Norte, 25.3.81, denuncia que José de Menezes Filho penetrou no igarapé Furado, a duas horas de viagem abaixo do posto, para aí extrair madeira. O já citado relatório referente a Comunicação de Serviço no 6/AJUSOL/81 confirma que o mesmo mantinha três turmas de madeireiros no igarapé em fevereiro de 1981. Nas já referidas “Considerações sobre a área do Parque do Javari”, encaminhadas ao CEDI por Egon D. Heck, Lino João de O. Neves, Arciç H. Labinck e Claire L. J. Cavuscen, datadas de Fátima de São Lourenço, janeiro de 83, afirma-se que na área junto ao Irári estavam localizados cincoenta brancos. Atualmente, nesta localidade, moram apenas duas famílias Kamarami (Cavus decad., S.: 1984, ip). Nas mesmas “Considerações” indica-se que havia 33 famílias brancas nas margens do Juruazinho, afuente do Jutaí; mas nelas se propõe excluir do Parque boa parte dessa área (todas as alterações propostas nessas “Considerações” estão indicadas no mapa).
A FUNAI perde para os regatões

Apesar da implantação de projetos da FUNAI para a compra da produção indígena e fornecimento de artigos industrializados, este órgão não tem tido sucesso na tentativa de substituir os regatões. Isto se deve à falta de recursos financeiros, que se debatem constantemente com a AJUSOL, à precariedade de suas embarcações, que passam longos períodos em reparos, à descontinuidade de orientação dos sucessivos funcionários que ocupam sua chefia, à ausência de critérios com que são distribuídos os instrumentos de trabalho, impedindo, em muito, tudo isso o estabelecimento de uma rotina em que as datas de abastecimento das cantinas, o embarque do látex ou o reboque da madeira, os direitos e deveres das partes envolvidas, possam ser bem estabelecidos e previstos. Por outro lado, para com os regatões, os índios já esperam um determinado tipo de relação e sempre podem prever as datas em que sobem ou descem os rios, organizando sua produção e consumo de acordo com elas. Os próprios índios acham por aceitar as idéias que presidem o sistema de aviação, e tentam eles mesmos, individualmente, ocupar melhores elos na cadeia hierárquica de “patrões” e “fregueses”. Quando realizei minha pesquisa no início de 1983, por exemplo, os Marúbó do Itui contavam com três “patrões” indígenas: Lauro Brasil, Raimundo Dionísio e Sebastião.

O primeiro, abastecido com mercadorias fornecidas pelo regatão Raimundo Cabral, de Benjamin Constant, tinha não somente “fregueses” índios e civilizados, a quem adiantava artigos em troca da futura produção de borracha e madeira, como também dispunha de indígenas que considerava como seus “trabalhadores”, pagando-lhes por dia (diárias que somente receberiam quando chegasse o dito regatão). Lauro também se abastecia, comprando à vista, em Cruzeiro do Sul, mas aí somente artigos que pudessem ser tratados por carregadores indígenas através do varadouro. Para fazer suas compras nesta última cidade, lançava mão até do recurso de levar carne de caça para lá vender. Junto a sua maloca dispunha de um pequeno bairro na rua próximos do fórum, feito de tábuas pintadas e coberto de zinco, onde tinha suas mercadorias em prateleiras e vendia ao balcão seus “fregueses” e “trabalhadores”. Durante todo o mês de fevereiro Lauro só falava em seu compadre Cabral, a quem aguardava ansiosamente. Gabava-se até de ter ido com ele ao coronel de Tabatinga para reclamar que a FUNAI não deixava o regatão subir o rio. O coronel mandou uma mensagem ao chefe da AJUSOL, que deixou Cabral passar, com uma permissão para comerciar com os índios por cinco anos. O já citado relatório refere-se à Comunicação de Serviço nº 66/AJUSOL/81, denunciando o comercio de Cabral no Itui, o avanço de Lauro por ele, no valor aproximado de Cr$ 200.000,00, e apresenta até a quantidade de madeira produzida pelos Marúbó que então trouxe: 135 toneladas de cerejeira, 29 de marupá e 12 de ucuuba. Mas, na verdade, não somente Lauro faz negócio com Cabral; pelo menos mais um dos “patrões” Marúbó também faz e vários Marúbó preferem vender-lhe diretamente a madeira e a borracha, sem o intermediário dos “patrões” indígenas.

Raimundo Dionísio, outro “patrão” Maruíbo, administra o fornecimento feito pela FUNAI. Quando esteve em maloca que vive, nas vizinhanças de Vida Nova, ele quase já não dispunha de mercadorias. Disse que começava por conta própria; depois Samuel Vieira Cruz, quando chefe do PIA, Ituí, forneceu-lhe mais mercadorias. Porém o chefe da AJUSOL reclamou dele junto a mim, dizendo que, além da FUNAI, também fazia negócios com regatão e que não soubera esperar o preço da borracha subir, vendendo-a logo a seu “patrão”. Na verdade, parece que o chefe da AJUSOL não soube agir como Raimundo espera: como “patrão”. Quando este lhe ofereceu a borracha que trouxera, o funcionário interpretou a oferta como um presente, um gesto político, e recusou-se a receber. Na verdade, ao que parece, Raimundo estava entregando seu pagamento ao “patrão” (FUNAI), que lhe tinha adiantado as mercadorias. E se queixa de que a AJUSOL não o ajudou a arranjar um comprador para seus produtos e nem mostrou interesse em receber sua prestação de contas. Quando chegou, numa embarcação da FUNAI, na maloca em que vive Raimundo, seu irmão, João Pájé, num longo discurso, reclamou ao chefe do PIA Ituí (não mais Samuel), entre outras coisas, como podia chegar até ali sem trazer nenhum mercadoria.

Sebastião, por sua vez, filho do civilizado Faustino, já falecido, e de mãe Maruíbo, tem sua casa na entrada da varadouro que liga o Ituí ao Jurú. Tinha como fornecedor, ao que parece, o comerciante Chico Alípio, parente seu de Cruzeiro do Sul, e também mantinha negócios com Raimundo Cabral. Parece que então não tinha muita mercadoria e estava com dificuldades em receber as dívidas de seus “fregueses”.

No lado do Curuçá seria José, filho de João Tuxuá, o encarregado das mercadorias fornecidas pela FUNAI. Mas não temos maiores informações a respeito. No que tange à FUNAI, não ficou claro o tipo de relação que estabelece com os índios: o que considera avitação e o que torna como presentes.

O intérprete entre os Matís e os madeireiros era o índio Pedro Mayoriná. Tendo o madeireiro Antônio Tracajá falhado em levar as mercadorias que prometera aos Matís, Pedro ameaçou ir buscar seus companheiros da aldeia de Lameirão para expulsar os madeireiros. Dois dos Matís, cujo descontentamento fora aumentado por uma epidemia de gripe que ceifou dez deles, mataram Pedro Mayoriná com uma arma de fogo emprestada por Antônio Tracajá no período de passagem de ano de 1981 para 1982. É o que conta o já citado relatório de Samuel Vieira Cruz e Pedro Oliveira Coelho, de 9.2.82. Um funcionário me disse que os madeireiros é que tinham estimulado os Matís a matar Pedro, para poderem se aproveitar das mulheres indígenas. Na verdade, o descontentamento dos Matís para com Pedro Mayoriná já datava de mais tempo (ver volume Ivará, p. 90-92). Também um relatório datado de Brasília, 13.10.80, de Irisma Alves de Moraes, assinante do diretor do DGO, tratava das relações de Pedro Mayoriná com os Matís como um problema, mas a dificuldade de afastá-lo estava no fato de já ter um filho com uma de suas duas esposas Matís. Contaram-me que os funcionários, para evitar transtornos, disseram aos Mayoriná que Pedro havia falecido de uma enfermidade. Porém, um funcionário Kulina narrou o que realmente ocorreu, a Nazareno, líder dos Mayoriná do Lameirão. Estes fizeram então uma expedição aos Matís para vingar a morte do companheiro, mas desistiram no meio da viagem. Porém prometeram fazer nova tentativa. Ao que parece, Pedro Mayoriná não era simplesmente um intérprete; estaria ensaiando tornar-se “patrão” dos Matís.
População e a grave situação de saúde

Um “Relatório de atividades na área de saúde realizado no período de 05/05 a 05/06 de 1982, através da FUNAI com sede em Atalaia do Norte”, assinado por Paulo César Deben e Carmen Maria Velo Schmidt Filha, alunos de Medicina da PUC-RS, refere-se à visita médica realizada nas aldeias de Lameirão (Mayorna), onde se examinaram mais ou menos 120 indivíduos; do P.I. São Luiz (Kanamarí), com cerca de 160 examinados; do P.I. Índios Marãbu (provavelmente o PIA Ituí), com aproximadamente 40 examinados; e dos índios Matís, de que não diz quantos se examinaram. Em todos os locais considera-se o estado geral regular, menos no Lameirão, em que afirma ser de regular para mau. As patologias encontradas são arroladas, mas não se especifica o número de casos de cada uma. Registra que foram aplicadas vacinas antiinfecciosa, Sabin, contra sarampo e DPT em adultos e crianças, sendo que, quanto ao Lameirão, especifica que os foram em primeira dose. Consta ainda a ausência de elementos profissionais na área de saúde, as dificuldades de transporte e a insuficiência de medicamentos nos postos.

Em 7.8.83, a aluna de medicina da PUC/RS, Martha de Campos Teixeira, informou a S. Cavusens, que havia constatado 3 casos de pneumonia entre os Matís, além de registrar a falta de infra-estrutura adequada nos postos da FUNAI e a necessidade urgente de uma primeira vacinação contra o sarampo. Os casos de malária também aumentaram nos últimos anos. Segundo informações levantadas por S. Cavusens na sede da SUCAM em Benjamin Constant, 25 casos de doença foram confirmados entre os Matís, no ano de 82. No ano passado, somente nos primeiros 9 meses, já haviam sido registrados 43 casos.

No que tange aos Kanamari de Massapê, no alto Itacol, a médica Ivone Andreotta Menegola (da PUC-RS) enca-
minhou à FUNAI um relatório, em 10.08.83, no qual informa sobre o pêssimo estado de saúde dos índios: 3 casos de TB pulmonar, 1 suspeita de TB gonglunar, 20 casos de hemorragia entre homens e mulheres, evidência epidemiológica de que toda a população da aldeia está com vermi-
nose e suspeitas de que haja casos de sífilis. Na sua estada na área, chegou a atender 15 lactentes com verminose grave, falecendo um por falta de transporte.

Uma carta do Marãbu Benedito Dionísio da Ferreira, datada de outubro de 1983, dirigida a Delval Melatti e a mim, de difícil leitura, além de ajudar à escuta de índios Marãbu do alto Ituí para morar no PIA Ituí (provavelmente no antigo local desse posto), convidados pelo chefe de Atalaia (AJUSOL), e a construção de um campo de pouso no Curuçá, refere-se ao falecimento de cinco crianças e de uma moça, acrescentando que não morreu gente grande. No início de 1983, vi nas vizinhanças de Vida Nova uma mulher que sofria de câncer ginecológico, desengana-
da pelos médicos. Uma irmã classificatória sua, esposa do...
mesmo marido (o velho Paulo, que mora junto ao antigo local do PIA Itui) já havia morrido em maio de 1981 do mesmo mal. Ambas receberam tratamento hospitalar, sem resultados. Há uma comunicação de Samuel Vieira Cruz, chefe do PIA Itui, datada de Atalaia do Norte, 18.5.82, que se refere ao caso.

Quando passei pela região em inícios de 1983, o chefe da AJUSOL, sempre às voltas com a falta de recursos, ainda animado pela passagem da Expedição Cousteau, que fora até os Matís no ano anterior, esperava que o cientista que a dirigia viesse a prestar apoio a um projeto que pretendia elaborar. Também punha esperanças no Campus Avançado de Benjamin Constant, que esperadamente socorrer os índios da região. Corria até a notícia de que a lancha Igara, do Campus, iria subir o Itui para atender os índios, o que, então, não ocorreu. Notei, porém, que a direção do Campus está mais voltada para o atendimento aos civilizados. Quanto à população indígena recente, os dados são fragmentários e incompletos. Anteprojetos da FUNAI, sem data, mas provavelmente elaborados no final de 1982, oferecem dados sobre a população a que devem atender:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Masc.</th>
<th>Fem.</th>
<th>Total</th>
<th>Proponente</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PIA Lobo</td>
<td>150</td>
<td>128</td>
<td>278</td>
</tr>
<tr>
<td>PIA Curuçá</td>
<td>71</td>
<td>54</td>
<td>125</td>
</tr>
<tr>
<td>PIA São Luís</td>
<td>69</td>
<td>71</td>
<td>140</td>
</tr>
<tr>
<td>Aldeia Massapé</td>
<td>99</td>
<td>105</td>
<td>204</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Os dados acima referentes ao PIA Lobo devem incluir as aldeias do 31 e Ituxi, ficando de fora os de Lameirão e, obviamente, os arredios.

Desde a publicação do volume Javari tem havido mudanças de localização dos grupos Maorunha e migrações entre os mesmos. Um relatório de Arceu Carvalho Borja, então chefe do PIA Lobo, datado de Atalaia do Norte, 10.5.81, fala da intenção dos moradores da aldeia Trinta e Um de se deslocarem para o rio Pardo, de onde eram originários, a que o signatário era favorável, sobretudo para evitar o contágio de moléstias trazidas pelos brancos que transitam pelo Javari. Tal migração não ocorreu, pois, segundo relatório de Walmir Vitor dos Santos, chefe do PIA Lobo, de 5.11.82, a aldeia Trinta e Um teve choques com a do igarapé Lobo, por causa do rapta de uma moça da primeira, por um homem da segunda, com objetivos matrimoniais, em setembro de 1982.

Em setembro de 83, S. Cavuсens constatou o deslocamento de uma parte dos Maorunha para a margem esquerda do rio Jaquirana, do lado peruano, onde abriram uma roça na beira do rio e construíram duas malocas na terra firme alta. Esta nova aldeia está localizada a meio caminho entre a aldeia 31 e a boca do igarapé Tchoba. Da aldeia 31, conforme informaram alguns Maorunha a S. Cavuсens, 3 famílias teriam se deslocado para o rio Pardo, afluentes do Curuçá.


<table>
<thead>
<tr>
<th>Masc.</th>
<th>Fem.</th>
<th>Total</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Nuevo San José de Afuunshi</td>
<td>17</td>
<td>15</td>
</tr>
<tr>
<td>Nueva Chobas</td>
<td>17</td>
<td>13</td>
</tr>
<tr>
<td>Nuevo San Juan</td>
<td>12</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Remoyacu</td>
<td>40</td>
<td>37</td>
</tr>
<tr>
<td>Buen Perú</td>
<td>19</td>
<td>18</td>
</tr>
<tr>
<td>Paujil</td>
<td>7</td>
<td>8</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Masc.</th>
<th>Fem.</th>
<th>Total</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>203</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Na referida carta se sabe que as comunidades acima são atendidas pelo Proyecto de Investigación y Desarrollo en Comunidades Nativas, executado pelo Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana; porém a maior parte dos Mayorunha do Peru se concentra junto ao curso do igarapé Choba (Chobayacu) distribuída em mais de 14 casas grandes, num total de cerca de 500 índios, atendidos pelo SII. Porém, no segundo semestre de 82, por problemas de alimentação, parte dessa população do Choba estava se transferindo para Remoyacu e Buen Perú. Por sua vez, o assentamento de Paujil, em março de 1983, estava recebendo migrantes oriundos da aldeia de Santa Sofia, do Brasil.

O número de 125 habitantes para o PIA Curuçá nos citados anteprojetos da FUNAI é muito alto, parece-nos, para os Marúbo que moram ao lado do posto e muito baixo se referente a todo o Curuçá. Não estive no Curuçá em 1983, mas com ajuda de um informante que de lá voltara recentemente, contei 147 indivíduos em suas malocas, sem incluir o PIA Curuçá. Portanto, a população total dos Marúbo do Curuçá é maior do que este último número. Quanto ao Marúbo do Itui, juntando-se os dados ainda esparsos que Delvair M. Melatti (outubro de 82 a fevereiro de 83) e eu (janeiro a março de 83) tomamos entre eles, pode-se calcular, provisoriamente, pelos menos 338 Marúbo neste rio, inclusive 40 que vivem junto ao antigo local do PIA Itui. Parece que os Marúbo se fixaram definitivamente neste local, apesar de sempre afigarem que retornarão para as cabeceiras do rio, e sua presença foi um dos motivos que levou a FUNAI a decidir a transferência do posto mais para o sul, para o igarapé Boero (ver o já citado relatório de Samuel Vieira Cruz de 18.5.82), onde fixou todos os 87 Matís sobreviventes. Assim, atualmente há índios Marúbo ao norte dos Matís, inverter parcialmente as antigas posições.

Quanto aos Kanamari, a FUNAI desativou o PI São Luís, no ano passado e está aguardando a época das chuvas para transferir sua infra-estrutura para o PI Massapé. Segundo informações colhidas por S. Cavuсens junto aos Kanamari do São Luís, uma parcela considerable deles não pretende se transferir de local, mesmo com a perda da assistência da FUNAI.
Índios arredios

Segundo declaração (de que se consultou um fragmento), do funcionário Sebastião Sampio da Silva à Comissão de Sindicância instaurada através da Comunicação de Serviço nº 29/AJUSOL/82, de 22.7.82, em 13 de julho de 1982, os índios Korúba mataram os servidores da FUNAI Amelio Rosado Wadick e José Pacifico de Almeida, que, encarregados de pescar para a equipe de atração, tinham ido recolher uma canoa e os espinhéis. Isso ocorreu depois de dois contatos amistosos dos Korúba com a equipe, quando já integrada pelo declarante, sendo que no segundo, cinco indígenas haviam entrado na lancha da FUNAI, foram medicados e tiveram os cabelos cortados a seu pedido, permanecendo de 4 a 5 horas a bordo, retornando ao anoitecer para seus tâptris. Mas não compareceram ao encontro que tinham marcado para o dia seguinte, não havendo mais encontros até o dia em que mataram os funcionários. A deduzir das breves notícias divulgadas no ESP de 16.7.82, o ataque ocorreu 2 ou 3 dias depois do último contato amistoso, quando 8 deles aceitaram remédios.

Segundo informações tomadas por mim no início de 83, o PIA Maruíba, após reativado, encarregado da atração dos Korúba, estava na margem direita do Itacoai, na altura do igarapé Jó, e as mortes ocorreram nas suas vizinhanças. A notícia delas fez a população da cidade de Atalaia do Norte ameaçar a sede da AJUSOL, que teve de ser guardada por uma pequena guarnição militar. Os corpos das vítimas, que demoraram a chegar, foram expostos em duas mesas na praça da cidade. Parentes de uma das vítimas disseram a mim que a tragédia se devia a um incidente de sua véspera: como os Korúba que visitavam a lancha da FUNAI se demoraram muito a sair, os servidores receberam ordem de atirá-los à água; seu parente, vítima no dia seguinte, fora justamente quem tirara da água e os levara de canoa até a margem. Contaram também que, havia mais tempo, quando os Korúba mataram o funcionário Jaime Pimentel, os Kanamari tiveram de matar vários deles para resgatar o corpo. Atos como esses, tão contrários à tradição dos sertanistas, certamente não ocorreram e essas acusações devem ser atribuídas ao inconformismo dos informantes em aceitar a morte de um ente querido. Talvez tenham sido boatos como esses que teriam levado os moradores da cidade a ameaçarem a AJUSOL.

Além de aparecerem na altura do igarapé Jó, mostraram-se, em janeiro de 83, o ponto na margem direita do Ituí, na altura dos Sº Sul, onde os Korúba costumavam aparecer todos os anos, tendo ai surgido pela última vez havia menos de um ano. Um funcionário da FUNAI contou que em agosto de 82 houve um sobrevoo da área Korúba, localizando-se 3 malocas habitadas e 5 aparentemente não ocupadas. As primeiras localizavam-se junto ao curso superior do rio Novo de Baixo (ver mapa). Segundo informações obtidas por S. Cavuscens, no dia 05.08.83 os Korúba mataram um jovem seringueiro de 22 anos, abaixo da boca do rio Novo, afluentes de margem direita do rio Ituí. Quanto aos índios do rio Quixito, ouvi de um funcionário que eles apareciam nas margens do Ituí, acima da faz da Coari. S. Cavuscens ouviu de vários madeireiros que patrões estariam utilizando estas índios na extração de madeira de lei, em pequenos afluentes da margem direita do Ituí. Em inícios de 1983, os Maruíba estavam preocupados com os sinais de índios estranhos, sobretudo nas vizinhanças da maloca de Reissaman. Pelo menos duas vezes João Pajé para lá se deslocou, onde realizou sessões xamanísticas, com a presença de representantes de outras malocas, para tentar conseguir esclarecimentos sobre esses índios. O comportamento dos Maruíba alternava entre tentativas de atração, deixando-lhes como oferta cachos de banana depredados, e a possibilidade de repelê-los com armas de fogo. Ora se pensava que eram Matís, ora que índios do Jururá, com bastante experiência de contato (cortes deixados em galhos com instrumentos de ferro, por exemplo), ora em índios ainda desconhecidos. Samuel Vieira Cruz, em seus várias vezes aqui citado relatório de 18.5.82 e também num outro de 9.2.82, fala de um grupo arredio que estaria pelas imediações do igarapé Penticão. No primeiro também diz que haveria um grupo não contatado no alto rio Novo de Cima.

O Jornal da Tarde (SP) e O Dia noticiaram em 30.12.83 que o presidente da Petrobrás confirmou em mensagem escrita ao deputado Mário Juruna que realmente se haviam detonado duas cargas moldadas numa clareira para atingir com o estampido os índios que cercavam um acampamento da empresa nas cabeceiras do Jandiatubu, no último mês de novembro. Isso ocorreu depois que os índios haviam atacado três funcionários da Petrobrás, flechando um deles. Notícias chegadas de Eirunepé em 7.1.84 afirmam que a FUNAI encontrou 27 malocas entre o igarapé São José e o rio Jandiatubu, havendo cerca de 18 a 20 moradores em cada uma. Uma das malocas é circular e as demais em forma de charuto. A FUNAI encontrou tanto pessoal da Petrobrás como do CPMI na área. Há mais índios na área, ainda não contatados.
## Quadro Geral dos Povos Indígenas da área Jutai/Juruá/Purus

<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>nº/espaco ou Nome AI</th>
<th>população (data/força)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra:Port. Decr./Prop.</th>
<th>área (ha)</th>
<th>população em zonas/áreas limitrosas</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>KULINA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1</td>
<td>R. Envia/2</td>
<td>81</td>
<td>Envia</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td>R. Tarauacã/4</td>
<td>214</td>
<td>Envia</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td>R. Assurã/1</td>
<td>42</td>
<td>Envia</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td>R. Xuruã/1</td>
<td>39</td>
<td>Itamarati</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>R. Jutai/4</td>
<td>117</td>
<td>Jutai</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td>R. Purus/1</td>
<td>40</td>
<td>Pauini</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>AI Enia/Pene- do/Beú</td>
<td>259</td>
<td>Eirunepé</td>
<td>delimitada Prop. Pnai/83</td>
<td>30.687</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>AI Juruã/Ar- dirazinho</td>
<td>66</td>
<td>Caítsã</td>
<td>delimitada Prop. Pnai/02</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>10</td>
<td>R. Gregório/1</td>
<td>38</td>
<td>Eirunepé</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>XVUKNNA/1</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>11</td>
<td>AI Biá/4</td>
<td>253</td>
<td>Jutai</td>
<td>delimitada Prop. Pnai/80</td>
<td>1.180.200</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>12</td>
<td>R. Tapauã/1</td>
<td>10</td>
<td>Tapauã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>CANWART/2</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>13</td>
<td>R. Jutai/3</td>
<td>582 (T)</td>
<td>Jutai</td>
<td>área incluída na proposta do Parque Indígena do Vale do Javari (3)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>Ig. Mirin/R. Juruã e R. Xuruã/2</td>
<td></td>
<td>Eirunepé e Itamarati</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>JUKANO (Tsuchun Dja- pã)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>15</td>
<td>dispersos</td>
<td>36</td>
<td>Jutai, S. Paulo de Olivença</td>
<td>área incluída na proposta do Parque Indígena do Vale do Javari</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DENI</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>16</td>
<td>8</td>
<td>492</td>
<td>Itamarati</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>APURINHA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>AI Caiteute</td>
<td>1.300 (T)</td>
<td>Lábrea</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td>ver tb na área Acre.</td>
</tr>
<tr>
<td>18</td>
<td>AI Marshã</td>
<td>1.300 (T)</td>
<td>Lábrea</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>R. Temamirim, R. Purus/8</td>
<td></td>
<td>Tapauã, Lábrea, Pauini</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>n°/mapa</td>
<td>nº aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Municipio</td>
<td>situação da terra/Ports. Decrs./Props.</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>--------------</td>
<td>---------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>----------------------------------------</td>
<td>-----------</td>
</tr>
<tr>
<td>PAUMARI</td>
<td>18</td>
<td>AI Marchã</td>
<td>250 (T)</td>
<td>Lábrea</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>20</td>
<td>R. Tapauã e R. Cunha/J</td>
<td></td>
<td>Tapauã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MARIMÁ</td>
<td>21</td>
<td>arredios</td>
<td>?</td>
<td>Tapauã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ÍNDIOS DO COXODÔA (4)</td>
<td>22</td>
<td></td>
<td>100</td>
<td>Tapauã</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>JANAMÁDI (5)</td>
<td>23</td>
<td>4</td>
<td>450</td>
<td>Lábrea</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>JUMA</td>
<td>24</td>
<td>9</td>
<td>Canutama</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>CAYNITUJUI</td>
<td>25</td>
<td>10</td>
<td>Canutama</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ÍNDIOS DO JACARUJA</td>
<td>26</td>
<td>arredios</td>
<td>?</td>
<td>Canutama</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) O censo Kulina foi feito pela "Equipe Kulina, CDM-OPAN", integrada por agentes de pastoral das prelazias de Tefé e Acre-Purus, em 1983. Os dados foram fornecidos pelas equipes de pastoral indígenista das prelazias de Tefé e Lábrea.

(1) esse grupo do Jutaí, da família linguística Katukina, é diferente dos Katukina do Acre, da família linguística Pano.

(2) esse grupo do Jutaí, da família linguística Katukina não tem afinidade com outros grupos Canamari do Acre, das famílias linguísticas Anak e Pano.


(4) a denominação Mariná, escolhida pela Paraíba para a área ocupada pelo "Índios do Coxodôa" não corresponde à auto-determinação desses Índios. Mariná é o nome de outro grupo indígena arredio que habita os rios Branco e Cuniuá.

(5) junto com os Janamádi, vivem também os Kanamati, Jaraúara e Rama-Baya.
ARREDIOS NOS VARADOUROS DA PETROBRÁS

Araci Maria Labiak*
Lino João de O. Neves
Vilma M. Ribeiro

Há vários anos presente na região, a Petrobrás estendeu os trabalhos de prospecção em 83 à região dos rios Jutai, Jandiatuba e Itaçai, retalhando a área dos Canamari, dos Tucano (Tshuhm Djapá), dos Kurubo e de outros índios arredios (ver também a repeto, o cap. da Área Javari).

A partir de Benjamin Constant, na beira do Solimões, equipes de sondagem sismológica da Adalco Geofísica Ltda., vararam a área dos Tshuhm Djapá e dos Canamari, chegando às margens do rio Jutai no começo de setembro. Além de enlatadas e outras quinquilharias, os Tshuhm Djapá receberam das equipes de prospecção orientações para abandonarem seu território e se transferirem para as margens do rio Jutai para morar junto aos Canamari, pois o “rio Jandiatuba não é terra de índio”.

Da nova base estabelecida em Eirunepé (rio Juruá), as prospecções voltaram a cortar a região. Apesar de já localizados dois grupos de malocas de índios arredios, desde julho de 83, nenhuma providência foi tomada pela FUNAI no sentido de garantir a continuidade dos trabalhos, sem prejuízo dos índios e/ou dos próprios trabalhadores. As equipes de pesquisa se aproximaram da área das malocas e em fins de outubro, ocorreram vários incidentes envolvendo

(*) membros da Equipe de Pastoral Indígena da Prelazia de Tefé (AM).
Índios arredios nas Cabeceiras do Jandiatuba. Após um dos ataques, onde flecharam um trabalhador braçal que instalava bombas de dinamite para testes sísmicos, os índios foram afugentados com detonações de explosivos, vindo assim a abandonar, pelo menos por ora, o cerco ao acampamento.

Somente depois desses acontecimentos, passaram a acompanhar os trabalhos, que já atingem o rio Itacoai, 10 índios Canamari do P.I. Massapê e dois funcionários da FUNAI, entre eles Pedro Oliveira Coelho, envolvido no incidente de julho de 1982, nesta mesma área, onde dois homens que faziam parte da "expedição de ação" do Kurubó, foram mortos (ver a respeito informações no cap. da Área Iavari).

"Os indígenas daquela ou de outras regiões continuam merecendo de nossa parte o maior respeito como compatriotas que são", declarou o Presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, confirmando aqueles incidentes 2 meses depois, inclusive o uso de bombas (!!!).

A pesar de localizadas 23 malocas de índios arredios na área, conforme informação de Kazuo Kawamoto, da 1ª Del. Reg. da FUNAI, os trabalhos de pesquisa continuam sendo realizados por empresas que possuem contrato com a Petrobrás para prestação de serviço de prospecção na área do proposto Parque Indígena do Vale do Javari.

Além de toda esta situação criada por este trabalho na área, as detonações afugentam a caça e o fato de os trabalhadores utilizarem dinamite para a pesca nos lagos torna o peixe cada vez mais escasso, afetando a subsistência dos índios.

A contar pelas transtornos que a presença dessas equipes tem trazido aos Canamari do Jutai (transações comerciais em moeda corrente, pesca predatória nos lagos, troca de produtos locais por enlatados, etc.) não é difícil avaliar os prejuízos que este esquema está e continuará causando aos vários grupos arredios da região. Cresce-se a isso o enorme perigo da transmissão de doenças, mesmo uma simples gripe, a esses grupos sem contato.

**Combate à tuberculose**

O ano de 1983, ficou tristemente marcado para os índios da região dos Rios Juruá/Jutai, pela ocorrência de vários casos de doenças, principalmente de tuberculose, que atinge praticamente a todos os grupos.

Vários índios Dení que estavam em tratamento de tuberculose em Manaus, retornaram para o Rio Xerú, embora a situação geral de saúde do grupo, na área, ainda seja bastante precária, requerendo medidas mais eficazes de atendimento.

Entre os Kulina dos diversos grupos localizados nos afluentes do Juruá, a tuberculose também fez vítimas. Contudo, o caso mais grave ocorre no Rio Jutai, onde através de exames preliminares realizados no posto da Fundação de Serviços de Saúde Pública (SESP) — Eiru —, 47% dos Canamari do Jutai apresentaram indícios de Tuberculose Intestinal. Para enfrentar esta situação, a equipe de Pastoral Indígena da Prefeitura de Tefé, que atua junto aos Canamari, elaborou juntamente com o SESP um programa de atendimento. Assim, em meados de dezembro de 83, uma equipe composta por médicos do Hospital Tropical de Manaus, do INPA, e por uma enfermeira da FUNAI, esteve no Rio Jutai realizando exames clínicos e coletando material para novos exames laboratoriais.

Devido ao tipo de substâncias usadas para a conservação do material, houve dificuldade no reconhecimento do bacilo, o que fez com que em fevereiro de 1984 outra equipe fosse à área coletando nova remessa do material a ser examinado. Isto veio atrapalhar ainda mais o resultado dos exames, o diagnóstico da enfermidade e o início de um tratamento. Os casos de pessoas com os sintomas aumentaram dia a dia e como decorrência da própria doença, a debilidade das pessoas cada vez mais se acentua mais. Apesar dos esforços desperdiçados pela equipe e pelas entidades que assumiram buscar soluções para o caso, a morosidade deste processo está colocando em risco a própria existência destes grupos Canamari do Rio Jutai.

**Reunião de líderes**

Atingidos físico e territorialmente, ameaçados por doenças e tendo seu território retalhado, os Canamari das áreas do Rio Juruá e Rio Jutai, estiveram reunidos no mês de novembro no Igarapé Santa Rita, quando, conversando sobre problemas que lhes são comuns, encaminharam à FUNAI suas exigências de que sejam atendidos e defendidos os seus direitos à terra e à vida.
A Petrobrás e o gás do Juruá

Prospecção de gás no Juruá

A Petrobrás já iniciou estudos geofísicos para o projeto de construção do gasoduto de transporte do gás do Juruá e na próxima semana deverá receber missão do Banco Mundial para discutir formas de financiar a iniciativa. A confiança reinante entre os técnicos em relação às possibilidades das reservas de gás do Alto Amazonas já levou a empresa a tomar uma nova iniciativa na operação de delimitação da província gaseífera. Uma equipe sismica e materiais de prospecção foram deslocados em direção à bacia do Acre,operando na localidade de Eirunepe. (ESP,04/12/83).

Gasoduto, de Juruá a São Paulo

O projeto de pré-viabilidade para a construção do gasoduto deverá estar concluído até o primeiro semestre de 1985, o que permitirá que se inicie a sua construção entre 1986-87, segundo estimativa do assessor para Assuntos de Petróleo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Nunes. Os investimentos para a construção do gasoduto ao longo de cinco anos ficam entre 4 e 5 bilhões de dólares. O assessor notou também que as reservas do Juruá, para compensar os custos do gasoduto, deveriam ser de 80 bilhões de metros cúbicos “mas está quase certo termos lá os 120 bilhões”. Para a construção do gasoduto, há três opções: a construção com recursos próprios, um consórcio de empresas e agentes financeiros nacionais ou a participação do Banco Mundial. (A Notícia, 17/12/83).

Amazonas troca gás por energia perene

Waldir Barros (PDS-AM), confirmando o pensamento pedeissista na Assembleia, declarou que o Amazonas vazias efetivamente ceder seus depósitos de gás a outros Estados, mas em troca exigirá do ministro das Minas e Energia a execução do programa de hidrelétrica de Balbina e o início, ainda em 84, das de Catuema e Porteira. A proposta será apresentada ao ministro César Cals durante sua próxima viagem a Manaus, quando será mobilizado o esquema da construção do gasoduto do Juruá. (A Notícia, 30/12/83).

Juruna acusa Petrobrás

O Deputado Mário Juruna (PDT-RR) enviou ontem telegramas ao Presidente João Figueiredo, aos Ministros Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça, e César Cals, das Minas e Energia, e ao Presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, acusando a Petrobrás de utilizar cargas explosivas para afugentar índios na Amazônia, perto de Carauari, onde estão sendo realizadas pesquisas. Juruna pede a apuração e a punição “dos culpados e omissos”. Os técnicos da Petrobrás teriam relatado que um deles foi ferido por uma flecha envenenada, justificando a utilização dos explosivos para afugentar os índios. Para Juruna, “fica claro que a Funai e o Ministério do Interior não protegem as comunidades indígenas”.

Não se sabe se houve alguma vítima entre os índios, já que a Funai não tem atuação na área e nem mesmo os indígenas têm conhecimento do número de índios e dos grupos que vivem no local, considerados “arreios”. (O Globo, 06/12/83).

Bombas contra índios?

Sim, diz Ueki, “mas com respeito”

O presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, confirmou, em carta ao deputado federal Mário Juruna que funcionários da empresa realmente utilizaram cargas de explosivos para dispersar um grupo de índios que, no mês passado, invadiu um acampamento na cabeceira do Rio Jandiatuba, no Amazonas. “Os índios atacaram três tamponadores, conseguiu flechar um deles”, disse Ueki, indicando que os demais trabalhadores agruparam-se numa clareira. “Para evitar maiores consequências, os operários detonaram no chão da clareira, onde não havia índios, duas cargas moldadas. Com o estampido da explosão, os índios imediatamente abandonaram o cerco ao acampamento.” O presidente da Petrobrás afirmou, ainda, que o incidente não teve a gravidade noticiada por jornais e revistas de todo o país. E acrescentou: “Os indígenas daquela ou de outras regiões continuam merecendo de nossa parte o maior respeito, como compatriotas que são”. (Jornal da Tarde, 30/12/83).

93
NAS MALHAS DO AVIAMENTO DECADENTE

Os Kulina, embora dispersos, tentam se livrar da exploração dos seringalistas e buscar áreas demarcadas para retomar a autonomia.

Egon Dionísio Heck*

O povo Kulina é, provavelmente, o que se encontra disperso por maior território na região amazônica. Do alto rio Purus (no Peru) até o rio Solimões, suas aldeias limitem distâncias entre si mais de três mil quilômetros, situando-se especialmente no alto rio Juruá — a região tradicional — e nos rios Jutai e Iacoai. Alguns grupos se encontram em constantes migrações, ocorrendo deslocaimentos de mais de mil quilômetros. Foi o caso do grupo que saiu do alto rio Jutai, indo se estabelecer na foz do mesmo rio, de onde saíram no ano passado para Fonte Boa, no rio Solimões e dai, já no final do ano, para o baixo Juruá.

Nas malhas do aviamento decadente

O sistema extrativista se encontra num processo de decadência, devido a vários fatores: faltam mercadorias nos barracões e quando há, o preço chega a ser quatrocentas vezes maior do que nas cidades da região; o baixo preço pago pela borracha; nenhum atendimento à saúde ou, quando prestado pelos bencos da SUDHEVEA, deficiente e inadecuado; e um sistema de atendimento escolar insuficiente (as poucas escolas instaladas com fins propedêuticos logo deixaram de funcionar). Tudo isso tem levado a um esvaziamento dos sertões, alguns chegando mesmo a fechar.

Neste contexto, os Kulina sofrem dificuldades ainda maiores que os demais seringueiros. Roubados nas transações comerciais, se vêem frequentemente privados das mercadorias de que necessitam e, consequentemente, buscam alternativas fora do barracão, com marreteiros, ou saem em procura de um patrão melhor.

O fato de venderem borracha a outros comerciantes de Eirunepé, criou para os Kulina do Ajitini/Ig. Preto, por exemplo, uma situação de hostilidade e de tensão com Raimundo Chagas; este se diz dono da área e tenta de todas as formas impedir que os índios vendam sua produção a outros comerciantes. Outro expediente muito usado é o da cachaça: esta é, geralmente, a principal mercadoria com que são pagos os produtos dos Kulina e, muitas vezes, serve de alimento para a prestação de determinados serviços.

Esta situação tem gerado muitos conflitos entre os Kulina e a população “caiu” (branca). Só no médio rio Juruá, foram mortos, em 1983, três Kulina: Tiani (45 anos) e Casusã (17 anos), mortos em junho no seringal Monte Douru, e Irauihi-Horácio (45 anos), morto por Zezinho Fontes em maio, no Ig. Canamã.

A luta pela terra

Apesar da dispersão espacial e dos problemas decorrentes das frequentes migrações, alguns grupos Kulina sentem a necessidade de lutarem por uma terra onde possam se estabelecer e pensar mais tranquilamente no seu futuro. O grupo do Ig. Soldado, liderado por Nodiá, se mobilizou durante 83, participando de reuniões e pressionando a FUNAI para exigir a demarcação de uma área no rio Eiru. Uma equipe da FUNAI esteve em julho na região para realizar a eleição da área. Porém, a área sugerida pela equipe não coincide com a área reivindicada pelos índios. Também no Ig. Ajitini o grupo está exigindo urgentes providências com relação à sua terra, como única medida que lhes possibilitará romper a dependência do seringalista, dando-lhes liberdade na comercialização de seus produtos e assegurando-lhes pleno domínio sobre suas terras.

No baixo rio Juruá, os Kulina continuam insistindo na demarcação de terras que sejam escolhidas por eles. Isso porque, mais uma vez, a FUNAI, teimosa e arbitrariamente, vem tentando deslocar todos os Kulina da região para uma área escolhida pelo prefeito de Caimau e por seringalistas, para coninar os índios nas cabeceiras do rio Andirá. Durante este ano, um funcionário do órgão oficial esteve na área com a missão específica de transferir novamente os índios para o Andirá.

Praticamente todos os grupos Kulina do alto rio Juruá têm manifestado o desejo de terem seus territórios demarcados. Apesar disso, a FUNAI continua se mostrando totalmente omissa e mal-intencionada. Não existiu nenhuma preocupação em fazer um estudo sério das áreas desse povo, que sejam, na medida do possível, áreas amplas dentro de seu território de origem, como é o caso das áreas do Eiru/ Ajitini/Baiú/Gregório/Penedo e Medonho:

(*) sacerdote católico, há vários anos percorrendo os rios Juruá/Jutai como agente de pastoral da Prelazia de Tefê e membro do CIMI.
Aconteceu na imprensa

KULINA

Desmandos no Igarapé Preto

Os Kulina que vivem próximo ao Igarapé Preto estão com sérios problemas desde que a empresa seringalista Raimundo Chagas da Silva começou a interferir no seu cotidiano. A denúncia foi feita em junho pelo Cimi da Amazônia Ocidental, em um Ofício enviado ao Dgapi/Funai. Prostituição das mulheres indígenas, esgotamento das fontes de caça e pesca, exploração da força de trabalho, esbulho e abusos cometidos pelo barracão da empresa e o uso da força e coação são algumas das denúncias.

Após denunciar os desmandos da empresa seringalista, o Cimi pediu urgência na demarcação de uma área na bacia do Jurutã, levando em conta a presença e a historicidade da ocupação dos Kulina em vários igarapés e rios. Reivindicou também que os indígenas sejam consultados quando a Funai enviar seus funcionários à região para fazer o levantamento da situação. (Pepantim, ag. 83).

INCRA invade terras dos Apurinã

O representante da nação indígena Minanha, município de Uarini, Lino Pereira Cordeiro e a direção do Cimi em Manaus, denunciaram ontem que o INCRA está invadindo as terras dos índios Apurinã, aldeia do Caiteu, no município de Lábrea. A informação sobre a invasão das terras foi prestada pelos próprios líderes indígenas da tribo, entre eles o tuxua Agostinho Miliato dos Santos, que ao dar a notícia da invasão também anunciou que os índios já deram sinal de que um conflito com o INCRA será inevitável.

Segundo o representante esta ação de aviltamento promovida pelo órgão federal, está deixando os índios quase sem terras para sobreviver, pois do total das terras, numa extensão de 30 por 30 quilômetros, o INCRA já penetrou, através de picadas, em mais de 20 quilômetros, o que vem causando grande revolta entre os Apurinãs.

Lino Pereira Cordeiro disse, também, que assim que os índios notaram a presença dos funcionários do INCRA invadindo suas terras entraram em contato com a FUNAI e o próprio INCRA onde colocaram as seguintes exigências: “As terras dos Apurinãs medem 30 km por 30 km, os índios não aceitam terra pequena”. “Apurinã não quer a presença do INCRA na área, de jeito nenhum. Apurinã pede à FUNAI a demarcação urgente de sua área”. (A Crítica, 24/83).

INCRA sem consulta sobre invasão

A Coordenação Regional do INCRA nada tem a ver com o problema das terras invadidas dos Apurinã, no município de Lábrea. Segundo informou o Coordenador Regional Albin Fonseca da Silva Neto: “A coordenadoria Regional em Manaus não recebeu nenhuma consulta a respeito... o assunto é de inteira responsabilidade da Coordenação Especial do Acre, com jurisdição nos dois municípios, mesmo sendo no território amazônico”. (A Crítica, 25/83).

Indios levam seus problemas à FUNAI

Embora já tenham levado, anteriormente, o problema diretamente ao delegado regional da Funai, os líderes indígenas Apurinãs da localidade Juturana (Manacapuru), Leopoldo e Cristinim, estiveram novamente em Manaus com o objetivo de denunciar a invasão de suas terras por parte de um morador do lago Munduruku, chamado Zé Geraldo. No primeiro contato que tiveram com o delegado Kazuto (da Funai), os índios obtiveram a promessa de demarcação de suas terras para o mês de abril, o que não ocorreu e a invasão persistiu. Nestes últimos dias a invasão acentuou-se, com a entrada na área de indivíduos, a mando de Zé Geraldo, com a intenção de cultivar a terra (isso depois que os índios já a tinham preparado). Devido o acontecido, os Apurinãs tentaram um contato com os invasores, o que não foi possível em virtude das ameaças que receberam. Deslocaram-se até Manaus na tentativa de solucionar o problema junto à Funai. Ocorre que desta vez, seguir foram recebidos pelo delegado daquele órgão. Irritados os líderes indígenas procuraram o Cimi a fim de denunciar e alertar que, caso ninguém tome as providências, eles estão dispostos a expulsar o invasor à força.

Os Apurinãs são oriundos da região do Purús, onde se dedicavam ao cultivo e extração da borracha, migraram daquela região por serem explorados ao extremo, acarretando inclusive a sua quase extinção. Atualmente habitam a região do Jatuara, onde se dedicam ao cultivo da terra, apesar das inúmeras dificuldades que vem encontrando. (A Crítica, 6/09/83).

Indios Apurinã ameaçam três municípios

O conflito aberto pelos índios Apurinã, iniciado em Boca do Acre, já chegou aos municípios de Pauini e Labrea, no Rio Purus e o clima é de tensão. Segundo informou ontem, o delegado regional da FUNAI, Kazuto Kawamoto, o problema também envolve terras.

Ele confirmou que em Pauini, atinge a reserva Caictetu, para onde ele já enviou funcionários da FUNAI, para saber o que realmente está acontecendo e procurar acalmar os ânimos dos silvícolas. Por sua vez, um técnico e um antropólogo de Brasília se deslocaram para a cidade de Labrea, para fazer completo levantamento da situação dos indígenas. (Noticias Populares, 12/10/83).
Prazo para saída dos posseiros do Pacia

Os Apurinã do rio Pacia, município de Lábrea, resolveram pôr fim às invasões nas suas terras, uma área de 900 km², ainda não demarcada. Através do tu-xáua Agostinho Mulato dos Santos, procuraram os posseiros e estabeleceram prazos de dois a três anos para que estes se retirassem da área. Os posseiros não aceitaram e passaram a propalar que os índios os estavam ameaçando de expulsão de forma brusca. A FUNAI posicionou-se contrária à atitude dos Apurinã, afirmando que eles só podiam tomar esta atitude caso a reserva estivesse demarcada. O agente da FUNAI na área e o advogado do órgão se recusaram a ir até a aldeia. Os Apurinã enviaram uma carta ao deputado federal Mário Juruna convidando-o para visitar a aldeia. (A Crítica, 15/10/83).

ÍNDIOS DO COXODOÁ

FUNAI entra em contato com arredios

A expedição da 1ª DR da Funai, denominada “Operação Coxodoá”, contatou um grupo de índios arredios, possivelmente da tribo Marinã. A informação foi prestada ontem, pelo delegado da Funai no Amazonas, que ainda denunciou a invasão irregular da área por membros do Cimi. A expedição, chefiada pelo sertanista Sebastião Amâncio, composta de 12 pessoas, entre as quais vários índios Wai-Wai, encontrou “os índios do grupo Marinã, que o Cimi diz chamar-se Coxodoá”.

Segundo o delegado, a Funai já tinha conhecimento da existência desse grupo desde 1975. “Em 80, o Cimi, à revelia da Funai, entrou em contato com o referido grupo de modo desastroso, por meio de pessoa sem qualquer preparo para lidar com índios arredios”, adiantou o delegado ao prestar pormenores do resultado do trabalho da expedição, que permaneceu durante 70 dias na área de atração. O delegado revelou que, durante o contato, foram localizadas oito malocas nos igarapés do índio Preto, que são afluents do rio Cuníuá. Disse, ainda, que os índios estão bem alimentados, não aceitam medicamentos ou tratamento médico e, aparentemente, estão bem de saúde. Por outro lado, assegurou que a Funai implantará infra-estrutura de forma a fornecer assistência permanente a esses grupos, sobretudo no sentido de evitar o ingresso de pessoas na área, já que é grande a pressão das frentes pioneiras extrativistas. (Folha da Tarde, 6/12/83).

CIMI critica atração

A equipe indigenista da Prelazia de Lábrea acaba de regressar de sua base no rio Cuníuá, onde os missionários, desde 1978, estão dando apoio a diversos grupos indígenas deste rio e seus afluents. A equipe indigenista, que é também responsável pela contacção dos índios arredios do Coxodoá, com os quais mantém contato também desde 1978, denunciou, através de nota à imprensa, “a atuação da expedição de atração da 1ª Delegacia da FUNAI de Manaus, composta de 17 índios Waimiri e Atroari, Wai-Wai e de outros sob o comando do sertanista Sebastião Amâncio da Costa, realizada nos meses de outubro e novembro de 1983”. Continua a nota: “A equipe esteve presente e constatou que em vez de interditar a área dos índios em contacção e retirar os sorveiros da área nos rios Coxodoá e Riozinho, a FUNAI abriu um grande varadouro desde a beira do rio Cuníuá ao longo do Coxodoá até o varadouro mester dos índios, tornando ainda mais acessível aquela área. Em apenas 70 dias, numa época em que os rios estão secos, a FUNAI realizou um trabalho apressado sem condições de levantar e reconhecer toda a área dos dois rios em questão”.

“A equipe da Prelazia de Lábrea ficou impressionada com a ideologia positivista expressa pelo sertanista Amâncio. Este funcionário da FUNAI afirmou que o progresso era uma realidade imprescindível, sendo portanto como remendo necessário uma rápida integração dos índios no sistema econômico regional, mesmo com o risco do desaparecimento de grupos “geneticamente fracos”.

A nota diz também que “os missionários vêm pedindo a interdição da área dos índios em contacção desde o início, mandando inclusive todos os relatórios para Brasília e só agora é que o presidente da FUNAI prometeu ao CIMI uma equipe para fazer os estudos preliminares. Essa equipe, chefiada pela antropóloga Ana Maria, da FUNAI, de Brasília, após saber da expedição do Delegado Kazuto de Manaus, não se deslocou até o Coxodoá”.

Explica a nota, ainda que “a equipe da Prelazia de Lábrea optou por um lento trabalho de contacção pelos seguintes motivos: subsistência dos índios amplamente garantida (apicultura, caça, etc.), saúde intacta, apesar de vários contatos; bom sinal de autodefesa, e controle da área, uma vez que os índios evitam contatos com os brancos, embora a área próxima seja invadida por duas frentes dos respectivos rios e impedem penetrações avançadas, desarmando e expulsando os invasores”. (A Crítica, 27/12/83).
TAPAJÓ/MADEIRA
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>nº/ mapa</th>
<th>nº aldeias ou nome AI</th>
<th>Pop. (data/fonte*)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MURA</td>
<td>1</td>
<td>R. Manicoré</td>
<td>1.308 (T)</td>
<td>Manicoré</td>
<td>3 posses desmarcadas pelo SPI (1)</td>
<td>20.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>Ig. Capanã G.</td>
<td>31</td>
<td>Auxiliadora</td>
<td>4 posses desmarcadas pelo SPI</td>
<td>900</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>R. Madeira</td>
<td>22</td>
<td>Auxiliadora</td>
<td>sem providência</td>
<td>?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>Ponta Natal</td>
<td>219</td>
<td>Manicoré</td>
<td>posses desmarcadas pelo SPI (invioladas)</td>
<td>?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5</td>
<td>R. Autazes</td>
<td>1.000</td>
<td>Autazes</td>
<td>13 posses desmarcadas pelo SPI</td>
<td>25.780</td>
</tr>
<tr>
<td>PIRAIA (2)</td>
<td>6</td>
<td>R. Maici, 3</td>
<td>170</td>
<td>Humaitá/Auxiliadora</td>
<td>delimitada, proposta de 1927 (Lei Estadual nº 19)</td>
<td>120.000</td>
</tr>
<tr>
<td>TARA</td>
<td>7</td>
<td>Fortaleza</td>
<td>17</td>
<td>Auxiliadora</td>
<td>3 posses desmarcadas pelo SPI</td>
<td>1.000</td>
</tr>
<tr>
<td>MUNDURUKU (3)</td>
<td>8</td>
<td>3.756 (T)</td>
<td>18</td>
<td>Itaituba</td>
<td>AI Munduruku, demarcada pela Port. nº1.374 de 24.08.82 e retificada pela Port. nº 1461/E de 18.11.82</td>
<td>984.541</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>2.296 (Punai:83)</td>
<td></td>
<td>Anixim/Barba</td>
<td>AI Coaté-Laranjal delimitada Port. nº2.217/E de 06.05.82</td>
<td>732.000</td>
</tr>
<tr>
<td>PARUNINTIN</td>
<td>10</td>
<td>4</td>
<td>114</td>
<td>Humaitá/Auxiliadora</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TENHARIM (4)</td>
<td>11</td>
<td>Transamazônicas, Jus. 124</td>
<td>239 (T)</td>
<td>Humaitá/Auxiliadora/Manicoré</td>
<td>Reserva Projetada Tenharim Proposta Punai/Inca:1979</td>
<td>370.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>12</td>
<td>R. Mamelos</td>
<td>192</td>
<td>Auxiliadora</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>Ig. Preto</td>
<td>24</td>
<td>Manicoré</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>SATIRÉ-WAWÉ</td>
<td>14</td>
<td>2.850 (T)</td>
<td>192</td>
<td>Maués/Itaituba</td>
<td>AI Andirá-Verau delimitada, Port. nº 1.216 de 06.05.82 sem providência nos Igs. Miriti, Manjuru e Urupadi</td>
<td>782.510</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15</td>
<td>3</td>
<td>7</td>
<td>Maués/Itaituba</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>RAJABI (5)</td>
<td>16</td>
<td>4</td>
<td>136 (Punai:82)</td>
<td>Itaituba</td>
<td>AI Rajabi demarcada Port. nº 1.372/E de 24.08.82 homologada Dec. nº 87.842 de 22.11.82</td>
<td>117.246</td>
</tr>
<tr>
<td>DIAHOI</td>
<td>17</td>
<td>dispersos na Transamazônica</td>
<td>sem dados</td>
<td>Maués/Sucunduri</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TIRUNA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>CACAMA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DUBÁ</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>AMURIKU</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ABIRÁKU</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MUNDURUKU</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>nº/ mapa</td>
<td>nº aldeias ou nome AI</td>
<td>pop(*)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>áreas (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>-------</td>
<td>----------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>--------</td>
<td>-----------</td>
<td>---------------------------------------------</td>
<td>------------</td>
</tr>
<tr>
<td>ARREDIOS</td>
<td>18</td>
<td>R.Bararati</td>
<td>sem dados</td>
<td>Apuí/Sucunduri</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>19</td>
<td>R.Madeirinha</td>
<td>sem dados</td>
<td>Manicoré/ Aripuana</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>20</td>
<td>R.Paraná</td>
<td>sem dados</td>
<td>Marés/Excím/ Itaituba</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) Todos os dados de população não especificados, foram levantados por Heringer FV e Lange:83.
(1) Posses demarcadas pelo SPI, entre 1917 e 1924, conforme lei estadual de 16.10.1917.
(2) Nessa área vivem também índios Diãhói e Apurinã, integrados aos Pirahã.
(3) Nessa área há também uma aldeia Sateré-Mawé.
(4) Nessa área vivem também índios Diãhói, integrados às famílias Têharim.
(5) Ver também nas Áreas PIX e Oeste do MT.
NO MADEIRA, POUCO MUDA DESDE OS ANOS 30

Mas a mineradora Taboca/Paranapanema está tirando cassiterita em cima da aldeia Tenharim.

Ana Lange e Ezequias Heringer Fº*

Os povos indígenas do Madeira são mais conhecidos pela participação dos Mura na Cabanagem, e já neste século, pela repercussão da pacificação dos Parintintins. Nos anos 30, durante o colapso do SPI, as terras indígenas foram, em sua maioria, registradas em nome de brancos, selando um quadro que persiste até hoje. E isto é notícia atual para os cerca de 7.000 índios, divididos em 13 grupos culturalmente distintos, que habitam a área.

Pelais características geográficas, ao sul do estado do Amazonas entre os estados de Rondônia e Pará, a ocupação desenvolvimentista só se iniciou a partir de 72 com a abertura da Transamazônica. Enquanto as frentes de penetração eram discutidas em outras áreas da Amazônia, alcançando a preocupação nacional, aqui prevaleceu a "integração, progressiva e harmônica, à comunhão nacional". Assim, a mineradora Taboca/Paranapanema literalmente instalou-se em cima de uma aldeia Tenharim (Igarapé Preto), onde se encontra explorando cassiterita, sem que fosse autorizada ou proibida. Apenas conta com a convivência surda e muda de organismos governamentais.

Mais recentemente os Sateré e os Munduruku, organizados por líderes que vêm participando de Assembleias e Encontros Indígenas, paralisaram os serviços petrolíferos desenvolvidos pela Elf-Aquitaine em seus territórios. No episódio, a FUNAI ao invés de defender os interesses dos índios, pois é para esta finalidade que ela existe, preferiu colocar-se ao lado da companhia invasora buscando diminuir os gastos com as devidas indenizações. E conseguiu (ver o artigo de Sonia Lorenz “A Luta dos Sateré-Mawé contra a Elf-Aquitaine”).

O caso dos reatações que armaram os Pirahã e juntamente com eles atacaram os Apurinã, resultando direta e indiretamente em 4 mortes, deu em nada. Apenas os missionários do SIL conseguiram a colocação de uma placa na foz do rio Marau que, como um totem, indica o simbolismo de leis e instituições. Os Apurinã continuam corridos e os mentores à solta em seus castanhais.

A Reserva “Projetada”

Procurando fazer uma autêntica limpeza no médio Madeira, a FUNAI, utilizando um instrumento inédito no direito indígena, criou a "Reserva Projetada Tenharim" na beira da Transamazônica, para onde tenta transferir os Parintintins, Pirahã, e grupos Tenharim, Diãoi e Apurinã. Ninguém foi, mas suas terras estão arreadadas pelo INCRA, que já iniciou a implantação dos projetos fundiários H-1 e M-2.

FUNAI mal informada?

Ao longo da Transamazônica e adjacências, estão pequenos grupos Tikuna, Djapã, Cokama e Apurinã, que há cerca de 20 anos convivem com os Munduruku, Apiakã e Diãoi, antigos naquela região. Algumas famílias estão assentadas em lotes do INCRA, outras dedicam-se ao extrativismo tradicional, mas o interesse maior é pela extração do ouro, quando se associam a garimpeiros ou simplesmente arremadam suas terras. Não são poucas as histórias de desavenças e mesmo de conflitos sangrentos.

Um grupo arredio esteve no PI Coatá, no rio Canumã, tudo indicando que sejam os mesmos que os Sateré do rio Urupadi dão notícias. Ainda na órbita da Paranapanema, pode-se-la perguntar à sua mineração São Francisco, que irm levou um grupo arredio que por lá atuou apa-recendo (rio Madeirinha, divisa de AM e MT)? Outro grupo arredio transita entre as cabeceiras do Bararatã e do Maracanã, mas a FUNAI oficializou ao INCRA que nesta região, sul da Transamazônica, não existem índios, o que talvez seja a grande noticia "in off" de 83.

(*) antropólogos, com larga experiência de campo também como indígenas, atualmente residem em Manicoré, de onde acompanham a situação das áreas indígenas ao longo do rio Madeira.
A LUTA DOS SATERÉ — MAUÉ CONTRA A ELF-AQUITAINE

No único território indígena demarcado no Estado do Amazonas a Petrobrás (e a Funai) autorizou a empresa estatal francesa pesquisar petróleo, à revelia dos índios. E agora, quem paga os estragos?

Sonia Lorenz*

A Elf-Aquitaine se retirou da área Sateré em 15 de janeiro de 1983, após ter at l permanecido ilegalmente desde setembro de 1982, quando invadiu a área pela segunda vez. O território Sateré é o único demarcado no Estado do Amazonas, conforme portaria 1210/E, de 06/05/82.

Imediatamente os Tuxáus Gerais dos Sateré-Mawé, Donato Lopes da Paz do rio Andirá e Emílio Tibúrcio F de F. do rio Marau enviaram caçadores para percorrerem as pica das abertas pela Elf, e levantarem tudo que havia sido destruído: madeiras de lei, produtos extrativos, agrícolas, medicinais, e também as caças que avistassem mortas pelas explosões de dinamites.

A indenização correspondente à primeira invasão foi considerada irrisória pelos índios, uma vez que eles próprios, juntamente com o antropólogo da Funai — Célio Horst — após percorrer a região destruída, chegaram ao montante de 30 milhões e a indenização recebida foi só de 5 milhões. Os Tuxáus Gerais mais seu representante em Manaus — Dico — resolveram, antes mesmo de calcularmos pormenorizadamente os prejuízos da 2ª invasão, firmarem seu valor em 80 milhões de cruzeiros.

Mas os Sateré continuavam correndo o risco de terem seu território novamente invadido, pela CBG (Cia. Brasileira de Geofísica) e pela Braselfa (filial da Elf-Aquitaine no Brasil) para realização de pesquisas sísmicas, ou para prospecção de petróleo. Foi sob esta ameaça que os Tuxáus Gerais decidiram, seguindo sugestão do CTI, encaminhar para a justiça federal do Amazonas o processo de INTERDITO PROIBITÓRIO, requerendo do juiz que as empresas citadas não voltassem mais a invadir e turbarem sua posse. Em 15 de março de 1983 o advogado dos Sateré em Manaus, Hildeberto Dias, deu entrada na justiça à petição.

Depois da entrada dos Sateré na justiça, e da farta divulgação desse fato na imprensa, os três requerentes do processo: Dico, Donato e Emílio, começaram a sofrer uma série de represálias da Funai, com o intuito de desmoralizá-los como chefes, e de intimidar e dividir os índios. No princípio de abril o advogado Hildeberto Dias nos procurou para expor que ele havia mudado de idéia quanto à eficácia do processo Sateré e queria "cair fora". Ele nos informou que havia sido procurado pelo procurador da Elf em Manaus, o Sr. Carlos Fausto Ventura Gonçalves, Presidente da OAB seção AM, e pelos advogados da Funai, José Paiva P. e Alexandre Massena, e através da "troca de idéias entre colegas" ele concluiu que as empresas e a tutela estavam "preocupadas em resolver da melhor forma os problemas dos índios", que o contrato de risco entre a Petrobrás e a Elf era inquestionável, que o convênio entre a Petrobrás e a Funai era legal, portanto "o processo era uma palhaçada".

Ficou claro para os Sateré e para nós que H. Dias não só tinha mudado de idéia, como também passado para o outro lado. Com sua saída começamos a procurar outro advogado para acompanhar o processo Sateré junto ao Fórum de Manaus.

Dividir para reinar, a tática da FUNAI

Em 19/04/83 — Dia do Indio — o chefe do PI Marau Walmir Torres, convidou todos os tuxáus dos rios Marau, Manjuru e Miriti para uma comemoração cívica, distribuiu máquinas de costura, motore de rular mandioca, fornos de torrar farinha, voadeiras, e fez um discurso violento contra o Dico, tentando convencer os Sateré que ele era ladrão e mentiroso.

O clima na área era de grande tensão, os dois Tuxáus Gerais e o Dico haviam sido destituídos pela Funai de seus cargos políticos, e cresciam os rumores entre os índios, promovidos pelos funcionários da Funai e seus "capangas" Sateré, que esses três líderes estavam lutando contra a Elf para ganharem publicidade nos jornais e roubarem o dinheiro da indenização.

A verba destinada para projeto agrícola foi usada na farta distribuição de presentes no "Dia do Índio", para conven-

(*) fotografia, membro do CTI, acompanha a situação da área Sateré-Mawé desde 1981.
cer melhor os Sateré da desonestidade dos seus chefes, e com isso tentar neutralizar a entrada dos índios na justiça.

FUNAI controla o pagamento e manipula

Os tuxuás Sateré chegaram em Manaus para receber a indenização no fim de abril, passaram quase um mês na cidade, e o Delegado da Funai Kazuto Kawamoto jamais se dignou a recebê-los. O assunto era tratado tão somente com os Capitães Roberto e Aristides, os Sateré cooptados pelos chefes de posto. Os índios voltaram para as aldeias com as mãos vazias, bastante aborrecidos com o Kazuto e decepcionados com os Capitães Roberto e Aristides. A segunda indenização até então era fantasma.

Ela foi recebida oficialmente pelos chefes Sateré que estavam à disposição da Funai. A Funai dividiu os Cr$ 8.500.000,00 em duas partes de Cr$ 4.250.000,00, uma destinada às aldeias do rio Marau e outra às comunidades do rio Andirá.

No fim de junho a Delegacia da Funai mandou para a Caixa Econômica de Manaus os Cr$ 4.250.000,00 referentes ao Marau. O dinheiro foi remetido no nome de Walmir Torres, chefe do PI, e do Capitão Aristides. Essa importância foi dividida segundo critérios do chefe do posto, sem qualquer reunião com os tuxuás para discutir o assunto. Cobraram aos dois chefes Sateré que trabalharam para a Funai a quantia de Cr$ 600.000,00, e para os demais tuxuás uma importância que oscilava de Cr$ 100.000,00 a Cr$ 300.000,00.

Reflexão do Tuxuá Emílio

Segundo o pensamento do Tuxuá Emílio a forma mais eficaz de esvaziar a nova investida da Funai, visando dividí-los cada vez mais com a disputa pelo dinheiro da segunda indenização, era abrir mão dessa quantia e do comando político, como Tuxuá Geral, da divisão e aplicação da indenização.

Assistimos a várias seções ceremoniais de capô (guardar aí para a água) onde o Tuxuá Emílio através de seu discurso político esclareceria aos índios que a luta contra as invasões estava sendo travada por eles — não pela Funai e seus tuxuás “capangas”, que as indenizações pelos estragos na mata foram reivindicadas por eles — não pela Funai e seus compadres, e que agora para derrotá-los e humilhá-los a Funai entregava o resultado concreto de sua luta — a indenização — para os Sateré que deixaram a Elf-Aquitaine entrar, que nunca saíram na defesa do seu povo e da sua terra. Que ficasse tudo para eles, poder e dinheiro, pois os tuxuás e o “povo geral” com o tempo suberiam ver quem eram seus verdadeiros chefes, quem trabalhava por eles e quem trabalhava pelos brancos.

O desenlace dado à indenização no Marau desmascarou para os Sateré a tática usada pela Funai para dividí-los, fortalecendo a análise feita pelo Tuxuá Emílio. Ademais, como falou o Dico, “briga de parente com parente a gente resolve colocando na rua o Delegado da Funai”.

Interdito Proibitório

Em 26.04.83 a ação de INTERDITO PROIBITÓRIO foi aceita pelo juiz, e sua liminar recusada. O juiz mandava citar as duas réis — Braselfa e Petrobrás — e cientificar o Procurador da República e a tutora.

No começo de junho, após muita procura, conseguimos um novo advogado para os Sateré em Manaus, Edson de Oliveira.

No fim de julho, Edson nos informou que as réis haviam levantado preliminares à ação, pedindo ao juiz sua extinção com base nos seguintes argumentos: primeiro que era ilegal os índios recorrerem à justiça uma vez que eram tutelados pela Funai, só poderiam fazê-lo se se emancipassem oficialmente; em segundo lugar, contestavam a representatividade dos requerentes como chefes legítimos dos Sateré-Mawé.

Em outubro, Marco A. Barbosa, advogado dos Sateré, esteve em Parintins com vários Tuxuás Sateré e com os requerentes da ação, e providenciou no cartório procuração onde os tuxuás reconheceram os cargos políticos e a legitimidade dos requerentes como seus representantes. Tendo em mãos essa documentação Edson de Oliveira respondeu ao juiz quanto às preliminares levantadas pelas réis.

Dico vai aos Munduruku

No fim de junho Dico viajou para os Munduruku, pois sabíamos que a Elf havia montado uma torre de prospecção petroliera no interior do território Munduruku, e que os índios estavam tendo muitos aborrecimentos com a Funai, que estavam retendo a indenização paga pela companhia francesa.

A torre foi montada dentro do território Munduruku à sudeste, numa região de mata fechada, que segundo o Capitão Manoel Cardoso é rica em castanhais produtivos, a maior fonte de renda para os Munduruku do Canumã. Quando o cônsul da França em Manaus, Daniel Rosenthal, que também é o responsável pela Braselfa no Amazonas, esteve na aldeia do Coatá, ele se comprometeu com os Munduruku que seus chefes seriam levados até o local onde a torre estava funcionando. O Capitão Munduruku foi informado que várias autoridades visitaram a torre, o chefe do PI Coatá, Dias, o Delegado da 1ª DR Kazuto Kawamoto, o Presidente da Funai Cel. Paulo M. Leal, o Cônsul da França Daniel Rosenthal, o Diretor da Braselfa Didier Aubin. Resolveu então testar se iriam cumprir a promessa de levá-los até lá. Queriam avaliar as proporções do desmatamento e saber se tinha ou não petróleo.

Dico e Manoel Cardoso viajaram para Borba onde funcionava o escritório da Elf, Shell e Elmar, bussa de operações da torre de petroléio. Os funcionários do escritório se recusaram a levá-los até a torre. Se justificaram dizendo que eles já estava sendo desmontada, que não tinham sido avisados pela Funai e Cias. envolvidas para permitirem a entrada dos índios até lá, e ademais era proibido para funcionários brasileiros daquele escritório visitar o local, só iam lá os “gripos”.
Manoel Cardoso ficou enfurecido: por que era proibido para ele — que era dono daquele lugar — chegar até a torre, e permitido para os técnicos estrangeiros?!

A Funai e a Petrobrás assinaram um novo convênio (o 1º data da 1ª invasão da Elf-Aquitaine) após a instalação da torre nos Munduruku, que resolvou para as Cias. envolvidas a regularização dos trabalhos de prospecção dentro de áreas indígenas, permitindo-lhes operar simultaneamente em vários lugares e dando-lhes plenos poderes para que suas pesquisas não sofrassem problemas de continuidade e deslocamento. Para os índios seria pago um "aluguel" pelo tempo que a torre ficasse funcionando dentro da área.

A indenização de Cr$ 20.000.000,00 paga aos Munduruku pela Elf, depositada nos nomes de Manoel Cardoso e Kazuto Kawamoto, ficou retida no Banco porque o Delegado Kazuto não assinava autorizando sua movimentação. Os Munduruku exigiam a retirada do nome do Delegado da conta, pois julgavam-se perfeitamente capazes de sacar e administrar sozinhos a indenização.

Quanto ao pagamento mensal pela permanência da torre de petróleo a situação era mais grave. Ele permaneceu dentro da área três meses, e só foram pagos dois meses. O dinheiro foi depositado só no nome do Delegado Kazuto Kawamoto, não podendo os Munduruku ter acesso a ele.

Os Capitães Sateré e Munduruku compreenderam que a Funai estava manipulando completamente as indenizações pagas pela Elf. Pensavam que, em 1º lugar, as indenizações não eram dadas, como a Funai queria convencê-los, mas haviam sido exigidas pelas comunidades, devido aos prejuízos enormes causados na mata e nas roças; em 2º lugar achavam que o montante dessas indenizações deveria ser fixado por eles, com ajuda de antropólogos e indigenistas de sua confiança, e não pelos cálculos arbitrários determinados em contato pela Braselfa, Petrobrás e Funai. A utilização desses recursos era uma decisão interna dos índios, não devendo-se submeter à manipulação e corrupção da Funai.

Por todos esses motivos eles resolveram que não mais aceitariam a intermediação da tutela no trato de seus problemas com os invasores. Eles exigiam uma relação direta com a Elf.

O testemunho de Simone e as repercussões

No fim de julho esteve em Manaus Cristian Gros, Presidente da Survival International na França, e conversou demoradamente com o Dico e o Capitão Manoel Cardoso sobre o problema da Elf nos áreas Sateré e Munduruku.

Esses líderes gravaram uma fita para Cristian Gros levar à França, relatando a atuação da Elf-Aquitaine em seus territórios, e falando que já que não acreditavam neles e nem queriam recebê-los (foram expulsos duas vezes de Embarxada da França) que viesse então um francês para ir nas áreas Sateré e Munduruku, ouvir e ver com seus próprios olhos o que a Elf tinha feito.

Paralelamente, o CTI convidou a etnóloga Simone Dreyfus-Gamelon para vir ao Brasil e visitar as áreas indígenas, onde poderia testemunhar os prejuízos deixados pela Elf. No dia 12 de outubro Simone Dreyfus chegou a Manaus, e logo entrou em contato com Dico e Manoel Cardoso. Esteve também com o advogado Edison de Oliveira, que lhe informou sobre o andamento do processo.

Acompanharam a viagem de Simone Dreyfus à área Sateré: Marco A. Barbosa, Sônia Lorenz e Dico. Sobrevoamos o território Sateré, tendo uma ideia das proporções das clareiras, picadas e queimadas feitas pela Elf-Aquitaine dentro da demarcação Sateré.

Dentro da área todas as viagens para inspecionar as clareiras e picadas foram feitas com os Sateré, que descreviam em detalhes o que ocorreu em cada lugar. Nos acompanhamos os seguintes Tuxáus: Donato, Deoclides, Etelvino,
Sumário. Emílio, Evaristo e Geraldo. Marco A. Barbosa se ocupou em gravar os depoimentos dos tuxáus sobre as atividades da CBG/Brasfema, e junto com os índios, fazendo uso de uma trena, mediram o comprimento e largura de cada clareira visitada. Simone Dreyfus-Gamelon gravou e fotografou tudo que foi relevante para esclarecer o desempenho da Elf na área, bem como o sentimento e a posição dos Sateré sobre as invasões.

No rio Andirá estivemos na clareira Boca do Jamantinh, onde a CBG/Brasfema instalaram seu centro de operações na 2ª invasão, em 1981. Esta clareira foi aberta com trator, medindo 91,80 x 61,20 m, usada para aterrissagem/decolaagem dos helicópteros e poço artesiano. Perto da clareira foi aberta uma área de 15,30 x 4,40 m, totalmente cimentada, onde funcionava a cozinha do acampamento e se alojavam os chefes e pilotos da CBG/Brasfema. Próximo da cozinha ficava a barraca das prostitutas e sala de projeção dos filmes pornográficos. No declive da clareira fica a praia, onde debaixo das árvores acampavam os peões, e ali funcionava o motor de luz. Segundo depoimento dos índios que nos levaram à Boca do Jamantinh, os peões jogavam no rio e na praia latas, garrafas e óleo. Nos fins de semana iam para aldeia de Ponte Alegre, que fica bem próxima a esta clareira, se embedavam e brigavam com os índios, traziam as índias para o acampamento para beber e assistir os filmes pornográficos. Contaram o caso de uma índia que morreu afogada porque estava muito embriagada.

A clareira do Ímãnhê (mãe dos bichos) foi aberta na 2ª invasão em 1982, no igapó às margens do Andirá, medindo 76,50 x 85 m. Ali funcionavam dois campos de pouso para helicópteros, acampamento dos peões e barrações que abrigavam estoques de gasolina e dinamite. A abertura dessa clareira traumatizou profundamente os Sateré, pois trata-se de um lugar sagrado, como seu próprio nome diz, ali mora a "mãe dos bichos". Nesse local o prejuízo não pode ser aferido financeiramente, já que não existe indenização que pague a profanação da morada ancestral de uma entidade mitica Sateré.

Na aldeia de São Luiz o Tuxáu Geraldo nos informou sobre as mortes de dois parentes seus, causadas, segundo ele, por intoxicação após terem manuseado cargas de dinamite.

Existem regiões dentro da demarcação Sateré, delimitadas pelas picadas abertas pela Elf, que estão literalmente minadas. Os tuxáus exigiram que a Elf-Aquitaine tomasse providências imediatas, enviando técnicos para a área para desenterrar e retirar toda a dinamite que eles deixaram lá dentro.

Na aldeia do Torrado conversamos com o Tuxáu Leônidias e o Professor Leonardo, que nos contaram sobre os graves distúrbios que essa comunidade estava sofrendo devido à proximidade da clareira Terra Vermelha, onde funcionou uma grande acampamento, que foi base de operações para a abertura e pesquisa sismica da picada RL118. Essa picada sai da margem do rio Andirá, um pouco acima do Torrado, e vará a floresta até a cabeceira do rio Marau, próxima à aldeia Cabeça de Anta. Desde o começo desta picada pudemos observar as crateras abertas pelas explosões das dinamites, que apresentam um diâmetro aproximado de 1 m. A faixa de mata destruída pela abertura da picada e pelas explosões das dinamites tem de largura 10 m, e seu comprimento é de 40 km. Da picada para cada lado, numa distância aproximada de 5 m, foram enterradas as dinamites, portanto é a esta distância que encontramos as crateras causadas pela detonação das cargas explosivas. Na maioria das vezes encontramos dois buracos simétricos à picada, um de cada lado; outras vezes existe, por exemplo, um buraco à direita e à esquerda não, isso significa, segundo os Sateré, que aí não explodiu a carga de dinamite e ela ainda está enterrada.

Quando termina a mata de igapó e inicia a mata de terra firme, mais densa, apresentando algumas árvores de grande porte e diversos tipos de madeira de lei, foi aberta a clareira Terra Vermelha, por meio de moto-serra e queimada. Essa clareira mede 61,50 x 37,60 m, tem uma área para pouso de helicópteros. Perto da clareira existe outra área de mata derrubada, medindo 30,60 x 20,30 m, onde se instalou o alojamento e a cozinha dos trabalhadores da Brasfema.

O Professor Leonardo nos informou sobre a morte de um parente seu, morador do Torrado, também por intoxicação, após ter manuseado as cargas de dinamite que desenterraram na picada, para pesca.

Ficou decidido pelos Tuxáus Gerais, Donato e Emílio, e demais tuxáus do Andirá, que nós faríamos o cálculo da indenização com o Dico, com base no mapa de trabalho da Elf-Aquitaine, na lista dos bens destruídos elaborada pelos índios, e nas anotações que havíamos feito nesta viagem de pericia (ver box na página seguinte).

Os tuxáus nos indicaram conjuntamente com seu representante — Dico — como seus intermediários junto à Elf-Aquitaine, e demais partes envolvidas, no encaminhamento e suas reivindicações e indenização. Foi dado um voto de confiança a Simone Dreyfus-Gamelon para que seu trabalho na França visasse não só atingir e sensibilizar a Elf com relação às exigências dos Sateré, mas também que possibilitasse o contato direto dos tuxáus com as autoridades francesas. Estava claro que os Sateré não queriam mais a mediação da Funai.

Ainda em Manaus Simone Dreyfus falou à imprensa sobre suas impressões da área Sateré. Nessa mesma ocasião o Dico foi entrevistado, e denunciou para os jornais as quatro mortes causadas por intoxicação das dinamites. Ele preparou um relatório sobre esse assunto para o Delegado da Funai Kazuto Kawamoto, extraindo providências rápidas no sentido de desobstruir a área das dinamites, e responsabilizando a Funai, juntamente com a Elf-Aquitaine, pelas mortes dos Sateré.

A reportagem teve grande repercussão na opinião pública amazonense, na Brasfema no Rio e na Emboaba Francesa, fazendo com que seus ecos atingissem Maurice Godelier na França.

A Funai imediatamente respondeu à reportagem, tentando enquadrar as denúncias de Simone e Dico como assunto para investigação policial. A Petrobrás, evidentemente pressionada pela Elf, também soltou notícias nos jornais desmentindo Simone e Dico.
As reivindicações dos Sateré

1) O não retorno da Elf-Aquitaine em seu território.
2) Providências urgentes para a retirada das dinamites ainda enterradas em seu território.
3) Informações sobre a composição química das dinamites usadas no levantamento seismico e seus efeitos tóxicos. Segundo depoimentos dos índios 4 indivíduos da Comunidade, depois de terem manuseado as cargas de dinamites, vieram a falecer horas depois e, um quinto, ferido.
4) Comunidade de Santa Cruz: Nome: Laura Batista (falecida)
5) Comunidade Fortaleza: Nome: Cravi
6) Comunidade Farreira: Nome: Faustino Carvalho (falecida)
7) Comunidade Torrado: Nome: Dacinho Michiles (falecido)
8) Comunidade Cabo de Anta: Nome: Toim Ferreira (inICIAL)
9) Informações sobre os resultados das pesquisas realizadas em seu território.
10) Que os líderes Sateré-Mawé sejam recebidos pelos dirigentes da Elf-Aquitaine como reparação dos danos morais causados à Comunidade e como reconhecimento da sua dignidade enquanto povo e pessoa humana.
11) O pagamento da indenização que está sendo cobrada pelos líderes Sateré.

Assinam: Raimundo F. da Silva (Cap. do Andirá), Donato L. da Paz (Tuxuça do Andirá), Tibério J. de Oliveira F. (Tu-
sáu do Marau), com apoio de Simone Dreyfus-Gamelon (EHESC e CNRS), So-
nia Lorenz (CTI), Silvia Caetano Novais (CTI), Carla Barbosa (CTI), Dalmiro de Almeida (USP), Dep. Mário Jerana, Gilberto Velho (ABA) e Luc Vidal (CPI-
SP).

Concomitantemente às desmoralizações sofridas pelos Star-
etre, Simone Dreyfus foi pressionada por Maurice Godelier, que lhe instruiu para que ela se restringisse a dar confe-
rências nas universidades, se abstendo de dar declarações aos jornais, porque se continuasse denunciando as irre-
gularidades da Elf-Aquitaine nas áreas indígenas, estaria colocando em risco seus empregos como funcionários do
governo socialista francês, e comprometendo a remessa de verbas do CNRS para pesquisas do CNPq.

Para fazer frente às desmoralizações que a Funai e a Petrobras stavam infringindo aos Sateré, e para responder às pressões que Simone Dreyfus estava sofrendo da Franca, o CTI tomou providências junto à imprensa, à classe política e à ABA. Foi feito um pronunciamento no Senado

por Fernando Henrique Cardoso em aefesa dos Sateré-
Mawé: Gilberto Velho — Presidente da ABA — enviou uma
carta ao Sr. Maurice Godelier, lhe informando sobre a
preocupação desta instituição com relação aos danos
sofridos pelos Sateré devido às invasões da Elf-Aquitaine, e
lhe esclarecendo que os cientistas brasileiros não deixariam
de dar seu apoio à Simone Dreyfus-Gamelon, por suas
criticas à empresa francesa em questão, mesmo que intimi-
dados por chantagens do tipo cortes de verbas para suas
pesquisas.
As investidas da Braselfa para se isentar das responsabilidades

Em novembro de 1983 Simone Dreyfus entregou para Didier Aubin, diretor da Braselfa no Rio de Janeiro, o documento contendo as reivindicações dos Sateré. No dia 26.01.84 Didier Aubin procurou dois dos signatários deste documento: Lux Vidal e Dalmo Dallari. O Sr. Aubin se mostrou bastante transformado porque no documento citado a Elf-Aquitaine sofria graves acusações. Afirmou veementemente que as dinamites usadas pela Braselfa em pesquisas sismicas nas áreas indígenas não matam, e que as mortes dos quatro índios ocorreram por outros fatores, tendo eles depois atribuído sua causa às dinamites. Também desmentiu categoricamente que a Braselfa tenha deixado dinamite na área Sateré. As explicações técnicas sobre as dinamites dadas pelo Sr. Aubin aos signatários do documento Sateré, coincidiram com as explicações que deu à Simone Dreyfus, e à opinião pública em matéria paga pela Petrobrás no jornal "A Crítica" em 06.12.83.

O Sr. Aubin não tocou no assunto da indenização devida pela Elf-Aquitaine aos Sateré, e com relação ao processo de INTERDITO PROIBITÓRIO ele demonstrou apreensão e aborrecimento.

No fim de janeiro Didier Aubin e Daniel Rosenthal estiveram na aldeia de Ponta Alegre, no rio Andirá. Auxiliados pelos Sateré Roberto e Antonio, que tradicionalmente prestam serviço à Funai, tentaram convencer os índios que as dinamites só causavam dor de cabeça, portanto eles estavam mentindo quando alegaram que foram elas que causaram as quatro mortes. Nessa ocasião houve muito tumulto porque estava presente o Tuxáua Geraldo, cuja esposa faleceu por intoxicação da dinamite, e ele ficou revoltado com a conversa dos franceses.

Os Sateré ficaram indignados porque em vez da Elf-Aquitaine mandar para a área técnicos para retirarem as dinamites lá de dentro, ela envia estas autoridades para gastar saliva desmentindo-os.

O Delegado da Funai, no começo de janeiro, já havia visitado os PI Sateré do Andirá e Marau, acompanhado pelos Sateré simpáticos à Funai, mobilizado pela tarefa de desmentir as declarações de Simone e Dico. Os jornalistas que lhe acompanharam, os que trabalham em consonância com a Delegacia, noticiaram que não morreu nenhum índio, que não havia dinamite na área, que os Sateré não queriam mais nenhuma indenização da Elf-Aquitaine, e que o Dico era um impostor. O processo de tentar desmantelar a luta dos tuxáus contra a Elf-Aquitaine se repetia, mas agora os Sateré já estavam vacinados contra essa tática. Restava, no entanto, a opinião pública à mercê de notícias contraditórias.

Providências do Deputado Juruna

Em 20.02.84 o Deputado Mário Juruna esteve em Manaus onde entrou em contato com o Dico, que lhe colocou à par das mortes e da presença de dinamite na área Sateré. Mário Juruna e Dico estiveram na Polícia Federal onde foi aberto um inquérito para apurar as responsabilidades.

Procuraram o CMA — Comando Militar da Amazônia — levando as duas cargas de dinamite que o Dico trouxe da área, desencarnadas na picada RL118, próxima à aldeia Cabeça de Anta. O General Batista os recebeu e mandar chamar peritos em dinamites. Os peritos ficaram estirre-cidos quando souberam que existiam muitas cargas de dinamite dentro da área indígena. Certificaram que o líquido que se desprende dessa carga contém alta dosagem de nitroglicerina, ocasionando a morte da pessoa que manipula-lá descuidadamente, por intoxicação. Explicam ainda que não é verdade que essas cargas de dinamite só detonam por impulso elétrico, conforme afirmam a Elf-Aquitaine e a Petrobrás, podendo também explodir por impacto. A imprensa cobriu todos esses fatos.

O Deputado fez um discurso sobre esse assunto no Comício pelas Eleições Diretas em Manaus, e se comprometeu a tomar providências junto à Câmara dos Deputados, ao Ministério da Justiça e à Embaixada da França.

Por ora aguardamos a audiência do processo de INTERDITO PROIBITÓRIO, o resultado das negociações de Simone Dreyfus-Gamelon com a Elf-Aquitaine na França, e o laudo toxicológico das dinamites utilizadas pela CBG/Braselfa.

Aconteceu na imprensa

MUNDURUKU

Munduruku também recebe indenização

Na sede da Delegacia Regional da Funai, a Braselfa (subsidiária da Elf-Equitaine), pagou Cr$ 20.096.328,00 ao cacique Manuel Cardoso Munduruku, a título de indenização pelos danos causados por suas pesquisas sísmicas na área do tribó Munduruku, no município de Borba.

No ato estiveram presentes também o diretor da Braselfa, Didir Georges AUvin, que veio do Rio de Janeiro; o assessor do presidente da Funai, Boli-var Fabricio Vieira, o cônsul francês em Manaus, Daniel Rossetau e o delegado da Funai, Kazuto Kavamoto.

A Braselfa tem contrato de risco com a Petrobrás para pesquisar petróleo no Baixo Amazonas. Ontem, a tribó Munduruku recebeu a indenização pelos danos causados em suas terras durante 14 meses de trabalhos da Braselfa, conforme acordo feito entre os dirigentes da empresa francesa e o delegado regional da Funai. Mensalmente a Braselfa pagará à tribó Munduruku a importância referente a 480 ORTNs pelos estragos causados nas terras dos índios. A empresa agora está realizando perfurações na área de 805 mil hectares já delimitada no município de Borba, depois das pesquisas sísmicas à procura de petróleo. (Folha da Tarde, 09/04/83).
Leal visita área Munduruku

O presidente da Funai foi pessoalmente verificar os trabalhos de pesquisas sismicas na área indígena Munduruku, pela subsidiária da Elf, a Braselfa, e voltou bastante entusiasmado afirmando: “No final do mês de junho poderá ser dada a grande notícia para o Amazonas e para o Brasil”.

Os repórteres entenderam que a multinationais francesa detectou petróleo no área da tribu Munduruku o que, no entanto, não foi confirmado pelo presidente da Funai. Paulo Moreira Leal viu “in loco” os trabalhos que estão sendo feitos pela Braselfa e voltou impressionado com o moderno equipamento usado nas pesquisas. Ele fez um desafio à Imprensa para comprovar a existência de descoberta da área, onde manteve encontro com as lideranças indígenas, que estão satisfeitas, pois agora são indenizadas com 400 ORTNs por dia pela empresa francesa. (Folha da Tarde, 01/06/83).

SATERÉ-MAWÉ

Braselfa paga segunda parcela

O delegado da Funai, Kazuto Kawamoto e o consórcio da França e representantes da empresa Braselpa, Daniel Adolphe Rosenthal, entregaram ontem ao representante dos índios Sateré-Mawé, Aristides Michilis, um cheque no valor de 8 milhões, 612 mil e 721 cruzeiros, referente a seis meses de ocupação de uma área indígena dos sateré, localizada próxima ao município de Maués.

Após fazer a entrega simbólica do cheque, o dinheiro ficará com a Funai até que o capitão Aristides de cida o que fazer com os recursos — o delegado da Funai, Kazuto Kawamoto, explicou que a empresa francesa na realidade nunca invadiu a área indígena pois quando lá chegou tinha autorização da Funai e da Petrobrás.

O que houve foi um erro burocrático na demora da liberação da autorização”, justificou.

Kazuto Kawamoto explicou também durante a entrega do cheque, que a partir de nova orientação da Funai, qualquer ocupação de exploração em áreas indígenas, incidirá no pagamento de 400 ORTN ao mês por parte do ocupante. O pagamento independe do tempo de ocupação durante o mês. Será cobrado 400 ORTN tanto para três dias quanto para 30 dias.

O representante dos Sateré-Mawé, Aristides Michilis, disse que a aplicação do dinheiro recebido ontem só será decidida depois de uma conversa que ele e os outros tuxuás sateré que estão em Manaus mantiverem com representantes dos índios Andirás, que estão sendo esperados dentro dos próximos dois dias.

Mas segundo um outro representante dos Sateré, Tuxáua Emílio, que esteve presente à tarde de ontem na Funai, o capitão Aristides não tem representatividade junto à comunidade dos Sateré-Mawé, já que teria sido nomeado à revelia pelo funcionário da Funai de nome Walmir, que trabalha na região próxima a Maués.

Por sua vez, Aristides Michilis rebate a acusação e afirma que o tuxáua Emílio não tem mais nenhum posto para falar em nome dos Sateré-Mawé. Sobre o dinheiro, ele adiantou que a comunidade não quer açúcar nem farinha, quer “por a mão no dinheiro”. (A Crítica, 30/04/83).

Negação liderança de Dico

Líderes da comunidade Sateré-Mawé estão denunciando Raimundo Ferreira da Silva (Dico), de ter usado, indevidamente, recursos financeiros pertencentes àquele povo. Segundo eles, foram usados, pelo referido senhor, 5 milhões de cruzeiros, sem qualquer consulta aos Tuxuás e Capitães.

Até agora, a comunidade não recebeu qualquer explicação do Capitão Geral dos Sateré, respectivamente Roberto Ferreira Trindade e Antonio Ferreira Michiles, afirmam que são “calúnias” as declarações feitas por Dico dando conta de que o Chefe do Posto Indígena do Andirá estaria colocando o povo contra sua pessoa.

O relacionamento dos Sateré-Mawé com o Chefe do PI é considerado muito bom. “Ele ajudou, com apoio da Funai, a construir duas escolas, uma enfermaria e levou até a comunidade um motor que tem assegurado trabalho aos índios, explicam os líderes.

De acordo com o Tuxáua Michiles, será solicitada à Delegacia da funai uma sindicância para “ver a realidade da nossa tribu”. Segundo os líderes Sateré, Raimundo Ferreira não possui qualquer liderança junto à comunidade e até os parentes “não gostam dele, porque o Dico leva guaraná para vender e não deve o dinheiro”. (A Noticia, 08/05/83).

“Kazuto quer dividir”

O capitão indígena do rio Andirá, Raimundo Ferreira — o Dico — acusou ontem o delegado regional da Fundação Nacional do Índio—Funai, Kazuto Kawamoto, de tentar acabar com a unidade dos índios Sateré-Mawé. Ele explicou que, recentemente, Kazuto usou um grupo de índios de sua tribo para acusá-lo de ter desviado recursos da primeira parcela de indenização de suas terras, pagas pela empresa de prospecção de petróleo Elf-Aquitaine.

Dico disse que a acusação feita a sua pessoal pelo grupo de índios de sua tribo não tem fundamento; e mais: “ele foram forçados a fazer isso”. Ao acusar o delegado Kazuto de estar tentando quebrar a unidade dos Sateré-Mawé, o capitão Dico afasta qualquer possibilidade do delegado conseguir o seu desejo, “pois nós estamos unidos mais do que nunca e defenderemos em todas as circunstâncias os nossos interesses e objetivos comuns”.

Quanto aos cinco milhões de cruzeiros referentes à primeira parcela da indenização da invasão das terras dos Sateré-Mawé, Raimundo Ferreira diz que “esse dinheiro não foi gasto por mim, como afirma Kazuto na boca do grupo que ele usou, mas por todas as comunidades indígenas Sateré-Mawé”. Dico tem em mãos documentos assinados pelos tuxuás do Marãú, Tibúrcio José Filho; Sateré-Mawé, tuxuá geral Raimundo Ferreira da Silva; e do Andirá, Donato Lopes da Paz, que comprova que o dinheiro foi gasto com a compra de equipamentos e máquinas agrícolas, incluindo barcos e bate-fioes.

Disse o capitão Dico que “os tuxuás Sateré-Mawé do Andirá, do Marãú e demais líderes indígenas ficaram irritados com o delegado Kazuto Kawamoto, por ocasião da entrega da última parcela de indenização da invasão de nossas terras”. Prossegue ele: “Todos os tuxuás foram convidados pelo Kazuto para virem a Manaus receber o dinheiro. Nada disso aconteceu. Apenas presenciamos o recebimento de um pacote, que ele dizia ser o cheque — pelo ex-capitão do Andirá e protegido da Funai, Roberto Ferreira. Mas ele teve somente o prazer de ser fotografado com o papel pois foi em seguida o Kazuto tomou dele”.

Juntamente com os seus superiores, Dico foi até à Caixa Econômica Federal, onde Kazuto disse que iria depósitar o cheque, e lá nada encontraram. (Jornal do Comércio, 11/05/83).
Simone e Dico relatam os estragos

A etnóloga francesa Simone Dreyfus Gamelon, com 30 anos de pesquisas na Pan Amazônia, e o capitão-geral dos Sateré-Mawé, Raimundo Ferreira da Silva, denunciaram que 220 clarereiras foram abertas, plantações e árvores foram derrubadas e animais foram mortos pela companhia estatal francesa Elf Aquitaine na reserva indígena, após 5 meses e meio de permanência na área, em trabalhos de prospecção de petróleo. Segundo o capitão, três índios morreram e outro ficou incapacitado fisicamente, em consequência de explosões de dinamite. O valor dos prejuízos foi de Cr$ 80 milhões mas a Elf pagou apenas Cr$ 13,6 milhões.

De acordo com a etnóloga o cálculo de 80 milhões foi feito “em cima dos preços mais baixos do mercado. Mesmo assim a desproporção é muito grande. Afinal, uma indenização, mesmo justa, não pode reviver a natureza.”

O primeiro levantamento feito, antes da companhia saiu da reserva (15/12/82) foi realizado pelos próprios índios, duas turmas compostas por 15 homens cada, encabeçados pelo capitão-geral Raimundo Ferreira da Silva e pelos tu-xáus gerais Donato Lopes da Paz e Tibúrcio José de Oliveira Fº. Acompanhando as picadas abertas pela Elf na área, este foi o nível de destruição levantado: na RL 118, 23 clarereiras arrastaram 1.200 pés de café, 700 pés de guaraná, 50 pés de laranja, 50 árvores de sorva, 100 árvores de pau-rosa, 60 árvores de copaiva fina, 70 árvores de copaiva grossa, 200 árvores de itaúba, 300 árvores de maçaranduba, 1.500 árvores de breu, 2.500 árvores de balata, 500 árvores de palmeira inajá, 400 pés de murumuru (tucumá), 1.500 pés de babacu, 500 pés de baixada, 2.500 árvores de cipó títica, 2.000 árvores de pau d'arco, 3.000 pés de carana. Na RL 119, 40 clarereiras levaram 300 árvores de sorva, 500 árvores de itaúba, 2.500 árvores de breu, 3.000 árvores de aburana, 300 árvores de castanha, 3.500 árvores de balata, 3.000 árvores de seringueira, 1.000 árvores de cedro, 1.000 árvores de Tayari, 3.000 árvores de carapanauba, 2.000 pés de cipó saracura-mirá, 2.000 pés de mirante, 500 pés de caferana, 300 pés de envi, 200 pés de mururê. Além disso, foram encontradas ossadas de animais mortos vítimas de choques de bombas: 10 ossadas de anta, 15 de porco, 8 de veado, 250 cascos de jabuti e 25 caveiras de tatu. Neste levantamento, só foram consideradas, segundo o relatório dos índios, “as madeiras de lei e as caças mortas nas estradas pelos estouros de bombas de 5 a 15 kg”. Foram detectadas, também, as clarereiras abertas nas RL 109, nove clarereiras, RL 112, nove clarereiras, RL 108, treze clarereiras, e RL 107, quatorze clarereiras. Entre as tribos existentes na área de penetração da Elf Aquitaine houve consenso a respeito deste levantamento, aprovado pela reunião de chefes de famílias. (A Crítica, 08/11/83).

Inquérito da FUNAI

O Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Kazuto Kawamoto, disse ontem que o órgão abriu inquérito na polícia para investigar a morte de três índios e a invasão de outra reserva do Sateré-Mawé, denúncia publicada na última terça-feira no jornal A Crítica. “Se houve realmente explosão e morte”, garantiu ele, “a companhia responsável deve responder”. Através do posto da FUNAI de Ponte Alegre, responsável pela reserva dos Sateré-Mawé, o Delegado afirmou que “não tomou conhecimento de nenhum acidente dessa natureza”. Mas que, um dia antes da denúncia ser veiculada pela imprensa, o capitão-geral Raimundo Ferreira da Silva lhe entregou pessoalmente uma carteia relatando o acontecido.

Sobre o desmatamento de mais de 144 km dos 782.610 hectares que compõem a reserva, Kazuto Kawamoto esclareceu que estava a par, pois “faz parte de um contrato de risco firmado entre a companhia francesa e a Petrobras que, por sua vez, assinou um convênio com a FUNAI, permitindo o acesso da Elf Aquitaine dentro de áreas indígenas”. — A indenização de Cr$ 13,6 bilhões foi estabelecida — explicou ele — por uma comissão formada por representantes da Petrobras e da FUNAI. A companhia estatal francesa tomou conhecimento da quantia determinada, e honrou isso.

Quanto à reabertura das negociações entre os índios e a Elf Aquitaine para se conseguir, segundo o capitão-geral, “uma indenização mais justa”, o Delegado Regional falou que não sabe se ela é possível. “A companhia pagou o que foi exigido pelo uso da terra e pelos danos causados”, reafirmou.

Indagado sobre o critério estabelecido pelo Estatuto do Índio, dispondo que o uso de território indígena deve ser permitido pelo Conselho da reserva — o que não foi concedido à Elf Aquitaine, o Delegado Kasuto respondeu de forma categorizada: — Segundo o Artigo 45 do mesmo Estatuto, a União tem direito a fazer pesquisas em todo o subsolo brasileiro, pois este é patrimônio seu.

— Mas o desmatamento de uma área enorme, destruindo milhares de árvores e animais, que têm seu habitat no solo, também estava de acordo com a Lei? — perguntou o repórter. Isso foi sanado, falou ele, pela indenização estabelecida pela comissão Petrobras-FUNAI, que a Elf Aquitaine já pagou”. Os Cr$ 13,6 bilhões pagos, conforme informação da etnóloga Simone Dreyfus Gamelon, que passou nove dias na reserva levantando os prejuízos, “não correspondem a 15% do valor real” (A Crítica, 10/11/83).

Esclarecimentos da PETRÓBRAS

A Petrobrás Brasil S. A. — Petrobrás, esclarece que a Empresa Braselfa — Elf Aquitaine do Brasil, Serviços Petrolieros Ltda.; subsidiária da Elf Aquitaine Brasil, e em cumprimento a obrigações decorrentes da assinatura de Contratos de Risco, efetuou levantamentos sísmicos e perfurou um poço ao desenvolver operações para exploração de petróleo dentro das Reservas Indígenas Coatá-Laranjal (comunidade Munduruku) e Andirá-Maraã (Comunidade Sateré-Mawé), por um período total de 29 meses, devidamente autorizada e assistida pela PETROBRAS e pela Fundação Nacional do Índio — FUNAI, órgão tutelar dos sítios brasileiros, dação Nacional do Índio — FUNAI, órgão tutelar do sítio brasileiro. 2. Esclarece, ainda, que o levantamento sísmico da área foi feito com equipamentos, portátil leve, transportado por brasais, e a perfuração com sondas helitransportadas, com todo o apoio logístico por helicópteros, evitando-se desmatamento para construção de estradas de acesso e minimizando os danos ecológicos no interior das Reservas. 3. A PETROBRAS, não tem conhecimento de ocorrência de quaisquer acidentes envolvendo indígenas durante as operações e considera altamente improvável que possa ter havido problemas no manuseio de dinamite, uma vez que somente os prepostos autorizados daquela Contratante de Risco tinham acesso ao depósito de explosivos. 4. Além disso, o explosivo usado em projeção sismográfica oferece segurança total ao manuseio, pois não é
tôxico e exige escova especial (espoleta elétrica) para deflagrar a sua exploração, sendo ainda utilizado em quantidades reduzidas, que são colocadas a cerca de 2 m de profundidade, ocasionando uma detonação surda, sendo inofensiva à fauna e à flora.

5. As cargas que não explodem, o que raramente acontece, são detectadas pela falta do correspondente registro, o que permite a sua inutilização logo após tal constatação. As pontas de fios que afloram à superfície nos pontos de tiro não mais são que fios elétricos comuns cujas espoletas e cargas explodiram ou foram inutilizadas.

6. O título de indenização pelos transpostos causados às dívidas citadas Comunidades, incluindo a abertura de claréiras, a ELF pagou à FUNAI, em benefício das Comunidades Indígenas, às quantias equivalentes a 5.600 ORTN’s, correspondentes à Reserva Andirá-Maraú, e 7.200 ORTN’s, a Reserva Coatá-Laranjal, em obediência fiel aos termos estabelecidos no Convênio assinado entre a PETROBRAS e FUNAI, relativo a trabalhos de pesquisa e lavra de petróleo em terras habitadas por indígenas.

Rio. 24/11/83. (A Crítica, 06/12/83).

**Dico exibe dinamites e rebate acusações**

Com duas bananas de dinamite nas mãos, o capitão geral dos Sateré-Mawé, Raimundo Pereira da Silva (Dico), que foi acusado pela FUNAI de tentar provocar uma desarmonia entre as relações do órgão e a nação indígena, pediu entem que fosse divulgada a sinceridade realizada na área, para a opinião pública saber sobre o crime ecológico e humano praticado pela companhia francesa de prospecção de petróleo, Elf-Aquitaine.

Irritado, Raimundo Pereira da Silva garantiu que a sua tribo não está dividida, como — segundo ele — “deseja o delegado da FUNAI”. Ao comparecer entem à redação deste jornal, Dico reafirmou que existem realmente interesses escusos por parte do delegado Kasuno, de esconder a realidade dos fatos. Asssegurou, ao mostrar duas bananas de dinamite que trouxe embaladas numa folha de jornal, que esse explosivo foi responsável pela morte de quatro índios (intoxicados) e um inválido (explosão).

Raimundo Pereira da Silva, que chegou da reserva dos Sateré-Mawé após ter participado de uma assembleia no rio Maraú, trouxe, com intuito de mostrar à imprensa e desmoralizar a FUNAI, várias fotografias preto e branco da área, onde a companhia Elf-Aquitaine executou trabalhos de prospecções. Mostrou como ficou a área devastada, e na claréira terra vermelho-torrada, sob as vistas do tuxáua Donato, no solo encontram-se algumas das dezenas de bananas de dinamite que estavam enterradas.

Magoado, porque a imprensa publicou que ele era a “ovela negra” da tribo, Dico disse que tudo isso é invenção da FUNAI, que anda tentando dividir o grupo, para tirar proveito da situação. “Todo mundo tem que saber que a FUNAI é uma peste no meio da gente, quando não facilita a morte, facilita as brigas. O delegado é capaz de fazer tudo para maltratar aqueles chefes indígenas que lutam pelo seu povo livre”, desabafou Raimundo Pereira da Silva.


**Juruna leva bombas ao quartel da 12ª Região**

Ontem em Manaus, o deputado-cacique Mário Juruna, ficou conhecendo os explosivos que, conforme denúncias do cacique Raimundo Ferreira da Silva, causaram a morte de 4 índios. As duas bombas foram examinadas por peritos do quartel-general da 12ª Região Militar, onde ficou constatado o perigo que elas representam, principalmente a essas populações indígenas. Segundo explicou o perito do Exército, o material examinado pesa um quilo, tem a forma de dinamite com aproximadamente 50 centímetros e deve ser constituído à base de nitroglicerina, estabilizadores e inibidores. (ESP, 19/02/84).
SUDESTE DO PARÁ
### Quadro Geral dos Vovó Indígenas da Área Sudeste do Pará

<table>
<thead>
<tr>
<th>Vovó</th>
<th>Nº/ mapa</th>
<th>nº aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Anaci</strong></td>
<td>1</td>
<td>1</td>
<td>61 (Cimi Norte II:83)</td>
<td>Noju</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Arara</strong></td>
<td>2</td>
<td>do sul</td>
<td>51 (Carmelo,B.:83)</td>
<td>Altamira</td>
<td>Reserva Indígena Arara interditada Port. nº 522/81 de 30.10.78</td>
<td>235.600</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>do norte</td>
<td>21 (Carmelo,B.:83)</td>
<td>Praia e Por to do Moz</td>
<td>Reserva Indígena Arara Norte, interditada Dec. nº 88.018 de 04.01.83</td>
<td>42.232</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Assurini</strong></td>
<td>4</td>
<td>AI Trocará</td>
<td>131 (Aracuana,L.:83)</td>
<td>Tucuruí</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 87.845 de 22.11.82</td>
<td>21.722</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Assurini do Xingi</strong></td>
<td>5</td>
<td></td>
<td>53 (Müller:82)</td>
<td>Sen José Porf</td>
<td>AI Kowtinemo /Ipiuna junto com Aorwetô , delimitada Proposta PauAI/83</td>
<td>1.500.000</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Arraiá</strong></td>
<td>5</td>
<td></td>
<td>126 (Trevisan:83)</td>
<td>Sen José Porf</td>
<td>ideia acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Juruna (2)</strong></td>
<td>6</td>
<td></td>
<td>44 (Punaí:83)</td>
<td>Sen José Porf</td>
<td>AI Pequishimba, declarada de ocupação dos índios Dec. nº 88.396 de 29.03.84</td>
<td>89.489</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Kayapó (1)</strong></td>
<td>8</td>
<td>Gorotíra</td>
<td>2.300 (7)</td>
<td>S. Felix do Xingi</td>
<td>Reserva Indígena Kayapó delimitada, Proposta PauAI/1978 e 1980 Parcialmente demarcada</td>
<td>2.738.000 e 3.400.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>Kikutum</td>
<td>593 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td>RI Kayapó</td>
<td>ideia acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>PukenKraík</td>
<td>272 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td>RI Kayapó</td>
<td>ideia acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>Xukre</td>
<td>198 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td>ideia acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>Kukraíno</td>
<td>163 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td>ideia acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>Xekranotí</td>
<td>165 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>Xukranotí/Caino</td>
<td>270 (Verwijver:81)</td>
<td>Altamira</td>
<td>Reserva Indígena Bau-Mekranoti delimitada Proposta PauAI/81</td>
<td>780.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>Bau</td>
<td>95 (Verwijver:81)</td>
<td>Altamira</td>
<td>RI Bau-Mekranoti, ideia acima.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>10</td>
<td>Al Capoto</td>
<td>49 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td>Altamira</td>
<td>ideia acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11</td>
<td>Xikrin Cateté</td>
<td>272 (Vidal:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>12</td>
<td>Xikrin Bacajá</td>
<td>272 (Vidal:83)</td>
<td>Morabá</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>Xararaé Iziri</td>
<td>26 (Trevisan:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Observação:**

Os dados foram extraídos de um documento do Acervo ISA, que detalha informações sobre as comunidades indígenas da área sudeste do Pará. As áreas são expressas em hectares.
<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>No. sapa ou nome AI</th>
<th>População (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>Situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Arredios (Karuru, Puré, Pituiaró e Ngara Marri)</td>
<td>14</td>
<td>7</td>
<td>Pininha, Porto de Maré, S. Felix do Xingu e Altamira</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15</td>
<td>Parakanã</td>
<td>135 (Magalhães:83)</td>
<td>idem acima</td>
<td>idem acima</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>16</td>
<td>Arredios</td>
<td>101 (aprox.) (Magalhães:83)</td>
<td>S. Felix do Xingu</td>
<td>sem providência</td>
</tr>
<tr>
<td>Suruí</td>
<td>17</td>
<td>Sororo</td>
<td>101 (Perraz:83)</td>
<td>S.J. do Araguaia</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 88.648 de 30.08.83</td>
</tr>
<tr>
<td>Tembé (3)</td>
<td>18</td>
<td>4 desaldeados</td>
<td>280 (T)</td>
<td>Curém e Vizeu</td>
<td>Reserva Indígena Tembê, delimitada Dec. Estadual nº 307 de 21.03.45</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>25 (Cimi Norte II:83)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Xidáia/Xikuaia</td>
<td>19</td>
<td>1</td>
<td>52 (Pinai:82)</td>
<td>Altamira</td>
<td>sem providência</td>
</tr>
</tbody>
</table>

1. 346 (Trukarrenô) na Área Parque Indígena do Xingu
2. Ver também na Área Parque Indígena do Xingu
3. Ver também na Área Maranhão
OS KAYAPÔ E OS GARIMPOS DE OURO

na “febre de ouro” que há 4 anos tomou conta
do sul do Pará, os kayapó do Kikretum,
liderados pelo coronel POMBO, tentam tirar
alguma vantagem dos garimpos de ouro
instalados desde 1972
dentro da reserva não demarcada.


O plano dos índios

O plano dos índios era botar todo mundo fora, dentro de uma estratégia mais ampla de limpar as invasões do limite oeste da reserva (cuja demarcação incipiente foi paralisada em 1978). Basta lembrar que um mês depois ocorreu o confronto dos Gorotire com trabalhadores de fazendas limitrofes que estavam avançando na reserva com os desmatamentos (o caso da “Fazenda Espadilha”).

Apesar do número reduzido de guerreiros, a expedição do capitão Pombo não precisou usar a violência física. Bastou fazer uma grande zoada na mata para que o medo paralisasse os garimpeiros. Os índios tomaram o que puderam: roupas, relógios, rádios, óculos escuros, armas, as batéis e algum ouro em pó. Os garimpeiros tiveram mesmo que sair, a pé. Batéia, o dono da pista (por onde tudo entra e tudo sai, isto é, homens, mercadorias e ouro), foi levado preso à aldeia Kikretum, mas só um dia depois.

Expulsos os garimpeiros, começava a segunda parte do plano do capitão Pombo: conseguir recursos (alimentos, ferramentas e alguns garimpeiros) junto à Delegacia Regional da Funai, em Belém, para tocar o garimpo em benefício próprio e da sua comunidade. As dificuldades práticas para a realização desses objetivos eram imensas para os índios: o garimpo dista 60 kms da aldeia e eles não sabiam os segredos da lavra manual. Mas se o plano desse certo, os índios resolveriam vários problemas: manteriam uma fonte permanente de recursos financeiros, ainda que em pequena escala e controlariam um foco de invasões. Aliás, esse plano era compartilhado pelos chefes kayapó da aldeia Gorotire, diante da crescente invasão de garimpeiros no Cumarú (ver o box “O modelo Cumarú”).

O jogo da Funai

Mas os planos da Funai eram outros. Logo após a tomada do garimpo pelos índios, o delegado regional de então, Paulo Cesar Abreu, veio até o local de helicóptero, acompanhado de 5 agentes da PF fortemente armados e completou a limpeza da área, inclusive apreendendo 12 moto-bombas (“chupadeiras”). Mas não atendeu ao pedido do capitão Pombo. Naquele momento, sua atenção estava mais voltada para a situação de Cumarú e suas intenções aliadas com as do presidente da Funai, cel. Nobre da Veiga, interessado na implantação de lavras mecanizadas em escala, sob controle de empresas estatais, como estratégia de exploração de minérios em áreas indígenas. Para abrir espaço à implantação desta estratégia, foram montadas outras operações de limpeza da área, buscando retirar os garimpeiros e desmontar as redes de exploração controladas pelos “tocadores de turma”, comerciantes, compradores de ouro, aviadores e empresários do setor. Foi o caso da aparatosa “Operação Rio Ponte” para a região do Cumarú, no final de 80.

Em março de 1981, uma nova operação comandada pela 2ª DR, com apoio da FAB, desalojou da área do Rio Branco 700 garimpeiros que estavam sob controle da empresa privada de mineração Stannum, que havia entrado no local à revelia da Funai e utilizando-se de métodos violentos para implantar o seu domínio (ver um histórico completo do caso na seção de notícias deste capítulo, sob o título “Cesar Cals interfere a favor da Stannum”, ESP, 06.12.83). A empresa teve que sair, levando seus equipamentos de pesquisa e de lavra. Mas a briga pelo controle da área continua acirrada tanto em Brasilíia, envolvendo altas cúpulas a nível ministerial, como no local. Os garimpeiros tiveram que sair, assim como a rede de intermediários. Mas logo eles voltariam, aos poucos, “espontaneamente”, principalmente com a chegada da estação seca.
**Experiências e intrigas**

Diante desse quadro, sem apoio da Funai, impossibilitado de montar guarda permanente na área aberta garimpo, e sem know-how para lavrar, o capitão Pombo parte para novas alianças, num círculo mais próximo de relações, em S. Félix do Xingú, Altamira e, principalmente, em Tucumã (núcleo urbano do projeto de colonização da Construtora Andrade Guterres).

Inicia-se então um longo período de experiências por parte dos índios do Kikretum, centralizadas na figura do Pombo, na tentativa de tirar algum proveito do fato consumado do garimpo dentro da reserva. Sucedem-se uma série de arranjos práticos, sempre instáveis e envolvidos numa enorme rede de intrigas, que foi possível reconstruir até o final de 1983, com base em recortes de jornais, entrevistas e observações feitas na região em agosto do ano passado.

Entre as referidas experiências, por exemplo, o já coronel Pombo (patente conseguida, segundo dizem, no 51° Batalhão de Infantaria da Selva, em Altamira, durante as comemorações da Semana do índio) autorizou um tal de Ferreira de Belém, a explorar o garimpo (rebatizado) do Kikretum (ex-Batéia) com 50 homens. O mesmo aconteceu no garimpo de Nova Olinda (ex-Filomeno) com um tal Mineiro, e, depois, com um tal Gaiçico. Sistema manual, de meia-praça, pagando renda pouca e irregular aos índios, que se limitavam a esporádicas visitas de controle aos locais.

No dia 22 de abril de 1982, em Tucumã, o cel. Pombo assinou um acordo, registrado em cartório, com a mineradora Stannum-Shelita, à revelia da Funai regional e nacional.

---

**O Modelo Cumará**

No início dos anos 70 o DNPM havia encontrado ouro na Serra dos Graúna, através de pesquisas e mapeamentos. Houve uma corrida das empresas mineradoras, estatais e privadas, para conseguir alvarás de pesquisa e de lavra na região, como de resto em quase todo o sul do Pará. Mas os garimpeiros chegaram antes e invadiram a Fazenda Cumará, vizinha à Reserva Kayapó, em 1980, iniciando a lavra manual.

Nas terras desta fazenda, a 90 kms de Redenção, na beira da PA-150, está a grotta principal, onde se concentra o maior número de garimpeiros. É a porta de entrada para os vários núcleos garimpeiros da região, conhecidos genericamente como Cumará. Foi aí que se instalaram os representantes de vários órgãos federais, a partir de março de 1981, constituindo o Projeto Cumará: COBAL (alimentação), DPF e PM (segurança), INAMPS (saúde), DNPM (assessoria técnica), TELEPARÁ e EBCT (comunicações) e CEF (banco, com exclusividade na compra do ouro), além de transportes, oficinas, restaurantes, etc. (Projeto de Estudos dos Garimpos Brasileiros, Área de Cumará, Relatório Anual-1982, CPRM, Belém, 1982, 35p).

Aos poucos, o afluxo de garimpeiros e a busca de novos grotões acabaram atingindo em cheio a Reserva Kayapó, nas proximidades (15 kms) da aldeia Goroifre. Quando o então presidente da Funai, cel. Nobre da Veiga lá esteve, em agosto de 1980, os líderes indígenas locais, Xãonk e Totoí, disseram aos jornalistas que não queriam a presença de intrusos nas suas terras, que era urgente a demarcação da reserva, mas que se jaziam aprender a garimpar. Esse pedido foi reforçado três meses depois que o atual presidente da Funai, então no DGU, Jurandy Fonseca (O Globo, 24/11/80).

Mas a Funai, através da 2ª DR de Belém, tentou operações militares para expulsar os garimpeiros da área indígena, mais interessada, posteriormente, na implantação da lavra mecanizada, sob controle de empresas estatais. Mas logo o presidente do órgão percebeu que seria impossível conter os garimpeiros e, em janeiro de 81 mandou suspender a operação de limpeza. Em março ele foi implantado, à semelhança da Serra Pelada, o sistema de controle federal da área, cujo interesse principal estava no monopólio da compra do ouro, extruído, no local. Os valores não são nada desprezíveis: em 81, de março a dezembro, a CEF comprou 1.707.382 gramas e, em 82, o total atingiu 1.911.617 g. (Garimpos no Brasil, MME-DNPM, avulso nº 5, Brasília, 1983, pg. 235). Evidentemente estes números não representam a soma total da produção de ouro das diferentes frentes, uma vez que as condições geográficas e as vias de acesso da região dificultam a fiscalização e facilitam a evasão. Os interesses dos índios e o ritmo pretendido por eles na relação com o garimpo, foram atropelados pela massa de garimpeiros, pelo complexo administrativo federal e pela inoperância da Funai.

Em 82, nas diversas frentes de trabalho e em torno do Cumará, o número de garimpeiros oscilava entre 3 e 20 mil homens, 90% de maranhenses. A atividade é sazonal (combinando o sistema manual com o semi-mecanizado) e a maioria deles retorna aos seus pontos de origem na estação das chuvas, para plantar roça (entre dezembro e março).

A gestão destes recursos é um ponto pouco esclarecido e controvertido. Parece que o dinheiro é depositado e manejado diretamente pela DR em Belém. Além disso os índios têm várias razões do que reclamar: a intensa lavagem de cascalho tornou as águas do Rio Fresco permanentemente barrentas (até a altura de S. Félix do Xingú), impedindo sua utilização costeumeira para o banho e para beber. O mercúrio, os detergentes e o óleo utilizados nos trabalhos de lavra e apuração do ouro também são despejados nas águas do rio, causando poluição e prejudicando a saúde dos índios.

As áreas denominadas Maria Bonita e Tarzan são duas numerosas frentes de trabalho dentro da reserva indígena. Da primeira, por exemplo, foram comercializadas, em 82, somente através da CEF, 524.784 g. Aos índios cabe, segundo informações colhidas pela antropóloga Vanessa Lea junto ao chefe de posto da Funai (83), a porcentagem de 1% do imposto federal de 17% sobre a produção.
O caique Pombo e seu filho Domingos, em Brasília, com o ministro Cesar Calô e o empresário José Lino Cypriano, presidente da Stannum.

O col. Pombo, em casa, durante entrevista à equipe de Povos Indígenas no Brasil/CEDI.

Garimpo de Kikretum (ex-Batéia), com 30 km. de extensão.
Apenas com um aval do chefe de posto (logo afastado), tal documento estabelecia as condições de exploração dos dois garimpos, por três anos: limite inicial de 200 garimpeiros na área, sem nunca ultrapassar 400; pagamento mensal de royalties (sic) de 5% da produção brutta mecanizada (depósito em Câmereta de Poupança da CEF, em conta corrente do col. Pombo) e 10% da produção bruta de garimagem manual em dinheiro vivo.

Quanto aos garimpeiros residentes na área no momento, o acordo estipulava um prazo até 30 de julho para que eles se submeterem ao sistema da empresa. Caso contrário, teriam que abandonar o local, cuja segurança (sic) seria feita por garimpeiros designados pelo Pombo. Finalmente o item 12 do acordo garantia à empresa mineradora o controle das cantinas dos garimpos (segundo dizem na região, a melhor granota de lucros de qualquer garimpo), que se comprometia pagar 10% da renda líquida em mercadorias escolhidas pelo Pombo, a cada seis meses.

Enquanto a empresa cuidava da parte burocrática em Brasília, na tentativa de legalizar a situação de facto que havia criado na área para, posteriormente, viabilizar a instalação de um amplo sistema de mecanização, somente permitindo a entrada de garimpeiros autorizados, seus prepostos locais, mais interessados nos lucros das cantinas, faziam incha os garimpos de gente e procuravam tirar vantagens em tudo.

Não tardaram os primeiros conflitos e desconfianças da parte dos garimpeiros-físicos do coronel Pombo para com os "donos" das cantinas. O pagamento da renda em dinheiro era constante, mas a quantia duvidosa. Frequentemente a recompensa vinha na forma de mercadorias levadas até a aldeia (aviões lotados de carne, refrigerante, pão, etc.) ou no pagamento das despesas com assistência médica no hospital de Tucumã.

Houve momentos em que os garimpeiros redobraram a vigilância, exercendo severas revistas nos garimpeiros que saíam da área, desconfiados da evasão de ouro. Em meados de 82, essa situação chegou a um ponto acento e os índios acabaram expulsando muitos garimpeiros da área, inclusive um tal Gaicho Manco, preposto da Shelita, acusados de estarem escondendo ouro dentro de sabonetes para escapar do controle e da porcentagem.

A política do col. Pombo

Na mesma época, o coronel Pombo autorizava um novo negócio. Em junho, foi aberta a pista do Jatobá, um garimpo de cassiterita, explorado por um tal Didi, morador de Guaritai, financiado por comerciantes da região. O acordo de se pagar aos índios 10% da produção foi meramente verbal, mas parece ter funcionado bem no curto tempo de exploração. Com reduzido número de garimpeiros-físicos (de 2 a 4), houve semana em que a produção atingiu 10 toneladas, vendidas a 8 milhões (tudo devidamente registrado, com nota de saída apresentada ao Pombo e ao chefe do PI/ Funai). Mas a minha secou logo (os exploradores não pega-ram na veia) e o local foi abandonado.

A essa altura, os dividendos do acordo com a Stannum-Shelita, apesar das instabilidades, possibilitavam aos índios do Kikretum uma grande mobilidade regional e começavam a celebrizar a figura do coronel Pombo. Ocupando pequenas turmas de guerreiros na função de fiscalização dos garimpos, num sistema de rodízio permanente, só excepcionalmente índios ficavam temporadas como aprendizes do ofício de garimpar. Tal aprendizado foi aberto pelo coronel Pombo a índios kayapos de outras aldeias do Pará, as quais visitava eventualmente, em avistos freitados e cheiros de presentes.

Na aldeia Kikretum, como nas cidades da região, o coronel Pombo era sempre cortejado por comerciantes e aviadores, interessados em se beneficiar das suas disponibilidades financeiras ou conseguir um lugar privilegiado na cadeia de exploração dos garimpeiros.

Em outubro de 82, o coronel Pombo acompanhado de dois filhos vai até Brasília defender perante a Funai o acordo com a Stannum-Shelita. Chegou a solicitar ao Ministro Cesar Calô, das Minas e Energia, que intercedesse junto à Funai para que ela retirasse da justiça em Belém a ação anulatória do acordo com a empresa de mineração, pelo qual os índios estariam recebendo mensalmente 900 mil cruzeiros (Correio Brasilense de 09/10/82).

Na ocasião, o presidente da Funai tentou mais uma vez convencer os índios de que o melhor sistema seria o de Cumará e, com isso, as desconfianças aumentaram e as relações com a Funai, tradicionalmente com uma fraca presença na área kayapo, se deterioraram. Especialmente com relação ao delegado Paulo Cesar Abreu, acusado pelos índios de controlar e embolsar recursos das porcentagens, em arranjos anteriores.

Na volta de Brasília, o arranjo com a Stannum-Shelita parecia consolidado, apesar da irritação dos dirigentes da Funai. Especialmente porque a empresa prometia aumentar bastante a produtividade e, com isso, a porcentagem aos índios, quando se implantasse o sistema de mecanização.

Nem Stannum, nem Funai

Mas em meados de 83 a Stannum-Shelita acabou tendo que sair da área mais uma vez, depois de várias interrupções parciais das atividades, pressionada pela Funai. O coronel Pombo não gostou e o delegado regional do órgão escapou de ser morto, por não acompanhar, na última hora, a comitiva de técnicos do CPRM que visitou a aldeia Kikretum no mês de maio.

Com a saída da empresa, o coronel Pombo passou a entregar o controle das pistas e das cantinas dos garimpos a grupos de interesse regionais, como, por exemplo, um tal Gerson (ex-chefe de posto da Funai entre os Gororáis, casado com uma índia kayapó e que, com o dinheiro do FGTS havia se instalado como pequeno comerciante em Guaritai e Tucumã, onde recebia sempre amistosamente os índios em trânsito).

Para esses grupos, quanto mais garimpeiros na área melhor, mais lucros nos fletes e nas cantinas. Em junho, as estimativas da Funai já registravam de dois a três mil e quinhentos garimpeiros nas duas pistas. Subiam também as dívidas do coronel Pombo, especialmente junto aos supermercados e aos pilotos, mas também no hotel, no hospital e na churrascaria de Tucumã. Periodicamente a negociação
das dívidas dos índios era apenas um item a ser negociado pelos “donos das pistas” com os grandes comerciantes e, seguidas vezes, implicava na possibilidade de continuar tocando o negócio, passando-o a outros.

Segundo o próprio Gerson, por exemplo, ele acabou entregando a pista do Kikretum aos donos dos Supermercados Mundial (Imperatriz/Tucumã), incluindo um conjunto de chapudeiras, motores, um avião, a cantina com mercadorias e uma dívida dos índios na pequena praça de Tucumã, no valor de 28 milhões (em junho de 1983).

Este foi o arranjo que presenciamos (eu e Vincent Carelli) na visita que fizemos a Tucumã, ao garimpo e à aldeia do Kikretum, em agosto de 83.

Na pista Nova Olinda, o antropólogo Celio Horst e uma pequena equipe enviada pela Funai de Brasília, tentou controlar a cantina e o garimpo, com a pretensão de criar uma alternativa eficiente, rentável aos índios e que recuperasse um mínimo de legitimidade do órgão junto ao coronel Pombo. Segundo nos informou o próprio Horst, as operações duraram apenas 3 semanas (entre maio e junho) e acabaram buscando à falta de apoio da sede central da Funai em Brasília (em fase de troca de presidente) e à rede de intrigas e disputas locais.

A pesar dos benefícios que disse ter feito ao coronel Pombo e à comunidade do Kikretum, não conseguiu conquistar a lealdade e confiança dos índios e deixou a área bastante desgastada. Tão logo assumiu o controle da pista, retirou os garimpeiros doentes, as mulheres não casadas, proibindo as armas de fogo e a bebida. Baixou os preços dos produtos da cantina, ficou os garimpeiros e montou um sistema de controle da porcentagem que, nas três semanas, segundo ele, rendeu aos índios 15 milhões de cruzeiros. Pagou as dívidas dos índios em Tucumã, cerca de 7 milhões e orientou um plano de melhorias e investimentos, alguns já em andamento, para combater uma onda de consumismo e desperdício de recursos: compra de uma pensão em Tucumã, abertura de uma “fazenda” para criação de gado (18 alqueires desmatados e cercados próximos à aldeia), fabricação de tijolos para a construção de uma nova aldeia, a abertura de um poço artesiano, a diversificação e ampliação das roças, a contratação de uma empreiteira para abrir uma estrada (antigo desejo dos índios) ligando a aldeia a Tucumã, em troca de madeira-de-lei e até a simples abertura de conta bancária e documentação pessoal para o coronel Pombo.

De fato, quando estivemos na aldeia Kikretum entrevistando o coronel Pombo (entrevista aliás interrompida 4 vezes por pessoas que chegaram de avião: os comerciantes das duas pistas, a comitiva da Funai e um piloto que, a pedido do coronel, viaia retirar uma criança doente para levar ao hospital de Tucumã), pudemos encontrar uma quantidade razoável de trabalhadores braçais temporariamente assalariados para a execução dos serviços mencionados.

Encontramos também alguns garimpeiros, que voltavam de uma expedição de pesquisa, controlada por um dos filhos do coronel Pombo, em busca de novas gotas de ouro ao norte da reserva. A grande maioria dos índios estava acamada na mata, preparando a grande festa do jabuti.

No garimpo do Kikretum, havia apenas um garroteiro do Pombo, fiscalizando. A cantina cobrava os gêneros básicos (depois de 8 minutos de transporte por avião monomotor) de 100 a 400% mais caros que em Tucumã. Segundo Horst, esta cantina dava, em meados do ano, 60 milhões de lucro por mês só na venda de alimentos, combustível e outros gêneros básicos aos garimpeiros. O garimpo, uma imensa mancha desmatada de cerca de 30 kms de extensão com um população estimada em 4 mil garimpeiros (no auge da estação seca), estava produzindo em torno de 8 kg de ouro por semana, vendidos a um preço que oscilava entre C$9,500,00 e C$12,000 o grama. Disso tudo, o coronel Pombo estava recebendo um fixo mensal de 2 milhões de cruzeiros. Mais um milhão pelo "arrendamento" da cantina do garimpo de Nova Olinda, onde mil garimpeiros estavam extraendo 2 kg de ouro por semana.

Novo decreto, os garimpos e as políticas

No dia em que estávamos na aldeia do Kikretum (24/08), chegou a notícia pelo rádio do posto que o novo delegado regional em Belém tinha sido nomeado. O coronel Pombo comemorou a queda de Paulo Cesar e sua substituição por Salomão dos Santos, ex-chefê da Ajudância de Altamira, um homem bem mais próximo dos kayapós. Posteriormente, novas veiculadas pela imprensa informavam que o diálogo DR/coronel Pombo tinha sido reativado e que a Funai estava com 8 funcionários na área e 4 agentes da Polícia Federal tratando de gerenciar os garimpos: regularizando a compra de ouro no local pela CEF, instalando um Posto de Vigilância entre Tucumã e as áreas de lavra e afastando os donos de pista e controladores das cantinas, cujo prazo fatal era final do ano (O Liberal, 17.12.83).

Posteriormente, informações que circulavam na Funai em Brasília (a confirmar) davam conta de que, de fato, equipes do órgão se deslocam periodicamente até a área para serviços de fiscalização e cobranças pelo arrendamento das cantinas, pela entrada de chapudeiras e pela venda do ouro, repassando os dividendos aos índios. O coronel Pombo continua querendo dinheiro na mão, sem muitos intermediários, para decidir, em última instância, onde aplicá-lo.

Enquanto isso, no final de 83, o presidente Figueiredo sancionava, juntamente com os ministros do Interior e Minas e Energia, o decreto nº 83.985 (ver capítulo "Mineração em áreas Indígenas", na primeira parte deste ACONTECÊU) abrindo as riquezas minerais existentes nas áreas indígenas também à exploração de empresas privadas. Orientados pelo Conselho de Segurança Nacional, à revelia dos interesses burocráticos da Funai em controlar a exploração de minerais em áreas indígenas (sempre travestidos pela ideologia protecionista), as empresas privadas são apresentadas no referido decreto como complementares às estatais. Juridicamente estão abertas as portas para a Stanex conseguir a tão almejada legalização da sua situação dentro da Reserva Kayapó, superando desentendimentos secundários.

A briga principal será mesmo no local, onde milhares de garimpeiros já estão instalados desafiando, como nos recentes conflitos pela reabertura de Serra Pelada ao garimpo manual, as pretensões hegemônicas de empresas interessadas na lavra mecanizada. (C.A.R.).
Aconteceu na imprensa

GARIMPOS

FUNAI teme conflito

Fontes da Funai, em Belém, manifestaram grande preocupação com as possíveis invasões de terras indígenas por garimpeiros que poderão ocorrer nos próximos meses. O fato de que parte dos 25 mil garimpeiros de Serra Pelada poderá ser deslocada para a área controlada pela Coordenadoria do Cumaru, onde já existem 25 mil homens, fará com que muitos dos garimpeiros tenham que penetrar em reservas indígenas. Desde 1981, a delegacia da Funai tenta, ainda sem êxito, retirar uma empresa de mineração, a Shellita, da reserva Caiapô. A Shellita assinou um contrato particular com o cacique da aldeia Kriketuim e vem retirando, em média, 2,5 quilos de ouro por semana, com uma renda de Cr$ 40 milhões. A Funai entrou na Justiça para anular o contrato, mas o processo ainda não foi decidido. (ESP, 3/5/83).

Garimpo será mecanizado

A Delegacia Regional da Funai iniciou ontem na reserva Caiapô, no Sul do Pará, um levantamento das ocorrências de ouro no garimpo Rio Branco, nas proximidades da aldeia Kriketuim, visando à assinatura de um convênio com o Departamento Nacional de Produção Mineral para mecanizar o garimpo sob o controle dos próprios índios. O Delegado da Funai, Paulo César Abreu, disse que a idéia teve boa receptividade por parte do DNPM, que poderá ampliá-la, em acordo com a Funai, a outros garimpos localizados em reservas indígenas, como é o caso dos garimpos de Cumaru, Kokraimoro, Au-quizé, Bau, Bacajá e Paraíba. (O Globo, 5/5/83).

Minadora contesta FUNAI

A diretoria da empresa Stannun — Empreendimentos Minerais Ltda. — refutou, ontem a alegação da Funai de que não pode conceder alvará de pesquisa e concessões de lavra em terra indígena para aquela empresa por se tratar de órgão particular. Anteriormente, a Funai negou a concessão de pesquisa para a Stannun tendo por base portaria do Ministério das Minas e Energia e do Interior que restringe esse tipo de pesquisa em terras indígenas a empresas estatais a nível federal, quando se tratar de minerais estratégicos necessários à segurança nacional. A empresa Stannun alega, contudo, que tal portaria não retira o direito e as obrigações que tem a empresa, de efetivar a pesquisa, pelo fato de seus alvâras terem sido expedidos anteriormente à vigência da portaria ministerial. Ressalta ainda, a diretoria da empresa, estar sendo prejudicada por interrupções em seu trabalho, no garimpo de Cumaru, por imposição da Funai. (Jornal de Brasília, 17/05/83).

Indios pedem reunião

O delegado regional da fundação Nacional do Índio (Funai), Paulo César Abreu, viaja amanhã para Brasília, a fim de tentar acertar uma reunião do presidente da Funai, coronel Paulo Leal, com as lideranças Kaia, na reserva Gorotire. Segundo Paulo Abreu o encontro foi solicitado pelas próprias lideranças indígenas, em reunião passada, onde estiveram presentes representantes dos Kokraimoro, Kubenkerquém, Aukr, Gorotire e Kikretin. Disse Paulo Abreu que a tensão na área está aliviada, estando tudo sob controle em quatro das cinco aldeias. Apenas a reserva Kikretun, continua enfrentando problemas e permanece com a sua situação inalterada. (O Liberal, 14/06/83).

“Os índios e o garimpo”

Os índios Kayapós de Gorotire estão tomando banho de chuva na aldeia porque o rio da Ponte está insuflável. Os do Kikretun furtam aves para transportar latas de goiabada e creme de leite. São os resultados da penetração do garimpagem numa das reservas indígenas até então menos desaventuradas do Pará.
Algum dia os problemas que agora os Kayapó estão enfrentando haveriam de aparecer. Como seus primos, os Xikrin do Cateté, os Kayapó habitam terras que sempre foram muito cobiçadas. É a segunda maior reserva indígena do país, só superada em seus 2,7 milhões de hectares pelo Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso.

A frente pecuária que vinha do Araguaia parou nos limites do território Kayapó, uma precária linha divisória que o trágico exemplo da fazenda Espadilha (quando 21 pessoas foram mortas pelos índios) reavivou. A reserva transformou-se, com o passar do tempo, num vauco cercado por frentes econômicas: ao sul, a Companhia Vale do Rio Doce; ao oeste, a Vale do Itaporã; ao norte, o Projeto Tucumã; ao norte, a Construtora Andrade Gutierrez e a leste, diversas fazendas incentivadas pela Sudam.

Era um cerco lento e, de certa forma, cauteloso. O garimpo, porém, incrementou a velocidade das investidas e afetou profundamente a vida dos índios. No limite nordeste da reserva, o cacique Pombo assinou acordo com uma empresa, a Shellita, que, respaldada em costas muito largas, despejou ali seus garimpeiros, uma modalidade nova e heterodoxa nesta época de suecândias à reforma agrária que a Amazônia está vivendo.

Impondo a coibrança de “royalties” de 10% sobre o valor da produção, Pombo criou uma razoável fonte de receita para ele, o que já está ocorrendo em uma série de problemas. Alguns índios parecem recéosos de que o capitão tenha negociado apenas em seu nome e não em proveito de toda a tribo. O ingresso de dinheiro em volume não previsto está criando uma onda de consumismo que nada tem a ver com os padrões culturais do grupo.

Assustada com o risco da experiência, a Funai quer substituir o garimpo por uma lavra mecanizada, a fim de poder exercer controle direto sobre uma empresa e responsabilizá-la pelos problemas que eventualmente surgirem. Eles já estão ocorrendo: além do esfacelamento da integridade tribal, começam a aparecer casos de prostituição, o que era de se esperar do contato entre índios e garimpeiros. A tradição conflituosa é extensa.

Substituir garimpeiros por empresa não constitui problema para Pombo se não houver interrupção de receita, se os 10% forem mantidos e se houver um compromisso por escrito para a recomposição da paisagem após a mineração. Não se sabe se existem essas exigências no contrato em vigor, mas a questão principal não é a fiscalização que os índios possam ou não exercer. Um técnico, em tom jocoso, diz que o garimpo do Rio Branco é original: nele, o índio pela primeira vez está explorando o branco. Além de exigir o pagamento de 10% de “royalties”, Pombo é quem explora a canina de onde saem os alimentos para os garimpeiros. Evidentemente, trata-se de uma frase de cênto. De repente, como nunca antes, os índios passam a ter dinheiro, que gastam com gêneros aparentemente superfluos. Nada haveria de estranho nessa volúpia consumista. Nós fariamos o mesmo. Só que os índios não são exatamente como nós. Nem melhores, nem piores: são mesmo diferentes. Através do dinheiro, estão sendo transformados em pessoas como nós. Ou melhor: parecidos.

Eles projetos para transformá-los em garimpeiros. Outros pensam em deixá-los nas funções de controle e administração, no que já demonstraram competência invejável (como os Gaviões da reserva Mãe Maria). Mas se o contato (ou fricção) é inerível, melhor seria encarar o problema pela melhor ótica: que a civilização ocidental tem para oferecer-lhes, avaliando os efeitos positivos e as consequências maléficas. Enquanto os Kayapó do Kikretun estão indo buscar lata de goiabada de avião, seus irmãos do Gorotire, segundo o depoimento do delegado da Funai, Paulo Cezar Abreu, estão sendo obrigados a esquecer o uso do rio da Ponte, que passa em frente à aldeia, porque o garimpo do Cumaru está transformando-o em uma lama pastosa. Sem mesmo a navegação é mais possível porque o navegador não tem visibilidade sob as águas. Ignorar que dentro da reserva existe ouro — e provavelmente muito ouro — é insensatez. Fingir que os garimpeiros não estão invadindo a reserva e entrando em contato com os índios é engenhidade contraproducente. Mas abrir mão dos estágios civilizatórios, que separam as comunidades tribais do que os antropólogos chamam de sociedade envolvente, significaria expor os Kayapó, como outros índios, a uma massacre. Que nem sempre provoca derramamento de sangue, mas tem o mesmo significado. Não se trata de envolvê-los com uma tutela sufocante. Mas dar-lhes espaço para se protegerem e usufruírem das vantagens dessa distância. Se é que isso já não transformou-se em meras utopias. (Artigo de Luís Flávio Pinto, O Liberal, 15/06/83).

Delegado prevê solução para garimpo indígena

Com a substituição na presidência da Funai, o delegado do órgão no Pará, Paulo César Abreu, acredita que a questão dos garimpos indígenas será resolvida: “É uma decisão do Governo que não haja garimpo indígena, mas a haver, que seja então controlado, mecanizado, para que se retire a maior quantidade de minério no menor espaço de tempo e com menos gente possível”. (JBB, 6/7/83).

Poluição ameaça a reserva

O delegado regional da Funai no Pará e Amapá, Paulo César Abreu, voltou a alertar para o prejuízo que cerca de 700 índios da reserva Gorotire, no Sul do Pará, estão sofrendo com a poluição do rio Fresco, afluentes do Xingu que corta a reserva. A poluição é causada pelos quase 50 mil garimpeiros que estão atuando no garimpo do Cumaru. Segundo denúncia feita por dois chefs Gorotire, Kanhonko e Toty, eles estão sendo obrigados a beber e tomar banho com água tirada de uma caixa-d’água colocada pela Funai. A poluição está também prejudicando a pesca. (ESP, 28/07/83).

FUNAI vai assessorar índios

O delegado da Funai, em Belém, informou que os índios kaiapów, vão assumir o gerenciamento do garimpo Rio Branco, situado dentro de suas reservas e atualmente explorado por garimpeiros aceitos pelo cacique Kiyapó, Tuto Pombo. Segundo Salomão Santos, a Funai verificou que os interesses dos índios nesse acordo vinham sendo lesados e em contato com o cacique Pombo acabou de participação da Funai como orientadora dos Kaiapó no gerenciamento do garimpo. O cacique Tuto Pombo, por exemplo, está endividado em mais de 45 milhões de cruzeiros com os comerciantes. Os índios farão levantamento dos garimpeiros existentes, impedindo, a partir daí, o ingresso de outros na região aurifera. (Gazeta de Noticias/RJ, 2/11/83).

121
FUNAI administra garimpo

Quem chega ao pequeno campo de pouso da cidade de Tucumã, no Sul do Pará, uma das áreas garimpeiras mais promissoras do país, vê logo uma tabela de preços numa sala de desembarque. Os preços indicados são os seguintes: inscrição de garimpeiro, Cr$ 5 mil; entrada de uma chupadeira (espécie de minidraga), Cr$ 200 mil; uso mensal da minidraga, Cr$ 200 mil; e pouso de avião, Cr$ 10 mil. Esta tabela de preços foi fixada por funcionários da Funai no posto da reserva dos Kaiapó (que fica perto de Tucumã) para permitir o acesso dos garimpeiros às terras indígenas. A cobrança de taxas a garimpeiros é ilegal, segundo um assessor do director-geral do DNPM, porque só quem pode garimpar em reservas indígenas são os próprios índios. A denúncia de que funcionários da Funai, entre eles Irismar Alves Morais, estão cobrando taxas arbitrárias aos garimpeiros foi trazida ao DNPM por dois garimpeiros que trabalham em Tucumã e não quiseram se identificar com medo de represálias. De acordo com os garimpeiros, na reserva dos Kaiapó já funcionam três garimpos — Mutum, Bateia e Filomeno — que são controlados pelos funcionários da Funai. (JB, 4/12/83).

César Cals interfere a favor da Stannun

O Ministério das Minas e Energia interferiu em favor da empresa Stannun Mineração, de propriedade do genro do presidente do Conselho Nacional do Petróleo, órgão subordinado ao próprio Ministério, quando já havia sido caracterizada a má fé da empresa na invasão da reserva indígena caipó para a extração de ouro, no Pará. A nota oficial distribuída no final da semana pelo ministro César Cals, ao invés de servir-lhe de defesa, na verdade comprova a pressão indevida e irregular do Ministério sobre a Funai para favorecer a empresa de propriedade de José Lino genro do general Oziel de Almeida. O ministro alega ter agido "estritamente dentro da lei vigente" ao pedir ao Ministério do Interior, em avisos enviados diretamente ao ministro Mário Andreazza em outubro e dezembro de 1981 (o primeiro assinado pelo ministro interino, Arnaldo Barbalho), que obrigasse a Funai a se abster de "promover atos que venham a impedir a continuidade dos trabalhos de pesquisa" da Stannun.

Segundo a interpretação de funcionários da Funai, o ministro estava simplesmente tentando cercar a Fundação, não a deixando aplicar a política indígena. A Funai negou-se, por conseguinte, apesar de todas as pressões, denunciadas pelo então presidente do órgão, Paulo Moreira Leal, a autorizar o ingresso da Stannun na reserva caipó. Quando, a 26 de dezembro de 1980, pediu autorização para realizar pesquisas geológicas em três áreas situadas na serra da Seringa, conforme alvarás expedidos pelo DNPM, José Lino Cyriano já havia armado e municiado (com dez revólveres, 12 carabinas, 15 espingardas e 33 caixas de balas) 43 homens, sob o comando de Alcebiades de Carvalho Santos, para expulsar um grupo de garimpeiros que invadiu a reserva.

Alcebiades foi escolhido para a missão porque havia sido sertanejo da Funai (no contato com os cintas-largas e os bororôs) e conhecia o cacique Pombo, líder dos índios caipós. Alcebiades tinha proposto ao chefe do posto indígena, em 1980, ensinar os índios a garimpar, mas não foi autorizado a isso. Logo em seguida, foi contratado pela Stannun. Em depoimento prestado à Polícia Federal, em abril de 1981, disse ter sabido na época que a Stannun estava negociando a autorização para garimpar na área indígena com a Funai. Por isso, munido de um alvará de pesquisa (e não de lavra) do DNPM e de um ato declaratório que permitia à Stannun comercializar ouro, passou a controlar inteiramente o garimpo para a empresa.

Com o auxílio da Polícia Federal, a Funai constatou que a Stannun tinha invadido a área sabendo que ela era uma reserva indígena e que, embora apenas autorizada a fazer pesquisa geológica em "terrenos devolutos" (conforme os alvarás), já estava garimpondo no território caipó, produzindo ouro. Comprovada assim a má fé da empresa, a Funai negou-se a dar-lhe autorização para legalizar sua permanência. Ao contrário, pediu à Polícia Federal para retirar os garimpeiros, evacuar a área e instaurar inquérito, entre março e abril de 1981. Também solicitou ao DNPM o cancelamento dos três alvarás porque 83% de um, 50% de outro e 13% do último incidiam na reserva caipó. O ministro César Cals diz que o DNPM expidiu os alvarás por desconhecer se a área era ou não reserva indígena, explicando que a Funai não cumpriu o Decreto nº 65.202, que a obrigava a enviar, em 1969, o levantamento cartográfico das áreas presumivelmente habilitadas por índios.

Tais argumentos já foram contraditados à exaustão no processo administrativo instaurado na Funai a partir do pedido de autorização da Stannun, mas o ministro insiste em reapresentá-los de público. César Cals se esquiva de que as terras do Xingu, limitadas por acidentes naturais, foram reservadas aos caipós pelo governo do Pará entre 1938 e 1945. Em julho de 1961, o então presidente Jânio Quadros criou por decreto — e definiu-a cartograficamente — a reserva florestal Goroti, ressaltando que dentro dela “serão respeitadas as terras do índio, de forma a preservar as populações aborígenes”. Seriam assistidas pelo SPI (em seguida, Funai). Em 1977, a Funai iniciou vários procedimentos administrativos para a demarcação dessas áreas, todos eles públicos. Logo, o ministro não pode, mesmo que queira, ignorar o que é público e notório.

Ao indeferir o pedido da Stannun, a Funai juntou todos os documentos sobre a existência da reserva, que obrigariam o DNPM a consultar o órgão tutelar dos índios antes de expedir alvarás de pesquisas para áreas notoriamente de domínio indígena. O ministro se defende alegando que não dispunha dos mapas indicativos, como exigiria o decreto de 1969. Porém, depois do Decreto nº 65.202, ao qual se refere, foi aprovada pelo Congresso a Lei nº 6.001, de 1973, mais conhecida como Estatuto do Índio. O parágrafo 2º dessa lei, o principal instrumento legal da política indigenista (e que revogou as disposições contrárias da legislação anterior), é bem claro quando diz: "Na salvaguarda dos interesses do patrimônio indígena e do bem-estar dos silvícolas, a autorização de pesquisa e lavra, a terceiros, nas posses tribais, estará condicionada a prévio entendimento com o órgão de assistência ao índio". A Funai não foi ouvida previamente à expedição dos alvarás, o que caracterizou uma irregularidade. E negou-se a autorizar o ingresso da empresa na área indígena quando consultada "a posteriori".

Reagindo ao primeiro aviso do Ministério das Minas e Energia, o chefe da Divisão Fundiária da Funai, Orival Prazeres, em ofício de 6 de novembro de 1981, foi enfático: "A outorga de alvará pelo DNPM "não impôe a obrigação pela Funai em autorizar o ingresso em terra indígena. Se a empresa, de posse de alvará, ingressou em
terra indígena, com instalações e equipamentos, o fez correndo riscos que não podem, agora, ser transferidos à responsabilidade desta Fundação, à conta da política do fato consumado".

Como havia centenas de processos idênticos ao da Stannun na Funai, no final de 1980 os ministérios do Interior e das Minas e Energia constituíram um grupo de estudos para examinar os pedidos de pesquisa e lavra mineral em áreas indígenas. Desses estudos resultou a portaria interministerial nº 006, de 15 de janeiro de 1981, assinada pelos ministros Mário Andreazza e César Cals, que restringiu às empresas estatais as atividades de mineração em terras indígenas. Com base nessa portaria e na legislação indigenista, a Funai indeferiu o pedido da Stannun, como das demais empresas, requerentes. Mas o ministro César Cals, ignorando sua própria assinatura na portaria e a orientação interministerial dela resultante, não apenas insistiu em favor da Stannun (e só da Stannun), como pretendeu forçar o Ministério do Interior a obrigar a Funai a não impedir as atividades da empresa, arranjando-se funções que não lhe pertencem porque seu ministério não é órgão indigenista. Sua participação, assim, ficou caracterizada como indevida. E suas explicações só convencem os desavisados.

A Stannun não interessava a aplicação da lei e sim o atendimento de seu objetivo: a extração de ouro de qualquer maneira, mesmo que minério estivesse em área indígena (a compensação seriam as quatro toneladas que se imagina haver no garimpo do Rio Branco). Invadindo a área, a empresa criou um fato consumado e tentou depois legalizá-lo com o pedido de autorização. Apadrinhando a Stannun, o ministro colocou-se contra a lei e a Funai, a sua aplicadora, mas acabou perdendo porque a Funai, mesmo pressionada, não cedeu. Bloqueados os caminhos possíveis de um entendimento administrativo com a Funai, a Stannun procurou diretamente os índios caiapós e, em 22 de abril do ano passado, assinou um acordo particular com o cacique Pombo, usando como "testa-de-ferro" uma outra empresa, a Shellita. A empresa comprometeu-se a pagar ao cacique 50% da produção bruta mecanizada e 10% da produção de garimpagem, mantendo na área até 400 garimpeiros. O cacique, de sua parte, se comprometia a colocar os membros da tribo à disposição da Shellita para fazer a segurança da área. Os caiapós ficavam também obrigados a forçar os garimpeiros a comprar com a empresa, expulsando os que não se submeterem à Shellita.

Em março deste ano a Funai foi alertada pela Policia Federal para esse acordo e para o fato de que a Shellita não passava de prestadora de serviços da Stannun, pertencente a José Lino Cypriano. A 16 de setembro do ano passado a Funai já havia entrado com uma ação na 1ª Vara Cível de Belém, pedindo a anulação do contrato, por não ter sido interveniente no entendimento com os índios, que são seus tutelados. O juiz estadual declarou-se incompetente e enviou o processo para a Justiça Federal. Em setembro deste ano, o juiz federal também declarou-se incompetente e devolveu a ação à Justiça Estadual, que ainda não se manifestou novamente. Enquanto a questão judicial tramita lentamente, a Funai ainda teme por uma nova investida à nível administrativo: apesar de todas as suas negativas de autorização à Stannun, o processo continua em aberto em Brasília. Pela Funai, ele já teria sido dado como encerrado. (ESP, 06/12/83).

---

**FUNAI promete solução**

A Funai vai solicitar hoje à Justiça Federal, em Belém, para ser reintegrada na posse de parte da área da reserva do Cateté, cedida por arrendamento ao fazendeiro Laudelino Hane mann. Esse fazendeiro havia montado uma fazenda, de 30 mil hectares, no interior da reserva dos índios Xikrin, que fica às proximidades da província mineral de Carajás, no Sul do Pará. Apesar da clara invasão de terras indígenas, a Funai assinou com ele um contrato para que, durante um ano, ele utilizasse uma área de pastagem já formada para alimentar um rebanho de 500 animais que ele havia conduzido para a região.

A autorização foi muito criticada na época, mas a Funai alegou que os animais morreriam se não pudessem ter acesso à pastagem. Em junho terminou o prazo para a permanência dos animais, mas a Funai não conseguiu chegar a um acordo com o fazendeiro. Os chefes Xikrin formaram a BSP e conversaram com o presidente da Funai, recebendo a promessa de que o órgão resolveria o problema desde que os índios se mantivessem calmos. O procurador-geral da Funai, Afonso Morais, apresentará à Justiça Federal o pedido de reintegração de posse, que deverá ser despachado o mais rapidamente possível. (Folha de Goiás, 14/01/83).

---

**Solicitação reintegração de posse**

A Funai ingressou na Justiça Federal, em Belém, com uma ação de reintegração contra um grupo de fazendeiros que ocuparam uma parte do Sul da Reserva dos índios Xikrins. No pedido, a Funai quer que a Justiça obrigue os fazendeiros "a abandonar a referida área, restituindo-a aos seus legítimos possuidores, os índios Xikrins, com todos os seus rendimentos, bem como a indenizar perdas e danos, que forem apurados em execução de sentença, além de serem condenados nas custas processuais e honorários advocatícios". A Funai acusa 11 fazendeiros de terem chegado à região, "avidos por terras fáceis, e de maneira desenfreada passaram a comprar posses de terras de quem lhes oferecia, todas situadas, inexplicavelmente, dentro da Reserva Indígena Cateté". Diz que esses proprietários "não tiveram o cuidado de investigar a procedência das terras e, muito menos, de consultar o órgão federal de assistência aos silvícolas", a própria Funai, sobre a existência da reserva na região.

Formalizada a compra de posses — continua a denúncia — os fazendeiros "passaram imediatamente a desmatar a área de uma maneira desordenada, sem autorização do IBDF, com a finalidade única e exclusiva de caracterizar rapidamente a posse. Tudo obedeceu a um plano previamente elaborado pelos invasores". Na região, foram instaladas quatro serrarias e montada uma fazenda, ocupando 30 mil hectares. A Funai constatou as invasões em agosto de 1980, mas os fazendeiros solicitaram e conseguiram da Justiça um interdito proibitório contra a Funai e a União Federal, derrubado pelo tribunal Federal de Recursos, no início de 1981, através de um mandado de segurança imprestado pela Funai. O órgão tentou uma negociação com os fazendeiros, mas, sem sucesso, decidiu reaver a área. A ação foi distribuída para o juiz Aristides Medeiros. (O Dia, 19/01/83).
MEKRMOTI

Visita do presidente

O presidente da FUNAI, Octávio Lima, visita hoje os índios Kaiapó da reserva “Menkranton”, no Xingu, segundo revelou o delegado do órgão em Belém. O presidente seguirá diretamente de Brasília para a reserva, onde chegará logo de manhã, para uma permanência de 24 horas. (Folha da Tarde, 10/09/83).

FUNAI prepara transferência

A Funai está montando infra-estrutura às margens de afluente da cabeceira do rio Iriri, no Xingu, onde vai reunir os grupos de índios Kaiapó que habitam atualmente as reservas Pukanu e Menkrêgotire. Informou ontem o delegado do órgão do Pará, Salomão Santos. Salomão informou que estão sendo construídos campos de pouso, casas, roças e estações de rádio para os cerca de 400 índios que vão habitar a nova reserva, distante 100 quilômetros das atuais reservas por eles ocupadas, e onde já não encontram meios de subsistência. (Gazeta de Notícias/RJ, 15/09/83).

ARAWETE/ PARAKANÃ

Parakanã atacam e ferem chefe de posto

Indígenas arreios da tribo dos Parakanã, que vivem na área de influência da Transamazônica, feriram, na quadra, gravemente, o chefe do PIA do rio Ipxuana. A Funai não sabe, ainda, o motivo do ataque, e determinou a ida do sertanista Sidney Possuelo à região. O sertanista, deverá assumir o trabalho no posto Ipxuana e estudar a montagem de uma fronteira de ação para tentar um contato com os índios responsáveis pelo ataque. Algumas aldeias de Parakanã foram contatadas no início da década passada, no começo dos trabalhos de abertura da rodovia Transamazônica. Permanecem, no entanto, isoladas na mata alguns grupos que não puderam ser contatados pela Funai. (ESP, 25/2/83).

Vingança causa morte de dois Parakanã

Os índios Arawetê mataram dois índios Parakanã como represália ao ataque que sofreram semana passada, de seus tradicionais inimigos, no vale do Xingu. No sábado, os quase 45 guerreiros Arawetê encontraram na floresta dois parakanã e os mataram. O delegado da Funai em Belém, acredita que não haverá mais represália de nenhuma das duas partes envolvidas, porque amanhã deverá ser enviada para a área uma frente de ação, que vai tentar contatar o grupo Parakanã arredio, que desde o início da década de 70 tem resistido às tentativas de aproximação dos sertanistas da Funai. (ESP, 13/3/83).

Sertanista explica conflito

O sertanista Sidney Possuelo apresentou relatório à Funai, afirmando que as investidas dos índios não ocorrem em espírito guerreiro ou sentimento de vingança, “mas pela diminuição constante da população, que os comprime constantemente contra outras tribos que tentam os hostis”.

“A causa dos conflitos repousa mais na ocupação por parte da nossa sociedade que, rapidamente, vai incorporando vastas extensões dos territórios indígenas. O sertanista apresentou à Funai uma série de metas que deverão ser alcançadas pela frente sob seu comando, acentuando que, nos últimos anos, as frentes constituidas para atrair os Parakanã tem se caracterizado pela improvisação e pela falta de preocupação com a continuidade do trabalho. (O Liberal, 10/04/83).

Uma atração difícil

O sertanista Sidney Possuelo declarou que as expedições que chefiará visando atrair os Parakanã serão as mais difíceis de sua carreira. O grupo que se encontrar na região do Ipxuana, segundo calcula o sertanista, é composto por poucos mais de 100 pessoas, entre guerreiros, mulheres e crianças. Além disso, está se movimentando muito e, por isso, seus homens encontrarão dificuldades de descobrir uma pista deles. Possuelo declarou que foi obrigado “a raspar o fundo do tacho” para obter recursos para o financiamento desta expedição. Não há prazo para o seu término e Possuelo garantiu que a tarefa será muito mais difícil se não forem liberados os 19 milhões de cruzetos prometidos pela superintendência do Projeto Grande Carajás que financiará parte desta expedição. Possuelo declarou que a região hoje ocupada por este grupo de índios é rica em peles, minérios e está havendo penetração constante de “gariteiros” e de garimpeiros em busca de ouro. Obriguem a mudanças constantes, os índios não estão podendo arrumar as suas roças e estão com problemas de alimentação e, se não forem contactados pela expedição poderão atrasar as incursões pelas fazendas existentes naquela área que, na certa, provocarão reações violentas de ambas as partes. (O Liberal, 20/04/83).

Novo ataque

Os índios Parakanã atacaram, pela segunda vez este ano, o PI Ipxuana matando dois índios adultos e uma criança Arawetê. Em represália, os Arawetê mataram e decapitaram um índio Parakanã que conseguiram apreender e agora estão organizando uma expedição punitiva para atacar a aldeia dos inimigos. Em radiograma enviado à Funai, em Brasília, o sertanista Sidney Possuelo, informou que um helicóptero da Docege está ajudando a Funai no resgate de alguns índios feridos, mas o trabalho tem sido dificultado pelas má condições encontradas na selva para pouso. Possuelo pretende, agora, com mais três funcionários da Funai, chegar por terra até o posto atacado para tentar impedir a saída da expedição que será lançada pelos Arawetê, em represália ao ataque. (Tribuna da Imprensa, 26/4/83).

Sertanista contém represália

Três índios Arawetê, sendo uma criança em estado grave, estão internados no posto de saúde da Fundação Sesp, em Altamira (PA), enquanto se informa que três índios Parakanã foram mortos, um com certeza, segundo o auxiliar Salomão Santos, da Funai, durante um conflito armado entre as duas tribos, pertinho do Posto Indígena Ipxuana. Os índios Arawetê não vão mais atacar os Parakanã para vingar a morte de três companheiros. A garantia foi dada ontem pelo sertanista Sidney Possuelo,
que, em mensagem enviada à Funai, informou ter conseguido convencer os Araweté a permanecerem no posto Ipi- xuna. (Folha da Tarde, 27/4/83).

FUNAI preocupada
Paulo César, delegado da FUNAI em Belém, está preocupado com a freqüência dos ataques dos índios parakaná, o que só aconteceu de quatro em quatro anos. O ataque de domingo teve apenas dois meses de intervalo do anterior, em fevereiro. Paulo César atribui o fato à situação dramática que estavam vivendo os 100 índios arredios, que estão cada vez mais acossados pelos projetos de colonização do INCRA e pelos Araweté, milenares iníminos.

Temendo represas dos Araweté, a Funai deslocou para a Aldeia Ipiixuna o sertanista Raimundo Alves com a missão de apaziguar os ânimos dos Araweté para evitar carniça na selva. Está impossibilitado de prosseguir na tarefa de atraer os Parakaná arredios, o sertanista Sidney Possuelo. A aproximação não foi feita agora porque os parakaná poderiam interpretar a expedição como represa ao ataque Á Aldeia Ipiixuna e massacrar os funcionários da Funai. (JB, 27/4/83).

Conflito dificulta atração
O sertanista Sidney Possuelo comunicou ontem à Funai que o trabalho de atração dos índios Parakaná ficará mais difícil agora, por causa do ataque praticado por este grupo contra os índios Araweté. Mesmo assim, a expedição sairá de Altamira depois do dia 15 de maio, para iniciar a tentativa de aproximação. (ESP, 29/4/83).

Frente da atração
é retomada
O sertanista Possuelo disse que vai rei- niciar o trabalho de contato com um grupo de índios arredios desta tribo que está perambulando numa área de 200 quilômetros de extensão, ao norte da Serra dos Carajás. A frente de atração iniciou seu trabalho há quase três meses e conseguiu localizar os índios. Mas faltou recurso para a efetivação do contato, principalmente para propor- cionar cuidados de saúde aos índios. Retornando de Brasília, e com recursos fornecidos pelo Projeto Carajás, os trabalhos serão reiniciados. (Notícias Populares/SP, 20/10/83).

Primeiros contatos

Transferência
A Funai está remanejando um grupo de índios Parakaná, da área onde eles foram recentemente contatados para um outro local onde possam garantir sua sobrevivência, com garantia de caça e pesca abundante e sem a intervenção de homens brancos, no município de São Félix do Xingu, sul do Pará. A informação foi dada ontem pelo delegado da Funai em Belém, Salomão Santos, que justificou o remanejamento por estarem os índios Parakaná, so- frendo a influência de trabalhadores do garimpo do Muquiu, inclusive cor- rindo o risco da contaminação de doenças, como malária e tifo. (Diário Popular, 29/11/83).

ARARA/KURUAIA

Contato grupo arredio
Uma frente de atração da Funai entrou em contato, nos últimos dias, com 13 índios Arara arredios, que vivem na área de influência da Rodovia Transamazônica. Desde o início do trabalho de atração dos Araras foram contatados 68 índios. Os índios intérpretes souberam que na aldeia existem, ainda, 11 índios que não foram contatados. Através dos índios que já aceitaram a aproximação, a expedição tentará, agora chegar até a aldeia. O delegado da Funai em Belém, declarou também que está previsto para breve o estabelecimento de contato pacífico comos Kuruaiá (Tupi). (ESP, 18/1/83).

ASSURINI
DO TROCARÁ

Indios querem que chefé do posto fique
Um grupo de seis índios Assurini rei- vindicou, em entrevista coletiva na sala da assessoria de imprensa da SBPC, a permanência do chefe do posto. Jusron Góes, ameaçado de ser removido pela Funai. Estavam acompanhados da an- tropóloga Lúcia Andrade, que desen- volve um trabalho de pesquisa na re- serva que encaminhou o problema aos jornalistas. Trapa, que veio representando o cacique Cajuanaua, disse que o grupo está satisfeito com o trabalho desenvolvido pelo chefe do posto e reclamou da falta de assistência que vêm sofrendo naquela reserva. A reserva, demarcada numa área de 21.000 hectares, foi cortada pela Transamazônia, e passou a ser invadida por caçadores clandes- tinos, segundo Trapa, que mostrou o agravamento do problema de saúde dos Assurini, com a abertura do tráfego e a invasão. “Sob pressão eu não trabalho. Aqui não tem esse negócio de índio invadir gabinete”. Com essa declaração Paulo Cesar Abreu, justificou a decisão de se manter irresoluto quanto ao afastamento de Jusron Góes da função de chefe de posto da reserva Trocará. O grupo indígena levou suas reivindicações a Paulo Cesar, em encontro realizad- zado ainda na tarde de ontem, na sede da DR, não sendo permitida a presença de repórteres. Os índios, por seu turno,
saíram visivelmente insatisfeitos, diante da decisão de Paulo Cesar Abreu. Paulo Cesar justificava o afastamento de Jursin Góes como parte de um remanejamento sistemático dentro do órgão. “Nós temos por hábito fazer um rodízio de chefes de posto, já que essa é uma função altamente desgastante”, disse, lembrando que Jursin Góes já se encontra na atual função há quase quatro anos. “Trata-se de um excelente rapaz, mas um pouco imaturo. Mas o que os índios gostam nele, e que eu não gosto, é o seu excessivo paternalismo”, acrescentou. (O Liberal, 13/7/83).

**GAVIÃO**

**Indios dão ultimato**

A Eletronorte tem uma semana para resolver a situação dos índios Gavião que, em 1977, foram forçados a desocupar uma área localizada à margem direita do rio Tocantins, devido às obras da hidrelétrica de Tucuruí. O ultimato foi dado pelo cacique Payaré, em documento entregue à empresa. Eles pedem à Eletronorte que defina qual a área que não será utilizada e inicie as negociações para estabelecer o valor justo das indenizações. Caso não seja dada uma resposta nos próximos dias, os Gaviões do Oeste, que vivem em outra aldeia, dispõem-se a reocupar a área e a “expulsar todas as pessoas que se encontram nas terras reivindicadas por nossos primos da Montanha”. Obriguem a sair à força por funcionários da Funai e da Eletronorte, os Gaviões da Montanha alegam que a indenização cobriu apenas as benfeitorias e nada foi pago pela terra. A Eletronorte não reconhece aquelas terras como sendo área indígena e, por isso, indenizou apenas as benfeitorias avaliadas na época em Cr$ 77 mil. Na área, foram construídas torres de transmissão de energia, estradas e instalado um depósito de areia. Posteriormente, a terra foi ocupada por posseiros e, parte dela, pela Capemi. Por tentar expulsar um dos invasores, Payaré foi ferido e, desde então, está paralítico. (ESP, 6/7/83).

**Aldeia de Mãe Maria apóia Payaré**

Os índios Gavião vão iniciar esta semana um movimento para pressionar a Eletronorte a indenizar os últimos remanescentes de um outro grupo Gavião, os da Montanha. Cinco índios do grupo da reserva de Mãe Maria serão deslocados para Tucuruí e ficarão junto com a família de Payaré, o antigo cacique, até que a Eletronorte pague indenização suficiente para o remanejamento de todos para uma nova área. Aleijado, Payaré não consegue mais garantir o sustento de seus parentes. Na esperança de uma indenização, ele aguardou vários anos. Os Gaviões da montanha que já se transferiram para a reserva Mãe Maria querem que a Eletronorte pague uma justa indenização para comprar as terras de um proprietário de Castanhais, vizinho da reserva indígena. Apesar dos vários apelos, a Eletronorte até agora não deu resposta. (ESP, 6/9/83).

**Indios em greve**

Cinco índios Gavião, da reserva de Mãe Maria, estão dispostos a iniciar quinta-feira uma greve de fome para pressionar a Eletronorte a indenizar o cacique Payaré pelas terras desapropriadas para a construção da hidrelétrica de Tucuruí. (O Popular/GO, 8/9/83).

**SURUÍ**

**Decreto homologa reserva**

O Presidente da República, através do Decreto nº 88.648 de 30 de agosto de 1983, homologa a demarcação da área indígena denominada Sororó, de posse imemorial do grupo indígena Suruí, localizada no município de São João do Araguaia, Estado do Pará. (Diário Oficial, 31/8/83).
MARANHÃO
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n°/mapa ou nome AI</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Municipal</th>
<th>situação da terra: Portarias/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>GUAJÁJARA</td>
<td>2</td>
<td>AI Carú 102 (Gomes:82)</td>
<td>Bom Jardim</td>
<td>demarcação homologada Dec.nº 87.843 de 22.12.82</td>
<td>172.677</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Pindaré 337 (Coelho:83)</td>
<td>Bom Jardim</td>
<td>demarcação homologada Dec.nº 87.846 de 22.11.82</td>
<td>15.002</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>AI Aracibóia 2.329 (Coelho:83)</td>
<td>Grajaú</td>
<td>demarcada Dec. nº(?).Proposta de agravamento, Funai processo nº 1.110/84</td>
<td>413.586</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>AI Uruçu/Juriá 191 (Gomes:82)</td>
<td>Grajaú</td>
<td>demarcada Dec. nº(?)</td>
<td>12.667</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>AI Lagoa Comprida ?</td>
<td>Barra do Corda</td>
<td>sem providência</td>
<td>13.200</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>10</td>
<td>AI Guajajara/Cana Brava 2.505 (Gomes:82)</td>
<td>Barra do Corda</td>
<td>demarcada, Dec. nº (?)</td>
<td>131.868</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>AI Bacurizinho 1.232 (Coelho:83)</td>
<td>Grajaú</td>
<td>demarcação homologada, Dec. nº 88.600 de 09.08.83</td>
<td>82.432</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11</td>
<td>AI Morro Branco 80 (Gomes:82)</td>
<td>Grajaú</td>
<td>demarcação homologada, Dec. nº 88.610 de 09.08.83</td>
<td>45</td>
</tr>
<tr>
<td>UREBU-KAAPOR</td>
<td>1</td>
<td>AI Turiáçu 494 (Gomes:82)</td>
<td>Carutapara/Cândido Mendes/Turiáçu/Mongão</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 86.002 de 29.12.82</td>
<td>530.524</td>
</tr>
<tr>
<td>GUAJÁ</td>
<td>1</td>
<td>1 30 (Gomes:82)</td>
<td>ídem acima na AI Turiáçu, ídem acima (ver Urubu-Kaapor)</td>
<td>41.543</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>1 60 (Gomes:82)</td>
<td>Bom Jardim na AI Carú (ver Guajajara)</td>
<td>13.600 (2)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>150 (Gomes:82)</td>
<td>Sta.Luzia e Imperatriz (MA) Goiatins (GO)</td>
<td>sem providência</td>
<td>18.830</td>
</tr>
<tr>
<td>TEMBÉ (1)</td>
<td>1</td>
<td>1 130 (Gomes:82)</td>
<td>ídem acima na AI Turiáçu (ver Urubu-Kaapor)</td>
<td>2.319</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>GVUINHO</td>
<td>5</td>
<td>AI Governador 306 (Clm:83)</td>
<td>Amaruco</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 88.001 de 28.12.82</td>
<td>79.529</td>
</tr>
<tr>
<td>KRIKATI</td>
<td>6</td>
<td>AI Krikati 325 (Clm:83)</td>
<td>Montes Altos</td>
<td>sem providência</td>
<td>13.600 (2)</td>
</tr>
<tr>
<td>KRIKATI/GVUINHO</td>
<td>12</td>
<td>AI Rodeador ?</td>
<td>Barra do Corda</td>
<td>área dominial indígena, demarcação homologada Dec. nº 88.613 de 04.10.83</td>
<td>125.212</td>
</tr>
<tr>
<td>TIMBIRA</td>
<td>7</td>
<td>AI Geralda/Toco Preto 21 (Clm:83)</td>
<td>Grajaú</td>
<td>sem providência</td>
<td>18.830</td>
</tr>
<tr>
<td>CANELA ARMANIKA</td>
<td>14</td>
<td>AI Porquinhos 274 (Coelho:83)</td>
<td>Barra do Corda</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 85.599 de 09.08.83</td>
<td>79.529</td>
</tr>
<tr>
<td>CANELA RANSONOMBEJA</td>
<td>15</td>
<td>AI Ranel 718 (Coelho:83)</td>
<td>Barra do Corda</td>
<td>demarcação homologada Dec. nº 87.960 de 21.12.82</td>
<td>125.212</td>
</tr>
</tbody>
</table>

(1) ver também na Área Sudeste do Pará.
CARAJÁS
E AS ÁREAS INDÍGENAS NO
MARANHÃO

As seis áreas indígenas incluídas no “Corredor de Carajás” estão demarcadas, mas têm problemas de invasão e indefinição de limites.

Carlos Ubialli*

As 15 áreas indígenas do Maranhão, 6 estão incluídas no “corredor Carajás” (ou corredor de exportação), uma faixa de 10 milhões e 500 mil hectares que se estende, ao longo da ferrovia Carajás, de Marabá até São Luís: A.I. Alto Turi, A.I. Caru, A.I. Pindaré, A.I. Arawí, A.I. Governorador e A.I. Krikati.

Essas áreas têm uma população de cerca de 4.200 índios, divididos em 5 povos. A FUNAI (6º DR, com sede em São Luís) dá assistência a todas e exerce controle através de 11 postos que, normalmente, contam com a presença de um chefe de posto, um assistente de enfermagem, um ou dois trabalhadores braçais, quando não um motorista, um técnico agrícola e uma professora.

A história da demarcação dessas áreas leva a deduzir que a sua atual configuração geográfica (ver mapa) tenha sido programada em vista do Projeto Carajás e em função da estrada de ferro, atingindo principalmente as áreas do Alto Turi, do Caru e do Pindaré:


Em 1977, ano em que a FUNAI as demarcou, elas foram desmembradas, deixando-se, entre as duas, uma larga faixa, que constitui o território tradicional de perambulação dos índios Guajará, e que, provavelmente, se tornará o leito do ramal ferroviário, ligando Paragominas ao trecho principal da ferrovia Carajás.

b. A área do Pindaré foi a mais delapidada ao longo destes anos.

Em 1961 surgiu o primeiro projeto de demarcação da área atual. Ele compreendia cerca de 40.000 hectares oficialmente reconhecidos até 1977, quando foi demarcada pela FUNAI, com cerca de 13.400 hectares, posteriormente retificadas para os atuais 15.002 hectares.

Em 1964 foi cortada pela BR-316, que liga Belém a São Luís.

Em 1982 sofreu mais um ataque, pela iniciativa da COMARA, uma empresa de construção ligada à Aeroportadora, que obteve da FUNAI autorização para construir um aeroporto de porte internacional. Tentativa, felizmente, frustrada pela pronta reação dos índios. O projeto foi, momentaneamente, embargado.

O cerco do Pólo Nordeste

Um aspecto interessante a ser considerado e avaliado é o de as áreas indígenas estarem no cerco de um ambicioso projeto agrícola — parte do programa Polonordeste coordenado pela SUDENE — incentivado e também financiado pelo Banco Mundial.

A área do projeto, localizada no Centro Noroeste do Maranhão, consiste de 50.667 km² (15% do total do Estado) e abrange 47 municípios.

O projeto consiste de três subprojetos: Baixada Maranhense, Mearim-Pindaré, Alto Turi, além do projeto Baixa-Parnaíba em andamento.

O projeto apresenta como objetivo geral o assentamento de milhares de lavradores, para fazer deles “pequenos fazendeiros” proprietários de lotes de 30 a 50 hectares, visando uma agricultura moderna e mecanizada. O Banco, no seu programa, fixa detalhadamente todos os passos a serem seguidos: atividades de regularização fundiária, discriminação das terras, processos de desapropriação e/ou aquisição, distribuição de lotes, assentamento, titulação, implantação de infra-estruturas, contratação de técnicos especializados, organização e administração do projeto, pesquisas agrícolas, plantio conforme os resultados das pesquisas, comercialização, financiamento de insumos, cooperativas, serviços sociais, formas de financiamento, de crédito, etc., etc., e proteção do índio. Em suma, todas as exigências e as condições de uma agricultura dirigida para uma produção de exportação.

(*) é sacerdote católico, coordenador do regional Maranhão/Guajás e vice-presidente do CIMA. Utilizou como fontes de informação, além do seu conhecimento direto, os relatórios inéditos de Elizabeth Coelho (1983) e Mário Gomes (82), e documentos oficiais do Banco Mundial e da FUNAI.
Os índios, um detalhe de última hora

O primitivo programa do Projeto Carajás, de março de 1980 (A preliminary study on regional development of the Carajás Corridor in Brazil, aos cuidados do International Development Center of Japan), não faz referência nenhuma à existência dos povos indígenas que habitam, há séculos, a região. O fato foi amplamente denunciado por vastos setores da sociedade brasileira, sensíveis ao problema. Em janeiro de 1982, foi elaborado pela FUNAI um projeto para as comunidades indígenas incluídas no Corredor Carajás, levando a assinatura da CVRD, responsável pela execução do Projeto Ferro Carajás, através do Convênio n.º 059/82, e o caminho do Banco Mundial, no papel de financiador.

O projeto "Ferro Carajás. Apoio às comunidades indígenas", de autoria da FUNAI, teria que "oferecer maior porte de assistência em saúde e saneamento, serviço social, educação comunitária, habitação e urbanismo, comunicação, transporte, agropecuária, energia e administração... visando o fortalecimento das comunidades que sofrerão com o impacto e o contato com civilizados e a maior preocupação é oferecer elementos e incentivos que tornem atrativa a fixação no seu habitat..."

A pesar da "preocupação", o projeto:
- não faz menor aceno à demarcação das terras não demarcadas nem às formas de defesa das já demarcadas;
- traz o mesmo esquema e os mesmos vícios de todos os programas de colonização (implantação de infra-estruturas, contratação de pessoal, etc., etc.);
- apresenta itens padronizados para todos os grupos, sem considerar as diferenças culturais;
- impõe cronogramas, prazos e datas, desrespeitando o ritmo diferente do modo de viver e de ser de cada grupo;
- não leva em conta as especificidades dos vários grupos;
- os mundos diferentes, as relações diferentes com a sociedade, os projetos culturais diferentes.

Por fim, é a imposição de uma moldura infra-estrutural, a fim de nivelar as diferentes culturas.

Não houve participação dos índios na elaboração do projeto. E da parte da FUNAI não houve, salvo raras exceções, nenhum esclarecimento junto às comunidades indígenas, sobre o projeto Carajás e as suas consequências.

Recursos para infra-estrutura

A primeira fase do projeto de apoio às comunidades indígenas (Carajás/FUNAI), a da implantação das infra-estruturas (construção de casas, colégios, enfermarias, perfuração de poços, etc., etc.) não respeitou os cronogramas e não obteve os resultados esperados. A construção das obras sofreu atraso em todas as áreas — com a única exceção da A.I. Pindaré —, por causa de dificuldades logísticas e conjunturais (distâncias, acessos difíceis e incômodos, falta de estradas, alta de preços de fretes e mercadorias) e por causa da incompetência de dirigentes e servidores da FUNAI, denunciada, juntamente com algumas irregularidades, pelos antropologistas da CVRD.

A injeção de dinheiro vivo, nas comunidades, entregue descontroadamente nas mãos de algumas lideranças indígenas, não deixou de causar conflitos internos ou realimentar antigas rixas.
Isso gerou desconfiança junto à CVRD, que tomou a atitude de querer fiscalizar a aplicação das verbas liberadas, e, por outro lado, o enrijeimento da FUNAI, que respondeu impedindo o acesso às áreas de alguns antropólogos, provocando a imediata reação da ABA, que denunciou a chantagem e ameaçou retirar sua participação, para não acobertar "uma política mal dirigida".

**Produção agrícola**

As verbas liberadas nos primeiros dois anos do projeto (1982-83) foram quase que exclusivamente usadas para implantação das infra-estruturas. Não houve liberação de verbas para sustento de lavoura, como, aliás, consta nos cronogramas financeiros do convênio FUNAI/CVRD, onde se percebe que há mais interesse pela agropecuária. Fato que contrariou bastante a vontade das comunidades indígenas voltadas à agricultura e propensas a reproduzir os ciclos de lavoura conforme os costumes tribais. Embora tenham faltado verbas, as comunidades indígenas continuaram dedicando-se às suas roças, infelizmente castigadas pelas secas de 82 e 83.

Mas houve regiões em que a produção agrícola, apesar das hostilidades climáticas, abundou, como no caso da área indígena Pindaré, habitada por 341 Guajajara e 63 remanescentes Turuwará, distribuídos em cinco aldeias.

Com recursos da cantina local (no sistema do reembolso) e financiamento do Banco do Brasil (Agência de Santa Inês), os índios Guajajara, em 1982, aprontaram 176 hectares para plantio de arroz, milho, feijão e mandioca. A safra de 83 foi da seguinte ordem:

- arroz em casca | 3.500 sacos
- farinha | 150 sacos
- milho | 200 sacos
- feijão | 25 sacos

Outro que 33.612 kg de coco babacu.

Para o ciclo 83/84, com os mesmos recursos e a aplicação da sobra de verbas da CVRD liberadas para avivação dos limites da área, construção de uma cerca, etc., os índios da A.I. Pindaré, uma vez realizados e cumpridos os objetivos propostos, aprontaram 288 hectares, com a previsão, em vista de uma estação chuvosa bem prometedora, de alcançar a seguinte meta produtiva:

- 10.000 sacos de arroz
- 300 sacos de farinha
- 350 sacos de milho
- 100 sacos de feijão

A Cantina do P.I. Pindare, além de fornecer os gêneros de que os índios necessitam, desenvolve uma função de intermediação fundamental para os índios: ela funciona como uma agência financeira de toda sua atividade agrícola e comercializa seus produtos, cumprindo, juntamente, o papel de defesa contra toda sorte de exploração da sociedade envolvente regional.

Não se pode dizer o mesmo da A.I. Araribóia e, mais especificamente, dos 1.260 Guajajara, distribuídos em 17 aldeias, do P.I. Angico Torto. Aqui, como nas restantes áreas, o maior investimento é feito no plantio de arroz. A safra de 83 foi fraca e deu uma produção de 800 a 1.000 sacos de arroz, com uma perda de 85% do produto, por falta de chuva. Os índios não puderam valer-se de verbas da CVRD, mas trabalharam com recursos próprios e os advogados da FUNAI.

Contrariamente aos Guajajara do P.I. Pindaré, os do P.I. Angico Torto costumam comercializar seus produtos diretamente com o mercado circundante, concentrado sobretudo na vila de Arame (mun. de Grajaú), mas quando os preços não são convenientes, eles recorrem à FUNAI.

**A ameaça dos garimpes**

A região do Gurupi, desde a chegada dos colonizadores, foi considerada rica em minérios. No correr dos séculos, sempre foi objeto de pesquisas e exploração de ouro — em pequeno porte — por parte de particulares e empresas. De dois anos para cá, o fenômeno explodiu e os garimpes proliferaram e se alastraram por toda a região, até assumir proporções assustadoras e ameaçadoras para a área indígena do Alto Turi. O movimento envolveu rapidamente toda a população regional e reuniu mais de 15 mil garimpeiros. Pelas margens do rio Gurupi estão disseminadas bombas hidráulicas e, desde setembro/outubro de 1983, há no meio do rio, à altura do povoado Barretra Vermelha, uma balsa de pesquisa montada por norte-americanos. No mês de dezembro de 1983, depois de testes realizados na área indígena, algumas pessoas de Santa Inês correram à FUNAI, para obterem autorização de pesquisar e explorar ouro na área indígena, apelando ao decreto nº 88.985 de 10 de novembro de 1983.

A área é habitada pelos índios Urubu-Kaapor, de língua tupi-guarani.

Pacificados em 1928, os Kaapor constituíam cerca de 1.200 a 1.500 pessoas. Atualmente perfazem cerca de 500 pessoas que estão vivendo uma fase muito crítica:

a) quanto à saúde, dizimadas pelas doenças infecciosas, ainda carregam pesadamente as terríveis consequências do contágio (tuberculose, sífilis neurológica);

b) quanto ao contato, profundamente abalados na própria cultura, estão numa situação de extrema incerteza e indecisão frente à sociedade envolvente, com a qual mantêm contatos esporádicos e pela qual se sentem violentamente atraídos.

Os garimpes levam consigo a destruição da caça, pesca, mata, poluição das águas, difusão de doenças, interferência violenta na vida tribal, etc., etc.

É fácil então prever as consequências de uma tal penetração, que escaparia de qualquer controle.

Se a FUNAI, órgão tutor, não tomar providências imediatas, a entrada dos garimpos na área Alto Turi marcará o início do fim do grupo Kaapor.
Aconteceu na imprensa

GERAIS

Seca atinge índios do Maranhão

A seca nordestina está fazendo novas vítimas, principalmente no Estado do Maranhão. Desta vez, os atingidos são os índios das aldeias localizadas nas cidades de Barra do Corda e Grajaú, onde a situação é bastante grave. No PI-Canabrava, com 1.700 pessoas e no PI-Bacurizinho, com 1.400, os mananciais próximos, totalmente secos, estão sendo abastecidos por dois caminhões-pipas cedidos a Funair pelos respectivos prefeitos municipais.

Os índios das aldeias de Araçu e Jurú, na cidade de Grajaú, estão apanhando água a 9 quilômetros de distância, utilizando na tarefa, burros e outros meios rudimentares de transporte. Por solicitação do delegado regional da Funai, Dinarte Nobre de Madeiro, cinco mil índios da região foram empregados pelas frentes de trabalho, o que tem minimizado a situação. (Última Hora, 26/08/83).

Capitães contra delegado

Sr. Redator,

Vários Capitães Guajajaras e Canelas estão denunciando o atual delegado da Funai, Dinarte Madeiro, da 6ª DR MA, pois o delegado não tem cumprido com seu dever com nós índios. Vejam a respeito do Projeto Carajás, onde o índio tem por direito receber verbas para serem empregadas em suas aldeias. Não têm recebido como deveria. Um exemplo é o capitão da aldeia Barro Branco, que está insatisfeito com o delegado José Sapurá, por não ter recebido ajuda financeira, mas o delegado Dinarte tem entregue grande parte do dinheiro desse projeto a chefe de postos onde a estrada atingiu suas áreas, quando quem deveria receber este dinheiro era o próprio índio, e não chefe de postos indígenas, que não fazem nada em benefício da comunidade.

No dia 14 de maio saíram 5 mil carradas de piçarra da aldeia Barro Branco. O capitão da aldeia veio até São Luís saber do delegado onde estava o dinheiro dessas carradas de piçarras, pois a Comunidade não obteve nenhum benefício com a tirada dessas carradas. O delegado perguntou ao índio se ele iria comer piçarras. O capitão José Sapurá ficou bastante zangado com a resposta do delegado, que deveria explicar o destino do dinheiro da venda da piçarra e ficou sem uma resposta convincente do delegado Dinarte.

No dia 17 de agosto tivemos uma reunião na casa do índio com a presença de 6 capitães, vários líderes e 60 índios, onde ficou decidido, juntamente com o cacique representante, José Teneterrara: a volta da Casa do Índio para a Rua do Sol, pois onde estamos atualmente não oferece condições de alojar índios doentes. Achamos que o dinheiro que a Funai gasta de aluguel, ela deveria aproveitá-lo para ampliar a Casa do Índio da Rua do Sol e comprar dormitórios para nós, pois o delegado Dinarte não comparou com os índios a mudança da Casa do Índio para o Bairro do Turu. Ficou também decidido que não aceitamos de maneira nenhuma a volta de João Fernandes Moreira para trabalhar na Funai. Como ficamos sabendo que o delegado quer nomeá-lo novamente para a Funai, nós, juntamente com o cacique José Teneterrara, levaremos essas denúncias até o Presidente da Funai no próximo mês em Brasília e, na oportunidade, pediremos a saída de Dinarte da 6ª DR. Compareceram à reunião os capitães Francisco Guajajara (Aldeia Ipu), Virgulino Guajajara (Aldeia Baucurizinho), Getúlio Canela (Aldeia do Escavaldo), Pedro Kregório Koroquer (Aldeia Escavaldo), José Sapurá Guajajara (Aldeia Barro Branco), e Antônio Mariano Guajajara da aldeia Bananal. Cacique José Teneterrara. — São Luís — MA. (Correio Braziliense, 01/09/83).

Incentivos à agropecuária nas reservas

A DR da Funai, no Maranhão, assinou convênio com a CVRD no montante de um milhão e 318 mil dólares. Os recursos serão aplicados no último trimestre de 83 e vão beneficiar dez comunidades indígenas. O delegado regional da Fundação, Raimundo Gomes do Nascimento, disse que "os recursos alocados no convênio, para este final de ano, são quase todos voltados para as atividades agrícolas visando a uma melhor alimentação das comunidades indígenas". Segundo ele, parte dos recursos são destinados ao desmatamento, abertura de estradas vicinais, construção de pontes, formação de pastagens, de represas-águas e melhoria no atendimento sanitário.

Para a execução desse projeto foram contratados pelo Projeto Carajás cerca de 52 técnicos, entre médicos, dentistas, laboratoristas, técnicos agrícolas, engenheiros agrônomos, atendentes de enfermagem, monitores de saúde e monitores bilingües. (Gazeta de Notícias, 12/11/83).

GUAIJABARA

Saqueado convento em Alto Alegre

Índios da reserva Canabrava, em Alto Alegre, município de Barra do Corda, invadiram um convento de padres capuchinhos no dia 16 de março, fazendo saques e ferindo a bala um seminarista. A denúncia foi feita, em S. Luís, pelo frei Osvaldo Caronini, presidente da Associação Educadora São Francisco de Assis, pedindo providências junto à DR da Funai e à Polícia Federal. Segundo o frei, os índios supostamente acobertados por agentes ou pseudo-agentes federais, e funcionários da própria Funai, estão saqueando o convento, igreja e escolas que os capuchinhos mantêm na região, dizendo que doravante vão atirar para matar e visaram, sobretudo, o frei Lúiz Rotta, que a ordem mantém na região. Ainda segundo o frei Osvaldo, agentes da PF estiveram no local e prenderam o vigia que ali estava, levando-o para interrogatório em Barra do Corda. Na carta que enviou às autoridades, o frei conta que os índios já saquearam quase tudo, levando, inclusive, as portas, janelas, móveis e telhas dos imóveis, além de matar todos os animais de criação que ali estavam.

Para a Funai os índios estão realmente saqueando o convento, porque no local
Reserva Caru está ameaçada

A recente discriminação das terras do município de Bom Jardim, Maranhão, agravou, indiretamente, os problemas dos Guajajara e Guajá da área indígena do Caru. É que o juiz de Santa Inês, com essa discriminação, legalizou terras griladas, o que provoca a expulsão de centenas de lavradores, que, sem ter para onde ir, tentarão, possivelmente, entrar na área indígena, já bastante invadida pelo povo pobre das margens do rio Caru, que ali vai coletar coco babacu e, mesmo, caçar e tirar madeira.

Esses problemas são particularmente graves, pois, essa área, perambulam dois grupos arredios de índios Guajá, que, aliás, sofrem pressões das grandes empresas que se instalaram na região. (Porantim, agosto 83).

Decreto homologa reserva Guajajara

O Presidente da República, através do Decreto nº 88.610 de 09.08.83, homologa para efeitos legais, a demarcação administrativa promovida pela Funai, da área indígena denominada Morro Branco, localizada no Município de Grajaú, no Estado do Maranhão. (Diário Oficial, 11/08/83).

Indios impedem a demarcação em Montes Altos

Dois agrimensores, um arbitrador e um assistente técnico, nomeados pelo juiz federal, Dionísio Nunes para demarcarem uma área reivindicada por 108 proprietários rurais e criadores do município de Montes Altos, enviaram ontem um abaixo-assinado ao magistrado solicitando reforço policial para garantir a execução da tarefa. Eles disseram que os índios Krikati não concordam com a realização da demarcação, alegando que a área de sua reserva foi reduzida.

O juiz federal concedeu uma liminar determinando a suspensão da demarcação e mandando que fosse procedido um novo levantamento para que a reserva indígena não mais afetasse a área urbana de Montes Altos. Os criadores proprietários de terra na área ingressaram com um pedido de demarcação judicial, ao invés de administrativa, cujos trabalhos foram iniciados pelos agrimensores nomeados pelo juiz federal, conforme eles declaram.

Os índios disseram aos técnicos que não aceitam a tal demarcação porque houve uma redução significativa na área da reserva dos Krikati. O delegado Regional da Funai no Maranhão, Dinarte Nobre de Madeiro disse ontem que a nova dimensão da reserva dos Krikati já ficou determinada em 85 mil hectares e que foi aceita pelos próprios moradores da região.

Acrecentou que não tomou conhecimento de qualquer atrito entre os técnicos e índios, mesmo tendo estado há dois dias com o chefe do PI de Montes Altos. A Funai já dispõe de Cr$ 40 milhões aprovados com recursos do Poloamazônia para a demarcação da reserva, que juntamente a reserva Ge- ralda e Toco Preto, em Grajaú, são as únicas que faltam demarcar. (O Imparcial, 25/08/83).

Prefeito quer diminuir área Kikrati

O prefeito de Montes Altos, Vanderley Ferraz de Souza, acusou a Funai de tentar demarcar uma considerável faixa de terra naquele Município para a reserva dos índios Krikati, causando uma ação na Justiça Federal pelos agricultores e pecuaristas que se acham esbulhados em seus direitos de propriedade.

O prefeito desmentiu declarações pres- tadas pelo Delegado regional da Funai, Dinarte Nobre Madeiro em que afirmou que os moradores de Montes Altos aceitam a reserva indígena dos Krikati de 85 mil hectares como pretende a demarcação administrativa. "O pequeno número de índios lá residente — disse o prefeito — não justifica, a exagerada área que a Funai quer lhe dar, quando a parte ocupada pelos índios não chega a 10 ha."

Decreto homologa reserva Krikati e Gavião

O Presidente da República, através do Decreto nº 88.813 de 04.10.83, homologa para efeitos legais a demarcação administrativa promovida pela Funai, da área indígena denominada RODEA- DOR, localizada no Município de Barra do Corda (MA). (Diário Oficial, 06/10/83).
<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>n°/mapa</th>
<th>n° aldeias ou nome AI</th>
<th>população (Data/Fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TREMEMBI</td>
<td>1</td>
<td>?</td>
<td></td>
<td>(CE)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TAPUBA</td>
<td>2</td>
<td></td>
<td>200 (69)</td>
<td>Caicara (CE)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TUKÁ</td>
<td>4</td>
<td>Ilha da Assunção dispersos</td>
<td>375 (Cim:83)</td>
<td>Cabrobó (PE)</td>
<td>área cedida pelo Governo do Estado em 82. Índios reivindicam mais 3.000 ha. sem providência</td>
<td>350</td>
</tr>
<tr>
<td>ATEKIM</td>
<td>5</td>
<td>16</td>
<td>1.300 (Cim:83)</td>
<td>Floresta (PE)</td>
<td>identificada Proposta Funai/?</td>
<td>10.800</td>
</tr>
<tr>
<td>PANKARARIU</td>
<td>6</td>
<td></td>
<td>4.000 (T) (Cim:83)</td>
<td>Tucaratu (PE)</td>
<td>delimitada Proposta Funai/?</td>
<td>8.100</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Petrolândia (PE)</td>
<td>Aquia Branca (AL)</td>
<td>delimitada Proposta Funai/?</td>
</tr>
<tr>
<td>KOMBUDÁ</td>
<td>7</td>
<td>Baixa da Alexandria</td>
<td>250 (Cim:83)</td>
<td>Inajá (PE)</td>
<td>delimitada Proposta Funai/?</td>
<td>16.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Tear</td>
<td>?</td>
<td>Inajá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>FULKU-Ô</td>
<td>8</td>
<td>?</td>
<td>2.300 (Cim:83)</td>
<td>Águas Belas e Itaiba (PE)</td>
<td>área corresponde a 427 lotes de 30 ha cada, demarcados e distribuídos entre as famílias, em 1926</td>
<td>12.810</td>
</tr>
<tr>
<td>KAPIWÁ</td>
<td>9</td>
<td>Mina Grande dispersos</td>
<td>250 (Cim:83)</td>
<td>Buqui e Tupanatinga (PE)</td>
<td>Sertão Central</td>
<td>os Índios controlam cerca de 200 ha dos 948 em disputa com grileiros e possuidores, doação aos &quot;Índios de Macacos&quot;, 1874</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Sertão Central</td>
<td></td>
<td>1.600</td>
</tr>
<tr>
<td>XUKIRU</td>
<td>10</td>
<td>15</td>
<td>2.228 (Condepe:81)</td>
<td>Pesqueira (PE)</td>
<td>identificada Proposta Funai/?</td>
<td>14</td>
</tr>
<tr>
<td>WÁSSU</td>
<td>11</td>
<td>Cocal e Pedrinhas</td>
<td>1.250 (Cim:83)</td>
<td>Joaquim Gomes (AL)</td>
<td>sem providência. Área ocupada pela aldeia Cocal é de 80 ha. Índios reivindicam 57.600 ha.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>XUKIRU-KÁRIRI</td>
<td>12</td>
<td>Mata da Cacuena</td>
<td>900 (T) (Cim:83)</td>
<td>Palmeira dos Índios</td>
<td>sem providência.</td>
<td>118</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Faz. Canto</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>372</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>S. Cajuzeira</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TINGUI SOÍ</td>
<td>13</td>
<td>Olho D'Água do MEIO</td>
<td>800 (Cim:83)</td>
<td>Feira Grande (AL)</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KARIKU-KOKÓ</td>
<td>14</td>
<td>Pto, Real do Colégio</td>
<td>700 (A. Celestino:81)</td>
<td>Pto, Real do Colégio (AL)</td>
<td>delimitada Proposta Funai/?</td>
<td>628</td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>no/ mapa</td>
<td>no aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>-------</td>
<td>----------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>------------------</td>
<td>----------------------------------------------------------------</td>
<td>----------</td>
</tr>
<tr>
<td>XORÔ</td>
<td>15</td>
<td>I.S.Pedro</td>
<td>170</td>
<td>Pro.da Folha (SE)</td>
<td>a ilha ocupa área com 98 ha.Os índios reivindicam com 4.000 ha da antiguidade, na margem do R.São Francisco</td>
<td>98</td>
</tr>
<tr>
<td>TUXÁ</td>
<td>16</td>
<td>Rua dos Tuxá</td>
<td>500</td>
<td>Rodelas (BA)</td>
<td>AI Rodelas, identificada Proposta FUNAI/ 83 (?)</td>
<td>148</td>
</tr>
<tr>
<td>PANGARARÉ</td>
<td>17</td>
<td>dispersos</td>
<td>?</td>
<td>Itacuruba (PE)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>RAJHÉ</td>
<td>18</td>
<td>Massacará</td>
<td>1.800</td>
<td>Nova Glória (BA)</td>
<td>área definida através de entendimentos entre os índios, FUNAI e Iterba, com cerca de 25.000 ha, lotes familiares em brejo dos Burgo</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KIRIRI</td>
<td>19</td>
<td>Mirandela/7</td>
<td>1.800</td>
<td>E. da Cunha (BA)</td>
<td>área identificada pela FUNAI/7 Índios reivindicam expulsão maior (uma lêgua em quadra = 12.320 ha)</td>
<td>5.400</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>150</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>área de uma lêgua em quadra (=12.320 ha) desencadeada não homologada. A área reconhecida pela FUNAI exlui a parte ocupada pela cidade de Mirandela, no centro da reserva</td>
<td>12.299</td>
</tr>
</tbody>
</table>
REPRESSÃO ACABA
REDUZINDO
AUTO-DEMARCAÇÃO
POTIGUARA

O MEAF entra em cena e reduz em 14 mil hectares a área indígena do litoral da Paraíba

Os índios Potiguara, liderados pela sua aldeia mais tradicional — aldeia de São Francisco — retomaram, em outubro de 1981, a demarcação de seu território na Baia da Traição. Esgotado o prazo previsto por lei para a demarcação das terras indígenas do país sem que a FUNAI tomasse nenhuma providência, os Potiguara reagiram, por conta própria, os trabalhos de demarcação que haviam sido iniciados em 1978, com o apoio da Universidade da Paraíba, e embargados na mesma hora pela Polícia Federal.

Direitos históricos

Demarcado em várias oportunidades ao longo da história, como o atestam os documentos e os marcos de pedra do tempo do Império ainda existentes na área, o território Potiguara havia sido medido oficialmente pela última vez em 1868 pelo Eng. Antonio Gonçalves da Justa Araújo, com uma extensão de mais de 57 mil hectares. Já nesta época, a família dos Lundgren, proprietária da Cia. Río Tinto de Tecidos (e também das Casas Fernambucanas) constava como uma das maiores invasoras da reserva. O reavivamento da demarcação feita por Antonio Gonçalves foi protegido por mais de 40 anos pelo SPI, que lá atuou desde 1930 (e continuou a ser protegido pela FUNAI) por força daqueles interessados em ampliar e consolidar seu assentamento em terras indígenas, subornando enviados do governo e avançando os marcos.

O processo secular de invasão das terras da Baia da Traição se agravou mais recentemente quando os antigos arrendatários do tempo do Império e do SPI, que ocupam as faixas de terra mais férteis da região, passaram a exibir “título de propriedade” de origem duvidosa, mas de qualquer forma usados para coagir física e judicialmente os índios a abandonarem seus velhos sítios. A criação em 1964 de um município em torno da vila de Baia da Traição, encravada dentro da área indígena (sem que houvesse quórum necessário de habitantes exigido por lei), foi mais um avanço significativo da população envolvente. Na última década, dois movimentos aceleraram definitivamente este processo de invasão: 1) o fato da Baía da Traição se tornar um balneário e um ponto turístico importante de João Pessoa que fica apenas a uma hora e meia dali; 2) o fato da FUNAI na gestão do Gal. Imsarth They autorizar a implantação da AGICAN, uma usina de álcool financiada pelo Proalcool, dentro da área dos índios, estimulando a expansão dos canavais de usineiros regionais. Ainda dentro deste contexto foi implementado, com recursos do governo estadual, o PRODECOR — Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais — trazendo subsídios para lavoura e atendendo índios e brancos indiscriminadamente, ou seja, simplesmente ignorando a existência de uma reserva indígena.

Auto-demarcação

Conscientes de que deveriam tomar providência para conter este avanço, os índios realizaram ao longo de 11 meses, através de multitérmos semanais, a abertura de todas as picadas demarcatórias. O coronel Leal, preocupado em acompanhar esta iniciativa inusitada (embora legal) esteve
Abertura de picadas de demarcação na reserva da Baía da Traição pelos Potiguaras nos anos de 81/82. No mapa, à esquerda, estão assinaladas tanto a demarcação realizada pelos índios como a realizada pelo exército, segundo o decreto.

na Baía da Traição em dezembro de 81 quando disse aos índios que eles poderiam prosseguir na demarcação que seria homologada no seu término pela FUNAI. Neste momento o presidente já tinha em suas mãos um extenso relatório encomendado pelo DGPI à historiadora Tereza Baumann que, durante dois anos de pesquisa, reuniu um número considerável de documentos históricos que comprovam a presença ininterrupta dos índios Potiguara naquele território desde 1501.

Aliás, esta pesquisa trouxe à tona provas tão inequívocas do direito indígena que de certa forma ultrapassou as expectativas de quem a tinha encomendado, chegando a ser incômoda. Ela foi interrompida na sua final que consistiria justamente em levantar nos cartórios regionais as cadernas domínicas de todos os títulos de posse incidentes na área indígena e demonstrar a maneira pela qual foram forjadas. Além de ter sido interrompida esta pesquisa foi abo de uma manobra a inqualificável dentro da própria FUNAI: o advogado paraibano, Ismael Marinho Falcão, então chefou o setor de Regularização Dominical do DGPI, a partir de uma seleção capciosa dos documentos apresentados pela historiadora, destacando uns e omitindo outros, tentou simplesmente demonstrar o contrário, isto é, que os índios não tinham mais direito a nada. Denunciada a manobra, o funcionário foi demitido e está trabalhando como advogado dos invasores da área.

Esperançosos com o sinal verde do presidente, mas imbuidos de bom senso, os índios foram avançando com as picadas de maneira a não destruir lavouras, abrindo mão de várias áreas mais povoadas. Para surpresa geral os trabalhos transcorrem num clima de tranquilidade, ganhando a adesão crescente das outras aldeias. No final de setembro de 82, os Potiguara haviam demarcado uma área de aproximadamente 34.320 ha, ou seja, 25.000 ha menor do que aquela medida por António Gonçalves há um pouco mais de um século.

O fato da Cia. Rio Tinto, dos colonos do INCRA, dos usineiros, dos sítuantes (antigos arrendatários), etc., não terem impedido a abertura das picadas pelos índios não queria dizer que estivessem dispostos a acatar esta demarcação que foi acompanhada todo o tempo “à distância” pelos órgãos de segurança (helicópteros filmando, presença
ocasional do superintendente da PF nas frentes de trabalho, etc.). Por outro lado, o consenso regional, tanto por parte de posseiros antigos como dos habitantes da cidade de Baía da Traição, é tal que muitos deles aceitaram começar a pagar aos índios uma renda em dinheiro por sua presença na área. Um usineiro, antecipando-se a um acordo mais formal, chegou a dar 500 mil cruzeiros ao cacique Severino com o qual foi comprado um caminhão para os trabalhos da comunidade. De qualquer forma, por trás da aparente trégua, havia de ambas as partes uma expectativa enorme em torno da posição que o governo federal tomaria.

**FUNAI cede às pressões**

Concluída a demarcação, os índios correram para Brasília mas o col. Leal disse então que a FUNAI não tinha condições de endossar o trabalho, e apresentou uma contraproposta que reduzia a área em 13.500 ha. Em dezembro de 82 o presidente da FUNAI foi mais uma vez à Baía da Traição negociar com os índios. Apesar de contar com a adesão incondicional do cacique Daniel Santana e seus seguidores, a resistência da aldeia de São Francisco sempre teve um peso significativo. De qualquer jeito, as negociações avançaram: os índios abririam mão de uma faixa de terra do outro lado da BR-161 desde que a FUNAI apresentasse garantias de que outros invasores fossem retirados; restaria então definir os limites da cidade de Baía da Traição e a situação da AGICAN.

Em abril de 1983 o col. Leal acenava pela última vez com um sinal de esperança, anunciando pela imprensa que a Área Indígena Potiguara seria a primeira reserva a ser demarcada pela FUNAI neste ano e que o órgão teria condições de atender às reivindicações dos índios, ou seja, garantir uma área em torno de 30 mil ha.

Na verdade, o col. Leal estava prestes a ser substituído na presidência da FUNAI e confessava pouco depois que, frente às pressões sofridas, ele não teria condições de sustentar nem aquela proposta que ele havia feito aos índios. Considerado muito "liberal" para conduzir uma questão tão controversa como a indígena, num ano eleitoral em que o ministro do Interior é candidato às indiretas (ainda mais no Nordeste, como é o caso Potiguara,
que é o reduto eleitoral de Andreazza), Leal foi afastado e substituído por Otávio Ferreira Lima, um homem avesso ao diálogo, firmemente determinado a abafar qualquer confusão.

Repressão local

Com o recurso da FUNAI a nível federal, as pressões contra os índios na área se intensificaram: a manobra de mover ações possessórias contra a FUNAI inverteram assim as papéis e fazendo do índio um invasor, se revelou de grande eficácia porque permitiu à juíza de Rio Tinto expedir mandado de despejo contra os índios, cuja casa foi incendiada pelo próprio oficial de justiça e pela PM. Por outro lado, alguns invasores resolveram ampliar as benfeitorias de suas “propriedades”, construindo uma rede de eletrificação. Os índios reagiram prontamente derrubando os postes.

A partir deste incidente foi desagradada uma perseguição acintosa contra o cacique Severino Fernandes, líder da aldeia de São Francisco, que culminou na sua prisão arbitrária, no dia 14 de junho. O habeas corpus interposto por correio, pelo advogado Marco Antonio Barbosa do Centro de Trabalho Indigenista de São Paulo ficou “extraviado” no fórum por alguns meses e só veio a ser julgado em dezembro. Enquanto isso, sua prisão na casa de detenção foi transformada em domicílio e o deputado Mário Juruna viajou a Paraíba para prestar solidariedade ao cacique. Poucos dias antes do Natal, o Tribunal de Justiça da Paraíba concedeu por unanimidade o habeas corpus reconhecendo o “constrangimento ilegal decorrente da detenção do indígena por mais de 180 dias”, sem sequer ter sido interrogado.

A vítima seguinte foi o índio Tiuré, braço direito do cacique Severino. Oito agentes da PF prenderam e espancaram o índio, em plena João Pessoa, na tentativa de forjar um flagrante de porte de maconha, dando início a uma campanha de difamação contra a sua pessoa. Uma semana antes, a sua casa na Baía dá Traição havia sido invadida, na sua ausência, por policiais a paisana. Comprovadas as lesões pelo IML reconhecidos os agressores através de acareação, foi aberto um inquérito para apurar o caso.

Cinco dias após a assinatura do decreto, o exército já se encontrava na área para executar o serviço e manter a ordem. Os usineiros, para reforçar o grupo pró-FUNAI e tirar algum proveito da situação, fizeram um acordo com alguns caciques para arrendar uma parte da reserva e empregar índios no plantio de cana. A construção de casas de veraneio na faixa litorânea, que tinha sido totalmente fregida pelos índios, foi retomada da noite para o dia.” “Agora a Baía vai pra frente” diz o prefeito, eufórico. Também não é para menos, já que todas as áreas de lítio foram liberadas para os civilizados.

Resta saber agora qual será a reação dos índios. O cacique Severino, logo após a chegada do exército na área, se dirigiu a Brasília para comunicar ao Presidente da FUNAI que não aceitaria a demarcação oficial da mesma forma que não tinha sido considerada a dos índios. O presidente, que não queria recebê-lo, admitiu que iria acionar o INCRA para garantir um loteamento de terras para os índios (mais de mil!!) que foram excluídos da delimitação oficial, o que, por si só, torna o decreto de 28/12 inconstitucional. (V.C.)
Aconteceu na imprensa

**POTIGUARA**

Potiguara terão área demarcada

A área indígena dos Potiguara, na Baía da Traição, será a primeira reserva a ser demarcada pela Funai este ano. A escolha foi feita ontem durante reunião entre os representantes do Ministério da Terra, Ministério do Interior e Funai, integrantes do grupo de trabalho instituído pelo presidente Figueiredo para estudar a demarcação das terras indígenas. O coronel Leal disse ainda que a Funai terá condições de atender às reivindicações dos Potiguara, que exigem 30 mil hectares de terras. Essas terras, segundo Leal, “são de posse inmemorial dos índios, mas na demarcação a Funai deverá levar em consideração o interesse público, o interesse dos índios e a situação atual de ocupação.” (FSP, 06/04/83).

**Severino é intimado a depor**


**Severino é preso**

Atendendo solicitação do delegado do DOPS, Aldenor Medeiros, a juíza da Comarca de Rio Tinto, Francisca Luiza, decretou a prisão preventiva do cacique dos Potiguara, Severino Fernandes da Silva, indiciado em inquérito como incursor nas penas dos artigos 155 (furto), 163 (danos premeditados) e 286 (incitação à prática de crime), todos do Código Penal Brasileiro. O chefe indígena foi preso no município de Mamanguape. Minutos após a captura do índio, ele foi conduzido sob escolta para a Penitenciária Modelo. (Correio, 15/06/83).

**FUNAI desmente o arcebispo**

A Funai contestou ontem a denúncia do arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires, de que o cacique Severino Fernandes encontra-se em pré-cârias condições carcerárias, informando que o cacique está solto desde o dia 17. Segundo a Funai, o grupo de trabalho integrado pela Funai, MEAF e MIN-TER, que estuda o problema das terras indígenas, está definindo os limites da reserva Potiguara. (FSP, 30/06/83).

**Juruna pede ao governador que apóie a demarcação**

O deputado-cacique Mário Juruna esteve ontem à tarde no Palácio da Redenção, onde manteve uma audiência com o governador Wilson Braga, momentos depois de ter sido homenageado na Assembleia Legislativa do Estado, com uma sessão especial, oportunidade em que foi saudado pelo líder do PMDB, deputado José Fernandes de Lima. O objetivo da sua visita ao governador foi pedir o apoio no sentido de que sejam evitadas novas invasões à Reserva Indígena da Baía da Traição, pertencente aos remanescentes da Tribo Potiguara.

Em companhia dos chefes indígenas Severino Fernandes da Silva e João Batista Faustino, e mais 30 Potiguaras, o deputado Mário Juruna comunicou ao governador Wilson Braga, que os índios da Baía da Traição estão propensos a perder as suas terras tendo em vista que usineiros e posseiros desconhecem os limites das áreas pertencentes aos indígenas. Denunciou também, que a demarcação das terras feita recentemente pelo cacique Severino Fernandes com o aval da Funai foi totalmente destruída por capatazes dos usineiros sem que a Funai e as autoridades encarregadas de proteger o índio tomasssem qualquer providência neste sentido. (A União, 20/09/83).
Tiuérê denuncia arbitrariedades

O índio Tiuéré (José Nascimento) disse, que a Funai está adotando uma posição passiva diante do problema dos Potiguara, que vivem em uma reserva de 32 mil hectares, até hoje sem limites oficialmente demarcados. Isto faz com que seja permitida a entrada de fazendeiros na reserva, havendo inclusive facilidade de registro de posse de uma área que é propriedade da União. Vários fazendeiros — inclusive o grupo Lundgren, proprietário das Casas Perambucanas — já conseguiram mandados para desalojar os índios, e os que resistiram tiveram suas casas invadidas ou incendiadas. Recentemente, um grupo deles se rebelou e destruiu uma rede de alta tensão que cortava parte da reserva e o cacique Severino da Silva está respondendo inquérito. O advogado do Centro de Trabalho Indígena disse que entrou com um pedido de habeas corpus no dia 16 de junho, mas que até hoje não recebeu nenhuma resposta. (ESP, 7/10/83).

Tiuéré é espancado pela PF

O índio José Nascimento (Tiuéré), da reserva indígena Potiguara, de Bala da Traição, denunciou ter sido torturado por agentes da Polícia Federal para confessar sua suposta participação em movimentos políticos e consumo de tóxicos. Tiuéré contou que, quinta-feira, ao sair do Centrocro, no centro de João Pessoa, onde se submetera a um eletrocardiograma, foi abordado por oito homens que se identificaram como agentes federais e que lhe mostraram um cigarro de maconha que teria sido encontrado em seu carro, onde o espremavam sua mulher e um filho de dois anos. Os policiais lhe deram voz de prisão e levaram os três à Polícia Federal. A mulher e o filho foram deixados em frente à Polícia Federal e o índio foi levado alegremente para uma pista de terra, onde o espancaram, acusando-o de agitador e insinuando que iriam matá-lo. De acordo com denúncia do deputado Mário Juruna, não é a primeira vez que isso ocorre com os Potiguara. O índio Severino Silva foi preso recentemente por ordem da juíza Luíza Espíndola e submetido “a todo tipo de vexames”. Um outro também teve sua casa incendiada duas vezes e chegou a ser preso. As prisões, na opinião de Juruna e de representantes do CIMI, estão ligadas aos problemas de terra enfrentados pela tribo. Mesmo sem o apoio da Funai, eles demarcaram a reserva e isso gerou uma série de conflitos com a fábrica de tecidos Rio Tinto e com a família Lundgren, que tem interesse na área. (ESP, 15/10/83).

Tensão na área acaba em morte

Um grupo de 50 índios da Reserva Potiguara, em Rio Tinto (PB), matou a golpes de faca o chefe de obras da empresa Rio Vermelho, que explora a extração de madeira na região. Não é esta a primeira vez que ocorrem conflitos entre os índios e a empresa Rio Vermelho. O superintendente da Polícia explicou que, há um mês, a Polícia conseguiu prender um grupo de pessoas accusadas de roubar madeira colhida por operários da empresa. Entre os detidos, estavam alguns Potiguara. Ele disse acreditar que tudo tenha decorrido de “novas investidas dos índios” contra o estoque de madeira do Rio Vermelho. A Reserva dos Potiguara, que se estende por terras dos municípios de Rio Tinto e Baia da Traição, ainda não está totalmente demarcada. Os índios se queixam de que fazendeiros e proprietários de agroindústrias estão invadindo a área e, ultimamente, vêm se mostrando dispostos a defendê-la a qualquer custo. O chefe de obras, segundo a Polícia, teria surpreendido os índios roubando madeira. (Correio/PB, 28/10/83).

Concedido habeas-corpus a Severino

A Câmara Criminal do Tribunal de Justiça da Paraíba, em acórdão relatado pelo desembargador Mário Moura Rezende, concedeu, por unânime, habeas corpus ao cacique Severino Fernandes da Silva, de Bala da Traição. O acórdão tem a seguinte ementa: “Habeas Corpus — crime de furto e dano — indígena civilizado, preso há mais de 180 dias por força de prisão preventiva, convertida em domiciliar, sem ter sido interrogado sequer — constrangimento evidente — concessão da ordem. Caracterizado está o constrangimento ilegal decorrente da detenção de indígena. Esse constrangimento se acentua ainda mais face à falta de assistência jurídica da Funai e, falta de nomeação de curador pelo juíz”. (O Norte, 23/12/83).

Decreto delimita a área

O Decreto nº 89.256 de 28 de dezembro de 1983, assinado por João Figueiredo, Mário David Andreazza e Danilo Venturini, declara de ocupação dos silvícolas (Potiguara) área de terras, nos municípios de Baia da Traição e Rio Tinto, no estado da Paraíba, e dá outras providências. O texto do decreto dá o memorial descritivo da área. (Diário Oficial, 29/12/83).

Indios perdem terra mas vão resistir

Mais de mil índios Potiguara foram excluídos da área criada em 28 de dezembro último pelo Governo federal, pelo decreto 89.256, destinado àquele grupo indígena, instalado na Baia da Traição, na Paraíba, segundo revelou o cacique Severino Fernandes da Silva. Ele e outros representantes dos cinco mil indígenas da região, que ocupavam uma área de 34 mil hectares, e que com a determinação governamental ficaram restritos a 20 mil e 820 hectares, estiveram com o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, que segundo eles não os queria receber, para reivindicarem os 14 mil hectares restantes, no que não foram atendidos. De acordo com Severino, Otávio Ferreira Lima afirmou que vai garantir, através de loteamento, terra para os índios que fizeram prejudicados com a delimitação oficial, que lhes tirou a área mais fértil da região.

“A gente não vai ceder para ninguém. Não abriremos mão do que é nosso. Os conflitos vão continuar — salientou o cacique — afirmando, no entanto, que não haverá questões contra as tropas do Exército que foram destacadas para realizar a delimitação” (Jornal do Brasil, 21/01/84).
GERAIS

Verba para postos em Pernambuco

Os quase sete mil índios que vivem em Pernambuco, em seis reservas da Funai, terão este ano a disponibilidade de 36 milhões de cruzeiros para a aplicaçã en pequenos projetos de agronegocias que visam, especialmente, a subsistência de suas famílias, Paulo Vieira, que atualmente responde pela Funai no Recife, adianta que além desses recursos serão aplicados mais 12 milhões de cruzeiros, para a recuperação de casas e construção de outras. (Folha da Tarde, 18/04/83).

Grupo Especial avalia situação do indio

Os integrantes do Grupo Especial de Estudos Indigenistas estiveram reunidos, com o Delegado da Funai para o Nordeste, Leonardo Reis, para definir a metodologia de trabalho para a avaliação da real situação dos índios de Alagoas. Da parte do Grupo, constituido pelo governador Divaldo Suruagy, estiveram presentes ao encontro o antropólogo Clóvis Antunes Carneiro de Albuquerque, presidente, Antônio Soares Cotrim, Nuzi Mendonça e Maria Tereza Nunes Palmeira. A Funai vai dar total apoio ao Grupo Especial de Estudos Indígenas, permitindo inteira liberdade para visitação das comunidades indígenas alagoanas, havendo entre os participantes do encontro o acordo de cooperação mútua ao viabilizar soluções.

Ficou definido, também, que o Grupo Especial terá a participação de um representante índio, a ser escolhido pelos tribos Kariri-Xocó, Tingui-Botó, Xukuru-Kariri e Wassú. (Gazeta de Alagoas, 14/05/83).

CIMI promove assembleia

Vinte e dois representantes dos povos Kariri, Pankararé e Kainbó, da Bahia; Fuliño e Kapinawá, de Pernambuco; e Xucuru-Kariri, de Alagoas, estiveram presentes à III Assembleia Indígena do Nordeste, realizada dias 10, 11 e 12 de março, em Garanhuns-PE, para discutir a história do índio no Brasil. Quinze nações indígenas foram convidadas para participar da assembleia, mas nem todas compareceram devido à falta de dinheiro e ao desestímulo da Funai.

Nesta assembleia, os representantes indígenas redigiram um documento ao presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, reivindicando a demarcação de suas terras (dous seis povos representados, somente os Fuliño têm terras demarcadas) e também a solução dos problemas específicos de cada povo. Neste documento, eles reivindicam desde postos de saúde até a retirada de fazendeiros de suas áreas, como é o caso da Fazenda Picos, que fica na área dos Kariri, na Bahia. (Foram, maio de 1983).

Leonardo Reis afasta-se da Delegacia

Leonardo Reis deixa a Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio — Funai, responsável por 16 áreas indígenas, nos Estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Norte da Bahia — com uma população de 26 mil índios — após três anos de atuação. Segundo ele, "o trabalho com as comunidades indígenas é desgastante fisicamente e emocionalmente". (Jornal do Comércio, 31/7/83).

4 mil índios nas frentes de emergência

Mais de 3.700 índios de várias tribos de Pernambuco e Alagoas já estão engajados nas frentes de trabalho dos Estados, devido à inviabilização de suas lavouras e projetos agrícolas pela seca, que há cinco anos vem castigando as reservas, declarou, ontem, o delegado regional da Funai em exercício, Marcos Antônio Levy. O dirigente adiantou que os primeiros contingentes indígenas a ingressarem nas frentes de emergência, há dois meses, pertencem às tribos Pankararu, Fuliño, Atikum e Kambio-a, estabelecidos em reservas nos municípios pernambucanos de Águas Belas (cerca de 500) floresta (450), Petrolândia (400) e Ibiririm (150). O dirigente em exercício da Funai disse, ainda, que vai prosseguir os contatos com a Sudene, DNOCS e outros órgãos do Ministério do Interior para intensificar o alistamento nas frentes da Bahia, onde as reservas indígenas sofrem igualmente os rígores da seca. (Folha da Tarde, 15/08/83).

Indíos querem trabalho nas frentes

Mostrando que também estão vivendo em situação desesperadora, em face da seca que atinge grande parte de Alagoas, os índios que participaram esta semana de uma reunião com o Grupo Especial de Estudos Indígenistas fizeram um apelo no sentido de que a Sudene os aceite nas frentes de serviços criadas pelo Governo Federal, alegando que grande parte já passa por privações. O apelo foi formulado ao professor Clóvis Antunes, coordenador do Grupo, que já encaminhou a reivindicação ao coordenador estadual da Comissão de Defesa Civil, eng. Fernando Theodoro. Eles também solicitaram que o GEEI volte a manter entendimentos com a Codevast, no sentido de que sejam atendidos vários pleitos formulados já há algum tempo àquele órgão federal. (Diário de Pernambuco, 5/09/83).

Lideranças indígenas denunciam perseguição

As 13 tribos indígenas do Nordeste, reunidas no início do mês na Fazenda Picos, Reserva Kariri, Mirandela (BA), concluíram o II Encontro das Lideranças Indígenas do Nordeste com um documento onde acentuam os problemas enfrentados pelos índios, o da perseguição policial que sofrem, principalmente quando tentam defender as terras que lhes pertencem. O documento, assinado pelos líderes das tribo Tukano, Potiguara, Pataxó-Hã-Hã-Hã, Pataxó Coroa-Vermelha, Pataxó Monte Pascoal, Xukuru-Kariri, Tingui-Botó, Waçú, Pankararé, Kainbó, Massakará, Kariri e Krenak, entre as denúncias formuladas, relaciona também a decisão tomada pelos índios Kariri ao botarem para fora o chefe de posto da Funai, José Gusmão, "que não queria resolver os problemas dos índios com os posseiros, mandando que cada qual se ajeite". Os líderes foram unânimes em condenar os processos penais em que se encontram ameaçados, por defenderem as comunidades, pois essa é uma maneira de os mesmos ficarem impedidos de fazer reivindicações. Entre os índios presos, ou que sofreram perseguições policiais, estão: Severino Fernandes (em prisão domiciliar), Potiguara; Manoele Celestino, José
Oliveira, Aristides Macário, Antônio Ricardo, João Celestino, Miguel Celestino, João Cavalcanti, Paulo Ferreira, Manoel Ricardo, todos da comunidade Xukuru-Kariri. Dos funcionários da Funai, eles prestaram diversas queixas, acentuando que muitos deles, além de incompetentes perseguem e prejudicam os índios, e no entanto, quando a Funai se sente obrigada a tomar providências apenas os transfere para outra chefia, onde o funcionário “punido” continua sua ação anti-índio. (Diário de Pernambuco, 23/10/83).

Severino Fernandes, cacique Potiguara (à esquerda) e Itambe Pataxó, presentes ao II Encontro das Lideranças Indígenas do Nordeste.

Local das reuniões.

O cacique Lazaro dos Kiriri (à esquerda) e o cacique dos Tingui-Botó, Adalberto da Silva (à direita).
No dia 16 de abril, homens, mulheres e crianças entraram desarmados na fazenda Picos e iniciaram os trabalhos de uma grande roça.

O acordo, no entanto, não vem sendo respeitado. Os funcionários do fazendeiro têm tido livre acesso à área, e além disso, o prazo para que a questão fosse solucionada — 30 de dezembro — e eles assumissem o controle da fazenda não foi respeitado. Em vez disso, os PMs, segundo os índios Carlos Batista e Daniel Patrício, passaram, a mando do fazendeiro, a insultá-los e a fazer provocações, como invadir casas com o pretexto de procurar armas.

Na reserva Kiriri, vivem cerca de quatro mil possuidores que já deveriam ter sido reassentados pelo Interva. O órgão em vez disso, alega junto à Funai que a área demarcada está situada em local incorreto e por isso não reconhece os direitos indígenas na região. Enquanto isso, os 2 mil Kiriri estão encerrados pelos posseiros nas terras mais pobres da reserva. (Gazeta de Notícias, 30/01/83).

**Indios retomam suas terras**

Famintos, 400 índios Kiriri, do município de Ribeira do Pombal (BA), retomaram parte das terras da Fazenda Picos, incluída na área da reserva demarcada pela Funai, até então ocupada pelo fazendeiro Artur Miranda. Os índios receberam sementes da Funai para iniciar plantações, além da promessa de que até terça-feira será solucionada a questão da posse das terras. (ESP, 16/04/83).

**Kiriri dão prazo à FUNAI**

Os índios Kiriri deram prazo à Funai até o dia 27 para que seja solucionado o caso do fazendeiro Arthur Miranda, que ocupa dois terços da reserva indígena. Ontem, o presidente da Funai estava reunido, em Brasília, com o presidente do Interva e com o dono da fazenda Picos para colocar a posição do órgão, que não aceita a proposta de
Indenização apresentada pelo fazendeiro — ele quer Cr$ 120 milhões. Os índios estão em atraso com os proprietários da fazenda Picos há vários anos, e mais recentemente as hostilidades na área aumentaram, obrigando, até mesmo, o envio de um destacamento da PM para a região. (ESP, 23/04/83).

Acordo devolve fazenda aos índios

A tribo Kiriri toma posse esta semana dos 600 hectares da Fazenda Picos, que foi ocupada parcialmente, uma semana antes do Dia do Índio (19 de abril), por mais de 500 indígenas, com autorização do presidente da Funai. O fazendeiro Artur Miranda, que reclama a fazenda, receberá do Estado terras devolutas e será indenizado pelas benfeitorias. A decisão da Funai, de acordo com o delegado do órgão no Nordeste, coloca um ponto final na questão que envolvia os Kiriri, fazendeiros e duas mil famílias de posseiros que ocupam a reserva indígena. Os índios permitiram a permanência dos posseiros até que o Estado encontre outro lugar para eles. (ESP, 01/05/83).

FUNAI Não cumpriu acordo de Brasília

A Funai até o momento não cumpriu o acordo firmado em Brasília com o proprietário da Fazenda Picos, em Miranda, Artur Miranda, segundo o qual a propriedade ficaria com os índios Kiriri, que a invadiria e o órgão indenizaria o seu verdadeiro dono. A denúncia foi feita ontem pelo filho do fazendeiro, Wanderley Miranda, lembrando que a Funai se propôs a pagar uma indenização pelas benfeitorias.

— Até o momento nada foi feito e o fazendeiro já retirou tudo o que lhe pertencia de dentro da área como estava previsto no documento firmado em Brasília — disse Wanderley recordando que no início, o diretor do Interba, Aécio Rodrigues, demonstrou interesse em verificar de quem eram realmente as terras da fazenda Picos, tendo afirmado inclusive que as terras não estavam dentro da área indígena. (Jornal da Bahia, 31/07/83).

Tribo quer gerir seus recursos

O cacique Lázaro Gonzaga de Souza e os seis conselheiros de comunidades Kiriri, encaminharam documento à Funai reivindicando o direito de administrar a verba de Cr$ 40 milhões que caberá este ano à tribo no Programa de Desenvolvimento Regional Integrado-Nordeste, com recursos do Banco Mundial. Os índios não afirmam, mas a Anaí-BA, informou em Salvador, que a preocupação dos Kiriri está em fato de terem sido informados de que a verba será administrada pela Funai ou pelo governo estadual, com o que não concordam. Eles pedem assessoria e orientação técnica, mas reclamam para a tribo a gestão das obras. No documento, os Kiriri explicam que aí não haverá "burocracia nem corrupção" e apresentam um projeto onde detalham a construção de poços artesianos, centros comunitários, estradas vicinais, casas de farinha e a compra de uma camioneta. (ESP, 10/08/83).

Pankararu são explorados

Os 60 Pankararu que vivem em uma parte de seu território de 24 km², localizado no Brejo dos Padres, perto da Petroliândia, PE, agora têm que pagar para plantar em suas terras. Essa área dos 3.131 Pankararu é disputada por 700 posseiros que já conseguiram dominar uma parte da reserva onde vivem 21 índios. Após a ocupação das terras, passaram a cobrar uma renda de 20 cuias de farinha/tarefa por família indígena; algumas pagam até 130 cuias anual, o que é muito, principalmente para as famílias maiores.

Para tentar acabar com esses e outros absurdos, dia 15 de junho, cinco representantes dos Pankararu — entre os quais o cacique José João dos Santos, Maria Quitéria de Jesus e Hilda Bezerra Barros — foram à Funai, em Brasília, exigir seus direitos. Demarcação de terra, fim dos arrendamentos, levantamento populacional, garantia da área demarcada e reavaliação da área dos Pankararu eram as principais reivindicações.

Os Pankararu perceberam o desinteresse em relação ao seu caso, quando foram informados de que o processo sobre suas terras ficou desativado durante dez anos em Recife e somente agora veio para Brasília. A falta de interesse por parte do órgão tutor ficou comprovada quando Maria Quitéria começou a relatar os problemas de seu povo e o então diretor do Departamento Geral de Operações, coronel Roberto Guarany, disse que “não tinha tempo para ouvir jornal” e que era “pago pelo Governo e não pelos índios". (Porantim, 08/83).

FUNAI promete instalar posto

Depois de longos conflitos entre os índios Xocó e o fazendeiro João Brito, voltou o clima de paz na Ilha de São Pedro. Na última sexta-feira dois delegados da Funai chegaram ao município de Porto da Folha, lá pernoitaram e no dia seguinte, juntamente com o fazendeiro João Brito resolveram entrar em acordo diante do problema da morte de três vacas, que o fazendeiro acusa os índios de terem sido os autores.

A Funai fez também uma avaliação dos prejuízos provocados pelo gado, que diante do problema da seca, invadiu as plantações dos índios. A Funai avaliou em 900 mil cruzeiros os prejuízos totais, porém entrou em acordo com o fazendeiro que também teve prejuízo com a morte das vacas, determinando que o acordo consista em uma compensação de 5 fios de arame farpado em toda a extensão da Fazenda Belém. Coincidentemente quando os delegados da Funai, entre eles Leonardo Reis, chegaram a Ilha de São Pedro, constatou a presença de mais de 40 cabeças de gado que devastavam a lavoura dos índios.

Leonardo Reis disse que retornará a Ilha no dia 30 de janeiro para verificar se o fazendeiro cumpriu com o acordo. Caso ele não cumpra a determinação da Funai, a Fazenda Belém será responsabilizada por qualquer dano na propriedade dos indígenas.
Segundo D. Brandão: “Desde que foi concedida a posse da Ilha de São Pedro para os índios eles vêm trabalhando a agricultura e no ano de 1981 conseguiram um resultado fabuloso no plantio de alimentos. Porém este ano a lavoura foi castigada pela seca e devastada pelo gado da Fazenda Belém”.

A Funai anuncia para os próximos dias a instalação de um Posto Indígena para a Ilha de São Pedro, o que significa, o reconhecimento dos Xokó como uma tribo indígena. Com a instalação do posto a Ilha será fiscalizada diretamente pela Funai, não permitindo a intervenção da Polícia Militar nas questões dos índios, cabendo daí por diante, a intervenção somente da Polícia Federal.

Desde que tomaram posse da Ilha os índios Xokó já construíram 40 casas e mantêm uma escola primária para as crianças. Esta escola é mantida pela Associação Pró-Índio de Araçaju, que tem à frente a profª Beatriz Goës Dantas, que durante o ano de 1981 manteve o funcionamento da escola, inclusive pagando ordenado e transporte da única professora da região. (Gazeta do Sergipe, 22/01/83).

Bispo pede que FUNAI socorra os índios

O bispo da Diocese de Própria, em Sergipe, D. José Brandão de Castro, pediu ontem a intervenção da Funai em favor das 40 famílias de índios xokó que habitam a Ilha de São Pedro, no Rio São Francisco, que mais uma vez estão tendo problemas com a polícia estadual.

No início deste ano o proprietário da Fazenda Belém, localizada em frente à ilha, deu queixa na polícia de que os índios haviam abatido a tiros duas reses da propriedade. O problema foi contornado por dois advogados da Funai em Recife, mas, segundo o bispo, domingo último, 11 policiais fortemente armados estiveram na ilha para levar quatro reses que os índios haviam aprimorado, porque faziam estragos em suas plantações. (A Tribuna, 19/07/83).

Carta do Conselho

Nós últimos dias nós Xokó vem mantendo contato com a Funai-Recife sobre o posto que ela nos prometeu. No dia 28/5/83 o advogado Dr. Moacir, da Funai esteve aqui na nossa reserva e nos disse que logo o posto está chegando, é só nós esperar um pouco.

Mais para isso a Funai veio aqui em Porto da Folha (SE) pra requerer o processo de reintegração de posse. Pra daí dar inicio ao posto na nossa área. Já que o advogado veio sobre isso, nós telefonamos pra Funai pra saber se foi resolvido e ela nos informou que tudo foi resolvido, e agora nós vamos esperar pra ver quando é que ela vai botar, esperamos que a Funai, agora resolva o nosso problema. Desde o dia 7/12/79 que a Ilha foi desapropriada, que a nossa terra não foi reconhecida como terra indígena, eles são quem diz, mais nós Xokó temos real certeza que a Ilha é nossa e é terra indígena.

Como é que tem uma tribo de índio e essa tribo não tem sua terra. A Funai nos reconheceu como índio mais não reconheceu a nossa terra. Esperamos que a partir de agora que ela está tentando legaliza a nossa terra é possível que nós Xokó sejam bem assistido pelo órgão tutor.

Nós somos uns índios que a Funai não está dando assistência que muitas tribo tem, mais a partir do momento que a nossa terra for conhecida como terra indígena esperamos ser bem atendido. No início deste ano nós Xokó foi intimado pela Polícia Militar de Porto da Folha (SE), porque os Britos deram parte de nós disendo que nós tinha matado 2 vacas deles se por acaso nós Xokó tenha matado nós tem e ramas, porque o gado deles acabou com nossa lavoura.

Como nós Xokó comunicamos a Funai que estava sendo intimados, ela nos disse que não era pra nós ir não, que ela vinha pra resolver o problema e como veio mandou pra ir 2 pessoas nós fomos 3 e lá em Porto da Folha. Nós encontramos com o advogado e um técnico indigenista e conversamos porque estava intimados, aí eles foram na delegacia de polícia conversou com o delegado e depois com os Britos e o que ficou resolvido foi o seguinte, que os Britos tinha que fazer uma cerca pra o gado não entra na nossas roças isso é na terra deles e tirar todo gado que tivesse na nossa roças. Então o gado eles tiraram e a cerca não fizer, o que eles fizeram foi remodelar uma cerca velha que desde o ano passado já tinha e agora o que aconteceu ontem nós pegamos 2 cavalos dos Britos dentro de nossas Roças e algumas vacas também e o que fizeram, amarramos e mandemos chamar os vaqueiros, eles veio e nós falamos pra eles, que os animais estão amarrados e não vão ser devolvido. Aí eles pediram que nós entregasse que eles garantiam que não vinha mais, aí nós resolvemos dar, demos sabendo que eles vão voltar outra vez porque eles botam os animais fora da cerca e, daí eles venhe pra nossa roças, agora o que vir nós só solta se eles pagar bem pago se for cavalo nós deixa vivo e se for gado nós mata e como porque estamos presi- sando de comer carne pra ficar bem forte pra ter disposição pra enfrentar o branco covarde que roubou as terras dos índios do Brasil. Por isso é que o índio está passando fome passando muitos amargos na sua vida. Por uma inconsciência dos governantes que estão aí apoiando o branco. Mas a justiça de Deus é correta quem deve aqui paga aqui mesmo, hoje nós estamos sofrendo e quem sabe se amanhã não são eles. Nós Xokó estamos preparado pra luta pela sua terra que esta dominada pelo branco e também ajudar a qualquer irmão, que esteja precisando de nosso apoio. Amanhã nós vamos telefonar pra Funai disendo do gado dos Britos que estão entrando na nossa terra.

(Segue sete assinaturas dos membros do Conselho do Tribo Xokó da Ilha de São Pedro. Porto da Folha, SE). (P. Rantim, 08/83).

Retomada das terras

Os índios da tribo Kariri-Xocó reen- ciaram ontem mais uma luta contra a Codexaf, invadindo uma das proprie- dades desmembradas por aquele órgão e que, até agora, não foi habitada por nenhum colono. A área possui mais de 600 tarefas pertencentes por direito aos índios, que agora cercaram tudo, ar- mados de facão, peixeira e pedaços de pau, impedindo a entrada de estranhos. Ontem mesmo, os índios solicitaram a intervenção da Polícia Federal, para garantir a posse da terra, além da Funai, que funciona com uma repre- sentação em Porto Real do Colégio.
Em entrevista exclusiva à GAZETA, o índio Antonio Candido Torê eleito recentemente para a Câmara de Vereadores de Colóquio, afirmou que todos os seus companheiros estão empenhados em não abandonar a terra invadida, já que possuem documento legal de posse há muitos anos.

Tanto na aldeia como na cidade de Porto Real do Colóquio, o clima é de expectativa com o destacamento local, não tem acesso, ficando essa parte com a responsabilidade da Polícia Federal, que foi solicitada. (Gazeta de Alagoas, 12/02/83).

**SUDEPE vai desenvolver projeto**

A coordenação da Sudepe em Alagoas está desenvolvendo um projeto no tribo Kariri-Xocó, localizada na periferia do município de Porto Real do Colóquio, com o objetivo de desenvolver a piscicultura naquela localidade. O projeto é resultado de um convênio entre a Sudepe, que alocou recursos da ordem de Cr$ 4 milhões 800 mil com a Funai, para que os índios sejam produtores de peixes e não necessitem sair da sua reserva.

Os viveiros de peixes serão feitos nas lagoas naturais existentes e que são abastecidas pelo rio São Francisco. Já foram feitos os diques e cercados, compradas bombas elétricas e agora estão fechando as lagoas com telas, além da limpeza das águas. (Gazeta de Alagoas, 04/11/83).

**TINGUÍ-BOTÔ**

Alagoas garante o apoio aos índios

Uma comissão formada pelo Grupo Especial de Estudos Indígenas, liderado pelo antropólogo Clóvis Antunes, foi recepcionada em clima de festa pelos índios Tingui-Botô em Olho D’Água do Meio, município de Feira Grande — a 235 km de Maceió. O pajeú João Ferreira Botô considera a visita “um reconhecimento à nossa condição de indígenas, pleito pelo qual lutam já há quatro anos, junto à Funai”.

O antropólogo Clóvis Antunes garantiu apoio do governo do Estado para a manutenção das tradições indígenas. Ele pediu um pouco de paciência com o tempo que deverá passar até que sejam levadas as reivindicações dos índios às autoridades competentes.

Antunes anunciou caráter prioritário para a implantação de chafariz e escolas, ficando para depois o problema relacionado com as terras, uma vez que esta etapa só poderá ser cumprida depois de relatório que será enviado à Funai. (FSUP, 04/05/83).

**WASSÚ**

Socorro para evitar massacre

Um dramático pedido de proteção foi feito ontem pelo cacique Hibles Menino, da tribo Wassú de Joaquim Gomes (AL). Num telefonema para a sede da Funai em Brasília, o cacique denunciou o cerco imposto pelos fazendeiros Nezinho Doca e Amaro Batista contra as 900 famílias Wassú que vivem na aldeia Cocal. Otim, o presidente da Funai, entrou em contato com o chefão do Gabinete Militar de Alagoas, solicitando ajuda do governo alagoano. Ao mesmo tempo, convocou a PF e PM de Alagoas para garantir a vida dos índios. Os Wassú tiveram sua identidade indígena reconhecida em agosto do ano passado. Logo depois, o presidente da Funai interditou 57 mil hectares de terra para eles, sem entretanto promover a demarcação por “absoluta falta de recursos”, informaram funcionários do órgão. (FSUP, 29/03/83).

**FUNAI ACUSA DOIS POSSÉSOS**

Dois posseiros que vivem na região habitada pelos índios Wassú, estão sendo acusados pelo presidente da Funai de “criar tensão social na área, ameaçando a integridade física dos índios”. Este pediu à PF de Alagoas que estude o enquadramento dos posseiros Manoel Cavalcante e Mário Batista “na legislação pertinente”. (ESP, 30/03/83).

Acordo provisório

Um acordo de paz, com prazo fixado, firmado pela Funai, entre índios, grileiros e o Governo do Estado, resolveu provisoriamente os problemas dos Wassú e grileiros. O acordo foi feito através de proposta de Leonardo Reis, delegado da Funai em Recife, que esteve na área.

O cacique Hibles “ordenou a restauração da ponte sobre o rio Cocal”, destruída e bloqueada pela tribo a fim de isolar os jagunços contratados pelos grileiros. (JB, 02/04/83).

**Indio é morto na luta pela terra**

O presidente da Funai confirmou ontem, a morte de um índio Wassú na aldeia Cocal. O índio foi morto por um posseiro que vive há 15 anos na área indígena criada em novembro pela Funai, mas o presidente da Funai atribuiu o crime a “um acidente”, apesar da região estar sob tensão desde a semana passada. Agora, a Justiça vai apurar as circunstâncias em que ocorreu a morte. (ESP, 08/04/83).

**Indio ameaçado deixa Alagoas**

Ameaçado de morte por fazendeiros e posseiros, o índio Hibles Menino, deixou ontem Alagoas. “Vou embora para não morrer e a Secretaria de Segurança Pública sabe muito bem quem são as pessoas interessadas em me matar”, disse Hibles. “Tudo que o índio disse é verdade”. A observação é do chefe do posto da Funai, recém-instalado na aldeia Cocal. (FSUP, 29/06/83).

Secretário acusado de levar tensão

O secretário de Segurança Pública de Alagoas, Ardel Jucá, foi acusado ontem, de promover “clima de tensão na área indígena dos Wassú”. A denúncia foi feita por funcionários da Funai que trabalham junto aos índios: “até a produção agrícola dos índios foi apreendida por ordem do secretário”. Segundo as informações, Ardel está presionando a Prefeitura de Joaquim Gomes para não atender os índios, embora o governador Suruqui tenha assegurado total respeito aos Wassú. Os índios já manifestam descontentamento e poderão ocorrer um confronto entre índios e fazendeiros, como há dois meses”. (ESP, 02/07/83).
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n°/ mapa</th>
<th>n° aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/ fonte*)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MACHINKERI</td>
<td>1</td>
<td>AI Mamoa daete</td>
<td>265 (T)</td>
<td>Sena Madureira</td>
<td>delimitada Proposta Funai/77</td>
<td>326.000</td>
</tr>
<tr>
<td>JAMINA</td>
<td>1</td>
<td>1</td>
<td>109 (T)</td>
<td>Sena Madureira</td>
<td>na AI Mamoa daete, idem acima</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MACHINKERI/JAMINA</td>
<td>2/3</td>
<td>Rio Isca e cob. rio Acre</td>
<td>120</td>
<td>Sena Madureira</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KAYNA (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td>1.840 (T)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td>AI Colônia</td>
<td>27/44</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>delimitada Proposta Funai/Incra</td>
<td></td>
<td>25</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>AI Caicó</td>
<td>92</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>delimitada Proposta Funai/82</td>
<td></td>
<td>4.500</td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td>Itamarati</td>
<td>24</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>7</td>
<td>AI Humaitá</td>
<td>220</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>delimitada Proposta Funai/82</td>
<td></td>
<td>135.000</td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>AI Jorjão</td>
<td>720</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>delimitada Proposta Funai/82</td>
<td></td>
<td>92.000</td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>Pacujá</td>
<td>55</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>10</td>
<td>Timbaúba</td>
<td>55</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>11</td>
<td>Rio Breu</td>
<td>90</td>
<td>Cruz.do Sul</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>12</td>
<td>AI Katuquina/Kaxina de Feijó</td>
<td>120</td>
<td>Feijó</td>
<td>área Paraó, na AI Kat./Kaxi de Feijó, declarada de ocupação indígena pelo Dec.nº 89.488 de 29.03.84, junto com Katuquina</td>
<td>17.750</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>13</td>
<td>AI N.Olinha</td>
<td>210</td>
<td>Feijó</td>
<td>delimitada Proposta Funai /83</td>
<td></td>
<td>32.160</td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>AI Alto Purus</td>
<td>250</td>
<td>Manoel Urbano</td>
<td>seringais Fronteira, Recreio e Repouso, delimitada Proposta Funai /82, junto com Kulina</td>
<td>260.000</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KULINA (2)</td>
<td></td>
<td></td>
<td>631 (T)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>2</td>
<td>361</td>
<td>Manoel Urbano</td>
<td>áreas Santo Amaro e Moramâua, na AI Alto Purus, idem acima (ver Kaxina)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>15</td>
<td>Ig.Arro/Paz. California</td>
<td>137</td>
<td>Feijó</td>
<td>delimitada Proposta Funai /83</td>
<td></td>
<td>48.800</td>
</tr>
<tr>
<td>16</td>
<td>Liberdade</td>
<td>16</td>
<td>Feijó</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>AI Ig. do Peu</td>
<td>76</td>
<td>Feijó</td>
<td>delimitada Proposta Funai /77</td>
<td></td>
<td>14.400</td>
</tr>
<tr>
<td>18</td>
<td>Porongaba</td>
<td>41</td>
<td>Feijó</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>Acurauá</td>
<td>?</td>
<td>Cruz.do Sul</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KATUQUINA (3)</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
<td>147 (T)</td>
<td>Feijó</td>
<td>área Morada Nova, na AI Kat./Kaxi de Feijó, idem acima (ver Kaxina)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KATUQUINA</td>
<td>20</td>
<td>Al R.Gregório</td>
<td>196 (T)</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>área Sete Estrelas, na AI. Rio Gregório declarada de ocupação indígena pelo Dec. nº 89.257 de 28.12.83, junto com Iauanaã</td>
<td>92.000</td>
</tr>
<tr>
<td>21</td>
<td>Al R.Campinas</td>
<td>86</td>
<td>Cruz.do Sul</td>
<td>delimitada Proposta Funai /77</td>
<td></td>
<td>25.000</td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>nº/ mapa</td>
<td>nº. aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decreto/Propostas</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>-------</td>
<td>---------</td>
<td>------------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>-------------------------------------------</td>
<td>----------</td>
</tr>
<tr>
<td>JAUANAUÁ</td>
<td>20</td>
<td>1</td>
<td>196 (T)</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>seringal, R. Gregório, idem acima (ver Katuquina)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KANAA (4)</td>
<td></td>
<td>7</td>
<td>15</td>
<td>Tarauacá</td>
<td>AI Huamita, idem acima (ver Kaxinauá)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>22</td>
<td>Eg. Chichene</td>
<td>Peijó</td>
<td>delimitada, Proposta FUNAI/83</td>
<td>238.400</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>11</td>
<td>Rio Breu</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>23</td>
<td>AI Anônea</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>delimitada, Proposta FUNAI/78</td>
<td>81.750</td>
</tr>
<tr>
<td>KOIANAUÁ</td>
<td>24</td>
<td></td>
<td>227 (T)</td>
<td>Mêncio Lima</td>
<td>delimitada Propostas Puniã /77 e 84</td>
<td>15.200</td>
</tr>
<tr>
<td>NUQUINI</td>
<td>25</td>
<td>AI Nuquini</td>
<td>238 (T)</td>
<td>Mêncio Lima</td>
<td>delimitada Proposta FUNAI/77 (nova eleição em curso)</td>
<td>23.000</td>
</tr>
<tr>
<td>YAMINAWÁ</td>
<td>26</td>
<td>AI Yaminawa</td>
<td>68 (T)</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>delimitada Proposta FUNAI/77</td>
<td>23.700</td>
</tr>
<tr>
<td>AFURINÁ (5)</td>
<td></td>
<td>30</td>
<td>900 (T)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>75</td>
<td>Boca do Acre</td>
<td></td>
<td>delimitada, Proposta FUNAI /?</td>
<td>33.400</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>101</td>
<td>Boca do Acre</td>
<td></td>
<td>demarcada, Port. nº 1.066/8 de 21.08.81</td>
<td>17.517</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>189</td>
<td>Fauini</td>
<td></td>
<td>delimitada, Proposta FUNAI/83</td>
<td>62.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>179</td>
<td>Boca do Acre</td>
<td></td>
<td>delimitada Proposta FUNAI /?</td>
<td>35.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>48</td>
<td>Fauini</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>25</td>
<td>Fauini</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>248</td>
<td>Fauini</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>35</td>
<td>Fauini</td>
<td></td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ARARAS</td>
<td></td>
<td>115 (T)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>27</td>
<td>AIyaminawa / Araras</td>
<td>22</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>delimitada Proposta FUNAI 78</td>
<td>60.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>28</td>
<td>Riosinho do Cruz do Vale</td>
<td>38</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>29</td>
<td>Querosene</td>
<td>55</td>
<td>Cruz do Sul</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) Os dados de população foram levantados pela CPR/Acre, entre 81 e 83.
(2) ver também as áreas Javari e Jutai/Juruá/Purus.
(3) tem o mesmo nome tribal dos Katuquina dos rios Gregório e Campinas, mas trata-se de grupo distinto.
(4) a população total dos Apuriná é estimada pela ANACRI em cerca de 3.000 índios, espalhados desde os bairros periféricos de Rio Branco, passando pela BR-317 no trecho compreendido entre Rio Branco e Boca do Acre, dispersos nos seringais dos afluentes do médio Purus e ainda na periferia das cidades de Manacapuru e Manaus. Ver também na área Jutai/Juruá/Purus.
# BALANÇO DA SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS

A Funai só delimita. E as demarcações não saem, nem mesmo nas áreas sem invasões. Será que precisa haver conflito para atrair a eficácia dos órgãos federais?

Terri Valle de Aquino (*)

N o Estado do Acre, onde até meados da década de 1970 não se reconhecia oficialmente a existência de índios (por razões que comentaremos mais adiante), qual é a situação atual das terras indígenas? Para responder a esta pergunta dispomos de dados fornecidos pela Funai, que desde então vem identificando e delimitando as áreas indígenas nesta região da Amazônia Ocidental.

Nos mapas e quadros elaborados pela Funai as terras indígenas estão nomeadas em três grupos distintos: a) as já demarcadas, onde foi concluído o processo físico de demarcação, com a colocação de marcos, placas e piquetes nos limites de suas áreas; b) as identificadas, mas não demarcadas, ou seja, aquelas que tem portarias de delimitação assinadas pelo órgão oficial de assistência; c) as terras a identificar, onde não existe ainda estudos preliminares das áreas que os índios ocupam.

Tais dados permitem avaliar a eficácia da Funai na tarefa de demarcação das terras indígenas no Estado. O quadro é bastante preocupante uma vez que a Funai, atuando na região há quase dez anos, tem apenas feito estudos de eleição das áreas indígenas:

<table>
<thead>
<tr>
<th>Superfície (ha)</th>
<th>População</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Terra demarcada</td>
<td>—</td>
</tr>
<tr>
<td>Terra identificada, mas não demarcada</td>
<td>1.491.845</td>
</tr>
<tr>
<td>Terras a identificar</td>
<td>?</td>
</tr>
<tr>
<td>Total</td>
<td>4.481</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Uma leitura do quadro acima permite fazer as seguintes observações e comentários:

1) A Funai delimitou 18 indígenas no Estado, mas até agora não demarcou efetivamente nenhuma delas. Como se trata de uma região onde a frente agropecuária ainda se acha em marcha, se sobrepondo e colidindo com a antiga frente de expansão da borracha, a política adotada pelo órgão tutor tem sido a de fazer sucessivas eleições destas mesmas áreas indígenas, modificando-as de acordo com as pressões sofridas em casos concretos, ora aumentando ora diminuindo as suas superfícies de acordo com as circunstâncias. A maioria delas já foi delimitada duas ou três vezes consecutivas pela Funai, no período de 77 a 84.

Recentemente o presidente da República assinou dois decretos de demarcação: o de nº 85.257, de 28/12/83, beneficiando as comunidades Iauanaú e Katuquina da área do rio Gregório, no município de Tarauacá e o de nº 99.488, de 29/03/84, para a área Katuquina/Kaxinawa, localizada nos municípios de Feijó e Enviros, nos Estados do Acre e Amazonas. Estas duas áreas totalizam 109.750 ha, o que — caso seja realmente demarcada no decorrer de 84 — representará 7,35% das terras demarcadas no Estado, ficando os restantes 92,65% na condição de não demarcada. Estes decretos foram baseados em pareceres do grupo de trabalho formado pelo MEAF, Minter e Funai, atuais responsáveis pela regularização fundiária das terras indígenas no país. Estas duas áreas foram escolhidas como as primeiras a serem demarcadas por apresentarem os maiores perigos de tensões sociais no Estado. Fato esse revelador da "lógica do bombeiro" que está sendo empregada pelos órgãos federais competentes, de acordo com o decreto (nº 88.118, de 23/02/83), que retirou da Funai o poder de decisão das demarcações das áreas indígenas.

Várias outras áreas desta região podem ser imediatamente demarcadas seja porque os índios já controlam a posse efetiva dos seringais existentes em suas terras e os ocupam produtivamente, seja porque não existem mais invasores dentro de seus limites, não havendo maiores conflitos ou necessidade de pagamento das indenizações de beneficiários ali existentes. Dentre elas podemos citar a dos Kaxinawá dos rios Jordão e Humaitá, no município de Tarauacá, que desde 1980 controlam todos os seus 10 seringais e estão atualmente produzindo cerca de 30-toneladas de borracha por conta própria, independente de seus antigos patrões seringalistas (proprietários, arrendatários, gerentes e serin-|

(*) Antropólogo e indigenista acrônico, membro da CPI-AC, há vários anos envolvido com os índios dessa região na condição de pesquisador e assessor.
gueiros regionais), que já se retiraram de dentro de suas respectivas áreas, devido às resistências organizadas pelas lideranças Kaxi; as áreas das Apurinã do Km 124/Br. 317 e Camicuã, no município de Boca do Acre-Am.; a dos Jamináua e Mamcheri do P.I. Mamadate, no alto rio Iaco, município de Sena Madureira; a dos Kulina do P.I. Enerva e do Kaxiná do Seringal Nova Olinda, e a dos Kampa do rio Enerva, no município de Feijó; enfiem a dos Katuquina dos Campinas no município de Cruzeiro do Sul; todas elas ocupadas unicamente pelos índios. Por que não se demarcaram estas áreas? Será que precisa haver sempre conflitos, mortes, resistências armadas, prisões etc., para os índios do Acre terem as suas terras demarcadas?

2) As superfícies das áreas delimitadas pela Funai no Acre, no total de 1.491.845 ha, corresponde a 9,7% da área do Estado, que é de 15.258,59 km². É importante aqui ressaltar que mais de 50% das terras acaianas já foram vendidas a grupos sislistas ligados à agropecuária, que estão mais interessados em especular com a terra do que ocupá-la produtivamente. Velhos argumentos ideológicos utilizados contra os povos indígenas desse país de que “existe muita terra para tão poucos índios”, no caso específico do Acre não passa de uma balela. Tais argumentos não são utilizados contra grupos econômicos como a Panaracé (Café Cacique, Café Pelé, Viação Garcia etc.) que alega ser proprietária de mais de 450 mil hectares de terra no município acreano de Tarauacá, no município de Tarauacá S.A., que, segundo, proprietária de mais de 800 mil hectares de terra no Sul do Amazonas ou mesmo da Fazenda Califórnia (familia Atala-Coopersucar) que conta cerca de 1,2 milhoão de hectares de terra no alto rio Enerva, no município de Feijó.

No Acre as duas maiores áreas indígenas, com superfícies superiores a 250 mil hectares, acham-se localizadas no vale do alto Purús, onde inexistem seringueiras e castanheiras e por isso mesmo, escassamente povoadas por regionais acreanos. Já no vale do alto Juruá, foram delimitadas 16 áreas, com superfícies menores, variando de 5 a menos de 250 mil hectares. Várias delas não oferecendo os meios suficientes à sobrevivência dos povos indígenas, que são obrigados a migrar de um seringal para o outro, de um rio ao outro...

3) As áreas indígenas Poiamauã, Nuquini, Katuquina do Campinas e Yamunã, localizadas nos municípios de Mâncio Lima e Cruzeiro do Sul, foram ampliadas em Fevereiro/84 por uma equipe de técnicos da Ajudância da Funai no Acre (Ajaacre). Não se conhece ainda as novas extensões destas áreas. Até dezembro de 83 estes índios não sabiam que a Funai havia delimitado as suas terras em 1977. Não conseguiram sequer os mapas elaborados pela Funai. Sabiam apenas que funcionários deste órgão haviam passado pela região com promessas de dar-lhes um pedaço de terra para viver com suas famílias e parentes e desde então não tinham recebidos mais nenhuma notícia ou visitas de funcionários da Ajaacre. Os seringais existentes dentro de suas terras, a excessão dos Katuquina do Campinas, ainda são controlados inteiramente pelos herdeiros de seus antigos patrões seringaleiros.

4) A população indígena do Acre é bem maior do que os 3.952 índios que vivem dentro das áreas delimitadas pela Funai. Vários segmentos desta população acham-se localizados fora dessas “reservas”. Provavelmente existem cerca de 5 mil índios no Estado. A maior concentração desta população, cerca de 75% do total, acha-se localizada no vale do alto Juruá, os 25% restantes no vale do alto Purús. Isso se explica em função do maior contingente de nortesinos (seringalistas e seringueiros) que ocuparam este último vale no início deste século e de uma maior violência e genocídio praticado contra os índios que ocupavam o Purús e seus principais afluentes. Se incluirmos as áreas indígenas delimitadas e à identificar do sul do Amazonas, vizinhas ao Acre, esta população indígena aumentará Consideravelmente. Talvez alcance 8 a 9 mil índios, aproximadamente.

5) No Sudeste ao Amazonas a situação das populações indígenas é ainda mais precária do que no Acre. Nesta região a Funai delimitou oficialmente apenas 5 áreas: a dos Apurinã do P.I. Camicuã (35.000 ha), a dos Apurinã do Peneri/Tacaqueri (62.000 ha), a dos Apurinã do Km 124/Br. 317 (33.400 ha) a dos Kaxaariri do Azul/Barrinha (85.000 ha) e a dos Kulina do rio Eirú (356.000 ha). Apresentando um total de 751.400 ha de terras identificadas, mas não demarcadas. Vivem cerca de 910 índios dentro destas áreas delimitadas o que não representa nem a quinta parte da população indígena do sul do Amazonas. Nesta imensa região somente uma reserva até agora foi demarcada, a dos Apurinã de Boca do Acre Km 45/Br. 317, com 17.517 ha. Esta demarcação está sendo até hoje contestada pelos índios, porque parte de seus castanhais, estradas e colocações de seringa, áreas de caça e pesca e até seus antigos cemitérios ficaram de fora da área demarcada pela Funai.

Até 1975 “os índios não existiam”

Até meados da década de 1970, época em que os grupos agropecuários começaram a adquirir mais da metade da área total do Estado, quase não se ouvia falar dos povos indígenas que viviam no Acre.

A existência destas populações era um assunto “proibido”, até nos jornais locais. Não havia espaço nem mesmo pelo exótico ou para reforçar os preconceitos do “branco-colo-nizador”.

As estatísticas oficiais também negavam que existissem índios no Estado. O que existiam eram “caboclos”, identidade étnica que não era mais a do índio nem ainda a do Branco, classificados indistintamente como mão-de-obra do extrativismo da borracha.

A ausência de tutela por parte dos órgãos oficiais de assistência, o SPI no passado e, posteriormente, a Funai, reforçava esta imagem de que já não mais existiam índios no Acre. Este assunto de índio era coisa do passado, que se precisava esconder. Por que lembrar que os índios do Acre foram violentamente exprioados de suas terras, massacrados pelas “correrias”, pelas balas dos rífe “papós amarelos” e por epidemias virólicas e transformados depois em força de trabalho superexploitada e escravizada pelos coronéis da borracha? O artifício encontrado pelas elites do extrativismo local sempre foi o de negar, mesmo simbolicamente, os que sobreviveram ao genocídio e etnocídio praticados pelos donos dos seringais da região. Melhor transformá-los num “ser ambíguo”, que sugere esta identidade de “caboclo”.

156
Somente depois dos anos do auge da especulação, da grilagem e da venda das terras e seringais da região, com a consequente quebra da hegemonia das elites tradicionais da borracha, que se passou a reconhecer a existência de contingente indígena no Estado.

Em 1975 um ofício do então governador do Acre, Geraldo Mesquita, encaminhado à presidência da Funai, admite a existência de várias comunidades indígenas, alertando para os conflitos de terra envolvendo índios e fazendeiros/seringalistas, e sugerindo ainda que o órgão tutor instalasse uma representação no Estado.

A instalação de uma Ajudância da Funai em Rio Branco e as delimitações das áreas indígenas no Estado provocaram muitas expectativas entre os índios da região, que passaram a conhecer e a tomar consciência de seus direitos, inclusive aqueles relacionados com a posse efetiva de suas terras, com os meios suficientes à sua sobrevivência.

A atuação de entidades de apoio, como o CPI-Acre e o Cimi-Opan-IECLB, tem contribuído no sentido de assegurar os representantes indígenas seja através da organização de Assembleias regionais, de discussão das disposições legais definidas pela Lei nº 6.001/73, conhecida como o Estatuto do Índio, bem como a divulgação de suas denúncias e reivindicações nos jornais locais, ou então incentivando projetos de educação bilingue ou de alfabetização em português e iniciativa à matemática, seja mesmo intermediando a implantação de projetos econômicos de cooperativismo em suas comunidades, no sentido de ocuparem produtivamente e por conta própria as suas áreas já delimitadas pela Funai no Estado.

Desde então tem havido um crescimento político muito grande por parte das lideranças indígenas do Acre, que hoje reivindicam efetivamente as primeiras demarcações das áreas indígenas no Estado e denunciam a falta de empenho, a morosidade e a irresponsabilidade com que vem sendo tratada a regularização fundiária de suas terras pelos órgãos federais competentes: MEAF, Miniter e Funai. De 1975 em diante, os índios do Acre tornaram-se um assunto quase diário e obrigatório nos jornais e outros veículos de comunicação. Em 1983, por exemplo, os índios foram noticiados em quase 200 matérias nos jornais locais. É bem verdade que foram as próprias lideranças indígenas que souberam conquistar o seu devido espaço, como estão lutando desde então para reocupar suas terras, suas culturas e autodeterminação.

---

**Aconteceu na imprensa**

### GERAIS

**Documento das lideranças à FUNAI**

As lideranças indígenas do Acre escreveram um documento endereçado ao Cel. Paulo Moreira Leal, Presidente da Funai, e que contém uma análise sobre a situação do índio no Acre e as suas principais reivindicações:

“Devido à situação crítica em que se encontra a Ajudância da Funai (Aja-cre), negues últimos anos, nós, lideranças indígenas do Acre, queremos expor ao sr. Presidente da Funai, o que sentimos e necessitamos para que a Aja-cre cumpra realmente os seu objetivos”, afirma o documento.

A Ajudância do Acre, tem sob sua jurisdição aproximadamente 9 mil índios, espalhados pelas cabeceiras dos afluentes dos rios Purus e Jurujá. No entanto, a Aja-cre vem atendendo de maneira precária a 5.400 índios. Remanetam 4.000 índios em total abandono pela Funai.

“Sabemos que existem Ajudâncias e Delegacias da Funai que atendem a populações indígenas bem menores e que têm recursos e infra-estrutura muito mais maiores do que a Aja-cre, inclusive com apoio de aeronaves em lugares de acesso muito mais fácil que as áreas indígenas do Acre”, dizem os índios. “Queremos que nossas sugestões sejam levadas a sério pelos atuais responsáveis pela administração da Funai. E elas são as seguintes: 1) queremos transformar a Ajudância do Acre numa Ajudância autônoma, totalmente independente da 8ª DR de Porto Velho, administrada pelo funcionário da Funai, sr. Benamour Branco Fontes. O sr. Benamour foi retirado da Ajudância da Funai, pelos índios e pelas lideranças da região, porque ele veio para o Acre, não para se sacrificar, mas para ganhar dinheiro fácil às custas dos índios. Nós queremos a pernâncnia do Sr. Osvaldo Cid (que tem as suas atitudes prejudicadas pelo senhor Benamour), pois em primeiro lugar, fomos nós, lideranças indígenas do Acre, que o escolhemos para isso. E o mais importante é que ele é um indigenista que realmente luta pelos nossos direitos e interesses. Por ser um médico competente, ele pode muito nos ajudar a resolver as pésimas condições de saúde existentes nas áreas indígenas. Queremos a retirada dos maus funcionários da Funai de dentro da Aja-cre, pessoas irresponsáveis e comprometidas com o Sr. Benamour, que é o nosso maior inimigo. Não estamos pedindo ao sr. Presidente da Funai, a contratação de muito pessoal da Funai aqui para o Acre, e sim o simples desligamento da Aja-cre da 8ª DR, não tendo com isso a Funai que arcar com mais despesas. 2º) em segundo lugar, sr. Presidente da Funai, necessitamos da permanência de uma aeronave da Funai no Acre, pelo menos por 10 dias de cada mês. As áreas indígenas do Acre são de difícil acesso. A maioria delas só é alcançada por avião. Por esse motivo a Aja-cre tem gasto a maior parte de seus recursos em frente de aeronaves. Se a Funai colocasse a disposição da Aja-cre, pelo menos 10 dias por mês, uma aeronave, o dinheiro economizado pela Aja-cre poderia ser usado em outras necessidades prioritárias de nossas comunidades indígenas. Um avião da Funai na área, resolveria os seguintes problemas:

- atendimento de emergência de saúde (vacinação, médico, remédios, etc.);
- deslocamento de índios com alta de saúde, de volta para suas aldeias;
- dar apoio aos projetos comunitários nas áreas indígenas — deslocamentos de
fucionários responsáveis para as áreas indígenas. 

3º) como terceiro assunto, e mais impor-tante, reivindicamo as primeiras demarcações das áreas indígenas do Acre. 

Como já é de seu conhecimento, Sr. Presidente da Funai, não foi ainda demarcada nenhuma das 22 áreas indígenas, eleitas e delimitadas pela Funai, que estão sob a jurisdição da Ajacree. 

Voltamos novamente a insistir que é de fundamental importância a demarcação das áreas indígenas do Acre, para que possamos viver em paz nas nossas terras, pois a não demarcação de nossas áreas, provoca constantes e sérios conflitos de índios com pessoas interessadas nelas. Esses conflitos prejudicam todo o trabalho de desenvolvimento comunitário que vem sendo feito em nossas áreas”. 

Continuando com o documento, as lideranças indígenas citam algumas áreas nas quais foram criados conflitos pela posse da terra, ainda não resolvidos: “Na área indígena Aparinã Km 45 da BR-317, a questão da saída dos colonos ainda não foi resolvida. A situação se encontra calma até o momento, devido a confiança dos índios e dos colonos, de que a Funai vai realmente indenizar as benfeitorias pertencentes a esses últimos. Mas estamos na época do início das derrubadas e os colonos na situação em que se encontram vão tentar iniciá-las. A comunidade Aparinã do 45 não permitirá que isso aconteça. Estamos prevendo mais um conflito sério entre os índios e os colonos do sertão Aripuanã. Sr. Presidente da funai, é mais do que o hora de resolver de vez essa situação, indenizando os colonos, evitando conflitos e dando maior tranquilidade a todos os Aparinã do quilômetro 45. 

Recentemente houve a morte do sr. Contreira, ex-gerente do Seringal Belo Monte, localizado dentro da área indígena dos Kaxinawá do Parauçu. Existem ainda um alambique de cachaça bem próximo a essa aldeia Kaxinawá. É urgente a demarcação desta área indígena. As demarcações das áreas Kaxinawá dos rios Jordão e Humaitá, do Município de Tanaucá, são prioritárias, pois os índios retiraram por conta própria todos os pretenso proprietários, falsos arrendatários, gerentes e serringueiros caixas. A Funai assinou a pouco tempo um convênio com a Universidade Federal do Acre para a demarcação das primeiras áreas indígenas do Acre. Só queremos e desejamos que o assunto das demarcações de nossas áreas não fique apenas no papel e que, de fato, a Funai e a Universidade de Acre realmente demarquem as nossas terras” Para finalizar o documento, os índios ainda fazem referências à falta de medicamentos nas áreas indígenas, e a consequente necessidade de se deslocarem para a capital. Falam também sobre a atuação das Missões Novas Tribos do Brasil que mantêm missí-nários em algumas áreas, os quais desrespeitam a sua cultura. 

Concluindo, os índios afirmam ao Pre-sidente da Funai que “dão todo apoio ao dr. Osvaldo Cid, na chefia da Ajaacre”, que, segundo eles, “não é um problema difícil de ser resolvido”. Terminam afirmando “queremos a permanência do Dr. Osvaldo Cid, na chefia de uma Ajudância autônoma, e que ele possa dispensar todos os maus funca-nários existentes dentro da Ajaacre”. 

(O Rio Branco, 13/03/83).

Indios reivindicam a criação de órgão de apoio 

Várias lideranças indígenas do Acre estiveram ontem reunidas com o governador Nabor Junior para informá-lo das reivindicações referentes à demarcação de suas terras e dos problemas nas áreas indígenas. Apresentaram ao governador um documento lembrando o compromisso contido no programa partidário do novo governo, de apoio às causas indígenas e reivindicaram a for-mação de uma Coordenação de Assuntos Indígenas ligada à Fundação Cultural. Uma das primeiras tarefas dessa Coordenação seria a participa-ção no grupo de trabalho para demarcação das terras, conforme o decreto presidencial que estabelece que os go-vernos estaduais, através de seus órgãos, participarão juntamente com o MINTER, Ministério de Assuntos Fundiários e FUNAI; do processo de demarcação das terras. Outra ajuda seria na captação de recursos junto às entidades nacionais e internacionais para incentivar projetos comunitários. A Coordenação também organizaria cursos para monitores indígenas nas áreas de saúde e educação. 

(O Rio Branco, 24/03/83).

“Roupa suja” na FUNAI 

Depois de muitos protestos e perseguições, os índios do Acre conseguiram afastar da AJACRE Benamour Fontes, considerado por eles como um verda-deiro inimigo. Mas Benamour “caiu para cima” e foi transferido justamente para Rondônia ocupando um posto ao qual a AJACRE é subordinada. O re-sultado disso foi que o novo chefe da FUNAI no Acre, Osvaldo Cid, foi demitido. Os índios foram à Brasília e conseguiram manter Osvaldo no posto, conseguindo também na FUNAI pres-msas de melhor assistência. Mas Benamour não trabalha sozinho: vários funcionários da AJACRE são aponta-dos pelos índios como aliados de Benamour. Os funcionários acusados, Francisco Edinardo, Raimundo Leão, Bal-tazar, Paulo Cordeiro e Moraís, esti-veram numa reunião com o chefe da Ajudância e três líderes, onde a “roupa suja foi lavada”. Os índios pediram o afastamento destes funcionários e terão uma resposta da FUNAI na próxima quarta-feira. 

(O Rio Branco, 24/03/83).

Convênio para demarcação das terras no Acre 

A Fundação Universidade Federal do Acre celebrou convênio com a FUNAI para prestação de cooperação técnica visando a demarcação e regularização fundiária das terras indígenas do Es-tado do Acre e sudoeste do Estado do Amazonas. 

(O Rio Branco, 10/05/83).

Novo delegado da FUNAI em Porto Velho 

O ex-chefe da Ajudância da FUNAI em Altamira (PA), Salomão Santos, é o novo Delegado para os Estados de Rondônia, Acre e parte de Mato Gros-so. Ele assume suas funções em Porto Velho amanhã, substituindo o ex-dele-gado Benamour Brando Fontes. 

(Popular da Tarde, 05/06/83).

Indios ocupam FUNAI para médico ficar 

O delegado da 8º DR/FUNAI, Salomão Santos, pediu ontem ajuda da PF para evacuar a sede da AJACRE há dois dias ocupada por 20 índios que insistem na permanência do médico
Osvaldo Cid Nunes na chefia do posto. A ação policial foi desnecessária porque o líder do grupo, o Jaminauá Zé Correia, reconheceu que a invasão não estava dando resultados: “ficar conversando não dá, não somos deputados”. Em seguida retirou-se com representantes das tribos Katuquina, Machineri, Apurimã e Caxarari. Convidado pelo presidente da FUNAI para assumir a ajudância, o sertanista José Meireles não aceitou, alegando que “meu trabalho rende mais lá no mato”. (JB, 08/06/83).

**Indios procuram apoio em Rio Branco**

Representantes Kaxinawa e Poianaã estão em Rio Branco, procurando apoio para os projetos de desenvolvimento nas suas áreas, visando incrementar a produção de borracha. Entraram em contato com o diretor do BANACRE e com a governadora Iolanda Fleming, para obter apoio na construção de uma pista de pouso; na FUNAI, os Kaxinawa conseguiram uma motosserra emprestada. Os índios Poianaã procuraram a AJACRE para denunciar a invasão de suas terras. Entre os invasores, Manoel Batista Lopes está procurando direitos sobre a área. O chefe da Ajudância entrou em contato com o Juiz de Curuzu do Sul, dando-lhe ciência da área demarcada para os Poianaã. Os representantes indígenas também levarão em sua viagem de volta a “Cartilha do Seringueiro” e a cartilha de matemática “Poronga”. (O Rio Branco, 08/12/83).

**Cachaça mata índio**

Um índio Kaxinawa do seringal Nova Olinda, rio Envirra, morreu durante uma festa onde foi consumida grande quantidade de cachaça fornecida pelo marreiro conhecido como Simohzinho. Os índios retiravam madeira para o marreiro que pagava com cachaça e açúcar. O chefe da Ajudância da FUNAI prometeu processar Simohzinho, que infringiu o art. 58 do Estatuto do Índio. (O Rio Branco, 22/05/83).

**Indios pedem demarcação**

O líder Kaxinawa José Reinaldo Pereira encontra-se em Rio Branco para exigir que a FUNAI demarque sua área indígena no Igarapé Cauchó/Seringal Tamandaré, próximo a cidade de Tauraucá. Recentemente os índios foram impedidos de cortar seringa pelo seringalista Pedro Leonel e Francisca Sombra, o pre tenso dono e o arrendatário daquela reserva, com apoio da polícia local. O líder também solicitou a FUNAI um projeto de desenvolvimento comunitário para que os índios possam cortar seringa por conta própria. José Reinaldo foi mal recebido pelo chefe substituto da AJACRE, Francisco Edinaldo, que não atendeu as reivindicações dos Kaxinawa. (O Rio Branco, 06/07/83).

**Indios ameaçam colonos em Feijó**

Os índios Kulina (na verdade Kaxiawá/Katuquina NR.), do município de Feijó, no Acre, estão ameaçando matar todos os colonos que residem em sua área no seringal Liege, caso insistam em manter suas plantações na região. A ameaça feita pelos índios foi comunicada ontem ao governador Nabor Junior pelo prefeito do município. Nabor comunicou o fato imediatamente ao novo presidente da FUNAI, Otávio Ferreira Lima, pedindo uma solução urgente para a demarcação desta e das demais áreas indígenas do estado, pois novos conflitos poderão ocorrer. O governador informou que já havia encaixado anteriormente à Funai o pedido de demarcação das áreas do Seringal Liege. A Funai se comprometeu em regularizar as terras indígenas através de convênio que assinou com a Universidade Federal do Acre, mas nada foi feito. (Jornal de Brasília, 7/7/83).

**Reação ao roubo de madeira**

Os kulina da aldeia Maronuã, no rio Purus, Estado do Acre, resolveram se unir com seus irmãos da aldeia Santo Amaro e pôr um fim à exploração da madeira em seu território. Essa exploração vinha sendo feita pelos marreiros Waldemar Moura e Jorge Clementino. Os tucáus dos kulina, cansados de receber sal e chita em troca de suas riquezas, resolveram cobrar o preço justo pela madeira. No dia 3 de abril, fugiram os dois marreiros que só poderiam tirar a madeira próximo do igarapé Nazaré e de Tauerá, com autorização e pelo preço correto. Apesar do aviso, os dois marreiros continuaram tirando a madeira. Mas, quando vinham descendo o rio Purus e passaram por Santo Amaro, na boca do rio Chandle, tiveram sua passagem impedida pelos kulina, que apreenderam uma parte da madeira. A reação inesperada dos indígenas causou enorme surpresa aos marreiros. (Porantim, jun./jul. 83).
CIMI denuncia assassinato

O CIMI informou ontem que um indígena Kulinha, de nome Harawahi ou Inácio, que tem 45 anos de idade, foi assassinado no Igarapé Canomã, município de Tefé, no dia 19 de maio, provavelmente por um homem chamado José Pontes Filho, mais conhecido por Zézinho. Segundo os dados que o CIMI recebeu de Tefé, o suposto assassino deixou a esposa para morar com uma índia Kulina de 15 anos de idade, o que causou grande revolta na aldeia, criando animosidade entre Zézinho e os índios. Para desviar a atenção do caso, Inácio, o índio, teria sido morto por Zézinho, que está descendo de Tefé para Manaus.

Até agora não existe uma versão oficial sobre o caso, e a FUNAI desconhece até ontem de manhã, mas a polícia de Tefé já começou as investigações sobre o assassinato. A FUNAI, anunciou que investigará a denúncia. (A Crítica, 17/06/83).

Seringalista quer retomar área do Barão

Uma ação de reintegração de posse está sendo movida em Cruzeiro do Sul, pelo seringalista Manoel Batista Lopes, contra os índios Poiana. Além de pouco usual, esse tipo de ação não conta com qualquer respaldo legal, pois segundo o artigo 198 da Constituição, as terras indígenas não podem ser objeto de compra, venda ou até mesmo de posse. A primeira audiência do processo, convocada no dia 14 de novembro, para ser realizada no dia 30, possivelmente não aconteceu, pois a Funai só foi informada de sua realização no próprio dia 30.

Enquanto o Chefe da Ajudância em Rio Branco, Dimas Valentim, afirma que está providenciando a presença de um advogado do órgão, quando da convocação da nova audiência, o antropólogo Teri Aquino, presidente da CPI, diz que quem deveria estar movendo qualquer processo são os índios, pois que suas terras foram delimitadas pela Funai em 1978. Manoel Lopes adquiriu 400 hectares do Seringal Barão, de um dos hereiros de Mâncio Lima, sendo que o fato se deu há um ou dois anos, portanto muito tempo depois do órgão de proteção aos índios haver completado o levantamento da área.

Semana passada dois índios Poiana estiveram em Rio Branco denunciando as investidas do seringalista contra suas terras e mostrando-se dispostos a defendê-las a qualquer custo, já que a área é rica em seringa, e a borracha está sendo explorada em benefício de toda a comunidade indígena que nela reside. (Folha do Acre, 15/12/83).

Líderes exigem demarcação

Fato inédito na história Apurinã, segundo seus líderes, foi a reunião realizada no município de Pauini igarapé Peneri, no dia 28/02 com 42 líderes
discutindo seus problemas. O relatório do encontro foi enviado ao CIMI, dando ênfase à urgência da demarcação das terras e à união de todos para consegui-la. (A Crítica, 16/04/83).

Apurinã ameaçam Fazenda Chaparral

Na terça-feira, os Apurinã resolveram fechar o cerco contra a família Bertoldo, na Fazenda Chaparral, km 45 da BR-317. A ameaça foi transmitida pelo índio Severino. Antônio Bertoldo comunicou ao INCRA essa adverdência e, apresentando documentos da fazenda, pediu providências ao Coordenador Djalma Dias de Santos. Em junho, o então superintendente da FUNAI, Paulo Leal afirmou que a fazenda não é a propriedade indígena. No mês passado outro assessor da FUNAI convocou os irmãos Bertoldo e os índios a Rio Branco, reafirmando a legitimidade da posse da família Bertoldo.

A denúncia dos Bertoldo encontrou respaldo no INCRA que expediu um documento de revalidação da terra em questão, com respaldo num telex da FUNAI, que reitera a legalidade do terreno, credenciando os colonos a uma certidão negativa que será expedida pela FUNAI em Rio Branco. Segundo foi anunciado à reportagem de ORB, Ronaldo Lima estaria promovendo reuniões com os índios, e os fazendeiros da região pressupõem que a invasão seja uma consequência destes encontros que "muito se assemelham com uma conotação político-religiosa, em face das ligações de Ronaldo com a Igreja e com o PT". (O Rio Branco, 26/09/83).

CPI/Acre esclarece invasão

O antropólogo Terri Vale de Aquino e o indigenista Antônio Macedo, da CPI/Acre, se pronunciaram em Cruzeiro do Sul, sobre a matéria publicada no O RIO BRANCO (26/9/83) — “Apurinãs são induzidos em Boca do Acre a invadirem uma fazenda". Terri disse que o conflito entre os índios apurinãs e os colonos paranaenses, liderados pela família Bertoldo, vem arrastando-se desde 1975, quando o grileiro conhecido por "Cabeça Branca", gritou partes da área indígena apurinã e as invadiam posteriormente àqueles colonos, que ainda estavam vivendo no Paraná. Segundo Terri Aquino, estes colonos compraram a terra enganados pelo grileiro. Posteriormente a Funai, em 1977, só reconheceu e demarcou apenas uma faixa de terra localizada do outro lado da estrada, em frente aos lotes dos colonos. Desde então os índios "do 45" vêm contestando a má demarcação de sua terra, uma vez que as estradas de seringa, áreas de caça e pesca das margens do Acre, no Seringal Apurinã,Ficaram fora dos limites demarcados pela Funai no Acre.

O antropólogo assegurou, se há realmente grande população de parte de alguém, os responsáveis são a Funai e o INCRA, que não estão cumprindo parte do acordo. Ele afirmou ainda que a acusação contra o ex-funcionário da Funai, Ronaldo Lima, é bastante tendenciosa: Terri disse que Ronaldo Lima não é do Conselho Indigenista Missionário, e um fundador do Centro de Trabalhadores Acreanos (CTA), juntamente com a antropóloga Mari Zanon. (Finalizado, o antropólogo assegurou que a CPI apóia a luta dos apurinãs pela ocupação de suas estradas de seringa, áreas de caça e pesca e comitês indígenas, considerados sagrados, que estão nas margens do Acre, abrangendo parte dos lotes dos colonos. Entretanto, terri se posiciona contra esse confronto por envolver duas classes oprimidas da Amazônia. E sentença: "A única solução para o fim deste conflito, é a Funai assumir de vez o prometido, isto é, indenizar justamente as benfeitorias dos colonos e locais em novos lotes de terras nos projetos de assentamento fundiário do INCRA, não muito longe das margens da BR-317". (O Rio Branco, 07/10/83).

PM despeja índio do Km 45

O lider José Miranda, da comunidade Apurinã do km 45, declarou ontem que a permanência de posseiros na área pertencente ao índios "é um dos motivos dos conflitos". Mas, acrescentou, que os posseiros estão dispostos a se retirarem da área, desde que a Funai indenize suas benfeitorias (dos posseiros) uma vez que estes reconheçam o direito de posse dos índios, ou que o INCRA transfira-os para outra área de colonização.

Adiantou ainda, que das 23 famílias de colonos paranaenses ali instalados inicialmente pelo grileiro João Sorbille (que vendeu aos posseiros as terras dos Apurinãs), apenas 12 famílias permanecem no local. Estas, dizem, estão aguardando a solução do problema esperam que a Funai os indenize ou que o INCRA os assente em um dos seus projetos de colonização, uma vez que eles não têm recursos para adquirirem por conta própria novos lotes de terra. Enfatizou José Miranda, que, as famílias de posseiros paranaenses ao se retirarem da área indígena, vendem suas posses para comerciantes e fazendeiros de Boca do Acre, que passaram a utilizar a área comprada para a engorda de gado. Disse que teriam sido esses novos pretensos proprietários de lotes do seringal Apurinã que solicitaram a intervenção da Polícia Militar do Estado do Amazonas, vindo intimidar os Apurinãs, e os obrigando a aceitarem a demarcação da área feita anteriormente pela Funai, onde ficaram excluídos mais de 8 mil hectares de terras pertencentes à comunidade Apurinã do km 45, desde tempos imemoriais. Finalizou José Miranda dizendo que somente este ano mais de 15 colocações para extração de seringas e castanhas foram abertas pelos Apurinãs dentro da área em litígio. E que o ex-presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal deu ganho de causa à comunidade Apurinã tendo inclusive realizado nova delimitação da área excluída e assinado portaria a respeito. (Folha do Acre, 06/10/83).

Tensão aumenta no Km 45

O líder José Miranda, da comunidade Apurinã do km 45, declarou ontem que a permanência de posseiros na área pertencente ao índios "é um dos motivos dos conflitos". Mas, acrescentou, que os posseiros estão dispostos a se retirarem da área, desde que a Funai indenize suas benfeitorias (dos posseiros) uma vez que estes reconheçam o direito de posse dos índios, ou que o INCRA transfira-os para outra área de colonização.

Adiantou ainda, que das 23 famílias de colonos paranaenses ali instalados inicialmente pelo grileiro João Sorbille (que vendeu aos posseiros as terras dos Apurinãs), apenas 12 famílias permanecem no local. Estas, dizem, estão aguardando a solução do problema esperam que a Funai os indenize ou que o INCRA os assente em um dos seus projetos de colonização, uma vez que eles não têm recursos para adquirirem por conta própria novos lotes de terra. Enfatizou José Miranda, que, as famílias de posseiros paranaenses ao se retirarem da área indígena, vendem suas posses para comerciantes e fazendeiros de Boca do Acre, que passaram a utilizar a área comprada para a engorda de gado. Disse que teriam sido esses novos pretensos proprietários de lotes do seringal Apurinã que solicitaram a intervenção da Polícia Militar do Estado do Amazonas, vindo intimidar os Apurinãs, e os obrigando a aceitarem a demarcação da área feita anteriormente pela Funai, onde ficaram excluídos mais de 8 mil hectares de terras pertencentes à comunidade Apurinã do km 45, desde tempos imemoriais. Finalizou José Miranda dizendo que somente este ano mais de 15 colocações para extração de seringas e castanhas foram abertas pelos Apurinãs dentro da área em litígio. E que o ex-presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal deu ganho de causa à comunidade Apurinã tendo inclusive realizado nova delimitação da área excluída e assinado portaria a respeito. (Folha do Acre, 06/10/83).

PM despeja índio do Km 45

Um pelotão de 10 soldados da PM do Amazonas obstruiu o varadouro que se iniciava na estrada e dava acesso à margem do rio Acre, retirou da área do km 45 e expulso Manoel, sua mulher, filhos e ateou fogo numa palhoca deste indígena que foi construída por ele, às proximidades da residência da família Bertoldo.

Após receber a ordem de despejo que lhe foi transmitida pessoalmente pelo delegado José Heronides, da Comandante, a indígena Manoel tentou pálida reação ao afirmar a sua disposição de não deixar a área, mas, o delegado não tolerou as justificativas, determinando a desocupação do barraco e a transferência imediata para outro lado da estrada, onde fica situada a área indígena. Enquanto Manoel insistia explicando que há mais de três anos cortava seringa e plantava várias culturas na região, os soldados começaram a operação retirada dos objetivos.

Com o remanejamento dessa família para a área indígena, foi derramada gasolina em volta da casa, incendiada a
seguir. Alguns trabalhadores que em-
pregam as suas atividades na área da
família Bertoldo, equipados de motos-
serras, começaram a derrubar paus e
árvores no varadouro, entulhando a
passagem numa extensão de 12 quilô-
metros.
O destaque de voir a PM permanecer
algum tempo à disposição do delegado
de Boca do Acre. Todos os dias os sol-
dados são transportados numa viatura
municipal até o km 45, guarnecendo a
área com objetivo de garantir e manter
a ordem, resguardar a integridade fí-
sica da família Bertoldo, assegurando a
decisão da Funai de Brasília (que já
determinou não ter recursos financeiros
para indenizar os colonos do km 45)
evitando um conflito entre os brancos
e os índios. (O Rio Branco, 09/10/83).

**INCRA defende fazendas no Km 45**

Durante uma reunião promovida pelo
INCRA para discutir com represen-
tantes da AJACRE e o prefeito de Rio
Branco, uma fórmula capaz de “esfriar
os ânimos na luta dos Apurinã contra a
família Bertoldo”, os representantes do
INCRA criticaram a FUNAI pela falta
de providências contra a invasão dos
Apurinã no km 45. O agente da FU-
NAI, Sebastião Figueiredo comunicou
que não conseguiu convencer os Apu-
rinã que já programaram a abertura de
colocações na área. Os Apurinã reivin-
dicam a área ocupada pelo fazendeiro
Dito, do km 47 e pela fazenda Centro
Grande, situada no Camicuã, de pro-
priedade de Mário Diogo de Melo.
A fazenda está cercada de placas colo-
cadas pelos índios indicando a futura
invasão. No Camicuã 20 mil ha estão
reservados na área indígena, faltando
proceder a demarcação mas os Apurinã
esperam que a reserva seja ampliada.
O chefe da AJACRE já comunicou aos
índios a posição da presidência da
FUNAI, afirmando que o órgão não
tem verbas para indenizar os posseiros
e nem vai ampliar a área indígena. Os
índios já garantiram que não vão acatar
essa recomendação.
Entre as alternativas discutidas durante
a reunião, ficou decidido que seria
expedido um ofício ao Comando do
4º BEF, em Rio Branco. Esse apelo à
Unidade Militar tem como respaldo a
responsabilidade da BR-317 que está
atribuída ao 7º BEC. (O Rio Branco,
29/09/83).

**NUKINI**

**Fazendeiro mata índio a terçado**

Durante as festas de São Francisco, no
seringal Monte Alegre, alto rio Moã,
Pelé Davi, filho do fazendeiro José Davi
de Souza, e Raimundo Alves de Souza,
residentes na fazenda União, assassi-
naram barbaramente com golpes de
terçado o índio Pedro Batista Panaiva,
ameaçando também a esposa da vítima.
Os 200 índios Nukini que moram no
seringal República no alto rio Moã não
fem qualquer assistência da FUNAI.
Trabalham na agricultura e são peões
nas fazendas e seringais da região.
Após a visita de representantes do
CPI/Acre e Coordenadoria de Assuntos
Indígenas da Fundação Cultural, os
Nukini elegeram dois representantes
que irão a Rio Branco reivindicar seus
direitos. (Folha do Acre, 09/10/83).
RONDÔNIA E OESTE DO MATO GROSSO
### Quadro Geral dos Povos Indígenas da área Rondônia

<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>nº/ mapa</th>
<th>nº aldeias</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>CINTA-LARGA</td>
<td>1</td>
<td>1 PIA e 4 PIS</td>
<td>500 a 1.000 (T) (Junqueira:83)</td>
<td>Aripuanã</td>
<td>Demarcada Dec. de Criação do Parque Indígena do Aripuanã, nº 64.680 de 23.07.69. Limites descritos no Dec. nº 62.995 de 16.07.68, que interditava a área. Alterado pelo Dec. nº 73.563 de 24.01.74 (1) na área do PI Rio Preto, apenas interditada Port. nº 562/N de 14.03.79.</td>
<td>1.660.000 (aprox.)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>10 malocaes</td>
<td>? (Bussiato:83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td>545.000 (aprox.)</td>
</tr>
<tr>
<td>SURUI</td>
<td>3</td>
<td>2 PIS</td>
<td>340 (Mindlin:82)</td>
<td>Aripuanã, Pi - menta Bueno e Cacuá</td>
<td>AI Sete de Setembro, demarcada Dec. nº 77.033 de 15.01.76 e Dec. nº 78.109 de 22.06.76. Port. nº 1561/E de 29.09.83 declarou a área de posse indígena. Fez parte do Parque Indígena do Aripuanã (ver nota 1).</td>
<td>220.000 (aprox.)</td>
</tr>
<tr>
<td>ZORO</td>
<td>4</td>
<td>1</td>
<td>175 (Gambini:83)</td>
<td>Aripuanã</td>
<td>Área interditada Dec. nº 81.587 de 19.04.78.</td>
<td>431.700</td>
</tr>
<tr>
<td>GAVIÃO (Digut)</td>
<td>5</td>
<td>16</td>
<td>220 (Leonel Jr.:83)</td>
<td>Ji-Paraná</td>
<td>AI Ig.Lourdes, demarcada Dec. de homologação nº 88.609 de 09.08.83.</td>
<td>185.533</td>
</tr>
<tr>
<td>ARARA</td>
<td>5</td>
<td>1</td>
<td>92 (Mindlin:83)</td>
<td>Ji-Paraná</td>
<td>idem acima (ver Gavião)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KARITITANA</td>
<td>6</td>
<td>1</td>
<td>109</td>
<td>Porto Velho</td>
<td>Demarcada,memorial descritivo Funai/14.01.80; Proc. Homologação Funai 1882/83</td>
<td>89.698</td>
</tr>
<tr>
<td>KARIPURA/KARITITANA</td>
<td>7</td>
<td>1</td>
<td>22 (2) (Mindlin/Leonel:83)</td>
<td>Porto Velho</td>
<td>Delimitada, memorial descritivo Funai/13.12.79</td>
<td>202.000</td>
</tr>
<tr>
<td>KAVARAR</td>
<td>8</td>
<td>3</td>
<td>110</td>
<td>Porto Velho, Lábrea</td>
<td>Delimitada, Port. nº 541/N de 22.12.78</td>
<td>85.000</td>
</tr>
<tr>
<td>UDU-UWA-UWA</td>
<td>9</td>
<td>4 PIA</td>
<td>50</td>
<td>Guajarã-Mirim</td>
<td>Delimitada, Port. nº 508/N de 26.06.78</td>
<td>879.800</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>10</td>
<td>arredios</td>
<td></td>
<td></td>
<td>Define área de ocupação</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>AIKANÉ/ LAMUDÉ</td>
<td>13</td>
<td>5</td>
<td>95 (Lima:83)</td>
<td>Vilhena</td>
<td>AI Tubarão/Lamuté, delimitada Port. nº 1.420/E de 17.09.82</td>
<td>118.000</td>
</tr>
<tr>
<td>Povo</td>
<td>nº de mapas</td>
<td>nº de aldeias</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>----------------------------------</td>
<td>-------------</td>
<td>---------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>----------------</td>
<td>-----------------------------------------------</td>
<td>-----------</td>
</tr>
<tr>
<td>Pakaa Nova (Coro-Uari)</td>
<td>14</td>
<td>7</td>
<td>1.147 (T)</td>
<td>Guajará-Mirim</td>
<td>AI Pakaa Nova, demarcada Dec. nº (?); Processo de homologação Pnai 1876/83</td>
<td>279.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Rio Negro-Ocaia, demarcação homologada Dec. nº 86.347 de 09.09.81; Port. nº 1.107/E de 17.09.81 declara a área de posse permanente dos índios.</td>
<td>104.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>16</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Ig. Ribeirão, demarcada Dec. nº 86.347 de 09.09.81; Port. nº 1.109 de 17.09.81 declara a área de posse permanente dos índios.</td>
<td>50.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>17</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Lagas, demarcada Dec. nº 86.347 de 09.09.81; Port. nº 1.108/E de 17.09.81 declara a área de posse permanente dos índios.</td>
<td>110.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>18</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>AI Sagarana, não demarcada</td>
<td>10.000</td>
</tr>
<tr>
<td>Mequem</td>
<td>19</td>
<td>?</td>
<td>50</td>
<td>?</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Urubu</td>
<td>20</td>
<td>dispersos</td>
<td>?</td>
<td>?</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Migueleno (Cuquibí)</td>
<td>21</td>
<td>arredios</td>
<td>50</td>
<td>?</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Índios da Serra do Texuvaral</td>
<td>22</td>
<td>arredios</td>
<td>50</td>
<td>?</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) Os dados sobre população foram levantados entre 82 e 84 pelas pessoas que compõe a Equipe de Avaliação do Polonoreste Fipe/USP (com exceção dos dados de Bussatto para uma parte dos Cinta-Larga): Abel Barros Lima, Betty Mindlin (coordenadora), Carmen Junqueira, Edgard de Assis Carvalho, Lucila Helena Rangel, Mauro de Mello Leonel Jr., Rinaldo Sérgio Arruda Vieira e Roberto Gambini, com a colaboração (para Kaxarari) de Teri Vale Aguino.

(1) As áreas Cinta-Larga e Suruí fazem parte do Parque Indígena do Aripuanã, mas não são áreas contínuas. A área total, aproximada, do Parque é de 1.880.246 ha.

(2) desse total, 8 são Karipuna e 14 Karitiana.
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA POLONOROESTE

Apesar das cláusulas contratuais, apenas o território Nambiquara foi parcialmente demarcado. Os recursos são poucos e os maiores gastos foram para construções e administração da Funai.

Betty Mindlin*


Desde outubro de 82, uma equipe de avaliação composta por oito antropólogos prestas serviços à FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP) e acompanha a situação das áreas indígenas afetadas pelo programa. Tendo visitado 80% das áreas, até fevereiro de 84, e elaborado vários relatórios de caráter indicativo (isto é, como pareceres técnicos), o balanço das medidas efetivas em favor dos povos indígenas da região é pouco favorável.

Apenas as áreas Nambyquala, ainda assim parcialmente, foram demarcadas. De outubro de 83 em diante, os fatos são cada vez mais graves, não tendo havido qualquer ação — para citar apenas exemplos — para sustar a hidrelétrica e retirar garimpo e garimpeiros do Aripuanã, para a saída dos invasores no Lourdes, para garantir o território Uru-eu-wau-wau ou demarcar as terras de grupos de contato tão recente como Salumã e Zoró.

Os Pakua-Nova continuam em péssima situação de saúde, assolados pela malária e tuberculose; e sua vida tribal é mutilada pela presença de missionários das Novas Tribos. De pouco servirá o Programa Polonoroeste se não atacar de imediato e com firmeza esses pontos fundamentais.

(*) Antropóloga, coordenadora da equipe de avaliação do Polonoroeste FIPE/USP, autora do filme de documentário “Os Saruí da Rondônia”, defendida recentemente na PUC-SP.

O problema mais urgente: as demarcações

Para a sobrevivência indígena, o fator mais importante é que o território esteja demarcado e efetivamente preservado com a maior rapidez. O grande feito, e talvez o único, do Programa Polonoroeste até agora, neste campo, foi a demarcação do território Nambiquara, ainda não terminada. Tal fato é de extrema importância, considerando que as pressões contrárias aos índios, em Mato Grosso e Rondônia, são enormes. Parliamentares e membros do Governo do Estado de Mato Grosso, por exemplo, têm interesses em terras indígenas invadidas. (É o caso dos Bakairi, ou, segundo informações da FUNAI e do INCRA, de uma companhia de mineração que invadiu a área interditada para os Cinta-Larga no Parque Indígena do Aripuanã). Mais que isso, a situação econômica de Mato Grosso e Rondônia é de desenvolvimento empresarial, com forte imigração, com muitos projetos de colonização. Estava planejado, por exemplo, um projeto de colonização, ora suspenso, de 5.000 famílias, no Vale Guaporé, muito perto da área Nambiquara do Vale do Guaporé. Outros exemplos são 3 projetos de colonização a serem implantados nos próximos 2 ou 3 anos, previstos para um total de 5 mil famílias de colonos entre a área dos Uru-eu-wau-wau e a do P.I. Rio Branco, na região também conhecida como Vale do Guaporé, em Rondônia.

A demarcação do território Nambiquara, assim, representa uma grande vitória, muito embora a definição legal atual represente um corte grande na área tradicional.

Não se deve esquecer, no entanto, que a portaria que garante o território Nambiquara ainda não foi transformada em lei, e que as fazendas invasoras ainda não foram efetivamente retiradas e indenizadas, podendo voltar a exercer alguma pressão contrária aos índios.
No dia 23 de fevereiro de 84, os fazendeiros Antonio, Luiz e Missako Morimoto impetraram mandado de segurança contra o presidente da República, os ministros do Interior e MEAF, para evitar que suas terras sejam confiscadas como áreas indígenas. Eles pedem que a segurança seja concedida para que os Ministros Andreza e D. Venturini não aprovem a proposta da FUNAI e o Presidente não homologue a demarcação, que consideram ilegal.

Além da demarcação Nambiquara, praticamente nenhuma outra área foi demarcada. Apenas foram demarcadas o P.I. Rio Branco e um trecho da área Pareci, mas deixando de fora a área do Uiaritii, de grande importância para os índios. As outras áreas que restam por demarcar são as seguintes:

1) demarcação do território Uru-eu-wau-wau, com as desapropriações necessárias, pois há pessoas com títulos definitivos na área;
2) demarcação do território Karipuna;
3) demarcação do território Zoró;
4) demarcação da área interditada Cinta-Larga;
5) demarcação da área Irantixe e nova definição dos limites da área;
6) demarcação da área Salumã;
7) demarcação da área Pareci, delimitação e demarcação das áreas do Formoso, Estivadinho e Capitão Marcos e inclusão do território Pareci da área ao norte do Pará-ledo 14;
8) demarcação do território Kaxarári;
9) redefinição da área Bakairi, para incluir uma faixa de terras reivindicadas pelos índios, tanto do P.I. Bakairi como no P.I. Santana;
10) definição e demarcação de terras para os índios Mequém;
11) reconstituição do grupo Urubu, com definição de território para a tribo;
12) terminar a demarcação Nambiquara.

Invasões

Há invasões em áreas demarcadas ou não. No Lourdes, área demarcada em 1976 para os Gavião e Arara (Kariri), calcula-se que 350 famílias de colonos instalaram-se no último ano, sem que houvesse qualquer medida de fiscalização, arrolamento ou retirada dos invasores por parte da FUNAI. A situação está se tornando tão grave quanto o dos Suruí até 1981, quando 80 famílias de colonos invasores foram transferidas para outras terras. No Roosevelt, área já demarcada dos Cinta-Larga, há invasão por garimpeiros. A área interditada Cinta-Larga está invadida por uma companhia de mineração, que emprega 150 garimpeiros, havendo ameaça de ataque pelos índios. Na área demarcada de Serra Morena, dos Cinta-Larga, o governo do Estado de Mato Grosso está construindo uma hidroelétrica, sem que se saiba de qualquer estudo sobre as consequências ecológicas e o impacto sobre as comunidades.


Fiscalização de limites

Além de medidas firmes e recursos para retirar os invasores, é preciso fiscalizar permanentemente as terras indígenas e reavivar os limites das áreas já demarcadas. A fiscalização por meio de fotografias de satélites já seria possível, mas ainda não foi usada pela FUNAI. Os recursos para viões ou expedições de controle são praticamente inexistentes.

A defesa do território exige ainda que todas as portarias de demarcação sejam transformadas em lei (Nambiquara, Karitiana, P.I. Rio Branco em especial) e que para todas as áreas já demarcadas seja feito o registro no Serviço de Patrimônio da União.

Recursos e gastos

Os recursos inicialmente previstos para o período 1981-85 eram de 26,6 milhões de dólares, em parte da FUNAI (60%) em parte do Polonoroeste (40%). Segundo a FUNAI, até 1983/84, somente cerca de 4 bilhões de cruzeiros haviam sido gastos ao todo (C$ 287.100.000 em 1982; C$ 834.581.000,00 em 1982/83 e C$ 2.835.180.000,00 em 1983/84). Apesar do problema da conversão de cruzeiros em dólares, percebe-se que se trata de muito pouco em relação aos 5 milhões de dólares que deveriam ser gastos anualmente.

Seria perfeitamente viável, portanto, demarcar o território. O custo global de demarcação havia sido estimado em 1980 em 3,2 milhões de dólares (para quase 4 km de perímetro e área de 2,5 milhões de ha). Mesmo que o custo esteja subestimado, e na verdade seja o dobro, haveria recursos para defender o território e não se compreende por que nada foi feito. Se deixamos de lado o problema de terras, podemos dizer que os recursos do Programa Polonoroeste, mesmo muito inferiores aos previstos, tiveram um papel importante e em algumas áreas foram cruciais para compensar certos cortes no orçamento da FUNAI. Obras como enfermarias, escolas, cidades — sedes foram construídas; compraram-se viaturas, houve despesas com abastecimento de água em alguns Postos e melhoria de estradas, todas medidas importantes para boas condições de saúde. O número de pessoas contratadas pelo Polonoroeste atingiu 132 em 1983, compreendendo, por exemplo, 29 atendentes de enfermagem, 15 auxiliares de enfermagem, 2 enfermeiros, 11 chefes de Postos, 24 auxiliares de ensino, além de cargos administrativos, 2 engenheiros agrônomos, um médico, etc. Houve uma concentração bastante grande de gastos com pessoal e obras nas áreas do Parque Indígena do Aripuanã e Nambiquara, mas ocasionalmente outras áreas foram beneficiadas.

Os gastos foram orientados, em linhas gerais, para construções e administração (apoio às sedes e ajudâncias, aumento de pessoal), em detrimento de serviços mais difíceis de medir e de imaginar, como programas especiais de vacinação de populações arredondas, de imunização, de combate à malária e à tuberculose, ou de treinamento de pessoal de enfermagem, melhorando a qualidade dos serviços prestados. Apesar desse viés, é preciso reconhecer que todos os gastos foram importantes.
A crítica que se poderia fazer é a da insuficiência de recursos, em especial quanto a terras e ao fato de muitas áreas terem sido negligenciadas. Os Arara (Karoh), por exemplo, ainda não têm um Posto, apesar das graves invasões em suas terras; os Kazarari têm Posto, teoricamente um, mas não contam com qualquer assistência por parte da FUNAI, além de terem um território apenas delimitado; na mesma situação estão os Irantxe, que contam apenas com alguma assistência por parte de missão; da MIA os Pareci reivindicam a criação de um P.I. Torre; há necessidade de criação de um núcleo de apoio para os Pareci em Tanganá da Serra; os Postos subordinados à Ajudância de Guajará-Mirim (grupos Pakaa-Nova e outros) têm recebido pouquíssimos recursos, apesar de uma situação de saúde muito grave (malaria e tuberculose, por exemplo); os Karipuna, cujo contato, em 1976, representou um verdadeiro genocídio do grupo, pois de 40 pessoas sobreviveram apenas 8, vivem uma situação de isolamento que torna muito precária a assistência; os Uru-eu-wau-wau, último grupo arredio da Rondônia, há falta de Postos e de pessoal qualificado para o trabalho de aproximação com os índios, para o aprendizado da língua e para a vacinação e serviços médicos imprescindíveis à sua sobrevivência, isso sem falar na falta de recursos para controle das fronteiras da área.

A situação de saúde vai mal

Na área de saúde, as deficiências são muito grandes, e as cifras de mortalidade ainda assustadoras. Foi importante a construção de enfermarias, a abertura de estradas e a aquisição de viaturas e rádios, e a contratação de pessoal, mas não foi extensiva a todas as áreas. A qualidade e o processo de seleção de pessoal, ainda deixam muito a desejar.

Seria necessária, por exemplo, a instalação de um serviço especial de combate à malária, como também recursos especiais para combate à tuberculose. Falta um suprimento adequado de combustível para as geladeiras necessárias à conservação de vacinas e medicamentos em todos os postos. É urgente uma vacinação rigorosa, com registro e controle através de fichas, dos grupos recém-contatados, com o os Cinta-Larga. Essas são apenas algumas das necessidades prementes.

Projetos econômicos

O programa compreendeu gastos em projetos econômicos nas áreas indígenas, embora não tenham sido muito grandes.

Alguns desses projetos, mesmo com poucos recursos, desorganizam de fato a vida tribal, e deveriam ser imediatamente interrompidos. É o caso, por exemplo, dos Zoró, contactados em 1977, e que hoje estão trabalhando em regime de tempo integral na roça do Posto.

Por outro lado, recursos para projetos com gestão dos próprios índios são recomendáveis, em particular os que reforçam a alimentação. São em especial necessários para os Karitiana, Kazarari, Pareci, Bakairi e Gavião.

Apoio para a exploração de seringa e borracha, de acordo com as características de cada grupo, estão entre as mais importantes reivindicações. É o caso dos Surui, Cinta-Larga, Kazarari, Pakaa-Nova, Nambiquara do cerrado, Arara (Karoh), Gavião, Irantxe, Bakairi do P.I. Santana. Apesar de já haver dois engenheiros agrónomos, um apoio técnico maior é necessário aos projetos agrícolas indígenas (café no Gavião, arroz nos Bakairi, outras culturas nos Karitiana, Arara (Karoh), etc.). O café nos Surui do Sete de Setembro tem recebido um apoio grande da FUNAI, e ao mesmo tempo a autonomia da comunidade indígena é atualmente muito respeitada.

Educação e Cultura

O programa da educação limitou-se, até agora, à construção de escolas em grande parte dos Postos e nomeação de auxiliares de ensino sem qualquer orientação ou preparo especial para a tarefa. Nenhum deles fala a língua indígena ou se propõe a aprendê-la. Não há nenhum plano de educação.

Não se deveria iniciar um programa de educação sem definir métodos e um conteúdo centrado na vida indígena, preparando os índios para desvendar a sociedade envolvente. Tal definição exige um conhecimento de cada grupo indígena e o aprendizado da sua língua, metas que não fazem parte da programação da FUNAI.

Um grande problema para a preservação da vida cultural indígena na área do Polonoroeste é a presença de missionários das Novas Tribos do Brasil entre os Pakaa-Nova. Sua retirada é medida fundamental para estimular o autorespeito e reafirmar os valores e organização tradicional indígena.


Conclusões

O Programa Polonoroeste é uma ocasião única para a defesa das populações tribais da região, já que há um acompanhamento da situação pelo Banco Mundial e a opinião pública mundial pode, de certa forma, voltar-se para o assunto. Este tipo de pressão foi importante para a demarcação do território Nambiquara e um esforço grande deve ser feito para que o mesmo ocorra com grupos ameaçados de perder suas terras em virtude de invasões, da imigração crescente e da expansão empresarial na Rondônia e Mato Grosso. O desemprego no Brasil, nos últimos dois anos, e provável nos próximos, tenderá a refletir-se no Centro-Oeste, e o cerco em que vivem os índios só poderá agravar-se.
O ano de 1984 é assim crucial para demarcar e defender as terras de grupos arredios como os Uru-eu-wau-wau, ou de contato tão recente como os Zorô (1977), Karipuna (1976), Salumã (praticamente sem contato ainda), ou Cinta-Larga, para resolver o problema Pareci e o Kaxarari, o Irantxe, para retirar os invasores do Lourdes e dos Pakaa-Nova, para garantir terras aos grupos em vias de desaparecimento como Meguêm e Urubu e para manter as conquistas já feitas (Suruí, Cinta-Larga, Karitiana, Pakaa-Nova, Nambiquara) e para incluir nessa lista grupos próximos mas não definidos até agora como da área de influência da BR-364. Recursos para tal, certamente existem.

Os gastos em saúde, economia, administração, transportes, etc., foram importantes, mas ainda insuficientes e diminutos com relação aos previstos. Devem ser estendidos a todas as áreas, de acordo com as necessidades de cada grupo já indicados ao governo através dos relatórios de avaliação. De todo o modo, nada significará se o problema de terras, fundamental e indispensável, não for imediatamente solucionado.

---

Aconteceu na imprensa

**CINTA-LARGA**

Garimpeiros invadindo área indígena em RO

O missionário João Dal Poz, do CIMI, solicitará ao delegado da Funai, Benamour Brandão Fontes, a retirada imediata de aproximadamente 200 garimpeiros da região de Aripuanã habitada pelos índios Cinta-Larga. De acordo com Dal Poz, há um grupo norte-americano que já promoveu o arrendamento de uma extensa área abrindo precedente para que os garimpeiros a explorassem. O coordenador regional do CIMI, pe. Mansuelto Dal Maso, supõe que muito mais gente poderá entrar lá, prejudicando os índios. (Diário Popular, 6/2/83).

**GAVIÃO E ARARA**

Homologada reserva


**Possessos invadem reserva**

Três semanas depois de ter constatado a invasão da reserva indígena de Igarapé Lourdes, a Funai ainda não conseguiu encontrar uma solução para retirar cerca de 350 famílias de possessos que estão na área. Segundo informações da Funai, os índios ficaram revoltados quando souberam da invasão, mas aceitaram as ponderações do chefe do PI, Antônio Santana, que prometeu retirar os possessos da área. (Popular da Tarde, 21/12/83).

---

**URU-EU-WAU-WAU**

FUNAI identifica língua

Depois de quase três anos de trabalho de atração — desde fevereiro de 1980 — a Funai conseguiu identificar a que ramo linguístico pertencem os índios Uru-Eu-Wau-Wau, com quem o órgão vem mantendo bom relacionamento, desde que em outubro de 1979, a tribo atacou pela última vez, matando dois garotos e raptando um terceiro que ainda está em seu poder. Os Uru-Eu, segundo o delegado da Funai, sertanista Benamour Fontes, são de um ramo obscuro da língua tupi e a identificação etnolinguística só foi possível depois de que foram levados para frente de atração 14 índios Karipuna, por sua vez contatados em 1976.

A Funai no entanto não sabe precisar quanto os Uru-Eu são; em recente sobrevô na área onde se espalham as aldeias, foram localizadas várias delas mas algumas aparentemente abandonadas. De qualquer forma, Benamour admite que são pelo menos 300 índios, muitos ainda sem qualquer contato com a equipe da Funai, temerosos que sejam feitas ações para vingar as quase 20 pessoas que mataram desde 1974 até 1979. (Última Hora, 14/1/83).

---

Cinco dias na frente de atração

Cerca de 50 índios Uru-Eu-Wau-Wau, entre homens, mulheres e crianças, completam hoje cinco dias de permanência no Posto de Atração Comandante Ari Dal Toé, a cerca de 200 quilômetros da Capital. É a primeira vez desde que a frente de atração foi iniciada, em fevereiro de 1980, que os índigenas permanecem por longo período junto aos sertanistas da Funai.
Nesse contato, ao contrário de alguns anteriores, quando se mostraram bastante arrepios, os índios demonstraram ter mais confiança nos sertanistas. Houve troca de presentes e foi feito o convite para que os funcionários da Funai visitem a sua aldeia.


Arredios prosseguem contatos com a FUNAI


KARITIANA

Denúncia de abusos sexuais

O delegado regional da Funai, Benamour Brandão Fonseca, mandou abrir sindicância para apurar as denúncias feitas pela índia Karitiana Neide Moraes, de 19 anos e que acusou funcionários do órgão de vir mantendo relações sexuais com índias. O próprio delegado não escapou das acusações de Neide que o classificou de arbitrário. Neide que veio da tribo de Karitiana para fazer um curso de atendimento de enfermagem na própria Casa do Índio, em Porto Velho, afirma que foi obrigada nesta vez a largar tudo e arrumar um emprego "porque lá é uma bagunça e há muitos maltratos". Ela disse ter sido testemunha de orgias sexuais de funcionários com índias e que uma enfermeira que identificou apenas por Esther atrai índios para a sala de enfermagem para seduzi-los. Neide disse ter mandado uma carta ao deputado federal Mário Juruna, pedindo provindências e para que o sertanista Apoena Meirelles, ex-delegado regional da Funai, retorne ao cargo, "porque o pai-ajo" nos respeitava, frisou a índia. (Diário do Grande ABC, 8/1/83).

GEREIS/RONDÔNIA

CIMI condena Assis, o novo diretor do Parque

Não foi a melhor pessoa indicada, o novo diretor do Parque Índigena de Aripuanã, com sede em Riosinho, a 12 km de Cacoal, na BR-364. Este é o posicionamento do Regional de Rondônia, manifestado através de nota oficial.

De acordo com o órgão, o sertanista Francisco de Assis da Silva agiu com irregularidades na direção do Parque Nacional do Xingu, desmerecendo igual função em RO. (O Estado de Rondônia, 31/3/83).

CIMI contesta deputado

O Padre Mansueto Dal Maso, coordenador do CIMI em Rondônia, rebateu ontem a iniciativa de um parlamentar de contar o Incra e Funai, em Brasília, para apresentar o projeto de abertura de uma estrada que cortaria o PI Lourdes. A área foi demarcada em 77 e está localizada à margem direita do Rio Machado, também chamado rio Jiparanã, abrigando 3 povos: o Arara, Gavião, e Zoró.

O padre justifica a contrariedade em relação à abertura da estrada dizendo que isto significaria a extinção de povos e a contaminação de outros tantos. (O Guaporé, 9/6/83).

Apoena volta à FUNAI

Mais de um ano depois de haver abandonado a Funai, alegando que a filosofia do trabalho de então presidente do órgão não se ajustava ao que pretendia fazer, o sertanista Apoena Meirelles está voltando à Funai, como admiitu em Porto Velho, pouco antes de viajar para o Parque do Aripuanã (RO), onde ia, ontem, visitar os índios Suruí, cujos primeiros contatos foram feitos pelo próprio Apoena e seu pai. Um dos motivos que faz Apoena voltar à Funai, segundo ele próprio, foi o suicídio do sertanista José Bell. (FSP, 18/10/83).
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>nº/ mapa</th>
<th>nº ald.</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Municipio</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>SAUMA</td>
<td>1</td>
<td>1</td>
<td>148 (Cañas: 83)</td>
<td>Aripuanã</td>
<td>em 1979, Ana Lagne, então antropóloga da Funai, fez eleição da área, juntamente com um missionário da MIÁ, para pedido de interdição</td>
<td>640.000</td>
</tr>
<tr>
<td>MUKY</td>
<td>2</td>
<td>1</td>
<td>33 (Amarante: 83)</td>
<td>Diamantino</td>
<td>demarcada: Dec. nº 74.074 de 16.05.74 interfereu a área, retificada pelo Dec. nº 75.136 de 23.12.73. Memorial descritivo Funai de 23.01.78; Processo de homologação Funai nº 1880/83</td>
<td>47.094</td>
</tr>
<tr>
<td>APIAKA</td>
<td>3</td>
<td>2</td>
<td>42 (1) (Wenzel: 84)</td>
<td>Juarã</td>
<td>demarcada; Dec. de criação da reserva nº 63.368 de 08.10.68; Dec. nº 74.477 de 20.08.74 alterou os limites</td>
<td>20.160</td>
</tr>
<tr>
<td>RINBAKSA</td>
<td>4</td>
<td>11</td>
<td>466 (Luebner: 84)</td>
<td>Diamantino</td>
<td>demarcada, Dec. nº 63.368 de 08.10.68</td>
<td>75.982</td>
</tr>
<tr>
<td>IRANBE</td>
<td>5</td>
<td>3</td>
<td>145 (2) (Vieira: 83)</td>
<td>Diamantino</td>
<td>demarcada; Dec. nº 63.368 de 08.10.68 (criação da reserva), foi retificado pelo Dec. nº 64.027-A de 27.01.69 e novamente retificado (nos limites) pelo Dec. nº 81.133 de 27.12.77</td>
<td>60.000</td>
</tr>
<tr>
<td>KAYABI</td>
<td>6</td>
<td>2</td>
<td>120 (Dornstauder: 84)</td>
<td>Juarã</td>
<td>demarcada, Dec. nº 63.368 de 08.10.68 (criação da reserva), foi retificado nos limites pelo Dec. nº 74.477 de 20.08.74</td>
<td>47.450</td>
</tr>
<tr>
<td>PARECI</td>
<td>7</td>
<td>24</td>
<td>631 (T) (Lima: 83)</td>
<td>Tangará da Serra</td>
<td>AI Estevadinho, sem providência</td>
<td>1.970</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Tangará da Serra e Diamantino</td>
<td>AI Pareci está sendo demarcado Dec. nº 63.368 de 08.10.68</td>
<td>556.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Diamantino</td>
<td>AI Utiariti delimitada Dec. nº 89.259 de 28.12.83</td>
<td>315.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Tanagará da Serra</td>
<td>AI do Formoso, sem providência</td>
<td>19.700</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Tanagará da Serra</td>
<td>AI Capitão Piqueiras, sem providência</td>
<td>10.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Vila Bela da S.Trindade</td>
<td>AI Capitão Marcos, sem providência</td>
<td>480</td>
</tr>
<tr>
<td>UMUTINA</td>
<td>8</td>
<td>4</td>
<td>160 (4) (Lima: 83)</td>
<td>Barra do Bugres</td>
<td>demarcada, criação da reserva Dec. nº 385 de 06.04.1915. Título definitivo do Gov. Est. MT de 22.03.60, registrado pelo nº 4021,Livro 33,Fls.270 no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Rosário d'Oeste (MT)</td>
<td>24.625</td>
</tr>
<tr>
<td>NAMBOQUARA</td>
<td>9</td>
<td>24</td>
<td>655 (T)</td>
<td>V.Bela da S. Trindade</td>
<td>AI Pirineus de Souza, demarcação homologada pelo Dec. nº 89.579 de 24.04.84 (Tawande, Sabane, Manduka e Kooloré)</td>
<td>29.580</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td></td>
<td>97 (Funai: 83)</td>
<td>Pontes e Lacerda</td>
<td>AI Sararé, demarcada Port. nº 1.127/E de 27.10.81 (Katitau)</td>
<td>68.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td></td>
<td>48 (Funai: 83)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>nº/ mapa</td>
<td>nº ald.</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>------</td>
<td>----------</td>
<td>--------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>---------------------------------------------</td>
<td>----------</td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>270</td>
<td></td>
<td>V.Bela da S. Trindade</td>
<td>AI Vale do Guaporé, parcialmente demarcada segundo Port. nº 1.125/E de 27.10.1981 (Hahaintesu, Waiks/Walakatesu, Alanteseu, Wasusu, Nejarotê, Manainidê)</td>
<td>243.000</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1</td>
<td>52</td>
<td></td>
<td>Dimantinho</td>
<td>AI Tiracatinga, demarcada Dec. nº 89.260 de 28.12.83 (Haloteseu)</td>
<td>138.000</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>191</td>
<td></td>
<td>Dimantinho</td>
<td>AI Nambiquara, não demarcada. Dec. de criação nº 63.368 de 08.10.68; Dec. nº 73.221 de 28.11.73 alterou os limites</td>
<td>912.000</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(1) do total, 18 são Munduruku e 5 de outros povos.
(2) nesse total há mulheres Pareci, Rikbaktsa, Cinta-Larga, Namíquara e Kayabi.
(3) ver também nas Áreas Parque Indígena do Xingu e Tapajós-Madeira.
(4) do total, 90 são Pareci e 10 são de vários povos (Namíquara, Kayabi, Terena, Irama e mestícios)
(5) Ver também na Área Rondônia.
Aconteceu na imprensa

NAMBIQUARA

Banco Mundial quer demarcação
O diretor da divisão do Banco Mundial no Brasil, enviou telex para a Funai solicitando informações sobre o processo de demarcação da reserva Nambiquara, em Mato Grosso e Rondônia, onde o banco financia parte do projeto Polonoroeste. O banco quer saber por que ainda não foi cumprido o acordo sobre a demarcação da área, previsto no convênio assinado com o governo brasileiro. Negando o caráter de pressão do telex, o presidente da Funai afirmou que os trabalhos de demarcação ainda não começaram “porque a Funai está aguardando recursos financeiros para a indenização dos fazendeiros”. Disse ele ainda que o assunto está nas mãos da SEPLAN. A primeira avaliação da indenização deve ser paga aos fazendeiros foi feita do início do ano passado. Na ocasião, as despesas foram orçadas em 250 milhões de cruzeiros, mas a Funai tem apenas 34 milhões. (FSP, 31/3/83).

Recursos para o Plano de Apoio
O Ministro de Estado, Chefe da SEPLAN, Delfim Netto, assinou a portaria no 73, de 31 de maio de 1983, aprovando a reprogramação do Plano de Aplicação do Fundo Antecipação de Gastos, aprovado pela Portaria no 69, de 26 de maio de 1983, no valor de Cr$ 900.000.000,00, para aplicação no Projeto de Apoio às Comunidades Indígenas, compreendendo ações de demarcação e indenização de benfeitorias localizadas em reservas indígenas. A portaria autoriza também a liberação imediata de mencionados recursos ao MINTER para transferência, diretamente por sua Secretaria Geral, à FUNAI. (Diário Oficial, 6/6/83).

Ainda mais uma vez prometida a demarcação
Ainda este mês o Serviço Geográfico do Exército começará a demarcação das reservas indígenas do Vale do Guaporé, Sararé e Pirineus de Souza, todas elas situadas em Mato Grosso e destinadas a abrigar os índios Nambiquara. Convém nesse sentido acaba de ser firmado entre aquele serviço e a Funai, com base em recursos liberados pela SEPLAN, no montante de Cr$ 900 milhões. Com essa providência, pode ser um fator de constrangimento nas relações do Brasil com o Banco Mundial, que vinha exigindo a demarcação das reservas indígenas como condição para retomar as negociações para a concessão de um terceiro financiamento ao Polonoroeste. (Jornal do Comércio, 22/6/83).

FUNAI informa: conclusão de demarcação
A 5ª DR da Funai, sediada em Cuiabá, informou que foram concluídos os trabalhos de demarcação nas reservas indígenas de Tirecatina (138 mil hectares) e Pirineus de Souza (29.580 hectares). Por outro lado, prossegue a demarcação das áreas de Sararé, Pareci e Vale do Guaporé. (Folha da Tarde, 29/8/83).

PARECI

Demarcação da reserva preocupa os Parecis
Caso a demarcação da reserva Pareci não obedeca os limites definidos, poderão ocorrer conflitos entre índios e os fazendeiros que desde 1974 invadiram a área, aproveitando-se da indefinição geográfica do Paralelo 14, no Norte de Mato Grosso. O alerta foi dado ontem pelo líder pareci Daniel Matenho Cabixi.

Segundo informações de Daniel, em virtude da indefinição do Paralelo 14, que teoricamente passaria sobre os rios Buriti, Papagaio e Juruna, “os fazendeiros que tiveram certidão negativa da Funai abriram picadas entrando na área indígena. Algumas fazendas penetraram até 18 quilômetros dentro da reserva e agora o delegado da Funai em
Cuiabá, coronel Darcy Cunha, conversou com os índios dizendo que nós devíamos aceitar as picadas porque os fazendeiros já estão produzindo e pagando impostos". A grande preocupação de Daniel deve-se ao fato de que os fazendeiros contam "com o apoio dos chefes políticos de Mato Grosso e até o governador Júlio Campos já disse que no seu governo não ia permitir a demarcação de muita terra para os índios que impedem o desenvolvimento do Estado". Lembra ainda, o líder indígena, que os Pareci "precisam de muitas terras porque ainda sobrevivem da caça e não conseguem usar máquinas para produzir. Por isso é importante que a reserva seja extensa". A reserva localiza-se nos limites dos municípios de Diamantina e Tangará da Serra, em Mato Grosso. Desde 1974 os índios reivindicam a demarcação da área e, há duas semanas, militares do Serviço Geográfico do Exército estiveram na reserva fazendo o levantamento (FSP, 09/05/83).

FUNAI demarcará área

No próximo dia 19, uma equipe da diretoria do Serviço Geográfico do Exército chegará em Mato Grosso para iniciar os trabalhos de demarcação da reserva indígena dos Pareci, na linha do paralelo 14, única parte da reserva que ainda não estava demarcada.

Após a etapa, a DR da Funai iniciará os entendimentos com os proprietários das 13 fazendas situadas dentro dos limites da reserva indígena, que deverão abandonar a área, já que desde 1968 elas foram transformadas em reservas. (Diário de Minas, 4/6/83).

KAYABY E APIAKÁ

Tensão nas reservas

O pe. João Dornstauder, da MIA, disse ontem em Cuiabá, que a tentativa de invasão das terras dos índios Kayabi, no Norte do Mato Grosso, e o seqüestro e sedução de uma jovem de 12 anos da Reserva Apiaká, por um trabalhador da fazenda Agrotep, tornaram a região muito insegura.

Segundo o padre, desconhecidass invadiram a Reserva dos Kayabi situada na margem do Rio dos Peixes, arrancando os marcos de cimento instalados pela Funai. (O Globo, 8/5/83).

Carta dos Kayabi e Apiaká sobre hidroelétrica

Tatuí, 16 de outubro de 1983

Prezados Senhores,

Nós Kayabi e Apiaká das respectivas Reservas Indígenas, juntamente com mais cinco Kayabi em visita do Xingu, nos reunimos nesta data e conside ramos o que será escrito abaixo e por nós assinado.

A usina que querem construir no nosso Salto não trará nenhuma vantagem para nós Apiaká e Kayabi. Na opinião de todos os índios Kayabi e Apiaká, essa usina trará somente prejuízo para nós, porque nós índios mantemos bicho selvagem para alimentar, e os fazendeiros são diferentes do que os índios, fazendeiro mata dois ou três bois para eles se manter. Então é preciso não permitir a construção da usina. Se construírem a usina vão destruir um lugar que sempre ocupamos; vão destruir a natureza; não queremos que destruam ainda essa parte da natureza; a hidrelétrica destruirá o Salto, mas nenhuma firma paga o Salto; vão destruir a água pela poluição, pela diminuição de oxigênio que a queda do Salto permitirá; já na construção vão poluir a água que cria peixe para nós, a água na qual banhamos, a água que levamos para nossas casas; pessoal civilizado mata peixe, jacaeré e outros bichos e deixam na água que nós vamos tomar aqui mais embaixo; vão destruir a flecha; onde vamos achar a flecha? Lá no Xingu não tem flecha e precisa muita taquara para fazer flecha; vão destruir grande quantidade de caça e pesca; importantes para que a nossa alimentação, sustento de nossas crianças e nossa sobrevivência; vão destruir com isso nosso último lugar de valor mítico-religioso. Sua profanação equivale a arrancar pedaço da alma de cada um de nós. Os civilizados pensam no dinheiro que chamam desenvolvimento — este que já permitiu que invassem as terras que ocupam, vivemos livremente no Teles Pires, Rio dos Peixes até o Rio Arinos. Agora querem ainda vulnerar o último res tinho de terra que seguramos. Talvez vocês não compreendam, mas para nós é imprescindível que respeitem o Rio dos Peixes e deixem o Salto como está. Soubemos do sofrimento dos índios desalojados pela barragem do Itaipu. Já que fizeram aquilo, podem trazer energia que tem lá para o pessoal dessa região. Escutam também notícia triste dos índios Parakanã e outros que são expulsos de suas terras pelas águas da represa do Tucuruí. Alguns civilizados que viram o que aconteceu com os índios atingidos pela Itaipu nos contaram dos prejuízos. A terra, o Salto é nosso. Por que vocês querem tirar também isso de nós? Diz que a FUNAI está cuidando do índio, isso é mentira; estão enriquecendo as custas do índio. No lugar de cuidar, só dão algumas miçangas.

Fazendeiro para começar eles começa a acarionh os índios como se fosse cavallo brabo, depois quando fazendeiro ver que os índios está entregue a ele, aí é hora que eles põe ponta pé nos índios. Assim está, não sabemos o que é que vai acontecer mais tarde. Da outra vez que entrar um dos peões da fazenda na área demarcada, vai ser arrancado o couro da cabeça para fazer perucia. Porque nós índios estamos sendo encostados pelos fazendeiros com se fosse um animal, nós índio não precisamos de tudo isso, dizem; nós não somos vacas para viver num lugar cercado que é uma área pequena; depois que tivemos grande terreno ficamos com pequeno terreno porque onde os índios moram, os índios devia ter direito de viver. Devemos também ser respeitado pelos fazendeiros, e os índios também respeitar o fazendeiro.

Além de já não recebermos a demarcação da área de correção de nossas reservas, que é importante para nós, ainda estão ameaçando tomar outro pedaço desse último resto de nosso território que os fazendeiros e o Estado já tomaram de nós. Nós que podíamos invadir a terra que tomaram de nós. Nós no entanto, ficamos aqui nesse cercedinho, parecendo prisioneiro num território onde andávamos e lutávamos livremente. Sobretudo a barragem será uma arma contra nós índios Apiaká e Kayabi. Qualquer problema e vão largar a água por cima de nós e acabar conosco. Não tem dinheiro que paga os Saltos, a gente quer viver também. Não sei por que essa gente quer tantar terra? Basta aquele tanto que tomaram dos índios. Queremos viver sossegado neste pouco que sobrou para nós.

Hara wy aree hare ka’arára Kwasiari enewe janúm eree ki gã mumu’ a hore wy pyppirá akã’a hore ma’e ree tee hore rekoj janúm ymã teãa kwojè gã mumu’ jaú futata’e korèe pemette Te’aa eneè k’i’êèèìí? Wôpô yayay aipô gã pa horé’è hore aneew jepe. Tapý’l augeenepô. Ojôjee Jeremiapôferáa janúm

Assinam: Tamanah Luciano e mais 51 membros da comunidade.
PARQUE INDÍGENA DO XINGÚ
### QUADRO GERAL DOS POVOS INDÍGENAS DA ÁREA PIX

<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>n°/mapa</th>
<th>n° ald</th>
<th>pop</th>
<th>(data/fonte)</th>
<th>população em zonas/áreas limitrofes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMETI</td>
<td>1</td>
<td>1</td>
<td>36</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KALAPALO</td>
<td>2</td>
<td>2</td>
<td>191</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KUKURU</td>
<td>3</td>
<td>1</td>
<td>221</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MEHINAKU</td>
<td>4</td>
<td>1</td>
<td>95</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MATIPU/NAHUKWA</td>
<td>5</td>
<td>2</td>
<td>74</td>
<td>EPM:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>YAWATAPITI</td>
<td>6</td>
<td>1</td>
<td>135</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KAMAYURA</td>
<td>7</td>
<td>1</td>
<td>207</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>WAURÁ</td>
<td>8</td>
<td>1</td>
<td>130</td>
<td>Ireland:83</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TRUMAI</td>
<td>9</td>
<td>2</td>
<td>71</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TXIKÁO</td>
<td>10</td>
<td>1</td>
<td>107</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>SUYÁ</td>
<td>11</td>
<td>1</td>
<td>114</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TAPAYUNA</td>
<td>12</td>
<td>1</td>
<td>31</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KAYABI</td>
<td>13</td>
<td>14</td>
<td>364</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td>ver tb nas Áreas Oeste do MT e Tapajós/Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>JURUNA</td>
<td>14</td>
<td>2</td>
<td>82</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td>ver tb na Área Sudeste do Pará</td>
</tr>
<tr>
<td>KRENAROPE</td>
<td>15</td>
<td>1</td>
<td>83</td>
<td>Schwartzman:83</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>TXUKARRAME</td>
<td>16</td>
<td>3</td>
<td>346</td>
<td>EPM:84</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>AMETI/TRUMAI/SUYÁ do PI Leonardo</td>
<td>17</td>
<td>19</td>
<td>FUNAI:84</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

#### Situação da terra:


Anexo ao Parque, foi demarcada a AI Jarina (ao norte da BR-080), segundo memorial descritivo de 29.10.77. Recentemente, pela Portaria 291/F de 16.04.84, foi interditada uma faixa de 15 kms na margem direita do Rio Xingú, antigamente ocupada, sem interesse social, para fins de desapropriação das propriedades particulares situadas na faixa dos referidos 15 kms, integrando-a à AI Jarina.

No dia 10.05.84, pelo Dec. nº 89.643, o governo federal declarou de ocupação indígena a AI do Capoto, também uma antigamente reivindicada dos Txukarrame e dos Mekranoti (ver também na Área Sudeste do Pará), contínua à AI Jarina.

#### Superfície total: 2.642.008 ha do PIX
- 268.813 ha da AI Jarina
- 118.000 ha da faixa de 15 kms
- 186.000 ha da AI Capoto
TURBULÊNCIA XINGUANA

O episódio do “sequestro” do avião no Dniaurum foi um sinal do crescente desgaste da paz xinguana.

Bruna Franchetto*

O ano de 1983 significou para os povos que habitam o PIX mudanças não só na administração do Parque, como também no próprio sistema de relações entre os grupos indígenas, desse com a FUNAI e, em geral, com o mundo dos brancos que se encontram dentro e fora das fronteiras demarcadas. São sinais de que começa a se quebrar o isolamento em que foram até hoje mantidos os índios. Assistimos, através das poucas notícias de jornal, a um crescente desgaste da paz xinguana, pelo desconten- tamento dos índios quanto à assistência de saúde e ao protecionismo característico da tradição do PIX. Paralelamente aumentaram os protestos dos índios, sua organi- zação intertribal, com tomadas de posições por vezes dramáticas, diante da FUNAI e de seus funcionários. O ponto culminante e significativo desse processo foi marcado pela apreensão de um pequeno avião Cessna, no mês de junho, por parte dos índios que habitam, ou que gravitam em torno, do PI Dniaurum. Foi essa a única notícia sobre o Parque que mereceu algum destaque na imprensa por um certo tempo, até o desfecho da estória. As matérias apresentaram diversas interpretações dos fatos: o JB (04.07.83) procurou inicialmente, de maneira fol-ciôrica, atribuir as causas do “sequestro” unicamente à profanação de uma laje sagrada. O Jornal de Brasília e publicações de circulação mais restrita (Boletim da CPI-SP, n° 15, e o Porantim) abriram suas páginas para o debate e os depoimentos dos índios.

O caso do “sequestro”

Vale a pena contextualizar brevemente o episódio do chamado “sequestro”, para entender seu real significado, quadro não sempre esclarecido pela imprensa. O ano começou com a substituição do Diretor do Parque. O sertanista Francisco Assis da Silva, o “Chico”; no cargo desde 79, conseguiu que fosse aceito seu pedido de transfe- rência, e seu sucesso acabou sendo o antropólogo da FUNAI Cláudio Romero. A crise da administração de Francisco Assis da Silva vinha de longe: repetidas exi- gências por parte dos índios objetivando seu afastamento, tensões entre os grupos causadas por uma política de divisão das lideranças, perseguição dos descontentes, precariedade no atendimento de saúde e insatisfação quanto ao encaminhamento dado às novas necessidades dos índios. A venda de artesanato continuou de maneira caótica e impro-

visada; as escolas do Parque permaneciam em ruínas e sem funcionar; epidemias com mortes de várias crianças e adultos nos primeiros meses de 1983; obstáculos constantes à realização de pesquisas, acompanhados por denúncias contra antropólogos que vinham apontando os problemas do Parque. Corriam boatos, mais tarde em parte confirmados, de que verbas destinadas ao PIX eram desviadas através de recibos falsos e notas frias de compra. (ESP, 26/2/83).

O novo Diretor, Cláudio Romero, foi nomeado em Brasília na presença de um “reduzido colégio eleitoral, formado por cinco caciques; — do Presidente da FUNAI, Paulo Moreira Leal, de Orlando Villas Boas e do deputado Mário Juruna” (JB, 24/2/83). Uma peça de conciliação e uma “eleição” encenada sob a anuência do “pai grande”, Orlando Villas Boas. Pouco ou nada foi dito nos jornais das complexas alianças e de conflitos existentes entre os Villas Boas e os Diretores do Parque, desde a crise 1978, que viu a demissão de Olympio Serra. Dos problemas deixados em herança ao novo Diretor, só dois parecem ter sido abordados, até este momento: a fiscalização dos limites do PIX a fim de detectar e sustar invasões, e a assistência médica, incre- mentada pelas equipes da Escola Paulista de Medicina e a reativação do fornecimento de remédios. Além disso, foi contratado um grupo de funcionários cujo trabalho é bem aceito pelos índios, e as escolas dos Postos estão funcionando. Duas outras questões urgentes não foram, todavia, ainda resolvidas. Não foi demarcada a faixa de 15 km ao norte do Parque, exigida pela Tsukurarmáne de Kretire e Jarina, para defender o território remanescente de caça e pesca ao longo do rio Xingu. Enquanto isso, a estrada BR-80 tem mudado sua existência; foi reativada e se tornou um povo de atração, com movimento elevado de caminhões e o crescimento dos centros habitados próximos ao acesso ao Parque. Em segundo lugar, ainda não foram criadas as cantinas prometidas, que permitiram a aquisição de bens necessários à população indígena e uma justa comercialização do artesanato sob o controle dos próprios índios. Parece que a crise econômica geral atingiu as verbas para o Parque, reduzidas por falta de recursos, como afirma a FUNAI.

(*) antropóloga, realiza pesquisas entre os Kuikuro, no PIX, desde 1976, está preparando tese de doutoramento no Museu Nacional (RJ).
No mês de junho, a nova administração não tinha ainda implementado suas soluções, e os índios sofriam o aban
dono deixado pelo Chico: doenças não tratadas, falta de
transporte e de comunicações eficazes, uma revisão radical
das expectativas de proteção criadas pela “benéfica”
política da FUNAI no Xingu. Juntamente com isso, havia
notícias da entrada de gado e de queimadas do lado das
fazendas limitrosas, na altura de Diaoarum.

É nesse contexto que, no dia 2 de junho, aterrissou no Posto
o avião de um fazendeiro, dizendo-se perdido. Era o quarto
avião que descia lá com essa desculpa. Kayabi, Suya e
Juruna, presentes no Posto, decidiram manter “presos” o
aparelho e o piloto (este, liberado pouco depois), comu
nicando o fato à FUNAI pelo rádio, num clima de revolta.
Daí começou um período de mais ou menos dois meses, em
que os índios tentaram resistir e negociar suas reivindi-
cações, sobretudo quanto à terra e saúde, com um Cessna
monomotor como refém. Idas e vindas de várias autori
dades não conseguiram, até o dia 18/8, liberar o avião: o
Diretor do Parque, o Presidente da FUNAI, outros índios
xinguinos, levados com o propósito de convencer o pessoal
de Diaoarum a aceitar as promessas e o pagamento de uma
indenização. Falou-se em ameaças que o “sequestro” podia
acarretar, ora uma intervenção policial ou militar, ora o
afastamento de Cláudio Romero. A situação permaneceu
confusa até o desfecho, também pouco claro.

O Diretor e Marcos Terena trouxeram o aparelho de volta
para Brasília todo pintado, com dizeres como “Respeitem
as terras dos índios”. No entanto, em Brasília, a mobili-
zação de Xavantes e outros índios precipitava uma crise
maior do próprio órgão e a demissão dos coronéis mais
visados pelas denúncias de corrupção, omission ou atitudes
claramente antiíndigenas. Os de Diaoarum tinham pedido
a mesma coisa nos documentos por eles enviados ao
Parque.

Os momentos mais relevantes do “sequestro” foram, sem
dúvida, o apelo que os índios de Diaoarum conseguiram
fazer chegar aos meios de comunicação, rompendo a
censura da FUNAI, e a polêmica suscitada pelas críticas
por eles dirigidas aos Villas Boas. Pessoas em contato com
os índios receberam fitas gravadas e um documento
assinado pelas lideranças reunidas em Diaoarum, nos quais
se explicavam as razões do episódio e suas reivindicações.
Cláudio Villas Boas esteve em missão de mediação para que
o avião fosse liberado. Numa viagem até Diaoarum, ele
encontrou os índios, em 15/6, e procurou usar a sua
influência sobre a população xinguan para solucionar o
problema. Recebeu uma resposta negativa, unânime e
agressiva: Kayabi, Suya, Juruna e Krenakore disseram não
acreditar mais nas promessas de quem os tinha trazido para
o Parque, após tê-los convencido de que esta era a única
possibilidade de sobrevivência, uma vez abandonados os
territórios originais nas mãos de fazendeiros, garimpeiros
e seringueiros. Trechos da gravação da reunião apareceram
publicados nos jornais (Jornal de Brasília de 21/8/83 e
Boletim da CPI/SP nº 15), e suscitaram uma acirrada
discussão. Dali, líderes Kayabi, entrevistados em
Brasília, o Presidente da ABA/DF e pessoas envolvidas nas
vicissitudes do Parque confirmaram a versão dos índios. Do
outro, os Villas Boas defenderam sua concepção da política
indigenista implementada no PIX, a atuação da FUNAI e a
necessidade de manter os grupos indígenas na condição de
absolutamente tutelados (“Os antropólogos não conhecem
nossos índios” — Irmãos Villas Boas defendem política da
FUNAI?). Causou um certo impacto a iniciativa do pessoal
de Diaoarum de tornar pública sua versão da história da
formação do Parque pelos seus fundadores, figuras que
marcaram uma fase do indigenismo brasileiro.
Grave precedente no STF

Nesse mesmo ano de 1983, enquanto o Xingu atraía por pouco tempo a atenção do público urbano com um acontecimento inesperado e dava as primeiras dores de cabeça ao Presidente da FUNAI recém-empoderado, Otávio Lima, outra estória se desenrolava em silêncio. O Supremo Tribunal Federal, em decisão de 10/8, condenou a União e a FUNAI ao pagamento de indenização por expropriação indireta de uma gleba comprada por um advogado paulista em 1959 ao Estado de Mato Grosso, gleba situada dentro da área do Parque (Correio Brasiliense, 11/8/83). A notícia não recebeu destaque e o episódio passou despercebido.

Mas um exame do processo, dos laudos periciais e dos votos dos Ministros do STF revela a imposição de uma definição jurídica de “terra indígena” e de “posse” baseada numa conceituação coerente com os fundamentos ideológicos da propriedade privada e não com os interesses indígenas. A região da gleba vendida é considerada pelo Tribunal como não sendo terra indígena, por não apresentar, na época da compra, vestígios visíveis de ocupação, de habitação em senso estrito, por quanto ela seja tradicionalmente domínio histórico e sistematicamente explorada e percorrida pelos Suya do Xingu. A decisão se constitui em um grave precedente de interpretação da legislação vigente, não só no caso do Xingu, que em breve verá mais 500 títulos de propriedade entrar em juízo. Quase todo o território do PI foi loteado na década de 50, até o início da de 60, por uma política de colonização que canalizava capitais provenientes de São Paulo, a favor de grandes propriedades. Nisso tudo, os índios interessados, Suya e Kayabi, não foram informados, nem sequer consultados ou chamados a testemunhar no processo do STF.

Aconteceu na imprensa

Caciques escolhem diretor em colégio eleitoral

Um reduzido colégio eleitoral, formado por cinco caciques — Raoni, Krumare, Arinita, Afukaka e Kuiabano — representantes dos 2 mil e 200 índios de 16 nações da comunidade xinguanha, aprovaron ontem na sede da Funai a indicação do novo diretor do PNX o antropólogo Cláudio Romero, que substituirá o sertanista Francisco de Assis da Silva. Embora sendo candidato único, Romero teve o consenso dos índios do Xingu porque seu nome já vinha sendo mencionado no parque desde que seu antecessor manifestou o desejo de sair. O Deputado Mário Juruna embora alegando poder para participar da solenidade, juntamente com o sertanista Orlando Villas-Boas.

O Deputado Mário Juruna, sempre tratado de V. Exª pelo Coronel Leal, ao discursar cumprimento-o por ter chamado as lideranças xinguanas para a escolha do novo diretor e disse que espera a mesma atitude com outros grupos indígenas. Concluiu manifestando o desejo de que “um dia” todos os índios do Brasil possam escolher o presidente da Funai, e até “assumir a direção”. (JB, 24/2/83).

Os Kaiaemb explicam seu ódio pela FUNAI


FUNAI vai pagar Cr$ 200 milhões para fazendeiro

A União e a Funai terão que pagar mais de Cr$ 200 milhões a Oswaldo Daunt Salles do Amaral, pela desapropriação de quase dez mil ha de terras que lhes pertenciam, na suposição de que elas constituíam área habitada por índios. Julgando recurso, o Supremo acolheu o voto do ministro Munhoz, que fixou em Cr$ 65 milhões a condenação pela ocupação ilegal das terras. Com o acréscimo de juros e correção monetária a indenização ultrapassará a Cr$ 200 milhões. O ministro disse no seu voto que o “nomadismo ou a mobiliização dos silvícolas não autoriza a União a estender, a seu arbítrio, por ato unilateral, a área que o artigo 4ºº, item IV da Constituição lhe confere”. A área que o Supremo julgou ilegalmente desa propriedade fica no município de Barra do Garças (MT), entre o rio Suyá-Missu e o ribeirão Navi. (ESP, 11/8/83).

Cláudio Villas-Boas defendem a tutela ao índio

O dia em que a tutela do Estado sobre o índio acaba, a voragem da civilização branca destruirá os últimos vestígios da cultura indígena. Essa teoria é do sertanista Cláudio Villas-Boas. Ele é alvo de severas crítica das partidas tanto de líderes indígenas como de antropólogos em depoimentos publicados ultimamente pelo Jornal de Brasília. Cláudio, agora, se defende e revela com mágoa ter sido maltratado pelos índios Kaabí, Suáia e Juruna, em junho último, quando esteve no PI Diamará, no POK, tentando liberar um avião por eles apresado. Depois de acentuar que deu mais de 30 anos de sua vida pelos nativos que ora o ultrajam, Cláudio denunciou ter sido alvo de ação desagregadora dos padrões do CMI e dos antropólogos da ABA. Segundo o sertanista, aqueles índios foram “insultados, politizados e ins- truídos” por pessoas que não se interessam pelo futuro dos índios brasileiros. (JB, 11/9/83).
GOIÁS/LESTE DO MATO GROSSO
<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>nº/ mapa</th>
<th>nº aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</th>
<th>Área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>BAKAIRI</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1</td>
<td>2</td>
<td>448 (T) (Arruda:83)</td>
<td>Chapada dos Guimarães</td>
<td></td>
<td>área doada pelo Governo Estadual do MT através da resolução nº 761 de 20.06.1918, demarcada e com título registrado no Cartório de Canãba em 24.01.61. área reservada pelo Gov. Est. MT através do ato nº 362 de 24.05.1905, com 9.000 ha; título de usufruto expedido em 15.05.1905 com 6.323 ha. Registro no Cartório de Rosário de Oeste em 27.07.1965</td>
<td>49.989</td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td>4</td>
<td>136</td>
<td>Nobres</td>
<td></td>
<td></td>
<td>9.000</td>
</tr>
<tr>
<td>BOXOBURO</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td>RT Muruce/2</td>
<td>752 (T)</td>
<td>Gal.Carneiro</td>
<td></td>
<td>demarcada em 1976, decreto (?)</td>
<td>82.301</td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td>AI Jarudore/1</td>
<td>351</td>
<td>Poxorê</td>
<td></td>
<td>demarcada por Dec. Est. de 1945 (?)</td>
<td>4.706</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>CI Teresa Cristina/1</td>
<td>152</td>
<td>Sto.A.Leverger e Rondonópolis</td>
<td></td>
<td>interditada Dec. nº 64.018 de 22.01.69 e demarcada em 1976, Dec. (?)</td>
<td>26.257</td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td>Tadarimana/3</td>
<td>105</td>
<td>Rondonópolis</td>
<td></td>
<td>área delimitada pelo SPI em 1949 e pela Funiel em 1973, Port. nº 138 nº/73</td>
<td>9.785</td>
</tr>
<tr>
<td>7</td>
<td>Perigara/1</td>
<td>102</td>
<td>Barão de Melgaço</td>
<td></td>
<td>delimitada pelo ato de criação do PI nº 136/69</td>
<td>10.000</td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>Sangradouro/1</td>
<td>27</td>
<td>Gal.Carneiro</td>
<td></td>
<td>ver RT Sangradouro/Xavante</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>XAVANTE</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>Batovi/1</td>
<td>171</td>
<td>Chapada dos Guimarães</td>
<td></td>
<td>RI Mal.Rondon, demarcada Dec. (?)</td>
<td>67.078</td>
</tr>
<tr>
<td>10</td>
<td>Parabubure/13</td>
<td>1.705</td>
<td>Barra do Gargas</td>
<td></td>
<td>RI Parabubure, demarcada Dec. nº 84.337 de 22.12.79</td>
<td>226.555</td>
</tr>
<tr>
<td>11</td>
<td>Arões/2</td>
<td>572</td>
<td>Barra do Gargas</td>
<td></td>
<td>RI Arões, demarcada Dec. (?)</td>
<td>218.515</td>
</tr>
<tr>
<td>13</td>
<td>São Marcos/5</td>
<td>1.081</td>
<td>Barra do Gargas</td>
<td></td>
<td>RI São Marcos, demarcada Dec. nº 073233 de 30.11.79</td>
<td>188.478</td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>Pimentel Barbosa/2</td>
<td>346</td>
<td>Barra do Gargas</td>
<td></td>
<td>RI Pimentel Barbosa/Rio das Mortes, delimitada Dec. nº 85.025 de 12.06.80; no mesmo ano outro Dec. (?) acrescentou à reserva 28.650 ha</td>
<td>360.000</td>
</tr>
<tr>
<td>JARAJÉ</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>15</td>
<td>4</td>
<td>363 (T) (Total:80/83)</td>
<td>Fornos do Araguaia</td>
<td></td>
<td>Parque Indígena do Arajá, criado Dec. nº 69.263 de 22.09.71; teve seus limites diminuídos (?) pelo Dec. nº 84.844 de 24.06.80 com a alteração dos limites do Parque, agora referida, a área de Boto Velho ficou fora dos limites</td>
<td>? (1)</td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>Boto Velho</td>
<td>57</td>
<td>Cristalândia</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>KARAJÁ</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>1.194 (T) (Total: 76/82)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Povo</td>
<td>n°/mapa</td>
<td>n° aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>situação da terra: Portarias/Decretos/Propostas</td>
<td>Área (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>------</td>
<td>---------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>-----------------------------------------------</td>
<td>-----------</td>
</tr>
<tr>
<td>16</td>
<td>9</td>
<td>233</td>
<td>Aruanã, S. Miquel, Formoso, Luciara, S. Félix, Missionário do Araguaia</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>3</td>
<td>757</td>
<td>Plum Duarte, Cristalândia</td>
<td>Parque Indígena do Araguaia, idem acima (ver Javaé)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>18</td>
<td>1</td>
<td>102</td>
<td>Sta. Terezinha</td>
<td>AI Tapirapé/Karajá, ver Tapirapé (abaixo)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>KARAÍJA DO NORTE (Kambicó)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>1</td>
<td>102</td>
<td>Araguaína</td>
<td>AI Xambioá, delimitado Funai/74 mapa Diário Oficial/GO de 08.06.78</td>
<td>3.357</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>GUARANI</td>
<td>idem AI Xambioá, ver Karajá do Norte</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>TAPIRAPÉ</td>
<td>AI Tapirapé/Karajá, demarcação homologada Dec. n° 86.194 de 23.03.83</td>
<td>64.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>AVÁ</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>20</td>
<td>1</td>
<td>101 (T)</td>
<td>Formoso do Araguaia</td>
<td>PI Canoas, no Parque Indígena do Araguaia</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td></td>
<td>7</td>
<td>Minaçu</td>
<td>sem providência; projeto interdição da Ajarina</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>22</td>
<td></td>
<td>4</td>
<td>Minaçu</td>
<td>sem providência; no interior da Ilha do Bananal (mata do Mané), na área do Parque Nacional do Araguaia/IBDF</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td></td>
<td>30</td>
<td>Cristalândia</td>
<td>sem providência</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td></td>
<td>60</td>
<td>Minaçu e Cavalcante</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>XERENTE</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>21</td>
<td></td>
<td>850 (T)</td>
<td>Tocantinópolis</td>
<td>delimitada Port. n° 1.187/E de 24.02.82</td>
<td>16.000</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>24</td>
<td></td>
<td>94</td>
<td>Tocantinópolis</td>
<td>RI Xerente, demarcada Dec. n° 71.107 de 14.09.72</td>
<td>167.542</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>25</td>
<td>7</td>
<td>894 (T)</td>
<td>Goiatins e Itacajá</td>
<td>RI Krahô, criada Dec. lei n° 102 de 05.06.44, demarcada pela Funai em 1975</td>
<td>319.827</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>26</td>
<td>2</td>
<td>508 (T)</td>
<td>Tocantinópolis</td>
<td>delimitada Port. 884/E de nov.1980</td>
<td>102.000</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(1) A superfície, aproximada do Parque Indígena do Araguaia, antes do Dec. n° 84.844 era de aproximadamente 1.395.000 ha. Atualmente a quase totalidade da área do PARAI se encontra arrendada pela Funai e criadores de gado do MT, PA e GO.
AUTO-GESTÃO KRAHÔ

Voltar a ser Krahô na abundância, superando a submissão. Esta é a estratégia dos índios e indígenas que participam de uma experiência de auto-gestão incômoda à política indigenista oficial.

Gilberto Azinha*

A ocupação pacífica da sede da Ajudância da Funai em Araguáina, no norte de Goiás, durante cerca de 20 dias de dezembro do ano passado, por 300 Apinayé, Xerente e Krahô foi um movimento que catalisou várias insatisfações dos índios daquela região para com a política indigenista oficial. O estopim foi a anunciada transferência do chefe da AJARINA, Antonio João de Jesus. Os índios não gostaram.

Para os Apinayé e Xerente, o que estava em jogo basicamente era a demarcação de suas terras, tantas vezes prometida, compromisso assumido pelo chefe da Ajudância.

Para os Krahô, que já têm suas terras demarcadas, a bronca era outra. Não estavam dispostos a tolerar a substituição do funcionário local da Funai, sem serem consultados previamente. Desde a rebelião de janeiro de 82, que culminou no mês seguinte com a criação da Ajudância, tinha ficado combinado entre os índios e o então presidente da Funai que, dali por diante, os funcionários locais do órgão teriam necessariamente que ser aprovados pelos Krahô.

A ocupação do ano passado, desencadeou uma série de medidas repressivas por parte da Funai de Brasília. O chefe da Ajudância e mais 4 funcionários, foram acusados de incitamento e, para começar, tiveram seus contratos de trabalho suspensos com base num inquérito administrativo. Na sequência, foram abertos inquéritos policiais e a Funai entrou com pedidos de demissão “por justa causa”, na justiça do trabalho.

Aos índios, a Funai reservou, como se verá adiante, pacotes de medidas diferenciados. Aos Krahô foi destinado o mais ardiloso deles, na tentativa de quebrar seu poder maior de negociação e anular as conquistas dos últimos anos.

A criação da AJARINA e outros avanços

Em janeiro de 82 os Krahô da aldeia Galheiro, revoltados com a repressão exercida pela 7ª DR/Funai de Goiânia contra o trabalho que antropólogos e indígenistas do CTI realizavam na área (iniciado em 1975), espacaram dois funcionários “paus-mandados” diante de agentes da PF que os acompanhavam em missão especial. Além do mais, todos foram mantidos como reféns até percorrerem todos os roçados da aldeia e desmentirem a acusação de que os índios estavam plantando maconha. Este episódio, e seu desdobramento imediato, representou um marco na história do relacionamento Krahô com o órgão tutor e com os brancos de um modo geral.

A administração central da Funai em Brasília reagiu prontamente e de maneira inusitada. O então presidente, pelo Conselheiro Paulo Leal, há 4 meses no cargo, trouxe as lideranças Krahô à capital, aceitou suas reivindicações e colocou-as em prática: afastou o delegado de 7ª DR, Ivan Baiocchi; criou a AJARINA (Ajudância Autônoma de Araguáina), diretamente vinculada à Brasília; e concedeu uma autorização formal para que Gilberto Azinha, antropólogo do CTI, coordenasse os trabalhos da Funai na área e, juntamente com os índios, escolhesse os funcionários a serem contratados.

Para os Krahô, o fato de um presidente da Funai reconhecer publicamente que “os caciques são chefes de nações e nenhuma acusação leviana pode ser feita contra suas pessoas” (FSP, 20/01/82) e que “os índios têm o direito de terem os seus amigos e conhecidos-as suas aldeias” (O Globo, 20/11/82), contrariava a tradição autoritária da SPI e da Funai no trato com as iniciativas indígenas e abria uma nova perspectiva de respeito à sua real soberania. Naquele momento, o sucesso dos Krahô na negociação com a Funai se deveu a dois fatores: primeiro, o caráter insôlito do episódio em si (o espacamento de funcionários pelos, até então, “pacíficos” Krahô) e sua repercussão na imprensa escrita e na televisão; em segundo lugar, porque a solução imediata do conflito vinha de encontro com a missão assumida pelo novo presidente da Funai, qual seja, de recuperar a imagem do órgão perante a opinião

(*) Antropólogo, foi coordenador, entre 1975 e 77, do "Projeto de desenvolvimento comunitário Krahô/Funai". Posteriormente, passou a coordenar um projeto alternativo patrocinado pelo CTI. Proximamente defenderá sua tese de mestrado na USP, intitulada "A forma Timbira: estrutura e resistência"
pública, ensaiando uma política de conciliação e diálogo que pudesse conter os ânimos que a catastrófica gestão do Cel. Nobre da Veiga havia acirrado sistematicamente.

A exemplo do que vinha ocorrendo com os índios do Galheiro, onde o CTD vinha atuando, os Krahô das demais aldeias (com exceção do Río Vermelho) passaram a exigir o controle e a administração direta dos recursos alocados em nome das comunidades, pela Funai. Essa prática se desenvolveu ao longo de 82 e 83, com a assessoria constante do chefe do PI Krahô, Fernando Schiavini de Castro e do chefe do PI Cachoeira, Paulo César da Silva. As dificuldades geradas no âmbito da política interna das aldeias em decorrência deste novo procedimento, foram superadas pela maioria dos Krahô que encontraram uma forma própria de administrar os recursos.

É importante assinalar que a autogestão praticada pelos Krahô teve como ponto de partida uma discussão entre os índios, sobre o seu prazo futuro. Até então, colocavam-se basicamente duas alternativas históricas para os Krahô: viver kuppen (branco) ou permanecer Krahô, o que significa correr com tora, fazer festa e passar fome e, sobretudo, a submissão ao representante branco que lhes concedeu a terra, condição de sua sobrevivência.

Todo trabalho que tem sido realizado na área tem consistido em viabilizar concretamente uma terceira alternativa: voltar a ser Krahô na abundância, superando a submissão.

Sem entrar nas considerações teóricas que embasam esta pretensão, o fato é que os Krahô, a partir das ocorrências de junho de 82, decidiram tentar viver sem os funcionários que tradicionalmente ocupavam as funções de chefia de posto, atendimento de saúde, alfabetização, condução de veículos, etc. Os Krahô da aldeia Galheiro foram os que mais avançaram nesse sentido, substituindo os funcionários enviados pela Funai por membros da própria comunidade indígena e, o que é mais importante, gratificados pela própria comunidade, segundo suas possibilidades.

Essas práticas de autogestão Krahô, se não tinham o beneplácito explícito da Funai/Brasil, durante a gestão Paulo Leal, contava com o apoio velado do chefe da Ajudância de Araguaína, Antonio João de Jesus.

Endurecimento da FUNAI/Brasil

Com a queda do Cel. Leal, a visita de rotina dos Krahô a Brasília para negociar os recursos para o projeto (83/84) — isto é, verbas e equipamentos para o trabalho agrícola, atendimento de saúde e educação — já encontrou na presidência da Funai o sr. Otávio Ferreira Lima, recém-empossado. Nessa ocasião ficou patente para os índios que a nova administração oporia resistências à experiência de autogestão.

Ao longo do ano, as suspeitas se confirmaram: ameaças constantes de sindicância para exame das prestações de conta, cortes de verba, etc., culminando com a intervenção na AJARINA, no final de novembro, com a substituição do chefe da Ajudância. O ato da intervenção foi executado devido à convicção expressa pelo presidente da Funai, de que estaria em curso a propagação da “revolução Krahô” (sic). Para chegar a tal diagnóstico o presidente alinhavou fatos como: a visita que alguns Krahô fizeram a aldeia dos seus parentes Apinayê, em outubro de 83, para reforçar as discussões sobre a demarcação da área destes últimos e contar suas experiências no trato com a Funai; o fato da antropóloga Maria Eliza Ladeira, assessora da CVRD para a área Apinayê, ser membro do CTD e do chefe do PI Krahô, Fernando Schiavini, estar ligado à assessoria “comunista” (sic) do deputado Mário Jaruna. Conclusão do presidente: estava em marcha um grande complô para “desestabilizar a autoridade da Funai no norte de Goiás”.

Na prática a Funai resolvesse substituir o chefe da ajudância que, aliás, por ter assumido uma atitude ambígua durante os conflitos, negociando em sigilo sua substituição com a direção do órgão, acabou depois ganhando as desconfianças de todos.

Apesar disso, os índios queriam a permanência de Antonio João de Jesus até pelo menos à conclusão da demarcação da área Apinayê e da área Xerente do Funil.

A tomada da Ajudância

Inconformados com a intransigência da Funai/Brasil, lideranças Xerente, Krahô e Apinayê foram à sede da AJARINA, expulsaram o novo chefe e convocaram o presidente da Funai para esclarecimentos. No melhor estilo do seu mestre cel. Nobre da Veiga, o sr. Otávio Lima disse aos índios que funcionário dele não era funcionário do índio e que ele substituía quem ele quisesse. Em seguida, retirou-se das conversações. Foi aí que os índios reagiram de maneira mais enérgica, expulsando todos os funcionários, e ocupando a sede da Ajudância por 20 dias. Posteriormente se deslocaram para a área Apinayê e ameaçaram fazer a demarcação por sua própria conta, caso a Funai não estabelecesse um prazo para tal tarefa. Através de um texef, a Funai fixou 31 de março de 84 como prazo límite. Os índios retornaram então às suas aldeias, mas deixaram representantes dos vários grupos interessados na sede da Ajudância, incumbidos de acompanhar, passo a passo, todos os movimentos da nova administração.

As perseguições da FUNAI

Enquanto isso a Funai se preparava para uma série de retações já mencionadas anteriormente: um inquérito administrativo e a suspensão dos contratos de cinco funcionários (1 da sede da Ajudância, 2 da área Krahô, 1 da Apinayê e 1 Xerente), a abertura do inquérito policial e a tentativa de demití-los alegando justa causa.

O inquérito administrativo traz no seu final uma série de recomendações das quais cito apenas três: 1º) “resistir à pressão dos Krahô quanto às exigências de dinheiro...”; 2º) “impedir definitivamente o ingresso na área Krahô do antropólogo Gilberto Azanha ou qualquer pessoa a ele ligada”; e 3º) “tentar a recuperação do grupo Krahô através de um trabalho ininterrupto, utilizando-se do método chamado espelho que consiste em encaminhar uma comunidade num determinado sentido usando-se para isso, como exemplo, a conduta de outra comunidade”.

188
Estas recomendações foram seguidas e os funcionários da área Krahó indicados em inquérito policial em Araguaína. No dia 20 de janeiro deste ano (84), com base na "Exposição de Motivos Interministerial nº 055" (de 01. 08.83, que regulamentou o ingresso e a entrada das polícias militares em áreas indígenas), a FUNAI manda para a cidade de Itacajá, próxima à área Krahó, 25 soldados da PM de Goiás para retirar da área Fernando Schiavini de Castro. Os indígenas reagiram e Fernando, para evitar o pior, propõe ao comandante da força, que tinha ordens de levá-lo detido, que só iria se acompanhado das lideranças Krahó e em carro próprio — o que foi aceito. Foram para Araguaína onde Fernando recebeu oficialmente a intimação do processo policial e a suspensão de seu contrato de trabalho. Os Krahó que o acompanhavam fizeram saber à FUNAI enquanto que não aceitariam mais qualquer outro funcionário por ela indicado, até o julgamento da reclamação trabalhista proposta pela FUNAI, marcado para o dia 21 de março em Araguaína.

Quando as lideranças, que tinham ido à Araguaína acompanhar Fernando, retornaram às suas aldeias, ficaram sabendo que o reforço da PM em Itacajá permanecia na cidade e que além disso tinham recebido ordens de não permitir o deslocamento dos índios, em número superior a três, para além Tocantins. As lideranças Krahó resolveram então ir até Goiânia para saber do governador Iris Resende o porque desta perseguição por parte da PM de Goiás ou, como diziam, saber por quais motivos a PM interferia em uma disputa entre eles e a FUNAI. O governador prometeu retirar os soldados e não interferir mais, o que foi feito. No dia 21 de março, as lideranças Krahó retornam à Araguaína para servir como testemunhas de defesa dos funcionários acusados na reclamação trabalhista proposta pela FUNAI. O julgamento desta questão durou 3 dias.

O promotor de justiça de Araguaína, que acompanhou o processo na condição de "defensor dos interesses do estado de Goiás", deixou claro, em seu parecer, que a Funai ao formular suas acusações "só se baseou em indícios de provas" e que, pelos, depoimentos dos índios, "fica também evidente que os conflitos que redundaram na ocupação da ajudância foram causados pela própria Funai". A sentença do juiz, que deu ganho de causa aos funcionários acusados de incitação, confirma a posição do promotor afirmando que a Funai "previaseu" neste episódio.

A Funai naturalmente recorreu da sentença mas tudo indica que esta é uma questão perdida para ela. Por aí já se vê que a "recuperação do grupo Krahó" pretendida pela Funai não será muito fácil. Além disso, o motivo principal da intervenção na ajudância — a auto-gestão praticada pelos Krahó — continua em vigor: as lideranças das 5 aldeias que estão sem funcionários recebem recursos diretamente da administração de ajudância, contra-recebi... Queira ou não o senhor Otávio Ferreira Lima, a "revolução Krahó" (sic) parece mêsma irreversível.
Aconteceu na imprensa

AJUDÂNCIA DE ARaguaIÃNA

Indios contra FUNAI

Os índios goianos de pelo menos quatro nações se rebelaram contra a direção da Ajudância da Funai em Araguaína. O clima na cidade está tenso e a situação pode piorar hoje, se as reivindicações dos índios krahôs, xerentes, apinajês e carajás não forem atendidas. Eles queiram que toda a direção do órgão na região seja mudada.

Apesar da Polícia Federal ter confirmado o problema, o chefe da Ajudância, Antônio João, ao ser indagado, por telefone, como estava a situação na cidade, negou a existência de qualquer problema.

A situação começou a ficar tensa quando no sexta-feira um caminhão conduzindo 44 krahôs se deslocou para Araguaína. Em companhia dos índios estavam quatro antropólogos que desenvolvem um projeto agrícola na aldeia de Galheiros, na reserva Krahô, mediante autorização direta do presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal. Eles teriam ido à cidade exigir a mudança dos funcionários, a quem acusam de ter praticado uma série de irregularidades contra os índios. Esses funcionários que estão na Ajudância da Funai são pertencentes ao grupo liderado pelo ex-delegado Ivan Baciocchi, quando era chefe da 7ª Delegacia Regional, em Goiânia. Além da mudança, os índios estão reclamando contra o atraso no repasse de verba para as aldeias, o que está colocando em risco a sua produção agropecuária.

De acordo com informações obtidas junto à Polícia Federal, ontem à tarde, os índios só não invadiram a sede da Funai em Araguaína, porque a polícia impediu que o caminhão entrasse na cidade. (O Popular/GO, 08/03/83).

Tomada sede da FUNAI em Araguaína

Cente e oitenta índios das nações Krahô, Xerente, Carajá e Apinajê tomaram a sede da Ajudância da Funai de Araguaína, ontem de manhã, e afastaram o prédio de todos os funcionários do órgão. Em contato telefônico, o cacique xerente Abrão Silva disse à reportagem que os índios pretendem ficar no local até que o presidente da Funai, Otávio Lima, decida dialogar sobre o atendimento de suas reivindicações.

O estopim para a tomada da Ajudância foi a decisão da Funai em afastar da chefia de Araguaína Antônio João de Jesus e colocá-lo à disposição da delegacia regional do órgão em Cuiabá. Em seu lugar, a Funai colocou Wilker Célio da Silva, que chefiava um posto indígena no Nordeste e que não conta com a simpatia dos índios goianos. Os índios chegaram a Araguaína na tarde de domingo e comunicaram a Wilker a decisão de não aceitá-lo como chefe da Ajudância. O novo chefe, no entanto, decidiu permanecer no cargo. Por volta das oito horas de ontem, os índios chegaram e retiraram Wilker de sua sala. Os demais funcionários da Ajudância receberam ordens para que fossem para suas casas. Antônio João de Jesus foi localizado pelos índios e conduzido para o prédio com a determinação de continuar chefe até o final das negociações.

A rebelião está sob a coordenação de sete caciques que só aceitam deixar o local depois que forem ouvidos pelo presidente da Funai, Otávio Lima. Por três vezes os índios telefonaram para Brasília, ontem, tentando conversar com Otávio. Entretanto, eles acabaram não sendo ouvidos. Os índios, além da manutenção de Antônio João, reivindicam o afastamento de outros funcionários da Ajudância e a imediata demarcação de suas terras em Tocantinópolis e Tocantinã (aldeias São José e do Funil).

Em contato telefônico, os caciques Abrão Silva e Milton Krahô, das nações Xerente e Krahô, disseram à reportagem que estavam dando um prazo de 24 horas para que o presidente da Funai compareça em Araguaína. Caso contrário, eles pretendem deslocar uma caravana com 600 índios até Brasília para resolver o problema. Eles explicaram ainda que há um mês estiveram no Distrito Federal para discutir o problema e acabaram não sendo atendidos. Diante disso, eles querem buscar uma solução pelo diálogo ou por outros meios. Segundo Abrão, Antônio João estaria sendo afastado porque tem defendido os interesses indígenas em Goiás.

Até ontem à tarde, a Funai alegava não ter conhecimento do fato. (O Popular/GO, 01/12/83).

Otávio Lima não atende reivindicações

Não houve acordo até agora entre a direção da Funai e os 400 índios que ocupam a sede da Ajudância do órgão em Araguaína desde segunda-feira. O presidente da Fundação Nacional do Índio, Otávio Ferreira Lima, esteve no local e conversou com os 23 caciques que lideram o movimento mas se recusou a atender suas reivindicações.

O cacique Abrão Silva, porta-voz do movimento, informou que eles só sairão da Ajudância quando forem atendidos, mesmo que isto custe o fechamento do órgão no Norte de Goiás. As conversações duraram mais de duas horas e Otávio deixou o prédio sem dar qualquer entrevista.

Os índios exigem da Funai a imediata demarcação das reservas Apinajê e Xerente em Goiás, a suspensão do projeto de construção de uma barragem que vai inundar a mata da aldeia Carajá em Xambioá, retirada de Araguaína de alguns funcionários que não atendem os índios, manutenção no cargo do ex-chefe da Ajudância, Antônio João de Jesus, e o afastamento imediato do novo chefe, Wilker Célio da Silva, a quem os índios chamam de corrupto.

Depois de um diálogo ríspido com os caciques, Otávio disse que não vai revogar as portarias que alteram a chefia do órgão. As negociações foram encerradas e Otávio tomou um avião que o levou de volta a Brasília. (FSP, 04/12/83).

Polícia ocupa Ajudância

Os quase 400 índios, que ocuparam a Ajudância do órgão em Araguaína, permitiram ontem a presença de um pelotão da Polícia Militar no prédio.
Entretanto não desistiram de reivindicar a permanência de Antônio João de Jesus na chefia do órgão e recusam-se a aceitar Wilker Célio da Silva como novo chefe.

Em Araguaína tem-se que, mesmo com a saída dos índios da cidade, prevista para os próximos dias, o relacionamento entre eles a Funai se torne mais difícil de agora em diante, pois já não confiam em Otávio Ferreira Lima. A tensão aumentou ainda mais depois que a Funai delegou ao secretário de Segurança Pública de Goiás poderes para dialogar com os índios e a PM ocupou uma sala da Ajudância. (FSP, 05/12/83).

### FUNAI em busca de “insufladores”

A Assessoria de Comunicação da Funai informou ontem que a insatisfação das tribos indígenas do Norte de Goiás, na região de Araguaína, é resultante de um trabalho de instigação executado pelo funcionário do órgão Antônio João de Jesus. A assessoria de Comunicação da Funai acrescentou que “a situação é preocupante”, uma vez que houve muitos casos semelhantes e que surgiram ao mesmo tempo.

Outra denúncia feita pelo setor de divulgação da Funai foi referente ao fato de terem sido encontrados alguns funcionários da Funai pintados de urucum, de rosto vermelho e corpo multicolorido, à maneira dos índios. Era pintura de guerra. Com isso, o presidente da Funai sentiu logo que os silvícolas possuíam instigadores na sua retaguarda, sendo estes os próprios funcionários do órgão.

O Presidente da Funai determinou a abertura de sindicância administrativa, havendo ainda solicitado a abertura de um inquérito policial com o objetivo de identificar os instigadores dos índios. Otávio Ferreira Lima solicitou aos índios que dessem um crédito de confiança ao novo chefe do posto, Wilker Célio, acrescentando que se durante seis meses a sua atuação não fosse considerada satisfatória, ele seria substituído por alguém indicado pelos próprios índios. Aos silvícolas entregaram ao presidente da Funai um documento contendo 10 reivindicações e exigindo, entre outras coisas, a demarcação de terras dentro de um prazo de 15 dias, a formação de uma comissão integrada por representantes indígenas e brancos, destinada a administrar os recursos que lhes são consignados; que todos os recursos destinados aos índios fossem entregues diretamente aos índios e não mais administrados pela Funai. (O Popular/GO, 11/12/83).

### Índios fazem acordo com FUNAI

Os caciques dos Apinayé, Krahó, Xerente e Carajá, que há 15 dias ocuparam a sede da Ajudância da Funai em Araguaiá (GO), protestando contra a saída do chefe daquela unidade, decidiram ontem fazer um acordo com o órgão. O acordo é baseado em algumas condições, entre elas a aceitação, por parte da Funai, de um Conselho Indígena formado por representantes de cada tribo, para fiscalizar o novo chefe da ajudância, Wilker Célio. Além disso os caciques exigiram uma indenização de 500 mil cruzeiros para cada tribo, pelos dias que ficaram parados em Araguaiá. Segundo informações do Cimi, a Funai aceitou estas condições e ontem liberou parte da indenização, entregando 380 mil cruzeiros a cada um dos caciques. Quanto à demarcação da reserva Apinayé, em Tocantinópolis, uma das reivindicações feitas pelos índios, a Funai já mandou telegrama para a Ajudância informando que a demarcação deverá ser iniciada até o próximo mês de março. A reserva tem 102 mil hectares, mas os Apinayé estão pretendendo 300 mil, com base em proposta feita pelos técnicos da Companhia Vale do Rio Doce, que estão implantando o Projeto Carajás. A área está localizada na região de influência do projeto. O Cimi informou também que o cacique Romão, dos Apinayé, está enviando cartas ao presidente da Vale do Rio Doce e do Banco Mundial, pedindo que fiscalizem a aplicação dos recursos doados à Funai para as tribos atingidas pelo Projeto Carajás. (ESP, 16/12/83).

### FUNAI afasta 6 funcionários

O presidente da FUNAI, Otávio Ferreira Lima, informou ontem que seis funcionários do órgão em Araguaína (norte de Goiás) — inclusive cinco chefes de postos indígenas — foram suspensos e afastados de suas atividades sob acusação de inculparem os índios. A FUNAI encerrou esta semana sindicância para apurar o envolvimento de funcionários no episódio da invasão da ajudância do órgão em Araguaína. Segundo o presidente da FUNAI, já foi instaurado um inquérito policial contra os seis funcionários e seus contratos de trabalho foram suspensos, enquanto o órgão entrou com um processo na Justiça do Trabalho para demiti-los. Para a FUNAI, os resultados da sindicância comprovaram que os funcionários insuflaram os índios a invadir o posto, reivindicando a demarcação das terras dos Apinajes e a saída do novo chefe nomeado para a ajudância, Wilker Célio de Souza.

O antigo chefe da ajudância, Antônio José de Jesus — cuja volta os índios reivindicaram —, é um dos indicados no inquérito. Os demais funcionários afastados são: Fernando Shiavini, chefe do posto indígena Krahó; Livaldy, chefe do posto Apinajé; Paulo César, laboratorista da ajudância; José Araújo Filho, chefe do posto Funil, e Lincoln José dos Santos, chefe da Casa do Índio de Araguaiá. (Diário Popular, 21/01/84).

Possibilidade de novo levante

Caso a FUNAI concretize as ameaças de punição contra servidores da Ajudância em Araguaiá, leais aos índios, poderá haver novo levante das tribos do extemo norte de Goiás. As relações entre a FUNAI e os silvícolas continuam tensas, segundo informações prestadas pelo índio Ricardo. Os Krahó foram informados de que a primeira punição recaiu sobre o chefe do PI Aldeia Gaiá, Gilberto, Fernando Castro. Ele teria sido transferido para outro posto e seus vencimentos bloqueados pelo presidente da FUNAI por ordem superior. (O Popular/GO, 25/12/83).

### FUNAI paga e índios voltam

Com Cr$ 5 milhões nos bolsos, os índios Carajá, Krahó, Xerente e Apinajé deixaram ontem a sede da Ajudância da Funai em Araguaiá, de volta a suas aldeias. O dinheiro, segundo o cacique Abrão Silva, é uma indenização paga pela Funai para compensar os dias em que os índios deixaram de trabalhar em suas lavouras, “na tentativa de resolver os problemas causados pela omissão das autoridades”. Dentro de 90 dias, eles receberão mais Cr$ 2,5 milhões. (O Popular/GO, 18/12/83).
KRAHÓ

Aos amigos dos índios


O índio pode morrer, mas morre encima dos seus direitos, esse direito é nativo e não abrimos mão. Os que vêm de fora é que têm de entender o que têm para fazer, e não mandar no que é alheio, eles fazem a lei mas não é a lei nativa. João foi aquele tempo que o índio só olhava pro pé, e quanto mais escutava, mais tinha medo daquela semente que só vinha para matar, tomando posse do Merrim (índio) e se apresentando como o grande federal. Se o índio exige é com direito e essa verdade é pública. O índio não quer ser emancipado, não quer ser município de restaurante nenhum.

A Funai quer colocar outros funcionários, aqueles que a gente não quer, a gente acredita nos que estavam trabalhando com a gente, porque nós estamos vendo as ricas aumentando, o povo voltando para as aldeias, e tudo sendo combinado no patô. Se o Merrim não quer assim, ele fala, orienta como o Merrim quer, esses que não dão orientação pro Merrim nós não queremos mais.

Os Kupenh (brancos) têm muitos presidentes, agora o Merrim quer um presidente Índio, para cuidar dos problemas de todos Merrins do Brasil, para ficar junto dos interesses do Merrim, um homem de confiança do Merrim para dizer aos outros presidentes o que sofre o Índio, para dizer para os outros presidentes o que o Índio precisa, Índio é gente, tem olho para vê, tem boca para falar, cabeça para pensar, aprender, tudo igual o Kupén, só o Kupén não vê isso, o Índio é nativo e tem seus direitos.

O Presidente da Funai que saiu, o Leal, fez carta para o Krahó dizendo que nós podíamos ter os amigos que quiséssemos, e que trabalhava com os Krahó quem os Krahó quisesse, depois vem outro presidente, da Funai também, o Otávio, e chegou esse direito de Merrim ser tocado a polícia, nós não acreditamos mais, a lei de Merrim é prevista e é verdade. Se o Merrim não pode trabalhar com quem ajuda então não queremos Kupén aqui, ficaremos abandonados, o Krahó da antíguidade era comendo caça, mel de abelha, estava dentro do matô, depois conhece o arroz, feijão, mandioca, e não tem mais matô para correr, o jeito é enfrentar, nós não temos avião, metralhadora, só temos a vida para lutar e o massacre nós já conhecemos. O Kupén está proibido de entrar nesta área com risco de morrer.

Pedimos aos amigos que esse documento seja divulgado, para que possamos contar com alguma proteção.


Krahós pedem fim da "perseguição"

O secretário da Segurança Pública, deputado José Freire, garantiu ontem a uma comissão composta por cinco índios da nação Krahó — três caciques e dois acompanhantes — que a Polícia Militar não vai perseguir-los ou tentar invadir a aldeia de Itacajá.

A comissão veio a esta capital reclamar de que os Krahó estão sendo constantemente seguidos por soldados da PM, quando vão comprar alguma coisa na cidade de Itacajá. “Todas as pessoas que falam com os índios a polícia prende. Não podemos ficar escondendo feito bicho. O índio hoje sabe conversar e não quer nada escondido”, desabafou o cacique Krahó Milton, que não gostou do encontro, pois “não resolveu nada”.

É por esta razão que a comissão vai tentar hoje, às 9 horas, uma audiência com o governador Iris Rezende Machado, de quem esperamos algo concreto sobre a denúncia do clima de intimidação a que estão sujeitos em Itacajá.

E tudo isso começou a ficar insuportável desde o final do ano passado, quando os Krahó, Carajá, Xerente e Apinajé ocuparam a Ajudância da Funai de Araguaína.

Só não houve um conflito porque Fernando concordou em ir até Araguaína, juntamente com sete capitães da aldeia. Todo este episódio e mais a prisão do índio Alberto e de um irmão de Fernando que é médico em Belém, Renato Schiavini, foi relatado ontem ao secretário da Segurança Pública, deputado José Freire. (Diário da Manhã, 07/02/84).

Iris dá garantias

O governador Iris Rezende recebeu, ontem de manhã, oito caciques krahós que vieram a Goiânia solicitar o fim da intimidação que estaria sendo colocada em prática em Itacajá por contingentes da Polícia Militar sediados no 3º BPM de Araguaína. Iris garantiu que ninguém irá molestar mais os índios e que determinará ao Secretário da Segurança Pública e ao comandante geral da PM que verifiquem, in loco, as denúncias feitas pelos caciques. Iris disse também que se considerava a primeira pessoa a sair em defesa da
APINAYÉ

Indios querem demarcação

Os Apinayé vivem em duas aldeias próximas à cidade de Tocantinópolis (GO). Há vários anos estão reivindicando a demarcação que não foi completada e também a retirada dos fazendeiros, que usam da terra como propriedade deles. Os índios da aldeia São José, que fica a dois quilômetros da Transamazônica, são os que mais reclamam dos fazendeiros e exigem a delimitação da reserva incluindo o outro lado da rodovia. Segundo eles, estes proprietários são comerciantes ricos e políticos de Tocantinópolis. O ex-cacique conhecido por Grossinho reclama da demarcação sempre adiada pela Funai. Grossinho conta que funcionários do órgão tutor já estiveram na aldeia, para tratar da delimitação da área, mas nenhuma decisão foi tomada. “Quando a gente mostra onde é o limite eles não aceitam e querem fazer em outro lugar, por isso fica difícil o acordo”. Em uma reunião com o chefe da ajuda, os índios falaram também da antipatia que têm pelo chefe do Posto Gaspar. “Não aceitamos ele aqui, não é honesto. Quer ganhar dinheiro da Funai, ficar rico e não faz nada pela comunidade”.

(Folha de Goiás/GO, 9/9/83).

Deputado alerta para tensão em Tocantinópolis

O deputado estadual Maranhão Japiassu solicitou à Funai e aos órgãos de segurança, que contemparam, de maneira urgente, os índios Apinayé que, segundo ele, “insultados pelo chefe da aldeia, estão semeado terror no município de Tocantinópolis (GO), já tendo invadido, inclusive, várias fazendas e saqueado outras”.

(Folha de Goiás/GO, 9/9/83).

FUNAI discute com governador de GO

O presidente da FUNAI, coronel Paulo Moreira Leal, anunciou que já manteve contatos com o governador Iris Rezende Machado para encontrar uma saída “harmoniosa” para os conflitos de terras envolvendo índios. Para ele, existem dois procedimentos que podem ser adotados sem ferir os interesses de uma e outra parte: primeiro deve-se avaliar os bens do fazendeiro que ocupa há muito tempo uma determinada porção de terra indígena; e depois compete ao Estado, através do Incra e do Getat encontrar uma área equivalente, em qualidade e quantidade, para instalar o agricultor. A lei, a seu ver, “não é um trilho, mas uma trilha a ser seguida”, e deve ser aplicada com parciomônia nesses casos.

O chefe da Funai não descartou que os índios Apinayé, no Norte do Estado, estejam enfrentando problemas com os fazendeiros da região. No entanto, negou que a demarcação da área tenha sido feita de forma incompleta e com interesse de beneficiar ricos proprietários de terras — conforme denúncia dos líderes daquela comunidade indígena. Paulo Moreira Leal acha, inclusive, que os Apinayé estão sendo priviligionados com o Projeto Grande Carajás, que irá aplicar na reserva, através do Banco Mundial e da companhia Vale do Rio Doce, recursos que chegam a quase Cr$ 80 milhões. Ele mesmo assinalou as áreas para onde irá o dinheiro: saúde, saneamento, educação, transporte, energia e agropecuária, para o que está reservada a quantia de Cr$ 42 milhões. (Diário da Manhã/GO, 08/05/83).

FUNAI refuta acusação do deputado

Começa a ficar tenso o relacionamento entre os índios apinayé e os posseiros, no Município de Tocantinópolis. A informação de funcionários da Funai em Araguaina, ao refutarem o deputado estadual do PMDB Maranhão Japiassu, que acusa os índios de estarem aterrorizando “os agricultores locais”. Segundo os funcionários, a situação é inversa — índios e servidores da Funai estão sendo ameaçados de morte por jagunços, posseiros e grileiros. Se o problema não for resolvido até hoje, os índios pretendem formar uma caravana para ir a Brasília exigir uma posição do novo presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima. Alguns caciques da aldeia Mariazinha, que conta com cerca de 150 índios, viajarão ao Distrito Federal para discutir a invasão da reserva e transmitir ao presidente do órgão a situação de seus irmãos da aldeia São José, com mais de 400 índios e onde ocorrem os atritos com os jagunços. (ESP, 24/07/83).
Juruna vem a Goiás apoiar os Apinayé

O deputado Mário Juruna pretende conseguir uma audiência com o governador Iris Rezende para tentar o apoio governamental ao problema dos Apinayé com os brancos, em Tocantinópolis, no Bico do Papagaio. Uma comissão de índios virá a Goiânia para, juntamente com Juruna, defender os interesses indígenas daquele região junto ao Chefe do Executivo estadual. Está tenso o clima entre os Apinayé e fazendeiros e políticos de Tocantinópolis, no Bico do Papagaio. Com a decisão da Funai em concluir a demarcação da reserva indígena dentro de um mês, fazendeiros das imediações estão tentando ocupar o máximo de áreas possíveis nas terras reivindicadas pelos índios. Na realidade, a pressão contra os silvícolas é muito grande, provocada por políticos do PDS e do PMDB. Segundo servidores da Funai, o chefe-de-posto da aldeia São José, Livalcir Soares, “esta com a cabeça a prêmio”. Política e fazendeiros o acusam de proteger os índios contra os interesses dos brancos. Toda a crise começou a partir do momento em que o Banco Mundial exigiu que a reserva dos Apinayé fosse demarcada e dotada de toda infra-estrutura a fim de que a verba para o financiamento do Projeto Carajás pudesse ser liberada. Antes, os brancos – fazendeiros, grelheiros, posseiros, caçadores e lavradores – entraram indiscriminadamente em áreas indígenas e caçavam, extraíam madeira, criavam gado e extraiam a casanha do babaçu. No início do mês, a Funai anunciou o fim da demarcação da reserva. Nas proximidades da aldeia São José ainda existe uma área reivindicada pelos Apinayé e pelos fazendeiros. Com a decisão do órgão governamental, fazendeiros e posseiros trataram de garantir seus direitos de posse e passaram a construir cercas e derrubar árvores. (O Popular/GO, 17/9/83).

Fazendeiros impedem a demarcação

Há 15 dias, houve um alarme falso de que os índios iriam invadir Tocantinópolis. No entanto, eles sequer tinham planejado a invasão, e no dia marcado para o acontecimento os Apinajé se encontravam em festa na aldeia Maria Zinha.

O alarme chegou ao conhecimento da Funai, em Brasília, e imediatamente o órgão encaminhou ao local uma equipe de funcionários a fim de evitar um conflito e tentar negociar com os fazendeiros. Os funcionários, entretanto, não conseguiram nem mesmo chegar a Tocantinópolis. Nesta ocasião, os políticos locais que também são donos de terras dentro da área que os índios reivindicam, organizaram manifestações, com passeata pelas ruas, expondo faixas de protesto contra o órgão tutor e os Apinajé. Com isso, a direção da Funai mandou que os seus funcionários não mais fizessem o levantamento da área para a demarcação e que aguardassem segunda ordem. Os indígenas estão incomodados diante da situação. Eles já tinham (delimitada) uma área de 85 mil hectares e queriam que esta se ampliasse para 102 mil hectares. Os fazendeiros não aceitam, e fazem uma proposta de apenas 25 mil hectares para toda a reserva. O prefeito de Tocantinópolis, José Sabóia, ao ser entrevistado ontem, mostrou-se a favor dos fazendeiros, por considerar que “os 102 mil hectares é uma área muito grande” e que se a demarcação for concretizada a reserva se aproxima da cidade. Ele confirmou que houve a manifestação, com a presença de cerca de três mil pessoas. E alegou que os índios estão “invadindo as propriedades dos fazendeiros”. (Diário da Manhã/GO, 01/11/83).

Políticos organizam campanha contra Apinayé

Os quase 500 Apinayé que vivem em Tocantinópolis, nas aldeias de São José e Maria Zinha, estão enfrentando uma verdadeira guerra por parte de políticos locais — tanto do PDS como do PMDB — que têm procurado jogar a população do município contra os índios. A campanha está sendo organizada pelo ex-deputado estadual Alziro Gomes, do PDS que tem um retiro para gado dentro da área apinajé; por seu sobrinho, José Bonifácio Gomes, vereador pedeadista e agente licenciado da Polícia Federal; e pelo secretário municipal, Astrogildo, que conta com a cobertura do prefeito, que é do PMDB. Da Capital do Estado, o deputado estadual Maranhão Japiassu, também do PMDB, joga lenha na fogueira, em discursos alarmistas e mentirosos pronunciados na Assembleia Legislativa. Nos meses de agosto e setembro, Bonifácio Gomes organizou duas reuniões, nas dependências do Colégio Dom Orione, onde a população, particularmente os jovens, foram publicamente incitados a hostilizar os índios. Bonifácio sugeriu que os alunos do colégio colocassem tímbo nos cursos d’água da área indígena, para exterminar os peixes, uma das principais fontes de alimentação dos Apinayé. O vereador — que, apesar de licenciado da Polícia Federal, apresenta-se-se sempre como agente do DPF — ameaçou, na reunião de setembro, matar, a tiros de “38”, o chefe de Posto da Funai na aldeia São José, Livalcir. Diariamente são espalhados boatos pela cidade, cujos habitantes têm vivido sob permanente expectativa de um “ataque dos índios”.

A campanha inclui os habituais insultos contra os índios: “preguiçosos”, “cachaceiros”, etc. Esses estereótipos, entretanto, chocam-se com a realidade da área apinajé: na aldeia de Maria Zinha, por exemplo, a produção de arroz foi tão grande, na última safra, que, ainda há poucos dias, encontravam-se ali 400 sacas estocadas, por não haver, no município, quem quisesse comprar esse excedente. (Porantim, nov. 83).

Indígenas preparam ataque a posseiros

Indígenas das tribos Gavião e Canela do Maranhão, juntaram-se ontem aos Apinayé, Krahô, Xerente e Karajá, num total de mais de 300 homens, com o objetivo de atacar os quase 3.000 posseiros instalados na reserva Apinayé. Eles saíram em caminhões do posto da ajuda da FUNAI no vizinhança de Araguacuã para iniciar o ataque, caso os agricultores não abandonem a área. Venceu ao meio dia o prazo dado pelos indígenas para o atendimento de outra reivindicação: eles querem que André Villas-Boas ou Lúcio Flávio Coelho seja o chefe da Ajudância da FUNAI, mas o órgão nem deu resposta ao pedido. Se essa reivindicação fosse atendida, os índios aceitariam negociar a demarcação da reserva Apinayé. (ESP, 08/12/83).

FUNAI começa a cumprir sua obrigação

A Funai começou ontem o levantamento fundiário na área Norte da reserva dos Apinayé. Segundo um fun-
cionário da Fundação em Goiânia, os índios estão evitando o confronto direto com os quase três mil posseiros ali instalados, porque estes estão todos armados. O estoque de munição até se esgotou no comércio local. E um contingente de 40 policiais foi enviado para a região pela Secretaria de Segurança de Goiás para agir em caso de conflito. Ainda ontem, os Apinajé enviaram emissários para aldeias do Maranhão e do Pará com o objetivo de buscar apoio de mais índios das tribos Gavião, Canela e Krikati. A policia, por sua vez, vem mantendo uma Blitz permanente na rodovia Belém-Brasília junto à entrada de Tocantinópolis, para evitar a entrada de mais pessoas armadas no município. A equipe de agrimensores da FUNAI pretende terminar o trabalho no prazo de 24 dias, deixando para o final o contato com os posseiros da área Sul da reserva, onde há mais hostilidade e resistência. A demarcação da reserva, que tem quase 70 mil ha, e a sua ampliação para 102 mil ha são antigas reivindicações dos Apinajé à FUNAI, que somente atendeu ao pedido diante da ameaça dos indígenas de expulsar os posseiros a força. (ESP, 10/12/83).

**Indios aceitam acordo prosisório**

O impasse da demarcação da reserva dos índios Apinajé, que ameaçava resultar num sério conflito envolvendo posseiros e os próprios indígenas, pode ser resolvido na próxima segunda-feira. Um acordo prosisório foi obtido ontem à tarde, em reunião na aldeia São José, a 18 quilômetros de Tocantinópolis. Os caciques das nações Kraho, Xerente, Apinajé e Carajá aceitaram a proposta da comissão composta pelo capitão Renato Martins, da Polícia Militar, e agentes federais, para que os índios aguarem o levantamento fundiário da área, por técnicos da FUNAI, a fim de se iniciar a demarcação da reserva. Os índios concordaram, mas exigiram que o presidente da FUNAI, Octávio Ferreira Lima, assuma, na segunda-feira, o compromisso por escrito de começar a demarcação após o levanta- mento fundiário. Ao final da reunião, uma comissão encabeçada pelo cacique José da Doca, da aldeia Mariazinha, a 22 quilômetros de Tocantinópolis, man teve um contato telefônico com o prefeito da Funai, que se comprometeu a atendê-los na segunda-feira.

Com a demora da Funai em tomar a providência, os Apinajé estavam dispostos a iniciar hoje a demarcação da sua reserva. (Diário da Manhã/GO, 10/12/83).

**FUNAI promete demarcar em março 84**

A partir de março, a reserva dos índios Apinajé em Tocantinópolis começará a ser demarcada, prometeu ontem, por telefone, o presidente da Funai, ao cacique Milton, dos Kraho. Com isso, chega ao fim o impasse entre aquele órgão do governo e as nações Carajá, Xerente e Kraho que apoiavam os Apinajé na sua pretensão de ver demarcadas as terras, que já estão sendo visitadas pelos técnicos da Funai. Esta, entretanto, não cede no outro conflito com os índios: não concorda em trocar o encarregado da Ajudância de Ara guaima, ocupada pelos índios. (Diário da Manhã/GO, 13/12/83).

**Em Brasil, líderes exigem apoio da FUNAI**


**Posseiro procura Polícia Judiciária**

Afirmador ser posseiro desde 1945, Agostinho Gomes da Silva procurou ontem o Departamento de Polícia Judiciária para denunciar a invasão de sua posse por 13 índios Xerentes, com mandados por um homem que se identificou como Araújo, dizendo-se funcionário da FUNAI. Os silvícolas estavam armados e tocaram fogo no curral e em quatro casas da posse. A polícia informou ao posseiro que, de acordo, ele deveria procurar a Funai. Depois, então, poderia ser um caso de polícia. (O Popular/GO, 22/11/83).
XAVANTE

Pneumonia causa 10 mortes em Sangradouro

Dez crianças xavantes morreram na semana passada, cinco estão gravemente enfermas na aldeia de Sangradouro – situada aproximadamente 200 km de Barra do Garças, Mato Grosso –, vítimas de pneumonia aguda. A doença começou em agosto com a mudança da temperatura. Seis índios – todos menores de dois anos de idade – morreram assim que adoeceram, sem nenhum amparo, a não ser dos padres e das irmãs da Congregação Salesiana, que tomam conta da aldeia desde os primeiros contatos com os xavantes. Ao perceberem a gravidade do problema, internaram os doentes na enfermaria da Missão, a um quilômetro da maloca dos índios. Contudo, não conseguiram evitar a morte, pois não contam com medicamento suficiente para combater o surto. A Funai já foi comunicada da situação, mas, até a semana passada, não havia se manifestado. (Jornal de Brasília, 04/01/83).

FUNAI acusada de “expansão”


A luta por Volta Grande

O cacique Xavante da aldeia de Sangradouro, Augusto Verarrita – primo do deputado Mário Juruna, após uma exibição de danças em comemoração à Semana do Índio, na Praça Alencastro, em Cuiabá (MT), disse estar disposto a abrir guerra de novo se a Funai não garantir ao índio a área de Volta Grande, atualmente ameaçada de invasão por fazendeiros. No mesmo dia, ele manejou uma conversa de 20 minutos com o Governador do Estado. O Governador revelou ao cacique Verarrita que “nós vivemos em um fogo cerrado: de um lado, as legítimas reivindicações dos índios, e de outro, não menos legítimas, as preocupações dos colonizadores”. (O DIA/RJ, 22/4/83).

Detido delegado regional

Os índios Xavante da aldeia Dom Bosco (MT), detiveram de quarta-feira até o meio-dia de ontem quatro funcionários da Funai e o próprio delegado da 7ª regional do órgão, na tentativa de resolver a questão da ampliação da reserva de Sangradouro. No final, aceitaram a proposta de transferir para segunda-feira a discussão do problema, durante reunião do ministro extraordinário para Assuntos Fundiários com representantes da Funai, Ministério do Interior, Banco do Brasil, Inca e Seplan. A intenção era manter os funcionários como refém até que a Funai mandasse agrimensores para fazer a anexação da área conhecida por Volta Grande, com 34 mil hectares. Desde que a aldeia Dom Bosco foi criada, em 1974, os índios lutam pela posse de Volta Grande. (ESP, 13/5/83).

Ocupada FUNAI em Brasília


Antropólogos apoiaram o protesto

A ABA/DF interpretou ontem, em nota oficial, o protesto dos índios xavantes na sede da Funai como “uma demonstração do direito que eles têm, por lei, de se opor à política indigenista posta
em prática pela FUNAI e, por isso mesmo, de pressionar para mudar o atual quadro administrativo deste órgão que em nada o representa.

De acordo com a nota da ABA/DF, elaborada pela sua Comissão de Movimentos Sociais, a invasão da FUNAI pelos índios não é um fato isolado ou acidental, “como também não o é o episódio recente do sequestro do avião no parque indígena do Xingu”. E cita o projeto do deputado Mário Juruna proposto que a FUNAI seja administrada por um conselho diretor composto por pessoas apontadas por comunidades indígenas e ainda um conselho indígena, com a função de fiscalizar o primeiro, composto por 5 líderes indígenas.

(Jornal de Brasília, 24/06/83).

**Xavante decidem esperar em Brasília**

Os 14 índios Xavantes que ocuparam a sede da FUNAI antes decidiram que permanecerão em Brasília até que seja exonerada a diretoria da entidade, presidida pelo coronel aviador Paulo Leal. Ontem, eles estiveram na FUNAI, mas não encontraram quase ninguém, pois era dia de pagamento e não havia expediente do fato.

O deputado Mário Juruna, que ontem regressou do Rio de Janeiro, esteve em Brasília e anunciou que “nós começamos a acender o fogo e não temos intenção de apagá-lo. Enquanto o ministro Antônio

..."

Segundo ele, se o Governo não tomar todas as providências necessárias dentro do prazo combinado, os índios irão ocupar novamente a FUNAI. “A nação indígena quer que a Fundação exista para atender suas reivindicações” — disse. Entretanto, afirmou que a segurança do atual presidente será feita pelos índios Xavantes. Esta afirmação está criando uma divisão entre os próprios índios. Inclusive o deputado Mário Juruna disse que os funcionários da FUNAI estão pressionando alguns para que defendam Paulo Leal. Denunciou que a FUNAI está fretando avião para trazer índios para Brasília a fim de defender Paulo Leal e seus diretores, além de pagar hospedagem para os recém-chegados à capital.

(Ultime Hora, 28/06/83).

**Indios decidem “dar um tempo” à FUNAI**

Apesar de continuar insistindo no afastamento de alguns assessores da FUNAI, os índios xavantes que estão em Brasília desde a semana passada, resolveram voltar às aldeias. Ontem, o deputado Mário Juruna teve reunião com o presidente da Fundação, Paulo Moreira Leal, e quem comunicou a decisão dos xavantes, ressaltando, porém, que vão apenas “dar um tempo” para que ele decida o que fazer sem se sentir pressionado. (ESP, 29/06/83).
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/CEDI

União deverá indenizar fazendeiro

A União e a Funai foram condenadas ontem pelo Supremo Tribunal Federal a indenizarem em mais de Cr$ 200 milhões o fazendeiro Oswaldo Daunt Salles da Amaral pela desapropriação ilegal de 9,5 mil hectares no Município de Barra do Garças (MT) para demarcação de área indígena. (O Globo, 11/08/83).

PM guarda sede da FUNAI

Um pelotão de choque da PM, com soldados, e cães, e carros policiais cercaram ontem a Funai, durante cinco horas. A polícia foi chamada pelo próprio presidente do órgão, Otávio Lima, temendo que o grupo de xavantes que se encontra em Brasília pudesse praticar qualquer violência.

A informação que nós tivemos — disse o presidente da Funai — foi a de que xavantes invadiriam o prédio. Nós não vamos permitir isso. Nossa preocupação é melhorar a imagem da Funai junto à opinião pública. Essas constantes invasões tornam a Fundação sem credibilidade junto aos demais órgãos do Governo. Fica parecendo que a Funai é desorganizada e nós vamos mudar essa imagem.

Os 23 xavantes chegaram às 15 horas na Funai. Primeiro um grupo de cinco, em seguida mais 18, que cercaram o diretor do Departamento Geral de Operações (DGO), Carlos Grossi, armados de bordunas, arcos e flechas, os caciques Aniceto, Simão, Cipriano e alguns líderes queriam conversar com o presidente. Queriam protestar contra o decreto que abre as áreas indígenas às empresas mineradoras particulares e também contra o projeto de emancipação apresentado por um deputado de Roraima.

A Reunão entre os índios e o presidente da Funai foi fechada. Participaram apenas os diretores e, às 19h30, o cacique Aniceto mandou distribuir uma carta à imprensa onde ele fala sobre o decreto do presidente Figueiredo, abrindo as áreas indígenas para mineração. “Esta notícia colocou todos nós, índios, em estado de alerta, trazendo intransigibilidade, o desassossego, perturbando nosso sono à noite.”

Depois dos protestos, os índios pediram sementes, apoio à saúde e educação nas aldeias, e às 20 horas foram levados para um hotel, nas proximidades da Funai, que permaneceu cercada pela polícia até a saída do presidente. (G. da Silva, 18/11/83).

BAKAIIRI

Denunciada invasão de terra e corrupção

O deputado estadual Kasuho Sano (PMDB) denunciou, na Assembleia Legislativa, a invasão de terras dos índios Bororo e Bakaíri “realizadas com a convivência, cumplicidade e participação de funcionários da 5a DR/Funai”. Ele disse que grande parte das terras estava sendo arrendadas para fazendeiros pela própria Funai. O deputado denunciou também que as multinacionais Eraflora e Mitsui-Yoshioka invadem terras dos Bakaíri. Os índios, além de não receberem ajuda, têm sua produção comercializada pela Funai que fica com todo o dinheiro. O deputado, que participou da primeira assembleia geral na Nação Bororo, a convite dos índios, transformou-se no porta-voz desses índios. Um documento sobre a problemática dos Bororo e Bakaíri será enviado às autoridades estaduais e federais. A bancada do PDS, através de seu líder, hipotecou solidariedade à causa dos Bororo e propôs a formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as denúncias. (Estado de Minas, 19/08/83).

FUNAI aprova verba para agropecuária

A FUNAI aprovou três projetos em favor dos postos indígenas Bakaíri, Santana e Umumita, todos em Mato Grosso, no valor total de 12 milhões de cruzeiros, que serão utilizados para incrementar a agropecuária e bovinocultura desenvolvidas naquelas comunidades, possibilitando ainda a elevação do seu nível de renda, bem como o seu bem-estar social.

Aos três postos foram destinadas parcelas iguais de 4 milhões de cruzeiros cada. (Última Hora, 09/09/83).

BORORO

Eleições diretas em Merure

O cacique-geral do tribo, Aneldino, que derrotou quatro candidatos nas eleições direta do último dia 31 de dezembro, veio ontem a Brasília, acompanhado de seu Diretor-Geral de Planejamento e Operações (DGPO), e de outros assessores para comunicar a Funai a nova organização política e social do seu povo. O índio Paulo Miriacuere chefe de planejamento do tribo, explicou o novo sistema de governo, inédito até agora entre as tribos brasileiras. Segundo ele, o cacique Ângelo Caigo havia sido deposto e o tribo resolveu fazer uma eleição direta e democrática para escolha do novo chefe. Cinco candidatos disputaram o cargo, mas o vitorioso foi o atual cacique Aneldino, que, habilmente, já nomeou o antecessor para chefe do setor de agricultura da aldeia. Pela nova sistemática, que burocratiza e cria cargos — que, embora não tenham diárias ou mordomias, dão prestígio na tribo — o cacique-geral é o chefe. Para auxiliá-lo serão nomeados caciques regionais, com atuação nas diversas aldeias nas quais a tribo se divide na reserva. O homem forte será mesmo Miriacuere, com seu departamento, pois a ele caberá traçar os planos de produção agrícola e pecuária da tribo, disciplinar o uso de máquinas agrícolas e executar seu mais urgente projeto: racializar o uso de combustíveis.

O cacique Aneldino esteve ontem na Funai, mas somente segunda-feira será recebido pelo presidente, Coronel Paulo Leal. Aneldino firma que assessores de Leal deram pleno apoio ao sistema de governo agora adotado na tribo. Ele pedirá na audiência que a Funai lhes forneça sementes de capim braquária, 50 rolos de arame, machados, facões, foices, um secador de arroz, um traotorista que seja mecânico de caminhão, além de 10 matrizes e um reprodutor de porcos barrão e um desintegrador.

Aneldino e Miriacuere afirmaram ontem que com esse tipo de governo pretendem adquirir maior independência,
ficando menos à mercê da Funai e dos padres salesianos, que mantêm uma missão na reserva. Esses padres funcionário agora, como consultores, enquanto a Funai deverá ser os poucos liberados de sua função de assistência para fornecer ajuda técnica. Um dos pontos políticos do novo governo Bororo é conseguir da Funai uma forma de assegurar o retorno à tribo dos índios que estudam em cursos de 1º e 2º graus em várias cidades do interior, e que não querem voltar para aplicar os conhecimentos junto à sua gente. (JB, 15/01/83).

Marcada Assembleia

Pela primeira vez, os índios Bororo, de Mato Grosso, vão reunir-se de 15 a 20 deste mês, numa grande assembleia que contará com a participação de representantes dos nove grupos Bororo existentes no Estado. Os Bororo — conforme revelou hoje uma comissão de líderes indígenas — vão analisar durante seis dias sua situação para, a partir daí, fazerem uma tomada de consciência, "porque a Funai não está resolvendo o problema do índio". Por isso, entendem os líderes José Luís Quiareva, Vânder Meridogaro, Antônio Mário Arigabobo, Flávio Barucres, Geraldo Ojique, Henrique Alves Atroagari, Isarias Jacombe Currec e Maurício Mercuri — que a assembleia será "um marco histórico na luta indígena". Mais importante ainda é o fato de que a iniciativa do encontro entre os Bororo das nove comunidades partiu deles próprios, mais precisamente do grupo de Perigara, um dos mais numerosos. O capitão José Luís, de Jaradore, ao fazer o convite ao deputado Caçau Sano (PMB) para participar de sua assembleia, explicou que a reunião está sendo vista como "moto de orgulho", não só para os próprios Bororo, mas também para os indigenistas e missionários que trabalham junto àquelas comunidades. (FSP, 08/08/83).

FUNAI tenta desacreditar líder Quearuware

O cacique Bororo José Ruiz Quearuware, que liderou a assembleia-geral dos Bororo em Cuiabá e denunciou a Funai por "arrendar terras dos índios e desviar pagamento dos índios aposentados e dinheiro do comércio de cereais produzidos nas aldeias", foi ontem acusado de vender cinco hectaras de reservas da Funai ao comerciante Juraci de Oliveira Barbosa, conforme registro no cartório de Jaradore, em Poxoreo MT. A acusação foi feita pela Funai (sic). (ESP, 28/08/83).

Documento pede mudanças na Delegacia

Representantes de cinco aldeias Bororo entregaram ontem ao presidente da FUNAI, em Brasília, um documento pedindo o afastamento de alguns funcionários e do delegado do órgão em Cuiabá, Darcy Cunha, acusado de mandar prender os índios que participaram de reuniões. O documento será também entregue ao ministro do Interior, denunciando irregularidades, inclusive o desvio da aposentadoria de alguns Bororo pela assistente social da FUNAI em Cuiabá. Afirmam também que o dinheiro recebido pela FUNAI dos arrendatários da terra Bororo não tem retornado para a área. Pediram também a retirada dos fazendeiros e posses que invadem suas áreas e anunciaram a formação de uma equipe especial para expulsar os invasores, caso a FUNAI não resolva o problema.

Em SP, índios denunciam fazendeiro

Seis índios Bororo, do PI Gomes Carneiro, de Mato Grosso — que se encontram em Santo André (SP) participando da campanha "Nossa Criança conhece o índio brasileiro", promovida por um clube de pâra-quadro da cidade — denunciaram ontem a invasão de suas terras por um fazendeiro que eles conhecem como "Dr. L. eindo". O grupo é liderado pelo cacique Zé Upe, e deverá visitar 280 escolas da região. Os índios também desfilaram em um carro do Corpo de Bombeiros, e participaram da abertura do Primeiro Salão da Aeronáutica e Marinha Desportiva, no próximo dia 8, no Parque Regional Duque de Caxias, em Santo André. (ESP, 29/09/83).

Prefeitura adota índios do Perigara

Sob orientação do prefeito Francisco Borga dos Santos, a Prefeitura do município de Barão de Melgaço vai adotar os índios Bororo de Perigara, mesmo sem autorização da FUNAI. De agora em diante, os índios daquela reserva — 10.000 ha, a dois dias de viagem de Cuiabá — receberão o mesmo tratamento dispensado aos brancos, em termos de assistência médica e social: vacinação, material escolar, roupas e sapatos serão fornecidos aos índios. (Diário da Manhã/GO, 30/10/83).

Ocupada delegacia em Cuiabá

Caras de 30 índios Bororo da reserva Perigara invadiram ontem de manhã a 5ª DR/FUNAI. Dispensaram todos os funcionários mas mantiveram como re- fêm o delegado titular, Coronel Darcy Alves da Cunha. Foi exigida também a permanência do subdelegado, do motonista e do operador de rádio, para atender os índios. Os índios, liderados pelo jovem Paulo Mericure, de Mure, exigem a substituição do atual delegado pelo chefe de posto de Perigara, o índio Terena David de Oliveira, que reúne conhecimentos suficientes para assumir o cargo. Também querem a demarcação definitiva das terras indígenas e mais recursos para a aplicação nos setores de saúde e educação, assim como apoio à produção agrícola nas aldeias. (O Globo, 20/12/83).

FUNAI promete sindicância

O presidente da Funai anunciou que vai abrir sindicância para apurar as denúncias feitas pelos índios Bororo contra o Chefe da 5ª Delegacia do órgão, em Cuiabá, Coronel Darcy Cunha. Ele afirmou que até que a sindicância seja concluída o Coronel permanecerá no cargo. Otávio Lima afirmou que "não gosta de agir sob pressão", mas garan- tiu que, caso as denúncias sejam comprovadas, não terá dúvidas em afastar o Coronel, que foi mantido como reťem pelos índios, quando ocuparam a sede da delegacia. O Presidente da Funai garantiu ainda que serão estudadas e atendidas dentro do orçamento do órgão todas as reivindicações feitas pelos Bororo. Os Bororo que invadiram a sede da Funai em Cuiabá regressaram ontem para as suas aldeias, confiantes de que o órgão cumplirá as promessas feitas na manhã de terça-feira. Paulo Meri Ekurel, líder dos Bororo, disse que a invasão da sede foi apenas o começo de uma grande luta. Não acei- tamos o Coronel Darcy como delegado — concluiu ele. (O Globo, 22/12/83).
IBDF E FUNAI:
RAPOSAS NO GALINHEIRO

A Transaraguaia corta a Ilha do Bananal
e os direitos dos Karajá e Javaé.

André A. Toral*

O "home" tão a fim de faturar. É hom não ficar na
frente deles porque senão eles "atropelarem". É triste
mas é verdade. Quem tá a fim de faturar? Os cria-
dores de gado, engordados com favores fiscais, do Mato
Grosso e do Estado de Goiás. Quem vai ser atropelado?
Os índios que moram na Ilha do Bananal, a flora e a fauna
que resta do combalido Parque Nacional do Araguaiá.

Vou explicar melhor: o presidente do IBDF, ao depôr na
Comissão do Índio da Câmara dos Deputados, pratica-
mente justificou a construção da rodovia que cortará a
ilha. Na realidade, segundo este senhor, "a reserva existe
apenas no papel". A rodovia, ainda segundo sua opinião,
ão afetará (sic!) a flora e fauna da região. Ver a este
respeito o excelente artigo de um repórter do Correio da
Manhã de GO (do dia 10/11/83). Como diz o repórter,
é exatamente a este senhor a quem cabe a responsabi-
dade legal para a conservação e a defesa do Parque
Nacional do Araguaiá. Se ele, que é a pessoa a quem cabe
a tarefa, se mostra tão pouco zeloso de suas atribuições
(para se dizer o mínimo), imagine-se então o cuidado que
não dispensam à natureza os senhores pecuaristas intere-
sados unicamente em faturar.

Estação de engorda

Mas, animem-se leitores, a Ilha do Bananal não está
unicamente submetida ao controle do IBDF, que cuida
apenas do seu terço norte. Os dois terços ao sul estão aos
cuidados da FUNAI (podem voltar a desanima) que ali
aparentemente, mantém o Parque Indígena do Araguaiá.
Na verdade aquilo já não é mais um Parque Indígena.
Transformou-se, graças à FUNAI e aos já citados fazen-
deiros, numa enorme estação de engorda de gado goiano,
paranense e mato-grossense. A FUNAI cobre os arrenda-
tários um aluguel por cabeça de gado muito abaixo do
preço regional das pastagens. Cobra também por metro
linear de arame esticado e por metro quadrado construído.
Como criar gado, nas terras que deveriam ser dos índios, é
um excelente negócio, a própria FUNAI também resolveu
invinhar: existem diversos reitros no interior da ilha e o
leitor amigo, se lhe com atenção os jornais do eixo Rio-
São Paulo, poderá notar que periodicamente saem discretas
notas anunciando vendas públicas do gado da FUNAI.
Mas, além de alugiar a terra dos índios aos criadores e de
se transformar, ela mesma, em mais um criador, a FUNAI
acabou por se tornar instrumento de pressão sobre os
índios que insistem em morar na região.

FUNAI + IBDF
lesam os direitos

Vou explicar melhor: a estrada Transaraguaia passa em
cima de uma aldeia Javaé, que se chama Inywébokoná, ou
Boto Velho, onde vivem aproximadamente 60 pessoas, a
maioria nascida no local. A área onde vivem fazia parte do
Parque Indígena até 1980 quando um decreto sem pê nem
cabeça, feito sem consulta aos Javaé, passou a considerar a
área como sendo do Parque Nacional do Araguaiá ("admi-
nistrado" pelo IBDF). A mudança de limites foi feita para
se incluir a aldeia Karajá de Macaúba dentro do Parque
Indígena (os índios de lá estavam ficando meio "revol-
tosos" e tinham chegado a cerrar e ameaçar os fiscais do
IBDF que tentavam impedí-los de pescar, botar roças e
outros "abusos" a que os índios já se acostumaram,
imagem, só porque eles desde o século XVIII compro-
vadamente moram na ilha...). Como a FUNAI não con-
sultou ninguém para fazer o decreto acabaram por come-
ter um "cochilo": incluíram Macaúba e excluíram Boto
Velho. Por isso os índios.

Desde antes desta época a turma do Boto era pressionada
pelos chefes de Pastos, diretores do Parque, pescadores,
fazendeiros, para que deixassem de ser "chatos" e acei-
tassem a transferência para outra aldeia. Depois então que
a aldeia se tornou "proserita" o negócio piorou. As
pressões aumentaram e algumas famílias foram a

(*) antropólogo, faz pesquisas entre os Karajá e Javaé, está preparando
tese no Museu Nacional e é o editor do Aconteceu semanal, Cedi.
mudar-se. Note-se que ninguém, repito, ninguém, pode questionar o direito histórico dos Javaé àquele pedaço de terra, que é um dos berços mitos dos Karajá e Javaé. Mas a FUNAI não se interessa em questionar coisa alguma, ela age simplesmente. E age no sentido de expulsar os índios daquele pedaço. Em fevereiro deste ano o administrador do Parque Indígena do Araguaia esteve no local convidando os índios a se retirarem de lá (a fórmula é um eufemismo que aprendi na escola e quer dizer expulsão pura e simples: o senhor está convidado a se retirar da classe, ou seja: cá for, tá expulso). Se saíssem de lá teriam assistência (escola, assistência médica, etc.). Se “teimassem” em ficar teriam estrada, nenhum auxílio, muita pressão, peões bêbados, etc. Junto com o administrador do Parque estavam alguns caciques “mansos” ou “pelêgos”, como me dizia um professor amigo meu (antes eu achava a fórmula pouco apropriada, hoje acabo até dedicada) que faziam o jogo da FUNAI: diziam a seus irmãos que não tinham nada que ficar lá, apesar deles mesmos estarem carecas de saber que a terra é deles. Fazendo este triste papel de traidores da raça temos o “cacique assalariado” Ijorá de Santa Isabel (Karajá), Ijáu (de Macaúba) e o Elesí Axelver (Javaé de Canoã). Este último acumulando também a função de chefe de posto, amigo dos fazendeiros, marismadores, turistas, e do IBDF. É a FUNAI contribuindo para a formação moral das lideranças Karajá e Javaé...

A FUNAI inclui, excluindo

Vejam então o que temos aí. Do lado do IBDF temos o seu presidente que não está interessado em conservar patrimônio ecológico nenhum. Provavelmente não foi colocado no cargo para tal tarefa. Está apenas fingindo que é presidente de um órgão que deveria se preocupar com a ecologia. Ele tá lá é para fazer e tomar as providências necessárias para que os “home” continuem a faturar grosso, pilhando as riquezas naturais da nação e em especial as do Parque Indígena do Araguaia. Se ele se preocupasse em defender alguma coisa poderia começar por retirar o gado ou criar alguma forma de controle do aluguel das pastagens atualmente arrendadas do Parque Nacional do Araguaia. Mas supor que ele vá fazer isso é tão absurdo como se supor que o Brasil vá alcançar a plenitude democrática com o sr. Maluf na presidência...

Do outro lado temos uma FUNAI que não quer nem saber de defender os direitos dos Javaé de Boto Velho tomando as providências necessárias, ou seja, reafirmando as limites do Parque Indígena com o Parque Nacional do Araguaia de forma a incluir a aldeia Javaé e prestando-lhe a assistência devida que é o seu dever constitucional. Ao contrário, temos a FUNAI, através de seu digno representante na área pisando por cima de todos os direitos dos índios e trabalhando, como qualquer fazendeiro local no sentido de remover os índios da área. Ao mesmo tempo o presidente da FUNAI, brincando de presidente da FUNAI: posa de defensor dos índios, dizendo que está tomando as “providências legais”, consultando os outros órgãos para a resolução da questão, que está preocupado em defender o direito dos índios Javaé, etc., etc. Tudo mentira. Ele quer é que os Javaé saiam de lá, conforme as instruções que deve ter recebido do seu chefe, o “presidenciável” Andreazza, ministro do Interior e que passou ao seu comandado, o diretor do Parque. Supor que o Andreazza, num ano eleitoral, vá se opor aos interesses dos grandes criadores de gado da região, legitimando a área como sendo indígena é a mesma coisa que supor que um macaco, como diz um provérbio que escutei de um pastor do Mato Grosso, possa guardar as bananas que lhe são confiadas.

Sem diretas, não dá!

Temos então um IBDF que não defende ecologia nem humana, da mesma forma que temos uma FUNAI que não defende índio nenhum. De comum entre os dois temos apenas a sua lealdade a interesses imediatistas e aventureros que são sobejamente conhecidos e que há mais de uma década se dedicam a assaltar a Amazônia, com sêde de lucro rápido, com ganância, com raiva e sem nenhum amor à região que se preocupam em queimar e jogar desfolhantes. Temos também a perspectiva do continuísmo destes mesmos interesses, que já há duas décadas monopolizaram a máquina do estado em benefício próprio, se consolidarem no poder por mais 4, 5 ou 6 anos (sabe-se lá qual o tempo do mandato do próximo “presidente”). É absolutamente impossível pensar que algo se modificará nesse quadro (e em particular na Ilha do Bananal) enquanto essas pessoas continuarem no poder. Os compromissos que elas têm não são com a defesa do nosso patrimônio ecológico ou com a defesa dos direitos dos nossos índios. Temos aí o passado dessas pessoas que prova isso de maneira inegável. É preciso lutar pela alternância do poder através de uma representatividade, cada vez maior, das pessoas ligadas aos interesses da nossa gente e comprometidas com a defesa da nossa terra. São necessárias outras pessoas, com outros interesses para que algo possa mudar. Defender a Ilha do Bananal, lutar pela autodeterminação dos povos indígenas que lá vivem implica, hoje, em estar engajado na campanha pelas eleições diretas para presidente. A longo prazo, implica em estarmos comprometidos com o projeto de fazer com que a vontade popular se expresse, cada vez mais, através das instituições políticas brasileiras.

Desta forma, a defesa da Ilha do Bananal, nos leva muito longe de lá e nos dá horizontes políticos mais ampls: defender a Ilha e sua gente implica em compromissos mais ampls, implica em querermos o Brasil de volta, depois de vinte anos entregue ao regime autoritário.
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/CEDI

Aconteceu na imprensa

BR-262: ATAQUES E DEFESAS

ANAÍ promete medida judicial

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Paulo Moreira Leal, receberá uma dura crítica ao abrir sua correspondência hoje. Em resposta a uma carta que enviou para Júlio Gaiger, presidente da Anaí, argumentando que uma estrada a ser construída no Parque Nacional do Araguaia não atingirá as áreas indígenas da Ilha do Bananal, em Goiás, ele será ofertado com uma resposta que, a certa altura, sentencia: “Vossa Excelência ou desconhece a legislação em vigor ou não a está considerando”.

Na carta que Gaiger enviou ao presidente da Funai, o Decreto nº 84.844/80 (que Leal utiliza para assegurar que o Parque Nacional não inclui o Parque Indígena do Araguaia) é destronado com as pechês de “inconstitucional e nulo”. De acordo com Gaiger, a existência do artigo 198 da Constituição, determinando a exclusividade de posse e usufruto de terras habitadas pelos índios, já torna nulo o decreto posterior. Além disso, em 1971, foi criado o Parque Indígena com limites bem mais extensos que os designados depois.

“O que o Decreto nº 84.844/80 pretendeu foi uma forma avessa e ilegal de expropriar terra indígena para apro ceder aos interesses mesquinhos do grupo Banco de Crédito Nacional”, diz Gaiger em sua carta.

Gaiger sugere, ainda, que a Funai deveria não só opor-se à construção da estrada, como, principalmente, lutar pela revalidação integral dos limites do parque indígena fixados pelos Decretos nº 69.283/71 em sua criação.

Ao final da carta, Gaiger declara que este é o derradeiro apelo da Anaí ao “senso de responsabilidade” de Paulo Moreira Leal. E promete que se os direitos dos índios na questão não forem respeitados, a Anaí tomará medidas radicais. “Tomaremos todas as providências ao nosso alcance, inclusive judiciais, para substituir, em prol das comunidades autônomas, as iniciativas que a Funai desprezar”, ameaça o documento. (Zero Hora, 22/02/83)

Parque do Araguaia está à venda

O vice-governador Onofre Quinan (PMDB-GO) disse que o governo estadual poderá designar um grupo de estudo para analisar os benefícios e prejudicados que poderão surgir com a abertura da BR-262, que vai cortar ao meio o Parque Nacional do Araguaia. De acordo com as justificativas da SUDECO, a rodovia beneficiará duas destinares de álcool e dois frigoríficos em Mato Grosso. Além da BR-262, outra rodovia já foi planejada para cortar a ilha, o hotel JK poderá ser reaberto ao turismo e a liberação da pesca poderá acabar com a fauna ictiológica do rio Araguaia, além de colocar os quase 3.000 índios que vivem na área em contato direto com a exploração e civilização branca, sem falar nos cerca de 15 mil possíveis, grilheiros e peões que estão na área, vigiando os rebanhos bovinos em pastos alugados pela própria FUNAI. Durante sua entrevista, Quinan disse que, pessoalmente, é favorável à reabertura do hotel, explicando que no atual estágio, os índios já assimilaram todos os aspectos negativos da civilização. A superintendência de Desenvolvimento da Pesca decidiu liberar a pesca profissional e predatória em Goiás. Como os maiores araguaios estão na ilha, poderá haver um grande fluxo de pescadores para a região, além da exploração da mãe-de-obra dos próprios índios na pesca profissional. (O Popular, 21/05/83)

Juruna apóia preservação do Parque

O deputado federal Mário Juruna (PDT-RR) virá a Goiânia, hoje, para participar da campanha em favor da preservação do Parque Nacional da Ilha do Bananal — ameaçado pela construção de uma rodovia prevista para cortá-la ao meio — e contra a pesca profissional no Estado de Goiás. O movimento teve início ontem, com a coleta de centenas de assinaturas nas ruas centrais da cidade e outros locais de grande concentração. A campanha conta com o apoio de partidos políticos e entidades de defesa dos recursos naturais. Com duas grandes placas narrando os inconvenientes da estrada, rapazes chamam a atenção dos transeuntes e pedem-lhes assinaturas e endereços. Os documentos serão encaminhados ao presidente Figueiredo, pedindo o estudo de outras alternativas visando a não construção da estrada no Araguaia. (Diário do Grande ABC, 10/06/83)

Desmentida estrada na ilha

O Ministério dos Trabalhos negou ontem que exista um projeto para construir a Transaraguaia que, segundo reclamação dos índios javais, cortará o Parque Nacional do Araguaia, na ilha do Bananal. Segundo o Ministério, o DNCR nunca planejou construir a BR-262 na ilha. Mas fontes do governo

Fundada entidade para defender o Araguaia

Por iniciativa da Goiastur, será realizada amanhã e depois em Aruanã, a I Reunião de Atividades Ligadas ao Turismo no Vale do Araguaia — I REA-LITUR.

Essa reunião terá seu ponto alto quando for discutida a criação da ARARA — Associação Regional dos Amigos do Rio Araguaia, uma sociedade civil sem fins lucrativos e cuja principal finalidade será a defesa da ecologia do Vale do Araguaia. A entidade contará com o apoio técnico logístico dos órgãos encarregados de preservar a natureza, tais como as Secretarias do Meio Ambiente de MT, GO e PA. Entre os problemas mais graves, a entidade terá de enfrentar a questão da estrada que corta o Parque Nacional do Araguaia (Diário da Manhã, 27/05/83)
revelaram que o próprio Ministério do Interior autorizou a Sudeco a construir no Parque Nacional a estrada estadual GO-262, ligando Santa Teresinha, em Mato Grosso, a Barreira da Cruz, em Goiás. (ESP, 31/08/83)

D. Pedro Casaldáliga propõe ação popular

O bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, ao depor ontem na Comissão Permanente do Índio da Câmara Federal, propôs que a Comissão promova uma ação popular em favor da Ilha do Bananal, uma forma de preservar a população indígena Javaé e Karajá, além das reservas naturais. O bispo foi falar sobre a rodovia Transaraguaia, que dividirá a ilha, cortando a aldeia Javaé de Boto Velho. (ESP, 19/10/83)

Estrada novamente condenada

A ex-diretora do Departamento de Parques do IBDF, Maria Pádua, afirmou, na Comissão do Índio da Câmara, que investiga o projeto da rodovia Transaraguaia, que a estrada significará "um precedente perigoso e um grande desastre ecológico", pois cortará o parque florestal existente na ilha do Bananal.

Tereza Pádua, que pediu demissão do IBDF por discordar do traçado da rodovia, sustentou que a estrada funcionará como uma barragem, agravando o problema das cheias na região. Tereza afirmou que o corte de uma reserva florestal facilitará a invasão da área por pescadores e caçadores, mesmo com uma fiscalização constante. "Existem outras alternativas para o traçado da estrada mais ao Norte ou ao Sul da Ilha do Bananal", afirmou. "Para preservar este parque e outros — concluiu —, podemos, inclusive, contar com a colaboração das comunidades indígenas, que sabem conviver com a natureza e muito podem ajudar a preservar essas reservas". (ESP, 2/11/83)

Comissão do Índio pede paralisação da BR

Em ofício a ser encaminhado aos ministros do Interior, Agricultura e Transportes, a Comissão do Índio da Câmara dos Deputados vai solicitar a paralisação dos trabalhos da Transaraguaia. A decisão foi tomada ontem depois da palestra feita pela conservacionista Maria Teresa de Pádua, ex-diretora de Parques do IBDF.

Além deste ofício, os parlamentares pretendem manter um contato direto com o presidente Figueiredo, apresentando-lhe propostas alternativas de construção da Transaraguaia. A estrada, segundo informações de Maria Teresa de Pádua, interessa a três ou quatro grupos econômicos, entre eles, a Codema e o BNCC. (Folha da Tarde, 03/11/83)

IBDF defende Transaraguaia

O presidente do IBDF defendeu ontem, perante a Comissão do Índio da Câmara dos Deputados, a construção da estrada Transaraguaia — que deverá cortar o Parque Nacional do Araguaia e a Reserva Indígena na Ilha do Bananal — negando que ela venha a trazer prejuízos ao sistema hídrico da região e à reserva ecológica. A estrada é um projeto da Sudeco e foi autorizada por decreto do presidente Figueiredo, já que o IBDF, em administrações anteriores, indeferiu a construção, baseado na regulamentação dos Parques Nacionais. Mauro Reis afirmou que a estrada "é temporária, pois assim que tivermos condições, será desativada e construída uma outra". O deputado Mário Juruna (PDT-RJ), presidente da comissão, lembrou que as comunidades indígenas da região poderiam ter uma reação violenta à construção. (Diário Popular/SP, 9/11/83)
Javaé impedem construções do IBDF

Indios que o Delegado do IBDF, Danilo da Cunha Melo não soube identificar, impediram a construção de duas casas na região do Araguaia, pelo Instituto, destinadas ao controle da entrada e saída de gado na Ilha do Bananal. Os silvícolas obrigaram os operários a fugirem e saquearam as obras, carregando tijolos e outros materiais. Isto aconteceu na semana passada e só ontem foi divulgado. O coronel ressaltou que os dois postos são de "primordial importância" para preservação da fauna e da flora do Parque Nacional do Araguaia. Ele acha muito difícil a construção da estrada cortando a Ilha do Bananal, já decidida pelo Governo, devido à reação de vários setores. (O Popular/GO, 10/06/83).

IBDF acha indios "indecisos"

A estrada que deverá cortar o Parque Nacional do Araguaia, no Bananal, está com sua construção ameaçada pelos "Carajás" (sic) da reserva indígena. A informação é do delegado do IBDF em Goiânia, coronel Danilo Cunha Melo, ressaltando "a grande indecisão dos índios". Ele frisa que os índios não apresentam reivindicações objetivas sobre o que realmente desejam. "Ora eles decidem deixar a construção" — frisou —, "ora resolvem não mais permiti-la. Trata-se de um problema muito sério, para o qual não sei a decisão mais adequada capaz de assegurar o prosseguimento das obras". O coronel disse haver recebido informação de que determinado grupo de índios está querendo que a estrada passe a 60 quilômetros (sic!) da sede da reserva, localizada na ilha. Para ele, a indefinição é tal que o IBDF está sem condições de "dizer qualquer coisa, porque os silvícolas falam uma coisa hoje e voltam atrás no dia seguinte, com reivindicações completamente diferentes". O Delegado acredita na existência de alguém por detrás dessa resistência à construção da estrada, insuflando os índios. Seriam políticos e líderes de outros segmentos da sociedade que estariam manobrando os silvícolas. Com a chegada das máquinas ao local essa resistência poderá deixar de existir. (O Popular, 14/08/83).

Tapirapé apóiam

Após terem conquistado, pelo próprio esforço a criação de sua reserva, os Tapirapé estão procurando oferecer também seu apoio aos irmãos de outros povos que estão com problemas de terras. Assim, dia 2 de junho pass., numa reunião no Posto Indígena Tapirapé, com a presença do então diretor do DGO, coronel Roberto Guarany, e do diretor do Parque Indígena do Araguaia, tenente José Duarte do Nascimento, foi discutida a questão dos Javaé da aldeia de Boto Velho, do lado leste da Ilha do Bananal.


Reivindicações ao governo

O impasse criado entre os índios Javaé da aldeia de Boto Velho, próxima de Cristalândia (GO), com a abertura da rodovia Transaraguaia, poderá ser resolvido desde que o Governo Federal atenda as exigências da tribo. As reivindicações foram encaminhadas através do antropólogo André Amaral de Toral, do Museu Nacional da UFRJ. As reivindicações já foram apresentadas à Funai e não foram atendidas. Os índios estão fazendo as seguintes exigências: 1 — Imediata demarcação da área da aldeia através de uma redefinição dos limites do Parque Indígena do Ara-
guaiá com o Parque Nacional do Ara-
guaia. 2 — Retirada a curto prazo dos
posseiros que ocuparam as cercanias da
aldeia e especialmente da fazenda Boa
Sorte, que se instalou no local de um
antigo aldeamento e cemitério. 3 —
Desativação da estrada que serve aos
arrendatários da Ilha do Bananal e que
passa no meio da aldeia. 4 — Retirada
e médio prazo dos criadores que vivem
próximos à aldeia de Boto Velho. 5 —
Verificação da possibilidade de afaста-
mento em 500 metros da estrada BR-262
para que não passe sobre as roças. 6 —
Instalação de um posto da Funai, e não
do IBDF, que controle o tráfego de
veículos. 7 — Instalação de um Posto
Indígena no local. Devido à demora no
atendimento das reivindicações, ou
mesmo devido à falta de perspectivas
para solucionar o problema, os Javaé
não permitiram que funcionários do
IBDF construíssem duas casas na área
no início de junho. (O Popular/GO,
10/09/83).

Cacique João Watajú
denuncia peões da
SUDECO

O cacique João Watejú, da aldeia Javaé
de Boto Velho, teme que a distribuição
de bebidas alcoólicas por peões que
trabalham na construção da rodovia
262, a Transaraguaia, possa fazer parte
de um plano de intimidação e que
venha culminar com a eliminação das
lideranças indígenas que se opõem ao
arrendamento de terras do Parque Indi-
genar do Araguaia a criadores de gado
da região.

Em relatório divulgado por Lucirene
Behederré, filha do cacique, existe a
denúncia de que só neste ano peões,
liderados por um funcionário da Su-
deco de nome Maurício, entraram três
temas consecutivas na aldeia levando de
tre a quatro litros de cachaça para
promover festas com os índios. A úl-
tima vez foi no dia 14 de novembro.
"Nesse dia, os habitantes da aldeia
tiveram uma noite difícil: brigas, dis-
cussões e ameaças não deixaram nin-
guem dormir. Se a Funai não fizer
nada, as mortes não demorarão a ocor-
rer". (O Popular/GO, 28/12/83).

KARAJÁ

Estudantes ficam sem escola

Cinco estudantes Karajá remanescentes
da Casa do índio em Goiânia, desa-
tivada pela Funai, correm risco de não
poder frequentar escola este ano por
falta de recursos e de interesse do
próprio órgão tutor de sustentá-lo nas
quela cidade, contrariando o acordo
feito anteriormente com os estudantes.
(FSP, 03/02/83).

Eleito o cacique
de Santa Isabel

O Karajá Ijoró foi eleito cacique da
aldeia de Santa Isabel do Morro, no
Parque Indígena do Araguaia (GO),
pele colégio eleitoral formado pelos
índios desta aldeia. Apesar do apoio
recebido da comunidade, dos caciques
do poder a partir da Funai, presentes à
posição, o novo cacique estava nervoso:
antes da posse foi adquirido pelo filho do antigo cacique
que aquela solenidade era uma "palha-
ça" organizada para agradar ao pre-
sidente da Funai. Professor de Karajá e
Portugues das crianças da aldeia,
substituirá no posto a junta que era formada
pelos caciques Malurâ, 58 anos, Aru-
tana, 80 anos, e Atau, 85 anos. Os três
agora passarão a compor o Conselho de
Velhos da tribo, que não tem força de
decisão. Todo o poder estará agora
concentrado apenas nas mãos de Ijo-
ráu, que já decreto a lei de cachaça
na Ilha e contratou um guarda especial
para impedir o ingresso, no local, de bebidas
alcoólicas. Casado com uma branca,
com cinco filhos, o novo cacique da
aldeia Santa Isabel é considerado pelo
conselho de velhos e pelos seus alunos
como um "exemplo a ser seguido".
Ninguém nega que ele é bom pai de
família e respeitado por todos.

GOIASTUR distribui
donativos em Aruanã

Em nome das Legionárias do Bem-
Estar Social, entidade dirigida pela
primeira dama do Estado, Dona Irais de
Araújo Machado, a diretoria da Em-
presa de Turismo do Estado de Goiás
fez a entrega dos mantimentos, roupas
e medicamentos aos índios Carajás de
Aruanã, material que foi arrecadado, a
título de doações, durante a Festa de
Animação Turística do Vale do Ara-
guaia.

A Goiastur destaca que o êxito da Festa
de Animação Turística do Vale do Ara-
guaia deve aos patrocínios de várias
empresas da iniciativa privada goiana e
participação ativa da Fundação Esta-
dual de Esportes, Saneago, Prefeitura de
Aruanã e Polícia Militar de Goiás,
através do Corpo de Bombeiros, além
do apoio das Legionárias do Bem-Estar
Social. (O Popular, 18/09/83).

TAPIRÁPE/KARAJÁ

Homologada
área indígena

O presidente Figueiredo assinou o de-
creto nº 088.194 de 23.03.83 homolo-

gando a demarcação administrativa
promovida pela FUNAI na área indí-
genar Tapirapé/Karajá no município de
Santa Terezinha (MT). (Diário Oficial,
24/03/83).

AVA-CANOEO

FUNAI confirma contato

Quatro índios Ava-Canoeiros — três
mulheres e um homem — foram atraí-
dos pelo único funcionário da Funai na
região do município de Cavalcante,
Antônio Bonis, no final da semana
passada. A ajudância do órgão em
Araguaiina confirmou a notícia, mas
acentuou que os índios acabaram
fugindo quando foram banhar-se num
córrego próximo de Minaçu. A captura
(sci!) dos índios foi pacífica, assim
como a fuga. Entretanto, eles deixaram
vestígios de que desejam retornar ao
local, uma vez que deixaram todos seus
pertences e animais, inclusive um ma-
caco e um cachimbo. Ainda nesta
semana deverá ser enviado para o local o
sertanista Otávio Pinheiro Paraguassu,
a fim de retomar o posto de atração de
Cavalcante, com a finalidade de pacifi-
car os Ava-Canoeiros. A notícia de
contato chegou a Goiânia através do
fazendeiro Itonomas José Pagundes,
amigo de Bonis. (FSP, 14/07/83).
Reiniciada atração
A Funai vai enviar ao posto de atração da região de Cavalcante (GO), mais dois funcionários para tentar localizar o restante dos índios Avá-Canoídeo que se encontram em fuga no Município de Minaçu, no Médio-Norte goiano. Junto aos funcionários deverá ir também um dos quatro Avá-Canoídeo que estão no parque indígena Araguaiá, e falam bem português. De acordo com informações da Ajudância, devem seguir para o posto de atração o sertanista Benamour Brandão Fontes e uma enfermeira do efetivo de saúde do órgão, além do índio civilizado e sertanista Otávio Pinheiro Canguçu, que está na região há 15 dias tentando estabelecer comunicação com três índios e um índio. De acordo com o órgão, já foram recrutados vários moradores da região para trabalharem na tentativa de estabelecer contatos com outros grupos indígenas na região. Até há 15 dias, quando os quatro índios foram contatados pelo sertanista Antônio Bonis, o posto de atração estava praticamente desativado. Apenas Bonis continuava na região prestando serviços. Os índios estiveram numa casa junto com Bonis durante três dias e fugiram. Depois eles retornaram na semana passada, o que fez com que a direção da Funai enviasse ao local mais gente para reativar o posto e tentar novos contatos. Mesmo sendo arredios à civilização, ainda não existe em Cavalcante nenhum tipo de denúncia de ataque dos índios aos brancos. Até agora eles foram responsabilizados apenas por mortes de cavalos e algumas reses de fazendas da região. (ESP, 24/07/83).

FUNAI deixa indírios doentes em Minaçu
Estão doentes os quatro índios Avá-Canoídeo que na semana atrasada entraram em contato com o sertanista Antônio Bonis, em Minaçu (GO). Apesar da Funai, em Araguaiá, ter anunciado a designação de dois sertanistas, uma enfermeira e um intérprete para se deslocarem até a região, informações vindas de Minaçu davam conta, entretanto, de que apenas Bonis continuava com os índios, num barraco distante da cidade. (O Popular/GO, 30/07/83).

IGPA prepara projeto de apoio
O diretor do Instituto Goiano de Pre-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, professor Altair Sales Barbosa, informou ontem que dentro de 30 dias começará a ser implantado o projeto de apoio aos Avá-canoídeo, contactados no município de Minaçu, no início deste mês, por uma equipe de pesquisadores. Ele anunciou ainda a constituição da Comissão Avá-Canoídeo. Altair Barbosa anunciou ainda que no próximo mês de janeiro uma nova equipe do IGPA se deslocará novamente para a região de Minaçu, onde deverá ficar mais de 20 dias, objetivando levantar subsídios e conhecimentos sobre a cultura, características e modo de vida dos Avá-canoídeo. Calcula-se, pelas informações colhidas pela primeira equipe que existe no local, que existam uns 60 silvícolas dessa tribo, que, arredios, vivem em situação de penúria e sofrendo a perseguição de fazendeiros que hoje ocupam terras que historicamente lhes pertencem. Ele ressaltou ainda que o mais urgente a ser feito dentro do projeto Avá-canoídeo será a demarcação das terras desses índios, porque é grave e de penúria a situação em que eles estão vivendo hoje no município de Minaçu. Salientou que “é preciso que se dê condições a esses índios, de trabalho, de voltarem a exercer suas atividades de subsistência, dando a eles condições, inclusive físicas porque se encontram muito doentes e necessitando de cuidados”. Por outro lado, num trabalho paralelo, a pesquisadora Dulce Rios Pedrosa, que participou da equipe que contactou os Avá-canoídeo, irá percorrer várias regiões, onde, segundo informações, esses índios habitaram, tais como Amaro Leite, próximo a Mara Rosa, Niquêlândia e outros povoados. Seu trabalho se concentrará no estudo da etnologia dos Avá-canoídeo. O IGPA está disposto a estudar e trabalhar junto aos Avá-canoídeo para descobrir e elucidar muitos pontos que permanecem obscuros e de que só se tem notícias muito vagas, admite o professor Altair. Tudo isso será feito pelo IGPA sob a orientação do professor Mérico Pereira Gomes, pesquisador da Universidade de Campinas e integrante da equipe que esteve recentemente em Minaçu. Além do professor integraram a equipe que contactou com os Avá-canoídeo sem Minaçu os pesquisadores Mário Arruda, Dulce Rios Pedroso, Alan D. Kobyn, Maria Eugênia Alvarenga Nunes e Lúcia Lobo Amado. (O Popular/GO, 30/10/83).
### QUADRO GERAL DOS POMOS INDÍGENAS DA ÁREA LESTE

<table>
<thead>
<tr>
<th>Povo</th>
<th>n°/mapa</th>
<th>n° aldeias ou nome AI</th>
<th>(*) população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decreto/Propostas</th>
<th>áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Guarani (1)</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>la</td>
<td>1a</td>
<td>Bracuí</td>
<td>28</td>
<td>Angra dos Reis</td>
<td>sem providência</td>
<td>665</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1b</td>
<td>Caieiras Velhas</td>
<td>62 (84)</td>
<td>Aracruz</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td>2.700</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>dec. n° 88.926 de 27.10.83 junto com Tupiniquim</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Krenack (2)</strong></td>
<td>2</td>
<td></td>
<td>70 (84)</td>
<td>Resplendor</td>
<td>demarcada em 1942</td>
<td>4.000</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Patxô</strong></td>
<td>3</td>
<td>Paz Guarani</td>
<td>62 (84)</td>
<td>Carmitêsia</td>
<td>área doada pelo governo de MG à Funai, escritura de 29.01.74, registrada no cartório de Ferros, sob n° 18.143</td>
<td>3.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5</td>
<td>Barra Velha</td>
<td>1.700 (84)</td>
<td>Porto Seguro</td>
<td>demarcada em 1980; declarada de posse permanente, port. n° 1393/E de 01.09.82</td>
<td>8.627</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Maxakali</strong></td>
<td>2</td>
<td></td>
<td>4</td>
<td>Bertópolis</td>
<td>duas áreas demarcadas em 1942 e rede-marca das em 1980</td>
<td>3.417</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6a</td>
<td></td>
<td>1.200 (83)</td>
<td>Pau-Brasil</td>
<td>reserva indígena Caracuru-Paraguassu, demarcada em 1936; intrusada, atualmente sub-júdice</td>
<td>36.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6b</td>
<td></td>
<td>70 (83)</td>
<td>Itaju da Colônia</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Tupiniquim</strong></td>
<td>7</td>
<td>Comboios</td>
<td>179 (82)</td>
<td>Aracruz</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td>2.300</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Pau-Brasil</td>
<td>101 (82)</td>
<td>Aracruz</td>
<td>dec. n° 88.601 de 09.08.83</td>
<td>1.500</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Caieiras Velhas</td>
<td>302 (82)</td>
<td>Aracruz</td>
<td>demarcação homologada</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>junto com Guarani (ver acima)</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Xakriaba</strong></td>
<td>8</td>
<td></td>
<td>15</td>
<td>Itacarambi</td>
<td>demarcada em 1979</td>
<td>46.470</td>
</tr>
</tbody>
</table>

(1) ver tb. nas Áreas Sul e MS.
(2) grupos dispersos em SP, MS e MT.
(3) grupos na região de Ilhéus, sem informação.

(*) fonte: Cimi
RESISTÊNCIA: ATÉ QUANDO?

O juiz federal assegurou, por enquanto, apenas mil hectares aos Pataxós Hã-hã-hãe, na Bahia. Mas eles enfrentam ainda outros problemas, acumulados pelos desgastes de anos de luta.

Aracy Lopes da Silva (*)

Seguência dos acontecimentos a partir de 18/10/83, data da publicação, na FSP, do artigo de Manuela Carneiro da Cunha e Eunice Paiva: "Defendam os Pataxós". A audiência realizada em fins de outubro, o juiz federal José Lázaro Guimarães reafirma a liminar que anteriormente havia deferido, a favor da permanência dos índios Pataxós Hã-hã-hãe na porção de sua reserva original conhecida localmente como "Fazenda São Lucas". A decisão baseou-se em dois laudos periciais: um, topográfico-avaliativo; outro, antropológico (este realizado por profissionais indicados pela ABA). A decisão reconhece esta pequena parcela da reserva original (o equivalente a 1/36) como terras indígenas de direito. Esta vitória inicial indica um primeiro passo, ainda modesto, à solução do problema. Persistem, porém, graves impecilhos à consecução, pelos índios, de condições dignas de sobrevivência; a terra assegurada judicialmente (aproximadamente 1000 ha) é exigua, tendo-se em vista o tamanho da população; não há água potável nos limites da terra reconquistada. O acesso à água corrente (um ribeirão que corre a 2 km da aldeia) está controlado por "fazendeiros" que ameaçam a vida dos índios que ousarem cruzar as terras ocupadas por eles em busca da água. Como consequência, da insalubridade da água, bem como da situação de saúde, as crianças nascidas estão frágeis, a alimentação é insuficiente.

Diante deste quadro, e por solicitação expressa dos próprios índios, de entidades civis de apoio à causa indígena como ANAI-BA e a CPI-SP, e de gestores do próprio deputado Mário Juruna, a Comissão Permanente do Índio da Câmara dos Deputados enviou à Área Pataxós Hã-hã-hãe uma comitiva composta pelos seguintes deputados: Alcides Lima (PDS-RR), Haroldo Lima (PMDB-BA), Domingos Leonelli (PMDB-BA), Márcio Santilli (PMDB-SP), Gilson de Barros (PMDB-MT), Jorge Viana (PMDB-BA). A comissão fêz-se acompanhar ainda de jornalistas e representantes das entidades de apoio ao índio acima mencionadas e de entidades ligadas à defesa dos direitos humanos.

Da visita resultou o compromisso dos deputados em garantir a ampliação provisória da área ocupada pelos índios, de modo a propiciar-lhes o acesso à água potável. Esta seria uma primeira condição para negociações posteriores com os fazendeiros. Nesta ocasião, foi designada uma subcomissão encarregada da redação de um relatório da missão, que foi enviado para os deputados para esclarecimentos.

Há índios, de outra parte, que a Funai estaria arquitetando a transferência dos índios Pataxós Hã-hã-hãe para uma área do IBDF, no litoral sul do estado da Bahia, na região de Una, fora, portanto, da área da reserva Caracara. Palavras de arquitetura que se compõe da comunidade Pataxós Hã-hã-hãe assentada na área judicialmente reconquistada. A outra fação estaria alijada da negociação, sem direito a voz. As manipulações das relações entre os índios, baseadas na relação autoritária que a Funai mantém com os povos indígenas, portanto, desgraçadamente persistem. As esperanças de solução parecem distantes. A disponibilidade para a negociação manifestada pelos índios à comissão parlamentar, não encontra, assim, fôlego adequado. A Justiça parece ainda o único caminho que até agora trouxe algum tipo de avanço na busca de solução para a sobrevivência de todo um povo, cuja capacidade de resistência tem mostrado extraordinária. Reta saber, porém: até quando?

(*) Antropóloga, presidente da CPI-SP, leciona na USP, responsável pelo laudo antropológico da situação da área Pataxós, indicada pela ABA.
Defendam os Pataxó
Manuela Carneiro da Cunha Eunice Paiva

Deixemos as discussões sobre a forma do discurso do deputado Mário Juruna, falemos do conteúdo. Seu tema central, esquecido durante a tormenta, era a situação dos índios Pataxó Hā-hā-hāe do sul da Bahia.

Os fatos: em 1926, é criada uma reserva de 50 lóguas quadradas para os índios e pacificam-se grupos arredios da região. Em 1936, a reserva é demarcada, mas já mutilada: 36.000 ha são garantidos e o SPI Leva para essa zona de refúgio remanescentes de aldeamentos extintos. A partir de 1937, o SPI arrenda parcelas da reserva a fazendeiros. Arrendatários, posseiros e grileiros, sem nenhuma fiscalização do SPI começam a expulsar os índios, em ondas periódicas de grande violência. Na década de 60, os Postos Indígenas são desativados: os arrendamentos deixam de ser cobrados. Os índios estão abandonados. Muitos refugiaram-se em Minas Gerais, junto aos Maxacais, outros, que se recusaram a deixar a área, resgaram-se a trabalhar como empregados dos invasores. Um pequeno grupo resistente em um alqueire em torno das ruínas do Posto Indígena. Nos anos 70, o governo da Bahia começa a distribuir títulos de propriedade sobre terras da reserva.

Em abril de 82, cerca de 60 índios voltam à área, vindos de Minas Gerais. Conseguem a proteção da Funai, que restabelece o Posto Indígena, e a da Polícia Federal. Instalam-se na Fazenda São Lucas. A essas alturas, o enfrentamento com o governador Antônio Carlos Magalhães, então em plena campanha eleitoral, torna-se agudo. A Funai começa a recuar. Verdade é que em junho de 82 inicia uma ação declaratória de nulidade referente aos títulos de propriedade que o governo do Estado havia expedido sobre terras indígenas. Mas cabe perguntar se não se trata de uma saída protelatória: a forma global como foi proposta a ação, na medida em que implica na citação de cerca de 400 réus, muitos de domicílio desconhecido, acarreta em processo que pode se arrastar por mais de dez anos! Ações parciais que fossem recuperando áreas menos problemáticas seriam visivelmente mais eficazes. A sugestão já foi feita a Funai, que não se manifestou.

Em setembro de 82, a Funai encaminha ao governo do Estado da Bahia proposta segundo a qual os índios contentar-se-iam com 6.500 ha e renunciariam aos 29.500 ha restantes. Os índios negam terem sido consultados sobre tal proposta da qual declaram terem sido informados pelos jornais. De sua parte, o governo da Bahia rejeita esse acordo e propõe a transferência dos índios!

Cedendo a argumentos eleitoreiros, a Funai converte-se em agente direto do partido no governo: tenta convencer os índios, em outubro de 82, a aceitarem uma transferência, apresentada como privisória — até às eleições de 15 de novembro — para a Fazenda Almada, de 130 ha, a 15 km de Ilhéus. Enquanto uns 200 índios acabam cedendo, cerca de 65 resistem às pressões da Funai e permanecem na área, apesar das ameaças de retirada da proteção da Polícia Federal e de corte de alimentos. A divisão em torno da transferência gera uma cisão que viria a ter sérias consequências.

Depois das eleições, não se comprindo a promessa de reassentamento, os índios voltam, à revelia da Funai, para a Fazenda São Lucas. Entre eles e os que haviam resistido à transferência, havia mútuas suspeitas. A Funai promove a eleição de um cacique sem sustentação real, ligado a um dos grupos. Durante uma discussão, foi acusado de compactuar com a Funai num acordo que redundaria na perda da maior parte da reserva, é morto em junho de 83 por um líder do grupo.
adverso. Três índios são presos e aguardam julgamento. A partir dessa tragédia, este grupo sai da Fazenda São Lucas e é abandonado pela Funai. São estes os índios que retomam, em agosto de 83, uma outra área da reserva, a Fazenda Providência. Cercados pela Polícia Militar, por sua vez cercada pelos fazendeiros em pé de guerra, sem acordos e sem apoio da Funai, os índios acabam sendo retirados numa madrugada de domingo, no dia 25 de setembro, e são realojados na Fazenda São Lucas. Apesar de todo o seu passivo, as duas facções conseguiram chegar nas últimas semanas a um entendimento. Mas, com a tensão reinante, a situação pode tornar-se novamente explosiva.

Os Pataxós estão acuados: são mais de 750 na Fazenda São Lucas, em barracas que já apodreceram. Estão na inteira dependência da Funai para sua alimentação: a transferência para a Almada, no fim do ano passado, não permitiu o cultivo das roças; faltam ferramentas e sementes. Mais grave ainda, estão sem água potável. Esta se encontra a 1 km, mas os fazendeiros não lhe permitem o acesso.

Nesta situação, a quem recorrer? Há a Funai que, enquanto tutora, deveria encaminhar a vontade expressa dos seus tutelados, mas está substituindo sua voz às deles. Coloca-se em posição que não lhe cabe, de mediadora e até de juiz entre toda a sorte de interesses e os direitos dos índios. E sejam claros: A Funai, supondo mesmo que quisesse cumprir seu papel, está atrelada a um sistema no qual os direitos indígenas são a última das preocupações. Que autonomia pode ter um órgão do Ministério do Interior diante de um governador ou de um ministro? A impotência da Funai tem analogias com a do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, órgão do Ministério da Justiça na época da repressão. Há a Justiça que se tem manifestado favoravelmente na questão da Fazenda São Lucas e na qual estão depositadas muitas esperanças. Mas o ritmo da Justiça pode não acompanhar o ritmo dos acontecimentos, e o tempo é contra os Pataxós.

Há a Comissão Parlamentar do Índio, recém-criada: havia planejado uma via à área, que foi adiada. É essencial que vá, que informe os índios sobre o andamento dos processos na Justiça, que os faça sentir que não estão abandonados, que lhes infunda confiança e um pouco mais de paciência, para que se evitem catástrofes. E que também negocie com os fazendeiros o acesso à água potável.

Há enfim a opinião pública. Um grupo de índios que resiste a todas as violências conseguirá comovê-la? (FSP, 18.10.83)
DEMARAÇÃOS PROBLEMÁTICAS

Por que um grupo indígena tantas vezes ameaçado com a emancipação compulsória do governo teve suas terras demarcadas e homologadas por decreto presidencial?

Fábio Villas*

A morte de Alecides Maxakali, em julho, acirrou a revolta dos índios contra as fazendas instaladas na fáixa de terra que separa as áreas de Água Boa e Pradinho, principal causa dos conflitos entre os Maxakali e os fazendeiros, que já resultaram na morte de sete índios. A FUNAI se nega a devolver esta terra aos índios e prefere, através do PDI-A (ver: Aconteceu 1982), impedir a força a saída dos índios; o projeto não satisfaz as necessidades dos índios e, no mês de abril, 60 crianças apresentaram sinais de desnutrição.

Em Barra Velha o fracasso dos projetos agrícolas da Funai entre os Patxang reacendem o descontentamento do grupo com a demarcação de 1980 que reservou para os índios apenas 8 mil ha, em sua maioria brejos, lagoas e areia, enquanto 16 mil ha de mata e terra agrícolas ficaram para o IBDF. Mas até quando? A Fazenda Guarani, ex-colônia penal indígena, ex-área de refúgio para índios sem terra e hoje se consolidando como área de ocupação dos Patxang que ficaram sem terra em Barra Velha, esteve prestes a ser vendida pela FUNAI, às escondidas dos índios, que se mobilizaram e rejeitaram qualquer proposta de venda parcial ou total da fazenda.

As terras dos Krenack permanecem pendentes de uma decisão da justiça. Mas em 1983 cresceu a mobilização e organização dos índios para revê-las: ocupação da terra, contatos com deputados comprometidos com a causa indígena e com o governador de Minas Gerais foram importantes passos que culminaram na medição da área proposta pelos índios e levantamento dos ocupantes para posterior indenização.

Em abril de 1983 o CIMI denunciou que a funcionária da FUNAI, Lúcia Helena Soares de Melo, a pedido do próprio órgão, realizou estudo sobre a indígnidade dos Tupiniquim, baseado nos racistas “critérios de indígenidade”, o que provocou imediata revolta entre os índios. Meses depois as áreas de Comoibos (em 9/8/83), Pau Brasil (5/9/83) e Cai'telas Velhas (27/10/83) foram homologadas por decreto presidencial e todas elas a partir da vigência do decreto n.º 88.118, que dispõe sobre o processo administrativo de demarcação de área indígena. Contradição ou medidas que se complementam? Por que um grupo tantas vezes ameaçado com a emancipação tem suas terras demarcadas e até homologadas por decreto presidencial? Pelo menos três razões ajudam a compreender a questão:

1º) A demarcação oficial em 1981 beneficiou sobremaneira a Aracruz Celulose S.A. em detrimento dos interesses e direitos dos Tupiniquim. Se compararmos com a demarcação realizada pelos próprios índios em 1980 a redução ultrapassou os 2.000 ha. Porém, foram drasticamente reduzidas se levarmos em conta o imenso território ocupado pelos índios antes da implantação da multinacional na década de 60.

2º) A demarcação pôs fim à disputa entre os índios e a Aracruz Celulose S.A., noticiada amplamente no país e sobretudo no exterior, de onde a empresa recebeu acusações de estar esbulhando terras indígenas e forças pressões no sentido de devolver as terras aos índios. Além disso proporcionou à empresa melhorar sua imagem, graças à ação repressiva do então presidente da FUNAI cel. Nobre da Veiga. O acordo entre a FUNAI e a Aracruz Celulose S.A. decretou, sem nenhum escrúpulo, que aquelas terras sempre pertenceram a empresa (sic), a qual, para mostrar sua liberalidade, dou parte delas aos índios.

3º) A demarcação e homologação das áreas garantem apenas o direito dos Tupiniquim quanto à posse. Porém, este direito termina no momento em que são considerados emancipados, portanto extintos. E aí nada impede que as terras voltem ao domínio da Aracruz Celulose S.A. Os Tupiniquim já reagiram em diversos momentos contra as propostas de emancipação da FUNAI, mas estão consientes de que esta ameaça ainda vai persegui-los por muito tempo.

(*) Coordenador do CIMI-Leste.
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/CEDI

Aconteceu na imprensa

GERAIS

Situção dos indios é precária

O Dia Nacional do Indio não foi lembrado ontem na Assembleia Legislativa, com o cancelamento dos trabalhos da sessão ordinária, por falta de quórum. A despeito disso, representantes do GREQUI e do CIMI em Belo Horizonte estiveram no Palácio da Inconfidência, onde, com o apoio do deputado João Batista Mares Guia, do PT, distribuíram a imprensa um documento em que manifestam sua "profunda apreensão com relação às comunidades indígenas remanescentes em Minas Gerais, sobreviventes de um longo processo de exterminio cultural e populacional". (Diário do Comércio, 20/4/83)

Deputado expõe situação

O Deputado Mares Guia, através do Requerimento n° 150/83, requere que se cientifiquem a FUNAI e a 7ª DR do órgão, das condições de vida das comunidades indígenas Xacriabá, Krenak e Maxakali, que estão sob o risco de extinção como grupos humanos e étnicos. (Assembleia Legislativa/MG, 7/5/83)

Assembleia reúne povos do Leste

21 representantes dos Krenack, Maxakali, Tupiniquim Guarani e Pataxó Hã-Hã-Hãe reuniram-se na segunda assembleia dos povos indígenas do Leste, realizada em Teófilo Otoni, nos dias 27 e 28 de agosto. Decidiram manter e intensificar as visitas entre povos, devido ao êxito das experiências anteriores. A palavra de ordem da assembleia era "luta pela terra e uniao". Discutiram a questão das terras dos Krenack, Maxakali e Hã-Hã-Hãe e sobre a presença de fazendeiros e grileiros nessas áreas. Decidiram cancelar a ida dos índios e de missionários do CIMI-Leste e do deputado estadual João Batista Mares Guia (PT-MG) à 11ª DR/FUNAI em Governor Valadares: "já cansei de apelar pras autoridades eu não vou mais pedir meus direitos, vou lutar por eles" — disse Samado Santos. Decidiram não cancelar a ida dos Krenack a Belo Horizonte que, em audiência com o Governador Tancredo Neves, irão pedir apoio para os povos indígenas da região. (Fortunim, out. 83)

KRENACK

Polícia de Jacaraípe espanca indigena

O índio botocado, Moacir Manoel de Souza, de 22 anos, foi espancado por dois soldados da PM e dois policias civis. O fato aconteceu na madrugada de ontem, em Jacaraípe, na Serra e a vítima foi ouvida pelo delegado local, Ricardo Guimarães que abriu inquérito para apurar a arbitrariedade dos policiais militares e civis. Moacir é da reserva indígena Krenack, em Conselheiro Pena e havia chegado no sábado, em Jacaraípe, para visitar uma irmã. O espancamento será comunicado hoje, pelo delegado de Jacaraípe, ao Comando da PM, à Superintendência Geral de Polícia Civil e ao Departamento de PF porque a vítima, em sua condição de indígena, tem a tutela da União. O indígena contou que em um certo trecho do caminho resolver corn correr por adiantar a sua viagem e foi interceptado por PMs, fardados e dois policiais à paisana que lhe pediram os documentos. A vítima contou que ao apresentar sua carteira de trabalho foi esboceteada na cara com o documento por um dos PMs. Revelando que era um lavrador trabalhador e nunca tinha feito nada errado, Moacir implorou para não ser surrado, mas segundo ele, nada adiantou. (A Gazeta, 25/7/83).

MAXAKALI

Assassinado por vaqueiro

A Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Teófilo Otoni, divulgou ontem nota denunciando o assassinato do índio Alcides Maxakali, no Municipio de Bertópolis, por dois vaqueiros empregados de um fazendeiro identificado apenas como Laurindo. A nota é assinada também pelo CIMI, pelo vírgio da paróquia de São Sebastião de Maxakali e pelo Sindicate dos Trabalhadores Rurais de Bertópolis. Os dois vaqueiros estão presos na cadeia de Bertópolis. A esposa da vítima foi espancada pelos vaqueiros, está cheia de escoriações e traumatizada com a morte do marido. A nota questionou o acordo de paz firmado entre índios e fazendeiros.

"Neste momento deverá ser questionado o acordo de paz oficializado entre fazendeiros e índios com o apoio da FUNAI. Não adianta firmar acordo de paz quando se permite que nas imediações da área indígena continuem a ser cometidas tais atrocidades", diz a nota. (FSP, 12/7/83).

FUNAI sem dinheiro e sem poder

A Funai não tem poderes nem recursos financeiros para resolver as questões de demarcação de terras indígenas e está guardando da Seplan a liberação de verbas para vários casos, alguns há mais de um ano, disse ontem o Superintendente do órgão, Lamartine Ribeiro, a três índios Maxakali. Tintin, Carminho e Kelepim estiveram na Funai para reivindicar a retirada de seis fazendeiros que ocupam suas terras, entre as aldeias Pradinho e Água Boa, no Municipio de Bertópolis. Pediram também a prisão dos assassinos do índio Alcides, os vaqueiros Zé Rolinha, Geraldo e Zé Moura, que trabalharam para o fazendeiro Laurindo Coelho. Alcides foi morto no mês passado e, até agora, a Polícia Federal não faz qualquer investigação. Os vaqueiros foram presos e liberados logo depois. A DR da Funai em Governador Valadares infor-
mou ontem à sede do órgão que as investigações na área serão iniciadas dentro de 15 dias. Na opinião de Tintim, isto vai permitir a fuga dos vaqueiros, que continuam trabalhando na fazenda. (O Globo, 12/8/83)

Assassinos ficam impunes

Em Belo Horizonte, mais uma vez um processo que apura a responsabilidade pelo assassinato de um índio Maxakali é arquivado pela Justiça mineira por falta de provas. O primeiro caso foi o do índio Waldemiro e o segundo o de Alcides. Ontem, o juiz da 4ª Vara Criminal da Justiça Federal de MG arquivou o processo que apurava a morte de Alcides "por falta de identificação da autoria do crime". Para o párroco de Maxakalí, padre Samir Gazel, o desfecho do caso é uma grave temeridade, pois abre mais espaço para novos assassinatos de índios, que vivem em constantes desavenças com os fazendeiros da região. (ESP, 5/10/83)

Missionária sofre atentado

Em menos de três meses, a agente de pastoral indígena Geraldita Chaves Soares, que vive no município de Bertioga, MG, e trabalha com os índios Maxakali, foi alvo de dois atentados: a 9 de julho, desconhecidos jogaram formicida no poço de onde ela retirava água para uso doméstico; e, na madrugada de 25 de setembro, outras — ou as mesmas — pessoas incendiaram o carro utilizado por Geraldita em sua atividade missionária, e que pertencia à Diocese de Teófilo Otoni. Até o momento, não foi identificado nenhum dos autores dos crimes. (Pantilim, novembro, 83)

Tentativa de diálogo com a FUNAI, em vão

Índios Pataxó de Porto Seguro (BA), foram impedidos ontem de falar com o presidente da Funai, por determinação do diretor do DGO, coronel Guarany. Os índios, há nove dias em Brasília, denunciaram através do cacique Firmo Ferreira, que a área indígena, hoje transformada em Parkue Nacional Monte Pascoal, sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, não está oferecendo condições de sobrevivência. A Comissão Pataxó manteve contato com o presidente do IBDF, que se mostrou sensível ao problema enfrentado pela comunidade. Contudo, uma ação do órgão depende de entendimentos com a Funai. Este grupo Pataxó, a exemplo dos Há-Há-Hão, foram expulsos de suas terras, 16 hectares, por ação policial. Em 1963 uma grande parcela dos quase 1.800 índios retornou ao município de Porto Seguro, mas já encontrou a área sob a responsabilidade do IBDF, restando apenas oito hectares. Atualmente, o órgão está cercando toda a mata, de onde provinha a caça. (Correio Brasiliense, 5/5/83).

Denúncia de invasão

Uma delegação de índios da tribo Pataxó, na Bahia, liderada pelo cacique Tururimirim, está em Belo Horizonte participando do encerramento da I Semana de Estudos do Meio Ambiente, promovida pelo Colégio Anchieta. A reserva conquistada pelos índios há quatro anos, num total de 8 mil e 700 hectares, situa-se nas proximidades do Monte Pascoal, primeiro sinal de terra que Cabral avistou. Outro Pataxó, o sub-cacique Ita, explica que as terras onde vivem pertenciam anteriormente ao IBDF. De acordo com ele, a Funai só liberou a reserva depois de muita luta. O IBDF queria transferir a tribo do Monte Pascoal, devido ao fato de que a região é uma das únicas do país cujas matas não foram devastadas. "Queriam tirar os índios, enquanto os brancos invadem até hoje ilegalmente a reserva para derubar jacarandas de 700, 800 anos ou então caçar indiscriminadamente". Apesar de já terem suas terras, o cacique afirma que os problemas para a sobrevivência dos 1.800 habitantes da reserva são inúmeros. A Funai mantém lá um posto médico, escola e fornece sementes. Porém, o cacique diz que isto só não é suficiente: a cidade mais perto está a 80 km e o cacique já reivindicou da Funai a construção de uma estrada e a doação de um carro, que possa não só transportar a mandioca, o abacaxi e o artesanato produzido, mas também que possa atender em casos de urgência médica. O Colégio Anchieta irá propiciar com que os Pataxó recebam enxadas e um pequeno rebanho de suínos e deverá ser criado na reserva um acampamento do Colégio Anchieta, para que os alunos possam estudar e viver mais perto de uma realidade indígena. (Diário do Comércio/MG, 30/6/83).

TUPINIQUIM

FUNAI nega que os índios serão emancipados

O delegado da 11ª regiao da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Roberto Grossi, negou, ontem, que exista, por parte do órgão federal, qualquer intenção em promover a emancipação das mais de 100 famílias de índios Tupiniquim distribuídas em Caiereias Velha, Comoibo e Pau Brasil. Grossi explicou que não há nem mesmo possibilidade jurídica para a emancipação compulsória dos índios, e, por outro lado, anunciou, para "curto prazo, solução para o remanejamento das mais de 40 famílias de posseiros que se encontram em Caiereias Velha. (Gazeta de Vitória, 27/4/83)

"Antropologia" da FUNAI sentencia grupos indígenas como "extintos"

A antropóloga da Funai, Lúcia Helena Soares de Melo confirmou ontem, em Brasília, em seu relatório sobre os índios Tupiniquim, do Espírito Santo, que não é mais possível encontrar trazos culturais, físicos e mesmo psicossociais que identifiquem seus representantes como remanescentes dos antigos Tupiniquim. Segundo a antropóloga, outras tribos do NE, como os Kapinawá, também não podem mais ser consideradas como comunidades indígenas, e defendeu a adoção pela Funai de critérios de reconhecimento étnico. A denúncia foi feita ontem pelo secretário do CINI. No relatório, a antropóloga afirma que os 600 Tupiniquim são uma "etnia extinta". (ESP, 6/5/83)

Antropóloga que não vê índio "está cega"

presidente da Funai dizendo que não existem índios Tupiniquins.

Sr. Presidente da Funai, nós índio, cacique e os membros do Conselho Indígena nós pedimos quando mandar, manda funcionário que tem boa vista para inxerger melhor, para não acontecer igualmente antropóloga Lúcia Elena Suases de Melo, que esteve na nossa aldeia dos Tupiniquins, que só poderá que Lúcia Elena Suases de Melo estava cega para dizer que não existiam índio Tupiniquins.

Sr. Presidente da Funai, des que nós nascemos nosso antepassado foram morrendo e nós netos e tatarenetos fomos crescendo e fomos brigando pela erança dos nosso antepassado, que deixaram para nós uma área que Dom Pedro II duou para nosso antepassado que hoje se encontra índio Tupiniquins na área de Caieiras Velhas e Pau Brasil e Comoibos.

Sr. Presidente da Funai, nós le perguntamos: quando nós estivemos brigando para adquirir nossa área, vocês da Funai dizia que existiam índio Tupiniquins. Por que depois que Funai demarcaram áreas tupiniquins, alega que não existem índios Tupiniquins, se não existe índio Tupiniquins não existiria terra tupiniquins pra Funai; como existe terra tupiniquins pra Funai, existem índio Tupiniquins na Funai também (...)


Sr. Presidente da Funai, nós pedimos resposta desta carta e pedimos uma cópia do trabalho da Lúcia Elena Suases de Melo, antropóloga. Ildegar e vários antropólogos estiveram na Aldeia Caieiras Velhas fazendo levantamento. Eles confirmaram que existe índio tupiniquins.

Cem mais nada porinquitante. Cacique José Sizenando.

Esta carta foi feita pela opinião da comunidade e os 12 do conceito indígena, que responde pela comunidade. (Seguem assinaturas do cacique e dos doze membros do Conselho). (Paraná, maio/83)

Demarcações homologadas

Três decretos homologam as demarcações administrativas das áreas indígenas Tupiniquins, no município de Araracu, Estado do Espírito Santo. O primeiro, assinado pelo Vice-presidente Aureliano Chaves, no 88.601 de 09.08.83 homologa a área indígena Comoibos (DO: 10.08.83). Os outros, assinados pelo Presidente Figueiredo, no 88.672 de 05.09.83 homologa a área indígena Pau Brasil, de posse imemorial dos índios Tupiniquins (DO: 08.09.83), e no 88.926 de 27.10.83, homologa a área indígena Caieiras Velhas de posse imemorial dos índios Tupiniquins e Guarani. (DO: 01/11/83).

GUARANI DE ANGRA DOS REIS

“Uma tribo de índios nas matas de Angra”

Eles vieram do Paraná há vinte anos e se instalaram na Serra de Itinga, em Bracuí. Através de seus relatos e manifestações percebe-se que os índios sobrevivem com dificuldades. Eles não querem sair da terra e têm medo de perder a liberdade que desfrutam no local. Durante os fins de semana, eles descem a Serra da Itinga para vender bananas e artesanato na estrada Rio-Santos. Mesmo tendo este contato com a população, os Guarani de Bracuí preservam sua cultura. (Gazeta de Notícias, 28/04/83)

Pedida demarcação

Um abaixo-assinado, com mais de sete mil assinaturas, pedindo a demarcação das terras habitadas pelos índios Guarani na serra da Bocaina, em Angra dos Reis, será encaminhado hoje à presença da Funai pelo cacique da comunidade, Karai Tataindê, sua mulher, Kretuxu, e o coordenador do Projeto Guarani, indigenista Luís Felipe de Figueiredo. O abaixo-assinado foi uma iniciativa do CADIJ, de parlamentares, artistas e intelectuais. O texto recorda que os índios ocupam a área há mais de 20 anos. (O Globo, 24/08/83)

Ameaçados de expulsão

Chegaram a Paraty-mirim há 25 anos mas, expulsos por possíveis e pela abertura do Rio-Santos, acabaram se instalando há 16 anos no alto da Serra da Bocaina, Angra dos Reis. Os índios foram descobertos em 1972 por uma equipe do Globo e eram então quase cem, organizados em 30 famílias. Só agora apenas 20, novamente ameaçados de expulsão e recorrem à Funai e ao Governo Brizola para que lhes seja garantida a terra onde vivem. Irão amanhã ao Palácio Guanabara pedir ao Governador e ao Secretário da Justiça e Interior, Vivaldo Barbosa, proteção e apoio à demarcação e posse de 665 hectares da área, reivindicados à Funai. Os índios em comissão, serão acompanhados pelo Deputado Federal Mário Juruna (PDT-RJ) e pelo coordenador do Projeto Guarani do CADIJ indigenista Luís Felipe de Figueiredo. O líder da comunidade, Argemiro Karai Tataindê pretende denunciar as ameaças de expulsão e morre que há um mês peões começaram a derrubada de árvores da floresta para abrir uma picada que passa junto à aldeia e poderá servir para futuro loteamento da Fazenda Itinga.

Em julho a antropóloga da Funai Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão visitou a área e, em relatório, propôs medidas para garantir aos Guarani a posse da terra: a Funai poderá decretar uma reserva com base na lei 6.001 ou, em entendimentos com o Governo Estadual, adquirir a área de 665 ha utilizada pelos índios. (O Globo, 15.11.83)

Juruna visita aldeia

O Deputado Federal Mário Juruna (PDT-RJ) foi ontem à aldeia dos índios Guarani-Nhandeva na mata do Bracuí (Angra dos Reis – RJ), e, depois de falar com o chefe Karai, disse que conversará com o governador Brizola para confirmar o reconhecimento de demarcação de 665 hectares de terra reivindicados pelos indígenas. Ao mesmo tempo, em Brasília, o Diretor do Patrimônio de Funai afirmou que a demarcação da área como reserva indígena está praticamente garantida, mas dependerá de ser de acordo com o grupo de trabalho designado para a Fundação para estudar a situação e, depois, da aprovação de uma os comissão interministerial (MINTER e MEAF, além da própria Funai) assinada pelos ministros Andreazza e Venturini. A garantia de que os 28 índios que habitam o Bracuí há 16 anos, tiveram proteção policial contra as ameaças de expulsão foi dada pelo Deputado Mário Juruna e pelo assessor do Governador que o acompanhou. (O Globo, 18/11/83).
MATO GROSSO DO SUL
<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>nº/ mapa ou nome AI (*</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Municipio</th>
<th>situação da terra: Portarias/Decretos/Propostas</th>
<th>área (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>GUARANI (***)</td>
<td>1 Piraju’y (+N -K) (1)</td>
<td>685 (Funai:83)</td>
<td>Serte Quedas</td>
<td>demarcada, Port. Funai nº 1.477/F de 18.01.83. Dec. de criação da reserva nº 835 de 14.11.28</td>
<td>2.121</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2 Jakare’y (Ñ)</td>
<td>1.019 (Funai:83)</td>
<td>Mundo Novo</td>
<td>demarcada em fase de “aventação” (2). Dec. de criação da reserva nº 835 de 14.11.28; título definitivo de 27.03.40</td>
<td>2.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3 Ramada (+K -Ñ)</td>
<td>1.186 (Funai:83)</td>
<td>Tacuru</td>
<td>demarcada. Dec. de criação da reserva nº 835 de 14.11.28. Título definitivo de 28.03.40. Última demarcação em 22.09.1976. Índios querem mais 65 ha.</td>
<td>1.935</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4 Takuapiry (K)</td>
<td>1.110 (PRN:83) (3)</td>
<td>Anambai</td>
<td>demarcada em fase de aventação. Dec. de criação da reserva nº 835 de 14.11.1928 com 2.000 ha. Demarcação de 1930 assinala 1.886 ha, confirmados no título definitivo de 28.03.40</td>
<td>1.886</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5 Anambai (+K -Ñ)</td>
<td>1.974 (Funai:83)</td>
<td>Anambai</td>
<td>demarcada em fase de aventação. Dec. de criação da reserva nº 404 de 10.05.1915 assinala 3.600 ha. Título definitivo dezembro de 1960.</td>
<td>2.318</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6 Limão Verde (K)</td>
<td>252 (Funai:81)</td>
<td>Anambai</td>
<td>demarcada em fase de aventação. Dec. de criação da reserva nº 835 de 14.11.1928 assinala 900 ha. Medicação em setembro de 1929 reduziu a superfície.</td>
<td>660</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>7 Rancho Jatazê (K)</td>
<td>188 (Funai:83)</td>
<td>Ponta Porã</td>
<td>Demarcação homologada pelo Dec.nº 89.422 de 08.03.84</td>
<td>777</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8 Guainbé (K)</td>
<td>100 (Funai:83)</td>
<td>Ponta Porã</td>
<td>Demarcação homologada pelo Dec.nº 89.580 de 24.04.84</td>
<td>716</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9 Marangatu (K)</td>
<td>42 (Funai:83)</td>
<td>Antonio João</td>
<td>sem providência. 1 ha doado pela prefeitura local.</td>
<td>2,5</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>10 Pirakua (K)</td>
<td>225 (Funai:83)</td>
<td>Bala Vista</td>
<td>delimitada pela Funai em 08.10.82</td>
<td>2.346</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11 Teyl Y Kue (+K -Ñ)</td>
<td>1.620 (auto-censo: 83)</td>
<td>Caarapó</td>
<td>demarcada em fase de aventação. Dec. de criação da reserva nº 684 de 20.11.1924 e título definitivo (?) de 01.04.1940</td>
<td>3.750</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13 Panambi (K)</td>
<td>231 (Funai:81)</td>
<td>Douradina</td>
<td>delimitada. Decreto presidencial de 1951 (?) assinala 2.369 ha. Ocupam lotes da antiga Colônia Agrícola de Dourados criada em 1943. Levantamento Funai 1971 assinalou 2.037 ha.</td>
<td>2.037</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>14 Panambizinho (K)</td>
<td>114 (Funai:81)</td>
<td>Douradina</td>
<td>sem providência. Ocupam os lotes nº 8 e 10 do quadro 21 da antiga Colônia Agrícola de Dourados, registrados em nome de particulares</td>
<td>60</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15 Paraguassu (K)</td>
<td>120 (PRN:83)</td>
<td>Eldorado</td>
<td>sem providência. Índios vivendo em fazendas da região e também no PI Piraju’y e PI Sasso.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>16 Miboí Jagua I</td>
<td>?</td>
<td>Serte Quedas</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>17 Miboí Juega II (K)</td>
<td>?</td>
<td>Anambai</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>nº/ MAPA</td>
<td>nº ALDEIAS ou nome AI</td>
<td>POPULAÇÃO (DATA/FONTE)</td>
<td>MUNICÍPIO</td>
<td>SITUAÇÃO DA TERRA</td>
</tr>
<tr>
<td>-------</td>
<td>---------</td>
<td>---------------------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>-----------</td>
<td>------------------</td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>Laguna Verã (K)</td>
<td>?</td>
<td>Tacuru</td>
<td>sem providência. Índios vivendo em fazendas, sem reconhecimento da Funai</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>20</td>
<td>Cerrito (RS)</td>
<td>35 (PRN:83)</td>
<td>Mundo Novo</td>
<td>sem providência. Índios vivem em área atualmente de uma fazenda de propriedade da Congregação Verbo Divino.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>21</td>
<td>Guasuti (K)</td>
<td>?</td>
<td>Aral Moreira</td>
<td>sem providência. Índios vivendo na fazenda Bandeirante</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>KADINEU</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>22</td>
<td>Bodoquena</td>
<td>850 (T)</td>
<td>PortoMurtinho</td>
<td>Demarcação homologada pelo Dec.nº 89,570 de 24.04.84. Grande parte da reserva está arrendada.</td>
<td>538.535</td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td>São João (+Kadineu e Terena)</td>
<td>527 (Funai:83)</td>
<td>PortoMurtinho</td>
<td>dentro da reserva Kadineu, idem acima.</td>
<td>323 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>TERENA (4)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>24</td>
<td>Cachoeirinha</td>
<td>9.711 (T)</td>
<td>Miranda</td>
<td>delimitada</td>
<td>2.658</td>
</tr>
<tr>
<td>25</td>
<td>Moreira e Passarinho</td>
<td>1.761 (Funai:83)</td>
<td>Miranda</td>
<td>demarcada (Passarinho, 114 ha), delimitada (Moreira, 46 ha)</td>
<td>1.056 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>26</td>
<td>Taunay</td>
<td>1.940 (Funai:83)</td>
<td>Aquaíuana</td>
<td>delimitada</td>
<td>848 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>27</td>
<td>Ipecue</td>
<td>662 (Funai:83)</td>
<td>Aquaíuana</td>
<td>delimitada</td>
<td>602 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>28</td>
<td>Lalina</td>
<td>743 (Funai:83)</td>
<td>Miranda</td>
<td>em fase de demarcação (dez.83)</td>
<td>848 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>29</td>
<td>Limão Verde</td>
<td>622 (Funai:83)</td>
<td>Nioaque</td>
<td>delimitada</td>
<td>1.059 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>30</td>
<td>Nioaque</td>
<td>622 (Funai:83)</td>
<td>Nioaque</td>
<td>delimitada</td>
<td>743 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>31</td>
<td>Buriti</td>
<td>622 (Funai:83)</td>
<td>Sodicílândia</td>
<td>delimitada</td>
<td>602 (Funai:83)</td>
</tr>
<tr>
<td>12</td>
<td>PI Dourados</td>
<td>1.000 (Cini:93)</td>
<td>Dourados</td>
<td>idem PI Dourados, junto com Guarani.</td>
<td>1.000 (Cini:93)</td>
</tr>
<tr>
<td>32</td>
<td>dispersos</td>
<td>220 (Vieira,N:78)</td>
<td></td>
<td>sem providência. Índios reivindicam a Ilha de Bela Vista</td>
<td>220 (Vieira,N:78)</td>
</tr>
<tr>
<td>33</td>
<td>CAMBEA</td>
<td>2.000 (Cini:79)</td>
<td>Corumbá</td>
<td>sem providência</td>
<td>2.000 (Cini:79)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

(*) nas áreas Guarani mencionadas abaixo, pode haver várias aldeias ou "tekoha". Os nomes das áreas estão de acordo com a nomenclatura indígena e, muitas vezes, diferem das denominações oficiais da Funai. (***) ver também nas áreas Sul, Leste e Leste do MS/Goiás. Há milhares de Guarani vivendo em países vizinhos, conforme estimativas a seguir: 22,500 no Paraguai (9 mil Paí ou Kaiowá, 5,500 Nandeua ou Chiri pã, 7 mil Mbay e 1 mil Chiriguacos). Os dados foram fornecidos em 1978 por Bartolomeu Melli e pela "Associação Indigenista del Paraguay. Na Argentina, em 1978, eram 1,500 Mbaa (Cini-Sul) e 500 Xiri- guancos (L.Farre). Na Bolívia, também para 1978 a estimativa de L. Farre oscilava entre 30,000 e 40,000 Chiriguancos.

(1) os sinais + e - combinado com as iniciais K (Kaiowá) e N (Nandeua) indicam o sub-grupo guarani majoritário em cada área.

(2) a quase totalidade das áreas Guarani foram demarcadas no passado e, posteriormente passaram ou vão passar por um processo de "avventuramento" para conferência dos marcos físicos e dos limites.

(3) PI = Projeto Kaiowá/Nandeua, com sede em Anabai (MS).

(4) ver também na área Sul.
CONFINAMENTO E VIOLÊNCIA

Os Guarani vivem atualmente um micro-reservas, cercados por fazendas de gado e de soja. Mas o processo de expropriação de suas terras ainda não se completou, como demonstra o recente assassinato de Marçal de Souza.

Rubem T. de Almeida*

As populações indígenas do MS viveram, em 83, momentos dramáticos. Conflitos, transferências de suas áreas, invasões de suas terras, interferências na política interna das aldeias por parte de várias agências de contato, litígios com a FUNAI e morte, inúmeras mortes. Os jornais atenderam apenas de forma parcial a necessidade de informações corretas sobre a problemática indígena do estado. Principalmente na imprensa local/regional, observa-se o descaso pela precisão das informações, quando não é patente uma linha tendenciosa e visivelmente interessada em confundir a opinião pública, defendendo interesses dos não-indígenas, acirrando o preconceito, a discriminação e o estigma já tão exacerbados na sociedade regional.

A explosão dos Kadiweu

Três problemas marcaram o ano de 83 para os Kadiweu, todos relativos à questão da terra: os arrendamentos que há décadas o órgão tutor contrata junto a fazendeiros e empresas agropecuárias para a exploração de extensa parcela da reserva da Bodoquena; a polêmica com relação à medição e demarcação da área indígena, criada por fazendeiros, políticos e órgãos do governo estadual alegando que a demarcação incluiu uma faixa com pouco mais de 165 mil hectares que não pertence aos índios; e, finalmente, os conflitos com os milhares de posseiros invasores da área.

Com o estabelecimento dos arrendamentos, restaram aos Kadiweu pequenos espaços dentro de seu próprio território. O valor dos contratos de arrendamento é irrisório e não segue a média no Estado que é de 10% da produção por hectare. Apesar da desfaçagem, arrecadam-se recursos cujo destino não se tem claro qual seja. Pressionada pelos Kadiweu, que têm demonstrado claramente seu desejo de expulsar todo e qualquer inovador de suas terras, a FUNAI deixou de renovar contratos de arrendamento que foram vencendo. Irrados com a perda da fonte de riqueza, muitos fazendeiros reagiram de forma instaurada. Na medida em que aflorou a ilegalidade dos arrendamentos, passaram a permitir e incentivar a entrada de posseiros nestas áreas, provocando forte reação por parte dos índios. Soubese posteriormente que muitos destes posseiros acreditavam estar penetrando em áreas devolutas, do Estado, e não em território indígena. Os conflitos recentes demonstraram a gravidade da situação criada: mortes, depredações, queima de casas, confusão nas fazendas Tarumã e Sta. Lurdas, de “propriedade” do sr. Geraldo Coimbra.


Outra prática comum é a venda de direito de arrendamento. Constatou-se também que o prefeito atual de Campo Grande, o sr. Ludio Martins Coelho e membros de sua família, são arrendatários na Bodoquena. Os Coelho, em décadas passadas, ostentavam o fabuloso título de maiores latifundiários de todo o mundo. Não temos dados para afirmar quantos contratos de arrendamento foram cancelados em 1982/83, mas a FUNAI, formalmente, tem

(*) antropólogo, atualmente está preparando tece de mestrado no Museu Nacional e coordenando o volume Mato Grosso do Sul, da série Povoas indígenas no Brasil/CEBIL. Conviveu várias vezes com os Guarani no MS, como coordenador do Projeto Kulawá-mändeu.
demonstrado disposição de perseguir o objetivo de não renová-los na medida em que se encerram. As terras reintegradas têm sido destinadas a projetos de pecuária onde famílias Kadiweu passam a tomar sob sua responsabilidade o controle da área e o cuidado de rebanhos bovinos cujas matrizes são fornecidas pelo órgão tutor. Em 1983 a Funai incentivou e incrementou estes projetos e tem proporcado em reportagens de jornais locais e nacionais, seu entusiasmo com eles. Seus resultados, porém, ainda não são seguros e parece prematuro considerar os Kadiweu como "os novos fazendeiros do Pantanal" (Folha de Dourados, 10 e 11/12/1983).

Um cadastro realizado pela Funai e outros órgãos públicos, indicava a presença de 406 famílias de posseiros na Bodoquena o ano passado, desmentindo jornais que apontavam 5.000. Hoje, segundo a Funai, seriam apenas 320 estas famílias. A mesma fonte informa que para breve elas deverão ser reagrupadas em terras dentro do próprio Estado, liberando a reserva indígena de posseiros. O problema maior, contudo, não são os posseiros que em sua grande maioria dependem da terra e do seu próprio trabalho para viver. A questão que se coloca é se a Funai e os Kadiweu terão força suficiente para desalojar da reserva os poderosos arrendatários, em sua grande maioria ricos empresários que encontram na Bodoquena uma fonte para ampliar suas fortunas.

A demarcação da reserva Kadiweu, realizada pelo exército em 1980/81, gerou grande polêmica no Estado durante todo 1983. Deputados estaduais e federais, senadores, organismos e departamentos estaduais, secretarias de Estado e fazendeiros não se conformaram com os 538.535 ha para os índios.

O impasse recai sobre 165.511 ha que pertenceriam a "legítimos proprietários, portadores de títulos definitivos expedidos pelo Estado" em décadas passadas. Munidos de documentos, o TERRASUL (Depto. de Terras e Colonização de Mato Grosso do Sul), a secretaria de Justiça do Estado, políticos, fazendeiros e, ao seu lado, diversos jornais do MS, contestam as 538.535 ha. Segundo entendem, a reserva Kadiweu seria de 373.024 ha. O problema das 165.511 ha origina-se no limite inferior da reserva definido pelo leito do Rio Nuiutaca. Segundo o Delegado Regional da Funai (que gentilmente concedeu-nos rápida entrevista sobre o assunto) o limite adotado pelo exército para a medição teria sido o leito perene deste rio, o que daria legitimidade à área encontrada. de acordo com o memorial descritivo de 1900. Apesar de toda a movimentação contrária, a Funai considera a demarcação como definitiva e entende que só juridicamente ela pode ser contestada. Isto já está ocorrendo com ação cautelar impetrada por "proprietários" de imóveis rurais atingidos pela medição. Ao mesmo tempo, organismos estaduais gestionam junto ao governo Federal formas de anular o trabalho realizado pelo exército. Aliás, a veemência do Governo do Estado na defesa dos interesses dos agropecuaristas fica realçada no episódio, contrarria confirmações do chefe do legislativo estadual feitas a líderes indígenas logo após sua eleição. A questão que se coloca neste caso é se os Kadiweu e a Funai terão condições de manter os limites da reserva definidos na demarcação em 80/81.

Para os Guarani, mais duas micro-demarcações

Os Guarani (Kaowá e Ñandeve) em 1983 obtiveram alguns poucos sucessos: foram demarcadas as áreas do P.I. Piraju y, do Rancho Jakaré e de Guaimbé (ver Quadro). Entre 1978 e 1983 estas duas últimas comunidades sofreram inúmeros raveses. Foram transferidas para o Paraguai e voltaram para a Fazenda Maciel Kue; foram novamente deslocados, agora para a reserva da Bodoquena (800 km ao norte) pela Funai; 10 meses depois, novo transladado para o P.I. Dourados onde ficaram mais quatro meses, sendo, finalmente, realocados no lugar de origem, a Fazenda Maciel Kue. Depois de longo processo burocrático, suas terras foram delimitadas, demarcadas e, a de Rancho Jakaré, homologada pelo Presidente da República (Diário Oficial de 9/3/1983). Em relação a Guaimbé, no entanto, não encontramos registro de decreto de demarcação e homologação de demarcação. Para estas duas comunidades em 1983 deu-se o de feto de um longo e dificultoso processo, culminando com a vitória destes Guarani-Kaowá na conquista de suas terras.

Os problemas para os Guarani, porém, foram bem superiores aos sucessos. Assim, o mesmo avanço não teve a comunidade também Guarani-Kaowá de Paraguasu. Expulsos da Fazenda Laranjal (do Sr. Geraldo Coimbra!) em 1976, estes índios (perto de 120) instalaram-se na Fazenda Paraguasu, de propriedade de José Maria Deliberador e posteriormente vendida ao Sr. Argemiro Squizardi. A partir de 1979 passaram a sofrer pressões para sairem da área. Resistiram até setembro de 1980 quando a própria Funai, transgredindo a Lei 6.001, art. 20, os transferiu para o P.I. Amambai. Posteriormente, nova transferência os leva ao P.I. Piraju y, mais próximo de sua antiga e legítima área. Em dezembro de 1983 espontaneamente "invadem" seu próprio habitat imemorial, hoje transformado em Fazenda Paraguasu. Na ocasião a Funai os convence a retornarem a Piraju y, prometendo que tomaria providências. No episódio revela-se que a Funai já havia dado por encerrado o caso, arquivando o processo aberto em 79 e, agora, seguido informa, reaberto.

Verificou-se também que — a exemplo de tantos outros casos, como Rancho Jakaré e Guaimbé — a Funai reiterou sua política de primeiro retirar os índios da área para depois procurar soluções que raramente acarretam na volta das comunidades para suas legítimas terras. Neste caso há uma agravante: segundo consta, o fazendeiro estaria convencido de que parte de sua fazenda efetivamente pertenceria aos índios, o que teria facilitado o diálogo Funai-Fazendeiro com os índios dentro da área. E ainda: a conversa com Pancho Romero (80 anos), líder desta comunidade, para que voltasse a Piraju y, foi realizada sem a presença de um seu companheiro que pudesse servir de intérprete. Pancho falou e entende muito mal o português.
Por que tantos conflitos e mortes no PI Dourados?

Quanto aos conflitos e mortes ocorridos no P.I. Dourados em 83, para serem entendidos é preciso remontar ao começo do século, quando o SPI facilitou a vinda de índios Terena para ocuparem o então P.I. Francisco Horta Barbosa, criado para os Guarani-Kaowá. São estes que compõem a imensa maioria da população daquele P.I., seguidos pelos Guarani-Nandeva. Os Terena constituem, desta forma, a minoria. Se de um lado são numericamente inferiores, de outro possuem um desempenho agrícola que os coloca a nível da competição do mercado regional. Com efeito, o sucesso de algumas famílias Terena em relação aos padrões de crescimento econômico dos brancos, faz com que elas sempre obtivessem mais incentivos, tanto por parte da FUNAI, quanto por parte de entidades religiosas voltadas para atividades econômicas. Por isso mesmo, foram os primeiros a trabalhar tecnologia mais sofisticada — tratores, colheadeiras, máquinas de beneficiar arroz, etc. Em processo, ampliaram suas áreas cultivadas. Algumas famílias Terena possuem hoje grandes glebas de terra para essas lavouras, o que criou uma disparidade notável em relação aos Guarani-Nandeva e, principalmente, aos Guarani-Kaowá — estes últimos estão voltados mais para suas roças de subsistência e menos para uma produção de mercado.

A facilidade dos Terena em relacionarem-se com os brancos, o apoio que receberam, a ampliação de suas áreas de cultivo e a necessidade de manter essas benesses teriam acarretado problemas de natureza política dentro da reserva.

A reação partiu dos Guarani-Nandeva. Em 1975 surgiu um problema semelhante ao do ano que passou, da liderança, de luta pelo poder. Na ocasião são protagonistas, de um lado, o então chefe de posto, Sr. Sardinha, e o mesmo Capitão Ramão Machado de 1983; de outro, lideranças Nandeva, onde se encontrava Marçal de Souza e outros. Foi nessa ocasião que surgiu a "polícia indígena" por inspiração dos primeiros e constituída para "manter a ordem" dentro da aldeia. Em 1983 a disputa pela liderança política se polarizou entre Ramão Machado e um outro Terena, Fernando Jorge Paredes, que se aliou aos Nandeva. Em recente conversa que tivemos com Ramão Machado, em plena crise no P.I., este foi explicito ao revelar sua "aliança" com a Funai, argumentando que seus funcionários e sua direção sempre lhe haviam dado apoio. A exemplo de 1975, Ramão Machado se mantém capitão dos Terena e a situação interna de Dourados volta a "normalidade" com a decisão publicamente declarada de Fernando Jorge de abandonar a reserva após a colheita. Seus companheiros, seus aliados Nandeva, encontram-se abatidos e, ao que parece, com poucas forças para se oporem ao capitão Ramão, ao menos a curto prazo. A morte de Marçal e outros Nandeva em 1983 teria contribuído para este estado de ánimo.

Em ambas as facções vamos encontrar índios Guarani-Kaowá, mas sem uma tomada de partido em bloco. O fato de, na fase derradeira do conflito, o apoio de Ireno, capitão Kaowá, se definir por Ramão como líder Terena, não deve ser entendido como um envolvimento dos Kaowá no problema, mas sim como uma forma de minimizá-lo uma vez que já se configurava seu desfecho da forma como se deu. O P.I. Dourados é cortado por uma estrada de asfalto que vai da cidade de Dourados a Ipurúra. Do lado esquerdo desta via encontram-se os Kaowá; do lado direito, os Terena e grande parte dos Nandeva. O capitão Ireno (aproximadamente 80 anos) há décadas é líder de seu povo, conhecido, obedecido e respeitado, não havendo questionamento em relação à sua liderança, o que minimiza consideravelmente a problemática dentro da reserva. Seu domínio constitui-se numa área à parte e por todos reconhecida.

Outra peculiaridade desta reserva e que deve ser considerada para entendimento de seus problemas, são as interferências dos não-índios. Políticos, fazendeiros, comerciantes, missões ou entidades religiosas, prefeituras, Funai, se aglomeram neste P.I. E interferem em sua organização política, social e econômica. Localizada a poucos quilômetros da cidade de Dourados, constituída de terras de melhor qualidade, superpovoada (ver no Quadro a desproporção entre a área e a população de Dourados) e "ocupada por índios", a aldeia apresenta condições que, aliadas uma às outras, despertam a cobija de políticos e empresários que acreditam conhecer melhor a utilização de suas terras e estão em constante movimento para que os índios sejam transferidos dali. Há planos, inclusive, de fazer da reserva uma grande escola agrícola do Estado. O resultado é o que se viu em 1983 ou em outras ocasiões: conflitos, mortes, assassinatos, suicídios.

O assassinato de Marçal Guarani: e as apurações?

O fato que mais repercute na imprensa nacional e mesmo no exterior em relação às populações indígenas no Mato Grosso do Sul foi, sem dúvida, o assassinato de Marçal de Souza. Até o momento, contudo, nada foi elucidado sobre o caso. As palavras oficiais, vazias, do Ministério do Interior, do Ministério da Justiça e da Superintendência da Polícia Federal no Estado, não levaram à apuração do crime à nenhum resultado concreto. Ao contrário. Enquanto o Sr. Ministro da Justiça esbravejava e exigia punição dos culpados pelo crime, o trabalho de investigação de sua própria (a Federal) era prejudicado pela falta de recursos materiais e humanos. Paralelamente aforava uma poderosa força contrária ao esclarecimento do caso, representada pelo fraco — mas não invulnário — desempenho das polícias regionais (Cível e Militar).

As conexões, ao que tudo indica, entre os responsáveis pelo crime e instâncias do Governo Estadual e Federal parecem ser muito fortes. Exemplo disso é o comportamento arrogante e prepotente, do principal suspeito de ser o mandante do crime, na delegacia do povoado de Antonio João e o tenor que dele demonstraram ter os policiais do local. Exemplo mais gritante foi a aparentemente absurda noticia veiculada à opinião pública — para confundir-a — pela Casa Civil do Governo do Estado, até hoje não esclarecida satisfatoriamente. Nela se responsabilizava a esposa de Marçal, Dona Aristidia de Souza, de haver encomendado o crime. Alegava-se ciúme, sugeriu-se crime passional. Tal
attitude do governo estadual nos leva a pensar que as conexões, mencionadas acima, entre alguns de seus setores que, inclusivo, informam a Justiça, com os verdadeiros responsáveis pela morte de Marçal, são mais íntimas do que se tem suposto.

O Estado do MS é um Estado agropastoril, onde os proprietários de terras, os fazendeiros, mantém uma solidariedade e conformam uma verdadeira barreira contra aqueles que obstaculizam ou vão de encontro a seus interesses. O poder do capital condiciona o andamento da Justiça, o resguardo aos direitos humanos e à própria vida. Agregue-se a isso a peculiaridade de uma região de fronteira com um país considerado como um dos mais corruptos de toda a América Latina, onde o contrabando, os capangas, os jagunços, o suborno, dâmatas a lei. Os ricos proprietários e seus descendentes atuam impunemente nesta “terra de ninguém”. As relações estabelecidas neste território fronteiriço propiciam aos poderosos, aos donos de terra, um amplo espaço de atuação onde um clima de tensão parece permanentemente no ar. Nesse contexto, o que pode fazer uma polícia, inclusive menos armada que fazendeiros? O que pode fazer uma polícia federal mais forte porém condicionada ao depoimento de regionais temerosos de fazendeiros e seus jagunços? Nesse contexto, de que vale a vida de um “Bugre”, como depreciativamente são chamados os índios?

Em relação ao caso em si da morte de Marçal, não há novelidades. A não ser a existência de um novo suspeito que, a exemplo de João “Bugre”, certamente não terá nada a ver com o crime. Outro dado, pouco animador para quem quer a elucidação da morte de Marçal, é que o Delegado da PF que cuidou da primeira fase do inquérito foi transferido. Podia-se, ao menos, esperar um trabalho sério deste delegado.

Hoje, decorridos quatro meses do assassinato de Marçal de Souza, tudo indica que não deveremos ultrapassar a barreira dos protestos contra seu assassinato. Enquanto isso o criminoso continua à solta e, o que é pior, seu mandante também. Como atenuante, podemos considerar que a morte de Marçal não foi totalmente em vão. Há grandes possibilidades de que com o incidente a terra dos Guarani-Kaiowá de Pirakua sejam demarcadas e sua posse garantida. Corroborando com isto, nos vem à lembrança uma frase que teria sido dita por um dos empregados da Fazenda Serra Brava cujo proprietário e o maior suspeito de haver mandado executar Marçal. Este empregado, ao ver um índio de Pirakua cruzar as terras desta fazenda, teria dito a ele que melhor seria se não mais passasse por ali; seu patrão mencionava que queria matar um índio pois desta forma a terra da comunidade de Pirakua, considerada por ele como perdida, estaria “paga”.

Aconteceu na imprensa

KADIWEU

Senador chama atenção sobre área indígena

A demarcação das terras dos kadiwéus ainda é motivo de protestos, mesmo após o trabalho realizado pelo Serviço de Engenharia do Exército, por encargo da Funai. Agora a discussão é levantada pelo senador peemedebista José Fragelli, que chamou a atenção dos ministros Mário Andreazza, do Interior, e Danilo Venturini, de Assuntos Fundiários, sobre a discutida extensão da área pertencente aos indígenas. Segundo Fragelli, os ministros devem advertir a Funai no sentido de que seja respeitada a demarcação original, que na opinião do senador é 225 mil hectares menor do que a área encontrada pelo Exército. Diz ainda Fragelli que, mantida a demarcação encontrada pelo Exército, estarão sendo invadidas terras de pequenos e médios proprietários, alguns com títulos de mais de 50 anos. A posição de Fragelli foi apoiada pelo pededessista Gastão Muller, que argumentou ser toda a área dos kadiwéu ocupada por menos de mil índios, o que

os torna latifundistas. Disse ainda que a ação da Funai é entendida por ele como uma intervenção na autonomia estadual. (Correio do Estado, 6/3/83).

Fazendeiros morrem em conflito

Dois fazendeiros morreram e alguns índios ficaram feridos, um deles gravemente, em tiroteio ocorrido ontem na reserva dos índios cadiveu, na serra Bodoquena, Mato Grosso do Sul. Os fazendeiros querem, agora, revidar o ataque, destruindo os postos indígenas que abrigam todo o seu sistema de defesa.

Tudo começou no dia 2, quando a Funai deu posse da Fazenda Taruma a uma família indígena, obedecendo a acordo firmado com os fazendeiros arrendatários das terras. Uma vez terminado o prazo de arrendamento, as terras seriam devolvidas aos índios cadiveu, seus proprietários legítimos. De volta os índios, as terras haviam sido ocupadas por posseiros. Eles aguardaram providências da Funai. Mas, no dia 4, o vigilante indígena sofreu uma emboscada dos posseiros. Apenas um tiro, dentre três, lhe pegou de raspão. No dia seguinte, outro vigilante foi baleado. Depois, surgiu a notícia de dois fazendeiros mortos, crivados de bala. A partir daí, criou-se a tensão e o conflito. (O Globo, 9/3/83).

FUNAI acusa arrendatários

O Presidente da Funai acusou ontem os arrendatários da reserva dos índios Kadiweu, na Serra do Bodoquena (MS), de incentivar a invasão da área por posseiros e de provocar tensão social na região. A atitude dos fazendeiros, segundo o presidente, é de represália à decisão da Funai de, a pedido dos líderes da comunidade Kadiweu, não renovar alguns contratos de arrendamento das 121 glebas encravadas na reserva de 538 mil hectares. A Funai, inclusive, foi pressionada por um grupo para conseguir em uma manobra ilegal, destinada a transferir os contratos de arrendamento de um fazendeiro para outro — observou, acrescentando que a pretensão foi rechaçada pelo órgão que, em abril de 1982, solicitou à Polícia Federal para abrir inquérito e determinar as causas que levaram cinco mil
famílias de possuidores (18 mil pessoas) a invadir a reserva. O inquérito concluiu que os possuidores achavam estar ocupando terras devolutas, completou o presidente da Funai. (O Globo, 10/3/83).

Proseguem conflitos na Bodoquena

Agentes da Polícia Federal e soldados da PM de MS, seguiram para a reserva dos Kadiweus, na Serra da Bodoquena. Esta é a segunda vez em menos de um ano que possuidores e índios entram em choque na área. No ano passado, as Polícias Federal e Militar foram acionadas para pôr fim ao conflito que deixou o saldo de uma criança morta, centenas de feridos, plantações e casas destruídas. As informações procedentes da reserva são bastante confusas e a delegacia da Funai confirmou apenas que um fazendeiro e seu filho foram mortos no dia 2 passado, quando os índios tomaram de assalto a sede da Fazenda Santa Lurdes. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campo Grande, observou que os acontecimentos na Bodoquena são consequência de uma promessa feita há muito tempo pelos índios: o conflito poderá parar agora, mas continuará até que deixe de existir possuidores na área. (O Globo, 10/3/83).

Protesto da Câmara Municipal

"Os senhores vereadores, membros da Câmara Municipal de Bodoquena, do MS, têm de público, se manifestarem contra a violência que está sendo usada pelos índios Kadiweus, com a complicação dos órgãos competentes, tanto da esfera federal, como estadual contra colonos da região de Tarumã, neste Município..." (Jornal da Cidade-Miranda, 20 a 26/3/83).

FAMASUL pede intervenção na Bodoquena

Em plena Semana do Índio, a Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul enviou documento ao governador Wilson Barbosa pedindo a sua intervenção junto aos órgãos federais, no sentido de rever a demarcação da reserva dos índios Kadiweus, nas regiões da serra da Bodoquena. A Famasul alega que foram incorporados à reserva uma área de 156.976 hectares, pertencentes a produtores situados nos municípios de Porto Murtinho, Bonito, Miranda, Bodoquena e Corumbá. (Jornal da Manhã, 19/4/83).

FUNAI: 174 famílias de invasores

Em dez dias de trabalho, já foram cadastradas 174 famílias de invasores e possuidores das terras da reserva dos índios Kadiweus, na Bodoquena, neste Estado. O trabalho está sendo realizado por três equipes integradas por representantes da Funai, Incra, Terrasul e Polícia Federal, que estão percorrendo o local e fazendo o levantamento total, inclusive das benfeitorias e plantações existentes. Esse cadastramento faz parte das medidas que estão sendo tomadas pela Funai para a desocupação da área e posterior devolução aos seus legítimos donos, dentro de um plano de organização e desenvolvimento das comunidades indígenas e segundo informou o delegado regional da Funai Carlos Amaury Mota de Azevedo, — o cadastramento está sendo realizado em atendimento à antiga reivindicação dos próprios índios junto àquele órgão do Governo Federal, tendo em vista o constante crescimento de sua população e a redução drástica da área de suas terras pelas invasões. (Jornal da Manhã, 27/4/83).

Argumentação da FUNAI


Apesar das demarcações e dos arrendamentos que tiveram início no início de 50 pelo então SPI, prática que teve continuidade com a Funai, a Assembleia Legislativa do Mato Grosso, através de lei 1.077, em 10 de abril de 1957, propôs que se reduza para 100 mil hectares, a reserva Kadiweu. A resolução da Assembleia gerou um processo julgado pelo Supremo Tribunal Federal, que através do Recurso Extraordinário nº 44.585, em 30 de agosto de 1961, deu ganho de causa aos índios reiterando o Decreto 54, de 1º de abril de 1931 e mantendo portanto, a área com seus limites originais. Com base nestes dados a reivindicação da Famasul, torna-se praticamente inviável, uma vez que os documentos apresentados pela Fundação Nacional do Índio, bem como o mapa elaborado pela 5ª Divisão de Levantamento, do Exército, apenas confirmam a demarcação feita no início de 1900, e que respeitou os mesmos limites. Na verdade, segundo o delegado da Funai, "o que se fez foi apenas colocar novos marcos de concreto e estabelecer os pontos geodésicos, portanto não há motivos para que a Funai abra mão da área". (Diário da Serra, 20/4/83).

TERRASUL pesquisa documentos históricos

O Terrasul — Departamento de Terras e Colonização de MS — a pedido da Secretaria de Justiça do Estado, vai realizar um levantamento de todos os documentos históricos relacionados com a reserva indígena de Bodoquena. O secretário da justiça disse que quer ver esses documentos que tratam dos limites e da extensão das terras dos Kadiweus, pois ele também não acredita que a área da reserva seja de 538.535 ha. Com esses papéis ele quer ir à Comissão Intermunicipal (MEAF, MINTER e FUNAI) que trata da medição e demarcação de terras indígenas. (Correio do Estado, 26/4/83).
Fazendeiros agem judicialmente

Cinco fazendeiros do Mato Grosso do Sul, que se acham prejudicados em consequência da demarcação da Reserva Ind. de Bodoquena, executada pelo Exército, estão notificando judicialmente o presidente da República, o Ministro do Interior, e o presidente da Funai. O documento já se encontra no STF, em Brasília, segundo informou o advogado desses agropecuaristas. Os fazendeiros Juvenal Correa Rezende, Ali Ghandour, Janes Monteiro Leite, Antonio Albuquerque dos Santos, alegam que apesar dessa reserva indígena ter sua linha perimetral demarcada desde o século passado, suas propriedades são particulares, devidamente tituladas, habitadas e exploradas por seus proprietários também desde tempos imemoriais, e que a Funai empreenderia nova demarcação da linha divisória da reserva sob a alegação infundada de que o marco divisório devia estar fixado no “espigão divisor de águas” e não no “paredão da Serra”. O Documento diz que na verdade, as terras da Reserva Indígena Kadiwêu são de .373.024 ha. (Correio do Estado, 30/4/83).

FUNAI confirma limites

O procurador-geral da Funai garantiu ao governador do MS que “não há indícios claros quanto aos limites da área da Reserva Indígena Kadiwêu. O que a Funai quer é solucionar os problemas dos invasores, sem criar problemas sociais. Os limites da área de 550 mil ha são legais e definitivos”. (JB, 1/5/83).

Deputados sugerem divisão da Reserva

Projeto do deputado Sérgio Cruz (PMDB-MS) autoriza o Poder Executivo a criar a Colônia Agrícola Indígena de Bodoquena, destinada à exploração agropecuária por “tribos aculturadas” e colonos. Estabelece ainda a proposta que a Colônia será implantada na reserva dos Kadiwêu, e vai assegurar ao posseiro, ocupante de área inferior a um ha, há mais de dois anos, o direito de nela permanecer na condição de colono. Lembra o parlamentar, na justificativa de sua proposta, que até a demarcação da reserva em 1980, a convivência entre os índios aculturados e os brancos era “harmoniosa”. A partir da demarcação, os índios “estimulados por fazendeiros arrendatários e por funcionários da Funai”, passaram a utilizar métodos violentos contra esses posseiros e pequenos proprietários. Acrescenta que nada foi feito pelo Governo, no sentido de resolver o problema daqueles que, atingidos pela “discutível demarcação”, viram-se sem nenhum direito sobre a terra que cultivavam por tanto tempo. (Folha de Goiânia, 4/5/83).

Protocolo assegura permanência de posseiros

Na presença do secretário de Justiça, Juarez Marques Batista e de diversos arrendatários que se fizeram acompanhar do presidente da Fetagi e do Delegado da Funai, Carlos Amauri Mota Azevedo, foi assinado um protocolo, assegurando aos posseiros a permanência no território indígena. O documento que não foi firmado na presença de nenhum representante indígena, possibilidade inclusive do retorno à área de posseiros que dela já se haviam afastado. O procedimento do delegado regional foi mais estranho, porque a poucos dias, ao se referir às terras dos Kadiwêu há muitos anos invadidas por posseiros — declarou que estes seriam retirados e os índios teriam suas terras de volta. E que a demarcação feita pelo Exército seria homologada. Dirigindo um organismo federal, vinculado diretamente ao MINTER; não há nenhuma razão aparente para que o delegado regional da Funai, obedecendo imposições da Fetagi e se submetendo às ordens do Secretário Estadual de Justiça. (O Repórter, 1 a 7/5/83).

Secretário de Justiça entrega documento

O Secretário de Justiça entregou um documento ao ministro Dainiloventurini, narrando diversos acontecimentos na Reserva Kadiweu, com sérios atritos entre posseiros, arrendatários, colonos e a Funai. Para ele, “a definição da área indígena (373.024 ha), conforme medição anterior à promovida unilateralmente pela Funai, através dos serviços geográficos do Exército, que não respeitou documentos históricos, é uma das maiores necessidades”. (FSP, 24/6/83).

Kadiwêu declaram guerra

Os índios Kadiweu declaram guerra aos invasores de sua área, arrendatários e posseiros, segundo informação da assessoria de imprensa da Funai. Foram mortos três posseiros, entre eles o menor Dalmir Henrique Nascimento de 17 anos. Os Kadiweu exigem a remoção imediata de todos os invasores. A Funai solicitou ajuda da PF e de um pelotão de PM para evitar represálias contra os índios. Informou-se ainda que a Secretária de Segurança Pública do Estado está apurando o conflito. (FSP, 23/7/83).

PF desarma posseiros

A PF chegou a desarmar todos os ocupantes da área Kadiweu, para evitar novos confrontos, segundo anunciou a Funai. A Fundação também recebeu informações de que seis posseiros já foram presos, acusados de terem liderado o ataque, à fazenda Tarumã, na reserva indígena. O ataque foi em represália à agressão sofrida pelos invasores por índios que mataram um menino na semana passada. Por determinação da Funai a PF reforçou o número de homens destacados para dar proteção aos índios. Quarenta soldados da PM estão no PI Bodoquena junto com agentes da PF. A Funai informou ainda que já foi concluído o levantamento das ocupações na área Kadiweu apontando a presença de mais de 300 famílias de arrendatários, posseiros e invasores que serão reacondicionados pelo INCRA. (ESP, 24/7/83).
Posseiros voltam com aval do Governador

O governador Wilson Barbosa Martins (PMDB-MS) determinou, ontem, ao secretário da Segurança Pública que autorize o retorno das 100 famílias de posseiros às suas casas na Reserva da Bodoquena, embora tenha frisado a necessidade de que seja garantida total segurança, e uma ação que coíba qualquer tipo de novos conflitos armados. Wilson acha que os posseiros estão sendo “acossados”, e tentou uma audiência urgente com o ministro Danilo Venturini, de Assuntos Fundiários. (Correio do Estado, 28/7/83).

Secretário de Justiça e Deputados do PMDB estimulam invasões

O secretário de Justiça de Mato Grosso do Sul, Juarez Batista, está estimulando a invasão da reserva indígena Bodoquena. A denúncia foi feita pelo índio Terena Paulino Bagodarquis: “o secretário paga os favelados de Campo Grande para invadir a reserva e depois vai comprar a terra dos invasores e ficar com a nossa reserva. Eles prometem tomar as nossas terras durante a campanha política e agora aparecem que querem fazer isso mesmo”. Paulino denunciou ainda parlamentares do PMDB, entre eles o deputado Sérgio Cruz: “Todos os deputados da oposição estão interessados em tirar as terras dos índios, principalmente esse Sérgio, que tem terra dentro da reserva”. Paulino disse ainda que grande parte dos invasores são fazendeiros de Mato Grosso do Sul e São Paulo, além de 400 famílias de posseiros que “são levados para a reserva pelos políticos”. Essa mesma denúncia foi feita no início do ano pelo ex-presidente da Funai, coronel Leal, que acusava os fazendeiros e políticos de promoverem invasão da área indígena, com o objetivo de reduzir a reserva. A terra dos Kadiwêxu pertence ao patrimônio da União. Elas foram doadas aos índios por Dom Pedro 2º, em agraeamento à participação dos Kadiwêxu na Guerra do Paraguai. (FSB, 28/7/83).

Juarez eximi-se das acusações

Com o argumento de que sua participação no caso Bodoquena fora solicitada pelo governador Wilson Barbosa Martins, através de um acordo firmado entre o Governo do Estado, Funai, Terrasal, Incra e Fetagri, o secretário de Justiça conseguiu eximir-se ontem das acusações que lhe eram feitas por deputados do PDS. O depoimento do secretário e do debate durante seis horas, entremeado de discussões ásperas, mas no final tranquilas.

O secretário de Justiça fez um relato profundo de toda a situação da Bodoquena e, no final, apresentou uma lista de pessoas que estão envolvidas na questão Bodoquena. O documento é o cadastro realizado recentemente na área e cita mais de cem grandes latifundiários como beneficiados pela Funai através de títulos de arrendamento. Entre os nomes incluídos na relação, estão vários empresários, (cuja grande maioria residem em outros estados), destacando os membros da família Coelho em Mato Grosso do Sul. O prefeito Lúdio Martins Coelho é um dos nomes citados no cadastro.

A lista de arrendatários, acabou sendo o principal assunto da sessão extraordinária, desvirtuando inclusive, o próprio tema, que solicitava esclarecimentos sobre a participação do secretário de Justiça nos conflitos.

A sessão de ontem permitiu ao secretário de Justiça, fazer todos os esclarecimentos que tinha intenção. Ao invés de arcar com a responsabilidade sobre os conflitos, ele conseguiu convencer os deputados que é necessário uma tomada de posição conjunta para resolver os problemas existentes hoje na reserva. Ficou claro que a disputa pelos 165 mil hectares em litígio ganhou novos aliados na Assembleia Legislativa, a favor do Governo do Estado, embora, a partir de agora, seja esperada uma movimentação por parte de segmentos indígenistas. Ontem o presidente da União Nacional dos Indígenas, Domingos Verissimo, assistiu e gravou toda a sessão, acompanhado de representantes de nações indígenas de Mato Grosso do Sul. (Correio do Estado, 1/9/83).

TERRASUL quer área reduzida

O diretor-geral do Terrasul, Euclides Faria, vai propor ao ministro Danilo Venturini, a definição da área dos Kadiwê, considerando a medição feita em 1899, totalizando 373.024 ha. (Correio do Estado, 8/9/83).

Deputados pedem nova medição

O ministro do MEAF deverá receber uma indicação subscrita pelos deputados Roberto Djalma Barros do PDS e Jonathan Barbosa do PMDB, solicitando nova demarcação na Reserva dos Kadiwê, de acordo com o que preceitua o Decreto-Lei 86.110, que prevê a participação de representantes do MINTER e de todos os organismos federais envolvidos na questão. Segundo os deputados o “aggravamento das tensões sociais na região de Bodoquena” justifica a indicação. Eles lembram que a polêmica sobre a legitimidade dos 165 mil ha que a Funai diz terem pertencido ao patrimônio indígena surgiu em 1981, depois que a Fundação decidiu “reaviventar os marcos da demarcação, mas acabou, imprimindo conceitos próprios e determinando uma área de 538 mil ha, quando a medição anterior era de 373 mil ha. (Correio do Estado, 28/9/83).

Domingos Terena quer campanha por Kadiwê

O presidente da UNI de MS, Domingos Veríssimo Marcos, denunciou o clima de silêncio que se instalou sobre a questão da reserva dos Kadiwê, e anunciou que nos próximos dias será desenvolvida uma campanha nacional para mobilizar a opinião pública contra a tentativa de retirar cerca de 165 mil ha da reserva, área que atualmente está ocupada por quase meia centena de fazendeiros. “Se esse silêncio continuar os índios vão perder quase a metade de suas terras. Precisa haver o apoio da sociedade brasileira e das entidades”. Para Domingos, a falta de uma solução breve poderá provocar consequências imprevisíveis na área, já que não se pode prever até quando os índios vão aceitar conviver com as 406 famílias de posseiros, um grande número de arrendatários e cerca de meia centena de fazendeiros, estes, localizados nos 165 mil ha que o Governo diz terem sido incorporados com a nova medição. (Correio do Estado, 10/10/83).
**GUARANI/RANCHO JAKARÊ**

**Decreto de demarcação administrativa**

O Presidente da República através do Decreto nº 89.258 de 28/12/83, declara de ocupação dos sítios Jakarê, área Indígena Rancho Jakarê, no Município de Ponta Porã (MS). A área descrita neste artigo, será demarcada administrativa pela Funai. (Diário Oficial, 29/12/83).

**Decreto de Homologação**

O Presidente da República, através do Decreto nº 89.422 de 8 de março de 84, homologa, para efeitos legais, a demarcação administrativa promovida pela Funai, da área Indígena denominada Rancho Jakarê, localizada no Município de Ponta Porã (MS). (Diário Oficial, 9/3/84).

---

**GUARANI/PARAGUASU**

**Indígenos retomam suas terras**

O líder indígena Guarani-Kaiová Pancho Romero invadiu no dia 24 a Fazenda Paraguasu no município de Eldorado em companhia de 10 famílias, somando aproximadamente 50 índios. No dia seguinte, o delegado da Funai, Amaury, entrou para o local e serviu 2 agentes federais da delegacia de Ponta Porã que convenceram os líderes a irem até a delegacia para um encontro. Pancho e sua gente partiram do PI Pirajuy, onde estão esperando uma solução para retornarem à fazenda, que é habitada em memória dessa comunidade. (Jornal de Brasília, 27/12/83).

---

**PI DOURADOS**

**Indígenos chegam a acordo (?)**

Após reuniões com lideranças indígenas, durante toda a sexta-feira, o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, conseguiu obter um acordo e colocar um ponto final na grave crise entre os grupos Guarani-Kaiowá, ‘Guarani-Nandeva e Terena, que vivem no PI Dourados. Liderados pelo índio Fernanda Jorge Paredes, um grupo que se opunha a Ramão Machado. Os Kaiowá liderados pelo chefe tradicional Ireno Inardi — que representa a maioria da Reserva, em torno de dois terços — resolveram apoiar Ramão Machado. Os Kaiowá comunicaram ao delegado regional da Funai, Amaury, a intenção de expulsar o grupo de Fernanda Jorge da reserva se não houvesse uma intervenção por parte do órgão governamental. Com o acordo, o derramamento de sangue foi evitado e Fernando comprometeu-se a abandonar o local. “A solução encontrada foi bem recebida por todos os grupos e prevaleceu o espírito comunitário dos índios”, destacou o presidente da Funai. (Correio do Estado, 8/2/84).

**Acusada a “polícia indígena”**

A “polícia indígena” da reserva de Dourados, no MS, está sendo acusada pelo tereno Fernando Jorge Paredes de espancar índios, obrigar-os a trabalhar e de roubar seus alimentos. A situação é considerada tensa entre os aproximadamente mil índios da tribo Guarani, Terena e Kaiowá que ocupam a reserva, e a qualquer momento, segundo Jorge, pode ocorrer uma revolta contra os “policiais”, comandados pelo capitão Ramão. Até agora o chefe do PI Dourados, Vaudelino Bravim, não se pronunciou sobre o caso, e o índio terena é acusado de violência com o que vem ocorrendo na reserva. (ESP, 16/4/83).

**Cacique autoritário poderá ser afastado**

Cerca de dois mil índios, Guarani-Kaiowá, Terena e Guarani-Nandeva estarão reunidos a partir de hoje em um ponto ainda não revelado da estrada que liga a cidade de Dourados ao município de Itapori. A reunião será para decidir uma forma de expulsar o cacique Ramão, acusado de arbitrariedades e esbancamentos que já provocaram a morte de um índio. (O Globo, 18/4/83).

**Afastado cacique acusado de esbancamento**

O Cacique Ramão acusado de escravizar e espancar os índios da reserva de Dourados, foi afastado ontem do cargo pelo delegado regional da Funai, Carlos Amari. A decisão será mantida até que sejam apurados os atos de arbitrariedade, denunciados pelo conselheiro dos terena, Jorge Paredes.


**GTME denuncia tensão no PI Dourados**

A Reserva Indígena de Dourados é um caldeirão fervente preto a explodir. A denúncia foi feita em Piracicaba, SP, pelo GTME, após uma visita ao local. Segundo os missionários evangélicos, a mistura forçada de três povos na pequena reserva (os Guarani-Kayowá, os Guarani-Nandeva e os Terena), “cria um estado de tensão e esboça um conflito latente que pode tomar proporções imprevisíveis”. (Porantim, agosto/83).

**FUNAI nomeará novos cheques**

Uma briga que durou duas horas e só terminou com a intervenção de 20 policias levou ao cancelamento das eleições para a escolha do novo cacique e de 15 conselheiros dos índios que habitam a reserva de Dourados. O confronto começou depois que o vereador Paulo Flores denunciou que os fiscais do cacique e candidatos a reeleição Ramon Machado roubavam votos do...
candidato oposicionista, Fernando Jorge Paredes. Dois índios tentaram agradar o vereador e a briga generalizou, envolvendo os 500 índios presentes. O delegado interino da Funai, Délcio Vieira, interveio e chamou a polícia. Após reunião com representantes das três tribos, demitiu o chefe do PI Dourados Vauddevino Bravin, destituíu Ramon Machado do cargo de cacique e fez prevalecer portaria do presidente da Funai, Otávio Lima, que dá poderes às DRS para escolher os Caciques e Conseleiros das tribos.

Os nomes dos escolhidos serão divulgados hoje, quando também a Funai emitará nota oficial, revelando a extensão do conflito que resultou em ferimentos em vários índios. (O Globo, 10/8/83).

Eleição adiada

Os índios do PI Dourados, em choque desde sábado passado, pelo impasse surgido na eleição para escolha do cacique, acataram a proposta do delegado regional da Funai Carlos Amaury, que sugeriu novos debates até o próximo dia 30, quando será marcada a data de outro pleito.

A decisão poderá permitir a manutenção do diálogo para o encontro de uma fórmula de convivência pacífica entre as duas chapas concorrentes: a amarela, de Ramão Machado, e a verde, de Fernando Jorge Paredes. (O Globo, 12/8/83).

Violências continuam

A Reserva Indígena de Dourados vem se revelando, nas últimas semanas, como a mais violenta do Estado, com seguidos casos de tentativas de homicídio e mesmo de morte. No último final de semana, um índio foi assassinado a tiro de revólver e outro foi violentamente esfaqueado, sendo internado no hospital local. No dia 8 passado, o índio Atanásio Benitez também foi assassinado misterriosamente, quando retornava à reserva. (Correio do Estado, 25/10/83).

Escola do chefe na DR

No próximo dia 12, os líderes do PI Dourados estarão reunidos na sede da DR da Funai, para escolherem um chefe, pondrando a uma crise que, desde abril, vem mantendo a reserva sob clima de discordância interna entre os grupos que ali convivem. (O Liberal, 9/9/83).

Três assassinatos e um suicídio

Três assassinatos e um suicídio marcaram o Natal dos índios do PI Dourados, segundo informou a Funai. Dia 23, o Guarani-楠deva Belmiro Duarte, de 27 anos, foi esfaqueado; no dia 24 o Guarani-Kaiowá, Elenvino Teixeira, 38 anos, foi assassinado a pauladas próximo ao Quartel do Exército de Dourados. Neste mesmo dia a índia Romana Duarte, mãe de Belmiro, suicidou-se com veneno após saber da morte do filho. E no dia 25, o índio Guarani-楠deva Guaraci de Souza, foi morto a tiros.

De acordo com a Funai, o delegado da PF de Campo Grande, está na área. Instaurou inquérito para apurar as responsabilidades sobre todos os crimes. Há um clima de tensão na área entre os índios, que se sentem temerosos pela onda de violência. (Diário Popular, 27/12/83).

Assassinado era irmão de Marçal

O índio Guaracy de Souza, que segundo a PF é irmão do líder Marçal, assassinado dia 26 de março, foi morto atingido por três tiros, disparados por Wilson Machado de Matos. Wilson é irmão do ex-cacique Ramão, acusado de "escravizar índios", pelo terena Fernando Jorge Paredes. Ontem, cerca de dois mil índios foram protestar contra a série de atos violentos, na porta da Delegacia da Polícia Federal, onde houve início de tumulto, contornado com força policial. Apesar de o Delegado da PF em Mato Grosso do Sul ter afirmado ser Wilson o autor dos disparos que mataram Guaracy, o delegado regional da Funai afirmou que, por enquanto, ele é apenas um suspeito.

Segundo fontes da PF e civil, Guaracy teria ido conversar com Ramão sobre a realização de novas eleições na reserva, e ambos se desentenderam. Wilson, tomando os dores do irmão, puxou da arma, assassinando Guaracy com três tiros. (O Globo, 27/12/83).

FUNAI promete GT

A Funai examina a possibilidade de enviar um grupo de trabalho multidisciplinar formado por indigenistas, antropólogos, agrônimos e assistentes sociais, ao PI Dourados para tentar apaziguar os ânimos da comunidade. O superintendente do órgão, Lamartine Ribeiro, informou que a Funai, depois de 4 mortes em um mês, estuda formas de contornar os constantes conflitos na área da reserva, com pouco espaço para muitos índios (4.490 Guarani-Kaiowá, Guarani-楠deva e Terena em 3.539 ha). (Diário Popular, 28/12/83).

Assassinado o líder

O líder Guarani Marçal de Souza, que em julho de 1980, em Manaus, saudou o Papa João Paulo II em nome das comunidades indígenas brasileiras, foi assassinado na noite de 25 (deste mês de novembro) com três facadas, no município de Antônio João, MS, Marçal era enfermeiro da Funai e há cinco anos vinha reivindicando a demarcação das terras dos Kaiowá, da aldeia de Pirakua. Há vinte dias, ele recebeu de um empregado da fazenda Serra Brava, interessada nas terras, oferta de Cr$ 5.000 milhões para convencer os Kaiowá a deixarem a aldeia. Como a recusasse, foi advertido de que "iria arrepender-se". Diante do Papa, há mais de dois anos, Marçal dissera que as tribos brasileiras estavam sendo mortas por pistoleiros "que nos matam como animais". (FSP, 28/11/83).
Em defesa dos irmãos

Com a morte brutal do índio Marçal de Souza, perdemos os índios de MS e por analogia, o país, um dos mais autênticos e aguirados defensores da causa silvícola, que durante décadas lutou contra a prepotência dos invasores e submissão e inoperância, muitas vezes, da Funai. Trabalhando anonimamente no interior do município de Antônio João, Marçal morreu lutando pela igualdade dos seus irmãos de raça e de perseguições, dentro de um objetivo maior que sempre pautou a sua existência: dar ao índio uma vida digna e principalmente exigindo que nós brancos respeitassem os seus limites, sua cultura e sua tradição. A morte de Marçal ganhou em todo o País a dimensão de sua importância, com repercussões nacionais e internacionais. (O Panorama, Dourados/MS, 29/11/83).

Manifesto

Os deputados Mário Juruna, Haroldo Lima e Aldo Arantes, membros da Comissão Parlamentar do Índio, e os representantes da UNI, ANAI, CIMI e ABA enviaram ontem ao Presidente Figueiredo um manifesto contra o assassinato do índio Marçal Guarani, "para que tome ciência da violência que está atingindo as áreas indígenas, especialmente, quando se generaliza a ideia, nos meios indigenistas de que, seja por ação seja por omissão, é primacial a responsabilidade dos órgãos federais". Cópia do documento foi enviada à OAB, "para que sejam garantidas providências indispensáveis" para esclarecer as circunstâncias que envolveram a morte de Marçal e a punição, não só dos assassinos como também de seus mandantes. Outra cópia foi enviada ao Governador do Mato Grosso do Sul. (Correio Braziliense, 29/11/83).

Versão do governo é contestada

O secretário-geral do Cimi, Antonio Brand, condenou uma nota da Casa Civil do Governo do Estado, atribuindo a questão de ciúmes da mulher de Marçal a causa de sua morte. "A nota do governo teve o objetivo de confundir a opinião pública, pois nenhuma prova foi apresentada que caracterize um crime passional". Os familiares de Marçal contestaram com veemência a informação oficial. Sua filha, Edna, disse ser um absurdo a versão de que o crime tenha sido cometido a mando de Aristídio, deixando entretanto que o assassinato partiu de setores interessados em ocupar uma faixa de terra atualmente explorada por várias famílias de índios no município de Antônio João, situado a 56 km de Ponta Porã. (Diário do Grande ABC/SP, 1/12/83).

Darcy e Juruna pedem apuração


Apoio às investigações

A ABA enviou telegrama à Delegacia da PF em Ponta Porã, se solidarizando com os esforços desenvolvidos no empenho para elucidação do assassinato do cacique Marçal. Deixando claro entender as dificuldades inerentes ao caso, a entidade coloca-se à disposição para apoiar no que for possível e lenta a morte do indígena. (Correio do Estado, 5/12/83).

FUNAI acusada

"O Governo do Estado do Mato Grosso do Sul e autoridades constituídas, principalmente a Funai, são os responsáveis diretos pelo assassinato de Marçal, porque os problemas das terras são demasiadamente conhecidos por todos eles, e essa omissão dos organismos cria circunstâncias favoráveis para que aconteçam crimes dessa natureza." A declaração é do líder Pareci Daniel Mantinho Cabixi, que com mais de cem índios participou, na semana passada, da reunião fechada realizada por ocasião da missa de rémio dia e do ato público em protesto contra o assassinato do líder Guarani. (Correio Braziliense, 8/12/83).

D. Balduino denuncia "Miséria e Opressão"

O Bispo de Goiás, D. Tomás Balduino, denunciou que "a mão de Caim está fazendo do Brasil um país de humilhados e oprimidos, onde a opressão gera a miséria dos índios, dos favelados e dos sem-terra" — durante a missa que rezou em Dourados pelo rémio dia da morte de Marçal. (ESP, 6/12/83).

Suspeito fica solto

Continua solto em MS, Astúrio Monteiro, o principal suspeito de ser o mandante do assassinato de Marçal de Souza. Para a Funai, dificilmente serão encontrados os verdadeiros culpados desse crime. (JB, 23/1/83).

CNBB envia carta ao Papa

<table>
<thead>
<tr>
<th>POVO</th>
<th>nº/ mapa</th>
<th>nº aldeias ou nome AI</th>
<th>população (data/fonte)</th>
<th>Município</th>
<th>situação da terra: Portaria/Decreto/Proposta(s)</th>
<th>áreas (ha)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>XOKLENG (1)</td>
<td>1</td>
<td>PI Ibirama Bugio</td>
<td>430</td>
<td>Ibirama (SC)</td>
<td>demarcada em 1954. Criação da reserva Dec. nº 15, de 03.04.27. Gov. do Est. expediu título em 26.10.65, nº 21.150, registado no Cartório de Imóveis do Município de Ibirama, área de 817 ha inundada por barreagem (GND)</td>
<td>14.156</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>2</td>
<td>PI Araribá</td>
<td>122 (Oesind:77)</td>
<td>Avaí (SP)</td>
<td>demarcada em 29.05.1913. Gov. do Estado reservou a área</td>
<td>1.920</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td>PI Icota</td>
<td>15 (Oesind:77)</td>
<td>Braúna / Taga (SP)</td>
<td>ver Kaingang</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>PI Vanuã</td>
<td>33 (Oesind:77)</td>
<td>Braúna (SP)</td>
<td>demarcada. Título definitivo em 1919</td>
<td>119</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5</td>
<td>PI Apucarana</td>
<td>45 (Oesind:77)</td>
<td>Tapui (SP)</td>
<td>demarcada. Título definitivo em 1917</td>
<td>250</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>7</td>
<td>Mooca</td>
<td>166 (Cimi:82)</td>
<td>Ortigueira (PR)</td>
<td>AI Queimada, demarcada Dec. Ext. 591 de 17.08.1915 com 26.000, reduzida em 1949</td>
<td>3.869</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>8</td>
<td>PI Guarapuá</td>
<td>43 (Cimi:81)</td>
<td>Ortigueira (PR)</td>
<td>em processo de demarcação com 637 ha, atualmente reduzida</td>
<td>138</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>9</td>
<td>PI Palmas</td>
<td>461 (Punaí:81)</td>
<td>Guarapuava (PR)</td>
<td>AI Domínio Maracás, demarcado e homologado Dec. nº 89.495 de 29.03.84; Título nº 21.609 de 30.08.49 assinalava 17.019 ha.</td>
<td>16.938</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>10</td>
<td>Tudo de Chimbangue</td>
<td>305 (Cimi:82)</td>
<td>Palmas (PR) e Abelardo Luz (SC)</td>
<td>AI Palmas, demarcada em fase de rede marcação ITC/Punaí</td>
<td>2.944</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>11</td>
<td>PI Lígeiro</td>
<td>514 (Cimi:77)</td>
<td>Chupecó (SC)</td>
<td>sem providência. Área reconhecida pela Punaí, totalmente invadida.</td>
<td>2.000 ou 1.210</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>12</td>
<td>PI Carretelro</td>
<td>313 (Cimi:83)</td>
<td>Tapejara (RS)</td>
<td>demarcada em 1911, teve uma redução de 190 ha por inundação barreagem da Eletrorural.</td>
<td>4.552</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>13</td>
<td>PI Inacorã</td>
<td>150 (Abichi:80)</td>
<td>Tapejara (RS)</td>
<td>demarcada em 1911; título definitivo em 1958</td>
<td>601</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>14</td>
<td>Toló de Irai</td>
<td>150 (Simonkian:80)</td>
<td>Sto. Augusto (RS)</td>
<td>demarcada em 1921 com 3859 ha; Reduzida pela colonização e pelo Gov. do Estado em 16.02.62</td>
<td>1.060</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>15</td>
<td>Tomezina</td>
<td>10 (Punaí:81)</td>
<td>Irai (RS)</td>
<td>sem providência; terreno da prefeitura local</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>POVO</td>
<td>n°/ mapa</td>
<td>n° aldeias ou nome AI</td>
<td>população (data/fonte)</td>
<td>município</td>
<td>situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>áreas (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>------------</td>
<td>-----------</td>
<td>-----------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>----------</td>
<td>-----------------------------------------------</td>
<td>------------</td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>manquerinha</td>
<td>748 (k)</td>
<td>Manquerinha e Chopinzinho</td>
<td>demarcada. doação da barão de antonina em 1859, reduzida dec. est. nº 64 de 02. 03.1903; mais uma vez reduzida em 1949 de 16.375 ha para 7.400 ha. pendência judicial no TTR. redução por inundação da barragem de salto-Santiago de 800 ha</td>
<td>7.400</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>18</td>
<td>Barão de Antonina</td>
<td>360 (K)</td>
<td>S. Jerônimo da Serra (PR)</td>
<td>demarcado. doação do Barão de Antonina em 21.06.1859, teve a área reduzida per dec. nº 7.792 de 30.06.45, de 33.800 ha para 8.460 ha</td>
<td>4.914</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>Xapecó/5</td>
<td>1.244 (K) 150 (G) (Nacqce:70)</td>
<td>A. Luz, Xaxim e Xanmare (SC)</td>
<td>área Xapecó, demarcada. criada pelo dec. nº 7 de 18.06.1902 do Gov. Est. posteriormente reduzida de 1/3 da área original. título expedido INSC, nº 7.458 de 02.10 1965 e registrado em 1970. cerca de 3.500 ha serão inundados por barragem de eleetroso</td>
<td>15.009</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>20</td>
<td>Votouro</td>
<td>621 (K) 62 (G)</td>
<td>S. Valentim (RS)</td>
<td>área Votouro, demarcada em 1913, com 3.104 ha e reduzida pelo Gov. Est. em 1962</td>
<td>1.583</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>21</td>
<td>Cacicue Doble</td>
<td>327 (K) 36 (G) (Santos/Arapelin: 1976)</td>
<td>Cacicue Doble (RS)</td>
<td>área Cacicue Doble, demarcada entre 1911 e 1913 e posteriormente reduzida, de 5.450 para...</td>
<td>4.508</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>22</td>
<td>Lançrinha</td>
<td>9 (K) 115 (G)</td>
<td>Sta. Amélia (PR)</td>
<td>demarcada. doação de 242 ha, feita pelo col. Jose Carvalho de Oliveira em 14.09 1918. em 1938, uma &quot;troca&quot; feita entre o SFI e o sr. Angelo Pavan reduziu a área a expansão atual</td>
<td>170</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td>Guarita/2</td>
<td>1.635 (K) 104 (G) (INCA:80)</td>
<td>Ten. Portela Mirangui (RS)</td>
<td>área Guarita, demarcada em 1918 porém, inutilizada e, em grande parte arejada.</td>
<td>23.183</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>24</td>
<td>Nonocal/8</td>
<td>1.115 (K) 110 (G) (Simcon:180)</td>
<td>Nonocal, Rodelo Bonito (RS)</td>
<td>área Nonocal, demarcada em 1913, com 34.908 ha. em 10.03.1949 o governo estadual pelo dec. nº 568, destinou 19.998 ha à reserva Florestal de Nonocal na qual estão localizadas atualmente os 110 Guarani e 80 Kaimang de Petero.</td>
<td>14.910</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>25</td>
<td>Faxinal</td>
<td>212 (K) 6 (G) (Picoli:81)</td>
<td>Cândido de Abreu (PR)</td>
<td>área Faxinal, demarcada. reserva criada pelo DEC. EST nº 8, de 09.09.1901 com aproximadamente 30.000 ha, anualizado pelo DEC. EST. nº 294 de 17.04.1913, que reduziu a área para 20.000 ha. conforme acordo, D.O. nº 114 de 18.05.1949 a área foi reduzida a superfície atual.</td>
<td>2.009</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>26</td>
<td>Ivaí</td>
<td>558 (K) 5 (G) (Picoli:81)</td>
<td>Manuel Ribas Pitanga (PR)</td>
<td>área Ivaí, demarcada. DEC. EST. nº 294 de 17.04. 1913, reseruva aproximadamente 36.000 ha delimitada pelo DEC. EST. nº 128 de 07.04.1924. pelo acordo de 1949 (D.O. nº 114 de 18.05.1949) a área foi reduzida para a superfície atual, demarcação e titulação de 1953.</td>
<td>7.200</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Guarani (4)</td>
<td>2</td>
<td>Araíba</td>
<td>2.208 (T) 36 (Ladeira:83)</td>
<td>Avaí (SP)</td>
<td>ver PI Araíba, Tereza, acima.</td>
<td>484</td>
</tr>
<tr>
<td>27</td>
<td>Bananal</td>
<td>100 (Ladeira:83)</td>
<td>Peruibe (SP)</td>
<td>área Peruibe, demarcada Dec. Est. nº 4.301 de 24.10.1927.</td>
<td>600</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>28</td>
<td>Boa Vista (Pró Mirim)</td>
<td>60 (Altino:84)</td>
<td>Ubatuba (SP)</td>
<td>área situada no Parque da Serra do Mar, invadida. a comunidade Guarani entrou na justiça com uma ação de manutenção de posse e interdicto prohibitório contra Otacílio Lacerda (Jalma/84).</td>
<td>43</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>29</td>
<td>Crucutu</td>
<td>6 (Ladeira:84)</td>
<td>São Bernardo do Campo (SP)</td>
<td>área pelo menos dois pretensos proprietários nesta área.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>N°</td>
<td>Nome</td>
<td>N° de Aldeias ou Nome AI</td>
<td>População (data/fonte)</td>
<td>Município</td>
<td>Situação da terra: Portaria/Decretos/Propostas</td>
<td>Áreas (ha)</td>
</tr>
<tr>
<td>----</td>
<td>--------</td>
<td>--------------------------</td>
<td>------------------------</td>
<td>-----------------</td>
<td>-----------------------------------------------</td>
<td>------------</td>
</tr>
<tr>
<td>33</td>
<td>Morro da Saudade</td>
<td>130</td>
<td>São Paulo (SP)</td>
<td>Área medida pelo GT Sudelha em setembro de 1983.</td>
<td>20</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>35</td>
<td>Silveira</td>
<td>30</td>
<td>S. Sebastião (SP)</td>
<td>A comunidade Guarani entrou na justiça, em setembro/82, com ações de manutenção de posse e embaraços de 3º possuidor contra R. Mariconde e Armando Peralta.</td>
<td>840</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>36</td>
<td>Ava/Guarani Ex. Occi</td>
<td>100</td>
<td>S. Miguel do Iguape (PR)</td>
<td>demarcada. Dec. (?)</td>
<td>253</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>37</td>
<td>Rio Areia</td>
<td>17</td>
<td>Inácio Martins (PR)</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1</td>
<td>Ibirama</td>
<td>108</td>
<td>Ibirama (SC)</td>
<td>VER Ibirama, Xokleng, acima.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>38</td>
<td>Barra D'ouro</td>
<td>?</td>
<td>S. Francisco de Paula (RS)</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>39</td>
<td>Osório</td>
<td>45</td>
<td>Osório (RS)</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>40</td>
<td>Tapes</td>
<td>50</td>
<td>Tapes (RS)</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>41</td>
<td>Caraçã</td>
<td>50</td>
<td>Caraçã (RS)</td>
<td>sem providência.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

(1) No total de população Xokleng estão incluídos os mestigos Xokleng/Branco/Kaingang mas não estão incluídos os 155 cafunés que vivem na área.
(2) Ver também na Área Mato Grosso do Sul.
(3) No total de população Kaingang estão incluídos os que vivem nas áreas mistas Kaingang/Guarani.
(4) No total de população Guarani estão incluídos os que vivem nas áreas mistas Kaingang/Guarani. Ver também na Área Mato Grosso do Sul.
GUARITA KAINGANG: A VIOLÊNCIA DOS ARRENDAMENTOS

O que está por trás (e no fundo) da “briga de caciques”, que deixou mortos e feridos em uma reserva do Rio Grande do Sul?

Guarita, a maior reserva Kaingang do Rio Grande do Sul (23.183 ha), voltou a ser, no ano passado, um lugar “quente”. Conflitos mais ou menos graves, quase sempre ligados ao arrendamento das terras e roubo de madeira, vinham acontecendo nos últimos anos. Mas em meados de 83, um conflito acabou em tragédia: 5 mortos e 13 feridos, todos índios. A tensão, porém, continua até hoje.

No dia 25 de janeiro, estourava a mal chamada briga de caciques. O Conselho Indígena, considerando que o índio Ivo Sales abusava do cacicato para maltratar os membros da comunidade e desviar para si próprio o dinheiro obtido com o arrendamento de terras e venda de madeiras, o destituíu, aproveitando uma de suas ausências, e nomeou Domingos Ribeiro no seu lugar. De volta, porém, Ivo armou seus homens e negou-se a entregar o cargo. Nesta situação os que apoiamam Domingos, temendo represálias, abandonaram a área e procuraram refúgio no “exterior”, no salão paroquial de Miraguaí. Seguiram-se dias de tensão e negociação.

No dia 28, os representantes da FUNAI endossaram a proposta de dividir a área indígena e manter dois caciques, decisão aplaudida pelos índios que de modo algum queriam voltar ao domínio do cacique Ivo. Até hoje, os índios de outras reservas consideram que foi tomada uma decisão errada, contrária ao sistema kaingang. A ANAI de Porto Alegre, descreve que, com a divisão da reserva e a aceitação de dois caciques “oficializou-se a beligerância, institucionalizando-se as disputas” (ZH, 10.02.83). Com informada a CPI/SP logo alertou: “A FUNAI, ao tomar uma atitude desse tipo, está se omitindo de solucionar o problema real, tratando o conflito apenas como disputa entre dois caciques, em vez de lutar pela garantia dos direitos do povo kaingang de Guarita, contra a corrupção e exploração de suas terras. A divisão de terras parece mais um tratamento de sintoma, uma vez que as razões reais do conflito estão ligadas à exploração indiscriminada de madeira da reserva, sem que esta beneficie à comunidade em geral” (ZH, 02.02.83).

Arrendamentos ilegais: a fonte da discordia

Guarita é terra e madeira. Desde a sua demarcação em 1918, Guarita ficou com 23.183 ha, dos quais 7.283 estariam ocupados por matas nativas. Vivem na área cerca de 2 mil kaingang e um grupo de 100 Guarani.

“Quando da atuação do SPI (após 1941), instaura-se o sistema de arrendamento das terras indígenas para fins agro-pastorís. Fora ainda a reserva atingida por levas de ‘sem terra’, que entraram um tanto quanto pacificamente na reserva, em inícios dos anos 60... Suspenso o arrendamento pelo Estatuto do Índio (1973) todos os ocupantes passam a situação de posseiros; os que detinham pequenas e médias posses saíram da reserva entre 1978 e 1979, mas os grandes possesiros, que integram a elite econômica regional (Scharneski, Roewer, dentre outros) e inclusivo têm propriedades significativas fora da reserva indígena, lá se mantêm...” (Simoniano, L. T. L.: Visualização: Estado expropria e domina povo guarani e kaingang, Ijuí, 1980, p. 32). Em 1979, dezembro, os missionários da IECRB denunciavam que “não se trata de colonos lutando por um pedaço de terra e sim de grandes agricultores que visam apenas explorar os índios”.

Em março de 81, a pedido da FUNAI, a PF embargou a colheita de soja e milho, plantados em cerca de 9 mil ha. Chegou-se a um acordo que, como tantos outros, ficou letra morta. Foi também em 81 quando o roubo de madeira alcançou níveis alarmantes e escandalosos. Entidades e instituições preocupadas com a devastação do patrimônio indígena, assinaram a “carta de Redentora” (26.05.81). Novo ato de perjúrio e prevaricação por parte dos que deveriam observá-la.

No início de 83 podia calcular-se que os arrendatários na área indígena atingiam novamente perto de 300, explorando 10.000 ha dos 11.000 disponíveis para lavrada, segundo declaração de Neri Kamesa Ribeiro, que fora presidente da Associação Indígena de Produtores Rurais da Guarita desde o final de 81 até quando o cacique Ivo interferiu e ficou como “dono” dos arrendamentos.
O conflito de janeiro não era, pois, uma simples briga de caciques. Eram os interesses econômicos a causa da divisão. Já neste mês de janeiro o repórter de Zero Hora observava que “esse jogo de interesses econômicos parece estar gerando toda a violência que pode levar até a um enfrentamento armado entre as duas facções. Domingos Ribeiro acusa seu adversário de tirar os índios da terra e distribuí-los, mediante arrendamento, para colonos brancos ou portugueses, como chama os não-índios. Nós fiquemos sem terra, explica, enquanto o Ivo entrega tudo quanto é lavoutra mecanizável para os colonos. E aos índios eles acabam deixando apenas as terras mais distantes e onde só se pode plantar milho” (ZH, 27.01.83).

O “porrete da paz”

De fato, os arrendatários seguiam preocupados e atentos os lances desse conflito, que tinha muito de inédito e representava um movimento que podia acabar dando uma guinada na prática dos arrendamentos. O presidente da ANAI comentava: “Verifica-se, assim, que os interesses econômicos regionais, aliados à omissão ou convivência da FUNAI, são os responsáveis diretos pela exploração que se faz sobre a comunidade de Guarita, contando, também, com lideranças indígenas que se deixam corromper. Esta corrupção, aliás, não surpreende num quadro secular em que ao índio, agora negar sua identidade, nem uma outra opção digna é oferecida. Esta dominação instituída sobre Guarita, e similar a que ocorre em outras áreas indígenas, constitui-se em verdadeira “municipalização” da terra indígena e de suas riquezas, deixadas à cobrança dos interesses não-índios locais. Aliás, somente a estes pode servir a divisão que a FUNAI consubstanciou só a inspiração de um coerente “porrete de paz” (08.02.83). Num gesto não sem ironia, o procurador geral da FUNAI, Afonso Augusto de Moraes, tinha erguido um porrete, Kaingang, como “símbolo da paz” que acabava de ser assinada entre os dois caciques na noite de 28.01.83.

Como era de prever, depois da divisão da área, a tensão continuou. No início de maio, um dos subordinados do cacique Ivo, Eloir Jacinto, teria tentado derrubá-lo. Um agente da PF, Telmo de Lima Freitas, que na época morava
Conflito armado

A maior tensão, porém, dar-se-ia na divisa que os dois grupos acusavam-se mutuamente de não respeitar. Foi assim que no dia 2 de junho um grupo de uns 150 índios saíram de Irapuã, fortemente armados, atravessaram Miraguai e se dirigiram ao Posto de Guarita com a vontade manifesta de atacar e matar Domingos Ribeiro: uma ação de modo nenhum improvisada nem feita às escondidas. As armas foram fornecidas por brancos que viam na retomada da área nas mãos do cacique Ivo um aval para seus interesses. Numa rápida reação o grupo de Guarita resistiu ao ataque, no qual ficaram cinco mortos e uns treze feridos; os mortos pertenciam todos ao grupo atacante do cacique Ivo. No mesmo lugar da batalha morreram Ramão Bento, 68 anos, pai de 9 filhos, Sebastião Carvalho, 60 anos, 4 filhos, Sérgio Bento, 23 anos, 1 filho, José Leopoldino, 25 anos, 1 filho, e no hospital faleceu logo Vicente Fonseca, 63 anos, 2 filhos.

Agora as manchetes de jornal falavam de guerra entre os kaingang. A FUNAI, através do próprio presidente, persistia em considerar o conflito como uma "disputa de família". Os prefeitos da região exigiam uma urgente intervenção; de fato consideravam que era chegada a hora de repartir a área em lotes para os índios e liberar o resto para arrendamentos fixos. O principal defensor desta ideia era — e continua sendo — o prefeito de Miraguai, Jorge Porolnick dos Santos.

Alternativas dignas

Já os vigários católicos e pastores protestantes da mesma região pediam um inquérito formal sobre a atuação criminosas de alguns brancos, que tinham armado os índios e com seus veículos tinham possibilitado o deslocamento para a agressão. Lembravam ainda que a reserva é domínio da União e sobre ela os municípios não têm jurisdição nenhuma; que a prática dos arrendamentos agora com mais de 30 anos, resultou num verdadeiro desastre para as terras e a vida do povo kaingang. Este sistema de arrendamentos só conseguiu empobrecer a terra, desmatá-la irracionalmente e torná-la objeto de cobiça, sem nenhum proveito real para o povo indígena. Pediam, enfim, que as autoridades, tanto policiais como municipais, pensassem em exercer sua intervenção, não com os índios, que escapam à sua jurisdição, mas sim sobre os não índios que causam tantos problemas aos índios impunemente (Miraguai, 04.06.83).

No dia 8 foi realizado na Assembleia Legislativa, em Porto Alegre, um debate público sobre Guarita. A FUNAI não se fez presente, apesar de sua promessa. Autoridades e entidades representadas assinaram manifestos, solicitando às autoridades competentes:

1) o término dos arrendamentos sobre a área indígena até, mais tardar, novembro de 1983 (mas os prefeitos e líderes indígenas só aceitaram "até mais tardar, maio de 1984"; diferença que obrigou à produção de dois documentos); 2) que, a partir de hoje, não mais se permita a negociação de arrendamentos sobre a terra indígena; 3) o imediato desarmamento dos índios; 4) a anulação da divisão efetuada na Reserva, pela FUNAI; 5) o término imediato dos abates de madeira verde na Reserva Indígena;

A “emancipação municipalizada”

6) recursos para que os Kaingang e Guarani de Guarita tenham uma vida livre e subsistência digna. A protelação da data do fim dos arrendamentos ia permitir, como de fato tem permitido, a prevaricação. Os prefeitos da região — exceto o de Tenente Portela —, declararam a favor dos arrendamentos, sabem que com o tempo podiam de novo induzir os índios a recorrer às condições que tornam “necessários” os ditos arrendamentos.

Convencido com a “municipalização” da questão de Guarita, a FUNAI convocou nova reunião a ser realizada em Três Passos no dia 22.06.83. A FUNAI era representada pelo coronel Roberto dos Guarany, o procurador-geral Afonso Augusto de Moraes e a subdelegada regional, Paula Ehling. Apesar de convitados oficialmente muitos foram barrados à entrada, dentre os quais caciques e líderes indígenas, lideranças indígenas, dirigentes tradicionais e pastores da região. Depois de 6 horas de reunião, saiu um documento que novamente prometia o fim dos arrendamentos e a unificação da reserva de Guarita. O prefeito de Três Passos, José Oppermann, aprontou um ridículo “cachimbo da paz”, simbolizando a “brincadeira” do acordo que foi assinado. De fato não se chegou a nenhuma conclusão sobre o roubo de madeira. Não se tocou com firmeza na questão das armas que aparecem nas mãos dos índios, sempre que surge um conflito. E o mais grave: não se concluiu nada oficialmente sobre o modo de enfrentar a eventual reação dos arrendatários brancos, que exploram as terras indígenas. E os caciques realmente cumprirem a promessa de acabar com os arrendamentos ilegais até maio de 1984.

É discutível, pois, o alcance do acordo formal de paz que os dois caciques, pela segunda vez, este ano, celebraram com sorrisos e abraços, convencendo-se de ser a solução para acabar com o conflito.

Antes do fim do ano, tanto o cacique Ivo como o cacique Domingos já tinham voltado sobre a decisão de acabar com os arrendamentos. O atrelamento da "oigarquía" kaingang às vantagens imediatas que fornecem os "patrões" brancos deixava de novo os portos abertos para o processo iniciado: a municipalização da questão indígena e a marginalização da maioria dos kaingang que se sentem estrangeiros na própria terra. Por outra parte, parecem estar bloqueados os caminhos para uma afirmação da identidade kaingang, como seriam o fortalecimento do conselho dos velhos, a comunicação com outras lideranças indígenas, um sistema educativo mais autônomo...

A situação de Guarita deve ser seguida de perto porque é de fato um "aviso prévio" do que pode acontecer em outras áreas indígenas, quando entram no processo da "emancipação municipalizada". Até mesmo a tragédia da morte dos índios não passa de manchete de jornal de um dia.
Caciques “unidos” pedem ajuda à FUNAI

Diane do delegado regional da Funai, Severino de Toni, os caciques Ivo Sales e Domingos Ribeiro cumpriram com esmero o papel que lhes foi destinado. Contaram que há “uma feliz harmonia reinando na reserva indígena da Guarita” desde que o conflito que patrocinaram em janeiro último acabou na divisão da área habitada por 2.800 caingangues. Disseram que estão orando para que os índios e os negros, com os quais se uniram, não se causarem mal a si mesmos ou a seus vizinhos. Farejando na casa de um dos índios, declarou que está com eles todas as necessidades que eles possam ter.

Delegado regional pediu demissão

Severino De Toni não é mais o delegado regional da Funai no Estado. Desgastado pelos episódios que envolveram os índios caingangues da Reserva da Guarita em violentos conflitos armados este ano, quando fez um relatório pedindo a intervenção federal na área, e não foi atendido, De Toni solicitou férias em julho e, no mês passado, encaminhou sua demissão à Brasília. Nomedado para substituí-lo o mineiro Gilberto Antonio Borges, que estava lotado na 12ª região em São Paulo, tornou-se um alarde no cargo, ainda em agosto.

FUNAI esperava acalmar os ânimos

O aumento de tensão entre os 2.500 índios caingangues das reservas do São João do Irupã e Guarita — no município de Miraguaí, na Região Noroeste do Estado —, neste final de semana, denunciado pelo prefeito de Tenente Portela, Lúcio Adalberto Motta (PDS), não chegou a causar surpresa ao delegado regional-substituto da Funai, Sérgio Luiz Albuquerque.


O principal motivo que os levou a terem um novo confronto é que a mesma estrutura que propiciou a divisão da tribo e o conflito de junho ainda permanece intacta. Os índios continuam sem assistência médica, a comida ainda é um alimento muito raro e bastante cara na Guarita e no Irupã. Também permanece sem uma explicação da Funai o envolvimento de seu funcionário Ivo Della Betta na venda clandestina de madeira.
TRÊS CASOS DE APOIO JURÍDICO NO SUL

Resultados e frustrações de algumas tentativas
de entrar na justiça em defesa
de interesses indígenas.

Júlio Gaiger*

O apoio à luta indígena com os aspectos jurídicos foi envolvido. Contudo, nestes últimos três anos, a intervenção jurídica tem se revelado possível e até surpreendentemente eficaz, em muitos casos. De qualquer modo, sem dúvida, ainda são tóxicas as investidas deste campo, e sem medo de errar podemos dizer que até agora o profissional do Direito, com poucas exceções, é chamado somente quando já está instalado um problema de certa gravidade. Estamos longe, ainda, de encarar os aspectos jurídicos da questão indígena desde uma finalidade mais preventiva.

No sul, o CIMI, Comissão Pró-Indio de São Paulo, CTI e ANAI oferecem às comunidades indígenas habitantes na região suas respectivas assessorias jurídicas. Seria interessante repartir com os leitores de "Aconteceu", especialmente os militantes da luta indígenista, os resultados e frustrações de algumas experiências no campo jurídico. Não podendo comentar a situação de todas as áreas que apresentam problemas, limito-me a abordar as que conheço bem.

Chimbangue

O Toldo Chimbangue é uma área de cerca de 2 mil ha, no município de Chapecó/SC, onde, segundo pesquisas do CIMI, índios Kaingang habitam desde, pelo menos, meados do século passado. Contudo, nunca estes índios tiveram demarcadas as suas terras, embora o próprio SPI os mencionasse em seus relatórios, sob a denominação “Toldo Irani”, devido à presença do Rio Irani, que lhe faz limite leste. Sem a demarcação, as terras dos toldo foram incluídas em pretensas legitimações de posse, efetivadas sob o regime da Lei de Terras de 1850 e do Regulamento de 1854, e assim negociadas a partir do final do século XIX. Paulatinamente impresos contra o Rio Irani, os Kaingang resistiram como puderam, apesar do inevitável êxodo de muitas famílias, permanecendo nas terras como posseiros, no início, e afinal como agregados ou meeiros, situação em que se encontram presentemente.

Hoje, pouco mais de 60 índios continuam sobre a área. Com o apoio do CIMI, encorajaram-se a exigir da FUNAI a demarcação das terras, com a necessária retirada dos colonos que adquiriram os lotes. Neste sentido, em 1982 protocolaram na 4ª Delegacia Regional do órgão um pedido formal de demarcação e assistência, e em 1983, diante do silêncio do FUNAI; constituíram advogado e interpelaram judicialmente a Fundação, perante a Justiça Federal do Distrito Federal, em duas oportunidades: outubro (era presidente o coronel Leal) e agosto (presidente o economista Ferreira Lima). Nas duas ocasiões, contudo, a FUNAI se negou a responder aos quesitos formulados, alegando não reconhecer a capacidade processual aos índios.

Em que pese a frustração das medidas, a comunidade do Chimbangue conservou como saldo positivo a própria mobilização que foi necessária para concretizar tais iniciativas. Por outro lado, administrativamente a FUNAI vem implementando algumas atividades tendentes a formalizar o direito dos índios às terras do Toldo, embora as informações a respeito sejam escassas. Como consequência direta disso, instalou-se na região um clima de declarada internaquiabilidade entre os colonos.

A continuidade das gestões para devolver aos índios do Chimbangue suas terras exigirá, assim, por um lado, uma atenção especial aos colonos, principalmente no sentido de estudar com eles ou através dos órgãos e entidades com eles envolvidos, uma alternativa viável de reассentamento, para os muitos que adquiriram lotes de boa-fé; por outro lado, não se podendo confiar plenamente na disposição da FUNAI, deve-se estudar outras alternativas jurídicas que forçem ou substituam iniciativas de competência originária da Fundação. Para isto, pode-se contar com o formidable trabalho de pesquisa documental empreendido pelo CIMI-Sul, recuperando a história completa das terras do Toldo.

Tal tipo de pesquisa, abrangendo cartórios, arquivos históricos e museus, é indispensável para facilitar eventuais medidas jurídicas onde quer que se façam necessárias.

Guarita

Os fatos lastimáveis ocorridos em junho de 1983 em Guarita dispensam maiores narrativas, e inclusive tornaram conhecida, através da imprensa, um pouco da história da comunidade indígena da área (ver o artigo “Guarita Kaingang: a violência dos arrendamentos”, no cap. da Área Sul). Desde o início dos episódios, no fim de janeiro, que depois culminaram no confronto armado, a ANAI acompanhou atentamente o desenrolar dos acontecimentos, cujo desfecho, pretensamente, foi a reunião convocada pela FUNAI, com prefeitos, autoridades policiais e caciques do Rio Grande do Sul, em 22 de junho, em Três Passos.

Na ocasião, a FUNAI entregou aos chefes indígenas de Guarita — os caciques Ivo Sales (P.I. Irapuá) e Domingos Ribeiro (P.I. Guarita) — a total responsabilidade para encerrarem os arrendamentos até maio de 1984, quando deveriam ser convocadas eleições para a indicação de um único cacique, com jurisdição sobre toda a reserva. Coerente com tal falta de bom senso, a FUNAI deixou de prover recursos materiais e assistência técnica para que os índios pudessem, efetivamente, retomar o cultivo de suas terras. O alardeado “projeto Guarita” não foi além das páginas dos jornais. Não obstante, o órgão teve um cuidado especial de obter dos caciques, apesar da belicosidade existente entre eles, um oportuno consenso quanto à antipatia que declararam nutrir pela ANAI.

Em tal contexto, era previsível que, em realidade, os arrendamentos não fossem interrompidos, mantendo-se, assim, o mesmo clima de tensão que desflagrou os acontecimentos de junho. De fato, chegou-se a dezembro com notícias confirmadas de que ambos os caciques já estavam providenciando a renovação de arrendamentos para o ano agrícola 1984/85 (maio a maio); previsível, também, que não existisse nenhuma receptividade por parte dos chefes às reivindicações expostas pela ANAI, fato de que se aproveitaram prefeitos envolvidos e arrendatários para propor soluções de seu agrado. Assim, o menor risco que se corre, atualmente, é que Guarita continuará a ser terra de latifúndio branco; mas aí está envolvida a séria possibilidade de novos conflitos, além de ser certa a completa desestruturação da comunidade indígena, a médio prazo. O ambiente criado e mantido pela FUNAI impede qualquer intervenção mais direta por parte da ANAI ou de qualquer outra entidade que queira propor o saneamento efetivo da situação. Resta, assim, a perspectiva de se implementarem iniciativas à revelia dos próprios índios, taisvez apenas em homenagem às suas futuras gerações, num último esforço para preservar-lhe suas terras. Este, concretamente, deve ser o encaminhamento a ser dado em 1984.

Mangueirinha

Como Guarita, a história da questão de terras existente na Reserva de Mangueirinha, no município de Palmas/PR, é bastante conhecida, e se sabe nos meios ligados à luta indígenista que o litígio está para ser julgado a qualquer instante no Tribunal Federal de Recursos. Vale a pena esclarecer que o processo, que já conta com oito volumes, revela-se perigosamente desfavorável aos direitos dos índios. Por seu lado, a FUNAI, desde que ressuscitou o contrato com o advogado que cuidou do caso até o oferecimento da ação (o Dr. Kiyosi Kanayama, de Curitiba, com mais de 20 anos de serviços ao SPI e FUNAI), descuidou-se consideravelmente do processo. Até o momento, houve apenas uma tentativa, no final de 83, para envolver a comunidade indígena diretamente no processo, através do oferecimento do CIMI de propiciar-lhe advogados. Mas os índios, sem condições de avaliar corretamente a dimensão do processo existente em Brasília, recusaram a oferta. Apesar deste balanço pouco otimista, subsiste a expectativa de que o TFR tenha acuidade e sensibilidade suficientes para identificar as negociações feitas com as terras de Mangueirinha, reestabelecendo o direito da comunidade. Deve-se destacar, no caso, que a intervenção jurídica para a defesa dos interesses indígenas depende sempre da prévia compreensão, por parte da comunidade, de seu significado e alcance. Em Mangueirinha a ausência de um trabalho preparatório impediu que os índios contem com um apoio mais eficaz.

Como comentário final, resta insistir para que as entidades ligadas à causa indígena procurem implementar as condições de oferecer à comunidades indígenas uma assessoria jurídica mais efetiva, com meios de estudar os casos existentes e elaborar medidas cabíveis neste campo. Não que se deva crer que a solução jurídica é definitiva; mas constitui-se num espaço proporcionalmente pouco explorado, cujos resultados têm grande potencialidade no momento atual.
Aconteceu na imprensa

KAINGANG/CHIMBANGUE

Prazo para a FUNAI

O Cacique Clemente Fortes do Nascimento (Xêyuyá) e os índios Angelin Gandão e Antoninho da Veiga anunciaram que o último prazo é até o final deste ano. “Se a FUNAI não solucionar o problema, devolvendo nossas terras, vamos desocupá-las de qualquer jeito”, advertiram os índios. Os Kaingangues alertaram pelas emissoras de rádio de que a transmissão das terras do Chimbangue deverá ser sustada.

Os índios ficaram preocupados com a publicação de vários editais por partes de bancos comerciais que estão executando os colonos que moram na área por não cumprimento de contratos de financiamentos. Com a execução, as terras podem ser vendidas, gerando mais complicações. O Cacique Xêyuyá pediu para os bancos não aceitarem terras do Chimbangue em garantia e apelaram para que ninguém se atrevê a comprá-las ou transmiti-las, porque elas estão sob juízo.

Os índios ingressaram na Justiça Federal, em Brasília, contra a FUNAI, compelindo-a a cumprir suas responsabilidades. O processo será julgado no final deste mês, pois o órgão já foi citado e já corre seu prazo de defesa. Diante da situação que não se resolve, os índios tomaram as seguintes medidas: estão impedindo que os colonos derrubem a mata, estão impedindo novos parcelamentos da área e estão advertindo contra novas transmissões de posse. (O Estado, 19/19/83).

Apoio da OAB/SC

Um grupo de índios da comunidade Kaingang de Chapecó, liderados pelo seu cacique Xêyuyá, esteve ontem reunido em Florianópolis com a Comissão dos Direitos Humanos da OAB/SC. O assunto tratado foi a solicitação de apoio para a sua causa e um empenho no sentido de que a situação seja resolvida. O Kaingang revelou que não aguenta mais esperar como a FUNAI sempre pede, uma vez que eles estão na iminência de serem expulsos dos últimos 105 hectares dos 2.000 que possuíam em 1944. E mesmo nesta parte onde eles ainda resistem ao assédio dos colonos, no momento eles são agregados em suas próprias terras, pois toda a região foi loteada e vendida pela empresa Luce e Rosa, do Rio Grande do Sul. Relata que ele e seu filho já foram baleados, outros falam que tiveram suas casas incendiadas ou que suas roças foram todas destruídas pelo gado solto propositalmente pelos colonos.


Agricultores temem perder as terras

Os agricultores de Sede Trentin — antigo Toldo Indígena Chimbangue — pediram proteção especial ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó (SC), para evitar que os índios Kaingang ganhem, na Justiça, o direito de propriedade sobre aquelas terras. Os agricultores estiveram reunidos nesta semana com os dirigentes do SRT. Eles estão preocupados com o processo que corre na Justiça Federal, impetrado pelos índios, para recuperação do poder de mando sobre as áreas. Os trabalhadores rurais negam qualquer direito dos índios sobre as terras e estão alarmados com a possibilidade de serem obrigados a entregar aos indígenas a posse das terras. O Toldo Indígena do Chimbangue está localizado a 15 quilômetros a leste da cidade de Chapecó. Ali, em uma área que era originalmente formada por 80 colônias, vivem 130 famílias de agricultores e cerca de 70 descendentes dos Kaingang. Apoiados pelo CIMI e OAB, os índios asseguram que Chimbangue era área indígena reconhecida pelo extinto SPI, que foi sendo paulatinamente intrusada ao longo dos últimos 40 anos. (O Estado/SC, 17/11/83).

KAINGANG/MANGUEIRINHA

Ameaçada serraria da FUNAI

Revoltados com a devastação indiscriminada da reserva florestal de 16 mil hectares e 150 mil pés de pinheiros do posto indígena de Manguerinha, na região sudoeste do Paraná os kaingangues e guaranis estão ameaçando tomar a serraria que a FUNAI instalou no local há sete anos e paralisar suas atividades. O Kaingang José Luiz, representante dos índios e enviado a Curitiba pelo CIMI, conversou com deputados estaduais do PMDB na Assembleia Legislativa, com assessores do governador José Richa e anunciou que vai a Brasília para protestar contra as atividades da FUNAI em Manguerinha e exigir que a comunidade indígena tenha, pelo menos, uma participação nas vendas de madeira cortada pela serraria.

Segundo o índio José Luiz, que é tio do atual cacique Juviniano Cipriano da Paula e era primo do ex-cacique Angelo Creita, disse que até agora a serraria da FUNAI devastou mais de 20 mil árvores. A madeira é comercializada pelo ex-prefeito de Manguerinha, João Divino Brovim, do PDS.

Os índios, além de não receberem nem parte do dinheiro arrecadado pela FUNAI, são proibidos de usar a madeira da reserva para construir casas ou qualquer outra benfeitoria. De acordo com José Luiz, vários índios estão respondendo a inquérito policial na cidade de Pato Branco por terem retirado árvores secas da floresta. (Diário do Grande ABC, 12/8/83).
**ENCHENTE**

Rio Uruguai sobe mais e desabriga índios em seis reservas

O rio Uruguai subiu e alagou na frente Oeste, deixando 1.500 índios Kaiingga e Guarani flagelados em seis das sete reservas da Região do Alto Uruguai. Na Reserva de Nonooi, a mais atingida, rompeu a baragem de um açúcar numa extensão de 300 metros as águas inundaram estradas e desenfurearam três pontes. Serão necessários Cr$ 10 milhões para a recuperação das Reservas, segundo a DR da Funai. (JB, 16/7/83).

**XOKLENG**

Indios, enchentes e burocraçia

A área indígena de Ibirama (SC) abriga uma população de cerca de 800 pessoas. A maior parte desse contingente identifica-se etnicamente com o grupo Xokleng, que foi atraído para essa área em 1914. Posteriormente, pequenos contingentes Kaiingga e Guarani se fixaram nesta reserva. Há um ponde-rável contingente de mestiços, resultantes das uniões entre índios e brancos integrantes dos diversos grupos indígenas. Todos estão sujeitos à Funai, que mantém o controle administrativo da reserva. A área aberta foi inicialmente reservada pelo governo do Estado de Santa Catarina (1926) e depois tutelada em favor do grupo Xokleng (1965), perfazendo o total de 14.156 hectares. O competente registro foi efetuado no Cartório de Ibirama, sendo os índios representados pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios. As condições de vida dessa população são bastante precárias. Originalmente nômades (os Xokleng), foram levados à vida confinada na reserva sem que recursos financeiros e humanos fossem alocados para o enfrentamento de todos os processos a que foram sujeitos. As tentativas para iniciá-los na agricultura e pecuária não deram os resultados desejados (pelos brancos). A sobrevivência dessa população vem sendo obtida através de uma continua ação de rapinagem nos recursos florestais da reserva, que são relativamente farto. A Funai (outra) também o SPI mantêm, entretanto, os índios numa prática de derrubada e venda ilegal de madeiras para industriais madeireiros regionais. Isto, simultaneamente avilita os preços, como inibe qualquer possibilidade de ação coletiva (tanto na forma de risco, como de divisão de benefícios), no interior da reserva.

**KAINGANG/NONAI**

Atrito com a FUNAI

A DR da Funai abriu inquérito administrativo contra Eloi Gerhardt, funcionário no posto da Reserva Indígena de Nonooi (a 416 quilômetros da capital), há quatro anos acusado de desviar madeira da Reserva dos Kaiingga, por alguns índios autônomos, segundo o delegado da FUNAI na capital, Gilberto Borges. Em Nonooi, o clima continua tenso e os índios insistem em não permitir o afastamento do chefe branco, Eloi Gerhardt, para que assuma seu substituto, João José Ferreira Júnior, expulsos pelos índios no último final de semana. Os Kaiingga não admitem que a FUNAI substitua o chefe branco sem antes ouvir a comunidade indígena. Lembram que foi de Eloi o plano de construção da casa na reserva, posteriormente interrompido por ordens da FUNAI. Segundo o cacique José Orestes Nascimento, os índios verão parte da madeira da Reserva em troca da produção de tábua para a construção de casas.

O projeto foi interrompido, segundo o delegado da FUNAI, porque o funcionário do posto não realizou concorrência pública entre madeireiras da região, assim como não tinha licenciamento ao IBDÊ. Afirmando que o trabalho do antigo chefe é baseado na conversa e no entendimento, os Kaiingga dizem que os índios da Reserva vão fazer tudo para manter Eloi mar no posto. (JB, 23/10/83).

Ações do órgão tutelar não resistem à menor crítica, pois ele próprio também promove a exploração da floresta para obter recursos extra-erçamentários. Por outra parte, objetivando controlar as cheias do rio Itajai, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) planejou e passou a executar as obras pertinentes a três barragens de médio porte, ainda na década de sessenta. A terceira e última barragem a ser iniciada, localiza-se no rio Itajai do Norte (ou Herelio), afluente do Itajai. Esta barragem situa-se a cerca de 35 km acima da cidade de Ibirama, avançando-se da reserva indígena (cerca de 6 km). As obras dessa barragem se iniciaram em 1974 e até hoje não estão concluídas. Erros técnicos e falta de recursos financeiros têm retardado a conclusão das obras, trazendo inúmeros prejuízos tanto para os moradores de Blumenau (principal cidade do Vale do Itajai), como para os colonos e índios que ficam sujeitos a inundações periódicas de suas casas e propriedades, provocadas pela enseada construída para promover o desvio do curso do rio.

Ao ser definida a construção pelo DNOS da barragem de Ibirama, ocorreu um acerto entre esse órgão e a Funai. Como ambos integravam o Ministério do Interior, não houve maiores dificuldades para se estabelecer as condições pelas quais o DNOS poderia ocupar as terras da área indígena, para a formação do lago de contenção. Em síntese, os índios atingidos seriam transferidos para locais mais elevados, ocupando casas que seriam construídas pelo DNOS/Funai. Uma nova estrada seria locada no interior da reserva e as instalações do Posto Indígena (sede administrativa, escolas e enfermaria) também seriam relocadas. Nada se acertou quanto à indenização de prejuízos relativos à perda de áreas de terras já cultivadas, localizadas nas partes mais férteis do vale, nem tampouco por benefícias como pomares, cercas, etc... Muito menos se cogitou de qualquer indenização pela perda real de cerca de 830 hectares, a serem ocupados pelo lago de contenção que no seu total deverá ter uma área de 1.600 hectares. Por ser um vale bastante apertado, tal área efetivamente representaria a melhor porção de terras agrícolas. A posição do DNOS, aceita...
pela Funai sem maiores discussões, foi a de considerar tais terras como integrantes do patrimônio da União e, portanto, passíveis de utilização sem indenizações por uma entidade federal. A mesma interpretação não ocorreu com as terras pertencentes aos colonos residentes nas vizinhanças da reserva indígena e também sujeitos às consecuências da barragem. Neste caso, o DNOS promoveu um levantamento das áreas que seriam atingidas pelo lago de contenção e procedeu às indenizações, apesar de arbitrar os valores e não considerar outras responsabilidades que não os prejuízos diretos (terra, benfeitorias, rochas, etc.).

O atraso na execução das obras e as indefinições quanto ao seu término, têm provocado inúmeros prejuízos para índios e não-índios. As indenizações pagas aos índios por perdas ocorridas durante diversas encontros, provocadas pelas obras, não satisfizeram ninguém. A Funai não tem de alivio qualquer plano de apoio aos índios. O clima no interior da reserva é de desânimo e conflito. Ninguém está satisfeito com nada. O stress psicológico é elevado. Uma parcela dos índios está obtendo apoio de antropólogos e advogados para levar a questão da indenização das terras e de outros prejuízos aos tribunais, tendo em vista que os múltiplos apelos à Funai e ao DNOS em nada resultaram.


No início de julho, quando eu apresentei o texto acima como parte de um trabalho ao 1º Seminário de Consequências Sociais de Barragens da América Latina, efetuados sob o patrocínio da OEA, em Buenos Aires, o Presidente da Funai mudou. Também no início de julho, as águas chegaram, inundando todo o Vale do Itajai e regiões do Norte e Oeste do Estado. A situação da população indígena de Ibirama que já era difícil, piorou muito. A Funai parece que não está disposta a assumir suas responsabilidades. Felizmente, a Prefeitura de Ibirama, a Cedecc e a UFSC, com o apoio da FAB, fizeram chegar à população indígena suprimentos de alimentos e agasalhos. A grave situação dos índios de Ibirama, entretanto, não pode ser resolvida com auxílios de emergência. A questão é grave e urgente. Mais urgente que a própria construção da barragem, pois além de se tratar de uma questão que envolve seres humanos, teoricamente protegidos pela legislação nacional e internacional, a área ocupada pelos indígenas representa a maior reserva florestal do Alto Vale do Itajai. Reserva florestal que atua como verdadeira esponja, quando de ocorrências de chuvas. Abandonados e desassistidos, os índios não têm como sobreviver senão explorando e destruindo essa cobertura florestal. Não se trata de resolver uma questão através de portarias ou chamando a Polícia Federal. Trata-se de um problema que há muito vem sendo denunciado e para o qual a Funai e o DNOS jamais deram a devida atenção. Agora, mesmo com a gravidade das encontros de julho, a Funai tem minimizado o problema. Por isso, em resposta a um telex em que solicitei do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, ações imediatas para atender à comunidade Indígena de Ibirama, recebi como resposta uma carta em que o Presidente agradeceu meu empenho e interesse e, lacônica, sentenciava: "(...) "tenho o prazer de comunicar-lhe que esta Fundação já tomou providências pertinentes e possíveis, através da nossa 4ª Delegacia Regional, sediada em Florianópolis, para onde foram enviados os recursos disponíveis"..." (Artigo de Silvio Coelho dos Santos, O Estado, 14/08/83).

**Repartida a indenização**

A indenização direcionada aos índios de Ibirama, que terão suas terras inundadas pela barragem Norte e foram atingidos pelas enchentes, foi assim distribuída: dos Cr$ 260 milhões mandados, foram distribuídos Cr$ 1 milhão e 400 mil para cada família. Destes, Cr$ 1 milhão foi aplicado em caderneta de poupança. O restante, ou seja, Cr$ 400 mil, está sendo empregado na compra de bicicletas, automóveis, as roupas mais caras que o comércio da cidade pode oferecer e muitas outras coisas. Quanto a isso, os índios da reserva afirmaram apenas que "se o branco pode, o índio também pode".

As 67 casas para as famílias indígenas já estão em fase de construção. Lá elas estarão livres das cheias, que com a construção da enseada, tornaram-se constantes. Mas mesmo assim, os xoklen não estão contentes, pois que rem que a estrada de contorno estenda-se até o final da reserva. Já foi feito o pedido de licitação para que sejam explorados os 2 mil metros quadrados de madeira existentes no local. (Jornal de Sta. Catarina, 5/11/83).

**PF/IBDF investigam**

Uma equipe da PF e outra do IBDF está realizando investigações para apurar denúncias dos índios de que estão havendo abuso por parte de algumas madeireiras no desmatamento próximo à construção da rodovia de contorno. (Jornal de Sta. Catarina, 11/11/83).

**FUNAI expulsa freiras**

O delegado substituto da Funai, na 4ª delegacia em Curitiba, Romeu Bruns, confirmou ontem que a Fundação Nacional do Índio já requisitou a retirada de três freiras — integrantes da Congregação Missionária da Doutrina Cristã — de uma área de 243 hectares no município de São Miguel do Iguaçu e que estão à disposição das 27 famílias de índios Guarani. Segundo Bruns, a proteção aos indígenas pertence apenas ao Governo Federal e este não autorizou as missionárias a permanecerem trabalhando junto aos mesmos.

A denúncia de que as três freiras seriam expulsas da área destinada aos Guarani foi feita antecipadamente pelo presidente da Comissão de Justiça e Paz, advogado Wagner D’Angelis e teve boa repercussão, principalmente pelo fato das religiosas pertencerem à Igreja Católica. Mesmo assim, a Funai encaminhará a questão da maneira que mais lhe convier, considerando ainda que o órgão se dê apoiar em leis federais.
Bruns afirmou ainda que a Funai não reconhece as freiras como missionárias, uma vez que as mesmas começaram a atuar junto aos índios sem sua autorização e, portanto, são consideradas infratoras das normas. Explicou também que as terras indígenas estão sob o controle da Funai e, missionárias ou não, as religiosas terão de abandonar seu trabalho na região. Por sua vez, a Comissão de Justiça e Paz também está lendo as devidas providências para a proteção das freiras e, principalmente, para que elas não sejam expulsas para longe dos índios. Conforme D'Angelis, as missionárias realizam um trabalho meramente social que ajuda em muito os Guarani, que constituem uma tribo desajustada, pois foram expulsos de sua terra original no surgimento de Itaipu.

(Gazeta do Povo, 24/2/83).

Familias excluídas

Dez famílias de Avá-Guarani da região do Ocoí-Jacutinga, próximo a Foz do Iguaçu, no oeste paranaense, estão desalojadas e sem saber para onde ir. Alguns índios estão trabalhando como peões para fazendeiros do município de Medianeira, e duas famílias foram para o Paraguai.

O problema dessas dez famílias começou quando o grupo, composto por 25 famílias, foi expulso dos 1.500 hectares onde vivia. Suas terras foram inundadas, com o fechamento das comarcas da hidrelétrica de Itaipu, e, em julho de 1982, o grupo foi transferido para uma área de 250 hectares, próximo a São Miguel do Iguaçu.

A questão se agravou mais, pois a Itaipu desrespeitou um item do acordo feito com os índios, na época da transferência, não dando o título de propriedade da nova terra em nome da comunidade. A área foi dividida em quatro lotes e o título foi dado a quatro pais-de-família que redistribuíram as terras. No momento da redistribuição, a Funai pressionou os quatro pais-defamília para que deixassem dez famílias fora da área, sem local para plantar. O grupo excluído sempre teve uma postura crítica em relação à Funai e nunca aceitou a intervenção do órgão nas negociações com a Itaipu.

Os problemas enfrentados hoje pelos Avá-Guarani do Ocoí foram causados, em grande parte, pelas irregularidades cometidas pela Funai, que, durante a negociação da nova área, ignorou o Estatuto do Índio e diminuiu a extensão das terras do grupo, preferindo defender os interesses da Itaipu e do Incra.

Muitas outras irregularidades foram cometidas durante a transferência; e, não satisfeito, o órgão tutor agora pratica a já conhecida tática de dividir para melhor dominar.

Para investigar as irregularidades na transferência dos Avá-Guarani e tantas outras cometidas pela Funai, será instalada, no primeiro semestre de 1984, uma Comissão Especial de Inquérito na Assembleia Legislativa. Essa Comissão vai avaliar ainda a espolição que foi e está sendo cometida contra as demais comunidades indígenas do Paraná. (Prontim, nov. 83).

FUNAI e Itaipu acusadas

A Pastoral Missionária da Diocese de Foz do Iguaçu oficializou ontem denúncias que vinham sendo especuladas há vários dias, de que a Funai e a empresa binacional de Itaipu estão tentando desfazer parte da tribu Avá-guarani instalada na região de Santa Rosa do Ocoí, município de São Miguel do Iguaçu, a beira do lago de Itaipu. A mesma denúncia foi apresentada na Assembleia Legislativa do Paraná, por deputados e representantes do Cimi e Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Curitiba.

A Funai é acusada também de provocar divisões entre os membros da tribo (seriam 25 famílias, no total), discriminando alguns no direito à ocupação da terra e até mesmo instituir regime militar entre os índios, criando “patentes” de capitão, tenente, sargento e outras. (FSP, 8/19/83).

A população Guarani, atualmente, passa de 500 índios, espalhados pelas aldeias de Parelheiros, Crucutu, M’Boi Mirim (represa de Guarapiranga), Pico do Jaraguá, Rio Branco, Itariri, Rio Silveira (Barra do Una), Ubatuba, mais três núcleos próximos a Bauru (Arabibá, Wanuiri e Icatu) e outros dois em Angra dos Reis (Rio de Janeiro) e Nova Esperança (Espírito Santo). Uma das suas características é a interdependência das aldeias, que formam a chamada “rota da costa” e o voluntário desligamento da Funai, cuja tutela os Guarani rejeitam, traumatizados pelo tratamento recebido do antigo Serviço de Proteção ao Índio — SPI. O núcleo de Rio Branco, em Itanhaém, tem cerca de 35 índios e em 1979 teve início o processo na Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado, segundo o qual estão no local desde o século passado, ocupando uma área de 350 alqueires. Solicitação semelhante fizeram os representantes de Itariri. No ofício à Procuradoria, informavam que estão na área desde 28 de outubro de 1927, quando o Decreto estadual nº 4.301 criou o Posto Indígena José Anchieta, de duas gregas de 463,1 e 346,1 hectares. Até agora não receberam resposta. (Folha da Tarde, 4/4/83).

Auxílio da SUDELPA desagrada FUNAI

A Funai considerou interferência o fato de a Sudepia ter procurado a aldeia de índios Guarani, no Rio Branco, em Itanhaém. O delegado Álvaro Villas-Boas, telefoniou para a autarquia procurando explicações. Na oportunidade, a Sudepia explicou a nova filosofia, que visa prestar maior auxílio na área social e que esse auxílio inclua todas as comunidades carentes, inclusive indígenas. O superintendente colocou a infraestrutura da Sudepia à disposição da Funai para o apoio ao seu trabalho. A Sudepia já cedeu facções, remédios e leite em pó para os Guarani. Os outros equipamentos solicitados pelos índios na visita que a Sudepia fez à aldeia há duas semanas (enxadas, ancinhos, foices, machados, etc.) serão entregues até setembro. A autarquia vai tentar obter também sementes, junto à Casa da Agricultura. Dois representantes do Cimi se encontraram com a Sudepia e relataram que lutam junto à Procuradoria do Patrimônio Imobiliário para conseguir a legalização das terras. A área que ocupam, de cerca de 180 alqueires, pertenceria à Fepasa. A Sudepia prometeu ao Cimi acionar outros.
meios de forma a buscar o apresamento da regularização das terras para os índios do Rio Branco. Segundo informações, a comunidade não quer a interferência da Funai, preferindo ficar sob a proteção do Cime. (A Tribuna, 20/08/83).

Guarani vão ao Secretário da Justiça

Um grupo de índios Guarani esteve ontem com o secretário da Justiça de SP, José Carlos Dias, pedindo uma solução para os problemas de invasão de suas terras e a falta de demarcação. Acompanhados de membros do CIMI os Guarani expuseram a situação ao secretário, que foi auxiliado nas respostas aos índios pelo chefe da Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado, há vários anos ligado ao problema. O cacique Antônio Branco expôs as dificuldades de sua aldeia, em Itariri, onde moram sete famílias (40 pessoas). A área vem sendo invadida e desmatada, "por todo tipo de gente, até filhos de vereadores", segundo Alberto Caputti, do CIMI. A Secretaria da Justiça foi comunicada da invasão há cerca de dez dias e, durante a reunião, o secretário afirmou que "a Polícia Florestal está atuando na área e a Procuradoria vai entrar com representação junto à Delegacia de Polícia de Itariri pedindo a abertura de inquérito policial por invasão de terra pública." Eles pediram ainda a demarcação da área de 809,2 hectares destinada aos índios através de decreto estadual de 1963, bem como a cessão oficial de uma área anexa de 300 hectares, onde está instalada a aldeia, já que o restante das terras é usado para as roças. Com a ajuda dos próprios índios, uma área de 809,2 hectares vai ser demarcada. "Vamos determinar uma agremiação da Secretaria da Agricultura que faça a demarcação das divisas. Na aldeia de Rio Branco, o problema é com a dimensão da área destinada aos índios. Ao contrário do que o governo estadual estabeleceu (290 hectares), os índios asseguram que o tamanho real é de 350 alqueires. A procuradoria deverá verificar essa diferença e providenciar a demarcação definitiva da área. Quanto aos índios de Ubatabua, que se sentem ameaçados por uma ação de usucapião impreterida por Otacilio Lacerda para a área de 166 alqueires que ocupam, o secretário cogitou duas alternativas: ou o Estado entra com uma ação discriminatória para caracterizar a área como devoluta (e assim os índios passam a ter a posse das terras) ou o Poder Judiciário reconhece que as terras são ocupadas pelos indígenas, pertencem à União e, automaticamente, é deles". (ESP, 9/9/83).

Invasão da área de Itariri

O CIMI denunciou ontem, em Santos (SP), a invasão da aldeia de Itariri, onde estão fixados cerca de 30 índios Guarani. Essas invasões já vêm ocorrendo há alguns anos, tanto que em 1979 os índios solicitaram providências para a demarcação da área de 809 hectares, a eles destinada desde 1963, através do Decreto nº 41.538. A Polícia Florestal foi notificada ainda ontem do fato, prometendo autuar os invasores. Os representantes da pastoral do CIMI, que atua na região de Itariri e Ubatabua, estiveram em contato com o chefe dos índios, Antônio Branco, quando constataram o desmatamento e a presença dos invasores. Na próxima semana, o secretário da Justiça, José Carlos Dias, deve receber uma comissão de índios, que vai pedir ao secretário a demarcação da área, para evitar este tipo de problema. (ESP, 3/9/83).

Delegação de índios Guarani, acompanhada por Aliton Krenack da UNI, visita o governador Montoro para informar sobre a situação das áreas indígenas da cidade de S. Paulo e do litoral, e solicitar assistência (agosto/83).

GUA RAN I/P E RU IB E

Até fome

Os índios Guarani da Aldeia do Bana nal em Peruíbe (SP), estão passando até fome. São cerca de 90 pessoas que abandonaram as terras por não conseguirem sobreviver apenas da agricultura e da caça. A Funai, que mantém um posto no local, não deu continuidade aos projetos agrícolas iniciados e as culturas plantadas pelos índios fracassaram. Vivem do dinheiro arrecadado com a venda de artesanato e da produção de alguns pés de banana. A cada dia são mais atraídos pela cidade. Apenas seis homens adultos permanecem na aldeia. Os outros trabalham em Peruíbe, Itanhaém ou Itariri e visitam as famílias nos fins de semana. O atual cacique Tapeju mantém contato com autoridades da Funai.
Sua intenção é sensibilizar o Governo Federal e fazer com que sejam reativados os projetos agrícolas atualmente estacionados. “Vou tentar mais uma vez para ver como vai ficar. Se não der certo, aí não sei como seguir o pessoal aqui na terra, que é a nossa maior riqueza”, diz Tapeju. Lembram que a aldeia possuiu originalmente 240 alqueires. Hoje são 200 e os outros 40 alqueires já foram grilados. A situação na aldeia é bem diferente de dois anos atrás quando os projetos agrícolas conseguiram fixar a maioria dos homens adultos na reserva. Os índios acreditaram na iniciativa e conseguiram a colher alguns frutos. No início, enquanto esperavam a ajuda da Funai, chegaram a trabalhar a terra com facas de cozinhar. (A Tribuna, 17/7/83).

GUARANÍ/SILVEIRA

Especulação ameaça área de Guarani

A comunidade guarani de São Paulo, espalhada por oito aldeias, corre o risco de perder uma área de quase trezentos alqueires na Barra do Una, município de São Sebastião, onde cerca de trinta índios integram a chamada Aldeia do Rio Silveira. Parte da área é disputada na Justiça por Joaquim Feliciano da Silva Neto, que pretende fazer um loteamento com cinco mil mil metros, e o restante por Armando Peralta, que deseja implantar um projeto agropecuário.

Embora o risco de perder a área só se tenha tornado iminente para os índios no ano passado, uma ação de reintegração de posse tem havido trinta anos na Justiça de São Sebastião, movida por Joaquim Feliciano da Silva Neto contra o coronel PM Homero Santos. Enquanto o oficial sustenta sua posse alegando ter convidado os índios a ocupar a área há quarenta anos — o que lhe daria o direito às terras por usufruto —, Silva Neto mostrou títulos da família para reivindicar a propriedade. Para o CTI, porém, nenhuma das partes possui esse direito. Os advogados da entidade — Dalmó Dallari, Marco Antônio Barbosa e Carla Antunha — conseguiram, através de uma “ação de embargo de 3º possuidor”, sustar a reintegração de posse. Recorrendo ao artigo 198 da Constituição, os advogados sustentaram que “as terras habilitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo sua posse permanente e ficando reconhecido seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes”. A melhor prova dos direitos dos índios, no entender dos advogados, está no processo movido por Silva Neto, onde os integrantes da aldeia são mencionados repetidamente.

Os guaranis enfrentam o risco de perder outro segmento da área para Armando Peralta, que pretende implantar um projeto agropecuário. No Fórum de São Sebastião, os advogados do CTI que possuem procuração de três caciques guaranis para representá-los judicialmente, estão movendo uma ação de manutenção de posse. No dia 25 de janeiro, haverá a primeira audiência para a apresentação das justificativas. (FSP, 9/1/83).

Palmases invade área

Mesmo depois de a Justiça ter garantido a posse dos índios de Barra do Una na área que ocupavam, em janeiro passado, a Palmases Indústria e Comércio Importação e Exportação Ltda., com sede em Bertioga, invadiu as terras no final de junho, devastou quase 300 alqueires e retirou grande quantidade de palmito. Esta empresa foi contratada por Armando Peralta, do grupo Peralta Supermercados, de Cubatão, para explorar a área, e acabou recebendo multa de Cr$ 711.609,60 da Polícia Florestal.

A primeira invasão do grupo Peralta Supermercados nas terras dos índios ocorreu no ano passado. Em janeiro, a Justiça aceitou a ação de manutenção de posse contra Armando Peralta, concedendo liminar aos índios. Mesmo assim, em junho, as terras voltaram a ser invadidas, mas somente no final da semana passada, após um advogado ter encaminhado requerimento à Justiça, é que o oficial Milton dos Santos visitou a área, acompanhado de policiais florestais, constatando a invasão. (FSP, 03/08/83).

SUDELPA promete demarcar

A Sudelpa se comprometeu a demarcar as terras dos índios guarani instalados na aldeia do rio Silveiras. A delimitação deverá ser feita junto com o CTI. Os índios vêm denunciando a invasão da área de 290 alqueires dentro do Parque Estadual da Serra do mar, por palmiteiros que estão devastando as riquezas naturais.

Recentemente, a Polícia Florestal apreendeu grande quantidade de palmito retirado ilegalmente das matas situadas dentro da reserva e também sustou a abertura de uma estrada em direção à aldeia. Estas medidas foram tomadas em cumprimento à determinação da Justiça local.

O grupo (empresa) atuante na área recebeu autorização para derrubada de 10 mil metros cúbicos de toras e 12 mil pés de palmito, dentro de um limite de 30 mil metros quadrados e não para entrarem além do que lhes foi concedido, isto é, já na reserva guarani. A autorização foi concedida a título precário no final do Governo Marins e, com vistas aos recentes acontecimentos, os advogados atuam junto ao governador Montoro no sentido de revogar a medida. A apreciação do palmito e as constantes denúncias de invasão feitas pelos índios ocasionaram a atenção do Governo, que enviou ao local representantes da Sudelpa para se inteirem dos fatos e promoverem a demarcação da reserva o mais rápido possível. (A Tribuna, 05/09/83).

Devastação será investigada

O juiz de Direito de São Sebastião (SP), Pedro Vicentini, abriu um inquérito para apurar a devastação dos palmitos na área dos índios Guarani, do rio Silveiras. A devastação dos palmitais foi feita sob a responsabilidade do comerciante Armando Peralta, dono de uma rede de supermercados na Baixada Santista. Peralta, que reivindica a propriedade dos títulos de terra em áreas que conflitam com a posse dos indígenas, autorizou a Palmases Indústria, Comércio e Exportação Ltda. a invadir a área em litígio para extrair o palmito. A Polícia Federal lavrou a autuação e abriu processo contra Peralta. Os cerca de 300 alqueires onde vive essa comunidade Guarani é desde 1982 centro de disputas. Apesar da concessão de liminar de posse a favor dos indígenas, despachada pelo juiz Vicentini, um outro juiz que o substituiu nas férias de julho autorizou a entrega de uma notificação aos índios Guarani para que desocupassem a área num prazo de 90 dias. Para Marco Barbosa, advogado do CTI, que assessoria os índios do rio Silveiras, “esta notificação é absurda e visa exclusivamente a intimidar os indígenas. Como a Funai alega limitação de
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/ CEDI

verbas para a demarcação de todas as áreas indígenas do País, nada mais próprio que o governo do Estado de São Paulo assuma esse encargo, providenciando posteriormente o registro das terras no interior de São Paulo como terras indígenas". No dia 19 de abril, o CTI entregou ao secretário do Interior, Chopin Tavares de Lima, um dossiê sobre os Guaranis do rio Silveiras, pedindo a demarcação de suas terras através da ação da Sudelpa. (ESP, 19/8/83).

**Gruppo investiga invasão**

Uma comissão, formada por representantes da Secretaria da Agricultura, Polícia Florestal de Santos e da Sudelpa, acompanhados por membros do Condephaat e do CTI, visitou nesta semana extensa área da praia de Boracéia no município de São Sebastião, onde está localizado o projeto imobiliário do Grupo Peralta, que tem sede na Baixada Santista, a vistoria foi motivada por denúncia feita à Secretaria do Interior pelo vereador Giovanni Teixeira, do PMDB de São Sebastião, segundo a qual o Grupo Peralta está retirando palmitos além do trecho autorizado, continuando a entrar dentro da área vizinha à sua, onde vive uma comunidade de índios Guaranis e que está sub judice, já que os indígenas obtiveram liminar de posse sobre ela. A denúncia afirma também que as obras de terraplenagem desse projeto imobiliário desrespeitam as leis de proteção aos mananciais, além de derrubar morros muito acima da altura que foi permitida. (ESP, 2/10/83).

**INTERIOR DE SP**

**Sertanista faz críticas**

A População de Avaí, onde se localiza o post indígena de Araribá, está revolta com o delegado da Funai em Bauru, sertanista Alvaro Villas-Boas que, em declarações à imprensa local, classificou o município como "cidade miserável, sem assistência, com estradas em péssimas condições". As críticas do sertanista foram feitas para combater publicamente a idéia do prefeito local, de arrendamento das terras do posto indígena para sua exploração agrícola com renda revertida para o índio. (ESP, 9/11/83).

**Enthusiasm official**

Índios costurando, bordando, criando bicho-da-seda e formando lavoura em escala comercial. Foi isso que o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, viu ontem no segundo dia de sua visita à 12ª Delegacia Regional do órgão, sediada em Bauru, com jurisdição sobre os postos indígenas espalhados pelo interior de São Paulo e Norte do Paraná. Ao todo são 12 postos, com uma população de 2.630 terena, caingangue, guarani e krenak que ao contrário de outras áreas, estão em fase de crescimento populacional: para 25 óbitos ocorridos este ano, foram registrados 118 nascimentos.

"O quadro é completamente diferente do que se observa em outras regiões brasileiras", acabou admitindo o presidente Otávio Ferreira Lima, que tinha ao seu lado representantes da Seplan, LBA e do Ministério do Interior. Todos de mostraram preocupados em conhecer os detalhes dos trabalhos realizados, para poderem opinar nos pedidos de liberação de recursos feitos pela Funai para dinamizar os projetos de desenvolvimento comunitário, implantados a partir de 1978 com o objetivo de garantir às aldeias trabalho próprio e a autonomia econômica. Isto ainda está longe de ser alcançado, mas os resultados obtidos até agora, segundo Ferreira Lima, são estímulantes e demonstram a necessidade do mesmo plano de organização agrícola e econômico das aldeias ser acelerado em todas as regiões.

Só que, apesar do contraste existente entre as aldeias visitadas no interior paulista — Araribá, Vanuque e Icatu, respectivamente nos municípios de Avaí, Tupã e Braúna — e os de outras regiões brasileiras, ficou claro que nem tudo está de acordo com as necessidades dos índios: no posto indígena Vanuque, por exemplo, Otávio Ferreira Lima ouviu muitas reclamações relacionadas com o sistema de remuneração adotado pela Funai para a manutenção das famílias. Atualmente, cada índio recebe Cr$ 1 mil por dia de serviço prestado, a título de antecipação da renda de suas colheitas. "Está muito difícil aguentar, pois os preços estão subindo muito", observaram os caingangues e krenak, que vivem naquela aldeia. Depois, um deles lembrou que "até as bôias-frias que trabalham na região ganham em média Crs 3 mil por dia". (Jornal da Tarde, 21/11/83).
Aconteceu Especial

Os números especiais do Aconteceu trazem um resumo das seções da edição semanal, complementando-se com notícias de outras fontes da imprensa, pequenos ensaios, comentários, documentos. São publicações anuais ou extraordinárias, quando determinados fatos tenham importância para aquelas lutas a que se dedica cada publicação. Solicitamos aos leitores que nos enviem por cartas suas críticas, sugestões e principalmente recortes, boletins, ou reproduções de notícias surgidas na imprensa local sobre o tema.

Números já publicados do Aconteceu Especial:
- Trabalhadores 78 Especial 1
- Trabalhadores 79 Especial 2
- Trabalhadores 79 Especial 3
- 1980 ARA da Greve Especial 4
- Novos Partidos Extraordinários
- Greve Canavial Especial 5
- Povos Indígenas no Brasil 1980 Especial 6
- Trabalhadores Urbanos no Brasil 1980 Especial 7
- Uma Greve Pelo Direito ao Trabalho: FIAT 1981 Especial 8
- Trabalhadores Rurais 1980 Especial 9
- Povos Indígenas no Brasil 1981 Especial 10
- Trabalhadores Urbanos no Brasil 1981 Especial 11
- Povos Indígenas no Brasil 1982 Especial 12
- Trabalhadores Rurais no Brasil 1981 Especial 13

ACONTECEU SEMANAL
Fotos Destacados da Imprensa
Assinatura anual
12 a 16 págs.

O material que serve de base para fazer os ESPECIAIS está no ACONTECEU Semanal. É uma publicação dedicada ao acompanhamento das lutas levadas por diversos setores populares. As notícias da semana estão agrupadas em trabalhadores urbanos, trabalhadores rurais, índios, movimentos populares, igreja, política nacional, internacionais, e outras. Contém também uma seção de Cartas do Leitor, onde são divulgadas datas de cursos, seminários, convocações, manifestações, atos públicos, etc. Nesta seção os leitores têm um espaço aberto para a divulgação das notícias que não saem na imprensa.

O ACONTECEU semanal tem como assinantes lideranças indígenas, sindicatos e demais órgãos de classe. Comissões Pastorais, comunidades de base, missionários, operários, camponeses e outros. Para quem se interessa na questão indígena o ACONTECEU Semanal permite um acompanhamento detalhado e em profundidade da caminhada dos povos indígenas na luta pela sua autodeterminação, feito com base nas notícias de jornais regionais e do círculo rio-sp. Ideal para quem não tem acesso a jornais diários ou que quer conhecer as diversas situações de contato, de lutas e reivindicações dos grupos indígenas de todo Brasil.

Assinatura anual: Cr$ 5.000,00 (Brasil), US$ 5.00 (América Latina), US$ 6.00 (América do Norte), US$ 7.00 (Europa, Ásia e África).

Envie junto com seu pedido um cheque nominal ou vale postal a:
Sagarana Editora Ltda.
CAIXA POSTAL 58071
01397 São Paulo SP
Brasil